OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

ST. IGNATIUS' CHURCH,
8220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

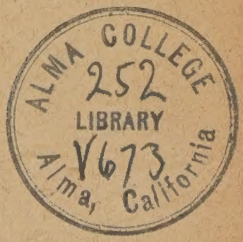
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME V

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
Rua das Carmelitas, 144
—
1907

9107

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 63 — PORTO

SERMÃO

DO

MANDATO

Prégado em Roma, na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, no Anno de 1670

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. [1]

I

Este é aquelle Texto saudoso e suavissimo: este é aquelle mysterio ou enygma grande do amôr, tantas vezes repetido nesta hora, tantas vezes, e por tantos modos encarecido, tantas vezes, e tão subtilmente interpretado, mas nunca assaz entendido. Diz o Evangelista S. João que se parte Christo, e que nos ama. Que se parte: *Ut transeat ex hoc mundo:* que nos ama: *In finem dilexit eos.* Mas se nos ama, como se parte? Se nos ama, como se ausenta de nós? Mais diz o Evangelista. Não só diz que nos ama Christo, e que se parte; não só diz que nos ama, e que se ausenta de nós, senão que nesta mesma hora em que se partiu, nesta mesma hora em que se ausentou, havendo-nos amado sempre tanto, então, ou agora nos amou mais: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

Se dissera isto outro Evangelista, não me admirára tanto. Mas João, a aguia do entendimento, e a

---

[1] *Joan.*, XIII.

* Este sermão, diz o padre Honorati, é um dos mais ricos em imagens grandiosas, patheticas e delicadas, desenvolvidas mui engenhosa e eloquentemente.

phenix do amôr ? João, o secretario do peito de Christo? João, aquelle Discipulo que entre todos soube melhor amar, e mereceu ser mais amado; que me diga que se parte Christo, que se ausenta, que nos deixa, que se vae de nós, e que nos ama? Que nos ama, e que agora nos amou mais? Não o entendo. Se me dissera S. João que se ausentava Christo, porque estava arrependido de nos amar: que se ausentava, porque aquelles primeiros extremos do seu amôr, o tempo, que acaba tudo, os acabará : se me dissera que obrigado de nossas más correspondencias, que offendido de nossos desprimores, que cançado de nossas ingratidões, que desenganado de nossa pouca fé, já nos aborrecia, ou já nos desamava, e que por isso deixa o mundo, e se ausenta dos homens: se isto me dissera S. João, sentira-o eu muito; mas conhecêra a razão e a consequencia. Confessaria, e confessariamos todos, que obrava Christo como quem é, e que nos tratava como quem somos. Amou-nos sem o merecermos; ausenta-se, porque lh'o merecemos. O amôr o trouxe, o desamôr o leva; por isso se vae, e nos deixa. Mas que diga o Evangelista constantemente, que não é desamôr, senão amôr, e que quando Christo se ausenta de nós, então obrou a maior fineza, então subiu ao maior extremo, então chegou ao ultimo fim, aonde podia chegar amando: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos?*

O verdadeiro entendimento desta amorosa implicação, será a materia do nosso discurso; e a mesma razão de duvidar nos dará a solução da duvida. Veremos com assombro de todas as leis do amôr, como o maior extremo do amôr de Christo para comnosco foi o ausentar-se de nós. E' o que dizem as palavras do Texto: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo:* eis ahi o ausentar-se de nós: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*, eis ahi o maior extremo de seu amôr. Parece paradoxo, mas é extremo. Amou Christo tanto aos homens, que os deixou, e se foi: parece paradoxo. Amou Christo tanto aos homens, que chegou por elles a apartar-se delles: este é o extremo; e isto é o que diz o Evangelista. Nos homens a hora da partida é o fim do amôr: em Christo o fim do amôr foi a hora da partida: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.* Dizer menos, é descer; subir mais, não ha para onde. E como este

foi o ponto mais alto onde pôde chegar o amôr de Christo, este será tambem o ponto unico em que começará e acabará o nosso discurso. Peçamos ao mesmo Amôr, pelos merecimentos daquelle coração que só o soube corresponder dignamente, nos assista nesta hora sua com a sua graça: *Ave Maria.*

II

Ut transeat ex hoc mundo, in finem dilexit eos. Amou Christo tanto aos homens, que chegou por elles a apartar-se delles. Este é o meu assumpto: e este digo que foi o maior extremo do amôr de Christo. Mas que vejo? Naquelle monumento sagrado, naquelle mysterio sacrosanto (que é a cifra do amôr, e o memorial da morte de Christo) vejo postos em campo contra este meu pensamento tres poderosos oppositores: o sacramento, a morte, e o mesmo amôr. O amôr diz que não póde ser amôr o apartar-se Christo de nós: o sacramento diz que o deixar-se comnosco foi a maior fineza: a morte diz que o morrer por nós, foi o maior extremo de todos. Estes são os assombros com que as acções mais heroicas do amôr de Christo hoje, e com que as mesmas Leis do amôr se oppõem á novidade do nosso assumpto. Mas essas mesmas nos dividirão o discurso, e nos servirão de degráus para mais ó subir de ponto.

Começando pelo amôr. O amôr essencialmente é união, e naturalmente a busca: para alli peza, para alli caminha, e só alli pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amôr é unir, como póde ser effeito do amôr o apartar? Assim é, quando o amôr não é estremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dôr faz gritar; mas se é excessiva, faz emmudecer: a luz faz vêr; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amôr: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: *Fortis est ut mors dilectio:* [1] o amôr, diz Salomão, é como a morte. Como a morte,

[1] *Cant.*, VIII, 6.

rei sabio? Como a vida, dissera eu. O amôr é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o effeito do amôr é unir, e o effeito da morte é separar, como póde ser o amôr similhante á morte? O mesmo Salomão se explicou. Não falla Salomão de qualquer amôr, senão do amôr forte: *Fortis est ut mors dilectio:* e o amôr forte, o amôr intenso, o amôr excessivo, produz effeitos contrarios. E' união, e produz apartamentos. Sabe-se o amôr atar, e sabe-se desatar como Samsão: affectuoso, deixa-se atar: forte, rompe as ataduras. O amôr sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Em quanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes: em quanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos. Quaes são os extremos mais distantes e mais unidos que ha no mundo? O nosso corpo, e a nossa alma. São os extremos mais distantes; porque um é carne, outro espirito: são os extremos mais unidos; porque nunca jámais se apartam. Juntos nascem, juntos crescem, juntos vivem: juntos caminham, juntos param, juntos trabalham, juntos descançam: de noite, e de dia; dormindo e velando: em todo o tempo, em toda a edade, em toda a fortuna: sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. E esta união tão natural, esta união tão estreita, quem a divide? A morte. Tal é o amôr: *Fortis est ut mors dilectio.* O amôr, em quanto unitivo, é como a vida; em quanto forte, é como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes que sejam os extremos, ajunta-os: em quanto forte, por mais unidos que estejam, aparta-os.

Antes da Encarnação do Verbo, quaes eram os extremos mais distantes? Deus, e o homem. E que fez o amôr unitivo? Trouxe a Deus do céo á terra, e uniu a Deus com os homens. Depois da Encarnação, quaes eram os extremos mais unidos? Christo, e os homens. E que fez o amôr forte? Leva hoje a Christo da terra ao céo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* [1] e apartou a Christo dos homens: *Exivi á Patre, et veni in mundum:* eis ahi o amôr unitivo: *Iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem:* [2] eis ahi

[1] *Joan.*, XVI, 28.
[2] *Ibid.*

o amôr forte. E' o que diz o Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit.* Houve differença nos tempos, mas não houve mudança no amôr. Christo unido com os homens, amôr: *Cum dilexisset:* Christo apartado dos homens, tambem amôr, e maior amôr: *In finem dilexit eos.*

Já temos mostrado ao amôr, que póde ser amôr, e grande amôr o apartar-se. Agora abra mais os olhos o mesmo amôr, e veja que não só é amôr, e grande amôr, senão o maior de todos: *In finem.* Em uma hora, que era representação desta mesma hora (como notou S. Bernardo) estando a Esposa em um horto (que tambem era figura de outro horto) pediu-lhe o Esposo divino que cantasse alguma lettra, porque a queriam ouvir seus amigos: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* [1] Os amigos que escutam, somos nós: o Esposo é Christo: a esposa é a Igreja: qual será a lettra? Cantou a Esposa em verso pastoril, o que S. João em prosa evangelica. Toma a Esposa uma cithara na mão, e tocando docemente as cordas, cantou assim: *Heu, fuge dilecte mi:* Ai, ide-vos Amado meu: *Assimilare capreæ hinnulóque cervorum super montes aromatum:* parti como cervo ligeiro, deixae os valles da terra, ide-vos para os montes do céo, disse a Esposa; quebrou a cithara, e emmudeceu para sempre. Assim foi, porque este é o ultimo verso e a ultima clausula do ultimo Capitulo dos Canticos. Todos sabemos que a materia dos Canticos de Salomão é a historia do amôr, ou dos amôres de Christo com sua esposa a Igreja. Pois, Esposa santa, este é o fim com que daes fim á historia do amôr de vosso Esposo? Ou quereis encarecer o seu amôr, ou o vosso, ou o de ambos? Se o seu, dizeis-lhe que se vá? Se o vosso, dizeis-lhe que vos deixe? Se o de ambos, concluis com o apartamento de ambos? Sim, porque este é o ultimo fim, este é o ultimo extremo, a que póde chegar o amôr: apartar-se quem ama de quem ama. Em quanto não chegou a este ponto, sempre a sabedoria de Salomão teve mais e mais que escrever dos extremos do amôr de Christo: mas tanto que disse: *Heu fuge:* tanto que disse que havia Christo de deixar o mundo, tanto que disse

[1] *Cant.*, VIII, 13.

que se havia de apartar dos homens por amôr dos homens; Salomão suspendeu a pena; a Esposa quebrou a cithara; o amôr rompeu o arco; e aqui deu fim á historia de suas finezas, porque até aqui póde chegar o amôr, e não póde passar daqui. Salomão acabou o livro, e S. João poz o *finis: In finem dilexit eos.*

E senão comparemos este fim com os principios do mesmo amôr. Nos principios do amôr, as finezas do Esposo eram buscar a Esposa por montes e valles: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles:* [1] nos principios do amôr, as finezas da Esposa era ter o Esposo sempre comsigo, e não se apartar um momento delle: *Inveni, quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam:* [2] porém, depois que o amôr principalmente passou a amôr perfeito, depois que o amôr proficiente chegou a amôr consummado, já as presenças se trocam pelas ausencias, e todos os extremos do amôr se reduzem: a que? A um ai, e um ide-vos: *Heu! Fuge.* O *heu* significa a dôr; o *fuge* o apartamento: o *heu* significa a violencia; o *fuge* a resolução: o *heu* significa o affecto; o *fuge* o sacrificio: o *heu* significa o amôr; o *fuge* a fineza e o extremo. *Heu* e *fuge:* Ai, e ide-vos? Oh que extremos tão encontrados! *Non optando loquitur*, diz Beda. Mas destes dois extremos tão encontrados se compunha o extremo do amôr de Christo: e o encontro e repugnancia destes dois extremos eram os torcedores, que nesta hora de sua partida lhe partiam o coração. O affecto pedia que ficasse; a conveniencia instava que se fosse: *Expedit vobis, ut ego vadam:* [3] mas como o affecto era seu, e a conveniencia era nossa, pôde mais a conveniencia que o affecto. Vença a conveniencia, pois é vossa, pelo que tem de vós: corte-se pelo affecto, pois é meu, pelo que tem de mim: e seja este o ultimo fim, e o extremo ultimo do meu amôr: *Heu fuge dilecte mi: In finem dilexit eos.*

---

[1] *Cant.*, II, 8.
[2] *Ibid.*, III, 4.
[3] *Joan.*, XVI, 7.

III

Só resta para inteira satisfação do amôr, que lhe dêmos a razão desta altissima philosophia. Qual é a razão porque apartar-se Christo de nós, e apartar-se quem ama de quem ama, é o maior extremo a que póde chegar o amôr? A razão é esta. Porque o amôr do que se ama, prova-se pelo amôr do que se deixa: e não póde deixar mais o amôr, que chegar a deixar pelo amado ao mesmo amado. A pedra de toque do amôr é um amôr com outro. Quiz Deus provar o amôr de Abrahão, tocou-o com o amôr de Isaac, a quem amava como filho: quiz David provar o amôr de Jonathas, tocou-o com o amôr de Saül, a quem amava como pai. Da mesma maneira quem quizer apurar os quilates do amôr, toque o amôr do que se ama com o amôr do que se deixa, e logo conhecerá quão fino é. Desde o primeiro amôr que houve no mundo ficou estabelecida esta regra.

No ponto em que Eva sahiu da mãos de Deus, amou-a logo Adão tão estremadamente, quanto ella por si e por seu Auctor merecia ser amada. Quiz encarecer este seu amôr o novo desposado, mas como então não havia no mundo outro amôr, nem outrem a quem amar: que faria Adão, para provar o amôr que desejava encarecer? Vêde o artificio. *Propter hoc relinquet homo patrem, et matrem:* [1] Por amôr desta deixará o homem a seu pai e a sua mãi. Adão não tinha pai, nem mãi: era homem, mas o primeiro homem. Pois se não tinha pai nem mãi, porque prova Adão o seu amôr com o amôr do pai e da mãi, que os outros homens haviam de deixar por suas esposas? Por isso mesmo. Porque o amôr do que se ama prova-se pelo amôr do que se deixa. E como Adão não tinha outro amôr que deixar, provou o amôr com que amava a sua esposa, pelo amôr do pai e mãi, que os outros homens haviam de deixar pelas suas: *Propter hoc relinquet homo patrem, et matrem.* Provou Adão o amôr presente pelo futuro, e o proprio pelo alheio, e provou bem; porque o amôr do pai e

[1] *Gen.*, II, 24.

mãi que nos deram o ser, é o mais natural e o mais devido: e quando se deixa por amôr da esposa o que tanto se ama, é prova que se ama mais a esposa por amôr de quem se deixa. Isto é o que fez, e o que disse Adão: mas ainda que soube provar, não soube encarecer; porque o verdadeiro encarecimento do amôr não era para o primeiro Adão, estava reservado para o segundo. Se Adão soubera encarecer o seu amôr que havia de dizer? Havia de dizer assim: Eu, esposa minha, não posso qualificar o amôr que vos tenho, porque não tenho outro amôr que deixar por elle: e ainda que tivera pai e mãi, a quem muito amara (como hão-de ter meus descendentes) deixar o pai e a mãi por amôr de vós, não era bastante prova do meu amôr: mas para que conheçaes quanto vos amo — amo-vos tanto, que chegára a vos deixar a vós por amôr de vós. Isto é o que não soube dizer Adão; e isto é o que fez Christo. Chegou a nos deixar a nós por amôr de nós. Deixar os pais por amôr da esposa foi o ponto mais alto que soube imaginar o amôr de Adão: mas Christo chegou a fazer o que elle não chegou a imaginar, porque chegou a deixar a esposa por amôr da esposa: *Sacramentum magnum in Christo, et in Ecclesia.* [1] A esposa de Christo é a Igreja: a Igreja somos nós, e Christo chegou a nos deixar a nós por amôr de nós.

Quando Christo veiu ao mundo, pareceu-se o amôr divino com o amôr humano, porque deixou o Padre por amôr da esposa: mas quando hoje Christo se vae do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* não teve o seu amôr com quem se parecer, porque deixou a esposa por amôr da esposa. Sahiu Jacob peregrino da casa de seus pais para se desposar com Rachel; e neste caminho viu aquella mysteriosa escada, que chegava da terra ao céo. Voltou Jacob outra vez com Rachel para a patria; mas neste segundo caminho, ainda que teve apparições de anjos, não viu a escada. Todos sabeis que Jacob não só foi figura de Christo, mas expressamente figura de Christo amante. Agora pergunto: se Jacob viu a escada na primeira visão e no primeiro caminho, porque a não viu no segundo? Se Jacob viu a escada, quando veiu, porque não viu

[1] *Ad Eph.*, v, 32.

a escada, quando tornou? Porque aquella escada (como dizem commummente os Padres) significava a descida de Christo, e a subida: a descida quando veiu ao mundo; a subida quando tornou para o Padre: e quando Jacob veiu, viu a escada, porque Christo quando veiu, pareceu-se com Jacob; mas quando Jacob tornou, não viu a escada, porque quando Christo tornou não se pareceu com elle, nem teve com quem se parecer. Quando Christo veiu, pareceu-se com Jacob; porque assim como Jacob deixou os pais por amôr de Rachel, assim Christo deixou o Padre por amôr da esposa; porém quando Christo tornou, não se pareceu com Jacob, porque Jacob não deixou a Rachel por amôr de Rachel, e Christo sim. Deixou a sua Rachel por amôr da mesma Rachel: deixou a sua Esposa por amôr da mesma Esposa: deixou os seus homens *(Cum dilexisset suos)* por amôr dos mesmos homens. E este foi o ultimo e o maior extremo do seu amôr, porque chegou a deixar os amados por amôr dos mesmos amados: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

Quem deixa tudo pelo amado, deixa tudo: mas quem deixa pelo amado ao mesmo amado, ainda deixa mais; porque chega a deixar aquelle, por quem tem deixado tudo. Quando Christo veiu ao mundo, deixou o céo por amôr dos homens: porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado o céo. Quando veiu ao mundo, deixou os anjos por amôr dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens por quem tinha deixado os anjos. Quando veiu ao mundo, deixou a gloria por amôr dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado a gloria. Finalmente, quando veiu ao mundo, deixou o Padre por amôr dos homens: porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado o Padre. E neste mundo, que deixou Christo? Nascendo pobre, deixou por amôr dos homens a riqueza: desterrando-se, deixou por amôr dos homens a patria: trabalhando, deixou por amôr dos homens o descanço: entregando-se, deixou por amôr dos homens a liberdade: padecendo affrontas, deixou por amôr dos homens a honra: morrendo, deixou por amôr dos homens a vida: sacramentando-se, deixou por amôr dos homens a si mesmo: mas hoje ausentando-se dos homens e partindo-se do mundo: *Ut*

transeat ex hoc mundo: deixou mais que as riquezas, mais que a patria, mais que o descanço, mais que a liberdade, mais que a honra, mais que a vida, mais que a si mesmo; porque deixou os mesmos homens, por quem tudo isto tinha deixado. De maneira que havendo Christo deixado por amôr dos homens tudo o que tinha no céo (até o mesmo Padre), e tudo o que tinha e podia ter na terra (até a si mesmo) não tendo já nem no céo, nem na terra, não tendo já em si, nem fóra de si, outra coisa que deixar por amôr dos homens; para chegar ao *non plus ultra* do amôr, chega a deixar por amôr dos homens aos mesmos homens: *Ut transeat ex hoc mundo: in finem dilexit eos.*

IV

Haverá ainda quem se opponha a este extremo de fineza? Haverá ainda quem se opponha a este extremo de amôr? Ainda. Ainda se oppõe e resiste o mesmo amôr, defendendo-se com o escudo do Sacramento e com a espada da morte. Fortes armas! Mas tambem as ha-de render o amôr, ainda que tão fortes e tão finas.

Allega por parte do Sacramento o amôr, e defende constantemente que foi maior fineza em Christo o deixar-se que o deixar-nos; o ficar comnosco, que o apartar-se de nós. E como o prova? Em um caso temos os casos. Na terra de Moab houve tres amigas muito celebradas na Escriptura: Noemi, Ruth e Orpha. Viveram muito tempo juntas estas amigas, como amigas e parentas que eram, até que veiu uma hora (como esta hora) em que se houveram de ausentar. Abraçaram-se, choraram muito, fizeram as exequias á sua despedida com todas as solemnidades, que costuma o amôr; mas tanto que chegou o ponto preciso, em que se haviam de apartar, succedeu uma differença notavel. Orpha (diz o Texto) que se apartou e se foi para a sua patria e para o seu Deus: porém Ruth enterneceu-se tanto que de nenhum modo se pôde apartar da companhia de Noemi, e se deixou ficar com ella por toda a vida. Eis-aqui quanto vae de amar a amar, e de ficar a partir-se. Quem ama pouco, aparta-se; quem ama

muito não se póde apartar. Orpha, que amava pouco, apartou e deixou a Noemi: Ruth, que amava muito, não a pôde deixar, nem apartar-se della. São os termos do nosso caso. Chegou a hora precisa, em que Christo se havia de apartar dos homens: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo;* mas nesta amorosa despedida, neste rigoroso apartamento, quem foi a Orpha que se apartou? Quem foi a Ruth que se não pôde apartar? Uma e outra, por modo admiravel, foi a mesma humanidade sacratissima de Christo. Ella foi a que nesta mesma hora se apartou: ella foi a que nesta mesma hora se não pôde apartar. Ella foi a Orpha que se apartou, e se foi para a sua patria e para o seu Deus: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* e ella foi a Ruth que se não pôde apartar, e recolhendo as espigas se deixou naquelle Sacramento debaixo de especies de pão. Logo maior amôr foi em Christo o deixar-se, que o deixar-nos: logo maior amôr foi em Christo o ficar comnosco, que o apartar-se de nós. Que grosseiros são os affectos humanos para avaliar as finezas do amôr divino! Se Christo se apartára como Orpha, amando como Orpha, fôra menor o seu amôr; mas Christo apartou-se como Orpha, amando como Ruth. Amar muito, e apartar-se, essa é a fineza. Orpha amou pouco, Ruth amou muito; mas nem uma, nem outra finamente; porque Orpha apartando-se de Noemi, seguiu a sua conveniencia; e Ruth não se podendo apartar, seguiu a sua inclinação.

Perdoae-me, Sacramento Amôr (mas não me perdoeis). Deixar-se Christo com os homens no Sacramento, foi seguir o amôr o seu affecto, e a sua inclinação: foi satisfazer ao desejo: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum:* [1] foi gosto, foi allivio, foi satisfação, foi descanço, foi commodidade, sim, que fineza não. Obrou o amôr, como amôr; mas não obrou como fino. Cahir a pedra para o centro, correr a fonte para o mar, voar o fogo para a sua esphera, é natureza, é inclinação, é descanço, não é fineza: e isso foi deixar-se Christo com os homens no Sacramento. Ainda o coração de Christo não era humano lá naquelle principio sem principio de sua eternidade; e quaes eram já então os seus gostos, as suas recrea-

[1] *Luc.*, XXII, 15.

ções, as suas delicias? Eram estar no mundo com os homens: *Ludens in orbe terrarum, et deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* [1] Notavel dizer! Naquelle tempo antes de todo o tempo ainda não havia mundo, nem havia homens. Pois se não havia homens, nem mundo, como eram as delicias do Verbo estar com os homens no mundo? Essa é a força da minha razão e da minha consequencia. Se quando não havia homens, nem mundo, eram as delicias de Christo estar no mundo com os homens, que não eram; quaes seriam depois as suas delicias estar no mundo com os homens, que eram: *Suos, qui erant in mundo?* Deixar-se Christo no mundo com os homens, foi buscar o amôr as suas delicias, e por isso não foi fineza: a fineza foi deixar o mundo e apartar-se dos homens: *Ut transeat ex hoc mundo;* porque foi violentar a inclinação, foi sacrificar o gosto, foi martyrisar o desejo, foi vencer em si e contra si a maior repugnancia.

Para Christo se apartar de nós, e juntamente se deixar comnosco, dividiu-se Christo de si mesmo. Grande fineza! Grande maravilha! Mas nesta prodigiosa divisão, o amôr que fez a maravilha e a fineza, não foi o amôr que deixou a Christo no mundo, senão o amôr que o levou do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo.* Vêde-o com os olhos. Para dar passo á Arca do Testamento apartou-se o rio Jordão, e dividiu-se de si mesmo: uma parte do rio assim dividido correu para o mar, e a outra parte suspendeu a corrente, e tornou para a fonte, donde tinha sahido: *Quid est tibi mare, quód fugisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* [2] Dizei-me agora: Partido assim o Jordão, e dividido de si mesmo, qual destas duas partes fez a maravilha? Qual destas duas partes obrou a fineza? A parte que correu para o mar, ou a que voltou para a fonte? Claro está (diz Agostinho e não era necessario que elle o dissesse) claro está que a parte que voltou para a fonte, foi a que fez a fineza e a maravilha; porque a parte que correu para o mar, seguiu a inclinação natural, e foi buscar o seu centro: porém a parte que tornou para a fonte, violentou essa mesma inclinação, rebateu e quebrou o impeto da corrente, e, contra o

[1] *Prov.*, VIII, 31.
[2] *Psal.*, CXIII, 5.

pezo das aguas e da natureza, a fez outra vez subir para donde descera. Por isso (como agudamente notou Lorino) quando o rio desceu, disse-lhe David: *Quid est tibi*, e quando subiu, não: porque o correr para o mar, foi buscar-se a si; e o voltar para a fonte, foi ir contra si: *Conversus es retrorsum*. Ah Jordão divino (que assim vos chamou profundamente Orígenes) vejo-vos dividido de vós mesmo nesta hora, e dividido de vós mesmo com duas correntes contrarias. Com uma corrente ides para o Padre, que é o principio fontanal (como dizem os Theologos) d'onde nascestes: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* com outra corrente ides-vos metter nesse mar immenso do Sacramento, onde verdadeiramente estaes sem apparecer, assim como os rios entram no mar e desapparecem. *Quid est tibi mare, quòd fugisti?* O Jordão fugiu de si, e vós fugistes de vós. Vendo que vos ausentaveis dos homens, fugistes de vós para nós, e escondestes-vos nesse mysterio. Mas qual foi aqui a fineza? Qual foi aqui a maravilha? Milagre dos milagres, qual foi aqui o milagre? O ficar Christo comnosco no Sacramento foi milagre da natureza; porque correu o rio para o mar, correu o amor para o centro: mas o apartar-se Christo de nós: *Ut transeat ex hoc mundo*, esse foi o milagre sobre a natureza e contra a natureza: porque foi voltar o rio para a fonte donde nascera, foi romper contra o impeto da inclinação, foi não só vencer a corrente, senão quebrar as correntes ao amor. Assim que, a maravilha e a fineza, não foi o sacramentar-se Christo para ficar comnosco, senão o apartar-se e ausentar-se de nós.

E senão perguntemos ao mesmo Evangelista nestas suas reflexões tão ponderosas do amor de Christo, porque não fez menção, nem memoria alguma da Instituição do Sacramento? Não fundo o reparo na relação tão copiosa, que todos os outros Evangelistas fizeram deste sagrado mysterio, mas no que S. João não quiz fazer. E vêde se se argue bem do seu mesmo Texto: *In finem dilexit eos: et cœna facta.* Ponderou o extremo do amôr, com que nos amou Christo no fim: *In finem dilexit eos:* fez menção da ceia: *et cœna facta*, porém do Sacramento instituido na mesma ceia, nem palavra fallou. Pois se pondera o extremo do amôr, e faz menção da ceia immediatamente depois; porque passa totalmente em silencio a instituição de um mys-

terio tão soberano, tão admiravel, tão amoroso? Porque fallou e callou como divino Rethorico que era. Disse o que fazia ao seu intento, e callou o que não servia. O intento de S. João neste Evangelho não era só provar o amôr de Christo, senão realçar a fineza do mesmo amôr: *Cúm dilexisset in finem dilexit:* e a instituição do Sacramento, ainda que foi amôr, e grande amôr, em rigor não era fineza. Por isso não diz que se sacramentou, senão que se ausentou: por isso não diz que se deixou comnosco, senão que se apartou de nós: por isso não diz que ficou no mundo, senão que foi do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo.* E tanto que poz aquella premissa: *Ut transeat ex hoc mundo,* logo concluiu: *In finem dilexit eos:* porque ainda que o sacramentar-se foi amôr, o ausentar-se foi a fineza: ainda que o deixar-se foi amôr, o deixar-nos foi o extremo: ainda que o ficar comnosco foi amôr, o apartar-se de nós foi amôr sobre amôr: *Cum dilexisset dilexit.*

V

Temos rendido o braço do escudo: só nós resta o da espada, que é a morte. Muito confia nesta espada o amôr; porque traz escripto e gravado nella: *Majorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* [1] Mas saiba a morte e o amôr (se o não sabem), que o *nemo* não comprehende a Christo: *Nemo te condemnavit mulier, neque ego.* [2] O *ego* singular de Christo não se comprehende debaixo do universal do *nemo.* O *nemo* em respeito do Filho é como o *omnes* em respeito da Mãe. Nem o *omnes* faz argumento contra a pureza da Mãe, nem o *nemo* contra a caridade do Filho. E para que julgue a mesma vista dos olhos (de que carece a morte e o amôr) quanto maior fineza foi no amôr de Christo o apartar-se de nós, que o morrer por nós, ponhamos o Horto defronte do Calvario, e ajuntemos o theatro da C[illegible]pedida com o theatro da morte.

---

[1] *Joan.*, XV, 13.
[2] *Ibid.*, VIII, 10.

O theatro da ultima despedida, ou apartamento de Christo, foi o Valle de Gethsémani coberto das sombras da noite, onde tudo aspirava amôr, tudo silencio, tudo tristeza, tudo saudade. Aqui se apartou o amoroso Senhor de seus Discipulos, não de todos juntamente, senão de uns primeiro, e depois dos outros. Como o golpe lhe chegava tanto á alma, não se atreveu a leval-o todo de uma vez, foi-o dividindo por partes. Assim se apartou o Senhor; mas não digo bem: *Avulsus est ab eis*, [1] diz S. Lucas: não se apartou, arrancou-se. Tão violentamente se apartava Christo dos homens, que o apartar-se delles era arrancar-se. Tão dentro delles estava, e tão dentro de si os tinha, que não se apartava dos seus olhos, nem se apartava dos seus braços; arrancava-se de seus corações, e arrancava-se-lhe o coração: *Avulsus est ab eis.* Sáia agora a morte com algum similhante encarecimento, se o tem, do muito que fizesse Christo em a padecer; e diga o que dizem della os Evangelistas. Por ventura chegou a dizer algum Evangelista, que quando Christo morreu, se lhe arrancou a alma? Não por certo. O Evangelista que mais disse, foi S. Matheus. E que disse? *Emisit spiritum:* [2] Despediu a alma. De sorte, que quando Christo morre, despede a alma, e quando Christo se despede, arranca-se dos homens. Tão facil lhe foi o morrer: tão difficultoso o apartar-se. O laço com que a alma de Christo estava atada ao corpo desatou-se: os laços com que o mesmo Christo estava atado aos homens, não se puderam desatar, romperam-se. Romperam-se, rasgaram-se, arrancou-se: *Avulsus est.* Quantos eram os homens que havia no mundo, tantas eram as raizes que prendiam o coração de Christo. Eram raizes de trinta e tres annos, eram raizes de uma eternidade inteira, profundadas com tanto amôr, regadas com tantas lagrimas, endurecidas com tantos trabalhos: e que todas estas raizes, tantas e tão fortes, se houvessem de arrancar juntas na mesma hora: *Sciens quia venit hora ejus?* Oh que dôr! Oh que violencia! Oh que tormento! Cada palavra do Evangelista é uma profunda ponderação desta força, e desta repugnancia. E' possivel que hão de ficar no mundo os

[1] *Luc.*, XXII, 41.
[2] *Math.*, XXVII, 50.

homens; que hão de ficar no mundo os meus: *Suos: qui erant in mundo!* E' possivel que eu me hei de apartar para sempre deste mundo, onde os vim buscar: *Ut transeat ex hoc mundo? Ex hoc mundo:* Oh que terrivel apartamento! *Hora ejus:* Oh que terrivel hora! *In finem:* Oh que terrivel fim! *Ut transeat:* Oh que terrivel transe!

Assim apartado ou arrancado Christo dos Discipulos, começa a orar ao Padre: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste:* [1] Eterno Pae, se é possivel, passe de mim este calix. Tornemos agora ao Calvario, ou torne o Calvario ao Horto. Pregado Christo no duro madeiro da cruz, e já visinho á morte: *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: sitio:* Vendo que todos os tormentos se tinham acabado disse: Tenho sêde. Sêde agora, Senhor meu? Sois outro, ou o mesmo? Reparae que estes eccos do monte não respondem bem aos clamores do valle. No Horto repugnaveis com tantas instancias o calix: *Transeat à me calix iste;* e agora no Calvario, depois de ter bebido todas as amarguras delle, publicaes a vozes que tendes sêde de mais: *Sitio?* Sim? Porque o calix do Calvario era um: o calix do Horto era outro; *Calix iste:* Este: este, e não aquelle. Ora vede. S. João Chrysostomo, S. Cyrillo, Euthymio, e outros Padres, entendem do calix da Paixão e morte de Christo, aquelle famoso Texto do Psalmo setenta e quatro: *Calix in manu Domini: et inclinavit ex hoc in hoc.* Estava o calix na mão do Senhor (diz David) e lançou de um no outro. Se era calix: *Calix in manu Domini*, era um; se lançou de um no outro: *Inclinavit ex hoc in hoc*, eram dois. Que calices eram logo estes na morte e Paixão de Christo, tão unidos, que compunham um só calix, e tão distinctos, que se dividiam em dois? Era a mesma morte diversamente considerada (como o Senhor a considerava) no Horto e no Calvario. Toda a morte é juntamente morte e ausencia: é morte, porque nos tira a vida; é ausencia, porque nos aparta para sempre daquelles que neste mundo amámos. E estes são os dois calices que Christo distinguia no mesmo calix, fazendo grande differença entre a sua morte, em quanto morte, e a mesma morte, em quanto ausencia. Em

[1] *Math.*, XXVI, 39.

quanto morte, era o calix do Calvario, onde deu a vida; em quanto ausencia, era o calix do Horto, onde se apartou dos seus. E este, e não aquelle, era o calix que seu amòr recusava, quando disse: *Transeat à me calix iste*. Prova? Sim, que me não empenhára eu em tal pensamento sem ella, e muito forte.

Primeiramente assim o entendeu S. Basilio de Seleucia, quando disse: *Ut ascensum præpediat Christus, passionem subit illubens.* [1] Mas eu o provo do mesmo Texto: *Calix iste*. Aquelle *iste* é distinctivo, é demonstrativo, e é relativo. Em quanto distinctivo, distingue um calix do outro: em quanto demonstrativo, demonstra calix presente, e não futuro: em quanto relativo, refere-se ao que ficava dito immediatamente antes. E que é o que dizem immediatamente antes os Evangelistas? Todos referem o sentimento e pena de Christo naquelle passo, e a repugnancia e violencia excessiva com que se apartava dos Discipulos. S. Lucas: *Avulsus est ab eis, et positis genibus orabat, dicens: Pater, si vis, tranfer calicem istum à me.* [2] S. Matheus: *Sustinete hic, et vigilate mecum: et progressus pusillum procidit in faciem suam, orans, et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* [3] Assim, que a acção ou sentimento actual sobre que cahiu o *transeat à me calix iste*, era a dôr, a difficuldade, a repugnancia, a violencia, com que o Senhor se apartava ou provava a se apartar dos Discipulos: logo este mesmo apartamento e a apprehensão delle, tão presente, tão viva, e tão rigorosa, era o calix, que o seu amòr e o seu coração tanto recusava. Confirma-se admiravelmente do mesmo Texto; porque delle consta, que tres vezes no mesmo tempo, e no mesmo Horto, se apartou o Senhor dos Discipulos, e tres vezes immediatamente, tanto que se apartava, repetia a mesma petição. Assim o pondera S. Matheus. A primeira vez no Texto que acabámos de referir; a segunda: *Secundò abiit, et oravit dicens: Pater mi, si non potest hic calix transire;* e a terceira: *Iterum abiit, et oravit tertiò eundem sermonem dicens.* Em summa, que a cada novo

---

[1] Basil. Sel. Orat. 32.
[2] *Luc.*, XXII, 41 e 42.
[3] *Math.*, XXVI, 39.

apartamento se seguia nova resistencia: a cada novo apartamento nova instancia: a cada novo apartamento nova appellação do calix. Logo este era, e não outro.

E verdadeiramente que se o mesmo apartamento não fôra o calix, ou a materia delle, nunca os Evangelistas se puseram a o descrever e encarecer com tão particulares e miudas advertencias. O *Avulsus est ab eis* de S. Lucas já o ponderámos. *O Progressus pusillum* de S. Matheus não é digno de menor ponderação e piedade. Diz o Evangelista que se apartou o Senhor: *Pusillum:* um pequenino. Vêde a difficuldade, vêde o tento, vêde o receio com que se apartava: *Pusillum:* um pequenino. Não contava os passos, mas media e pesava os indivisiveis; porque em cada um se dividia: *Pusillum:* um pequenino. Como quem tocava o calix, para provar se o poderia beber; e não se atrevendo a o levar, parava, e não ia por diante. E como este apartamento minimo era tão violento para o coração de Christo, e lhe parecia coisa impossivel o poder-se apartar de todo, por isso intentava impossiveis pelo estorvar, e abraçado com a terra clamava: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste.* Este, este, e não aquelle: este do Horto, e não aquelle do Calvario: este da ausencia, e não aquelle da morte: este do apartamento, e não aquelle da cruz. Assim como eram dois os calices, assim eram tambem duas as sêdes, mas muito contrarias: na cruz, a sêde de padecer por nós; no Horto, a sêde de estar comnosco: mas como a morte podia matar aquella sêde, e est'outra sêde, com a morte crescia mais; por isso no Calvario dizia: *Sitio:* e no Horto repugnava o calix: *Transeat à me calix iste.*

E que se seguiu a esta repugnancia tão estranha? Que se seguiu a esta violencia tão violenta? *Et factus in agonia:* [1] alli mesmo começou o Senhor a entrar em agonia. Christo em agonia? Christo agonisante no Horto? Acuda por si a morte. A agonia e o agonisar é acção anciosa, e accidente terrivel, proprio da morte; mas Christo na morte não agonisou. Vêde como expirou placidamente: *Inclinato capite tradidit spi-*

[1] *Luc.*, XXII, 44.

ritum. [1] Pois se Christo não agonisa na cruz, se não agonisa no Calvario, como agonisa no Horto? Porque no Calvario morria; no Horto ausentava-se: no Calvario dividia-se de si; no Horto dividia-se de nós: e esta era a sua agonia. Por isso no Calvario passou pelo artigo da morte sem agonisar; e no Horto, quando entrou em artigos da ausencia, então agonisou: *Et factus in agonia.* Morreu Christo em quanto homem, e ausentou-se em quanto homem; mas nem morreu como os homens morrem, nem se ausentou como os homens se ausentam; porque não amava como os homens amam. Morreu, e ausentou-se, mas com os accidentes trocados: morreu, como se se ausentára sem agonisar: ausentou-se como se morrêra agonisando. Oh que amôr! Oh que fineza! Oh que extremo! A ausencia agonisante, e a morte sem agonia.

Agora se entenderá o que Christo lançou de um calix no outro calix, quando inclinou um no outro: *Inclinavit ex hoc in hoc.* Um calix (como dissemos) era o da morte; o outro era o da ausencia: e como o calix da ausencia era muito mais amargo para o seu coração, e muito mais terrivel que o da morte; para que constasse aos homens, quanto menos fazia em morrer por elles, que em se apartar e ausentar delles; que fez? Todas as agonias e ancias que naturalmente havia de padecer na morte, verteu-as do calix da morte, e passou-as ao calix da ausencia. Na morte (segundo as leis do amôr da vida) havia Christo de padecer todo aquelle tropel de penas, toda aquella tormenta de afflicções, todo aquelle combate ou conflicto de angustias que padecem (e mais na idade robusta) aquelles que por isso se chamam agonisantes: e todas essas se passaram do calix do Calvario ao do Horto; porque no Horto se ausentava. Assim dizem os Evangelistas fallando expressamente daquelle ultimo apartamento. Que padecem os homens no transe da morte? Padecem agonias? *Et factus in agonia.* [2] Padecem tristezas? *Tristis est anima mea.* Padecem tedios e temores? *Cœpit pavere et tædere.* De sorte que todas as afflicções e angustias que se padecem na morte, as traspassou o Senhor do calix da morte,

[1] *Joan.*, XIX, 30.
[2] *Marc.*, XIV, 33.

e as refundiu no calix da ausencia. E se a alguem parecer difficultoso que voltando-se o calix do Calvario sobre o calix do Horto, não levasse de mistura algumas partes do sangue; essas foram aquellas gottas de sangue que no suor mais que mortal do Horto derramou a violencia da mesma agonia: *Et factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.* [1] Confesse logo a morte com o testamento de seus proprios despojos, que muito mais sentiu Christo o apartar-se de nós, que o morrer por nós: e que se o morrer nos homens é a maior prova do amôr, em Christo o ausentar-se dos homens foi a maior fineza.

E para que nem a morte, nem outrem por ella, tenha que replicar contra esta amorosa verdade, concluamos com uma justificação authentica do secretario do mesmo amôr, que dentro e fóra do coração de Christo foi presente a tudo; e acabemos por onde começamos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo:* Sabendo o Senhor Jesus que era chegada a hora de partir deste mundo. Esta hora de que falla o Evangelista, era a hora da morte. Assim o declarou o mesmo S. João no Cap. 7.º, fallando desta clarâr o mesmo: *Et nemo apprehendit eum, quia nondum venerat hora ejus.* [2] E no Cap. 8.º tornou a declarar o mesmo: *Et nemo apprehendit eum, quia non dum venerat hora ejus.* Pois se esta hora era a hora de morrer o Senhor e dar a vida pelos homens; porque não diz: sabendo que era chegada a hora de morrer: senão: sabendo que era chegada a hora de se ausentar? Se o intento do Evangelista era encarecer o amôr do fim: *In finem dilexit eos:* declare o fim do amôr pelo fim da vida, e diga que amou Christo tanto aos homens, que chegou a morrer por elles. Mas para prova e encarecimento do amôr, callar o nome da morte, e ostentar o da ausencia e da partida? Sim, porque como S. João tinha as chaves do coração de Christo, sabia o logar que tinham nelle estes dois affectos, e o preço com que lá se avaliava um e outro extremo. O preço da morte era muito alto, porque pezava tanto como a vida; mas o da ausencia era muito mais subido, porque pezava tanto como aquelles por quem se dava a vida. Por isso diz, que quando chegou a hora

[1] *Luc.*, XXII, 44.
[2] *Joan.*, VII, 13.

de partir, então amou: e não quando chegou a hora de morrer; porque era muito mais dura para o coração de Christo a mesma hora, em quanto hora da ausencia, que em quanto hora da morte. A hora da morte era um fim que acabava a vida; a hora da ausencia era o fim que consummava o amôr: *Ut transeat ex hoc mundo: In finem dilexit eos.*

Concluindo temos logo (não a pesar, senão muito a prazer de Christo morto, de Christo Sacramentado, e de Christo amante) que o chegar a apartar-se dos homens por amôr dos homens, foi o ultimo e mais subido extremo com que os amou: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

VI

Tenho acabado, fieis, o meu discurso, e não sei se tendes tambem concluido o vosso. Se me ouvistes com discurso, se me ouvistes com a devida consideração; com os mesmos argumentos com que ponderei os extremos do amôr de Christo, devieis vós tambem ter ponderado e conhecido as obrigações do vosso. E que obrigações são estas? Por ventura, porque o amôr de Christo chegou a nos deixar a nós por amôr de nós, obriga-nos este mesmo amôr a que nós tambem deixemos a Christo por amôr de Christo? Se eu prégára n'outro tempo, e n'outro logar, facilmente o inferira e persuadira assim. A maior fineza que fez por Christo aquella grande alma de S. Paulo, foi deixar Christo por amôr de Christo: *Cupio dissolvi, et esse cum Christo: manere autem necessarium propter vos.* [1] Assim o fizeram, sahindo dos desertos, os Arsenios, e não sahindo das cidades os Martinhos: e em todas as idades, e ainda na nossa, tantos outros varões de extremado amôr e zelo, a quem a mitra era pezo, a vida tormento, a morte desejo, e só Christo a ambição e a saudade.

Mas deixando áquelles heroicos espiritos o primor tão pouco imitado destas correspondencias; fallemos com o desamor, com a ingratidão, e com o pouco

[1] *Ad. Phil.*, I, 23 e 24.

juizo das nossas. E' possivel que sinta tanto Christo o apartar-se de nós, e que haja homens que não sintam o apartar-se de Christo, antes tenham por gosto e por vida, e ainda por felicidade, o que os aparta delle? Christão ingrato e infeliz, que ha tantos annos vives apartado de Christo, que juizo é o teu neste dia do juizo do seu amôr? Christo sente tanto apartar-se de ti, indo para o céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e tu sentes tão pouco apartar-te de Christo, indo para o inferno? Antes queres o inferno sem Christo, que o céu e a bemaventurança com Christo? Se como christão não te lembras de Christo, ao menos como homem, lembra-te de ti. Dize-me, dize-me: Fazes conta de te apartar alguma hora de tudo o que te aparta de tua salvação? Se não fazes esta conta, que tanto devias fazer, não fallo comtigo; porque nem és christão, nem homem; nem tens fé, nem tens juizo. Mas se fazes conta, como é certo que fazes, e se tens propositos, como é certo que tens, de alguma hora te converter a Christo, de alguma hora te chegar a Christo, de alguma hora te apartar de tudo o que te aparta de Christo; quando ha de ser esta hora? Esta é a hora, christão, esta é a hora: *Sciens quia venit hora ejus.* Esta é a hora de acabar com o mundo: *Ut transeat ex hoc mundo.* Esta é a hora de romper as cadêas desse máu vicio (qualquer que seja) que tão prezo te tem, e tanto te tyrannisa. Esta é a hora de acabar de conhecer, e te desenganar desse falso e enganoso amôr. Esta é a hora de abrir os olhos a esse amôr cego. Esta é a hora de reformar esse amôr escandaloso. Esta é a hora de purificar esse amôr impuro, e de o pôr todo em Christo. Aproveitemo-nos, christãos, desta hora, pois não sabemos se teremos outra hora. Aproveitemo-nos (torno a dizer) desta hora, pois não sabemos se teremos outra. Ah, Senhor, como se ha de converter n'outra hora, quem se não converte a vós nesta hora vossa? Como vos ha de amar noutra hora, quem vos não ama nesta hora de vosso amôr? Por reverencia desta hora, por honra e gloria desta hora, por amôr do amôr desta hora, que triumphe nesta hora vosso poderoso amôr, desta dureza tão dura de nossos corações. Não permittaes, Senhor, por vossa bondade, que sáia deste Cenaculo, nesta hora vossa, algum coração que não seja vosso. Basta um Judas, basta um ingrato, basta um inimigo, basta um traidor.

Oh triste alma, oh miseravel alma, oh desventurada alma, oh alma que melhor te fôra não ser creada, a que nesta hora se não rende ao amôr de Christo.

Amoroso Jesus, todos nesta hora estamos rendidos ao vosso amôr. Todos nesta hora, e desde esta hora, vos queremos amar de todo nosso coração. Só a vós, Senhor, só a vós: só a vós queremos amar, para nunca mais vos offender: só a vós queremos amar, para nuuca mais vos ser ingratos: só a vós queremos amar, para nunca mais nos apartarmos de vós: só a vós queremos amar, para desta hora em diante nos apartarmos para sempre de tudo o que aparta de vosso amôr. Seja esta hora o fim de todo o amôr que não é vosso, e seja o principio de vos amarmos sem fim; assim como vós sem fim nos amastes: *In finem dilexit eos.*

SERMÃO

DAS

Dôres da Sacratissima Virgem Maria

Depois da morte de seu bemditissimo Filho

Prégado em Lisboa, na Igreja de Santa Monica, e a Religiosas de Santo Agostinho, no Anno de 1642.

Dolores inferni circumdederunt me. [1]

I

Se as dôres inconsolaveis podem ter alguma consolação e allivio, é a similhança ou companhia de outrem, que as padeça iguaes. Assim o poz em proverbio o commum sentimento dos homens, posto que deshumano em parte. Levado deste pensamento o propheta Jeremias, com os olhos neste mesmo dia, e nesta mesma hora em que estamos, e considerando os extremos da dôr, com que a espada de Simeão trespassou a alma da Mãe de Deus na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora, e em figura da cidade de Jérusalem coberta de luto, pergunta a todos os que passavam á vista do monte Calvario, se todos, ou algum delles, viram alguma hora dôr similhante á sua: *O' vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor similis sicut dolor meus.* [2] E como ninguem respondesse, nem pudesse satisfazer á pergunta do propheta, na suspensão deste silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, e poz-se a considerar comsigo a que creatura de quantas abraça o universo (entrando tambem na comparação as insensiveis) compararia a grandeza daquella

---

[1] *Psal.* XVII.
[2] *Thren.*, I, 12.

dôr: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Jerusalem? vel cui exæquabo te, et consolabor te, Virgo filia Sion?* [1] E como não achasse a sua imaginação coisa alguma nem de maior grandeza, nem de maior amargura, que o mar; em fim se resolveu, que só no mesmo mar podia achar a similhança, e na mesma similhança a consolação que buscava: *Magna est velut mare contritio tua.* [2]

Assim disse Jeremias; mas sendo um tão grande propheta, e o mais exercitado em casos lastimosos e tristes, disse pouco. O fel é mais amargo que o mar: e o fel que a Senhora viu dar a seu Filho naquella ardentissima sêde, foi uma pequena parte das suas amarguras. E posto que o mar seja um elemento tão vasto e tão immenso, em que uma onda sobre outra onda, todas quebrando naquelle lastimado coração, tinham alguma similhança com os golpes repetidos, e com a immensidade da sua dôr; muito maior, mais alto, e mais pesado era o pégo sem fundo da sua pena, como aquelle cuja tempestade subiu acima do céu, e em cujas ondas chegou a naufragar e afogar-se o mesmo Deus: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me.* [3] Supposta esta verdade, e havendo nós hoje de vadear de algum modo o diluvio incomprehensivel das dôres da Virgem Mãe na consideração da morte de seu Filho; não lhe achando comparação, ou similhança nem no mar, nem na terra: aonde a irei buscar? Seguindo os passos da mesma dôr, adverti, que a alma da Mãe seguia a do Filho; e que a do Filho descia ao inferno: *Descendit ad inferos.* E por ventura descendo Christo ao inferno, padeceu as penas que lá se padecem? Não: antes as desfez, como diz S. Pedro: *Solutis doloribus inferni.* [4] Supposto isto, já achei o que buscava. O Filho no inferno sem dôr, a Mãe neste mundo com dôres, a que se não acha comparação? Logo o Filho e a Mãe nesta hora partiram entre si o inferno: o Filho descendo ao logar, e a Mãe padecendo as dôres: *Dolores inferni circumdederunt me.* [5] Este será o meu assumpto, que em tempo tão

[1] *Thren.*, II, 13.
[2] *Ibid.*
[3] *Psal.*, LXVIII, 3.
[4] *Act.*, II, 14.
[5] *Psal.*, XVII, 6.

breve como o signalado, só sendo tão extraordinario podia ser grande. E posto que o nome de inferno pareça medonho, a propriedade da mesma comparação lhe tirará o horror.

II

Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio, disse propheticamente Salomão fallando do Esposo, e da Esposa, isto é, Christo e sua Mãe. Põe de uma parte o amôr, e da outra a emulação competindo-se: e por extremos da competencia da parte do amôr a morte, e da parte da emulação o inferno. E quaes foram os competidores? Os que já dissemos. Da parte do amôr o Filho, que chegou a morrer por amôr dos homens: e da parte da emulação a Mãe, que vendo o Filho morto, chegou a padecer por elle as dôres do inferno. De sorte que comparando a fortaleza do amôr com a dureza do inferno, no sepulchro do Filho se póde escrever por epitaphio: *Fortis est ut mors dilectio:* e no coração da Mãe por tropheu: *Dura sicut infernus æmulatio.* Dos extremos do amor forte como a morte prégaram hoje todos os pulpitos: dos extremos da dôr dura como do inferno hei de fallar eu agora: e peço attenção.

Duas penas se padecem no inferno: a pena de damno, e a pena de sentido. A pena de damno consiste na ausencia de Deus. E começando por esta, tal foi a primeira pena da dôr de Maria. As outras ausencias, ainda que sejam de quem muito se ama, são penas desta vida: só a privação e ausencia de Deus é pena como a que no inferno, por antonomasia da perda, se chama pena de damno. Privação era a que Deus considerou em Adão, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum.* [1] Privação foi a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit.* [2] Mas como as penas e as ausencias eram similhantes á companhia de que um se via falto, e outro privado, não mereciam o nome de damno, que só por excellencia se deve á

[1] *Gen.*, II, 18.
[2] *Gen.*, XLII, 38.

privação da companhia e vista de Deus; qual era a que a Senhora padecia nesta hora, privada da presença e vista de um Filho, que, juntamente, era seu Filho e seu Deus.

Disse o ladrão a Christo: *Domine, memento mei.* [1] E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in paradiso.* [2] Pois como, *in paradiso*, se Christo no mesmo dia desceu ao inferno, e lá o achou o ladrão, quando pouco depois espirou? Christo no inferno, e o ladrão no inferno naquelle dia, e tambem nos dois seguintes, e diz-lhe Christo, hoje estarás commigo no Paraizo? Sim, e por isso mesmo. Não vêdes que disse Christo ao ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris?* Pois por isso accrescenta tambem, que estaria no Paraizo; porque estar com Christo em qualquer logar, ainda que seja no inferno, é estar no Paraizo. O *in paradiso* foi consequencia do *mecum eris*. E se a gloria de estar com Christo no inferno faz do inferno Paraizo, vêde se a pena de estar sem Christo neste mundo faria do Paraizo inferno! A presença ou ausencia de Deus é a que faz o inferno ou o Paraizo, e não os logares. O inferno começou no céu, quando os anjos foram privados da vista de Deus: e o Paraizo começou no inferno, quando os Santos Padres viram lá a Christo. E esta era a differença, em que os olhos e coração da Senhora se viu nesta hora.

Se aos bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda que ficassem no céu os mesmos bemaventurados, deixariam subitamente de o ser, e começariam a padecer a pena de damno, que é a privação da vista de Deus. Isto mesmo lhe succedeu hoje á Virgem: *Et lumen oculorum meorum, et ipsum non est mecum.* [3] Faltou-lhe o lume de seus olhos; e nesta privação da vista de seu Filho e seu Deus, padecia uma pena em tudo similhante á pena de damno. Comparae aquelle *mecum eris* com este *non est mecum;* e assim como alli tirou Christo por consequencia o Paraizo, assim aqui devemos nós tirar pela mesma consequencia o inferno.

Oh que profunda conferencia faria a Senhora so-

---

[1] *Luc.*, XXIII, 42.
[2] *Ibid.*, 43.
[3] *Psal.*, XXXVII, 11.

bre este *et ipsum non est mecum!* Lembrada de quando lhe disse o anjo: *Dominus tecum:* [1] Então (diria) ainda que me annunciasse Gabriel, que meu Filho havia de remir o mundo, e eu sabia bem que havia de ser por morte de cruz; como me disse que elle estava e havia de estar commigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veio annunciar o desterro do Egypto, como disse, *Accipe puerum, et Matrem ejus:* [2] nelle, e com sua companhia se me faziam faceis todas as perseguições, e todos os trabalhos. Uma vez o perdi com dôr quasi similhante a esta; mas então tive a liberdade para o buscar, e achal-o: agora que entre mim e elle está em meio toda a terra, que remedio póde ter a minha dôr? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de José, tanto menos desconsolado, quanto vae de filho a filho: *Descendam ad filium meum lugens in infernum.* [3] Mas esta graça de acompanhar a meu Filho na morte, não quiz elle que eu a tivesse. Emfim, só isto tem menos de inferno a minha pena, que é conforme com a sua vontade.

Porém se nisto era menor a pena da Senhora, que a pena de damno, que no inferno se padece; em outra circumstancia a excedia muito, que era a do amôr. A pena de damno do inferno é sómente carecer da vista de Deus: mas não da vista de Deus amado; porque os que no inferno padecem esta privação, tão longe estão de amar a Deus, que antes o aborrecem furiosamente. E se a privação de Deus, ainda que aborrecido, é a maior de todas aquellas penas; qual será a privação do mesmo Deus summamente amado? Amava a Senhora incomparavelmente mais que todos os bemaventurados a Deus. Vêde que pena seria a sua na privação da presença e da vista de um Filho Deus! *Dura sicut infernus æmulatio.*

---

[1] *Luc.*, I, 28.
[2] *Math.*, II, 13.
[3] *Gen.*, XXXVII, 35.

III

Mas porque este genero de pena excede toda a comprehensão humana; passemos á segunda, que é a pena de sentido. As penas de sentido no inferno são muito differentes de todas as que se padecem nesta vida; porque as desta vida padecem-se em tempo successivamente, e por partes; e as do inferno padecem-se na eternidade, que é duração indivisivel e simultanea; e assim não se padecem uma depois da outra, senão todas juntas. Esta mesma differença tiveram as penas da Senhora nesta hora, comparadas com as suas e as de seu Filho na Paixão. Na Paixão primeiro se padeceram as injurias da prisão, depois os açoites da columna, depois os espinhos da coroação, e ultimamente os cravos e a cruz. Porém nesta hora padeceu-as a Senhora todas juntas.

Assim o disse a mesma Senhora por bocca da Alma Santa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* [1] A myrrha, como tão amargosa, foi figura da Paixão de Christo; e como tal offerecida a elle nos mysteriosos dons dos reis do Oriente. Pois porque diz a Senhora, que para ella, *mihi*, e não para o Filho, foi a Paixão um feixe de myrrha? Porque Christo na sua Paixão padeceu os seus tormentos divididos; e a Senhora depois della, e na sua consideração, padeceu-os juntos. Elle divididos em diversos tempos e partes do corpo; ella juntos no mesmo tempo, e no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo, por mais cruel que fosse, não o póde atormentar senão por partes: e assim como o Senhor padeceu todos os tormentos successivamente, e divididos; assim tambem a Mãe, quando o seguia e acompanhava. Porém depois da sua morte, só, sem elle, e comsigo considerava tudo o que naquelle dia tinha passado. Alli se ataram e uniram todos os tormentos da prisão, dos açoites, da corôa, da cruz, dos cravos, da lança, e de todos os outros tormentos, e se fez um composto de penas, que sendo cada um insoffrivel e immenso para a dôr, cabia todo junto dentro do coração, e entre

[1] *Cant.*, I, 12.

aquelles sagrados peitos, que em differente côr haviam dado ao Filho o mesmo sangue que derramou: *Inter ubera mea commorabitur.*

E para que se veja quanto maior força tinha esta apprehensão e comprehensão de toda a Paixão por junto, para atormentar a alma da Mãe; vejamos os effeitos que fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto, foi tal o temor, o horror e a tristeza que concebeu dos tormentos de sua Paixão, que tres horas inteiras prostrado por terra pediu a seu Eterno Pae o absolvesse della: *Transeat à me calix iste.* [1] E finalmente vendo que não era possivel, segundo os decretos divinos, foi tal e tão estranha a sua agonia, que suou copioso sangue, e foi necessario que viesse um anjo a confortal-o. Neste ponto entrou o Senhor a padecer os mesmos tormentos, e todos soffreu com admiravel paciencia e constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem antecipar o sangue ás feridas, e sem que homem da terra, nem anjo do ceu o animasse: antes vendo que se acabavam, disse: *Sitio:* não tanto pela sêde que o atormentava, como pela sêde que tinha de mais padecer. Pois se agora padece com tanto valor, alegria e magnanimidade, sendo estes tormentos não outros, senão os mesmos que antevia e considerava no Horto; porque então lhe causaram tanto horror e lhe pareceram, e verdadeiramente eram, tão intoleraveis e insoffriveis, e agora não? Porque então estavam todos juntos na apprehensão e agora divididos no soffrimento: *Transeat à me calix iste:* então estavam todos os tormentos juntos em um calix, e este mesmo composto de todos os ingredientes da Paixão, que depois, bebidos por partes, eram muito inferiores á sua paciencia e valor; unidos todos e representados por junto, á mesma paciencia e valor eram insupportaveis e insoffriveis. Tal foi a differença dos tormentos, que agora padecia a Senhora, aos que tinha padecido ao pé da cruz! Estes foram como os que Christo padeceu no Calvario; aquelles como os que padeceu no Horto: estes, divididos e por partes, como tormentos desta vida; aquelles todos juntos e sem successão, como os da

[1] *Math.*, XXVI, 39.

eternidade e do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio.*

Finalmente, para que lhe não faltasse a circumstancia de dureza e rigor similhante á do ferro, notae, que sendo tão grandes, não bastaram a lhe tirar a vida. Foram tão excessivos os tormentos da Virgem na Paixão de seu Filho, que diz S. Bernardo, que se se repartissem por todas as creaturas viventes, bastariam a tirar a vida a todas. Mais. Era tão grande o amôr da Senhora, e o affecto ternissimo, com que desejava não se apartar da presença e vista de seu Filho, que teria por grande beneficio o morrer, para que elle não morresse, como dizia David na morte de Absalão, e já que isto não pudesse ser, ao menos morrer juntamente com elle. Pois se a Senhora desejava tanto a morte, e os tormentos eram bastantes para lhe tirar mil vidas; porque não morreu entre suas penas? Porque esta é a propriedade dos tormentos do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio:* não só dura, porque atormenta duramente, senão tambem, porque atormentando, endurece a quem atormenta; e matando, immortalisa para sempre matar. Nesta vida temem os homens a morte, e todos andam fugindo della: no inferno, pelo contrario, todos desejam morrer, e a morte foge de todos: *Fugiet mors ab eis.* [1] Eisaqui qual foi a dureza e o rigor dos tormentos e penas da Mãe de Deus, depois da morte de seu Filho. A de damno e a de sentido, ambas como as do inferno, em atormentar, e ambas como as do inferno em lhe não darem a morte.

Esta foi aquella grande maravilha que viu Moysés no deserto de Madian: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam; quare non comburatur rubus.* [2] O fogo desta vida consome tudo o que abraza: o fogo do inferno abraza e não consome. E que sarça era a que assim ardia, senão a que foi representada nella? e nunca com tanta propriedade como nesta hora toda espinhos, toda tormentos e toda dôres; mas toda ardendo em um fogo, que devendo-lhe tirar a vida, para maior continuação do sentimento, a conservava viva e immortal. O fogo do amôr e dos tormentos de Christo,

[1] *Apoc.*, IX, 6.
[2] *Exod.*, III, 3.

foi como fogo da terra, que lhe tirou a vida: *Fortis est ut mors dilectio:* o fogo do amôr e tormentos de Maria, foi como fogo do inferno, que a endureceu contra a morte: *Dura sicut infernus æmulatio.* E este foi o cerco, em que aquellas dôres puzeram a maior e mais angustiada alma, tão apertado, que o não podia soffrer a vida, e tão fechado, que o não podia alliviar a morte: *Dolores inferni circumdederunt me.*

Mas o que não puderam declarar as minhas palavras, vejam agora os olhos naquella piedosa Imagem, viva sem vida, e morta sem poder morrer: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam.*

PRATICA ESPIRITUAL

DA

CRUCIFIXÃO DO SENHOR *

Feita no collegio da Companhia de Jesus,
em S. Luiz do Maranhão

Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis. [1]

Temos em fim, christãos, ao padecente Jesus no monte Calvario, que este foi o logar que aquelle Senhor escolheu para theatro daquella tragedia, para campo daquella batalha, para templo daquelle sacrificio. Para theatro daquella tragedia, em que o Aman, o que tinha a maior graça d'el-rei Assuero, havia de ser pregado na cruz que estava apparelhada para Mardocheu. Para campo daquella batalha, em que David com um báculo, e com cinco pedras, havia de derrubar o Gigante, e cortar-lhe a cabeça com sua propria espada. Para templo daquelle sacrificio, em que o innocente Isaac, depois de levar a lenha ás costas, havia de ser posto sobre ella para ser sacrificado por seu proprio pai; não por culpas, que as não tinha, mas por obediencia: *Factus obediens usque ad mortem.* Era o monte Calvario até este dia o mais infame logar que havia no mundo: mas depois que se levantou nelle aquella cruz, e aquelle Crucificado, foi o mais glorioso, e o mais santo. Os mais celebrados montes que ha no mundo, é o monte Olympo, o monte Sinaï, o monte Thabôr, e o monte Olivete. Do monte Olympo criam fabulosamente os antigos, que era a columna

---

* É esta oração religiosa, uma das que colleccionou o padre André de Barros, já depois da morte de Vieira, sob o titulo de *Voz Compadecida.*

[1] *Ad Filip.*, II, 8.

que sustentava o céu: e tal é verdadeiramente o monte Calvario; porque se elle não fôra, não houvera céu para nós. No monte Sinaï deu Deus aos homens os dez preceitos da Lei; mas no monte Calvario se pagaram os peccados que se tinham commettido contra a mesma Lei, e se commetteram depois, e se commetterão até o fim do mundo. Do monte Olivete subiu Christo ao céu; mas no monte Calvario levantou a escada por onde nós tambem subissemos, que é a cruz em que hoje foi pregádo. No monte Thabôr mostrou Christo a poucos a sua gloria; mas no monte Calvario se pagou o preço della, que foi o seu sangue, para que o gozassemos todos. O' quanta confiança dá esta transformação do monte Calvario ao meu coração, de que possa vir a ter a mesma mudança! O monte Calvario era o mais infame e horrendo logar que tinha o mundo; mas se bem repararmos, christãos, os nossos corações ainda são logares mais infames e mais horrendos: *De corde exeunt cogitationes malæ, homicidia, adulteria, fornicationes, furta, falsa testimonia, blasphemiæ,* [1] diz Christo: Do coração sahem os homicidios, os adulterios, os furtos, os falsos testimunhos, as blasphemias, e todos os peccados. De sorte, que verdadeiramente são peiores e mais infames e horrendos os nossos corações, que o monte Calvario: porque no monte Calvario castigam-se os delinquentes, nos nossos corações formam-se os delictos: no monte Calvario castigam-se os matadores, nos nossos corações formam-se os homicidios: *De corde exeunt homicidia:* no monte Calvario castigam-se os ladrões, nos nossos corações formam-se os furtos: *De corde exeunt furta:* no monte Calvario castigam-se os adulteros, nos nossos corações formam-se os adulterios: *De corde exeunt adulteria:* no monte Calvario castigam-se os perjuros e blasphemos, nos nossos corações formam-se as blasphemias e os falsos testimunhos: *De corde exeunt falsa testimonia, blasphemiæ.* Eis aqui como os nossos corações são logares mais infames, e mais horrendos, que o monte Calvario. Mas assim como Christo crucificado transformou o Calvario, de monte infame e abominavel, em monte veneravel e santo, assim os nossos corações de logares de abominação e torpeza, se transformarão em

[1] *Matth.*, xv, 19.

logares de pureza e santidade, se nós puzermos hoje e fixarmos bem nelles um Christo crucificado. O' que proprio Calvario para um crucifixo um coração contricto e arrependido! Porque cuidaes que se poz Christo em uma cruz, senão para levar a si nossos corações? *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* [1] Quando fôr crucificado, diz o Senhor, tudo hei de levar apoz mim. E qual é o tudo de Deus neste mundo, senão o coração do homem? *Fili, præbe mihi cor tuum:* [2] Filho, dá-me o teu coração; não quero outra coisa. E haverá ainda quem em tal dia, e em tal hora, e em consideração de tal mysterio resista a Deus, e lhe negue o coração? Triste de ti, desgraçado coração, se a tal natureza e a tal obstinação chegaste. Mas vae ouvindo o que passa no Calvario, que ainda que sejas tão duro como as pedras delle, tu te abrandarás.

I

Posta a cruz naquelle logar do monte onde havia de ser levantada, em quanto uns abriam a cova, e outros preveniam os instrumentos, mandaram ao Senhor que se despisse; e esta foi a terceira vez em que o Senhor foi despido de suas vestiduras, não para as tornar a vestir, como das outras vezes, mas para nunca mais se vestir. Se no Pretorio custou tanto, como vimos, áquella Humanidade sagrada, este desamparo de sua modestia, já vêdes que seria na publicidade do monte Calvario, em tal cidade, em tal occasião, em tal hora? Mas todas estas circumstancias ordenou e dispoz o mesmo Senhor, que concorressem juntas, para que fosse mais publica a sua infamia e a sua affronta, e para que fosse maior a confusão das nossas soberbas. Para nascer escolheu o logar pequeno, uma cova retirada, e o silencio da meia noite: para morrer escolheu uma cidade como a de Jérusalem, onde concorriam as nações de todo o mundo, para que todo o mundo soubesse suas affrontas: escolheu um monte alto e descoberto, onde de todas as partes, ao perto, e

[1] *Joan.*, XII, 32.
[2] *Prov.*, XXIII, 26.

ao longe podessem ser vistas: escolheu o tempo e occasião da Paschoa, em que se ajuntavam em Jérusalem as familias de todo o reino, para que em todo se divulgassem: escolheu a hora do meio dia, em que fossem mais claras, mais notorias, e mais patentes a todos. E que depois de um exemplo como este, ainda ficasse soberba no mundo! E que depois de um exemplo como este, ainda dure no mundo nome de honra! E que depois de um exemplo como este, não sejam as injurias e affrontas estimadas e pretendidas! Desenganemo-nos, fieis, que não temos fé; desenganemo-nos, christãos, que não sômos christãos.

Despido, e com os olhos no chão o affrontadissimo Jesus, mandam-lhe que se deite na cruz. Levantou o Senhor os olhos ao céu, poz os joelhos em terra, cruzou as mãos sobre o peito, offerecendo-se ao sacrificio; e fazendo logo com grande sujeição e humildade o que lhe mandavam, deitou-se sobre a cruz, estendeu os braços sobre os braços, e os pés para a parte dos pés, e a cabeça sobre os espinhos. Esta foi a cama em que receberam para morrer aquelle Corpo tão cansado, tão chagado, e tão lastimado, que, quando não fôra de Deus, bastava ser do homem mais vil, para que o tratassem com mais humanidade os homens: mas se não ha piedade na terra, no céu a haverá. Eterno Padre, já Isaac está deitado sobre a lenha, já a espada está desembainhada, agora é o tempo de vir, e bradar o Anjo, e de ter mão no golpe: já está conhecida a obediencia de vosso Filho, já mostrou que estima mais a vossa vontade que a sua vida. Se é necessario sangue para a Redempção, já está derramado muito mais do que basta, tenha-se mão no golpe, Senhor, suspenda-se. Mas ai, que já os algozes teem nas mãos os cravos! Já vejo levantar os martellos. Ai, christãos, que perdoou Deus a Isaac, e não se quer agora parecer comsigo, nem perdoar a seu Filho! Execute-se o golpe, diz a Divina Justiça: préguem-se os pés, préguem-se as mãos, consume-se o sacrificio. Um dos mesmos cravos com que foi crucificado Christo, vi eu, e beijei: é da grossura quasi de um dedo, e de comprimento pouco maior. Com estes cravos começaram a pregar primeiro a mão esquerda, depois a direita, ultimamente os pés, estirando aquelle sagrado Corpo com tanta força e deshumanidade, que se lhe contavam os ossos: *Foderunt manus meas, et pedes meos, dinu-*

meraverunt omnia ossa mea. [1] E como nestas partes extremas do corpo humano se ajuntam e rematam os musculos e os nervos de todo elle, não se póde facilmente dizer quão excessivas foram as dores que o Senhor padeceu com tão crueis, e tão repetidos golpes. Diz a Sagrada Escriptura que quando se fabricou o templo de Salomão, não se ouviu em todo elle golpe de martelo. Ah, Templo Divino, figurado naquelle mesmo templo, que agora, quando vos desfazem, se ouvem tantas e tão crueis martelladas! Faziam ecco pelos valles daquelle monte; mas muito maior ecco faziam no coração da lastimada Mãe: no corpo do Filho davam as martelladas divididas, porque umas feriam os pés, outras a mão direita, outras a esquerda; porém na Senhora todas batiam e descarregavam juntas no mesmo logar, porque todas feriam o coração. Com todos os instrumentos do Calvario era martyrisado o coração da Senhora: e todos feriam o coração da Mãe, ainda os que não feriam o corpo do Filho; por isso Simeão chamou a todos espada: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* [2] Se repararmos nos instrumentos da Paixão de Christo, acharemos que nenhum delles foi espada: pois se na Paixão não houve espada, como diz Simeão á Senhora que a espada da Paixão de seu Filho lhe trespassaria a alma? *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* E' porque todos os instrumentos que concorreram na Paixão do Filho, foram espada para o coração da Mãe. Para o corpo do Filho a cruz era cruz, os cravos eram cravos, os martellos eram martellos; mas para o coração da Mãe a cruz era espada, os cravos eram espada, os martellos eram espada, porque todos penetravam suas entranhas, e lhe atravessavam o coração.

II

Assim crucificavam juntamente a Mãe, os que crucificavam o Filho: e que justa coisa fôra, christãos, que nos crucificaram tambem a nós, e que todos nos

[1] *Psalm.*, XXI, 17 e 18.
[2] *Luc.*, II, 35.

crucificaramos aqui hoje com o nosso crucificado Jesus! Olhae o que diz S. Paulo: *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis, et concupiscentiis:* [1] Os que são de Christo, crucificaram a sua carne com todos seus vicios, e com todos seus appetites. Christãos, pergunte-se agora cada um a si mesmo, examine sua consciencia, e veja se tem a sua carne crucificada com todos seus vicios, e com todos seus appetites, ou não? Os que acharem que teem a sua carne assim crucificada consolem-se muito, e deem muitas graças a Deus; porque é certo que são de Jesus Christo: *Qui sunt Christi:* mas os que acharem que não teem a sua carne assim crucificada, que ainda mal, porque serão muitos, desconsolem-se, entristeçam-se, temam, tremam, e tenham-se por infelizes e desgraçados; porque não são de Jesus Christo. O' que desgraça tão grande minha e vossa! Que vós vos chameis christãos, e que não sejaes de Christo! Que eu me chame da Companhia de Jesus, e que não seja de Jesus! Mas confiança, christãos da minha alma, que estamos em bom dia: agora estão crucificando a Christo, crucifiquemo-nos com elle na mesma cruz. Vède o que dizia de si o mesmo S. Paulo: *Christo confixus sum cruci:* [2] Eu estou crucificado com Christo na sua cruz. Crucifiquemo-nos, christãos, com Christo na sua cruz, e não nos pareça que será estreita para tantos, que onde coube Deus, todos caberemos. Os cravos com que nos havemos de crucificar, são aquelles que pedia David a Deus: *Confige timore tuo carnes meas:* [3] Senhor, pregae a minha carne com o vosso temôr. O' que tres cravos tão fortes os do temôr de Deus! Temôr de o ter offendido, temôr de o estar offendendo, temôr de o poder offender. O temôr de o ter offendido traz comsigo o arrependimento de todos os peccados passados: o temôr de o estar offendendo traz comsigo a emenda de todos os peccados presentes: o temôr de o poder offender traz comsigo o proposito firme para todos os peccados futuros. O primeiro cravo do temôr de Deus prégа-o um algoz, que se chama Pensamento da Morte: o segundo cravo do temôr de Deus prégа-o outro

[1] *Ad Gal.*, v, 24.
[2] *Ibid.*, II, 19.
[3] *Psalm.*, CXVIII, 120.

algoz, que se chama Pensamento do Juizo: o terceiro cravo do temôr de Deus prega-o outro algoz, que se chama Pensamento do Inferno. Deite-se o christão na cruz de Christo; entregue-se nas mãos destes tres pensamentos: deixe-os dar uma martellada e outra martellada na consideração, e logo verá como acha a sua carne crucificada com todos seus vicios e appetites, de modó que não tenham pés para dar passo, nem mãos para fazer acção que sejam em desserviço de Deus. Mas, ai! Mas, ai! e tomára que este ai chegára ás quatro partes do mundo! Em vez de nós nos crucificarmos com Christo, como disse S. Paulo, nós sômos os que crucificamos outra vez a Christo, como diz o mesmo Apostolo: *Rursum crucifigentes Filium Dei.* [1] Todas as vezes que peccamos, tornamos, quanto é da nossa parte, a crucificar ao Filho de Deus; porque ao Filho de Deus crucificaram-no os peccados de todas as idades os presentes, os passados e os futuros—e estes futuros são os nossos. Pois como nos atrevemos a crucificar ao mesmo Jesus? Para que conheçaes quão horrenda maldade é esta, e quão indigna de todo perdão, ouvi ao mesmo Senhor.

Quando tão cruelmente estavam crucificando ao bom Jesus, levantou o Senhor a voz ao Eterno Pae, e disse assim: (Se ha algum tão máu christão neste auditorio que ainda não tenha perdoado de todo o coração a seus inimigos, por maiores aggravos e affrontas que tenha recebido delles, oiça estas palavras do Filho de Deus no meio das maiores suas) *Pater, dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt:* [2] Pai, perdoae a estes que me crucificam, porque não sabem o que fazem. Ah, miseravel de mim, e de todos os que tão mal nos aproveitamos da fé, e do conhecimento que Deus nos tem dado! As mesmas palavras de Christo que desculpam aos que o crucificavam, nos culpam e nos condemnam a nós. Os que crucificaram a Christo no monte Calvario, merecem perdão é teem desculpa, porque não sabiam o que faziam, nem conheciam a quem crucificavam; mas quando crucificamos a Christo com nossos peccados, não temos desculpa nenhuma, e somos totalmente indignos de perdão; porque

[1] *Ad Hebr.*, VI, 6.
[2] *Luc.*, XXIII, 34.

crêmos que Christo é Deus, e crêmos que morreu por nós, e crêmos que nos ha de vir a julgar, e comtudo crucificamol-o. Se o mesmo Christo, advogado nosso, e que tanto nos ama, não achar razão com que nos defender, vède que será de nós. Valha-nos sua misericordia infinita, que só por ser infinita nos póde valer.

III

Pregado emfim na cruz o nosso amoroso e pacientissimo Jesus, tomaram os algozes a cruz em peso, e ficou arvorado no monte Calvario o estandarte de nossa Redempção com o verdadeiro Crucifixo. O' que dôr, ó que tormento, ó que afflição, ó que ancia foi a daquella Humanidade sagrada neste rigorosissimo acto! Cahiu a Cruz de golpe na cova, que era funda, estremeceu, e ficou suspenso o corpo com todo o peso; e com este abalo de todos os membros, e de todas as vèas, as quatro fontes de sangue que estavam abertas, começaram a correr com maior impeto, e a regar a terra. Da fonte do Paraizo terreal, diz a Sagrada Escriptura, que se dividia em quatro partes, para regar a superficie de toda a terra. Que quatro fontes são estas, senão as daquelle Corpo, sagrado Paraizo do segundo Adão, Jesus?

Correm estas quatro fontes no monte Calvario, e nelle se dividem em quatro rios por todas as quatro partes do mundo, e não ha terra a quem não alcancem: todos os que aqui estamos temos parte naquelle divino sangue (e que fôra de nós se a não tiveramos); o fim para que correm estas fontes e estes rios é, para que nossas almas leprosas se lavem e fiquem limpas da lepra de nossos peccados: *Qui dilexit nos, et lavit nos à peccatis nostris in sanguine suo.* [1] Se Naamão Syro, com se lavar nas aguas do Jordão, ficou limpo da sua lepra, quanto mais ficarão limpas as nossas almas da lepra de nossos peccados, lavando-nos nestes sagrados rios? Ora, pois, almas christãs, cheguemos, cheguemos áquellas fontes. Os que se sentem mais ama-

[1] *Apoc.*, I, 5.

dos, cheguem á fonte da mão direita: os que se sentem mais desfavorecidos, cheguem á fonte da mão esquerda: os que se sentem mais indignos, humilhados cheguem-se ás duas fontes dos sagrados pés, que correm pelo mesmo canal em maior copia. Lavae, christãos, e cada um lave aquelle vicio que mais afêa a sua alma: lavem-se nesta fonte de humildade as soberbas: lavem-se nesta fonte de pureza as deshonestidades; lavem-se nesta fonte de liberalidade as cubiças e avarezas; lavem-se nesta fonte de liberalidade os odios, mundo: *Amplius lava me ab iniquitate mea.* [1] Lavae, as invejas, as vinganças; lavem-se nesta fonte de toda a santidade, todos os nossos peccados e maldades do Senhor, a minha alma, uma e outra vez, com um e outro sangue dessas fontes; com o sangue dessa mão direita, á qual no dia do Juizo haveis de ter os vossos predestinados; com o sangue da mão esquerda, que está mais perto desse amoroso coração; com o sangue desses santissimos pés, que foram o refugio da Magdalena e o de todos os peccadores.

Ah, christãos, que quanto mais corre o sangue, tanto mais enfraquece e se afflige aquelle atormentadissimo corpo! O' que affligido, que anciado, que angustiado vos vejo, meu Jesus! Se o Senhor se queria firmar sobre o cravo dos pés, lastimavam-se mais os pés; se se queria suspender sobre os cravos das mãos, rasgavam-se mais as mãos; se se queria arrimar á cruz, cravavam-se mais os espinhos: faltavam-lhe as forças para o trabalho; faltava-lhe o sangue para o alento; faltava-lhe o ar para a respiração; e até a terra, que não falta aos bichinhos della, faltava ao Creador do céu e da terra. Póde-se considerar mais extrema miseria e desamparo? Que morra o Filho de Deus, e que o matem os homens; e que nem sete pés de terra sobre que morrer, lhe concedam! O' extremo de ingratidão, só igual ao extremo de tal amôr!

Levantado o Senhor na cruz, levantaram tambem as outras duas, em que estavam crucificados os dois ladrões; e ficou um á mão direita, outro á esquerda de Christo, para que os que o vissem naquella companhia, o julgassem por cumplice dos mesmos delictos; e assim era: passavam os caminhantes que vinham

[1] *Psalm.* L, 4.

para Jérusalem, viam aquellas cruzes levantadas no Calvario, perguntavam quem eram os crucificados, e porque causa? E respondiam-lhes, que eram tres ladrões, que sahiram a justiçar. Os que estavam olhando desde os muros da maldita cidade, os que estavam no Calvario, e os caminhantes que passavam, todos, dizem os Evangelistas, que blasphemavam ao Senhor: só o sol acudiu pelo credito de seu Creador nesta occasião. Tanto que o Senhor foi levantado na cruz, no mesmo ponto se escureceu o sol, e ficou o mundo todo em trevas: *Tenebræ factæ sunt in universam terram.* [1] Admirou-se S. Dionizio Areopagita, e admirou-se o mundo todo deste tão notavel eclipse: mas o que foi mais para admirar é, que este eclipse tão milagroso, estas trevas tão notaveis e prodigiosas, não alluminaram os entendimentos, e não deram luz aos olhos daquelle povo cego e obstinado. Quando Christo fazia milagres, quando dava vista aos cegos, saude aos enfermos, e vida aos mortos, diziam que não criam nelle, porque não fazia milagres do céu: *Quaærentes ab illo signum de cœlo.* [2] Pois se agora vêdes um tão extraordinario milagre do céu, e em tal occasião, porque não credes, porque não vos converteis? Isto é o que me faz admirar, isto é o que me faz tremer, e o que deve atemorisar e encolher muito a todos. Sabeis, christãos, porque não se converteram, nem com este ultimo milagre? E' porque lhes faltou o auxilio e graça efficaz de Deus, a qual elles desmereciam pelos peccados passados, e morreram nelles, como o mesmo Christo lhes tinha prophetisado: *In peccato vestro moriemini.* [3] Cuidamos que temos a conversão certa todas as vezes que quizermos; e enganamo-nos. Para um homem se converter é necessario concorra Deus com a sua graça, e o homem com o seu alvedrio; e porque Deus quer muitas vezes, e nós não queremos, tambem quando nós queremos, Deus não quer. Christãos, tratemos de nos aproveitar na vida, não guardemos a nossa conversão para a morte, que é muito arriscada. Dizei-me: podia haver dia mais privilegiado, e hora melhor para morrer, que esta do

[1] *Luc.*, XXIII, 44.
[2] *Marc.*, VIII, 11.
[3] *Joann.*, VII, 21 e 24.

monte Calvario? Não; não a havia, nem a haverá jámais: e como morreram dois homens que estavam ao lado de Christo nadando no diluvio de seu sangue? Um, que foi o bom ladrão, disse: *Domine, memento mei;* [1] e salvou-se: o outro morreu blasphemando de Christo, e condemnou-se. Pois se de dois homens que morrem em companhia de Christo; se de dois homens, que morrem cobertos do sangue de Christo, quando lhe sahia das vêas; se de dois homens que morrem com o exemplo de Christo nos olhos, e com as vozes de Christo nos ouvidos; se de dois homens que morrem com o milagre do sol, e todos os que depois succederam á vista; se de dois homens que morrem com a Virgem Maria advogada de peccadores junto a si; se de dois homens que morrem no dia da maior misericordia, e em que Deus esteve com os braços abertos, com as veias abertas, com o coração aberto, um só se salva e o outro se condemna, que será de vós, que não sabeis em que dia, nem em que hora morrereis, nem se tereis comvosco na mesma casa a companhia que vos ajude a merecer a condemnação? Peccamos uma vez, e peccamos mil vezes, e continuamos nos nossos peccados, confiados em que Deus é de misericordia, e todas as vezes que quizermos, nos converteremos a elle: e é engano e tentação fortissima do diabo, e a que teem no inferno todos os christãos, que lá estão ardendo. Meus irmãos da minha alma, lançar mão da inspiração, quando Deus a dá; e se Deus a dá nesta hora, aproveitemo-nos della, que não sabemos se será a ultima.

IV

Promettido o Paraizo ao ladrão que se arrependeu, tratou o Senhor de se despedir, e de fazer seu testamento. Bens deste mundo, de que testar, não os tinha, porque nunca os tivera; e os pobres vestidos com que se cobria, que é só o que possuia, não os deixou, nem os póde deixar; porque pertenciam aos algozes, como vestidos de um homem justiçado, e já os tinham re-

[1] *Luc.*, XXIII, 42.

partido e jogado diante de seus olhos: o que só tinha, e lhe restava nesta vida, e desta vida, era uma Mãe, mais morta que viva, e um amigo, que de todos só lhe fôra fiel. Olhou pois para a Mãe e para o discipulo amado, e disse á Mãe: *Mulher, eis-ahi o teu Filho;* e ao discipulo: *Eis-ahi a tua Mãe.* Que breves palavras, mas que agudas e lastimosas! Agudas e lastimosas para o coração da Mãe; agudas e lastimosas para o coração do Filho. No Apocalypse diz o mesmo S. João, que agora estava ao pé da cruz, que viu sahir da bocca de Christo uma espada, que era aguda de ambas as partes: *Utraque parte acutus:* [1] não tinha cabos esta espada, senão ponta para uma parte e para a outra. Que espada foi esta que sahiu da bocca de Christo, senão estas palavras ultimas que disse o Senhor a sua Mãe? Espada com ponta para fóra, e espada com ponta para dentro: com ponta para fóra, com que feria e magoava o coração da Mãe, a quem se diziam; e com ponta para dentro, com que feria e magoava o coração do Filho, que as dizia: Mulher, eis ahi o vosso Filho; porque o Filho que tinheis, já o não tendes. Mulher, vêdes ahi o vosso Filho, que vos acompanhe, e vos sustente; porque o Filho que atégora vos acompanhava, e em Nazareth vos sustentava com trabalho de suas mãos, já as não tem, porque as tem pregadas, e cêdo não terá vida. Mulher, eis ahi o vosso Filho; porque não ha bem que dure nesta vida: atégora ereis Mãe do Filho de Deus; d'aqui por diante sereis Mãe do filho de Zebedeu.

Considerae, almas devotas, qual seria a dôr daquella tão amorosa e affligida Mãe, ouvindo estas palavras! Quanto lhe partiria o coração, vêr que em logar do seu Jesus lhe davam outro filho! Quanto lhe magoaria a alma, que já o seu Filho lhe não dava o nome de Mãe, senão o de Mulher! Grande admiração e duvida tem causado aos Santos esta palavra, a qual se accrescenta mais, se advertirmos que tambem a seu Pae tratou o Senhor com os mesmos termos. Viu-se o Senhor na cruz em tal extremo de afflicção e desamparo, não só exterior no corpo, senão ainda interior na alma, que exclamou a seu Eterno Pai, dizendo: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti*

[1] *Apoc.*, I, 16.

me? [1] Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes? De maneira que pelos mesmos termos tratou Christo na cruz a seu Eterno Pai, e a sua Mãe Santissima: ao Eterno Pai chamou-lhe Deus, e não lhe chamou Pae; á Mãe Santissima chamou-lhe Mulher, e não lhe chamou Mãe. Pois porque razão nesta hora, em que as palavras costumam ser as mais enternecidas, e as de maior amôr, a seu Pai não deu o nome de Pai, e a sua Mãe não deu o nome de Mãe? A razão foi, diz Santo Ildefonso, respondendo á primeira destas questões, porque estava o Filho de Deus tão affrontado e deshonrado naquella cruz entre dois ladrões, que por não affrontar nem deshonrar como bom Filho a seus Pais, nem ao Pai quiz chamar Pai, nem á Mãe quiz chamar Mãe. Duas vezes na cruz chamou Christo ao Pai Pai, e duas vezes lhe chamou Deus: mas notae que quando lhe chamou seu, chamou-lhe Deus; e quando lhe chamou Pai, não lhe chamou seu. O filho Prodigo vendo-se naquelle ignominioso estado, teve por coisa indigna chamar-se filho de seus Pais: *Non sum dignus vocari filius tuus;* [2] assim Christo neste caso, como se dissesse: Não vos chamo Pai, Deus meu: não vos chamo Mãe, Mãe minha; porque neste affrontoso estado em que me vejo, não sou digno de me chamar Filho de taes Pais: meu Pai por natureza é impeccavel, minha Mãe por graça é sem peccado; e eu que tenho ás minhas costas os peccados de todo o mundo, estou justiçado em uma cruz, como peccador e malfeitor, como me hei de atrever a chamar Pai a tal Pai, nem chamar Mãe a tal Mãe?

Não chamou Christo Mãe a sua Mãe: mas tratou-a naquella hora muito como Filho, muito lembrado e agradecido, não só por satisfazer á obrigação de Filho, e dar exemplo aos filhos, como ainda na hora da morte se hão de lembrar do remedio e amparo de seus paes, principalmente se são pobres; mas para dar exemplo a todos os fieis da devoção e piedade que devem ter com esta Senhora, e para acabar com este bem as obras de toda a sua vida. Assim o diz Santo Ambrosio: *Denique hoc dixit; et emisit spiritum, con-*

[1] *Math.*, XXVII, 46.
[2] *Luc.*, XV, 19.

summans omne mysterium bono fine pietatis. Guardou o Senhor para a ultima clausula da vida a piedade e recommendação de sua Mãe, para acabar a vida com este bom fim: *Consummans omne mysterium bono fine pietatis.* Christãos da minha alma, quereis bom termo para a vossa vida? Quereis acabar a vossa vida com bom fim? Sêde muito devotos da Virgem Maria, cujos mysterios estes dias celebramos. Tomemos todos nesta hora a Virgem Maria por nossa Mãe, e por todo nosso bem, como a tomou o Evangelista: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in suam.* [1] O' pais, tomae esta Senhora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua.* O' mães, tomae esta Senhora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua.* O' filhos, tomae esta Senhora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua.* E adverti que os tres primeiros meninos que aqui começaram a entoar o Terço do Rosario, já a todos tres tomou a Senhora por verdadeiros filhos seus: um o tomou por filho Nossa Senhora do Carmo; outro o tomou por filho Nossa Senhora da Luz; outro o tomou por filho Nossa Senhora das Mercês.

V

Encommendada a Mãe Santissima, não faltava por se cumprir em Christo mais que a ultima prophecia. Como todo o sangue do corpo se tinha esvahido pelos açoites, pela corôa, e pelas chagas dos cravos, era extrema a sêde que o Senhor padecia, de que estava estalando; mas não por allivio della, que bem sabia que lh'o não havia de dar a impiedade de seus inimigos, mas por dar cumprimento á prophecia, disse o Senhor: *Sitio:* [2] Tenho sêde. Acudiram logo com uma esponja molhada em fel e vinagre, applicaram-na á bocca do Senhor, a qual tanto que gostou, disse: *Consummatum est:* [3] Já tudo está acabado e consummado. Faltava só o fel e vinagre para complemento dos tormentos da Paixão do Senhor; porque todos os

[1] *Joan.*, XIX, 27.
[2] *Joan.*, XIX, 28.
[3] *Ibid.*, 30.

outros membros, todas as outras potencias e sentidos, tinham padecido seu tormento particular, só o sentido do gosto não. A cabeça estava atormentada com a corôa; as mãos e pés com os cravos; os hombros com a cruz; as costas com os açoites; os cabellos arrancados; a pelle estava esfolada; as veias rasgadas; os nervos estirados; os ossos desconjuntados; o sangue derramado; a vida tinha padecido os tormentos na honra com as affrontas; a fazenda nos vestidos, que era tudo o que possuia; a memoria padecia na lembrança dos peccados; o entendimento na consideração das tyrannias presentes; a vontade na dôr das ingratidões futuras; os olhos tinham padecido na vista da desconsolada Mãe; os ouvidos nas invejas e blasphemias; o olfato no cheiro dos horrores e corrupção do Calvario; o tacto nas penas de todo o corpo: só faltava tormento particular para o gosto, que foi o fel e vinagre; e neste se consummaram todos os tormentos: *Consummatum est.*

Tendo o Senhor assim consummado todas as acções e obrigações de Redemptor, recolheu-se o Senhor comsigo e com Deus no silencio do seu espirito, esperando que acabasse de chegar a morte, e dando este exemplo para nos ensinar a morrer. Christãos: quereis morrer christãmente, acabae antes de morrer: primeiro disse o Senhor: *Consummatum est:* Já se acabou tudo; e então esperou pela morte. O imperador Carlos v dava um governo a um seu grande capitão, e elle escusou-se, dizendo, que queria metter tempo entre a vida e a morte, e queria acabar a vida antes de morrer. E o imperador pareceu-lhe tão bem este conselho, que o tomou para si. Christãos, o que havemos de fazer na infermidade, e na morte, façamol-o na saude, e na vida: examinemos muito de proposito nossa consciencia; façamos uma confissão muito bem feita, como quem se confessa para dar conta a Deus; componhamos nossas coisas; digamos: *Consummatum est*, e então esperemos pela morte, como Christo fez. Passado algum espaço neste profundo silencio, levantou o Senhor a voz e os olhos ao céu, dizendo: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum:* [1] Padre, em vossas mãos encom-

[1] *Luc.*, XXVII, 46.

mendo o meu espirito; e inclinando a cabeça... Parae, que não é golpe este para se levar de uma vez.

Perguntam os Santos, porque inclinou o Senhor a cabeça? E respondem alguns contemplativos, que foi para o Senhor nos dar um sim universal para todas nossas petições. Pedis a Christo crucificado vos perdoe vossos peccados? Sim. Pedis a um Christo crucificado, que vos livre das tentações do demonio? Sim. Pedis a um Christo crucificado, que vos acuda em todas vossas necessidades, ainda temporaes? Sim. E' possivel, Senhor, que ainda que ajudei aos que vos crucificaram, me fazeis participante do preço desse sangue? Sim. E' possivel, Senhor, que ainda que vos tenho offendido tanto em minha vida, me recebereis nesses braços que tendes abertos? Sim. E' possivel, Senhor, que ainda que eu seja tão infiel e tão ingrato, abrireis esse coração para me metter nelle? Sim. O bemdito seja tal sangue, bemdita seja tal misericordia. O que se seguiu depois de o Senhor inclinar a cabeça, não me atrevo eu, christãos, a o pronunciar, nem me atrevo a o dizer; mas dir-vos-hei quem vol-o diga. Quando um Senhor está em passamento, os que estão nas salas de fóra, estão duvidosos e suspensos; mas tanto que ouvem levantar o pranto, resolvem-se que expirou. Eu não vos digo outro tanto, christãos; mas digo-vos, que tanto que o Senhor inclinou a cabeça, o véu do Templo se rasgou, as pedras se quebraram, as sepulturas se abriram, a terra tremeu, os montes se bateram uns com os outros, o mar e todos os elementos com estrondo horrendo parece que queriam acabar o mundo, e acabar-se a natureza mesma de sentimento. Pois se os elementos (christãos), se as pedras duras, que não teem sentimento, mostram dôr e sentimento na morte de seu Creador, sendo que não morreu por elles; nós, por quem morreu, e por quem padeceu tanto, como não se desfarão nossos corações de dôr e contrição? Se choramos pelos pais, se choramos pelos amigos, que amigo mais fiel? Se choram as esposas pelos esposos, que Esposo como aquelle Esposo de nossas almas? Mas já que as minhas vozes [1] .....
.....

[1] O resto d'este discurso não appareceu entre os papeis posthumos de Vieira, colleccionados pelo padre André de Barros.

SERMÃO

DO

BOM LADRÃO*

Prégado na Igreja da Misericordia de Lisboa, no Anno de 1655

Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum: Hodie mecum eris in Paradiso.

I

Este sermão, que hoje se prége na Misericordia de Lisboa, e não se prége na Capella Real, parecia-me a mim, que lá se havia de prégar e não aqui. Daquella pauta havia de ser e não desta. E porque? Porque o Texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence á magestade daquelle logar, e nada á piedade deste. Uma das coisas que diz o Texto, é que foram sentenciados em Jérusalem dois ladrões, e ambos condemnados, ambos executados, ambos crucificados e mortos, sem lhes valer procurador, nem embargos. Permitte isto a Misericordia de Lisboa? Não. A primeira diligencia que faz, é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande auctoridade, poder e industria: e o primeiro timbre deste procurador, é fazer honra de que nenhum malfeitor seja justiçado em seu tempo. Logo esta parte da historia não pertence á Misericordia de Lisboa. A outra parte (que é a que tomei por thema) toda pertence ao Paço e á Capella Real. Nella se falla com o rei: *Domine:* nella se trata

---

* D'este sermão diz o padre Honorati, que é um dos melhores de todo o genio de Vieira, o qual fazia timbre de não contemporisar com os vicios dos grandes. *(Crisosth. Port.*, t. II, pag. 523).

[1] *Luc.*, XXIII.

do seu reino: *cum veneris in Regnum tuum:* [1] nella se lhe presentam memoriaes: *memento mei:* e nella os despacha o mesmo rei logo, e sem remissão a outros tribunaes: *hodie mecum eris in Paradiso.* O que me podia retrahir de prégar sobre esta materia, era não dizer a doutrina com o logar. Mas deste escrupulo, em que muitos prégadores não reparam, me livrou a prégação de Jonas. Não prégou Jonas no Paço, senão pelas ruas de Ninive, cidade de mais longes que esta nossa; e diz o Texto sagrado que logo a sua prégação chegou aos ouvidos do rei: *Pervenit verbum ad Regem.* [2] Bem quizera eu, que o que hoje determino prégar, chegára a todos os reis, e mais ainda aos estrangeiros que aos nossos. Todos devem imitar ao Rei dos Reis; e todos têm muito que aprender nesta ultima acção de sua vida. Pediu o bom ladrão a Christo, que se lembrasse delle no seu reino: *Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* E a lembrança que o Senhor teve delle, foi que ambos se vissem juntos no Paraizo: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Esta é a lembrança que devem ter todos os Reis, e a que eu quizera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraizo, senão de os levar comsigo: *Mecum.* Nem os Reis pódem ir ao Paraizo sem levar comsigo os ladrões, nem os ladrões pódem ir ao inferno sem levar comsigo os Reis. Isto é o que hei de prégar. *Ave Maria.*

II

Levarem os Reis comsigo ao Paraizo ladrões, não só não é companhia indecente, mas acção tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ella coroou e provou o mesmo Christo a verdade do seu reinado, tanto que admittiu na cruz o titulo de rei. Mas o que vêmos praticar em todos os reinos do mundo, é tanto pelo contrario, que em vez de os reis levarem comsigo os ladrões ao Paraizo, os ladrões são os que levam comsigo os reis ao inferno. E se isto é assim, como logo mostrarei com evidencia, ninguem me póde estranhar a clareza, ou publicidade com que fallo, e fallarei em

---

[1] *Luc.*, XXIII, 42 e 43.
[2] *Jon.*, III, 6.

materia que envolvé tão soberanos respeitos; antes admirar o silencio e condemnar a desattenção com que os prégadores dissimulam uma tão necessaria doutrina, sendo a que devèra ser mais ouvida e declamada nos pulpitos. Seja, pois, novo hoje o assumpto, que devèra ser mui antigo e mui frequente, o qual eu proseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fructo, quanto vejo ennobrecido o auditorio presente com a auctoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes, sobre cujo conselho e consciencia se costumam descarregar as dos reis.

III

E para que um discurso tão importante e tão grave vá assentado sobre fundamentos solidos e irrefragaveis, supponho primeiramente, que sem restituição do alheio não póde haver salvação. Assim o resolvem com S. Thomaz todos os theologos: e assim está definido no Capitulo *Si res alinea*, com palavras tiradas de Santo Agostinho, que são estas: *Si res alinea propter quam peccatum est, reddi potest, et non redditur, pœnitentia non agitur, sed simulatur. Si autem veraciter agitur non remittitur peccatum nisi restituatur ablatum, si, ut dixi restitui potest.* Quer dizer: se o alheio que se tomou ou retem, se póde restituir e não se restitue, a penitencia deste e dos outros peccados não é verdadeira penitencia, senão simulada e fingida, porque se não perdôa o peccado sem se restituir o roubado, quando quem o roubou tem possibilidade de o restituir. Esta unica excepção da regra foi a felicidade do bom ladrão, e esta a razão porque elle se salvou, e tambem o máu se podéra salvar sem restituirem. Como ambos sahiram do naufragio desta vida despidos, e pegados a um pau, só esta sua extrema pobreza os podia absolver dos latrocinios que tinham commettido, porque impossibilitados á restituição, ficavam desobrigados della. Porém se o bom ladrão tivera bens com que restituir, ou em todo, ou em parte o que roubou, toda a sua fé e toda a sua penitencia tão celebrada dos Santos, não bastára a o salvar, se não restituisse. Duas coisas lhe faltavam a este venturoso homem para se salvar, uma como

bom ladrão que tinha sido, outra como christão que começava a ser. Como ladrão que tinha sido, faltava-lhe com que restituir: como christão que começava a ser, faltava-lhe o baptismo, mas assim como o sangue, que derramou na cruz, lhe suppriu o baptismo, assim a sua desnudez, e a sua impossibilidade lhe suppriu a restituição, e por isso se salvou. Vejam agora, de caminho, os que roubaram na vida; e nem na vida, nem na morte restituiram, antes na morte testaram de muitos bens, e deixaram grossas heranças a seus successores; vejam onde irão, ou terão ido suas almas, e se se podiam salvar.

Era tão rigoroso este preceito da restituição na Lei velha, que se o que furtou não tinha com que restituir, mandava Deus que fosse vendido, e restituisse com o preço de si mesmo: *Si non habuerit quod pro furto reddat, ipse venundabitur.* [1] De modo que em quanto um homem era seu, e possuidor da sua liberdade, posto que não tivesse outra coisa, até que não vendesse a propria pessoa, e restituisse o que podia com o preço de si mesmo, não o julgava a Lei por impossibilitado á restituição, nem o desobrigava della. Que uma tal Lei fosse justa, não se póde duvidar, porque era Lei de Deus, posto que o mesmo Deus na Lei da graça derogou esta circumstancia de rigor, que era de direito positivo; porém na Lei natural, que é indispensavel, e manda restituir a quem póde, e tem com quê, tão fóra esteve de variar ou moderar coisa alguma, que nem o mesmo Christo na cruz prometteria o Paraizo ao ladrão, em tal caso, sem que primeiro restituisse. Ponhamos outro ladrão á vista deste, e vejamos admiravelmente no juizo do mesmo Christo a differença de um caso a outro.

Assim como Christo Senhor nosso disse a Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiso:* Hoje serás comigo no Paraizo, assim disse a Zacheo: *Hodie salus domui huic facta est;* [2] hoje entrou a salvação nesta tua casa. Mas o que muito se deve notar, é que a Dimas prometteu-lhe o Senhor a salvação logo, e a Zacheu não logo, senão muito depois. E porque, se ambos eram ladrões, e ambos convertidos? Porque Dimas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir o que roubára;

---

[1] *Exod.*, XXII, 3.
[2] *Luc.*, XIX, 9.

Zacheo era ladrão rico, e tinha muito com que restituir: *Zacheus princeps erat publicanorum et ipse dives.* [1] diz o Evangelista. E ainda que elle o não dissera, o estado de um e outro ladrão o declarava assás. Porque? Porque Dimas era ladrão condemnado e se elle fôra rico, claro está que não havia de chegar á forca; porém Zacheu era ladrão tolerado, e a sua mesma riqueza era a immunidade que tinha para roubar sem castigo, e ainda sem culpa. E como Dimas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir, tambem não tinha impedimento a sua salvação, e por isso Christo lh'a concedeu no mesmo momento. Pelo contrario: Zacheu como era ladrão rico, e tinha muito com que restituir, não lhe podia Christo segurar a salvação antes que restituisse, e por isso lhe dilatou a promessa. A mesma narração do Evangelho é a melhor prova desta differença.

Conhecia Zacheu a Christo só por fama, e desejava muito vêl-o. Passou o Senhor pela terra, e como era pequeno de estatura, e o concurso muito, sem reparar na auctoridade da pessoa e do officio: *Princeps Publicanorum*, subiu-se a uma arvore para o vêr, e não só viu, mas foi visto, e muito bem visto. Pôz nelle o Senhor aquelles divinos olhos, chamou-o por o seu nome, e disse-lhe que se descesse logo da arvore, porque lhe importava ser seu hospede naquelle dia: *Zachæus festinans descende, quia hodie in domo tua oportet me manere.* [2] Entrou, pois, o Salvador em casa de Zacheu, e aqui parece que cabia bem o dizer-lhe que então entrára a salvação em sua casa; mas nem isto, nem outra palavra disse o Senhor. Recebeu-o Zacheu, e festejou a sua vinda com todas as demonstrações de alegria: *Excepit illum gaudens;* e guardou o Senhor o mesmo silencio. Assentou-se á meza abundante de iguarias, e muito mais de boa vontade, que é o melhor prato para Christo, e proseguiu na mesma suspensão. Sobre tudo disse Zacheu, que elle dava aos pobres ametade de todos seus bens: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus.* E sendo o Senhor aquelle que no dia do Juizo só aos merecimentos da esmola ha de premiar com

[1] *Luc.*, XIX. 2.
[2] *Ibid.*, v, 6 e 8.

o reino do céu; quem não havia de cuidar que a este grande acto de liberalidade com os pobres responderia logo a promessa da salvação? Mas nem aqui mereceu ouvir Zacheu o que depois lhe disse Christo. Pois, Senhor, se vossa piedade e verdade tem dito tantas vezes, que o que se faz aos pobres se faz a vós mesmo, e este homem na vossa pessoa vos está servindo com tantos obsequios, e na dos pobres com tantos empenhos: se vos convidastes a ser seu hospede para o salvar, e a sua salvação é a importancia que vos trouxe a sua casa: se o chamastes, e acudiu com tanta diligencia: se lhe dissestes que se apressasse: *Festinans descende*, e elle se não deteve um momento; porque lhe dilataes tanto a mesma graça, que lhe desejaes fazer, porque o não acabaes de absolver, porque lhe não seguraes a salvação? Porque este mesmo Zacheu, como cabeça de publicanos: *Princeps publicanorum*, tinha roubado a muitos; e como rico que era: *Et ipse dives*, tinha com que restituir o que roubára; e em quanto estava devedor, e não restituia o alheio, por mais boas obras que fizesse, nem o mesmo Christo o podia absolver; e por mais fazenda que despendesse piamente, nem o mesmo Christo o podia salvar. Todas as outras obras que depois daquella venturosa vista fazia Zacheu, eram muito louvaveis; mas em quanto não chegava a fazer a da restituição, não estava capaz da salvação. Restitua e logo será salvo; e assim foi. Accrescentou Zacheu, que tudo o que tinha mal adquirido restituia em quatro dobros: *Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* [1] E no mesmo ponto o Senhor, que até alli tinha calado, desfechou os thesouros de sua graça, e lhe annunciou a salvação: *Hodie salus domui huic facta est.* De sorte que ainda que entrou o Salvador em casa de Zacheu, a salvação ficou de fóra; porque em quanto não sahiu da mesma casa a restituição, não podia entrar nella a salvação. A salvação não póde entrar sem se perdoar o peccado, e o peccado não se póde perdoar sem se restituir o roubado: *Non dimittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.*

[1] *Luc.*, XIX, 8.

IV

Supposta esta primeira verdade, certa e infallivel; a segunda coisa que supponho com a mesma certeza, é que a restituição do alheio sob pena da salvação, não só obriga aos subditos e particulares, senão tambem aos sceptros e ás corôas. Cuidam, ou devem cuidar alguns principes, que assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A Lei da restituição é Lei natural e Lei divina. Emquanto Lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguaes a todos; e em quanto Lei divina tambem os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que elles. Esta verdade só tem contra si a pratica e o uso. Mas por parte deste mesmo uso argumenta assim Santo Thomaz, o qual é hoje o meu Doutor, e nestas materias o de maior auctoridade: *Terrarum principes multa à suis subditis violenter extorquent: quod videtur ad rationem rapinæ pertinere: grave autem videtur dicere, quod in hoc peccent: quia sic ferè omnes principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo casu est licita.* [1] Quer dizer: a rapina, ou roubo, é tomar o alheio violentamente contra vontade de seu dono: os principes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade; logo parece, que o roubo é licito em alguns casos; porque se dissermos, que os principes peccam nisto, todos elles, ou quasi todos se condemnariam: *Ferè omnes principes damnarentur.* Oh que terrivel e temerosa consequencia; e quão digna de que a considerem profundamente os principes, e os que têm parte em suas resoluções e conselhos! Responde ao seu argumento o mesmo Doutor Angelico; e posto que não costumo molestar os ouvintes com latins largos, hei de referir as suas proprias palavras: *Dicendum, quod si principes à subditis exigunt quod eis secundum justitiam debetur propter bonum commune conservandum, etiam si violentia adhibeatur, non est rapina. Si verò aliquid principes indebitè extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium. Unde ad restitutionem tenentur, sicut et latrones. Et tanto gravius*

[1] *Divus Thom.*

peccant quam latrones, quanto periculosius, et communius contra publicam justitiam agunt, cujus custodes sunt positi. Respondo (diz S. Thomaz) que se os principes tiram dos subditos o que segundo justiça lhes é devido para conservação do bem commum, ainda que o executem com violencia, não é rapina, ou roubo. Porém se os principes tomarem por violencia o que se lhes não deve, é rapina e latrocinio. D'onde se segue, que estão obrigados á restituição como os ladrões; e que peccam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais commum o damno, com que offendem a justiça publica, de que elles estão postos por defensores.

Até aqui ácerca dos principes o Principe dos Theologos. E porque a palavra rapina e latrocinio applicada a sugeitos da suprema esphera, é tão alheia das lisonjas, que estão costumados a ouvir, que parece conter alguma dissonancia, escusa tacitamente o seu modo de fallar, e prova a sua doutrina o Santo Doutor com dois Textos alheios, um divino, do propheta Ezequiel, e outro pouco menos que divino, de santo Agostinho. O Texto de Ezequiel é parte do relatorio das culpas, porque Deus castigou tão severamente os dois reinos de Israël e Judá, um com o captiveiro dos Assyrios, e outro com o dos Babylonios; e a causa que dá e muito pondera, é que os seus principes em vez de guardarem os povos como pastores, os roubavam como lobos: *Principes ejus in medio illius, quasi lupi rapientes prædam.* [1] Só dois reis elegeu Deus por si mesmo, que foram Saül e David; e a ambos os tirou de pastores, para que pela experiencia dos rebanhos que guardavam, soubessem como haviam de tratar os vassallos; mas seus successores por ambição e cubiça, degeneraram tanto deste amôr e deste cuidado, que em vez de os guardar e apascentar como ovelhas, os roubavam e comiam como lobos: *Quasi lupi rapientes prædam.*

O texto de Santo Agostinho falla geralmente de todos os reinos em que são ordinarias similhantes oppressões e injustiças, e diz: que entre os taes reinos e as covas dos ladrões (a que o Santo chama latrocinios) só ha uma differença. E qual é? Que os reinos

[1] *Ezech.*, XXII, 27.

são latrocinios ou ladroeiras grandes, e os latrocinios ou ladroeiras, são reinos pequenos: *Sublata justitia, quid sunt regna, nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt, nisi parva regna?* E' o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Erithreu a conquistar a India; e como fosse trazido á sua presença um pirata, que por alli andava roubando os pescadores, reprehendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau officio; porém elle que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu porque roubo em uma barca sou ladrão, e vós porque roubaes em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é a culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem, et piratam, quo regem animum latronis, et piratæ habentem.* Se o rei de Macedonia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo logar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Seneca, não me admirei tanto de que um philosopho estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nella Nero; o que mais me admirou e quasi envergonhou, foi, que os nossos oradores Evangelicos em tempo de principes catholicos e timoratos, ou para a emenda, ou para a cautella, não préguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos, que mais offendem os reis com o que callam, que com o que disserem; porque a confiança, com que isto se diz, é signal que lhes não toca, e que se não pódem offender; e a cautella com que se calla, é argumento de que se offenderão, porque lhe póde tocar. Mas passemos brevemente á terceira e ultima supposição, que todas tres são necessarias para chegarmos ao ponto.

V

Supponho, finalmente, que os ladrões de que fallo, não são aquelles miseraveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condemnou a este genero de vi-

da, porque a mesma sua miseria ou escusa ou allivia o seu peccado, como diz Salomão: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam.* [1] O ladrão que furta para comer, não vae nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esphera, os quaes debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basilio Magno: *Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commisso sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi, et publice exigunt.* Não são só ladrões, diz o Santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais propria e dignamente merecem este titulo, são aquelles a quem os reis encommendam os exercitos e legiões, ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quaes já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam são enforcados, estes furtam e enforcam. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos. Ditosa Grecia, que tinha tal prégador! E mais ditosas as outras nações, se nellas não padecera a justiça as mesmas affrontas. Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul, ou dictador por ter roubado uma provincia! E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triumphantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apollinar: *Non cessat simul furta, vel punire, vel facere.* Seronato está sempre occupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar elle só.

---

[1] *Prov.*, VI, 30.

VI

Declarado assim por palavras não minhas, senão de muito bons Auctores, quão honrados e auctorisados sejam os ladrões de que fallo, estes são os que disse, e digo que levam comsigo os reis ao inferno. Que elles fossem lá sós, e o diabo os levasse a elles, seja muito na má hora, pois assim o querem; mas que hajam de levar comsigo os reis, é uma dôr, que se não póde soffrer, e por isso nem calar. Mas se os reis tão fóra estão de tomar o alheio, que antes elles são os roubados, e os mais roubados de todos, como levam ao inferno comsigo estes máus ladrões a estes bons reis? Não por um só, senão por muitos modos, os quaes parecem insensiveis e occultos, e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhes dão os officios e poderes, com que roubam: o segundo, porque os reis os conservam nelles: o terceiro, porque os reis os adiantam e promovem a outros maiores: e finalmente porque sendo os reis obrigados, sob pena da salvação, a restituir todos estes damnos, nem na vida, nem na morte os restituem. E quem diz isto? Já se sabe, que ha de ser Santo Thomaz. Faz questão Santo Thomaz, se a pessoa que não furtou, nem recebeu, ou possue coisa alguma do furto, póde ter obrigação de o restituir? E não só resolve que sim, mas para maior expressão do que vou dizendo, põe o exemplo nos reis. Vae o texto: *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum obstare teneatur. Sicut principes, qui tenentur custodire justitiam in terra, si per eorum defectum latrones increscant, ad restitutionem tenentur: quia redditus, quos habent, sunt quasi stipendia ad hoc instituta, ut justitiam conservent in terra.* Aquelle, que tem obrigação de impedir que se não furte, se o não impediu, fica obrigado a restituir o que se furtou. E até os principes, que por sua culpa deixarem crescer os ladrões, são obrigados á restituição; por quanto as rendas com que os povos os servem e assistem, são como estipendios instituidos e consignados por elles, para que os principes os guardem e mantenham em justiça. E' tão natural e tão clara esta theologia, que até Agamenon, rei gentio, a co-

nheceu, quando disse: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

E se nesta obrigação de restituir incorrem os principes, pelos furtos que commettem os ladrões casuaes e involuntarios; que será pelos que elles mesmos, e por propria eleição armáram de jurisdições e poderes com que roubam os mesmos povos? A tenção dos principes não é nem póde ser essa; mas basta que esses officiaes, ou de guerra, ou de fazenda, ou de justiça, que commettem os roubos, sejam eleições e feituras suas, para que os principes hajam de pagar o que elles fizerem. Ponhamos o exemplo da culpa onde a não póde haver. Poz Deus a Adão no Paraizo com jurisdição e poder sobre todos os viventes, e com senhorio absoluto de todas as coisas creadas, excepta sómente uma arvore. Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fructo para o furto não lhe faltava nenhuma. Emfim, elle e sua mulher (que muitas vezes são as terceiras) aquella só coisa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com officio, já o temos ladrão. E quem foi que pagou o furto? Caso sobre todos admiravel! Pagou o furto quem elegeu e quem deu o officio ao ladrão. Quem elegeu e deu o officio a Adão foi Deus; e Deus foi o que pagou o furto tanto á sua custa, como sabemos. O mesmo Deus o disse assim, referindo o muito que lhe custára a satisfação do furto e dos damnos delle: *Quæ non rapui, tunc exolvebam.* [1] Vistes o corpo humano de que me vesti, sendo Deus; vistes o muito que padeci; vistes o sangue que derramei; vistes a morte a que fui condemnado entre ladrões; pois então, e com tudo isso, pagava o que não furtei: Adão foi o que furtou e eu o que paguei: *Quæ non rapui, tunc exolvebam.* Pois, Senhor meu, que culpa teve vossa Divina Magestade no furto de Adão? Nenhuma culpa tive, nem a tivera, ainda que não fôra Deus. Porque na eleição daquelle homem e no officio que lhe dei, em tudo procedi com a circumspecção, prudencia e providencia, com que o devèra e deve fazer o principe mais attento a suas obrigações, mais considerado e mais justo. Primeiramente quando o fiz,

[1] *Psal.*, LXVIII, 5.

não foi com imperio despotico, como as outras creaturas, senão com maduro conselho, e por consulta de pessoas não humanas, senão divinas: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, et præsit.* [1] As partes e qualidades que concorriam no eleito, eram as mais adequadas ao officio que se podiam desejar, nem imaginar; porque era o mais sabio de todos os homens, justo sem vicio, recto sem injustiça, e senhor de todas suas paixões, as quaes tinha sujeitas e obedientes á razão. Só lhe faltava a experiencia, nem houve concurso de outros sujeitos na sua eleição; mas ambas estas coisas não as podia então haver, porque era o primeiro homem e o unico. Pois se a vossa eleição, Senhor, foi tão justa e tão justificada, que bastava ser vossa para o ser; porque haveis vós de pagar o furto, que elle fez, sendo toda a culpa sua? Porque quero dar este exemplo e documento aos principes; e porque não convem que fique no mundo uma tão má e perniciosa consequencia, como seria, se os principes se persuadissem em algum caso, que não eram obrigados a pagar e satisfazer o que seus ministros roubassem.

VII

Mas estou vendo, que com este exemplo de Deus se desculpam, ou podem desculpar os reis. Porque se a Deus lhe succedeu tão mal com Adão, conhecendo muito bem Deus o que elle havia de ser, que muito é que succeda o mesmo aos reis com os homens que elegem para os officios, se elles não sabem, nem podem saber o que depois farão? A desculpa é apparente, mas tão falsa como mal fundada; porque Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são. Bem sabia Christo, que Judas havia de ser ladrão, mas quando o elegeu para o officio, em que o foi, não só não era ladrão, mas muito digno de se lhe fiar o cuidado de guardar e distribuir as esmolas dos pobres. Elejam assim os reis as pessoas, e provejam assim os officios, e Deus os des-

[1] *Genes.*, I, 26.

obrigará nesta parte da restituição. Porém as eleições e provimentos que se usam, não se fazem assim. Querem saber os reis, se os que provêm nos officios são ladrões ou não? Observem a regra de Christo: *Qui non intrat per ostium, fur est, et latro.* [1] A porta por onde legitimamente se entra ao officio, é só o merecimento; e todo o que não entra pela porta, não só diz Christo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: *Fur est, et latro.* E porque é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o officio, e outra vez pelo que ha de furtar com elle. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ella já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e todos pela negociação. E quem negoceia não ha mister outra prova; já se sabe que não vae a perder. Agora será ladrão occulto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jeronymo, a differença de *fur* a *latro*.

Cousa é certo maravilhosa vêr a alguns tão introduzidos e tão entrados, não entrando pela porta, nem podendo entrar por ella. Se entraram pelas janellas, como aquelles ladrões de que faz menção Joël: *Per fenestras intrabunt quasi fur*, [2] grande desgraça é que sendo as janellas feitas para entrar a luz e o ar, entrem por ellas as trevas e os desares. Se entraram minando a casa do Pai de familias, como o ladrão da parabola de Christo: *Si sciret pater familias, qua hora fur veniret, non sineret perfodi domum suam*, [3] ainda seria maior desgraça, que o somno ou lethargo do dono da casa, fosse tão pesado, que minando-se-lhe as paredes, não o espertassem os golpes. Mas o que excede toda a admiração é que haja quem, achando a porta fechada, emprehenda entrar por cima dos telhados, e o consiga; e mais sem ter pés nem mãos, quanto mais azas. Estava Christo Senhor nosso curando milagrosamente os enfermos dentro em uma casa, e era tanto o concurso, que não podendo os que levavam um paralytico entrar pela porta, subiram-se com elle ao telhado, e por cima do telhado o introduziram. Ainda é mais admiravel a consideração do su-

---

[1] *Joan.*, x, 1.
[2] *Joel.*, II, 9.
[3] *Luc.*, XII, 39.

jeito, que o modo, e o logar da introducção. Um homem que entrasse por cima dos telhados, quem não havia de julgar que era cahido do céu: *Tertius è cœlo cecidit Cato?* E o tal homem era um paralytico, que não tinha pés, nem mãos, nem sentido, nem movimento; mas teve com que pagar a quatro homens, que o tomaram ás costas, e o subiram tão alto. E como os que trazem ás costas similhantes sugeitos, estão tão pagos delles, que muito é que digam e informem (posto que sejam tão incapazes) que lhe sobejam merecimentos por cima dos telhados. Como não podem allegar façanhas de quem não tem mãos, dizem virtudes e bondades. Dizem, que com os seus procedimentos captiva a todos; e como os não havia de captivar se os comprou? Dizem, que fazendo sua obrigação, todos lhe ficam devendo dinheiro; e como lh'o não hão de dever, se lh'o tomaram? Deixo os que sobem aos postos pelos cabellos, e não com as forças de Sansão, senão com os favores de Dalila. Deixo os que com voz conhecida de Jacob levam a benção de Esau, e não com as luvas calçadas, senão dadas ou promettidas. Deixo os que sendo mais leprosos que Naaman Syro, se limparam da lepra, e não com as aguas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. E' isto, e o mais que se podia dizer, entrar pela porta? Claro está que não. Pois se nada disto se faz: *Sicut fur in nocte*, [1] senão na face do sol, e na luz do meio dia, como se póde escusar quem ao menos firma os provimentos de que não conhecia serem ladrões os que por estes meios foram providos? Finalmente, ou os conhecia, ou não: se os não conhecia, como os proveu sem os conhecer? E se os conhecia como os proveu conhecendo-os? Mas vamos aos providos com expresso conhecimento de suas qualidades.

VIII

Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é um fidalgo pobre, dê-se-lhe um governo. E quantas impiedades, ou advertidas ou não, se contém nesta

[1] *Thessal.*, v, 5.

piedade? Se é pobre, deem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre, um governo, para que vá desempobrecer á custa dos que governar; e para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico!? Isto quer quem o elege por este motivo. Vamos aos do premio, e tambem aos do castigo. Certo capitão mais antigo tem muitos annos de serviço: dêem-lhe uma fortaleza nas Conquistas. Mas se esses annos de serviço assentam sobre um sujeito, que os primeiros despojos que tomava na guerra eram a farda e a ração dos seus proprios soldados, despidos e mortos de fome; que ha de fazer em Sofala ou em Mascate? Tal graduado em Leis leu com grande applauso no Paço; porém em duas Judicaturas, e uma Correição, não deu boa conta de si; pois vá degredado para a India com uma béca. E se na Beira e no Alemtejo, onde não ha diamantes, nem rubís, se lhe pegavam as mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

Encommendou el-rei D. João o Terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do estado da India por via de seu companheiro, que era mestre do principe: e o que o Santo escreveu de lá, sem nomear officios, nem pessoas, foi, que o verbo *rapio* na India se conjugava por todos os modos. A phrase parece jocosa em negocio tão sério; mas fallou o servo de Deus, como falla Deus, que em uma palavra diz tudo. Nicolau de Lyra, sobre aquellas palavras de Daniel: *Nabucodonosor rex misit ad congregandos Satrapas, Magistratus et Judices*, [1] declarando a etymologia de Satrapas, que eram os governadores das provincias, diz que este nome foi composto de *sat* e de *rapio*. *Dicuntur Satrapæ quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorum rapere.* Chamam-se Satrapas, porque costumam roubar assás. E este assás é o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo que conjugam o verbo *rapio* por todos os modos. O que eu posso accrescentar, pela experiencia que tenho, é, que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas tambem das partes d'áquem, se usa egualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *rapio;* porque furtam por todos os modos da arte, não

[1] *Dan.*, III, 2.

fallando em outros novos e exquisitos, que não conheceu Donato, nem Despauterio. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos praticos, é que lhe apontem e mostrem os caminhos por onde pódem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque como têm o mero e mixto imperio, todo elle applicam despoticamente ás execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque acceitam quanto lhes mandam; e para que mandem todos, os que não mandam não são acceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as coisas desejadas aos donos dellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjunctivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daquelles que manejam muito; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganancia. Furtam pelo modo potencial, porque sem pretexto, nem cerimonia usam de potencia. Furtam pelo modo permissivo, porque permittem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinito, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raizes, em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras, quantas para isso têm industria e consciencia. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triennio; e para incluirem no presente o preterito e futuro, do preterito desenterram crimes, de que vendem os perdões e dividas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas, e antecipam os contractos, com que tudo o cahido, e não cahido lhe vem a cahir nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam perfeitos, e quaesquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em summa que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando elles têm conjugado assim toda a voz activa, e as miseraveis provincias supportado toda a passiva, elles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos: e ellas ficam roubadas, e consumidas.

E' certo que os reis não querem isto, antes mandam em seus regimentos tudo o contrario; mas como as patentes se dão aos grammaticos destas conjugações tão peritos, ou tão cadimos nellas; que outros effeitos se podem esperar dos seus governos? Cada patente destas em propria significação vem a ser uma licença geral *in scriptis*, ou um passaporte para furtar. Em Hollanda, onde ha armadores de corsarios, repartem-se as costas da Africa, da Asia e da America com tempo limitado, e nenhum póde sahir a roubar sem passaporte, a que chamam Carta de Marca. Isto mesmo valem as provisões, quando se dão aos que eram mais dignos da Marca, que da Carta. Por mar padecem os moradores das Conquistas a pirataria dos corsarios estrangeiros, que é contingente; na terra supportam a dos naturaes, que é certa e infallivel. E se alguem duvida qual seja maior, note a differença de uns a outros. O pirata do mar não rouba aos da sua republica; os da terra roubam os vassallos do mesmo rei, em cujas mãos juraram homenagem: do corsario do mar posso-me defender; aos da terra não posso resistir: do corsario do mar posso fugir; dos da terra não me posso esconder: o corsario do mar depende dos ventos; os da terra sempre têm por si a monção: em fim o corsario do mar póde o que póde, os da terra podem o que querem, e por isso nenhuma preza lhes escapa. Se houvesse um ladrão omnipotente, que vos parece que faria a cubiça junta com a omnipotencia? Pois é o que fazem estes corsarios.

IX

Dos que obram o contrario com singular inteireza de justiça e limpeza de interesse, alguns exemplos temos, posto que poucos. Mas folgára eu saber quantos exemplos ha, não digo já dos que fossem justiçados como tão insignes ladrões, mas dos que fossem privados do governo por estes roubos? Pois se elles furtam com os officios, e os consentem e conservam nos mesmos officios, como não hão de levar comsigo ao inferno os que os consentem? O meu Santo Thomaz o diz, e allega com o Texto de S. Paulo: *Digni sunt morte, non solùm qui faciunt sed etiam qui consen-*

tiunt facientibus. [1] E porque o rigor deste Texto se entende não de qualquer consentidor, senão daquelles que por razão de seu officio, ou estado, têm obrigação de impedir, faz logo a mesma limitação o Santo Doutor, e põe o exemplo nomeadamente nos principes: *Sed solúm quando incumbit alicui ex officio sicut Principibus terræ.* Verdadeiramente não sei como não reparam muito os principes em materia de tanta importancia, e como os não fazem reparar os que no fôro exterior, ou no da alma, têm cargo de descarregar suas consciencias. Vejam, uns e outros, como a todos ensinou Christo, que o ladrão que furta com o officio, nem um momento se ha de consentir ou conservar nelle.

Havia um senhor rico, diz o Divino Mestre, o qual tinha um criado, que, com officio de economo ou administrador, governava as suas herdades. (Tal é o nome no original grego, que responde ao Villico da Vulgata). Infamado pois o dito administrador de que se aproveitava da administração, e roubava, tanto que chegou a primeira noticia ao Senhor, mandou-o logo vir diante de si, e disse-lhe, que desse contas, porque já não havia de exercitar o officio. Ainda a resolução foi mais apertada; porque não só disse, que não havia, senão que não podia: *Jam enim non poteris villicare.* [2] Não tem palavra esta parabola, que não esteja cheia de notaveis doutrinas a nosso proposito. Primeiramente diz, que este senhor era um homem rico: *Homo quidam erat dives.* Porque não será homem quem não tiver resolução; nem será rico, por mais herdades que tenha, quem não tiver cuidado, e grande cuidado, de não consentir que lh'as governem ladrões. Diz mais, que para privar a este ladrão do officio, bastou sómente a fama sem outras inquirições: *Et hic diffamatus est apud illum.* Porque se em taes casos se houverem de mandar buscar informações á India, ou ao Brazil, primeiro que ellas cheguem, e se lhe ponha remedio, não haverá Brazil, nem India. Não se diz, porém, nem se sabe quem fossem os auctores, ou delatores desta fama; porque a estes ha-lhes de guardar segredo o Senhor inviolavelmente, sob pena de não haver quem se atreva a o avisar, temendo justamente

[1] *Rom.*, I, 32.
[2] *Luc.*, XVI, 1 e 2.

a ira dos poderosos. Diz mais, que mandou vir o delatado diante de si: *Et vocavit eum*, porque similhantes averiguações se se commettem a outros e não as faz o mesmo Senhor por sua propria pessoa, com dar o ladrão parte do que roubou, prova que está innocente. Finalmente desengana-o e notifica-lhe, que não ha de exercitar jámais o officio, nem póde: *Jam enim non poteris villicare;* porque nem o ladrão conhecido deve continuar o officio, em que foi ladrão, nem o Senhor, ainda que quizesse, o póde consentir e conservar nelle, se não se quer condemnar.

Com tudo isto ser assim, eu ainda tenho uns embargos que allegar por parte deste ladrão diante do Senhor e auctor da mesma parabola, que é Christo. Provará, que nem o furto por sua quantidade, nem a pessoa por seu talento parecem merecedores de privação do officio para sempre. Este homem, Senhor, posto que commettesse este erro, é um sujeito de grande talento, de grande industria, de grande entendimento e prudencia, como vós mesmo confessastes, e ainda louvastes, que é mais: *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudenter fecisset:* [1] Pois se é homem de tanto prestimo, e tem capacidade e talentos para vos tornardes a servir delle, porque o haveis de privar para sempre do vosso serviço: *Jam enim non poteris villicare?* Suspendei-o agora por alguns mezes, como se usa, e depois o tornareis a restituir, para que nem vós o percaes, nem elle fique perdido. Não: diz Christo. Uma vez que é ladrão conhecido, não só ha de ser suspenso ou privado do officio *ad tempus*, senão para sempre, e para nunca jámais entrar ou poder entrar: *Jam enim non poteris;* porque o uso ou abuso dessas restituições, ainda que parece piedade, é manifesta injustiça. De maneira, que em vez de o ladrão restituir o que furtou no officio, restitue-se o ladrão ao officio, para que furte ainda mais! Não são essas as restituições pelas quaes se perdôa o peccado, senão aquellas porque se condemnam os restituidos, e tambem quem os restitue. Perca-se embora um homem já perdido, e não se percam os muitos que se pódem perder, e perdem na confiança de similhantes exemplos.

---

[1] *Luc.*, XVI, 8.

Supposto que este primeiro artigo dos meus embargos não pegou, passemos a outro. Os furtos deste homem foram tão leves, a quantidade tão limitada, que o mesmo Texto lhe não dá nome de furtos absolutamente, senão de quasi furtos: *Quasi dissipasset bona ipsius.* [1] Pois em um mundo, Senhor, e em um tempo em que se vêem tolerados nos officios tantos ladrões, e premiados, que é mais, os plusquam ladrões, será bem que seja privado do seu officio, e privado para sempre, um homem que só chega a ser quasi ladrão? Sim, torna a dizer Christo, para emenda dos mesmos tempos, e para que conheça o mesmo mundo quão errado vae. Assim como nas materias do sexto mandamento theologicamente não ha minimos, assim os deve não haver politicamente nas materias do setimo; porque quem furtou e se deshonrou no pouco, muito mais facilmente o fará no muito. E senão vêde-os nesse mesmo quasi ladrão. Tanto que se viu notificado para não servir o officio, ainda teve traça para se servir delle e furtar mais do que tinha furtado. Manda chamar muito á pressa os rendeiros, rompe os escriptos das dividas, faz outros de novo com antidatas, a uns diminue metade, a outros a quinta parte, e por este modo roubando ao tempo os dias, ás escripturas a verdade, e ao amo o dinheiro, aquelle que só tinha sido quasi ladrão, em quanto encartado no officio, com a opinião que só tinha de o ter, foi mais que ladrão depois. Aqui acabei de entender a emphase com que disse a Pastora dos Cantares: *Tulerunt pallium meum mihi:* [2] tomaram-me a minha capa a mim: porque se póde roubar a capa a um homem, tomando-a, não a elle, senão a outrem. Assim o fez a astucia deste ladrão, que roubou o dinheiro a seu amo, tomando-o, não a elle, senão aos que lh'o deviam. De sorte, que o que dantes era um ladrão, depois foi muitos ladrões, não se contentando de o ser elle só, senão de fazer a outros. Mas vá elle muito embora ao inferno, e vão os outros com elle; e os principes imitem ao Senhor, que se livrou de ir tambem, com o privar do officio tão promptamente.

---

[1] *Luc.*, XXI, 1.
[2] *Cant.*, V, 7.

X

Esta doutrina em geral, pois é de Christo, nenhum entendimento christão haverá que a não venere. Haverá porém algum politico tão especulativo que a queira limitar a certo genero de sujeitos, e que funde as excepções no mesmo Texto. O sujeito, em que se faz esta execução, chama-lhe o Texto, Villico: logo em pessoas vís, ou de inferior condição será bem que se executem estes e similhantes rigores, e não em outras de differente supposição, com as quaes por sua qualidade, e outras dependencias, é licito e conveniente que os reis dissimulem. Oh como está o inferno cheio dos que com estas, e outras interpretações, por adularem os grandes e os supremos, não reparam em os condemnar! Mas para que ñão cream a aduladores, cream a Deus e ouçam. Revelou Deus a Josuë, que se tinha commettido um furto nos despojos de Jericó, depois de lh'o ter bem custosamente significado com o infeliz successo do seu exercito: e mandou-lhe, que descoberto o ladrão, fosse queimado. Fez-se diligencia exacta, e achou-se, que um chamado Achan tinha furtado uma capa de grã, uma regra de oiro e algumas moedas de prata, que tudo não valia cem cruzados. Mas quem era este Achan? Era por ventura algum homem vil, ou algum soldadinho da fortuna, desconhecido, e nascido das hervas? Não era menos que do sangue real de Judá, e por linha masculina quarto neto seu. Pois uma pessoa de tão alta qualidade, que ninguem era illustre em todo Israël, senão pelo parentesco que tinha com elle, ha de morrer queimado por ladrão? E por um furto que hoje seria venial, ha de ficar affrontada para sempre uma casa tão illustre? Vós direis, que era bem se dissimulasse; mas Deus, que o entende melhor que vós, julgou que não. Em materia de furtar não ha excepção de pessoas, e quem se abateu a taes vilezas, perdeu todos os foros. Executou-se com effeito a Lei, foi justiçado e queimado Achan, ficou o povo ensinado com o exemplo, e elle foi venturoso no mesmo castigo, porque, como notam graves Auctores, commutou-lhe Deus aquelle fogo temporal pelo que havia

de padecer no inferno: felicidade que impedem aos ladrões os que dissimulam com elles.

E quanto á dissimulação, que se diz devem ter os reis com pessoas de grande supposição, de quem talvez depende a conservação do bem publico, e são mui necessarias a seu serviço, respondo com distincção. Quando o delicto é digno de morte, póde-se dissimular o castigo, e conceder-se ás taes pessoas a vida; mas quando o caso é de furto, não se lhes póde dissimular a occasião, mas logo devem ser privadas do posto. Ambas estas circumstancias concorreram no crime de Adão. Poz-lhe Deus preceito que não comesse da arvore vedada sob pena de que morreria no mesmo dia: *In quocumque die comederis, morte morieris.* [1] Não guardou Adão o preceito, roubou o fructo e ficou sujeito, *ipso facto*, á pena de morte. Mas que fez Deus neste caso? Lançou-o logo do Paraizo, e concedeu-lhe a vida por muitos annos. Pois se Deus o lançou do Paraizo pelo furto que lhe commettido, porque não executou tambem nelle a pena de morte, a que ficou sujeito? Porque da vida de Adão dependia a conservação e propagação do mundo: e quando as pessoas são de tanta importancia, e tão necessarias ao bem publico, justo é que ainda que mereçam a morte, se lhes permitta e conceda a vida. Porém se juntamente são ladrões, de nenhum modo se póde consentir, nem dissimular que continuem no posto e logar onde o foram, para que não continuem a o ser. Assim o fez Deus, e assim o disse. Poz um Cherubim com uma espada de fogo á porta do Paraizo, com ordem, que de nenhum modo deixasse entrar a Adão. E porque? Porque assim como tinha furtado da arvore da sciencia, não furtasse tambem da arvore da vida: *Ne forte mittat manum suam, et sumat etiam de ligno vitæ.* [2] Quem foi máu uma vez, presume o direito que o será outras, e que o será sempre. Saia pois Adão do logar onde furtou, e não torne a entrar nelle, para que não tenha occasião de fazer outros furtos, como fez o primeiro. E notae que Adão, depois de ser privado do Paraizo, viveu novecentos e trinta annos. Pois a

[1] *Genes.*, II, 17.
[2] *Ibid.*, III, 22.

um homem castigado e arrependido, não lhe bastarão cem annos de privação do posto, não lhe bastarão duzentos ou trezentos? Não. Ainda que haja de viver novecentos annos, e houvesse de viver nove mil, uma vez que roubou, e é conhecido por ladrão, nunca mais deve ser restituido, nem ha de entrar no mesmo posto.

XI

Assim o fez Deus com o primeiro homem do mundo, e assim o devem executar com todos, os que estão em logar de Deus. Mas que seria se não só vissemos os ladrões conservados nos logares, onde roubam, senão depois de roubarem promovidos a outros maiores? Acabaram-se aqui as Escripturas, porque não ha nellas exemplo similhante. De reis que mandassem conquistar inimigos, sim; mas de reis que mandassem governar vassallos, não se lê tal coisa. Os Assueros, os Nabucos, os Cyros, que dilatavam por armas os seus imperios, desta maneira premiavam os capitães, accrescentando em postos os que mais se signalavam em destruir cidades, e acumular despojos, e daqui se faziam os Nabuzardões, os Holofornes, e outros flagellos do mundo. Porém os reis que tratam os vassallos como seus, e os Estados, posto que distantes, como fazenda propria e não alheia, lêde o Evangelho, e vereis quaes são os sujeitos, e quão uteis, a quem encommendam o governo delles.

Um rei, diz Christo Senhor nosso, fazendo ausencia do seu reino á conquista de outro, encommendou a administração da sua fazenda a tres criados. O primeiro accrescentou-a dez vezes mais do que era; e o rei depois de o louvar o promoveu ao governo de dez cidades: *Euge bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates.* [1] O segundo tambem accrescentou a parte que lhe coube cinco vezes mais; e com a mesma proporção o fez o rei, governador de cinco cidades: *Et tu esto super quinque civitates.* [2] De sorte que os que o rei accrescenta e deve ac-

[1] *Luc.*, XIX, 7.
[2] *Ibid.*, 19.

crescentar nos governos, segundo a doutrina de Christo, são os que accrescentam a fazenda do mesmo rei, e não a sua. Mas vamos ao terceiro criado. Este tornou a entregar quanto o rei lhe tinha encommendado, sem diminuição alguma, mas tambem sem melhoramento; e no mesmo ponto sem mais replica foi privado da administração: *Auferte ab illo mnam.* [1] Oh que ditosos foram os nossos tempos, se as culpas porque este criado foi privado do officio, foram os serviços e merecimentos porque os d'agora são accrescentados! Se o que não tomou um real para si, e deixou as coisas no estado em que lh'as entregaram, merece privação do cargo, os que as deixam destruidas e perdidas, e tão diminuidas e desbaratadas, que já não têm similhança do que foram, que merecem? Merecem que os despachem, que os accrescentem, e que lhes encarreguem outras maiores, para que tambem as consumam, e tudo se acabe. Eu cuidava que assim como Christo introduziu na sua parabola dois criados, que accrescentaram a fazenda do rei, e um que a não accrescentou, assim havia de introduzir outro que a roubasse, com que ficava a divisão inteira. Mas não introduziu o Divino Mestre tal criado; porque fallava de um rei prudente e justo: e os que têm estas qualidades (como devem ter, sob pena de não serem reis) nem admittem em seu serviço, nem fiam a sua fazenda a sujeitos que lh'a possam roubar: a algum que não lh'a accrescente, poderá ser, mas um só; porém a quem lhe roube, ou a sua, ou a dos vassallos (que não deve distinguir da sua) não é justo, nem rei, quem tal consente. E que seria se estes, depois de roubarem uma cidade, fossem promovidos ao governo de cinco: e depois de roubarem cinco, ao governo de dez?

Que mais havia de fazer um principe christão, se fôra como aquelles principes infieis, de quem diz Isaias: *Principes tui infideles socii furum.* [2] Os principes de Jérusalem não são fieis, senão infieis, porque são companheiros dos ladrões. Pois saiba o propheta, que ha principes fieis e christãos, que ainda são mais miseraveis e mais infelizes que estes. Porque um prin-

[1] *Luc.*, XIX, 24.
[2] *Isai.*, I, 23.

cipe, que entrasse em companhia com os ladrões: *Socii furum*, havia de ter tambem a sua parte no que se roubasse; mas estes estão tão fóra de ter parte no que se rouba, que elles são os primeiros e os mais roubados. Pois se são os roubados estes principes, como são ou pódem ser companheiros dos mesmos ladrões: *Principes tui socii furum?* Será por ventura porque talvez os que acompanham e assistem aos principes, são ladrões? Se assim fosse, não seria coisa nova. Antigamente os que assistiam ao lado dos principes chamavam-se *laterones*. E depois, corrompendo-se este vocabulo, como affirma Marco Varro, chamaram-se *latrones*. E que seria se assim como se corrompeu o vocabulo, se corrompessem tambem os que o mesmo vocabulo significa? Mas eu nem digo, nem cuido tal coisa. O que só digo e sei, por theologia certa, é, que em qualquer parte do mundo se póde verificar o que Isaias diz dos principes de Jérusalem: *Principes tui socii furum:* os teus principes são companheiros dos ladrões. E porque? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões, porque talvez os defendem; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam comsigo.

Ouvi a ameaça e sentença de Deus contra estes taes: *Si videbas furem, currebas cum eo:* [1] o hebreu lê *concurrebas;* e tudo é porque ha principes que correm com os ladrões e concorrem com elles. Correm com elles, porque os admittem á sua familiaridade e graça; e concorrem com elles, porque dando-lhe auctoridade e jurisdições, concorrem para o que elles furtam. E a maior circumstancia desta gravissima culpa consiste no *Si videbas*. Se estes ladrões foram occultos, e o que corre e concorre com elles não os conhecêra, alguma desculpa tinha; mas se elles são ladrões publicos e conhecidos, se roubam sem rebuço e a cara descoberta, se todos os vêem roubar, e o mesmo que os consente e apoia, o está vendo: *Si videbas furem* [2] que desculpa póde ter diante de Deus e

[1] *Psalm.* XL, 18.
[2] *Ibid.*, XLIX, 21.

do mundo? *Existimasti inique quod ero tui similis.* Cuidas tu, ó injusto, diz Deus, que hei de ser similhante a ti, e que assim como tu dissimulas com esses ladrões, hei eu de dissimular comtigo? Enganas-te: *Arguam te, et statuam contra faciem tuam.* Dessas mesmas ladroices, que tu vês e consentes, hei de fazer um espelho em que te vejas; e quando vires que és tão reu de todos esses furtos, como os mesmos ladrões, porque os não impedes; e mais que os mesmos ladrões, porque tens obrigação jurada de os impedir, então conhecerás que tanto e mais justamente que a elles te condemno ao inferno. Assim o declara com ultima e temerosa sentença a paraphrase chaldaica do mesmo Texto: *Arguam te in hoc sæculo, et ordinabo judicium Gehennæ in futuro coram te.* Neste mundo arguirei a tua consciencia, como agora a estou arguindo; e no outro mundo condemnarei a tua alma ao inferno, como se verá no dia do Juizo.

XII

Grande lastima será naquelle dia, senhores, vêr como os ladrões levam comsigo muitos reis ao inferno: e para que esta sorte se troque em uns e outros, vejamos agora como os mesmos reis, se quizerem, pódem levar comsigo os ladrões ao Paraizo. Parecerá a alguem, pelo que fica dito, que será coisa muito difficultosa, e que se não póde conseguir sem grandes despezas; mas eu vos affirmo e mostrarei brevemente que é coisa muito facil, e que sem nenhuma despeza de sua fazenda, antes com muitos augmentos della, o pódem fazer os reis. E de que modo? Com uma palavra: mas palavra de rei. Mandando que os mesmos ladrões, os quaes não costumam restituir, restituam effectivamente tudo o que roubaram. Executando-o assim, salvar-se-hão os ladrões, e salvar-se-hão os reis. Os ladrões salvar-se-hão, porque restituirão o que têm roubado; e os reis salvar-se-hão tambem, porque restituindo os ladrões não terão elles obrigação de restituir. Póde haver acção mais justa, mais util e mais necessaria a todos? Só quem não tiver fé, nem consciencia, nem juizo, o póde negar.

E porque os mesmos ladrões se não sintam de

haverem de perder por este modo o fructo das suas industrias, considerem que ainda que sejam tão máus como o máu ladrão, não só deviam abraçar e desejar esta execução, mas pedil-a aos mesmos reis. O bom ladrão pediu a Christo, como a rei, que se lembrasse delle no seu reino; e o máu ladrão, que lhe pediu? *Si tu es Christus, salvum fac temetipsum, et nos.* [1] Se sois o rei promettido, como crê meu companheiro, salvae-vos a vós e a nós. Isto pediu o máu ladrão a Christo, e o mesmo devem pedir todos os ladrões a seu rei, posto que sejam tão máus como o máu ladrão. Nem vossa magestade, Senhor, se póde salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir: nós não temos animo, nem valor para fazer a restituição, como nenhum a faz, nem na vida nem na morte: mande-a pois fazer executivamente vossa magestade, e por este modo, posto que para nós seja violento, salvar-se-ha vossa magestade a si e mais a nós: *Salvum fac temetipsum, et nos.* Creio que nenhuma consciencia haverá christã que não approve este meio. E para que não fique em generalidade, que é o mesmo que no ar, desçamos á pratica delle, e vejamos como se ha de fazer. Queira Deus que se faça!

O que costumam furtar nestes officios e governos os ladrões, de que fallamos, ou é a fazenda real, ou a dos particulares: e uma e outra têm obrigação de restituir depois de roubada, não só os ladrões que a roubaram, senão tambem os reis: ou seja porque dissimularam e consentiram os furtos, quando se faziam, ou sómente (que isso basta) por serem sabedores delles depois de feitos. E aqui se deve advertir uma notavel differença (em que se não repara) entre a fazenda dos reis, e a dos particulares. Os particulares se lhes roubam a sua fazenda, não só não são obrigados á restituição, antes terão nisso grande merecimento se o levarem com paciencia, e pódem perdoar o furto a quem os roubou. Os reis são de muito peior condição nesta parte, porque depois de roubados têm elles obrigação de restituir a propria fazenda roubada, nem a pódem dimittir, ou perdoar aos que a roubaram. A razão da differença é, porque a fazenda do particular é sua, a do rei não é sua, senão da republica. E assim como o depositario, ou tutor não póde

[1] *Luc.*, XXIII, 39.

alienar a fazenda que lhe está encommendada, e teria obrigação de a restituir, assim tem a mesma obrigação o rei que é tutor, e como depositario dos bens e erario da republica, a qual seria obrigado a gravar com novos tributos, se deixasse alienar, ou perder as suas rendas ordinarias.

O modo pois com que as restituições da fazenda real se pódem fazer facilmente, ensinou aos reis um monge, o qual assim como soube furtar, soube tambem restituir. Refere o caso Mayolo, Crantzio, e outros. Chamava-se o monge frei Theodorico; e por que era homem de grande intelligencia e industria, commetteu-lhe o imperador Carlos IV algumas negociações de importancia, em que elle se aproveitou de maneira, que competia em riquezas com os grandes senhores. Advertido o imperador, mandou-o chamar á sua presença, e disse-lhe que se apparelhasse para dar contas. Que faria o pobre, ou rico monge? Respondeu sem se assustar, que já estava apparelhado, que naquelle mesmo ponto as daria, e disse assim: Eu, Cesar, entrei no serviço de vossa magestade com este habito, e dez ou doze tostões na bolça, da esmola das minhas Missas; deixe-me vossa magestade o meu habito, e os meus tostões; e tudo o mais que possuo mande-o vossa magestade receber, que é seu, e tenho dado contas. Com tanta facilidade como isto fez a sua restituição o monge; e elle ficou guardando os seus votos, e o imperador a sua fazenda. Reis e principes mal servidos, se quereis salvar a alma, e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituições de frei Theodorico. Saiba-se com que entrou cada um, o demais torne para donde sahiu, e salvem-se todos.

XIII

A restituição que egualmente se deve fazer aos particulares, parece que não póde ser prompta, nem tão exacta, porque se tomou a fazenda a muitos, e a provincias inteiras. Mas como estes pescadores do alto usaram de redes varredouras, use-se tambem com elles das mesmas. Se trazem muito, como ordinariamente trazem, já se sabe que foi adquirido contra a Lei de Deus, ou contra as leis, e regimentos reaes, e

por qualquer destas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da India quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brazil trezentos, e até do pobre Maranhão, mais do que vale todo elle. E que se ha de fazer desta fazenda? Applical-a o rei á sua alma e ás dos que a roubaram, para que umas e outras se salvem. Dos governadores que mandava a diversas provincias o imperador Maximino, se dizia com galante e bem apropriada similhança, que eram esponjas. A traça ou astucia, com que usava destes instrumentos, era toda encaminhada a fartar a sêde da sua cubiça. Porque elles, como esponjas, chupavam das provincias que governavam, tudo quanto podiam; e o imperador, quando tornavam, espremia as esponjas, e tomava para o fisco real quanto tinham roubado, com que elle ficava rico e elles castigados. Uma coisa fazia mal este imperador, outra bem, e faltava-lhe a melhor. Em mandar governadores ás provincias, homens que fossem esponjas, fazia mal: em espremer as esponjas quando tornavam, e elle confiscar o que traziam, fazia bem e justamente; mas faltava-lhe a melhor como injusto e tyranno que era, porque tudo o que espremia das esponjas, não o havia de tomar para si, senão restituil-o ás mesmas provincias donde se tinha roubado. Isto é o que são obrigados a fazer em consciencia os reis que se desejam salvar, e não cuidar que satisfazem ao zelo e obrigação da justiça com mandar prender em um castello o que roubou a cidade, a provincia, o estado. Que importa, que por alguns dias, ou mezes, se lhe dê esta sombra de castigo, se passados elles se vae lograr do que trouxe roubado, e os que padeceram os damnos não são restituidos?

Ha nesta, que parece justiça, um engano gravissimo, com que nem o castigado, nem o que castiga, se livram da condemnação eterna: e para que se entenda, ou queira entender este engano, é necessario que se declare. Quem tomou o alheio fica sujeito a duas satisfações: á pena da lei, e á restituição do que tomou. Na pena póde dispensar o rei como legislador; na restituição não póde, porque é indispensavel. E obra-se tanto pelo contrario, ainda quando se faz, ou se cuida que se faz justiça, que só se executa a pena, ou alguma parte da pena, e a restituição não lembra, nem se faz della caso. Acabemos com Santo Thomaz.

Põe o Santo Doutor em questão: *Utrum sufficiat restituere simplim, quod injustè ablatum est?* Se para satisfazer á restituição basta restituir outro tanto quanto foi o que se tomou? E depois de resolver que basta, porque a restituição é acto de justiça, e a justiça consiste em egualdade, argumenta contra a mesma resolução com a Lei do Capitulo vinte e dois do Exodo, em que Deus mandava, que quem furtasse um boi, restituisse cinco: logo, ou não basta restituir tanto por tanto, senão muito mais do que se furtou: ou se basta, como está resoluto, de que modo se ha de entender esta Lei? Ha-se de entender, diz o Santo, distinguindo na mesma Lei duas partes; uma em quanto lei natural, pelo que pertence á restituição, e outra em quanto lei positiva, pelo que pertence á pena. A lei natural para guardar a egualdade do damno só manda que se restitúa tanto por tanto: a Lei positiva para castigar o crime do furto, accrescentou em pena mais quatro tantos, e por isso manda pagar cinco por um. Ha-se porém de advertir, accrescenta o Santo Doutor, que entre a restituição e a pena ha uma grande differença; porque á satisfação da pena não está obrigado o criminoso, antes da sentença; porém á restituição do que roubou, ainda que o não sentenceem, nem obriguem, sempre está obrigado. Daqui se vê claramente o manifesto engano ainda dessa pouca justiça, que poucas vezes se usa. Prende-se o que roubou e mette-se em livramento. Mas que se segue dahi? O preso tanto que se livrou da pena do crime fica muito contente: o rei cuida que satisfaz á obrigação da justiça, e ainda se não tem feito nada, porque ambos ficam obrigados á restituição dos mesmos roubos, sob pena de se não poderem salvar; o reu porque não restitúe, e o rei porque o não faz restituir. Tire pois o rei executivamente a fazenda a todos os que a roubaram, e faça as restituições por si mesmo, pois elles a não fazem, nem hão de fazer, e deste modo (que não ha, nem póde haver outro) em vez de os ladrões levarem os reis para o inferno, como fazem, os reis levarão os ladrões ao Paraizo, como fez Christo: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

XIV

Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e parece-me que demonstrado o que prometti, de que não estou arrependido. Se a alguem pareceu que me atrevi a dizer o que fôra mais reverencia calar, respondo com Santo Hilario: *Quæ loqui non audemus, silere non possumus.* O que se não póde calar com boa consciencia, ainda que seja com repugnancia, é força que se diga. Ouvinte coroado era aquelle a quem o Baptista disse: *Non licet tibi:* [1] e coroado tambem, posto que não ouvinte, aquelle a quem Christo mandou dizer: *Dicite vulpi illi.* [2] Assim o fez animosamente Jeremias, porque era mandado por prégador, *Regibus Juda, et Principibus ejus.* [3] E se Isaias o tivera feito assim, não se arrependêra depois, quando disse: *Væ mihi quia tacui.* [4] Os medicos dos reis com tanta e maior liberdade lhes devem receitar a elles o que importa á sua saude e vida, como aos que curam nos hospitaes. Nos particulares cura-se um homem, nos reis toda a republica.

Resumindo pois o que tenho dito, nem os reis, nem os ladrões, nem os roubados, se pódem molestar da doutrina que préguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados, porque ficarão restituidos do que tinham perdido; está bem aos reis, porque sem perda, antes com augmento da sua fazenda, desencarregarão suas almas. E finalmente, os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudicados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir ou não: se com tenção de restituir, isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao inferno, e não pódem estar tão cegos, que não tenham por melhor ir ao Paraizo. Só lhes póde fazer mêdo haverem de ser despojados do que despojaram aos outros: mas assim como estes tiveram paciencia por força,

---

[1] *Marc.*, VI, 18.
[2] *Luc.*, XIII, 32.
[3] *Jerem.*, I, 18.
[4] *Isai.*, VI, 5.

tenham-na elles com merecimento. Se os esmoleres compram o céu com o proprio, porque se não contentarão os ladrões de o comprar com o alheio? A fazenda alheia e a propria toda se alija ao mar sem dôr, no tempo da tempestade. E quem ha que salvando-se do naufragio a nado e despido, não mande pintar a sua boa fortuna, e a dedique aos altares com acção de graças? Toda a sua fazenda dará o homem de boa vontade, por salvar a vida, diz o Espirito Santo; e quanto de melhor vontade deve dar a fazenda que não é sua, por salvar, não a vida temporal, senão a eterna? O que está sentenciado á morte e á fogueira, não se teria por muito venturoso, se lhe acceitassem por partido a confiscação só dos bens? Considere-se cada um na hora da morte, e com o fogo do inferno á vista, e verá se é bom partido o que lhe persuado. Se as vossas mãos e os vossos pés são causa de vossa condemnação, cortae-os; e se os vossos olhos, arrancae-os, diz Christo, porque melhor vos está ir ao Paraizo manco, aleijado e cego, que com todos os membros inteiros ao inferno. E' isto verdade, ou não? Acabemos de ter fé, acabemos de crêr que ha inferno, acabemos de entender que sem restituir ninguem se póde salvar. Vêde, vêde ainda humanamente o que perdeis, e porquê? Nesta restituição, ou forçosa, ou forçada, que não quereis fazer, que é o que daes, e o que deixaes? O que daes, é o que não tinheis; o que deixaes, o que não podeis levar comvosco, e por isso vos perdeis. Nú entrei neste mundo, e nú hei de sahir delle, dizia Job: e assim sahiram o bom e o máu ladrão. Pois se assim ha de ser, queiraes ou não queiraes, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao Paraizo, que com o máu ao inferno?

Rei dos reis, e Senhor dos senhores, que morrestes entre ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão—e o primeiro a quem promettestes o Paraizo, foi outro ladrão—; para que os ladrões e os reis se salvem ensinae com vosso exemplo, e inspirae com vossa graça a todos os reis, que não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem augmentando ladrões, de tal maneira impidam os furtos futuros, e façam restituir os passados, que em logar de os ladrões os levarem comsigo, como levam, ao inferno, levem elles comsigo os ladrões ao Paraizo, como vós fizestes hoje: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

SERMÃO

DAS

LAGRIMAS DE S. PEDRO *

Prégado na Cathedral de Lisboa, em segunda feira da Semana Santa, no Anno de 1669

Cantavit gallus, et conversus Dominus respexit Petrum, et egressus foras flevit amare. [1]

I

Cantou o gallo, olhou Christo, chorou Pedro. Que prégador haverá em tal dia que não falle com confiança de converter? Que ouvinte haverá em tal hora, que não oiça com esperança de chorar? Na ceia de Bethania e na do Cordeiro (que foram as duas occasiões ultimas em que Christo teve juntos a seus Discipulos) sete vezes fallou o Senhor com Judas, e sete vezes lhe prégou para o converter. As palavras umas foram de amôr, outras de compaixão, outras de terror; e por ventura que nenhumas disse jámais Christo tão temerosas. *Væ autem homini illi, per quem Filius Hominis tradetur.* [2] Ai daquelle homem, por quem fôr entregue o Filho do Homem: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille:* Melhor lhe fôra a tal homem nunca haver nascido. Ainda ditas a Judas fazem tremer estas palavras. Mas nem as amorosas o abrandaram, nem as compassivas o enterneceram, nem as temerosas o compungiram: a nada se rendeu Judas. Negou S.

---

* E' este um dos Sermões mais engenhosos e eloquentes de Vieira, sobretudo no exordio e peroração, commenta o Padre Honorati.

[1] *Luc.*, XXII.

[2] *Math.*, XXVI, 24.

Pedro na mesma noite a Christo: negou uma, negou duas, negou tres vezes: cantou na ultima negação o gallo: *Et statim gallus cantavit:* [1] e no mesmo ponto sahe Pedro da casa de Caiphaz convertido, e põe-se a chorar amargamente seu peccado: *Egressus foras flevit amarè.* [2] Notavel caso! De maneira que faz Christo sete prégações a Judas, e não se converte Judas: canta o gallo uma vez, e converte-se Pedro? Sim: Porque tanto vae de olhar Christo ou não olhar. A Pedro poz-lhe os olhos Christo: *Respexit Petrum:* [3] a Judas não lhe poz os olhos. Se Christo põe os olhos, basta a voz irracional de um gallo para converter peccadores: se Christo não põe os olhos, não basta a voz, nem bastam sete vezes do mesmo Christo para converter: *Non est satis concionatoris vox, nisi simul adsit Christi in peccatorem respectus*, disse gravemente neste caso S. Gregorio Papa. Do prégador são só as vozes: dos olhos de Christo é toda a efficacia. E quando temos hoje os olhos de Christo tão propicios; que prégador haverá tão tibio, e que ouvinte tão duro, que não espere grandes effeitos ao brado de suas vozes? Senhor, os vossos olhos são os que hão de dar as lagrimas aos nossos.

As mais bem nascidas lagrimas que nunca se choraram no mundo, foram as de S. Pedro, porque tiveram o seu nascimento nos olhos de Christo: nos olhos de Christo nasceram, dos olhos de Pedro manaram: nos de Christo, quando viu: *Respexit Petrum;* dos de Pedro quando chorou: *Flevit amarè.* Rios de lagrimas foram hoje as lagrimas de S. Pedro: mas as fontes desses rios foram os olhos de Christo. Ao Nilo antigamente viam-se-lhe as correntes, mas não se lhe sabia a origem; taes em Pedro hoje os dois rios, ou os dois Nilos de suas lagrimas. A origem era occulta, porque tinham as fontes nos olhos de Christo: as correntes eram publicas, porque manavam dos olhos de Pedro. Para o diluvio universal (diz o Texto sagrado) que se abriram as janellas do céu, e se romperam as fontes do abysmo: *Apertæ sunt cataractæ cœli, rupti sunt fontes abyssi.* [4] Assim tam-

[1] *Joan.*, XVIII, 27.
[2] *Luc.*, XXII, 63.
[3] *Luc.*, XXII, 61.
[4] *Gen.*, VII, 11.

bem para este diluvio (em que hoje fôra ditoso o mundo se se afogára) abriram-se as janellas do céu, que são os olhos de Christo: romperam-se as fontes do abysmo, que são os olhos de Pedro. Desta maneira inundou aquelle immenso diluvio em que depois de fazer naufragio, se salvou o melhor Noë.

Esta é a lastimosa e gloriosa representação com que a Igreja dá feliz principio neste dia a uma Semana que devera ser tão santa na compunção, como é santa no nome. Faltando agua no deserto a um povo, que era figura deste nosso, chegou-se Moysés a um penhasco, deu-lhe um golpe com a vara, e não sahiu agua: deu o segundo golpe e sahiram rios: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*. [1] Que penhasco duro é este senão o meu coração e os vossos? Deu a Igreja o primeiro golpe no dia das lagrimas da Magdalena; mas não deram as pedras agua: dá hoje o segundo golpe no dia das lagrimas de S. Pedro, e no dia em que tambem chorou Pedro, como não chorarão as pedras? Mas não são estes os golpes em que eu trago posta a confiança. Os dos vossos olhos, Senhor, que fizeram rios os olhos de Pedro, são os que hão de abrandar a dureza dos nossos. Pelas lagrimas daquella Senhora, que não teve peccados que chorar, nos concedei hoje lagrimas com que choremos nossos peccados. E pois ella chorou só por nós, e para nós, sua piedade nos alcance de vossos piedosos olhos esta graça: *Ave Maria.*

II

Egressus foras Petrus flevit amarè.

Notavel creatura são os olhos! Admiravel instrumento da natureza; prodigioso artificio da Providencia! Elles são a primeira origem da culpa; elles a primeira fonte da graça. São os olhos duas viboras, mettidas em duas covas, em que a tentação pôz o veneno, e a contrição a triaga. São duas settas com que o demonio se arma para nos ferir e perder; e são dois

[1] *Num.*, xx, 11.

escudos com que Deus depois de feridos nos repara para nos salvar. Todos os sentidos do homem teem um só officio; só os olhos teem dois. O ouvido ouve, o gosto gosta, o olfato cheira, o tacto apalpa, só os olhos teem dois officios; vêr e chorar. Estes serão os dois polos do nosso discurso.

Ninguem haverá (se tem entendimento) que não deseje saber porque ajuntou a natureza no mesmo instrumento, as lagrimas e a vista; e porque uniu na mesma potencia o officio de chorar, e o de vêr? O vêr é a acção mais alegre; o chorar a mais triste. Sem vêr, como dizia Tobias, [1] não ha gosto, porque o sabôr de todos os gostos é o vêr; pelo contrario o chorar é o estillado da dôr, o sangue da alma, a tinta do coração, o fel da vida, o liquido do sentimento. Porque ajuntou logo a natureza nos mesmos olhos dois effeitos tão contrarios— vèr e chorar? A rasão e a experiencia é esta. Ajuntou a natureza, a vista e as lagrimas, porque as lagrimas são consequencia da vista; ajuntou a Providencia o chorar com o vêr, porque o vêr é a causa do chorar. Sabeis porque choram os olhos? Porque vèem. Chorou David toda a vida, e chorou tão continuamente, que com as lagrimas sustentava a mesma vida: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes.* [2] E porque chorou tanto David? Porque viu: *Vidit mulierem.* [3] Chorou Sichem, chorou Jacob, chorou Samsão, um principe, outro pastor, outro soldado: e porque pagaram este tributo tão igual ás lagrimas os que tinham tão desigual fortuna? Porque viram. Sichem a Dina, Jacob a Rachel, Samsão a Dalila. Chararam os que com suas lagrimas accrescentaram as aguas do diluvio; e porque choraram? Porque tendo o nome de filhos de Deus, viram as que se chamavam filhas dos homens: *Videntes Filii Dei, filias hominum.* [4] Mas para que são exemplos particulares em uma causa tão commum e tão universal de todos os olhos? Todas as lagrimas que se choram, todas as que se teem chorado, todas as que se hão de chorar até o fim do mundo, onde tiveram seu princi-

[1] *Tob.*, v, 12.
[2] *Psal.*, XLI, 4.
[3] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 2.
[4] *Gen.*, VI, 2.

pio? Em uma vista: *Vidit mulier, quòd bonum esset lignum ad vescendum.* [1] Viu Eva o pomo vedado, e assim como aquella vista foi a origem do peccado original, assim foi o principio de todas as lagrimas que choramos os que tambem então começamos a ser mortaes. Digam-me agora os Theologos: Se os homens se conservaram na justiça original em que foram creados os primeiros pais, havia de haver lagrimas no mundo? Nem lagrimas, nem uma só lagrima. Nem haviamos de entrar neste mundo chorando, nem haviamos de chorar em quanto nelle vivessemos, nem haviamos de ser chorados quando delle partissemos. Aquella vista foi a que converteu o Paraizo de deleites, em valle de lagrimas; por aquella vista choramos todos. Mas que diriam sobre esta ponderação os que neste dia fazem panegyricos ás lagrimas? Diriam que estima Deus tanto as lagrimas choradas por peccados, que permittiu Deus o peccado de Adão, só por vêr chorar peccadores. Diriam que permittiu Deus o peccado da sua parte, para que os homens vissem a Deus derramar sangue; da nossa parte, para que Deus visse aos homens derramar lagrimas. Não é o meu intento dizer estas coisas. Que importa em similhantes dias, que as lagrimas fiquem louvadas, se os olhos ficam enxutos? O melhor elogio das lagrimas é choral-as.

Chorou Eva, porque viu: e choramos os filhos de Eva, porque vemos. Mas eu não me admiro de que os nossos olhos chorem, porque vêem; o que me admira muito é que sejam tão cegos os nossos olhos, que vejam para chorar. Só os olhos racionaes choram; e se é effeito da rasão, chorar, porque viram; não póde haver maior semrasão, que verem para chorar. E' queixa do Espirito Santo, e invectiva que fez contra os nossos olhos no Capitulo trinta e um do Ecclesiastico: *Nequius oculo quid creatum est?* [2] Entre todas as coisas creadas, nenhuma ha mais desarrasoada no mundo, nenhuma mais perversa que os olhos. E porque? Porque são taes (diz o mesmo Espirito Santo) que vêem para chorar: *Ab omni facie sua lacryma-*

[1] *Gen.*, III, 6.
[2] *Eccl.*, XXXI. 15.

bitur, cúm viderit. [1] Põem-se os olhos a vêr a uma parte e a outra, e depois põem-se a chorar, porque viram. Pois, olhos cegos, olhos mal advertidos, olhos inimigos de vós mesmos, se a vossa vista vos ha de custar lagrimas, se vêdes para chorar, ou haveis de chorar, porque vistes; para que vêdes? E' possivel que haveis de chorar, porque vistes, e que haveis de vêr para chorar: *Lacrymabitur, cúm viderit?* Assim é; e estes são os nossos olhos: choram porque vêem, e vêem para chorar. O chorar é o lastimoso fim do vêr; e o vêr é o triste principio do chorar. Chorou hoje S. Pedro, e chorou tão amargamente, como logo veremos: e d'onde nasceu este chorar? Nasceu do vêr. Naquella tragica noite da Paixão de Christo, entrou Pedro no atrio do pontifice Caiphaz; e o fim com que entrou foi para vêr: *Ut videret finem.* [2] E vós, Pedro, entraes aqui para vêr? Pois vós sahireis para chorar. Quizestes vêr o fim? Vereis o fim do vêr: *Egressus foras flevit amarè.*

III

Basta o dito para sabermos que o chorar é effeito ou consequencia do vêr. Mas como se segue esta consequencia? Segue-se de um meio termo terrivel, que se complica com o vêr e com o chorar, sendo consequente de um, e antecedente de outro. Do vêr segue-se o peccar; do peccar segue-se o chorar: e por isso o chorar é consequencia do vêr. Depois que Eva e Adão peccaram, diz o Texto que a ambos se lhes abriram os olhos: *Aperti sunt oculi amborum.* [3] Pergunto. Antes desta hora Adão e Eva não tinham os olhos abertos? Sim, tinham; viram o Paraizo, viram a serpente, viram a arvore, viram o pomo, viram-se a si mesmos: tudo viram, e tudo viam. Pois se viam e tinham os olhos abertos, como diz o Texto que agora se lhes abriram os olhos? Abriram-se-lhes para começar a chorar, porque até alli não tinham chorado: *Aperti sunt oculi ad quod antea non patebant*, diz

[1] *Ecl.*, XXI, 15.
[2] *Math.*, XXVI, 58.
[3] *Gen.*, III, 7.

Santo Agostinho. Creou Deus os olhos humanos com as portas do vêr abertas, mas com as portas do chorar fechadas. Viram, e peccaram; e o peccado que entrou pelas portas do vêr, sahiu pelas portas do chorar. Estas são as portas dos olhos que se abriram: *Aperti sunt oculi amborum.* Peccaram, porque viram; choraram, porque peccaram. Pagaram os olhos o que fizeram os olhos, porque justo era que se executasse nos olhos o castigo, pois os olhos foram a causa e occasião do delicto.

Dir-me-heis por ventura que em Eva e no seu peccado, teve logar esta consequencia; em nós, e nos nossos olhos não, ao menos em todos. Em Eva sim, porque entrou o seu peccado pelos olhos; em nós não, porque ainda que alguns dos nossos peccados entrem pelos olhos, muitos teem outras entradas. Digo que em todos os peccados é o chorar consequencia do vêr; e não quero outra prova senão as mesmas lagrimas. Dae-me attenção.

Coisa é digna não só de reparo, senão de espanto, que queira Deus, e acceite as lagrimas por satisfação de todos os peccados. E' misericordia grande, mas misericordia que não parece justiça. Que paguem os olhos os peccados dos olhos; que paguem os olhos chorando, o que os olhos peccaram vendo, castigo é muito justo, e justiça muito igual: mas que os olhos hajam de pagar pelos peccados de todas as potencias d'alma, e pelos peccados de todos os sentidos, e membros do corpo; que justiça e que igualdade é esta? Se o homem pecca nos máus passos, paguem os pés; se pecca nas más obras, paguem as mãos; se pecca nas más palavras, pague a lingua; se pecca nos máus pensamentos, pague a memoria; se pecca nos máus juizos, pague o entendimento; se pecca nos máus desejos, e nos máus affectos, pague a vontade: mas que os tristes olhos hajam de pagar tudo, e por todos? Sim; porque é justo que pague por todos, quem é causa ou instrumento dos peccados de todos. Lêde as Escripturas, e lêde-as todas (que não é necessaria menos lição para este asumpto) e achareis que em todos os peccados do corpo e da alma, são cumplices os olhos. Peccou a alma, os olhos são os culpados. *Oculus meus deprædatus est animam meam.* [1] Peccou o

[1] *Thren.*, III, 51.

corpo, os olhos são os delinquentes: *Si oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosum erit.* [1] Todos os peccados do homem, os de pensamento, os de palavra, os de obra, sahem immediatamente do coração: *De corde exeunt cogitationes malæ:* [2] Eis ahi os peccados do pensamento. *Homicidia, adulteria, furta:* Eis ahi os peccados de obra. *Falsa testimonia, blasphemiæ:* Eis ahi os peccados de palavra. E para todos esses peccados, a quem segue o coração? Aos olhos: *Si secutum est oculos meos cor meum.* [3] Se seguis com tantas ancias as vaidades do mundo, os vossos olhos são os que vos levam á vaidade: *Averte oculos tuos, ne videant vanitatem.* [4] Se seguis tão insaciavelmente as riquezas, os vossos olhos são os hydropicos desta sêde insaciavel: *Nec satiantur oculi ejus divitiis.* [5] Se vos cegaes e vos deixaes arrebatar e enfurecer da paixão, os vossos olhos são os apaixonados: *Turbatus est à furore oculus meus.* [6] Se vos vingaes e não perdoaes o aggravo, os vossos olhos são os vingativos, e os que não perdoam: *Non parcet eis oculus tuus.* [7] Se estaes preso e captivo da má affeição, os vossos olhos são os laços que vos prenderam e vos captivaram: *Capiatur laqueo oculorum suorum.* [8] Se desejaes o que não deveis desejar, e appeteceis o que não deveis appetecer, os vossos olhos são os que desejam: *Desideraverunt oculi mei:* [9] e os vossos olhos são os que appetecem: *Concupiscentia oculorum suorum.* [10] Se desprezaes o que deveis estimar, e aborreceis o que devereis amar, os vossos olhos são os que desprezam: *Desperit oculus meus;* [11] os vossos olhos são os que aborrecem: *Non rectis oculis aspiciebat.* [12] Infinita materia fôra se houveramos de discorrer por

---

[1] *Math.*, VI, 23.
[2] *Ibid.*, XV, 19.
[3] *Job.*, XXXI, 7.
[4] *Psal.* CXVIII, 37.
[5] *Eccl.*, IV, 8.
[6] *Psal.* VI, 8.
[7] *Deut.*, VII, 16.
[8] *Judith.*, IX, 13.
[9] *Eccl.*, II, 10.
[10] *Ezech.*, XXIII, 16.
[11] *Psal.*, LIII, 9.
[12] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 9.

todos os movimentos viciosos e por todas as acções de peccado em que são cumplices os olhos. Mas pois todos os peccados e suas especies, estão reduzidas a sete cabeças; vêde como peccam os olhos em todos os peccados capitaes. Se peccaes no peccado da soberba, os vossos olhos são os soberbos: *Oculos superborum humiliabis.* [1] Se peccaes no peccado da avareza e da cobiça, os vossos olhos são os avarentos e os cobiçosos: *Insatiabilis oculus cupidi.* [2] Se peccaes no peccado da luxuria, os vossos olhos são os torpes e sensuaes: *Oculos eorum fornicantes.* [3] Se peccaes no peccado da ira, os vossos olhos são os impacientes e irados: *Conturbatus est in ira, oculus meus.* [4] Se peccaes no peccado da inveja, os vossos olhos são os invejosos do bem alheio: *Nequam est oculus lividi.* [5] Se peccaes no peccado da gula, os vossos olhos são os appetitosos e os mal satisfeitos: *Nihil respiciunt oculi nostri nisi man.* [6] Se peccaes no peccado da acidia, os vossos olhos são os negligentes e os tibios: *Oculi mei languerunt.* [7] Finalmente se offendeis a Deus e a sua Lei em qualquer peccado, os vossos olhos são os que offendem: *Offensiones oculorum abjiciat.* [8] E não ha peccado tão feio, nem maldade tão abominavel no mundo, que não sejam os olhos a causa dessa abominação: *Abominationes oculorum suorum.* [9] E pois os olhos peccam em todos os peccados, vendo; que muito é que paguem em todos e por todos chorando?

Assim como provei a verdade da culpa com toda a Escriptura, assim hei-de provar a justificação da pena com toda a Igreja. *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymæ:* Sabeis, filhos (diz a Igreja), porque vos manda Deus que chorem os olhos por todos os peccados? E' porque os olhos são a fonte de todos: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymæ.* Chorae

---

1 *Psal.* XVII, 28.
2 *Ezech.*, XIV, 9.
3 *Ibid.*, VI, 9.
4 *Psal.* XXX, 10.
5 *Eccles.*, XIV, 8.
6 *Num.*, XI, 6.
7 *Psal.* LXXXVII, 10.
8 *Ezech.*, XX, 7.
9 *Ibid.*, 8.

pois (diz a Santa Igreja) chorae e chorem perennemente os vossos olhos: e pois esses olhos foram a fonte do peccado, sejam tambem a fonte da contrição: pois esses olhos foram a fonte da culpa, sejam tambem a fonte da penitencia: foram a fonte da culpa, emquanto instrumentos do vêr; sejam a fonte da penitencia, emquanto instrumentos do chorar: e já que peccaram vendo, paguem chorando. De maneira que são os nossos olhos (se bem se considera) duas fontes, cada uma com dois canaes e com dois registros: um canal que corre para dentro, e se abre com o registro do vêr: outro canal que corre para fóra, e se solta com o registro do chorar. Pelos canaes que correm para dentro, se os registros se abrem, entram os peccados: pelos canaes que correm para fóra, se os registros, ou as prezas se soltam, sáem as lagrimas. E pois as correntes do peccado entram pelos olhos vendo, justo é, que as correntes das lagrimas sáiam pelos mesmos olhos chorando.

Vêde que mysteriosamente puzeram as lagrimas nos olhos a natureza, a justiça, a razão, a graça. A natureza para remedio; a justiça para castigo; a razão para arrependimento; a graça para triumpho. Como pelos olhos se contrahe a macula do peccado, poz a natureza nos olhos as lagrimas, para que com aquella agua se lavassem as manchas: como pelos olhos se admitte a culpa, poz a justiça nos olhos as lagrimas para que estivesse o supplicio no mesmo logar do delicto: como pelos olhos se concebe a offensa, poz a razão nos olhos as lagrimas, para que onde se fundiu a ingratidão, a desfizesse o arrependimento: e como pelos olhos entram os inimigos á alma, poz a graça nos olhos as lagrimas, para que pelas mesmas brechas por onde entraram vencedores, os fizesse sahir correndo. Entrou Jonas pela bocca da balêa peccador; sáia Jonas pela bocca da balêa arrependido. Razão é logo e justiça, e não só graça, senão natureza, que pois os olhos são a fonte universal de todos os peccados, sejam os rios de suas lagrimas a satisfação tambem universal de todos; e que paguem os olhos por todos chorando, já que peccaram em todos vendo: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymæ.*

IV

Agora se entenderá facilmente uma duvida não facil, entre as negações de S. Pedro e as suas lagrimas. As negações de S. Pedro todas foram peccados da lingua. A lingua foi a que na primeira negação disse: *Non sum.* [1] A lingua foi a que na segunda negação disse: *Non novi hominem.* [2] A lingua foi a que na terceira negação disse: *Homo nescio, quid dicis.* [3] Pois se a lingua foi a que peccou, porque foram os olhos os que pagaram o peccado? Porque não condemnou S. Pedro a lingua a perpetuo silencio, senão os olhos a perpetuas lagrimas? Porque ainda que a lingua foi a que pronunciou as palavras, os olhos foram os primeiros culpados nas negações: a lingua foi o instrumento, os olhos deram a causa.

Na Parabola da vinha, foram chamados os cavadores a differentes horas. Ao pôr do sol mandou o Pae de familias que se pagasse a todos o seu jornal: mas vendo os primeiros que lhes igualavam os ultimos: *Murmurabant adversus patrem familias:* [4] começaram a murmurar contra o Pae de familias. O que agora noto (e não sei se se notou atégora) é que reprehendendo o Pae de familias aos murmuradores, não se queixou das suas linguas, senão dos seus olhos. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* [5] Basta que porque eu sou bom, os vossos olhos hão de ser máus? Assim o disse, e assim se queixou o Pae de familias: mas eu não vejo a rasão desta sua queixa. A sua queixa era dos murmuradores e da murmuração: os olhos não são os que murmuram, senão a lingua. Pois porque se não queixa da lingua, senão dos olhos? Porque ainda que das linguas sahiu a murmuração, os olhos, e máus olhos, deram a causa. Muitos murmuradores murmuram o que não vêem: mas estes só murmuraram o que viram. Viram que elles tinham tra-

---

[1] *Luc.*, XXII, 59.
[2] *Math.*, XXVI, 72.
[3] *Luc.*, XXII, 60.
[4] *Math.*, XX, 11.
[5] *Ibid.*, 15.

balhado todo o dia; isso murmuraram: *Portavimus pondus diei, et æstûs.* [1] Viram que os outros vieram tarde, e muito tarde; isso murmuraram: *Hi novissimi una hora fecerunt.* [2] Viram que sendo desiguaes no trabalho, lh'os egualavam no premio; isso murmuravam: *Pares illos nobis fecisti.* [3] E como a murmuração, ainda que sahiu pela lingua, teve a occasião nos olhos, por isso são reprehendidos e castigados os olhos, e não a lingua: *An oculus tuus nequam est?* Assim o julgou contra os olhos daquelles murmuradores o Pai de familias; e assim se sentenciou tambem S. Pedro contra os seus. As suas negações sahiram pela lingua, mas a causa e a occasião deram-n'a os olhos. Negou porque quiz vêr; porque se não quizera vêr não negára, pois ainda que a lingua foi o instrumento da negação, castiguem-se os olhos, que foram a causa. Se os olhos não foram curiosos para vêr, não fôra a lingua fraca para negar. E pois os olhos por quererem vêr, puseram a lingua em occasião de negar, paguem os olhos por si, e paguem pela lingua; pela lingua paguem o negar, e por si paguem o vêr.

E senão pergunto. Porque dizem os Evangelistas, com tão particular advertencia, que chorou Pedro amargamente: *Flevit amarè?* Se queriam encarecer as lagrimas de Pedro pela cópia, digam que se fizeram seus olhos duas fontes perennes de lagrimas: digam que chorou rios: digam que chorou mares: digam que chorou diluvios. E se queriam encarecer esses diluvios de lagrimas, não pela cópia, senão pela dôr, digam que chorou tristemente; digam que chorou sentidamente, digam que chorou lastimosamente, digam que chorou irremediavelmente, ou busquem outros termos de maior tristeza, de maior lastima, de maior sentimento, de maior pena, de maior dôr. Mas que deixado tudo isto só digam e ponderem, que chorou amargamente: *Flevit amarè?* Sim, e com muita rasão; porque o chorar pertence aos olhos, a amargura pertence á lingua; e como os olhos de Pedro choravam por si, e mais pela lingua, era bem que a amargura se passasse da lingua aos olhos, e que não só

---

[1] *Math.*, xx, 12.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*

chorasse Pedro, senão que chorasse amargamente: *Flevit amarè.* Como a culpa dos olhos em vêr se ajuntou com a culpa da lingua em negar; ajuntou-se tambem o castigo da lingua, que é a amargura, com o castigo dos olhos, que são as lagrimas, para que as lagrimas pagassem o vêr, e a amargura pagasse o negar, e os olhos chorando amargamente pagassem por tudo: *Flevit amarè.*

V

Mas se o vêr em Pedro foi occasião de negar, e o negar foi a causa de chorar; porque não chorou Pedro quando negou, senão depois que sahiu: *Egressus foras flevit?* Negou a primeira vez, e ficou com os olhos enxutos como d'antes; negou a segunda vez, e ficou do mesmo modo; negou a terceira vez, e nem ainda então chorou. Sáe Pedro finalmente fóra, e depois que sahiu, então sahiram tambem as lagrimas: *Egressus foras, flevit amarè.* Pois se Pedro chora porque negou; porque não chora quando negou, ou depois de negar, senão quando sahiu, e depois de sahir? Porque em quanto Pedro não sahiu fóra, persistia na occasião de vêr, e querer vêr; e os olhos em quanto vêem não podem chorar. O vêr e o chorar (como diziamos) são os dois officios dos olhos, mas são officios incompativeis no mesmo tempo: em quanto vêem não pódem chorar; e se querem chorar, hão de deixar de vêr. Por isso sahiu fóra Pedro, não só para chorar, senão para poder chorar: porque para os seus olhos exercitarem o officio de chorar, haviam de cessar do exercicio de vêr.

Notavel philosophia é a dos nossos olhos no chorar e não chorar. Se choramos, o nosso vêr foi a causa: e se não choramos, o nosso vêr é o impedimento. Como estes nossos olhos são as portas do vêr e do chorar, encontram-se nestas portas as lagrimas com as vistas; as vistas para entrar, as lagrimas para sahir. E porque as lagrimas são mais grossas, e as vistas mais subtis, entram de tropel as vistas, e não podem sahir as lagrimas. Vistes já nas barras do mar, encontrar-se a força da maré com as correntes dos rios; e porque o pezo do mar é mais poderoso, vistes como as ondas

entram, e os rios param? Pois o mesmo passa nos nossos olhos. Todos os objectos deste mar immenso do mundo, e mais os que mais amamos, são as ondas, que umas sobre outras entram pelos nossos olhos; e ainda que as lagrimas dos mesmos olhos tenham tantas causas para sahir, como o sentido do vêr póde mais que o sentido do chorar, vêmos quando haviamos de chorar, e não choramos, porque não cessamos de vêr. Vejamos tudo nos olhos de David, que do vêr nos deixou tantos desenganos, e do chorar tantos exemplos.

Morto lastimosamente o principe Abner, mandou David que todo o exercito vestido de lucto, e arrastando as armas, o acompanhasse até á sepultura, e o mesmo rei o acompanhou tambem: *Porro David sequebatur feretrum.* [1] Desta maneira foi marchando e continuando o enterro até o logar do sepulchro, mas ninguem chorava. Tiram o corpo do esquife, e ainda aqui se não viram nem ouviram lagrimas: mettem finalmente o cadaver na sepultura, cerram a porta, eis que começa David a rebentar em lagrimas, e todos com elle em pranto desfeito: *Cumque sepelissent Abner, levavit David vocem suam, et flevit super tumulum: flevit autem et omnis populus.* [2] Pois se no enterro, e antes de enterrado Abner, nem David nem o exercito chora; porque chora tanto David, e choram todos com elle no mesmo ponto em que foi mettido na sepultura? Porque no enterro, e antes de enterrado, viam a Abner, depois de enterrado já o não viam. Como a acção do chorar se impede pela resistencia do vêr, em quanto os olhos viram estiveram represadas as lagrimas; tanto que não tiveram que vêr, começaram as lagrimas a sahir. Não puderam chorar os olhos em quanto viram; tanto que não viram, choraram. Sirvam as lettras humanas ás divinas, e oiçamos aquelle engenho, que melhor que todos soube exprimir os affectos da dôr e da natureza: *Jamque oculis ereptus eras; tum denique flevit.* [3] A historia póde ser fabulosa, mas a philosophia é verdadeira. Em quanto Ariadne pôde seguir com os olhos a Theseu, estiveram as lagrimas suspensas, embargadas pela vista; mas tanto que já

---

[1] *2.º Livro dos Reis*, III, 31.
[2] *Ibid.*, 32.
[3] *Ovid. Ep.*, 10.

o não pôde vêr: *Jamque oculis ereptus eras*, tirado o impedimento da vista, começaram as lagrimas a correr: *Tum denique flevit.*

Esta foi a razão ainda natural, porque Pedro sahiu do lugar onde via, e onde entrara para vêr. Sahiu, para que as suas lagrimas sahissem: *Et egressus foras flevit amarè.* Entrou para vêr, sahiu para chorar; porque emquanto a vista tinha entrada, não podiam as lagrimas ter sahida. E para que o mesmo S. Pedro nos prove a verdade desta philosophia, diz S. Marcos [1] no Texto grego (conforme a interpretação de Theofilato) que sahindo S. Pedro do atrio, lançou a capa sobre o rosto, e então começou a chorar: *Cùm caput obvelasset, flevit.* Para Pedro poder chorar cubriu primeiro os olhos para não vêr. Sahiu para não vêr o que via, e cubriu os olhos para que nenhuma coisa vissem; e quando não viu, nem pôde vêr, então pôde chorar, e chorou: *Flevit.* O pranto mais publico que se viu na nação portugueza, foi quando chegaram á India as novas da morte d'el-rei Dom Manoel, primeiro e verdadeiro pae daquella monarchia. Estava o vice-rei na Sé (como nós agora) ouvindo sermão, e tanto que lhe deram a triste nova, diz a historia, que lançou a capa sobre o rosto, e que fazendo todo o auditorio o mesmo, começaram a chorar em grita, e se levantou o maior e mais lastimoso pranto que jámais se vira. Este era o uso dos capuzes portuguezes, quando tambem se usava o chorar. Mettiam os capuzes na cabeça até o peito, cobriam e escureciam os olhos, e assim choravam e lamentavam o defunto. Depois que as mortes se não choram, trazem-se os capuzes detraz das costas, para que nem os olhos os vejam. Não foi assim o lucto que Pedro fez pela morte da sua alma; mas porque a quiz logo chorar, cobriu os olhos para não vêr: *Cùm caput obvelasset, flevit.*

VI

Assim sahiu Pedro do logar da sua desgraça. Mas para onde sahiu? Diz Nicephoro, e outros Auctores ecclesiasticos mais visinhos daquelle tempo, que se

[1] *Marc.*, XIV, 30.

foi S. Pedro metter em uma cova, entre Jerusalem e o Monte Sião. Tinha promettido morrer com Christo; mas porque não tivera animo para morrer, teve resolução para se sepultar. Nesta sepultura triste, solitaria, escura, como os olhos não tiveram luz para vêr, tiveram maior liberdade para chorar. Só na supposição de um parallelo se póde conhecer este excesso, ou este artificio das lagrimas de S. Pedro. Os dois exemplares da penitencia, que Deus poz neste mundo em uma e outra Lei, foi S. Pedro, e David. David foi o Pedro da Lei escripta: Pedro foi o David da Lei da graça. E assim como S. Pedro escolheu logar particular para as suas lagrimas, assim David escolheu tempo particular para as suas. Mas qual escolheu melhor, e mais finamente? Agora o veremos.

O tempo que David escolheu para as suas lagrimas, foi o que diz mais com os tristes, o tempo escuro da noite: *Per singulas noctes lacrymis meis stratum meum rigabo.* [1] De dia governava, de noite chorava: o dia dava aos negocios, a noite ás lagrimas. Oh que exemplo este para reis, para ministros, e para todos os que gastam o dia em occupações, ou publicas ou particulares! As flôres anoitecem murchas, e quasi seccas: mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas, resuscitadas. Assim o fazia David, e assim regava a sua alma todas as noites: *Per singulas noctes lacrymis meis stratum meum rigabo.* Mas tornemos ao motivo desta eleição. E porque rasão escolhia David o tempo escuro da noite para chorar? Porque de dia com a luz, como está livre o uso do vêr, fica embaraçado o exercicio do chorar: mas de noite com a sombra e escuridade das trevas, fica livre e desembaraçado o exercicio de chorar; porque está impedido o uso de vêr. A mesma rasão seguiu S. Pedro na eleição da sua cova, mas com maior credito da sua dôr, e para maior excesso das suas lagrimas. David escolheu o tempo da noite, e assim chorava de noite, mas de dia não chorava: porém Pedro escolheu uma cova escura, em que de dia e de noite sempre fosse noite, para que de dia e de noite sempre chorasse. Os olhos de David, alternando o dia com a noite, alternavam tambem o vêr com o chorar; porém os olhos de Pedro, mettidos

[1] *Psal.* VI, 7.

naquella noite successiva e continuada, nem de dia nem de noite viam; e de dia e de noite sempre choravam.

Só Pedro pôde conseguir para as suas lagrimas o que só Jeremias soube desejar para as suas: *Quis dabit capiti meo aquam, et oculis meis fontem lacrymarum, et plorabo die, ac nocte!* [1] Oh quem dera fontes de lagrimas a meus olhos (dizia Jeremias) para chorar de dia e de noite! Vêde quão discreta e quão encarecidamente pedia Jeremias. Não só pedia lagrimas, senão fontes de lagrimas: *Fontem lacrymarum.* E porque pedia fontes? Porque desejava chorar de dia e de noite: *Et plorabo die, ac nocte.* As fontes não fazem differença de noite a dia: de dia e de noite sempre correm: e como Jeremias desejava chorar de dia e de noite: *Plorabo die, ac nocte:* por isso pedia fontes de lagrimas, ou lagrimas como fontes: *Et oculis meis fontem lacrymarum.* Taes eram as fontes dos olhos de Pedro naquella cova escura. Não havia alli differença de noite a dia, porque não havia luz: e como a luz não interrompia a noite, a vista não interrompia as lagrimas: a noite suspendia perpetuamente o vêr: as lagrimas continuavam perpetuamente o chorar. Chorava amargamente, porque vira: chorava continuamente, porque não via: fóra do Paço onde vira, para não vêr: dentro da cova, onde não via, para sempre chorar: *Egressus foras, flevit amarè.*

VII

Atégora fallámos com os olhos de Pedro: agora fallem os olhos de Pedro com os nossos. Os olhos tambem fallam: *Neque taceat pupilla oculi tui.* [2] E que dizem os olhos de Pedro? Que dizem aquelles dois grandes prégadores aos nossos olhos? Olhos, aprendei de nós: nós vimos, e porque vimos, choramos: do nosso vêr aprendei a não vêr: do nosso chorar aprendei a chorar. Oh que grandes duas lições para os nossos olhos!

---

[1] *Jerem.*, IX, 1.
[2] *Thren.*, II, 18.

Se Pedro, quando quiz vêr a Christo, negou tres vezes a Christo; os olhos que querem vêr as creaturas, quantas vezes o negarão? Se nega a Christo Pedro, quando quer vêr, levado do amor de Christo, como não negarão a Christo os que querem vêr, levados de outro amor? Se quem entrou a vêr uma tragedia da Paixão de Christo teve tanto que chorar, os que entram a vêr outras representações e outros theatros, que fructo hão de colher daquellas vistas? Diz S. Leão Papa, que os olhos de S. Pedro se baptizaram hoje nas suas lagrimas. Bem se podem baptizar os nossos olhos outra vez, porque não teem nada de christãos. Comparae aquella cova de Chipre com a de Jérusalem: comparae as nossas vistas, ou as nossas cegueiras, com a de S. Pedro. Não digo que se mettam os nossos olhos em uma cova, porque não ha hoje tanto espirito no mundo; mas ao menos não comporemos os nossos olhos? Não faremos ao menos com os nossos olhos aquelle concerto que fez Job com os seus?

Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine. [1] Fallava Job do vicio contra a honestidade, em que tanta parte teem os olhos; e diz que fez concerto com os seus, para não admittir o peccado no consentimento, nem ainda na imaginação. Este concerto, parece que não se havia de fazer com os olhos, senão com o entendimento e com a vontade. O consentimento pertence á vontade, a imaginação pertence ao entendimento: faça-se logo o concerto com a vontade, que consente, e com o entendimento, que cuida e imagina, e não com os olhos, que sómente vêem. Não (diz Job) com os olhos se ha-de fazer o concerto, porque o peccado, ou o que ha-de ser peccado, entra pela vista, da vista passa á imaginação, e da imaginação ao consentimento: logo (para que não chegue ao consentimento) nos olhos, onde está o primeiro perigo, se ha de pôr a cautella, nos olhos a resistencia, nos olhos o remedio. Notou advertidamente Salmeyrão, que succede aos homens nos peccados desta casta, o mesmo que succedeu a S. Pedro nas suas negações. Para as negações de S. Pedro concorreram duas tentadoras e um tentador: a primeira e a segunda tentadora foram as duas ancillas, e o terceiro tentador foi o soldado da

[1] *Job.*, XXXI, 1.

guarda de Caiphaz. Assim tambem nas nossas negações. A primeira ancilla e a primeira tentadora é a vista: a segunda ancilla e a segunda tentadora é a imaginação: e o terceiro tentador é o consentimento, em que se consumma o peccado. E assim como nas negações de Pedro a primeira tentadora foi a ancilla ostiaria, a porteira; assim nas nossas negações a primeira tentadora é a vista, que é a porteira, e a que tem nos olhos as chaves das outras potencias. Por isso Job fez concerto com os seus olhos, para que estas portas estivessem sempre fechadas.

Não fecharemos estas portas tão arriscadas da nossa alma, ao menos nestes dias, em reverencia dos olhos de Christo? No mesmo tempo em que Pedro estava negando a Christo, estava Christo com os olhos tapados padecendo tantas affrontas. Consente Christo que lhe tapem os olhos tão affrontosamente por amôr de mim, e eu por amor de mim, e por amor de Christo, não fecharei os olhos? Consente Christo que lhe tapem os olhos para me salvar, e eu abrirei os olhos para me perder?

Olhae quanto mais encarecida é a doutrina de Christo neste caso. *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum, et projice abs te.* [1] Se os vossos olhos vos servem de escandalo, se vos fazem cahir, arrancae-os e lançae-os fóra. Se fôra resolução muito bem empregada arrancar os olhos por amor da salvação, e para esses mesmos olhos verem a Deus; por que ha de ser coisa difficultosa o fechal-os? A Samsão arrancaram-lhe os olhos os Philisteus, porque os entregou a Dalila. [2] Não lhe fôra melhor a Samsão fechar os olhos para não vêr, que perdel-os porque viu? Não lhe fôra melhor a Sichem não vêr a Dina? [3] Não lhe fôra melhor a Amnom não vêr a Thamar? [4] Não lhe fôra melhor a Holophernes não vêr a Judith? [5] Todos estes pereceram ás mãos de seus olhos. Democrito, philosopho gentio (como diz Tertuliano) arrancou voluntariamente os olhos por se livrar de pensamentos menos honestos.

---

[1] *Math.*, XII, 9.
[2] *Juizes*, XIV, 1, 16, e 21.
[3] *Gen.*, XXXIV, 2 e 26.
[4] *2.º Livr. dos Reis*, XIII.
[5] *Judith*, X, 19.

Que tivesse resolução um gentio para arrancar os olhos por amor da pureza, e que não tenha animo nem valor um christão para os fechar! Christãos, por amôr daquelles olhos, que Christo hoje poz em S. Pedro, e para que elle os ponha em nós, que se havemos de fazer esta semana alguma penitencia, se havemos de fazer esta semana alguma mortificação, se havemos de fazer esta semana algum acto de christandade, seja cerrar os olhos por amor de Christo. Aquellas pestanas cerradas sejam as sedas de que teçamos um cilicio muito apertado a nossos olhos. Não são os olhos aquelles grandes peccadores, que peccam em todos os peccados? Pois tragam esta semana este cilicio.

VIII

Como os olhos estiverem cerrados (que é o segundo documento dos olhos de S. Pedro) como os nossos olhos não virem, logo chorarão. Lembremo-nos que estamos em um valle de lagrimas: lembremo-nos que esta vida não é logar de vêr, senão de chorar: *Locus flentium.* [1] Esta vida, diz S. Chrysostomo, é para os nossos olhos chorarem; a outra é para verem. Nós nesta vida trocamos aos nossos olhos os tempos e os logares: mas tambem na outra vida os acharemos trocados. Os olhos que chorarem na terra, verão no céu: os olhos que quizerem vêr na terra, chorarão no inferno: *Ibi erit fletus.* [2] Tambem no inferno ha lagrimas, mas lagrimas sem fructo. Não é melhor chorar aqui poucos dias para nosso remedio, que chorar eternamente no inferno sem nenhum remedio? Que contas lhe fazemos? Que contas faz a nossa fé com a nossa vida? Que contas fazem os que fazem conta de dar conta a Deus? Olhae as contas que Deus faz com as nossas lagrimas e com os nossos peccados. E' passo admiravel, e que, podendo ser de grande consolação, é de grande terror.

Posuisti lacrymas meas in conspectu tuo: [3] diz Da-

---

[1] *Juizes*, II, 5.
[2] *Math.*, VIII, 12.
[3] *Psal.* LV, 9.

vid: Senhor, vós sempre tendes postas as minhas lagrimas diante dos vossos olhos. E estas lagrimas que Deus tem postas diante dos olhos, onde estão? Ellas correm, ellas passam, ellas enxugam-se, ellas seccam-se: onde estão postas estas lagrimas? O Texto original o declarou admiravelmente: *Posuisti lacrymas meas in libro rationum tuarum.* Tem Deus posto as nossas lagrimas nos seus livros da razão: tem Deus posto as nossas lagrimas nos seus livros de Deve e de Ha-de Haver. Estes são os livros dos quaes diz S. João, que se hão-de abrir no dia do Juizo: *Et libri aperti sunt:* [1] e assim o resolvem todos os Theologos. Um é o livro Deve, outro o livro do Ha-de Haver, um o livro das dividas, outro o livro das satisfações: no das dividas, estão os peccados: no das satisfações, estão as lagrimas: *In libro rationum tuarum.* Faça agora cada um as suas contas, pois ha-de dar conta a Deus por estes livros. Somme cada um quantos peccados tem no livro das dividas, e somme quantas lagrimas tem no livro das satisfações. Haverá, quando menos, para cada peccado uma lagrima? Oh tristes dos nossos olhos! Oh miseraveis das nossas almas! S. Pedro, no livro do Deve, tem tres negações, e no livro do Ha-de Haver tem infinitas lagrimas. Quantos christãos haverá, que no livro do Deve tenham infinitos peccados, e no livro do Ha-de Haver não tenham tres lagrimas choradas de coração! Pois como havemos de apparecer diante do tribunal de Deus? Como lhe havemos de dar boa conta? E se estamos tão alcançados nas contas, como não nos resolvemos a chorar nossos peccados desde logo, pois o não fizemos até agora? S. Pedro não chegou a estar duas horas no seu peccado, e chorou toda a vida até á morte: e nós que toda a vida temos gastado em peccados, e muitos estamos no cabo da vida, e todos não sabemos quanto nos ha de durar a vida, quando fazemos conta de chorar? S. Pedro sabia de certo que Deus lhe tinha perdoado, e comtudo não cessava de chorar continuamente. Sabemos de certo que Deus nos tem perdoado? Sabemos de certo que temos offendido a Deus, e muitos sabem tambem de certo, que não estão perdoados, porque tambem sabem de certo, que estão actualmente em peccado mortal: e com toda esta evidencia, nem uns, nem outros choram.

[1] *Apoc.*, xx, 12.

Dizei-me, pelas chagas de Christo: Fazeis conta de vos salvar, como S. Pedro? Sim. Peccastes como S. Pedro? Muito mais. Chorastes como S. Pedro? Não. Pois se peccastes como Pedro e não choraes como Pedro, como fazeis conta de vos salvar como Pedro? Tem Deus para vós outra Lei? Tem Deus para vós outra justiça? Tem Deus para vós outra misericordia? Christo perdoou a Pedro, porque chorou; e se Pedro não chorara, não lhe havia Christo de perdoar, como não perdoou a Judas. Pois se Christo não perdoa a Pedro sem chorar, como nos ha-de perdoar a nós, se não choramos? Somos mais discipulos de Christo que Pedro? Somos mais favorecidos de Christo que Pedro? Somos mais mimosos de Christo que Pedro? Somos mais de casa e do seio de Christo? Somos mais amigos, e mais amados, e mais prezados de Christo que Pedro? Pois que confiança cega e diabolica é esta nossa?

Senhor, Senhor, Judas não chorou, porque lhe não puzestes os olhos; Pedro chorou, porque lhe puzestes os olhos: *Respice in nos et miserere nostri.* Olhae para nós, piedoso Jesus, olhae para nós com aquelles piedosos olhos com que hoje olhastes para Pedro. Abrandae esta dureza inpenetravel de nossos corações. Allumiae esta cegueira obstinada de nossos olhos. Fechae-nos estes olhos para que não vejam as vaidades e loucuras do mundo. Abri-nos estes olhos, para que se desfaçam em lagrimas por vos terem negado, e por vos terem tanto offendido. S. Pedro, divino Apostolo, divino penitente, Pontifice divino, lembrae-vos desta vossa Igreja, que tão cega está, e tão impenitente. Lembrae-vos destas vossas ovelhas. Lembrae-vos destes vossos filhos: e dessas lagrimas que vos sobejaram, derramae sobre nós as que tanto havemos mister. Alcançae-nos daquelles olhos que tão benignamente vos viram, que imitemos vossa contrição, que choremos nossos peccados, que façamos verdadeira penitencia, que acabemos uma vez de nos arrepender e emendar de todo coração. E nesta semana tão sagrada, lançae-nos do céu uma benção, e concedei-nos uma indulgencia plenaria, que nos absolva de todas nossas culpas. Sobretudo perseverança na graça, nos propositos, na dôr, no arrependimento, para que chorando o que só devemos chorar, vejamos finalmente, o que só devemos desejar vêr, que é a Deus nessa gloria.

SERMÃO

NA

Madrugada da Resurreição

Prégado em Belem do Gram-Pará

Surrexit, non est hic. [1]

I

Melhor é sempre Deus que quem o busca, ainda quando parece que falta ao que tem promettido. Tem promettido Deus que todos os que de madrugada o buscarem o acharão: *Qui mane vigilant ad me, invenient me*, [2] e madrugando esta manhã as tres Marias, prevenidas de preciosos unguentos para ungir o sagrado corpo que tinham acompanhado á sepultura, foram tão venturosas que o não acharam. Assim não cumpre Deus sua palavra, não porque falta, mas porque excede o que promette. Não acharam o que buscavam, mas acharam o que nem a buscar, nem a desejar, nem a imaginar se atreviam. Era ainda a madrugada tão escura, que mais se mostrava coberta de trevas, que de sombras: *Cum adhuc tenebræ essent*, [3] e entrando no santo Sepulchro as primeiras tres romeiras delle, dentro lhes appareceu ou amanheceu um anjo, o qual vestido de branco, parecia a alva, e corôado de raios, o sol: *Erat autem aspectus ejus sicut fulgur, et vestimentum ejus sicut nix.* [4] Esta é a gala dos Anjos nos dias de grande festa, e este anjo foi o que lançou fóra

---

[1] *Marc.*, XVI.
[2] *Prov.*, VIII, 17.
[3] *Joan.*, XX, 1.
[4] *Math.*, XXVIII, 3.

da porta a grande pedra que cerrava a sepultura, o que fez tremer a terra, o que derrubou amortecidas as guardas, e o que poz em fugida os presidios de Pilatos. Não fallaram palavra as Marias, assombradas do que viam; e o anjo depois de as animar, lhes disse nas palavras que propuz, que Jesus Nazareno crucificado, a quem buscavam, resuscitára, e não estava alli: *Surrexit, non est hic.* Mas se não estava alli, aonde estava? A resposta desta pergunta será a materia do sermão tão breve, como costuma ser, e é bem seja nesta hora: *Ave Maria.*

II

Naquelle dia appareceu o Senhor á Magdalena junto ao Sepulchro, mas não estava com a Magdalena: appareceu aos dois Discipulos no caminho de Emaús, mas não estava com os dois Discipulos: appareceu aos Apostolos no Cenaculo, mas não estava com os Apostolos: appareceu a S. Pedro, e posto que se não sabe onde, é certo que não foi a esta hora, senão muito de tarde: finalmente mandou que o fosem esperar a Galiléa, onde todos o veriam, mas ainda não tinha partido para Galiléa. Pois se em nenhum destes logares estava o Senhor resuscitado, onde estava? Estava resuscitando a sua Mãe. Este era o logar, e esta a Pessoa: *Exurrexi, et adhuc sum tecum.* [1] Em todo o tempo destes tres dias e noites em que Christo esteve na sepultura, lá estava tambem a alma da Mãe, que juntamente se sepultou com elle. De sorte que por milagre da dôr e do amor, na sepultura estava o Filho morto com alma, e fóra da sepultura estava a Mãe viva sem alma.

Mas no ponto em que a alma do Senhor, tornando triumphante do Limbo, se introduziu no seu corpo; o corpo do Filho e o da Mãe, porque a ambos se lhe restituiu a alma propria, ambos resuscitaram. Assim o cantou o mesmo David: *Surge, Domine, in requiem tuam tu, et arca sanctificationis tuæ.* [2] O Senhor a

[1] *Psal.* CXXXVIII, 28.
[2] *Ibid.*, CXXXI, 8.

quem diz que se levante, em sentença de Hugo cardeal, é Christo quando resuscitou; a arca da sua santificação é a Virgem Santissima que o trouxe em suas entranhas. [1] E se perguntarmos porque ajuntou a resurreição da Mãe com a do Filho, e a da arca com a do Senhor: *tu, et arca?* Responde admiravelmente Santo Agostinho: *Exurge tu, et arca, idest, exurge, ut exurgat et arca sanctificationis tuæ.* Resuscitae vós, Senhor, para que resuscite tambem a arca da vossa santificação; porque em quanto não resuscitasse o Filho, não podia resuscitar a Mãe, que com elle morto tinha sepultada a sua alma. E como o Filho morto com alma, resuscitou para resuscitar a Mãe viva sem alma; por isso quando as Marias chegaram ao Sepulchro, já não estava alli: *Non est hic.*

Não estava alli, porque ainda que as Marias madrugaram muito, o Senhor tinha madrugado mais em cumprimento do que tinha promettido ao mesmo David. Em outra occasião, debaixo da metaphora de psalterio e de cithara, tinha pedido David a Christo que resuscitasse juntamente com sua Mãe, chamando a esta dobrada resurreição gloria sua, porque era Pae de ambos: *Exurge gloria mea, exurge psalterium, et cithara,* [2] e o Senhor lhe respondeu que resuscitaria de madrugada: *Exurgam diluculo,* o que as Marias, ainda quando tiveram mais fé, tinham rasão para não esperar, nem crêr. A razão é porque o Senhor tinha promettido que havia de estar tres dias e tres noites nas entranhas da terra, como Jonas esteve outros tantos dias e noites no ventre da balêa; e quando as Marias chegaram ao Sepulchro, só se tinha cumprido ametade deste tempo, porque tres dias e tres noites fazem setenta e duas horas, e Christo não esteve na sepultura mais que trinta e seis, que tantas se contam desde a tarde da sexta feira, em que foi sepultado, até a manhã ou madrugada do domingo, em que resuscitou. E' verdade que a estas trinta e seis horas de tempo, sendo ametade menos meio por meio, usando o Senhor da figura synedoche muito ordinaria na Escriptura, em que se toma a parte pelo todo, reduziu os tres dias e tres noites da sua sepultura a outros tantos, não

[1] *Hugo. hic.*
[2] *Psal.*, LVI, 9.

inteiros e completos, mas partidos e incompletos: e para que? Para cumprir a verdade da sua promessa, e acudir juntamente ás saudades de sua Mãe e suas. Mas esta resposta e resolução, sendo tão devida á dôr da Mãe, como propria do amôr da Mãe e do Filho, tem uma forte instancia.

Comparando a Igreja este dia da Resurreição com o dia do Nascimento de Christo, diz elegantemente, que nestes dois dias nasceu o mesmo Senhor duas vezes: uma vez á vida mortal, sahindo do ventre da Mãi, e outra vez á vida immortal, sahindo do Sepulchro: *Qui natus olimè Virgine, nunc è sepulchro nasceris.* Se fizermos porém a conta aos dias de um e outro nascimento, acharemos uma notavel differença. Fallando do primeiro, diz o Evangelista S. Lucas, que chegando a Belem se cumpriram e encheram os dias do sagrado parto, e que então nasceu Christo: *Factum est autem cùm essent ibi, impleti sunt dies, ut pareret, et peperit Filium suum primogenitum.* [1] Pois se o Senhor para nascer de sua Mãe, esperou que os mezes e dias fossem inteiros e completos: *impleti*, para nascer e sahir do Sepulchro, porque não esperou tambem que os dias e noites fossem completos, senão que os partiu pelo meio? Porque quando nasceu das entranhas da Virgem Santissima, estava com sua Mãe; quando nasceu, e sahiu do Sepulchro, estava ausente della. E o mesmo amor gososo que então esperou o cumprimento dos mezes e dias, sem perder um instante, agora saudoso e impaciente de esperar instantes, cortou os dias e noites pelo meio, para se restituir glorioso á sua presença. Ainda aperta e adelgaça mais o fino desta verdadeira ponderação o mesmo propheta: *Tu es qui extraxisti me de ventre matris meæ:* [2] Vós sois, diz Christo a seu Eterno Padre, o que me tirastes por força das entranhas de minha Mãi, que se fôra pelo meu gosto, nunca de lá sahira. Essa é a energia da palavra *extraxisti*, arrancar e tirar por força. De sorte que para tirar a Christo das entranhas de sua Mãe, depois de cumpridos os mezes e os dias, foi necessario toda a força do Pai; e para o tirar do Sepulchro, cortando e rompendo pelo meio as noites e os dias, bastaram as saudades da Mãi.

---

[1] *Luc.*, II, 6 e 7.
[2] *Psal.* XXI, 10 e 11.

III

Alguns Auctores, interpretando aquellas palavras: *Venit Maria Magdalena, et altera Maria, videre sepulchrum*, [1] tiveram para si que tambem a Senhora fôra visitar o Sepulchro de seu bemdito Filho; mas não só fallaram sem probabilidade, senão com pouca decencia. E' certo que Maria, Mãe de Jesus, o amava incomparavelmente mais que as tres devotas do mesmo nome, e que todas as puras creaturas, e comtudo não foi ao santo Sepulchro, porque nem sempre é maior o amôr de Deus onde são maiores as romarias. As Marias sahiram não só de suas casas, mas dos muros da cidade; e a Senhora não deu um passo fóra do seu aposento, porque muitas vezes agrada mais a Deus o recolhimento dos que se fecham com elle, que as passadas dos que muito se cançam em o ir buscar mais longe. As Marias compraram unguentos e aromas: e a Senhora nem os comprou, nem teve com que os comprar, porque póde contentar mais a Deus o pobre com o seu não ter, que o rico com a sua liberalidade. Finalmente, as Marias foram ao Sepulchro, porque, como fracas na Fé, suppunham a Christo não só então, mas ainda depois, morto: e a Senhora não foi, porque com toda a certeza o cria, e esperava resuscitado. D'aqui se seguiu uma troca de affectos por todas as suas circumstancias admiravel. As Marias madrugaram muito para achar a Christo morto, e não o acharam: e Christo madrugou muito mais que ellas para consolar a sua Mãe, como a consolou, resuscitado. As Marias iam ungir com preciosos unguentos ao Senhor, e não o ungiram: e o Senhor foi ungir mais preciosamente a sua Mãe, e é certo que a ungiu. Não o dizem por estes termos os Evangelistas, mas o propheta sim. *Unxit te Deus, Deus tuus, oleo lætitiæ præ consortibus tuis:* [2] Ungiu-vos Deus, Deus vosso, porque Deus, ainda que é Deus de todos, de Maria é mais seu, porque é seu Deus e seu Filho. E como ou com que a ungiu? Não com os unguentos da terra, mas com o oleo da alegria e gostos

[1] *Math.*, XXVIII, 1.
[2] *Psal.* XLIV, 8.

do céu, *oleo lætitiæ*, de que a Senhora nesta hora ficou tão cheia, como nestes tres dias o tinha estado de dôres. E para que não duvidemos que alegrando depois no mesmo dia a todos, primeiro e antes que aos demais alegrou a sua Mãi, acrescenta o propheta: *præ consortibus tuis*. A' Magdalena primeiro que ás outras Marias, ás Marias primeiro que aos Apostolos; porém a sua Santissima Mãe primeiro que a todas e todos os que tiveram a mesma sorte, *præ consortibus tuis*.

Para bem vos seja, Virgem gloriosissima, esta vista tão antecipada do vosso Jesus, do vosso Nazareno, do vosso Crucificado, a quem vós não fostes buscar morto, mas elle apressou tanto a sua resurreição, para vivo vos resuscitar a vós, e acudir tanto á consolação das vossas dôres, como ás ancias do seu e do vosso amor, e das suas e vossas saudades. Todos vos damos, Senhora, o parabem, todos vos damos as boas Paschoas, e todos nos alegramos de todo coração dos excessos de alegria de que nesta hora foi cheio o vosso, como capaz de todo Deus. Gosae desde agora e por toda a eternidade esses solidos e purissimos gostos, que não são como os outros vossos, que no meio da maior alegria tiveram sempre atravessada a espada de Simeão: e pois a vós dedicou vosso amoroso Filho as primicias do seu e vosso verdadeiro contentamento glorioso e immortal, parti, Senhora, delle comnosco, para que não só nestes dias tão alegres, mas em todos os desta miseravel vida, que não podem ser sem mistura de tristeza e pena, nos saibamos alegrar do que só convém. O Senhor que hoje resuscitou, não resuscitou só para si e para vós, senão para todos: alcançae-nos pois nesta hora, que participemos de sua Resurreição uma tal graça, com que sempre acertemos a o buscar onde infallivelmente o achemos, que é o que brevemente pertendo inculcar e persuadir.

IV

Coisa maravilhosa e muito notavel é que depois de os Anjos manifestamente vistos, e ouvidos declararem que Christo tinha resuscitado, fazendo tantas diligencias as Marias, os Apostolos e os Discipulos pelo acharem, a nenhum occorresse o logar onde podia estar.

Em S. João entre os Apostolos, e em Maria Salomé entre as Marias, é muito mais admiravel esta mesma admiração. Quando o Senhor desde a cruz encommendou sua Mãe a S. João, e lh'o deixou por Filho: *Ecce Filius tuus:* [1] o mesmo S. João diz, que desde aquella hora não só aceitou a Senhora por Mãe, mas como Mãe e orphã de tal Filho, a levou para sua casa, que isso quer dizer: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua.* S. João como Apostolo que deixara tudo, e como filho familias não tinha casa propria, e a que chama sua, era de sua mãe Maria Salomé. A mesma Salomé e o mesmo S. João, acabada a função do enterro, ambos acompanharam e recolheram na mesma casa a Santissima Virgem. E que não fosse só S. João, senão tambem sua mãe, os que serviram a Senhora com este tão devido obsequio, não só o persuade a decencia e cortezia, senão tambem o texto do Evangelho, no qual lemos, que cerrado o Sepulchro, ficaram defronte delle duas Marias: *Erat autem ibi Maria Magdalena, et altera Maria, sedentes contra sepulchrum.* [2] E porque só duas, e não as tres Marias? Porque uma era Maria Magdalena, outra Maria Jacobi, e a terceira, que era Maria Salomé, foi hospedar e receber a Senhora em sua casa. Pois se Maria Salomé e S. João sabiam onde a Senhora estava, e souberam que Christo não estava no Sepulchro: *non est hic;* porque não advertiram, nem lhe veiu ao pensamento que devia estar com sua Mãi? Daqui infiro duas coisas que tenho por certas. A primeira, que o mesmo Christo lhes divertiu este pensamento, porque quiz que esta sua primeira obrigação fosse tambem unica, e sem companhia, e que a gloria de vêr a sua Mãi, e a de sua Mãi em o vêr resuscitado, a lograssem ambos muito sós por sós. A segunda, e ainda mais certa e infallivel, para que entendessem e soubessem todos os que buscaram e não acharam, que a causa deste erro e pouca ventura, foi porque o buscaram onde estava sua Mãi.

Quereis, fieis christãos, achar a Christo? Não vos canceis em o buscar debalde em outra, ou por outra parte, buscae-o onde estiver sua Mãe, e achal-o-heis infallivelmente. Para prova desta saborosissima verda-

[1] *Joan.*, XIX, 26 e 27.
[2] *Math.*, XXVII, 61.

de, tomando a agua em sua propria fonte, é tão certa, tão natural, e tão inseparavel a união com que o Filho de Deus e da Virgem se acham sempre juntos; que antes de a Mãi ser, já estava com o Filho; e antes de o Filho ser, já estava com a Mãi. Quando o Verbo Eterno desde o principio sem principio de sua eternidade traçava e desenhava a fabrica deste mundo, e suas partes, diz a Virgem Maria que ella estava compondo tudo com elle: *Cum eo eram cuncta componens.* [1] E quando o anjo S. Gabriel veiu annunciar á mesma Virgem a Encarnação do mesmo Verbo, nas palavras com que deu principio á sua embaixada, disse que já o Senhor estava com ella: *Ave, gratia plena, Dominus tecum.* [2] Pois se no principio da eternidade ainda não era a Mãi, e antes da Encarnação ainda não era o Filho; como já então a Mãi estava com o Filho: *cum eo eram*, e como já então o Filho estava com a Mãi: *Dominus tecum?* Porque é tão certa, tão natural, e tão inseparavel esta união, ou modo de presença com que o Filho está sempre com a Mãi, e a Mãi com o Filho, que ambos antes de nascerem, nem serem, já estavam juntos.

E que seria depois de ambos estarem neste mundo? Seria o que verdadeiramente foi. Quando Christo Senhor nosso, com seus Discipulos, foram convidados áquellas bodas tão celebres de Caná de Galiléa, diz o Evangelista: *Et erat Mater Jesu ibi:* [3] que a Mãi de Jesus estava alli. Se o Evangelista o não dissera, eu o não imaginara. Em bodas a sempre Virgem? Em convites a Mãi de Jesus? Ainda que convidada, creio eu que não havia de aceitar; quanto mais que nem o mesmo Chronista sagrado diz que convidassem senão ao Filho e seus Discipulos: *Vocatus est Jesus, et Discipuli ejus ad nuptias.* Pois se quando menos não póde deixar de parecer impropria a assistencia de tal Pessoa em tal logar, e em tal concurso; como estava alli a Mãi de Jesus: *erat Mater Jesu ibi?* Estava alli a Mãi de Jesus, porque Jesus estava alli: e esta é a rasão sobre todas as rasões, nem ha outra. O Filho foi convidado para as bodas, e a Mãi sem ser convidada, não podia não estar onde estava o Filho: *erat ibi.* Póde a sombra deixar de seguir o corpo de que é sombra, para qualquer parte

---

[1] *Prov.*, VIII, 30.
[2] *Luc.*, I, 28.
[3] *Joan.*, II, 1 e 2.

que vá? Não. Pois assim seguia sempre a Virgem Mãi a seu Filho: e com notavel propriedade nesta occasião. Nos convites dos Antigos o que era convidado costumava levar comsigo outro que não fôsse convidado, e a este segundo chamavam sombra. *Locus est et pluribus umbris*, disse o Poeta, alludindo a este uso. Do mesmo modo *vocatus est Jesus ad nuptias, et erat Mater Jesu ibi:* o Filho foi o convidado, e a Mãi sem ser convidada, foi a sombra. Mas desde quando teve esta propriedade de sombra a Mãi? Desde o ponto em que Deus foi seu Filho: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* [1] Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra, porque para fazer sombra o sol, ha-de haver corpo em meio: e como desde então teve Deus o corpo que lhe deu a Mãi, desde então foi ella a sombra do Filho, e o seguiu sempre como sombra. *Erat Maria assectatrix Jesu, cum eo semper existens*, diz Santo Epiphanio. E Santo Agostinho, signalando desde quando até quando: *Absque dubio omni tempore ministratrix extitit, quæ hunc in utero gessit: et omnem infantiam ejus matris affectu ita prosequuta est, ut usque ad Crucem, in qua Filium jam virum perfectum vidit pendentem, ab ejus indubitanter ministerio non recesserit.*

V

E como a conjunção destes dois soberanos Planetas é tão inseparavel: bem se vê por uma parte quão inadvertidos e mal encaminhados foram os passos dos que não achando o Senhor na sepultura, o não foram buscar onde estava sua Mãi: e por outra, quão acertados serão os nossos, e quão infallivel a ventura de o acharmos se alli só o buscarmos. Ninguem buscou e achou mais venturosamente a Christo, que aquella devota e santa companhia dos tres Reis do Oriente, que o vieram adorar em seu nascimento. Guiava-os uma estrella, a qual tambem parece que ao principio errou o caminho, porque os levou em direitura a Jérusalem, não onde estava, senão onde não estava o Rei nascido que buscavam. Pois se Christo não estava em Jérusalem,

[1] *Luc.*, I, 35.

como os leva a Jérusalem uma estrella do céu, que não podia errar? Porque a quem busca a Christo, não só é conveniente saber onde está, senão tambem onde não está; não só onde se acha, senão tambem onde se não acha; não só onde se ha-de achar, senão tambem onde se póde perder. Tal era naquelle tempo a côrte de Jérusalem, como são em todo tempo todas. Nas côrtes reinam as riquezas que todos procuram e Christo não está nas riquezas: *non est hic:* na côrte fervem as delicias que todos appetecem, e Christo não está nas delicias: *non est hic:* na côrte idolatram-se as honras vãs, e tudo o que o mundo chama grandezas, e Christo não está nestas vaidades: *non est hic.* Só tres logares havia em Jérusalem onde se poderá achar Christo, que eram o Templo de Deus, o Palacio do rei e o Pretorio da justiça: mas tambem por mais que os Magos bateram áquellas portas, lhes responderam: *non est hic:* porque no Pretorio a justiça estava convertida em cubiça: no Palacio a magestade em tyrannia; e no Templo a Religião, e Latria convertida em hypocrisia. Por isso alli se lhes escondeu a estrella, em signal que tambem não terão de achar a Christo os que o buscarem em similhantes logares. Em fim, tornou a apparecer mais formosa e resplandecente que dantes; e os Reis, summamente alegres com a nova apparição, a foram seguindo até Belem onde acharam o Rei nascido. Mas com quem o acharam? *Invenerunt Puerum cum Maria Matre ejus:* [1] Acharam o Menino com Maria sua Mãe. E assim como os Magos o acharam nascido com Maria sua Mãe; assim os Apostolos e as Marias o haviam de achar resuscitado, se o buscaram onde sua Mãi estava. Mas nem a elles lhes occorreu, nem o Anjo lh'o disse. E pois o Anjo se callou, oiçamos nós a Estrella.

Santo Agostinho chamou a esta estrella dos Magos lingua do céo: *Lingua cœlorum.* Se é lingua, devia de fallar: e se fallou, que disse? Não fallava já com os Magos, senão comnosco, e com todos os que buscarem e quizerem achar a Christo. Excellentemente Santo Eucherio: *Stabat igitur stella et clamabat.* [2] Tanto que parou a estrella sobre o Presepio, começou a bradar: *Et quid dicebat?* E que dizia? *Vis audire quid dicebat?*

---

[1] *Math.*, II, 11.
[2] *Eucher. Homil. in Epiphan.*

Quereis ouvir o que dizia? Ouvi com attenção, que bem a merece uma estrella quando falla: dizia assim: *Hic est Puer, hic est Mater Pueri:* aqui está o Menino, e aqui está a Mãi do Menino: *Hic eum quærite, hic eum invenietis:* Aqui o buscae, e aqui o achareis. Este *hic est* da estrella responde ao *non est hic* do Anjo; e notae que o *hic est* se repete duas vezes, porque mostra um logar e significa duas pessoas: a pessoa do Filho, *hic est Puer*, e a pessoa da Mãi, *hic est Mater ejus.* Mais apertadamente ainda declarou isto mesmo a mesma estrella. Diz o Evangelista, que foi guiando os Magos: *Usque dum veniens staret supra ubi erat Puer;* [1] até parar em cima onde o Menino estava, ou, fallando philosophicamente, até parar sobre o *ubi* do Menino. E o *ubi* do Menino qual era? Era a Mãe que o tinha nos braços, commenta com segunda e maior agudeza o mesmo Santo Eucherio: *Non dixit supra Puerum, sed supra ubi erat Puer: ubi enim erat Puer, nisi in sinu Matris?* De sorte que o *ubi* de Christo é sua Mãi. Por isso quando a mesma Mãi lhe perguntou nos Canticos: *Ubi pascas ubi cubes?* [2] Elle lhe respondeu: *Si ignoras te*, como se dissera: Perguntares pelo meu *ubi*, é não vos conhecerdes a vós, pois sois o meu *ubi.* O certo é que Deus não teve *ubi* senão depois que teve Mãe, e o *ubi* da Mãe e do Filho era o mesmo.

VI

Supposto pois que o logar onde seguramente se acha a Christo, é onde está sua Mãe: podéra eu agora discorrer por todo o mundo, por todos os estados, e por todas as fortunas, para fazer uma demonstração universal desta verdade: mas porque Deus neste caso ou casos, como em materia tão importante, governou com particular providencia as pennas dos Evangelistas; só apontarei o que elles escreveram, e os logares que signalaram. Se nas faltas ou minguantes do necessario buscardes a Christo para que dos thesouros de sua omnipotencia vos remedêe, ou seja espiritual, ou tempo-

[1] *Math.*, II, 9.
[2] *Cant.*, I, 6 e 7.

ralmente, buscae-o em Caná de Galiléa, e ahi o achareis com sua Mãe: *Vocatus est Jesus, et erat Mater Jesu ibi.* Se quereis que vos ajude a sustentar a vida com o trabalho de vossas mãos, e o suor de vosso rosto, como filhos de Adão, buscae-o na officina de Joseph entre os instrumentos da sua arte, e ahi o achareis, e a sua Mãi com elle: *Nonne hic est faber, et Filius Mariæ?* [1] Se desprezado e excluido de todos, vos virdes no maior desamparo, sem casa nem abrigo, buscae-o no portal de Belem, e achal-o-heis entre animaes em um presepio, mas com sua Mãe: *Invenerunt Puerum cum Maria Mater ejus.* Se perseguido, ainda que seja de algum tão grande tyranno como Herodes, quizerdes escapar com vida, buscae-o fugitivo na peregrinação do Egypto, e ahi o achareis nos braços de sua Mãe: *Accipe puerum, et Matrem ejus, et fuge in Ægyptum.* [2] Se vos acontecer que vossa innocencia se veja combatida de suspeitas e indicios contrarios, e a ponto de ser condemnada; ponde a vossa causa, sem acudir por vós, em sua mão, buscae-o em Nazareth, e achal-o-heis não só com sua Mãi, mas nella: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph, inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.* [3] Se ausente e desterrado da patria, pretenderdes voltar para ella seguro dos perigos, buscae-o no mesmo desterro, e achal-o-heis com sua Mãe tambem de partida: *Accipe Puerum, et Matrem ejus, et vade in terram Israël.* [4] Se em qualquer afflição ou trabalho, desejardes que vos console e visite, posto que vos não atrevaes a pedir tão grande favor; buscae-o, ainda que seja nas montanhas mais asperas, e ahi vos admirareis de que por meio de sua Mãe, e com ella, vos visite: *Unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me?* [5] Se enfermo mortalmente, ou por qualquer perigo da vida, vos virdes na ultima agonia ás portas da morte, buscae-o no Calvario, e o achareis na Cruz, e com sua Mãe ao pé della: *Stabat juxta crucem Jesus Mater ejus.* [6] Finalmente, se depois que a Mãi e o Filho

---

[1] *Marc.*, VI, 3.
[2] *Math.*, II, 13.
[3] *Ibid.*, I, 18.
[4] *Ibid.*, II, 20.
[5] *Luc.*, I, 43.
[6] *Joan.*, XIX, 25.

já não estão na terra, perguntardes com a Alma Santa: *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie*, [1] isto é, no meio dia da gloria, confiae na bondade e misericordia de ambos, que na mesma gloria achareis o Filho á dextra do Padre, e a Mãi á dextra do Filho: *Astitit Regina à dextris tuis.* [2]

Tudo isto que tenho dito, é para todos em qualquer parte do mundo; mas para os moradores desta nossa cidade de Belem, com maior propriedade. Judeus eram os lettrados a quem consultou Herodes sobre o logar onde achariam os Magos a Christo, e responderam que em Belem. Gentios eram os mesmos Magos, e o logar onde o acharam, foi em Belem. E como o não acharão em Belem os christãos da mesma Belem que o teem de suas portas a dentro? Busquemol-o com todo o coração, e busquemol-o nesta Casa da Senhora da Graça, que é a Casa de sua Mãi: e o mesmo anjo que no Sepulchro disse: *Non est hic*, nos dirá o que lá callou: ***Hic est.***

---

[1] *Cant.*, I, 6.
[2] *Psal.* XLIV, 10.

SERMÃO

DA

Resurreição de Christo Senhor Nosso *

Valde mané una sabbatorum, veniunt ad monumentum, orto jam sole. [1]

I

Quem mais ama, mais madruga. Assim o fez nesta manhã o divino Amante Christo, continuando os desvelos do seu amôr: e assim o devemos nós fazer todos os dias, para não faltar ás correspondencias do nosso. Nestas duas palavras tenho proposto tudo o que hei de dizer. E porque não hei-de dizer graças, peçamos a graça. *Ave Maria.*

II

Quem mais ama, mais madruga. O amor nasce nos olhos, e quem o pintou com os olhos tapados, devia de ser cego. Esse amôr, quando muito, será o pintado, o amor vivo e o verdadeiro sempre está com os olhos abertos, porque sempre vela. Quem tirou o veu ao amôr, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou desvelado. Não me estranheis o equivoco, que em manhã tão alegre e tão festiva, até os Evangelistas o usaram, como logo vereis. Torno a dizer, que é grande madrugador o amor, porque quem tem cuidados não dorme.

---

* N'este discurso a nobreza e riqueza do estylo, não menos que a sublimidade e unção dos pensamentos, condiz a primôr com a solemnidade e alegria da maior festa do Anno Christão, commenta o padre Honorati. Julgue-o de per si o leitor.

[1] *Marc.*, XVI.

A philosophia deste porquè não é menos que de Platão, a quem chamaram o divino: *Inquièta res est amor: parum diligis, si multum quiesces:* O amôr é um espirito sempre inquieto, e quem aquieta muito, signal é que ama pouco. Vistes alguma hora quieta ou ardendo na cera, ou em outra materia menos branda, uma labareda de fogo? Jámais. Sempre está inquieta, sempre sem socegar, sempre tremendo, e não de frio. E porque o amôr não sabe aquietar, por isso não póde dormir. Talvez adormecerão os sentidos, mas o amor sempre vela, porque sempre lhe faz sentinella o coração: *Ego dormio, et cor meum vigilat.* [1] Um dos mais insignes amadores do mundo foi Jacob. E que dizia este famoso amador? *Fugiebat somnus ab oculis meis:* [2] Diz que fugia dos seus olhos o somno. A campanha em que o amôr e o somno se dão as batalhas, são os olhos, e nos olhos de Jacob estava tão costumado o amôr a ser vencedor, e o somno a ser vencido, que não se atrevia o somno a lhe acommetter os olhos, antes fugia delles: *Fugiebat somnus ab oculis meis.* E como o maior despertador dos sentidos e dos cuidados é o amôr, cujas azas, e as do desejo, voam mais que as do tempo; daqui vem que para quem espera pela manhã, as estrellas são vagarosas, os gallos mudos, as horas eternas, a noite não acaba de acabar, e por isso, como dizia, quem mais ama, mais madruga.

Madrugaram hoje todas as Marias a ungir na sepultura o sagrado corpo: e qual madrugou mais? Para mim é consequencia certa, que a Magdalena. A Magdalena amava mais que todas, logo Magdalena madrugou mais que todas. E d'onde tiraremos a prova? Por ventura, porque todos os Evangelistas nomeiam a Magdalena em primeiro logar, e S. João só a ella? Seja embora conjectura provavel. Por ventura, porque só da Magdalena se diz que chorou: *Stabat ad monumentum foris plorans?* [3] Melhor razão; porque o madrugar e o chorar é proprio da aurora: e nem o nome de aurora perderia na Magdalena a formosura, nem as suas perolas o preço. Por ventura, porque tornando-se as outras Marias quando não acharam no Sepulchro o corpo que iam un-

[1] *Cant.*, v, 2.
[2] *Gen.*, xxxi. 40.
[3] *Joan.*, xx, 11.

gir, só a Magdalena sem se apartar daquelle sagrado logar, perseverou nelle? Muito melhor argumento: porque quem só perseverou depois de todos, é signal que antes desejou e se disvelou mais que todos. Mas a prova para mim mais evidente, é ser a Magdalena a primeira a quem o Senhor appareceu: *Apparuit primo Mariæ Magdalenæ*.[1] Passemos das Marias aos Apostolos. Aos outros Apostolos appareceu o Senhor no mesmo dia de hoje, e só a S. Thomé daqui a oito dias: *Post dies octo*. E porque? Porque S. Thomé tardou oito dias em vir: e assim como Christo tarda mais para quem mais tarda, assim madruga mais para quem mais madruga. Antecipou-se Christo a buscar primeiro que todos a Magdalena, porque a Magdalena se antecipou, e madrugou mais que todos em buscar a Christo: ella foi a primeira em amar, porque só della faz menção o Amado: e porque só ella chorou sem lhe enxugar as lagrimas a vista dos Anjos: e porque só ella perseverou firme sem se apartar do Sepulchro; e porque foi a primeira em amar, tambem foi a primeira em madrugar, provando como aurora do Sol de justiça, que quem mais ama, mais madruga. Mas vamos ao nosso thema, onde os embargos que tem o mesmo Sol, nos darão a melhor prova.

III

Valdè manè una sabbatorum, veniunt ad monumentum, orto jam sole. Diz o Texto que as Marias foram ao Sepulchro muito de madrugada, sendo já o sol sahido. Pois se era o sol sahido, *orto jam sole*, como era muito de madrugada, *valdè manè?* Se a Magdalena e as outras Donas da sua companhia foram como as senhoras da nossa Côrte, que atroando com as rodas das carroças as ruas, desempedrando as calçadas, e acordando a visinhança, se recolhem a casa á meia noite: não é muito que ao outro dia, quando o sol anda já pelos valles, e os maridos menos diligentes estão despachando nos tribunaes, seja ainda para as horas do seu descanço muito de madrugada, *valdè manè?* Os outros Evangelistas ainda apertam mais a duvida do Texto; porque

[1] *Marc.*, XVI, 9.

dizem expressamente: *Cum adhuc tenebræ essent*, [1] que ainda duravam as trevas, e escuridade da noite. Pois se a noite estava ainda em seu ser, e o escuro tão cerrado, que não só merecia nome de sombras, senão de trevas, como era já nascido o sol, *orto jam sole?* Aqui jogou do vocabulo o Evangelista, e usou o equivoco que eu dizia. O Sol a que alludiu, não era o que ainda não tinha apparecido no oriente, mas o que já tinha resuscitado do sepulchro. Como se dissera: Vieram as Marias ao sepulchro tão de madrugada, que ainda perseveravam, ou prevaleciam as trevas, se bem o sol já era nascido, *orto jam sole;* porque Christo já era resuscitado. O pensamento não é meu, mas nosso. Assim entendeu que se podia entender o Texto litteralmente o doutissimo commentador da Concordia Evangelica, o veneravel padre Barradas. Mas antes que eu o confirme, quero tirar aos criticos o escrupulo do equivoco, e não em outra occasião, nem em outro dia, senão no mesmo da Resurreição de Christo.

Aquellas famosas palavras do Psalmo 3.º: *Ego dormivi, et soporatus sum, et exurrexi*, [2] todos os Santos e Expositores as entendem sem discrepancia, da morte e Resurreição de Christo. O dormir foi o morrer, o accordar foi o resuscitar: e diz o Senhor que elle dormiu, e elle accordou; porque o morrer e o resuscitar tudo foi por sua vontade, e tudo estava na sua mão, como em vida, e muito antes, o tinha já dito: *Ego potestatem habeo ponendi animam meam, et iterum sumendi eam.* [3] Até aqui não houve equivoco, senão metaphora mui usada na Escriptura, em que o dormir significa a morte, e o accordar a resurreição. Vae por diante o mesmo Senhor, e diz assim fallando com Deus: *Quoniam tu percussisti omnes adversantes mihi sine causa, dentes peccatorum contrivisti.* [4] Em fim, venci e triumphei de meus inimigos; porque a todos os que me perseguiam sem causa, vós lhes quebrastes os dentes. Notavel e extraordinaria phrase! E porque não diz vós castigastes, vós confundistes, vós destruistes, senão vós quebrastes os dentes a todos os que me perse-

[1] *Joan.*, XX, 1.
[2] *Psalm.* III, 6.
[3] *Joan.*, X, 18.
[4] *Psalm.* III, 8.

guiam sem causa? Aqui está o jogo do vocabulo, e o equivoco discretissimo. A palavra *sine causa*, na lingua hebrea, em que fallou o propheta, tem duas significações: quer dizer, sem causa, e quer dizer, com a queixada: *Adversantes mihi sine causa, adversantes mihi maxilla.* E como os inimigos de Christo na sua Paixão gritando: *Crucifige, crucifige*, o perseguiram sem causa, como innocente, e o morderam com as queixadas, como cães, *Circumdederunt me canes multi;* [1] por isso usando o Propheta galantemente do equivoco, diz aos mesmos inimigos: Se vós o mordestes com as queixadas, elle vos quebrou os dentes: *Dentes peccatorum contrivisti.* E se a phrase parecer menos auctorisada, e o equivoco menos grave para a harpa de David, como era dia da Resurreição, tudo o galante e festivo cabia nella. Mas não está aqui o reparo. Todas estas palavras não as pronunciou ou cantou David como suas, senão que as poz na bocca do mesmo Christo: *Ego dormivi, et soporatus sum, et exurrexi* notae o *ego*): *percussisti omnes adversantes mihi sine causa,* (notae o *mihi*) *dentes peccatorum contrivisti.* Pois o mesmo Christo com toda a sua sinceridade e magestade usa daquelle equivoco? Sim, e outra vez sim. Porque era o dia e a festa da sua Resurreição. Tudo naquelle alegre dia foram equivocos. No caminho de Emaüs, para alegrar a tristeza dos dois Discipulos, equivocou-se o Senhor em peregrino: junto ao seu mesmo Sepulchro, para enxugar as lagrimas da Magdalena, equivocou-se em hortelão: e quem nos disfarces daquelle formoso dia equivocou duas vezes a Pessoa, que muito é que na prophecia de David equivocasse uma vez as palavras? Equivocou o propheta, equivocou o mesmo Christo, e o nosso Evangelista tambem equivocou, e por ventura mais altamente que o mesmo Senhor, porque o equivocou com o sol: *Orto jam sole.*

Agora entra a minha confirmação do mesmo equivoco do Evangelista. Diz que indo as Marias ao Sepulchro, era muito de madrugada, e que o sol já era nascido, entendendo por sol nascido a Christo resuscitado; e fallou não só muito discretamente, mas com grande propriedade: porque o dia de Paschoa teve dois prin-

[1] *Psal.* XXI, 17.

cipios, duas madrugadas, duas manhãs, e dois soes que o fizeram. Provo com as vozes de toda a Igreja hoje: *Hæc dies quam fecit Dominus:* [1] Este é o dia que fez o Senhor. Os dias todos não os faz o sol natural? Sim: mas este dia não só o fez o sol natural, senão tambem o Senhor do mesmo sol. Em quanto fez este dia o sol, começou mais tarde: em quanto o fez o Senhor, começou mais cedo. E esta só differença é a que desata o nó, que tanto apertava a duvida. Como o dia que fez o sol começou mais tarde, quando as Marias vieram ao Sepulchro, era muito de madrugada. *Valdè manè:* mas como o mesmo dia que fez o Senhor começou mais cedo, quando as mesmas Marias vieram, era já o sol nascido, *Orto jam sole. Orto jam sole, id est, Christo*, diz a Glossa Interlineal. E para que conste quando, e quanto começou mais cedo o dia que fez o Senhor, o mesmo Auctor que disse, *Hæc dies quam fecit Dominus*, seja o commentador do seu Texto. Exhorta neste mesmo dia o propheta rei, ou pede instantemente a Christo que resuscite, dizendo: *Exurge gloria mea, exurge psalterium et cithara:* [2] e respondeu o Senhor: *Exurgam diluculo:* Eu resuscitarei de madrugada. De madrugada? Logo quando o sol sahiu no oriente, já o Senhor tinha sahido do seu occaso, porque o sol nunca madruga: quando sae, já é dia: logo primeiro fez este dia o Senhor, do que o fizesse o sol. Mas porque não pareça subtileza, e todos vejam quanto primeiro e quanto mais cedo foi, recorramos á lettra original. Onde a versão latina diz, *Exurgam diluculo*, Resuscitarei de madrugada, o original hebreu tem, *Excitabo auroram:* Despertarei a aurora. E que quer dizer, despertarei a aurora? Não se podéra melhor declarar, nem mais prophetica, ou mais poeticamente. Os poetas dizem que a aurora é a despertadora do sol, e David diz que o Senhor hoje foi o despertador da aurora. De sorte que madrugou Christo hoje tanto antes da madrugada, que quando já era resuscitado, ainda a aurora dormia; e elle foi o que a despertou para que ella se levantasse e fosse correr as cortinas ao sol: *Excitabo auroram.*

Ponde-me agora no mesmo dia, ou na mesma ma-

---

[1] *Psal.* CXVII, 24.
[2] *Ibid.*, LVI, 9.

drugada dois soes, um dormindo, outro acordado: um envolto ainda nas sombras da noite, *Cum adhuc tenebræ essent;* e outro sahindo da sepultura, e tirando tambem della a sua Mãi (que elle foi o psalterio, e ella a cithara, e ambos gloria de David, como pai de ambos: *Exurge gloria mea, exurge psalterium et cithara:* respondendo em tudo a antiga figura: *Surge Domine in requiem tuam, tu et arca sanctificationis tuæ.* [1] E com estes dois soes, um já descoberto á fé, outro ainda occulto á vista, vereis não só tres, senão quatro Marias: tres á porta do Sepulchro muito de madrugada, *Valdè manè;* e uma muito longe do mesmo Sepulchro, com o Sol que della nasceu, nascido outra vez nos braços, *Orto jam sole.* E se perguntarmos ás mesmas Marias, por que madrugou o sol mais que ellas, claro está que não podem deixar de responder, que porque quem mais madruga, mais ama. Ellas amaram muito, pois fugindo os Apostolos, não fugiram, antes acompanharam a seu Mestre no Calvario, constantes e fieis até á morte: mas como elle morreu de amôr, e ellas ainda ficaram vivas, ellas, como menos amantes, madrugaram menos, e elle como mais amoroso, madrugou mais: *Orto jam sole.*

IV

A empreza de Christo na sua Resurreição foi uma aurora não coroada já de rosas, mas ainda de sombras, e a lettra a mesma com que o Evangelista começou a narração do seu amôr: *Ante diem.* [2] E para que vejamos praticamente com os olhos o que alégora ouvimos ao discurso; façamos tambem nossa romaria ao Sepulchro, e veremos o divino e humano Sol tão madrugador quando sepultado no seu occaso, como quando renascido no seu oriente. O sol que, como coração do ceu, ainda quando todos dormem, sempre vigia, naquelle mesmo momento em que desapparece a nossos olhos, de nenhum modo pára, mas continuando com a mesma velocidade a sua carreira, vae visitar e allumiar os Antipodas: assim escondido o corpo de Chrisfo debaixo da terra, desceu a sua alma gloriosa ao limbo

[1] *Psal.* CXXXI, 8.
[2] *Joan.*, XIII, 1.

dos Santos Padres, que, havia muitos seculos, e ainda milhares de annos, esperavam ás escuras aquella ditosa hora, e nella os alluminou e alegrou não só com sua vista, mas com a da divindade a que estava unida a mesma alma, os fez bemaventurados desde aquelle instante para toda a eternidade. E da maneira que o mesmo sol natural, depois de dar volta ao hemispherio opposto, torna a renascer neste nosso, claro, resplandecente e coroado de raios, enxugando as lagrimas da aurora, restituindo a côr e formosura aos campos, despertando as musicas das aves, doirando os ceus, e alegrando a terra; assim tambem o Senhor neste formoso dia. Anoitecera no occidente do seu Sepulchro amortalhado em nuvens funestas, deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua Paixão; voltando porém a esta hora vivo e formosissimo, amanheceu outra vez no oriente do seu mesmo occaso, e enchendo o ceu e a terra de nova luz e resplandores de gloria, primeiro que tudo enxugou as lagrimas daquella aurora divina, que, trespassada da espada de Simeão, como morta o acompanhava, e como viva o chorava na sepultura: logo restituiu a côr e a formosura á sua Igreja, mudando os lutos, de que estava coberta, em côres e galas de festa: trocou as lamentações em musicas alegres, e os *Heus* saudosos e sentidos em alleluias: doirou e esclareceu os ceus, que por isso appareceram os anjos vestidos de neve e oiro: renovou e transfigurou a terra, convertendo as endoenças em paschoas, o silencio mudo em repiques, os rosmaninhos em flôres, as trevas e eclipses em luzes, a tristeza, emfim, e melancolia destes dias nos parabens e alegria desta manhã.

Mas porque a manhã e o dia pudéra não ser este, antes parece que tinha obrigação de o não ser; lancemos-lhe bem as contas, e veremos, hora por hora, quanto madrugou o nosso Sol, e quanto o desvelou o seu amôr. Fallando Christo Senhor nosso de sua morte, sepultura e resurreição, diz que assim como Jonas esteve tres dias e tres noites no ventre da baleia, assim elle havia de estar tres dias e tres noites morto debaixo da terra: *Sicut enim fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, et tribus noctibus; sic erit Filius hominis in corde terræ tribus diebus, et tribus noctibus*, [1] Lan-

[1] *Math.*, XII, 40.

cemos agora a conta ao tempo em que Christo esteve na sepultura, e busquemos estes tres dias, e estas tres noites. A hora em que o Senhor foi sepultado, foi sexta feira ás cinco da tarde, e para estar tres dias e tres noites debaixo da terra, não havia de resuscitar, nem sahir da sepultura nesta manhã, nem neste dia de domingo, senão ámanhã, segunda feira, ás cinco horas tambem da tarde. Pois se não esteve na sepultura o dia de hoje, nem o dia de ámanhã, nem a noite entre um e outro dia, como esteve tres dias e tres noites debaixo da terra: *Tribus diebus, et tribus noctibus in corde terræ?* [1] Euthymio, Padre muito antigo e grave, discipulo de S. João Chrysostomo, diz que esta prophecia de Christo não foi absoluta, senão condicional, e que assim como Deus mandou prophetisar a el-rei Ezechias, que havia de morrer ao outro dia, e depois lhe alargou o tempo da vida; assim Christo prophetisou que havia de estar tres dias e tres noites sepultado, e depois estreitou por amôr de si e de nós o tempo da sepultura: como se dissera o Senhor: Eu tenho determinado de estar na sepultura tres dias e tres noites; mas se o meu amôr não se atrever a esperar tanto, então abreviarei esse tempo. E posto que esta opinião (ou este pensamento) não seja recebido dos Theologos, na mesma historia deste dia temos um notavel exemplo, que parece a confirma não pouco. Quando o Anjo appareceu ás Marias no Sepulchro, disse-lhes que levassem as novas da Resurreição aos Discipulos, e que lhes fizessem saber que o Senhor iria esperar por elles a Galiléa, e que lá o veriam: *Dicite discipulis ejus, et Petro, quia surrexit: et ecce præcedet vos in Galilæam, ibi eum videbitis.* [2] Até qui são palavras de S. Matheus e S. Marcos, ás quaes S. Matheus acrescenta: *Ecce prædixi vobis:* e S. Marcos: *Sicut dixit vobis.* De sorte que estas mesmas palavras conteem duas predições, ou duas prophecias: uma do anjo de Christo aos Apostolos muito antes: *Sicut dixit vobis.* Esta prophecia de Christo foi quando na mesma noite da Paixão lhes declarou o Senhor, que todos o haviam de desamparar na morte, mas que depois de resuscitado iria esperar por elles a Galiléa:

[1] Euth. Cap. 68 in Matthæum.
[2] *Matth.*, XXVIII, 7. *Marc.*, XVI, 7.

Postquam autem resurrexero, præcedam vos in Galilæam. [1] Isto é o que então predisse Christo: *Sicut dixit vobis:* e isto o que hoje predisse o Anjo: *Ecce prædixi vobis.* E que é o que neste mesmo dia succedeu depois destas duas predições? O que succedeu foi, que Christo não passou a Galiléa, mas ficou na mesma Jérusalem, e alli appareceu resuscitado aos Apostolos, os quaes o viram no Cenaculo, onde estavam escondidos. Pois se o Senhor por si mesmo, e por um anjo tinha dito que iria diante a Galiléa, e que lá o veriam os Apostolos, como não foi a Galiléa, mas ficou em Jérusalem, e em Jérusalem o viram? A razão é, respondem litteralmente todos os Expositores, porque assim como estava predito e prophetisado, assim tinha Christo determinado que fosse: porém os Apostolos pelo mesmo temor com que estavam escondidos, não se atreveram a sahir do Cenaculo, e passar a Galiléa. E porque este temor não fosse causa de os tristes e temerosos Discipulos carecerem da vista de seu Mestre resuscitado, accommodou-se o benignissimo Senhor á fraqueza do seu temor, e não foi a Galiléa, porque elles não foram, e ficou em Jérusalem, porque elles ficaram, e dispensou que o vissem em Jérusalem, porque não esperassem para o vêr em Galiléa. Logo se o temôr dos Apostolos foi bastante causa para o Senhor se deter em Jérusalem, e antecipar o tempo da sua vista; porque não seria causa tambem bastante o seu amôr para se não deter na sepultura, e antecipar o tempo da sua Resurreição? Assim como tinha predito que estaria na sepultura tres dias e tres noites, assim tinha predito que iria diante á Galiléa, e que lá o veriam Pedro, e os demais; logo se foi sufficiente motivo para antecipar o tempo e logar da sua vista o acudir á frieza do temôr dos Discipulos, muito maior razão, e muito mais urgente parece que era para antecipar os dias e noites de sua sepultura, acudir ás ancias do seu amôr. Digamos pois que madrugou o nosso Sol, não só antes do principio do dia, senão tambem antes do fim: antes do fim do dia, antecipando os crepusculos da tarde, para entrar, como entrou, pelo Cenaculo com as portas cerradas; e antes do principio do dia, para sahir, como sahiu, da sepultura, tambem não esperando

[1] *Math.*, XXVI, 32.

que as portas se abrissem em uma e outra madrugada: *Cum fores essent clausæ*. [1] Mas posto que a paridade em um e outro caso pareça ter igual, nem por isso é admittida a consequencia; porque, como grave e solidamente responde o doutissimo Maldonado: Quem faz mais do que promette, não falta á verdade; quem faz menos, sim. [2] Manifestar-se Christo aos Apostolos em Jérusalem, tendo promettido e prophetisado que o faria em Galiléa, como depois fez, não foi faltar á verdade da prophecia, e da promessa, senão fazer mais do que tinha prophetisado e promettido. Porém tendo prophetisado e promettido que havia de estar debaixo da terra tres dias e tres noites, se não estivesse tres dias e tres noites na sepultura, faltaria á sua palavra, á verdade da prophecia, e á verdade da promessa, o que de nenhum modo podia ser. Mas se de nenhum modo podia ser, de que modo foi? De que modo se verifica que estivesse Christo na sepultura tres dias e tres noites? Aqui consiste o ponto da difficuldade, que agora declarei. Dae-me attenção, e vereis como neste caso parece que contenderam no coração de Christo a verdade e o amôr, e a ambos satisfez exactamente na sua vigilantissima madrugada. Já vimos que Christo foi sepultado ás cinco horas de sexta feira, á tarde, e resuscitou ás quatro, pouco mais ou menos, da manhã do domingo: e contando-se neste tempo apenas trinta e seis horas, de tal modo e com tal arte as repartiu o amôr, que couberam nellas verdadeiramente tres dias, e tres noites. Era o equinoccio de março em que o sol se põe ás seis horas; e assim como das cinco horas de sexta feira até se pôr o sol temos o primeiro dia, assim do sol posto até á meia noite da mesma sexta feira, temos a primeira noite. Seguem-se vinte e quatro horas da meia noite da sexta feira até á meia noite do sabbado, e temos um dia inteiro de doze horas, e uma noite tambem inteira de outras doze, que é o segundo dia e a segunda noite: da meia noite do sabbado até ás quatro horas do domingo, em quanto duravam as trevas e o escuro, temos a terceira noite, e tanto que começou a assomar a primeira claridade, ou crepusculo da luz, que já pertencia ao dia seguinte, temos o terceiro dia. Aqui

---

[1] *Joan.*, xx, 19.
[2] Maldonat. in Cap. 28 Math.

parece que está mais confuso o dia com a noite, mas dividiu-os o Senhor pela subtileza dos seus olhos, e não pela grosseria dos nossos. No principio do mundo, diz a Escriptura Sagrada, que tanto que Deus creou a primeira luz, a dividiu das trevas, e que á luz chamou dia, e ás trevas noite: *Divisit lucem à tenebris: appellavitque lucem diem, et tenebras noctem.* [1] E o mesmo estylo guardou Christo com o primeiro crepusculo deste dia, andando tão escrupuloso com a sua verdade, como liberal com o seu amôr. O primeiro crepusculo do dia é um composto de claro e escuro: mas o escuro muito, e o claro pouco: e a esse muito escuro, em quanto propriamente foram trevas, contou o Senhor por noite, e ao pouco claro, como já era luz, posto que muito escassa, contou-o por dia: *Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem.* Assim madrugou para abreviar a ausencia o divino e humanissimo Amante de nossas almas, concordando de tal maneira a verdade de sua promessa com as ancias do seu amôr, que para verificar em trinta e seis horas de sepultura, tres dias e tres noites, as tres noites fel-as uma de doze horas, outra de seis, outra de quatro: e os tres dias, um de doze horas, outro de uma hora, outro de menos de meia; que isso foi nascer o sol no primeiro crepusculo da manhã: *Valdè manè orto jam sole.*

E se houver algum incredulo, que se não contente com este modo de contar, e cuide que para se verificarem os tres dias, e as tres noites da prophecia, os dias haviam de ser inteiros, e as noites tambem inteiras, e não parte de dias, e parte de noites; aonde remetterei eu esta incredulidade, senão ao Credo? Credes que Christo foi sepultado? Sim: e comtudo o sepultado não foi todo Christo quanto á humanidade, senão uma parte de Christo, que é o corpo. Crêdes que Christo desceu aos infernos? Sim: e comtudo o que desceu aos infernos do mesmo modo não foi todo Christo, senão uma parte de Christo, que é a alma. Logo tambem para que o Senhor estivesse tres dias e tres noites na sepultura, não foi necessario que os dias fossem inteiros, e as noites inteiras, mas bastou que fossem parte dos tres dias, e parte das tres noites. Esta figura em que se toma a parte pelo todo, chama-se synedoche, tão frequente nos Auctores sagrados, como nos profanos.

---

[1] *Gen.*, I, 4 e 5.

E para que o tempo de Christo na sepultura responda ao exemplo da humanidade do mesmo Christo, segundo uma parte no Sepulchro, e segundo outra no inferno, assim se verificaram os tres dias, e as tres noites pontualmente em ametade do tempo, como se haviam de verificar em todo, se os dias e noites foram inteiras; porque tres dias inteiros, e tres noites inteiras fazem setenta e duas horas, e os dias e noites da sepultura do Senhor foram trinta e seis, que é ametade de setenta e duas. A *vespere sepulturæ usque ad diluculum resurrectionis triginta sex horæ sunt*, [1] diz com a mesma conta Santo Agostinho. Finalmente, para a conclusão de todo o computo, oiçamos a S. Leão Papa, e a S. Anselmo. S. Leão diz assim: *Ne turbatos discipulorum animos longa mæstitudo cruciaret, denuntiatam triduí moram tam mira celeritate brevíavit, et dum ad integrum secundum diem, pars primi novissima, et pars tertii prima concurrit, et aliquantulum temporis spatio deciderit, et nihil dierum numero deperiret.* [2] E S. Anselmo pelos mesmos termos: *Primus dies à parte extrema annumeratus est, dies verò tertius à parte prima. Sic ergo diei partem cum parte noctis pro nocte, et die accipiens, habes triduum, et tres noctes.* [3]

V

Parece-me que tem satisfeito o meu discurso á primeira parte do que prometteu, mostrando quanto o Senhor resuscitado madrugou nesta manhã por amôr de nós. Agora resta satisfazer á segunda, e vêr como nós tambem devemos madrugar, e quando, para não faltar á memoria, e boa correspondencia de tanto amôr. Se as Marias madrugaram com tanta diligencia, suppondo ao mesmo Senhor dormindo no Sepulchro, e não sabendo que tinha madrugado, nem crendo que houvesse de acordar, que deve fazer a nossa fé, e qual

---

[1] August. in 4 de Trinitate.
[2] D. Leo. Serm. 1, de Resurrect.
[3] D. Ansel. in Matth. Cap. 12.

deve ser o cuidado do nosso agradecimento? Assim como o Evangelista declarou a madrugada de Christo com o equivoco do Sol, *Orto jam sole;* assim me parece que o mesmo Senhor muito antes significou a das Marias com o equivoco das estrellas. Fallando Deus com Job quando ainda dormia, ou jazia na sepultura do não ser, e arguindo aos que depois da fé, e memoria desta madrugada ainda esperam pelos raios do sol que os esperte, diz assim: *Ubi eras cùm me laudarent simul astra matutina, et jubilarent omnes filii Dei?* [1] Quando as estrellas da madrugada me louvavam, e juntamente me festejavam alegres os filhos de Deus, onde estavas tu? Que os chamados filhos de Deus sejam os anjos, ninguem o duvida: mas não carece de grande duvida quaes sejam as que o mesmo Senhor chama estrellas da madrugada, *astra matutina*. Só quem não póde dormir madruga. As estrellas toda a noite vigiam, e toda a noite estão louvando a Deus, sem poderem dormir jámais, como diz o mesmo Job: *Concentum Cœli quis dormire faciet?* [2] Os Anjos tambem não dormem, que por isso em Daniel se chamam vigias, e não só de dia, mas de noite louvam tambem a Deus sem cessar. Mais. Os Anjos estão no ceu empyreo, as estrellas no firmamento, ou no oitavo ceu, que é uma distancia immensa. Como logo estas estrellas da madrugada louvam a Deus juntamente com os Anjos, *simul?* Eu bem tomára que tivesse dito outrem o que agora direi: mas tambem entendo, que em toda a Escriptura Sagrada se não acharão outras que se possam chamar estrellas da madrugada, e nas quaes se concordem todas as difficuldades que acabamos de propor, senão nas Marias, que, como estrellas, e antes do sol, madrugaram hoje ao Sepulchro de Christo. Assim o persuadem a companhia, o tempo, o logar, o nome e o appellido. A companhia: porque só ellas concorreram juntamente com os Anjos, os quaes só ellas viram, e só com ellas fallaram, não apparecendo nem fallando aos Apostolos: o tempo: porque se ellas madrugaram, tambem madrugaram os Anjos, que tiraram a grande pédra da sepultura, e se assentaram nella, mostrando bem nas galas e

[1] *Job.*, XXXVIII, 4 e 7.
[2] *Ibid.*, 37.

resplandores o jubilo com que festejavam aquella hora: o logar: porque em nenhum outro appareceram os Anjos, senão no Sepulchro, onde elles se mostraram e fallaram com as Marias, e as mandaram aos Discipulos por embaixadoras da Resurreição do Senhor: o nome: porque o de Maria quer dizer *Estrella*, nem desdiz dellas a propriedade, que se lhes acrescenta, do mar, pois eram moradoras das praias do Tiberiades. E, finalmente, o appellido de matutinas, ou estrellas da madrugada, não só declara a diligencia com que nesta hora madrugaram, senão o parentesco que tinham por sangue com a primeira e soberana Maria, que por antonomasia se chama, *Stella matutina*. E quando as Marias, sendo mulheres, sem temor da noite, nem dos soldados, madrugaram tão vigilantes e diligentes para adorar e servir a Christo morto; nós que o cremos resuscitado, sem outro impedimento mais que do somno, negligencia, ingratidão e esquecimento: que podemos responder ao mesmo Senhor, quando a esta mesma hora nos arguir, dizendo a cada um: *Ubi eras, cùm me laudarent astra matutina?*

E se o exemplo das Marias na madrugada desta manhã, basta para nos arguir e envergonhar; quanto mais o da madrugada do Senhor, que ellas já não acharam no Sepulchro, o qual não só madrugou para nos dar o exemplo, senão tambem para ser nosso exemplar nesta vigilancia? Perguntam os Theologos, se Christo resuscitando foi exemplar da nossa resurreição? E respondem com S. Thomaz, que sim. Nosso exemplar na vida, nosso exemplar na morte, e tambem na resurreição, nosso exemplar. Na vida, porque devemos viver para elle: na morte, porque devemos morrer por elle: e na resurreição, porque havemos de resuscitar como elle. Este *como*, estendi eu na minha proposta, não só á immortalidade da outra vida, senão á imitação desta. Elle chamou á sua morte dormir, e á sua resurreição acordar; e nós devemos acordar como elle resuscitou. Resuscitou de madrugada: e para que? Para que o desvelo e fineza do seu amôr empenhasse a correspondencia e agradecimento do nosso, a que em honra e memoria desta madrugada lhe sacrifiquemos todas. Assim o fazia com espirito prophetico David, muitos seculos antes desta manhã, já então agradecido a ella, porque é propriedade e virtude do exemplar poder causar e influir seus effeitos antes de existir: *Præ-venerunt oculi mei ad te dilúculo, ut meditarer eloquia*

tua: [1] Os meus olhos, dizia este bom rei a Deus, sempre se preveniam e antecipavam muito de madrugada a meditar em vós, e no que me tendes revelado. Faz menção dos olhos, porque nelles consiste o sacrificio de vencer e resistir ao somno naquella hora. E a razão de escolher David entre todas as horas, não só do dia, senão da noite, mais esta da madrugada que outra, commenta Hugo cardeal, que era porque esta da madrugada foi a hora em que Christo resuscitou: *Prævenerunt oculi mei ad te diluculo, qua hora Christus resurrexit.* Viu o grande propheta, posto que de tão longe, as amorosas impaciencias (digamol-o assim) com que a ausencia e saudades dos homens, morto o Senhor, e insensivel, o não deixavam aquietar na sepultura: viu o artificio admiravelmente engenhoso, com que para concordar a verdade de sua palavra com as ancias do seu amôr, de vinte e duas horas de trevas fez tres noites, e de quatorze de luz, tres dias: e como era aquelle generoso coração, que sempre desejava pagar de algum modo a Deus o que delle recebia: *Quid retribuam Domino, pro omnibus quæ retribuit mihi:* [2] para corresponder, quanto lhe era possivel, aos extremos e finezas desta madrugada, dedicou á meditação, á honra, e ao agradecimento della todas as suas. Por isso repetia tantas vezes o mesmo offerecimento. Uma vez: *In matutinis meditabor in te:* [3] outra vez: *Mane oratio mea prævenit te:* [4] outra: *Mane astabo tibi:* [5] outra: *Mane exaudies vocem meam:* [6] outra: *Ad annuntiandum mane misericordiam tuam:* [7] outra, finalmente, e nella todas com a repetição do sacrificio dos seus olhos: *Anticipaverunt vigilias oculi mei.* [8]

Mas se as finezas do amôr de Christo, assim na vida como na morte, foram tantas e tão estremadas ou estremosas; com razão me perguntareis, que fundamento e motivo teve David (e devemos nós ter) para antepôr

---

[1] *Psal.* CXVIII, 148.
[2] *Ibid.,* CXV, 12.
[3] *Ibid.,* LXII, 7.
[4] *Ibid.,* LXXXVII, 14.
[5] *Ibid.,* V, 5.
[6] *Ibid.*
[7] *Ibid.,* XCI, 3.
[8] *Ibid.,* LXXVI, 5.

a desta madrugada da Resurreição a todas as outras? Respondo, que obrou o juizo de David nesta eleição como tão sabio e tão santo. Porque comparada esta fineza do amôr de Christo na sua Resurreição, com todas as finezas da sua vida e da sua morte, só esta propriissimamente foi, e se deve chamar fineza. Christo Redemptor nosso, em quanto fez e padeceu na vida e na morte, mereceu para si e para nós: para nós mereceu a graça e a gloria (que para si não mereceu, porque era sua) e para si mereceu a honra e a exaltação de seu nome, como diz S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis; propter quod et Deus exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* [1] E depois que o mesmo Christo espirou na cruz mereceu mais alguma coisa? Nem mereceu, nem póde merecer, nem para si, nem para outrem, porque na morte se acaba o tempo e o praso que Deus tem definido e determinado para o merecimento. E como o amôr tanto mais tem de fino, quanto menos pretende interesse ou premio; por isso o amôr de Christo resuscitado foi mais fino, e só se póde chamar fineza. No amôr da vida e da morte, posto que tão grande, amou o Senhor merecendo; no amôr da Resurreição, ainda que não fosse maior amôr, amou sem merecer: e como foi maior a fineza, tambem pede, sem a pedir, maior correspondencia. De sorte que o mesmo Redemptor depois que com a sua morte remiu o mundo, porque resuscitado não mereceu nada para si, ficou mais merecedor em si: e porque resuscitando não mereceu nada para nós, mereceu muito mais de nós. Reconhecendo pois David a fineza deste desmerecimento, o desinteresse deste amôr, e o desvelo deste resuscitar: para responder tambem fino a tanta fineza, amoroso a tão grande amôr, e desvelado a tão vigilante desvelo: que fez? Sendo a hora da Resurreição uma só hora, e a madrugada daquella hora uma só madrugada; a esta hora dedicou todas as horas, e a esta madrugada todas as madrugadas de todos os dias de sua vida: *In matutinis meditabor in te, qua hora Christus resurrexit.*

Verdadeiramente que para responder a um dia, parece que bastava outro dia; e se a hora fosse ainda tão escura, que se podesse chamar noite, tambem para responder a uma, parece que bastava outra: *Dies diei*

[1] *Filip.*, II, 8 e 9.

eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam: [1] mas responder a uma hora com todas as horas, e a um dia com todos os dias, só a generosidade de quem inventou esta correspondencia, a póde confirmar. Oiçamos mesmo David neste mesmo dia da Resurreição, e nesta mesma hora em que resuscitando o Senhor, tanto madrugou a sahir da sepultura. O argumento do Psalmo 67 é todo da Resurreição de Christo. Começa propheticamente: *Exurgat Deus, et dissipentur inimici ejus:* [2] as quaes palavras commenta Santo Agostinho com estas: *Jam factum est: exurrexit Christus, qui est super omnia Deus benedictus in sæcula, et dispersi sunt inimici ejus per omnes gentes: Judæi in eo ipso loco ubi inimicitias exercuerunt debellati, atque inde per cuncta dispersi.* Diz o propheta: Resuscite Deus, e sejam dissipados seus inimigos: e uma e outra coisa está já cumprida; porque Christo, como Deus que é, resuscitou, e seus inimigos, que são os judeus, sendo debellados na mesma Jérusalem, onde executaram o seu odio, d'ahi foram dissipados, como hoje estão por todo o mundo. E depois de descrever o propheta como o soberano Libertador tirou do carcere do Limbo os Santos Padres, que lá estavam captivos: *Educit vinctos in fortitudine:* [3] e o triumpho com que subiu acompanhado de tantos milhares de almas: *Currus dei decem millibus multiplex, millia lætantium:* [4] porque os mesmos judeus diziam a Christo na cruz, que salvando aos outros, não se podia salvar a si: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere:* [5] chegado finalmente ao Sepulchro, exclama com admiravel energia e allusão: *Deus noster, Deus salvos faciendi, et Domini Domini exitus mortis.* [6] Agora vereis, ó judeus, se o nosso Deus que vós não quereis reconhecer por vosso, é Deus que póde fazer salvos não só a outros, senão a si: *Deus noster, Deus salvos faciendi.* E senão vêde-o sahir vivo da sepultura, e do poder da morte, da qual é não só uma, senão duas vezes Senhor: *Et Domini Domini exitus mortis.* Es-

[1] *Psal.* XVIII, 2.
[2] *Ibid.*, LXVII, 2.
[3] *Ibid.*, 7.
[4] *Ibid.*, 18.
[5] *Math.*, XXVII, 42.
[6] *Psal.* LXVII, 21.

ta é (diz Hugo) a emphase daquelle *Domini Domini*, duas vezes repetido. Como se dissera: Senhor da morte duas vezes, ambas a vosso pezar: Senhor da morte, porque morreu quando quiz, e Senhor da morte, porque resuscitou quando vós não quizeis. Puzestes guardas na sepultura, porque não quizeis que sahisse della; mas elle como Senhor das entradas e sahidas da morte, para abreviar os tres dias da sepultura, escolheu a tarde do primeiro para entrar, e a madrugada do terceiro para sahir: *Et Domini Domini exitus mortis.* Assim canta David as maravilhas do poder de Christo na madrugada deste dia, todas obradas por nosso amôr: e a acção de graças que por todas lhe offerece, breve no que diz, mas grandissima no que promette, é esta: *Benedictus Dominus die quotidie:* [1] Neste dia seja Deus bemdito todos os dias. Notavel dito, e por isso impropriamente interpretado de muitos! *Die*, é um dia: *Quotidie*, são todos os dias: pois como póde Deus ser bemdito em um dia todos os dias: *Benedictus Dominus die quotidie?* Porque o dia um, é o da Resurreição de Christo: e os dias todos, são os da vida de David. Tão agradecido o santo propheta ás finezas deste dia, ás madrugadas deste amôr, e aos desvelos desta madrugada, que não se contentou com menos a sua devoção, e a sua memoria, que com sacrificar o somno ou vigilancia dos seus olhos por todos os dias da sua vida a este dia, e por todas as manhãs dos mesmos dias a esta hora: *Hora in qua resurrexit Christus: Benedictus Dominus die quotidie.*

VI

Isto é o que fazia David antes de Christo resuscitar, e isto é o que depois de resuscitado deve fazer todo o christão, se não queremos ser ingratos. Não é novidade, ou conselho meu, senão doutrina do maior prégador da Igreja ha mais de mil e duzentos annos: *Ab initio diei David ãbat Deo primitias: oportet enim ad gratias tibi agendas solem prævenire.* [2] David logo ao primeiro

---

[1] *Psal.* LXVII, 20.

[2] D. Chrysost. in Psalm. 5. ad illa verba *Manè exaudies vocem meam.*

romper da alva dava a Deus as primicias do dia, porque é necessario, para agradecer a Deus os seus beneficios, madrugar antes do sol. Depois que Deus deu leis aos homens, nenhuma coisa mais vezes lhes encommenda, e mais apertadamente lhes encarrega nellas, que a obrigação de lhe offerecerem e consagrarem as primicias de tudo quanto recebem de sua liberal mão. Não fazer esta offerta a Deus, não só é ingratidão, mas roubo, porque é reputar as coisas que possuimos, e elle nos dá, como nossas, e não como suas. Por isso de tudo o que produz a terra manda que lhe offereçamos os primeiros fructos: de tudo o que nasce dos animaes as primeiras crias, e até dos proprios filhos, os primogenitos. E se de tudo devemos dar a Deus as primicias, quanto mais dos dias da vida, sem os quaes tudo o que só com elle se póde gosar, é nada? E acrescenta o grande Chrysostomo, que para serem gratas a Deus estas primicias dos dias, não basta offerecer-lhas depois do sol sahido, mas é necessario madrugar antes do sol: *Oportet enim ad gratias tibi agendas solem prævenire.* Na primeira Lei, em que Deus mandou que se lhe offerecessem as primicias, que é no Capitulo vinte e dois do Exodo, diz assim: *Primitias tuas non tardabis reddere*: [1] As vossas primicias não tardeis em as pagar. E quanto bastará para esta tardança nas primicias do dia? A Glossa que acabo de referir o diz: *Oportet solem prævenire:* senão madrugastes antes do sol, e esperastes que o sol sahisse, tardastes.

A razão desta diligencia tão antecipada não parece facil. Mas no nosso caso da madrugada da Resurreição é evidente. Porque se Christo neste dia madrugou antes do sol por amôr de nós, muito tarde seria o agradecimento deste amôr, se nós esperassemos depois do sol para lhe dar as graças. E' texto expresso de Malachias, de muitas maneiras trazido a outros intentos, e só feito naturalmente para este: *Orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitiæ, et sanitas in pennis ejus:* [2] Nascerá para vós, os que temeis meu nome, o Sol de justiça, o qual trará a saude nas azas. Este Sol literalmente e sem controversia, é Christo. Mas quando nasceu este Sol com azas, e azas cujas pennas tiveram

[1] *Exod.*, XXII, 29.
[2] *Malach.*, IV, 2.

virtude de sarar enfermos? Muitos dizem, que quando nasceu em Belem da Virgem Maria. Mas então não teve braços, nem pés, quanto mais azas: *Et Dei manus, pedesque, stricta cingit fascia.* Mais ainda: que então como Filho da Mãi de misericordia foi Sol de misericordia, e não de justiça, como nasceu aqui: *Orietur vobis Sol justitiæ:* que nascimento do mesmo Sol foi logo este tão differente no nome, na figura, e nos effeitos? No nome Sol de justiça, na figura Sol com azas, nos effeitos Sol que sára com ellas? Santo Agostinho diz, que foi Christo na sua Resurreição: *Qui cùm sumpsit pennas suas in resurrectione, jam corpore non gravatur.* [1] Este é logo o nascimento do Sol, de que hoje disse o Evangelista, *Orto jam Sole.* E porque Santo Agostinho não declarou o Texto, eu o declararei: e de todas as clausulas delle se verá manifestamente ser este o seu verdadeiro sentido.

Orietur: diz que nascerá: porque Christo assim como teve duas vidas, teve tambem dois nascimentos; um mortal que nasceu da Virgem, outro immortal com que nasceu da sepultura. E' metaphora, e elegancia não menos que da Igreja neste mesmo mysterio: *Qui natus olim è Virgine, nunc è sepulchro nasceris:* e para quem nascerá neste segundo nascimento? *Vobis timentibus nomen meum:* Para vós que temeis o nome de Deus. Não diz que nascerá para todos, senão só nomeadamente para os que creem em Deus, e o temem; e assim foi: porque bem pudéra o Senhor resuscitado apparecer vivo e glorioso nas ruas e praças de Jérusalem a Annaz, a Calphaz, a Herodes, a Pilatos, e aos outros seus inimigos; mas não se quiz manifestar, senão aos que o criam e amavam, como foram as Marias, os Apostolos, e os Discipulos. E por isso com grande propriedade e energia lhe chama o Propheta, *Sol justitiæ*, Sol de justiça, e não de misericordia. Assim o declarou o mesmo Christo com o exemplo deste sol, que nasce para todos, bons e maus: *Estote misericordes, sicut et Pater vester misericors est : qui solem suum oriri facit super bonos et malos:* [2] e a justiça não mede aos bons e aos maus com a mesma regra, mas por isso é justiça, porque nega aos maus o favor que

[1] August. in Psalm. 138 citat à Cornel.
[2] Luc. VI, 36. Math., V, 45.

faz aos bons, como o Senhor fez hoje: *Et sanitas in pennis ejus.* E chama-lhe o propheta, ou pinta o sol com azas, pela diligencia e velocidade com que neste dia madrugou, e se antecipou o seu nascimento ao do sol natural. Ainda o sol natural dormia, e a aurora lhe não tinha corrido as cortinas encarnadas, quando o nosso já era nascido: *Valdè manè, orto jam Sole.* Os poetas para encarecer a velocidade com que corre o sol, puzeram-n'o em carroça de quatro cavallos (note a nossa côrte de caminho, que carroça a seis, nem ao sol a permittem as fabulas: *Peroys, Eous, et Æthon, solis equi, quartusque Phlegon):* e se esse sol corre sobre rodas, o nosso voou com azas: *Et sanitas in pennis ejus.* E diz que nas mesmas azas leva a saude para sarar enfermos, porque assim os sarou hoje, voando a diversos logares: aos Apostolos sarou-os do temor e da incredulidade: aos Discipulos de Emaüs sarou-os da cegueira e desesperação: ás duas Marias, da tristeza e do assombramento: e á Magdalena, que era a mais enferma de todos, sarou-a do amôr e das saudades.

Agora pergunto: E que primor seria o nosso, se aos desvelos do amôr de Christo na manhã da sua Resurreição respondessemos nós dormindo; e madrugando elle tanto antes de sahir o sol, nós, para lhe dar as graças, esperamos a que seja alto dia? Vêde quanto se acautelava e temia deste desprimor o mesmo David, que, á imitação e meditação desta madrugada, dedicou as de todos os dias da sua vida. *Ad altitudine diei timebo:* [1] Este é um dos ditos mais notaveis deste grande Propheta nos seus Psalmos, que se temêra muito do alto dia. E que mal tem o alto dia para se temer tanto delle quem tão pouco sabia temer como David? Dyonisio Carthusiano, grande mestre da oração e contemplação, diz que se temia David do alto dia, não como soldado, mas como contemplativo: porque na madrugada está a nossa alma mais habil para a oração e devoção; no alto dia mais pesada, e inepta: *De manè enim homo ad devotionem habilior, in altitudine diei ineptor.* E como o devotissimo Propheta, em memoria da hora em que Christo sahiu da sepultura, neste dia se tinha dedicado a o louvar em todas as dos seus dias: *Benedictus Dominus die quotidie;* por isso com razão se temia do alto

[1] *Psalm.* LV, 4.

dia, porque era coisa mui alheia do primor e devoção do seu offerecemento, que devendo corresponder cada um dos seus dias áquelle dia, quando o Senhor se tinha desvelado e madrugado tanto, elle, em vez de o contemplar e louvar tambem de madrugada, o não fizesse senão alto dia.

E para que nós vejamos quanto tambem nos devemos temer do alto dia, *Ab altitudine diei timebo*, oiçamos o maior prodigio deste temor, e razão delle, não declarado menos que pelo mesmo Deus. O manná não chovia do ceu senão de madrugada; e se acaso ao sahir do sol estava algum ainda no campo, em lhe tocando o primeiro raio do sol, logo se desfazia. Atéqui podia ser sem milagre; mas nota e pondera muito o Texto, que o mesmo manná, que tocado dos raios do sol se derretia, posto no fogo, de nenhum modo se podia desfazer, nem derreter, antes ficava solido e duro: *Quod enim ab igne non poterat exterminari, statim ab exiguo radio solis calefactum tabescebat.* [1] Isto é certo que não podia ser naturalmente, porque tudo o que derrete o sol, tambem o derrete o fogo: e tudo o que endurece o fogo, tambem o endurece o sol. O sol derrete a cera, e o fogo tambem a derrete: o fogo endurece o barro, e o sol tambem o endurece. Porque trocava logo Deus no manná estes effeitos naturaes do sol e do fogo, que não podendo derreter o fogo, em o tocando qualquer raio do sol, no mesmo ponto se derretia: *Statim ab exiguo radio solis tabescebat?* Se o mysterio deste tão notavel milagre o deixára Deus á consideração e exposições dos Doutores, que coisas diriam tão diversas, e tão alheias da mente de Deus? Mas como só o mesmo Deus, auctor do milagre, conhecia o verdadeiro mysterio e significação para que o tinha feito, elle mesmo o declarou no Capitulo XVI da Sapiencia, e é, como lhe chamei, tão prodigioso em si, como admiravel ao intento. As palavras divinas são estas: *Ut notum omnibus esset, quoniam oportet prævenire solem ad benedictionem tuam, et ad ortum lucis te adorare.* [2] Ordenou Deus com tão grande milagre, que o manná, que se não derretia ao fogo, se derretesse ao primeiro raio do sol, para que entendessem e

[1] *Sapient.*, XVI, 27.
[2] *Ibid.*, 28.

soubessem todos os homens, que todo aquelle que houver de orar, adorar e louvar a Deus (combinae o *benedictionem tuam* com o *benedictus Dominus*) se deve antecipar para isso ao nascimento do sol, e levantando-se de madrugada ao primeiro romper da luz, prostrar-se logo diante do divino acatamento, e então o adorar e orar: *Et ad ortum lucis te adorare*. De maneira que o orar, contemplar e louvar a Deus, é como o manná, o qual por isso descia do ceu, e se chama pão dos anjos, porque o manjar de que se sustentam os anjos no ceu não é outro mais que a contemplação e louvores do mesmo Deus: e assim como o manná se derretia em o tocando os raios do sol, assim se desfaz e perde o valor e acceitação diante do acatamento divino a oração dos que não madrugam antes do mesmo sol a lhe dar as devidas graças; porque (conclue a mesma Sabedoria) os que para pagar a Deus este tributo de cada dia, esperam a que primeiro nasça e os esperte o sol, é signal certo de ser ingratos: *Ingrati enim spes tanquam hybernalis glacies tabescet, et disperiet.* [1]

VII

Quem chegou a ouvir da bocca do mesmo Deus esta tão clara e formidavel sentença, nenhuma outra razão ou auctoridade o poderá persuadir: comtudo para louvor dos que assim madrugam, quero referir o que de uns e outros dizem os dois grandes lumes da Igreja grega e latina, S. Athanasio e Santo Agostinho. S. Athanasio diz assim: *Magnum certaminis decus è lecto ipso Deo sistere se ipsum, et prævenire in gratiarum actione solem.* O' que honrada e generosa competencia, competir o homem com o sol a qual ha de amanhecer primeiro; ou o sol a dar luz ao mundo ou o homem a dar graças a Deus! A mais bizarra e famosa competencia que viu a memoria dos homens, foi o desafio de David com o gigante: mas que comparação tem desafiar um gigante da terra, ou o gigante do ceu? O gigante do ceu é o sol, como diz o mesmo David: *Exultavit ut gigas ad currendam viam, à summo cœlo egressio ejus*,

[1] *Sapient.*, XXIX.

et occursus ejus usque ad summum ejus. [1] A grandeza e estatura de Golias era de seis covados e um palmo: a estatura e grandeza do sol é cento e sessenta vezes tão vasta como toda a redondeza deste globo interior, que se compõe de todo o mar e de toda a terra. Os passos com que anda ou corre o sol, são tão dilatados, que em cada hora caminha mais de trezentas mil legoas. Vède agora se é grande e admiravel competencia competir o homem com o sol sobre qual se ha-de adiantar um ao outro, ou o sol a allumiar o homem, ou o homem a louvar a Deus? *In gratiarum actione solem prævenire, magnum certaminis decus.*

O sol tem duas balizas, o oriente e o occaso; e não só na primeira quando nasce, senão tambem na segunda quando se põe, quer S. Paulo, que, como nas duas columnas de Hercules, ponha o homem um *non plus ultra*, antecipando-se sempre, e adiantando-se ao sol, *Sol non occidat super iracundiam vestram:* [2] Se acaso tivestes occasião de ira contra vosso proximo, adverti, diz o Apostolo, que não se ponha o sol, sem que primeiro vos reconcilieis, e ponhaes em graça com elle. De sorte que o nosso amôr de Deus e do proximo ha de competir de tal modo em se adiantar sempre ao sol, que nem o sol amanheça no oriente, antes de nós darmos graças a Deus, nem o mesmo sol se ponha no occaso, antes de nós nos pôrmos em graça com o proximo. Na historia deste mesmo dia temos duas figuras, que com grande propriedade nos representam dobrada antecipação desta competencia. Quando a Magdalena não achou a Christo no Sepulchro, veiu dar conta a S. Pedro, e a S. João; e diz o Texto sagrado, que ambos correram logo a certificar-se do que ouviam; porém S. João correu mais que S. Pedro, e chegou primeiro: *Currebant autem duo simul, et ille alius discipulus, quem amabat Jesus, præcucurrit citius Petro, et venit primus ad monumentum.* [3] S. Gregorio Papa diz, que S. João neste caso fazia a figura da Synagoga, e S. Pedro a da Igreja. Mas se nós chegarmos mais ao Texto, na palavra *Discipulus quem amabat Jesus*, porque não diremos que S. João fazia a figura do amôr, e na

[1] *Psal.* XVIII, 6 e 7.
[2] *Ephes.*, IV, 26.
[3] *Joan.*, XX, 24.

competencia com que ambos corriam, *Currebant duo simul*, que S. Pedro fazia a do sol? E' S. Pedro figura do sol, porque tem as chaves do ceu. *Tibi dabo claves Regni Cœlorum:* [1] é assim como S. Pedro tem os poderes de abrir e fechar o ceu: assim o sol abre o mesmo ceu, quando apparece no oriente, e o fecha, quando desapparece no occaso. E S. João é figura do amôr, assim de Deus, como do proximo; porque de Christo foi o mais amado, *Discipulus quem amabat;* e dos proximos o maior amante. *Filioli, diligite alterutrum.* E que quer dizer que correndo Pedro, e correndo juntamente João, João corra mais que Pedro, e que chegue João primeiro que elle? Quer dizer o que imos dizendo, que sempre o amôr de Deus e do proximo se ha de antecipar e adiantar ao curso e carreira do sol, por mais que elle corra. O amôr de Deus ha de correr mais que o sol, dando graças a Deus, antes que o sol appareça no oriente: *In gratiarum actione prævenire solem;* e o amôr do proximo ha-de correr tambem mais que o sol, pondo-se em graça com o proximo, antes que o sol se esconda no occaso: *Sol non occidat super iracundiam vestram.*

E para que entendamos quanto Deus se agrada desta competencia, reparemos em uma coisa muito notavel, e é, que assim como o homem póde competir com o sol em se antecipar sempre ao sol, assim Deus compete com o homem em se antecipar sempre ao homem. Dizia David a Deus: *Mane oratio mea præveniet te:* [2] Eu, Senhor, hei-de madrugar todas as manhãs com tanta diligencia, que a minha oração se antecipe a vós. Esta é a mesma devoção que até agora imos louvando. Mas como lhe succedeu a David com estes seus bons propositos? Elle mesmo o disse: *Misericordia ejus præveniet me:* [3] Eu cuidava, Senhor, que a minha oração vos havia de prevenir a vós, *Oratio mea præveniet te;* e o que achei e experimentei, é, que a vossa misericordia foi a que me preveniu a mim, *Misericordia ejus præveniet me.* Não ha duas coisas mais reciprocas entre Deus e o homem, que a nossa oração e a sua misericordia. Por isso dizia o mesmo propheta: *Benedictus*

[1] *Math.*, XVI, 19.
[2] *Psal.* LXXXVII, 14.
[3] *Ibid.*, LVIII, 11.

Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me: [1] Bemdito seja Deus, que não apartou de mim, nem a minha oração, nem a sua misericordia: porque o meio de alcançar a sua misericordia é a nossa oração: e á nossa oração não póde faltar a correspondencia da sua misericordia. Mas quando David cuidou que se havia de antecipar a Deus com a sua oração. *Oratio mea prævenict te;* o que experimentou foi, que Deus era o que se havia de antecipar a elle com a sua misericordia, *Deus meus, misericordia ejus prævenict me.* E porque? A razão theologica, é, porque sem graça proveniente de Deus não podia David executar o que promettia. Se David havia de alcançar a misericordia por meio da oração, primeiro havia de orar: e se a misericordia se não antecipasse á oração de David, prevenindo-o com sua graça para que orasse, não poderia elle orar: logo se a misericordia se não antecipára á sua oração, nem elle podia orar, nem alcançar a misericordia: *Qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam à me.* E' verdade que a oração de David madrugou, *Manè oratio prævenict te;* mas Deus tinha madrugado mais que David, e a misericordia divina mais que a sua oração.

Muito madrugaram as Marias, mas Christo madrugou mais que ellas. E isto de madrugar sempre mais, é prerogativa que compete ao benignissimo Senhor em quanto Deus, e em quanto homem: em quanto Deus, porque a trouxe das entranhas de seu Pai por geração; e em quanto homem, porque a trouxe das entranhas de sua Mãi por nascimento. Dizei-me: como foi gerado Christo em quanto Deus, e como nasceu em quanto homem? Em quanto Deus diz o Eterno Padre: *Ex utero ante luciferum genui te* [2] Eu, Filho meu, vos gerei de minhas entranhas antes do luzeiro. E porque não diz antes do sol, ou antes da aurora, senão antes do luzeiro? Para mostrar que por natureza e por geração madrugou Christo em quanto Deus, antes de tudo o que mais madruga no ceu. No ceu a aurora madrugou antes do sol, o luzeiro madruga antes da aurora, e o Verbo madrugou antes do luzeiro: *Ante luciferum genui te.* Da sua geração em quanto Deus, passemos

---

[1] *Psal.* LXV, 20.
[2] *Ibid.*, CIX, 3.

ao seu nascimento em quanto homem. E quando nasceu Christo em quanto homem? *Dum medium silentium tenerent omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de cœlis à regalibus sedibus venit:* [1] Nasceu em quanto homem pontualmente á meia noite, para que nos desenganemos os homens, que ninguem póde madrugar mais que elle. Se nascesse ás cinco horas da manhã, madrugaria mais quem viesse ás quatro: se nascesse ás quatro, madrugaria mais quem viesse ás tres: se nascesse ás tres, ou ás duas, madrugaria mais quem viesse á uma; mas como nasceu á meia noite em ponto, ninguem póde madrugar tanto, que elle não tenha madrugado ou amanhecido primeiro. Excellentemente S. Bernardo: *Vigilias tu, vigilat et ille. Consurge in nocte in principio vigiliarum, accelera quantum vis, etiam ipsas anticipa vigilias, invenies eum, non prævenies. Temere in tali negotio, vel prius aliquid tibi tribuis, vel plus: nam ille te magis amat, et ante.* [2]

Não vos pergunto, Senhor, porque madrugaes tanto; mas só me admiro porque assim madrugaes, e vos desvelaes, sendo tão grande Senhor. Com razão notou, e nos manda notar a Sabedoria divina nesta occasião, que sois Rei todo poderoso: *Omnipotens sermo tuus de cœlis á regalibus sedibus venit;* porque vós sois aquelle soberano e supremo Senhor, que de ninguem, nem de coisa alguma tem necessidade: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* [3] Se a necessidade é o mais diligente despertador de quem a tem para que madrugue, vós que de nada necessitaes, para que madrugaes tanto; e nós que para tudo necessitamos de vós, porque não madrugaremos? Depois que este mesmo Senhor romper o silencio, em que agora o consideramos, nos ensinará que só quem necessita madruga, e quem madruga mais, é porque necessita mais. Sahiu, diz, muito de madrugada um Pai de Familias a alugar e concertar com os jornaleiros, para que fossem trabalhar á sua vinha: *Qui exiit primo manè conducere operarios in vineam suam.* [4] O Pai de Familias

---

[1] *Sap.*, XVIII, 14.
[2] Bernard. Serm. 69 in Cantic.
[3] *Psal.* XV, 2.
[4] *Math.*, XX, 1.

era nobre e Senhor, os jornaleiros eram uns homens de baixa condição, que viviam do trabalho das suas mãos, e do suor do seu rosto, e comtudo o Pai de Familias madrugou a os chamar, e se concertar com elles, porque tinha necessidade delles. Agora o que eu muito noto e reparo, é que quando o Pai de Familias chegou á praça, já os jornaleiros alli estavam esperando por quem os allugasse. E porque madrugaram mais os jornaleiros que o Pai de Familias? Porque necessitavam mais. O Pai de Familias necessitava dos jornaleiros para a vinha, os jornaleiros necessitavam do Pai de Familias para a vida. Ao Pai de Familias despertou-o a providencia da sua herdade, aos jornaleiros a força da sua necessidade. E se só quem necessita madruga, e quem necessita mais, tem obrigação de madrugar mais: nós que sempre e em tudo necessitamos de Deus, porque não madrugaremos por amôr de um Deus, que sem ter necessidade de nós, madruga tanto por amôr de nós?

VIII

Mas oiçamos já a Santo Agostinho, para que nos envergonhemos deste nosso descuido: *Turpe est christiano*, diz o grande Doutor da Igreja; e n'outro logar: *Pudor est christiano, si eum radius solis in lecto inveniat:* Torpe coisa é, e verdadeiramente vergonhosa para um christão, se o primeiro raio do sol o achar na cama, e não prostrado aos pés de Christo seu Creador e Redemptor. As primeiras creaturas, que com suas vozes nos injuriam e envergonham, entre aquellas que o mesmo Senhor creou, mas não remiu, são as aves. Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite, com dar ou cantar as graças a seu Creador, festejando a boa vinda da primeira luz, ou chamando por ella? As flôres que anoiteceram seccas e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas, ao descante mudo dos cravos e das violas, como são as Magdalenas do prado, tambem declaram os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado e oiro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao ceu,

e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos de garganta mais cheios, e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas sahindo do aprisco, e os outros gados mansos á liberdade do campo, os lobos e as feras sylvestres recolhendo-se aos bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas covas, todos, ou temendo a luz, ou alegrando-se com sua vista, como á primeira obra de Deus, lhe tributam naquella hora os primeiros applausos. E que maior confusão e affronta do homem, creatura racional, que quando todas as outras, ou brutas, ou insensiveis, reconhecem do modo que pódem a bondade e providencia daquelle supremo Senhor, que lhes deu o ser, antecipando-se ao sol para lhe offerecerem as primicias do dia; elle sem memoria, sem entendimento, sem vontade, e sem sentidos naquella voluntaria sepultura do somno e do descuido só confesse dormindo e roncando, que é o mais ingrato?

Desperta, ó homem indigno, aos brados de todas as creaturas; abre os olhos, e vê a que madrugas, e a que não madrugas. Deixadas as madrugadas mecanicas, como as do official vigilante, que madruga para bater e malhar o ferro, obrigando tambem a madrugar o ar e o fogo: os que professam vida e acções mais nobres, para que madrugam? Madruga o mathematico, para observar as estrellas, antes que lh'as esconda o sol: madruga o soldado, para vigiar o seu quarto, ou na muralha, ou na campanha, ou no bordo da nau: madruga o estudante sobre o livro, que tantas madrugadas custou ao seu Auctor, quantas são as lettras, muitas vezes riscadas, de que está composto: madruga o requerente, madruga o caminhante, madruga cercado de galgos o caçador, e sobre todos com mais estrondosas madrugadas os Principes, devendo madrugar não para montear desertos, e matar feras; mas, como fazia el-rei David, para alimpar os povoados de vicios, e matar os que os commettem: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* [1] E que appetite menos digno de tão alto e soberano nome, que despertarem ao som de trombetas, e muitas horas antes do sol, para correr uma lebre, ou dar uma lançada no javali amalhado, aquelles que sem este despertador depois da quarta

[1] *Psal.* c, 8.

parte do dia, tendo tanto que ver e prover, ainda não teem abertos os olhos? O' que differentemente haviam de madrugar para agradecer a Deus este descanço, se advertiram e disseram com o pastor agradecido: *Deus nobis hæc otia fecit!*

E se estas madrugadas por outra parte licitas e honestas, o descuido de se empregarem na adoração do Senhor, *Qui fabricatus est auroram, et solem*, [1] bastára para as fazer ociosas, e menos christãs; que censura merecem aquellas, que em logar de se dedicarem e consagrarem ao verdadeiro Deus, se sacrificam aos idolos? Fundido por Arão o idolo de oiro, e signalado para a celebridade e dedicação da infame imagem o dia seguinte, *Cras solemnitas Domini est*, [2] o que tizeram todos, foi levantarem-se muito de manhã a offerecer-lhe sacrificios: *Surgentesque manè obtulerunt holocausta;* e aos sacrificios se seguiram banquetes, brindes, e jogos: *Sedit populus manducare, et bibere, et surrexerunt ludere.* Foi boa madrugada esta? E quantas são debaixo do falso nome de christandade as que se parecem com ella? Os nossos idolos são as nossas paixões, e os nossos appetites: e raro é o christão de somno e juizo tão repousado que o deixe dormir, e não desvele a sua idolatria. Quanto corta pelo somno o adultero? Quanto corta pelo somno o vingativo? Quanto corta pelo somno o ladrão? Quanto corta pelo somno o taful? Quanto corta pelo somno o invejoso, o ambicioso, e, mais vigilante que todos, o avarento e cobiçoso? Os judeus adoram o bezerro de oiro, os christãos adoram o oiro, ainda que não peze tanto como o bezerro. Do oiro tomou o nome a aurora, e esta é a despertadora que os não deixa dormir, e faz vigiar, machinando subtilezas, traças, enganos, traições, e sacrificando ao torpe, vergonhoso, e brutal idolo do interesse, o descanço, a razão, a vida, a honra, a consciencia, a alma. Quão justamente arguiu Christo o somno e negligencia dos que não puderam vigiar uma hora com elle, á vista do contrario exemplo e vigilancia infame de Judas! *Vel Judam non videtis quomodo non dormit, sed festinat tradere me Judæis?* Basta que a cobiça de Judas para me vender e me entregar não

[1] *Psalm.* LXXIII, 16.
[2] *Exod.*, XXXII, 5 e 6.

dorme, e o meu amôr e a vossa obrigação não póde acabar comvosco a que corteis pelo somno, e vigieis uma hora commigo?

Este é o meu ponto, e esta a hora em que estamos, na qual tanto madrugou Christo por amôr de nós. E para maior confusão dos que em vez de madrugar nella para o louvar, madrugam para o offender; tornemos á historia do idolo, e ponhamo-nos dois passos atraz. A hora em que Deus afogou os exercitos de Pharaó no Mar Vermelho, foi muito de madrugada: *Jamque advenerat vigilia matutina, et ecce respiciens Dominus super castra Ægyptiorum per columnam ignis et nubis interfecit exercitum eorum.* [1] De sorte que na madrugada daquelle dia se consummou a liberdade dos filhos de Israël, e então acabaram de ficar totalmente livres do captiveiro dos Egypcios. E quando aquelles homens, se não foram ingratissimos, haviam de dedicar as madrugadas de toda a vida á memoria e agradecimento de tão estupendo e milagroso beneficio, o para que madrugaram tão diligentes, foi para negarem a honra e gloria delle a Deus, e a darem ao idolo: *Isti sunt dii tui Israël, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* [2] Bem creio que não haverá quem não pasme, e se assombre de uma tão forte e vergonhosa ingratidão. E que seria se eu dissesse, que ainda a nossa é mais vergonhosa, e mais torpe? Santo Agostinho, fallando geralmente da negligencia do christão, a quem o primeiro raio do sol acha dormindo, chamou-lhe torpe e vergonhosa: torpe: *Turpe est christiano;* vergonhosa: *Pudor est christiano.* Que diria porém, se fallasse da mesma negligencia e ingratidão, comparada com a vigilancia e amorosos desvelos de Christo nesta madrugada? Diria com muito maior razão o que eu agora hei de dizer. Aquella madrugada em que Deus acabou de libertar os Hebreus do captiveiro do Egypto, afogando seus inimigos no Mar Vermelho, foi figura desta mesma madrugada, em que o Senhor acabou de consummar nossa Redempção. Assim o canta a Igreja: *Fugitque divisum mare, merguntur hostes fluctibus.* Onde se deve muito notar uma particular e subtilissima energia do Texto sagrado.

---

[1] *Exod.*, XIV, 24.
[2] *Ibid.*, XXXII, 8.

Não só signalou o tempo e hora, que foi a da madrugada: *Jamque advenerat vigilia matutina*, mas nos mesmos olhos e olhar de Deus significou o modo de ver, que é o de quem madruga. Isso quer dizer: *Respiciens per columnam ignis, et nubis.* Estava o Senhor acordado, e não dormindo, porque via, *respiciens;* e via por entre o claro do fogo, e o escuro da nuvem, *per columnam ignis, et nubis*, que é o modo de ver, de quem olha pelos crepusculos da madrugada. Não é interpretação minha, senão similhança de que usou o mesmo Deus no livro de Job, comparando o afogueado e negro dos olhos de Leviathan, ao claro e escuro do crepusculo matutino: *Oculi ejus, ut palpebræ diluculi.* [1] E quando Deus madruga para me libertar, que não madrugue eu para o louvar! Mais, e peior ainda. Quando Deus não dorme, e se desvela para me defender de meus inimigos, que eu não durma, e me desvele para o offender! Isto é o que fizeram os Judeus torpe, vergonhosa, e impiamente ingratos no triumpho daquella gloriosa madrugada, em que Deus tanto se empenhou em vigiar por elles. E o mesmo fariamos nós, com circumstancias de ingratidão tanto maiores, quanto maior foi o beneficio, o amòr, a gloria, e o triumpho com que Christo nos acabou de libertar e remir nesta hora: *Qui mortem nostram moriendo destruxit, et vitam resurgendo reparavit;* se em louvor, honra, e veneração da madrugada da sua Resurreição não lhe offerecermos e consagrarmos todas as da nossa vida: para que veja em nós o sol natural, todas as vezes que nascer, que quando elle nesta manhã nasceu, já o nosso Sol era nascido: *Valdè manè, orto jam Sole.*

IX

Até aqui se tem cançado o meu discurso (e cançado tambem aos ouvintes, que o não esperavam tão largo nesta hora) em satisfazer ao que prometti. Mas como aproveita pouco o semear sem colher, assim é inutil o dizer sem persuadir. Por este receio e justa desconfiança que tenho de mim, quizera que me acabára o

[1] *Job.*, XLI, 9.

sermão outro prégador. Considerando pois que prégador escolheria para este soccorro, resolvi-me a que fosse o que maior e mais declarado fructo fez nesta Semana Santa. E quem é? Aquelle que converteu a S. Pedro, e cantando o fez chorar: *Cantavit gallus, recordatus est Petrus, et flevit amarè.* [1] Não desprezeis o prégador, porque para perorar, e persuadir o que tenho dito, nenhum tem melhor talento, nem melhor efficacia. E' tão douto, que não se preza menos a Sabedoria divina da sciencia que poz no homem, que da intelligencia que deu ao gallo: *Quis posuit in visceribus hominis sapientiam, vel quis dedit gallo intelligentiam?* [2] Prega com a voz, e com o exemplo; porque faz o que diz. Se desperta e acorda aos outros, primeiro se desperta e acorda a si: e não abre a bocca sem bater as azas, que é acompanhar a voz com as acções. O assumpto da sua prégação é o proprio do meu discurso; para que aos homens por desacautelados, quando nasce o sol, os não ache dormindo. Assim o notou Plinio: *Nec solis ortum incautis patiuntur obrepere.* [3] E para que não pareça coisa indigna, que o sermão de um prégador com fé, o acabe um animal sem uso de razão: lembrae-vos que tendo Deus fallado muitas vezes ao propheta Balaam por si mesmo, no fim o convenceu pela lingua de um bruto. Do mesmo modo o faz agora aos christãos por meio das vozes ou brados daquelle despertador irracional: *Gallus jacentes arguit et somnolentos increpat:* Sabeis (diz a Igreja Catholica) o que fazem dentro da vossa familia as vozes daquella ave tão vigilante? Arguem os que jazem na cama, e não se levantam; e reprehendem os que se deixam vencer do somno, e não madrugam. E se me perguntaes porque repete o gallo a mesma voz, uma, e tres vezes em cada noite: digo que são tres admoestações canonicas, com que Deus avisa a todo o homem christão, que o ha de excommungar e separar da communicação dos verdadeiros fieis, se fôr tão descuidado e negligente que não faça o que fazem as aves aos primeiros raios, ou bocejos da luz, sahindo todas dos seus ninhos a louvar e dar a alvorada a seu Creador.

---

[1] *Math.*, XXVI, 74 e 75.
[2] *Job.*, XXXVIII, 36.
[3] Plinius. Lib. 10. Cap. 21.

Oiçam pois todos os que me ouviram, o valente perorador do meu sermão. O que querem dizer aquellas vozes confusas, são estas palavras dearticuladas. *Surge qui dormis, et illuminabit te Christus:* [1] Tu, descuidado, tu negligente, tu preguiçoso que dormes na hora em que teu Senhor te busca tão desvelado, acorda, desperta, levanta-te, e allumiar-te-ha Christo. Coisa mui notavel é, e grande confirmação do que tenho prégado, que sendo tão frequentes no Velho e Novo Testamento as visões sobrenaturaes, e apparições *in somnis*, e madrugando o Senhor neste dia tanto antemanhã, e manifestando-se a tantos, a ninguem apparecesse, nem allumiasse quando dormia. Allumiou a Magdalena, quando não só estava com os olhos abertos, mas feitos duas fontes: allumiou as Marias, quando corriam a levar a nova da Resurreição aos Apostolos: allumiou aos dois Discipulos, quando caminhavam para Emmaüs: allumiou aos demais quando pela tarde estavam juntos no Cenaculo, a todos vigiando, a nenhum dormindo. Até os Santos que resuscitaram na mesma madrugada da Resurreição, primeiro que o Senhor os allumiasse com sua vista, se levantaram elles da sepultura onde dormiam o somno da morte: *Et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt.* [2] Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinha promettido o mesmo Christo não só antes de resuscitar, senão antes de nascer. *Qui manè vigilant ad me, invenient me:* [3] Os que vigiam de manhã, e me buscam, achar-me-hão. No dia, ou na noite do nascimento os Pastores acharam a Christo, mas vigiavam e não dormiam: *Custodientes vigilias noctis:* [4] Os Reis tambem o acharam, e tambem vigiavam, que se não vigiassem, não veriam a estrella: *Vidimus stellam ejus.* [5] No dia da Resurreição succedeu o mesmo; mas com differença, porque a houve no vigiar. Ás Marias appareceu-lhes o Senhor, ou ás portas do Sepulchro, ou no caminho quando tornavam: a S. Pedro e a S. João, nem á ida, nem á vinda lhes appareceu. Porque?

---

[1] *Ephes.*, v, 14.
[2] *Math.*, xxvii, 52.
[3] *Prov.*, viii, 17.
[4] *Luc.*, ii, 8.
[5] *Math.*, ii, 2.

Porque ellas foram muito cedo, elles vieram depois: ellas madrugaram e vigiaram, e elles não. O que viram no Sepulchro os dois Apostolos, foi o lençol e o sudario, em que o sagrado corpo fôra amortalhado. *Vidit* (João) *et vidit* (Pedro) *linteamina posita, et sudarium.* [1] A sua vista reservou-a o Senhor para as que vigiaram, o lençol para os que dormiam. E como o vigiar é acção de vida, e o dormir similhança da morte; com razão ás que vigiaram appareceu o Senhor resuscitado e vivo, e aos que dormiram, deixou as mortalhas, que são os despojos de morto. E' o que repete e brada com S. Paulo o meu perorador: *Surge qui dormis, et exurge à mortuis, et illuminabit te Christus:* Tu que dormes, accorda; tu que jazes na sepultura do somno, pois estás morto, resuscita; e verás a differença dos que vigiam aos que dormem: aos que dormem, allumial-os-ha o sol; a ti que vigias, allumiar-te-ha Christo; que por isso madrugou este soberano Sol antes do sol: *Valde manè, orto jam Sole.*

E para que acabemos de entender, que aos desvelos do amôr de Christo nesta madrugada não satisfará a nossa correspondencia com menos que com as madrugadas de toda a vida; oiçamos ao mesmo Senhor. Tinha dito que todos os que madrugassem por seu amôr o achariam: *Qui manè vigilant ad me, invenient me:* e logo explicando-se mais, e declarando quantas hão de ser estas madrugadas, diz : *Beatus homo, qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie:* [2] Bemaventurado o homem, que me ouve, e vigia ás minhas portas todos os dias. Notae, que não diz um dia, nem muitos dias, senão todos, *quotidie*. E notae mais, que antes de dizer, *qui vigilat*, o que vigia; diz, *qui audit me*, o que me ouve. De sorte que os que madrugam por amôr de Christo todos os dias, são os que ouvem ao mesmo Christo todos os dias. E que vozes são estas que nós ouvimos, e com as quaes o Senhor nos acorda e desperta todos os dias, para que madruguemos? Christo não só falla por si mesmo, senão tambem pelos seus prégadores: *Qui vos audit, me audit:* [3] mas estas vozes que nós ouvimos, e com que elle nos acorda todos

[1] *Joan.*,, XX 6 e 7.
[2] *Prov.*, VIII, 34.
[3] *Luc.*, X, 16.

os dias, nem podem ser as minhas, nem as de outro prégador; porque nenhum préga esta doutrina todos os dias, nem ainda nesta mesma manhã, em que elles veem a dizer, e vós a ouvir graças. Que prégador é logo este?

E' o que eu escolhi para meu perorador, o qual todos os dias, e não uma só vez, senão tres vezes vos desperta para que accordeis e vos recordeis. Na noite da Paixão estava tão esquecido S. Pedro de si mesmo, que nem se lembrava do que tinha promettido a seu Mestre, nem do que elle lhe tinha prophetisado: *Cantavit gallus:* Cantou o gallo, diz o Evangelista: *Et recordatus est Petrus verbi Jesu, quod dixerat:* [1] e nesta voz se recordou e lembrou Pedro do que o Senhor lhe tinha dito. Assim havemos nós de fazer. Quando cantar o gallo, naquella voz havemos de ouvir a de Christo, e lembrarmo-nos de que elle nos disse, que quem o ama, e elle ama, é o que madruga a o buscar, e esse o achará: *Ego diligentes me diligo, et qui manè vigilant ad me, invenient me:* [2] e que é bemaventurado o que ouve e madruga para o buscar todos os dias: *Beatus homo, qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie.* Estes foram os maravilhosos effeitos, que obrou aquella voz em S. Pedro, o qual todos os dias de sua vida, quando ouvia a voz do seu e nosso despertador, se levantava e prostrava diante de Christo, chorando a fraqueza do seu peccado, dando-lhe graças pela vigilancia e amôr com que, cercado de tantas angustias, lhe puzera os olhos, e dedicando-se a o amar e servir, não só naquelle dia, senão em todos os de sua vida, até a dar por elle. E se assim o fizermos todos os dias, e de todo o coração, e nesta hora, e em memoria della, sem duvida conseguiremos o que o Senhor promette aos que nella madrugarem: *Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem à Domino:* [3] allumiados da luz do divino Sol, que antes do sol nascer, era já nascido. *Valde manè, orto jam Sole.*

---

[1] *Math.*, XXVI, 74, 75.
[2] *Prov.*, VIII, 17.
[3] *Ibid.*, 35.

SERMÃO

DA

Resurreição de Christo

Prégado na Matriz da cidade de Belem do Pará, no Anno de 1658

Nolite expavescere: Jesum quæritis Nazarenum, crucifixum; surrexit, non est hic. [1]

I

Que parecidas são as obras de Christo, ainda as que menos se parecem! As tristes e as alegres: as dolorosas e as gloriosas: as de sua morte, e as de sua Resurreição, todas causam os mesmos effeitos. Pasmadas deixámos as Marias, olhando para o Sepulchro de Christo, quando se fechou, e pasmadas por deixarem alli morto a seu Senhor: *Erat autem ibi Maria Magdalena, et altera Maria, sedentes contra Sepulchrum.* [2] Pasmadas acho hoje outra vez as mesmas Marias no mesmo Sepulchro: e pasmadas de o acharem resuscitado: *Nolite expavescere: Jesum quæritis: surrexit.* De maneira que Christo morto faz pasmar com a sua morte: e Christo resuscitado faz pasmar com a sua Resurreição, sendo a Resurreição e a morte duas coisas tão encontradas. Entraram as Marias no Sepulchro, viram um Anjo vestido de neve e de luz, que lhes deu novas do Senhor, a quem buscavam morto; e ficaram tão assombradas e pasmadas do que ouviam e do que viam, que por muito tempo não tornaram em si de assombro e de temor, por mais que o Anjo as animava a que não temessem: *Nolite expavescere.* A hora em que isto succedeu tambem tem contradições no Evan-

---

[1] *Marc.*, XVI.
[2] *Math.*, XXVIII, 61.

gelho. Diz o Evangelista, que quando as Marias vieram ao Sepulchro, era muito de madrugada, mas já depois do sol nascido. *Valdè manè, orto jam Sole.* [1] Se era muito de madrugada, como era já nascido o sol? E se era já nascido o sol, como era muito de madrugada? Tudo era. Era muito de madrugada; porque ainda não era nascido este sol natural, que nos allumia: *Valdè manè:* e era já o sol nascido; porque já o verdadeiro sol Christo era resuscitado: *Orto jam Sole.*

Nas obras da natureza e nas obras da graça tem grandes similhanças a Resurreição de Christo: mas nenhuma tão similhante como a do sol. Põe-se o sol no seu Occaso, deixa o nosso hemispherio escuro, em quanto desce, e vae allumiar os Antipodas; torna outra vez a nascer claro, resplandecente, e coroado de raios: enxugando as lagrimas da aurora: restituindo a côr e a formosura aos campos: despertando as musicas das aves: dourando os ceus, e alegrando a terra. Tal o divino sol Christo no dia de sua Resurreição. Anoitecera no Occidente do seu Sepulchro amortalhado em nuvens, deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua Paixão: desceu a visitar e allumiar os logares do Limbo, onde os Santos Padres, como desconsolados Antipodas, havia tantos annos estavam esperando a chegada daquelle dia: e voltou outra vez á hora determinada, fazendo Oriente do seu mesmo Occaso: amanhecendo claro e formosissimo, vestido e coroado de resplandores de gloria. Enxugou primeiramente as lagrimas daquella aurora divina a Virgem Santissima: restituiu a côr, e a formosura á sua Igreja, mudando os lutos de que estava coberta pela sua morte, em côres, e galas de festa: trocou as lamentações em musicas alegres, e os seus sentidos em alleluias: dourou os ceus como mostraram os anjos, que hoje appareceram vestidos de branco e oiro: e finalmente alegrou a terra, dando a todos os homens mui alegres paschoas: as quaes o mesmo Senhor dê a vossa senhoria, e a todo este nobre e mui devoto auditorio, com tantos dos verdadeiros bens, como o mesmo auctor delles deseja. Para que nós vejamos os verdadeiros meios, por onde havemos de conseguir, e segurar estes bens, e tiremos desta grande solemnidade o pro-

[1] *Marc.*, XVI, 2.

veito de nossas almas, que ella nos offerece: peçamos áquella Senhora, a quem tocou a melhor e a maior parte das glorias deste dia, nos assista nestas memorias delle com o favor de sua graça: *Ave Maria.*

II

Nolite expavescere; Jesum quæritis Nazarenum, crucifixum; surrexit, non est hic.

Não temaes, disse o anjo ás Marias: *Nolite expavescere;* mas ellas nem por isso deixaram de temer. Antes diz o Evangelista, que fugiram do Sepulchro não só temendo, mas tremendo: *At illæ exeuntes fugerunt de monumento, invaserat enim illas pavor et tremor.* [1] Foi tal o seu temor e assombro, que dizendo-lhe o anjo que levassem a nova aos Discipulos, nem a fallar se atreveram de puro medo: *Et nemini quidquam dixerunt, timebant enim.* [2] Notaveis effeitos por certo em tal logar! Notaveis effeitos com tal nova! E notaveis affectos em tal dia! Em dia da Resurreição temôr? Em dia da Resurreição pavor e assombro? Alegrias, festas, prazeres são os effeitos e os affectos proprios deste dia, mas temor e tremor? Notaveis effeitos, torno a dizer, em tal dia! E se repararmos em quem eram as que temeram, ainda nos admiraremos mais. Eram as Marias umas mulheres tão pouco mulheres, eram umas mulheres tão varonís, umas mulheres tão homens, que de noite sahiram de suas casas, de noite passaram pelas portas da cidade, de noite andaram por logares desertos e despovoados, e tão medonhos como costumam ser os cemiterios dos defuntos, e os logares onde padecem os justiçados. O monte Calvario, chamava-se Calvario, por estar semeado das caveiras e dos ossos dos que ahi iam a justiçar. Pois mulheres tão destemidas e tão animosas, que vão a estes logares de noite quando acham a Christo resuscitado do Sepulchro, e quando lhes diz um anjo que resuscitou, temem e tremem? Sim; porque não ha coisa mais

[1] *Marc.* XVI, 8.
[2] *Ibid.*

temerosa e mais tremenda nesta vida: não ha coisa mais para fazer temer e tremer os corações mais valentes e animosos, que a certeza da resurreição. E' certo, e de fé, que Christo resuscitou: é certo e de fé, que eu tambem hei de resuscitar: oh que temerosa consideração! Estas mesmas Marias, quando estavam defronte do Sepulchro de Christo morto, pasmaram, mas não tremeram: agora no mesmo Sepulchro com Christo resuscitado, pasmam e tremem: porque muito mais é para temer um resuscitado, que um morto: muito mais para assombrar é a consideração da Resurreição, que a consideração da morte. Um Sepulchro de Christo com um *hic jacet*, aqui jaz, muito para temer é: mas um Sepulchro de Christo com um *non est hic*, não está aqui, porque resuscitou, *surrexit*, muito mais é para temer.

Ao menos eu em mim experimento que muito mais temo o resuscitar, que o morrer: muito mais medo me causa a resurreição, que a morte; antes se temo a morte, é só por medo da resurreição. E porque? A razão é clara. A morte é o fim da vida que acaba: a resurreição é o principio da vida, que não ha de acabar: com a morte acaba-se a vida; com a resurreição começa a eternidade; e muito mais para temer é o principio da eternidade, que o fim da vida. Com o fim da vida acabam os males temporaes: com o principio da eternidade podem começar os males eternos: os males da vida teem o remedio na morte, que os acaba; os males da eternidade são males sem remedio, porque ninguem lhes póde dar fim. A mesma terra insensivel nos ensinou esta razão na morte e Resurreição de Christo. Na morte: *Terra mota est;* [1] na Resurreição: *Terræmotus factus est magnus.* [2] E porque moveu mais a terra a Resurreição, que a morte? Porque a morte deve fazer muito abalo nos nossos corações de terra: *Terra mota est;* mas a Resurreição muito maior: *Terræmotus factus est magnus.* E assim se viu por experiencia. A morte de Christo sendo acompanhada de tantos prodigios, não fez mais que: *Omnis turba eorum, qui simul aderant, percutientes pectora sua revertebantur.* [3]

---

[1] *Math.*, XXVII, 51.
[2] *Ibid.*, XXVIII, 2.
[3] *Luc.* XXIII, 48.

Não fez mais que tornarem para Jerusalem batendo nos peitos os que o guardavam na cruz. Porém na Resurreição: *Exterriti sunt custodes:* [1] temeram, e tremeram assombrados os que o guardavam no Sepulchro. A's Marias, *Invasit eas tremor et pavor.* Os Apostolos no Cenaculo tremendo, *Mulieres ex nostris terruerunt nos.* [2] Em fim, tudo medo, e tudo temor.

III

Pois que havemos de fazer no dia da Resurreição de Christo? entristecer-nos? tremer? temer? encerrar-nos? sepultar-nos? metter-nos vivos na sepultura, d'onde Christo sahiu? A esta pergunta não se póde responder do pulpito; do confessionario sim. Se estaes em estado de peccado mortal, temei e tremei, e cause-vos grande tristeza a resurreição; mas se estaes em graça de Deus, e tendes propositos firmes de a conservar, alegrae-vos, ponde a vossa alma e o vosso coração muito de festa, e não temaes. Assim o disse o anjo ás Marias: *Nolite expavescere.* Notae. Quando o anjo desceu do ceu, e revolveu a pedra da sepultura, ficaram assombrados todos os guardas do Sepulchro, e o anjo não lhes disse: *Nolite expavescere;* e ás Marias sim. E porque diz ás Marias, que não temam; e porque não diz o mesmo aos soldados? Porque as Marias iam buscar a Christo ao Sepulchro para o servir: os soldados iam guardar o Sepulchro para o perseguir, e para o affrontar. E aquelles que perseguem e que offendem a Christo, esses é bem que temam na Resurreição; porém aquelles que o amam, e que o servem, esses não teem que temer: *Nolite expavescere.* Tema Pilatos, que o condemnou: tema Herodes, que o affrontou: tema Judas, que o vendeu: tema Caiphaz, que o blasphemou: e temam todos os que o perseguiram e o crucificaram, quando sabem que elle resuscitou, e que elles tambem hão de resuscitar. Porém a Magdalena e as outras Marias: a Magdalena e as outras Marias, que o buscam e que o servem, que se não podem apar-

[1] *Math.*, XXVIII, 4.
[2] *Luc.*, XXIV, 22.

tar delle, essas não teem que temer: *Nolite expavescere.* Não é esta razão menos que do anjo: *Nolite expavescere; Jesum quæritis Nazarenum.* Se vós buscaes a Jesus Nazareno, não temaes. A energia destas palavras ainda está mais clara em S. Mattheus, que neste passo é commentador de S. Marcos: *Nolite timere vos; scio enim quod Jesum, qui crucifixus est, quæritis.* Não temaes vós: (notae muito a palavra vós) vós que buscaes a Jesus, não temaes; porém aquelles que o não buscam: aquelles que o não amam: aquelles que o offendem, esses temam em sua Resurreição. A Resurreição para elles será morte e tormento eterno, assim como para vós será eterna vida, e eterna gloria. Os máus porque hão de resuscitar mal, teem razão de temer: mas os bons, que hão de resuscitar bem, não teem para temer razão alguma.

E que grande alegria, e que grande consolação é para um verdadeiro christão na festa da Resurreição de Christo considerar que tambem elle ha de algum dia resuscitar! Que grande seria a alegria da Magdalena, quando visse a seu irmão Lazaro resuscitado! A nossa alma é a nossa Magdalena: o nosso corpo é o nosso Lazaro. Que alegria será a de uma alma considerar agora e ver depois este seu corpo, este seu companheiro resuscitado! Ainda esta comparação não explica. Que alegria seria a da Virgem Senhora, quando hoje visse resuscitado em tanta formosura e gloria a seu bemditissimo Filho! Esta comparação é a propria. A Magdalena viu seu irmão resuscitado, mas resuscitado para tornar a morrer. A Senhora viu resuscitado a seu Filho, mas para não morrer jámais: *Mors illi ultra non dominabitur.* [1] A Magdalena viu a seu irmão resuscitado, mas em corpo passivel, como o que d'antes tinha. A Senhora viu resuscitado a seu Filho em corpo immortal, e impassivel, e ornado com todos os quatro dotes gloriosos. E taes hão de ser estes nossos costaes de terra depois do dia da Resurreição. Cuidaes que estes nossos corpos depois de resuscitados hão de ser como agora, ainda os de maior gentileza? De nenhum modo. A Fenix morre Fenix, e resuscita Fenix: o homem entra no banho do baptismo homem, e sáe homem: o grão de trigo semeia-se trigo, e nasce tri-

[1] *Rom.*, VI, 9.

go. Na Resurreição não é assim: *Seminatur corpus animale, surgit corpus spiritale:* [1] o que se semea na terra da sepultura, é um corpo com condições de corpo; e o que nasce na Resurreição, é outro corpo, ou o mesmo corpo com condições de espirito, que são os quatro dotes do corpo resuscitado. Havemos de ficar tão differentes depois de resuscitados, que é necessario fé para crermos, que seremos então os mesmos. Com esta fé dizia Job: *Scio quód in novissimo die de terra surrecturus sum: et rursum circumdabor pelle meâ, et in carne meâ videbo Deum, quem visurus sum ego ipse, et non alius.* [2]

Estes quatro dotes são os mesmos com que Christo hoje resuscitou: dote de subtileza, de agilidade, de impassibilidade, de claridade. Um corpo com o dote da subtileza se quer passar desta egreja para este pateo, não ha mister porta: penetra por essa parede, assim como o sol passa por uma vidraça sem impedimento. Os Judeus mandaram pôr grandes guardas ao Sepulchro, para que não tirassem delle a Christo; e elle com a porta fechada e sellada, por virtude do dote da subtileza sahiu da sepultura. Quando o anjo abriu a porta do Sepulchro, já o Senhor não estava nelle; mas abriu-a, para que as Marias podessem entrar e vêr. Da mesma sorte entrou o mesmo Senhor no Cenaculo: *Cum fores essent clausæ,* [3] com as portas fechadas; porque os corpos resuscitados são corpos com propriedades de espirito, a quem não resiste, nem fazem impedimento as paredes. O segundo dote é a agilidade, o qual consiste em um homem poder, quasi em um momento, estar aqui, em Lisboa e na India, e n'outras maiores distancias. Christo no dia de hoje appareceu á Magdalena no Sepulchro, ás Marias no caminho de Jérusalem, aos Discipulos desesperados no do castello de Emaüs, aos Apostolos no Cenaculo, a S. Pedro não se sabe onde: e todas estas jornadas fez o Senhor, e fizera outras muito maiores em muito poucos momentos. Do ceu empyreo á terra ha tanta distancia, que se do principio do mundo lançaram de lá uma bola de chumbo, que corresse todos os dias oitocentas legoas,

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, XV, 44.
[2] *Job.*, XIX, 25, 26, e 27.
[3] *Joan.*, XX, 10.

ainda não teria chegado cá abaixo. E todo este caminho andou o corpo de Christo resuscitado na sua Ascensão em um momento. O dote da impassibilidade faz a um corpo incapaz de dôr, de enfermidade, de morte: *Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum.* [1] Resuscitou Christo com as cinco chagas; mas só quatro o mataram, como está agora vivo com cinco? E principalmente com a chaga do lado: *Mitte in latus meum?* E' porque um corpo immortal e impassivel, é incapaz de padecer e morrer: e são as feridas, e as chagas nelle, como rubis sobre neve, que esmaltam a formosura. O dote da claridade é ficar um corpo resuscitado muito mais formoso e resplandecente que o sol. Christo cobriu seus raios hoje, para poder ser visto, como se escreve de Moysés; porque se o viram como elle era, morrêram todos de pasmo e de contentamento. Aos Apostolos no Cenaculo appareceu no proprio habito e figura em que andava neste mundo, só com chagas de mais: á Magdalena, e aos Discipulos de Emaüs appareceu transfigurado; mas de tal maneira, que o não poderam conhecer, nem pelo rosto, nem pelo vestido; porque á Magdalena se representou como hortelão, e aos de Emaüs, como peregrino. Só no monte Thabôr foi visto com o dote de claridade no rosto resplandecente como o sol, e nos vestidos tão alvos como a neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* [2] E que succedeu a S. Pedro? Viu os vestidos de Christo com a mudança da côr, e o rosto soberano com a de raios similhantes ao sol: e bastou esta vista, sendo só de dois accidentes exteriores, para ficar o Apostolo fóra de si: *Nesciens quid diceret;* [3] e não querer mais vida, nem mais gloria: *Bonum est nos hic esse.* [4] E para que depois entendesse elle, e os outros dois Discipulos, que este era um dos quatro dotes com que haviam de resuscitar, lhes disse o Senhor: *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat:* [5] que guardassem silencio do

[1] *Joan.*, XX, 27.
[2] *Math.*, XVII, 2.
[3] *Luc.*, IX, 33.
[4] *Ibid.*
[5] *Math.*, XVII, 9.

que viram, até que o vissem resuscitado. Estes são os dotes gloriosos, com que hoje resuscitou Christo, e com os mesmos hão de resuscitar estes nossos corpos.

Esta consideração nos deve animar e consolar muito em nossos trabalhos, considerando que este corpo mortal, que agora padece, virá tempo em que resuscite immortal e glorioso. Porque vos parecia que padecia Job com tanta alegria tantos trabalhos, perdas de fazenda, de filhos, desgostos da mulher, dôres nos ossos, nos nervos, nas arterias, nos olhos, na cabeça, na respiração: cuberto de chagas, comido de bichos; e comtudo sempre alegre e sempre contente: porque? Porque trazia uma nomina ao pescoço com umas certas palavras, que lhe davam fortaleza para soffrer tudo isto. E que palavras eram estas? *Scio quòd Redemptor meus vivit et in novissimo die de terra surrecturus sum.* [1] E a nomina era: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo.* [2] Alguns consolam-se nos trabalhos com a morte, como Elias: *Petivit animæ suæ ut moreretur.* [3] Não ha de ser assim, senão com a resurreição. Consolar com a morte, é consolação de desesperados; com a resurreição, é de quem espera: *Reposita est hæc spes mea.* Olhava Job para si, e dizia: Padeces corpo? Consola-te com a resurreição, que então serás impassivel: estás feio e disforme? Consola-te, que terás o dote da impassibilidade: estás entrevado sem te poder bulir: *Posuisti in nervo pedem meum?* [4] Consola-te, que terás o dote da agilidade: estás em um muladar, porque todos te fecham a porta? Consola-te, que terás o dote da subtileza, e não haverá para ti porta fechada. E vós, meus olhos, não fazeis senão chorar? Consolae-vos, porque vereis a Deus: *In carne mea videbo Deum.*

IV

Ora supposto, que para não temermos a resurreição o meio é buscar a Christo; que meio ha para o buscar seguranemte? O meio que ha para buscar a Christo

---

[1] *Job.*, XIX, 25.
[2] *Ibid.*, 27.
[3] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.
[4] *Job.*, XII, 27.

seguramente, é fazer o que hoje fizeram as Marias. Quatro coisas fizeram as Marias hoje buscando a Christo: primeira buscaram a Christo com presupposto de que buscando-o a elle, se achariam a si; segunda: buscaram a Christo fazendo o que tinham de obrigação, e o que tinham de devoção; mas o que tinham de obrigação, fizeram-no primeiro; terceira: não guardaram o buscal-o para o fim do dia, senão logo no principio delle; quarta, e ultima: buscaram a Christo não reparando em trabalho, nem gasto, nem em credito, nem em perigo, nem em difficuldade. Vejamos tudo brevissimamente e comecemos pela primeira.

A primeira coisa por onde começaram as Marias, foi comprar aromas para ungirem ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum.* [1] E se bem se adverte, já então Christo estava ungido por José e Nicodemos com cem libras de unguentos: *Ligaverunt illud linteis cum aromatibus.* [2] Pois se Christo estava ungido, para que o vêm ungir mais? As Marias não vinham ungir a Christo, porque Christo tivesse necessidade de ser ungido; senão porque ellas tinham necessidade de o ungir. Para Christo estar ungido, bastava que o ungissem José e Nicodemos; mas para as Marias terem o merecimento de o ungir, não bastava que José e Nicodemos tivessem ungido a Christo: era necessario que ellas o ungissem tambem; e por isso compraram aromas, para o ungirem, depois de tão ungido: *Emerunt aromata ut venientes ungerent.* De maneira que em certo modo não vieram ungir a Christo por amôr de Christo; vieram ungir a Christo por amôr de si. Não porque Christo tivesse necessidade daquella unção; senão porque ellas tinham necessidade daquelle merecimento.

Cuidam alguns, que fazem grande fineza, e grande serviço a Deus em o servirem. Deus não tem necessidade de nada, nem de ninguem: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges;* [3] não tem necessidade de que nós o sirvamos: nós é que temos necessidade de o servir a elle. S. Francisco de Borja, recebendo em seu serviço os criados da casa de seu pai defunto,

---

[1] *Marc.*, XVI, 1.
[2] *Joan.*, XIX, 40.
[3] *Psal.* XV, 2.

e conservando juntamente os que tinha da sua, respondeu aos que lhe diziam que eram supérfluos: *Estos queden; porque tengo necessidad dellos: y essotros queden tambien: porque tienen necessidad de mi.* Deste segundo genero é que são todos os que servimos a Deus. Não se serve Deus de nós, porque tenha necessidade de nós: senão, porque nós temos necessidade delle. Oiçamos ao mesmo Deus: *Nunquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo?* [1] Cuidaes que me fazeis grande serviço em me offerecer grandes sacrificios? Por ventura hei eu de comer a carne dos vossos bezerros, ou beber o sangue dos vossos cordeiros? Da mesma maneira não tenho necessidade do vosso jejum; porque eu não como o que deixaes de comer: nem muito menos tenho necessidade da vossa reza; porque tenho anjos, que com melhores vozes continuamente me louvam. Finalmente, não hei mister que deis esmola aos pobres; porque eu os sustentarei com a mesma facilidade, com que sustento as aves do ar, e os bichinhos da terra: mas vós sois os que tendes necessidade de dar esmola, de rezar, de jejuar, e de me fazer sacrificios. Assim que, havemos de buscar, e servir, e amar a Deus com presuposto, que quando o buscamos a elle, nos buscamos, e nos achamos a nós: que quando o servimos, nos servimos; quando o amamos, nos amamos: e quando gastamos com elle, gastamos e dispendemos comnosco. Bem se viu nas Marias: compraram aromas: e quem se ungiu com elles? Ellas, e não Christo; porque tudo lhes ficou em casa. E o mesmo fôra se ungiram ao Senhor, como lhe aconteceu a uma dellas, a Magdalena, que quando ungiu ao Senhor, *Capillis capitis sui tergebat*, [2] dava com as mãos, e recebia outra vez com os cabellos; senão que o recebia melhorado, como tocado em tão soberanas reliquias.

Com este presuposto havemos de passar ás obras, que são obras de obrigação, e obras de devoção; mas ás de obrigação primeiro: *Cum transisset sabbatum, Maria Magdalena, et Maria Jacobi, et Salomé, emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum* [3] Diz o Evan-

---

[1] *Psal.* XLIX, 13.
[2] *Luc.*, VII, 38.
[3] *Marc.*, XVI, 1.

gelista, que depois de passado o sabbado, madrugaram muito as Marias, para virem ungir a Christo com os aromas que tinham comprado e prevenido. E porque não vieram ao sabbado, senão depois que o sabbado passou, isto é, ao dia seguinte, que era domingo? Porque o sabbado naquelle tempo, e naquella lei, era dia santo, e prohibido nelle o caminhar mais que certo numero de passos: *Quod est juxta Hierusalem, sabbati habens iter.* [1] E como a observancia do sabbado era de preceito, e o ungir a Christo era devoção, dilataram a obra da devoção, para acudirem primeiro á do preceito: *Cum transisset sabbatum.*

A' obra do preceito se ha de acudir primeiro, e deixar a Deus por amòr de Deus, exercitando a obra de seu maior agrado, e pospondo qualquer outra, ainda que boa e santa, de que possa ser offendido. Estava Elias em um deserto mettido n'uma cova orando a Deus, e fazendo penitencia, quando por mandado do mesmo Deus lhe appareceu um anjo, e lhe diz: *Quid hic agis Elia?* E bem Elias: vós aqui? Que é o que fazeis? Reprehendeu-o pelo que fazia, e pelo logar onde estava: *Quid hic agis?* Pois estar Elias n'um deserto enterrado vivo n'uma cova, fazendo penitencia, orando a Deus, e contemplando, é logar e acção digna de reprehensão? Em Elias sim; porque Elias era propheta d'el-rei Acab, e tinha obrigação de lhe prégar, e lhe dizer o que convinha; e estar no deserto era devoção, estar na côrte era obrigação. E deixar a obrigação pela devoção, era obra digna de ser reprehendida e castigada. Deus não quer que o sirvamos com offensa sua. Servir a Deus com offensa de Deus, é offendel-o, não é servil-o. E quanto ha disto hoje? Vae o outro, gasta quinhentos cruzados na festa de um santo, e não paga o que deve, nem aos officiaes que trabalharam. Isto não é serviço de Deus. Pagae o que deveis, que é obrigação; e então fareis festas, que é devoção. Vem-se confessar uma devota. Jejuaes? Não. E porque? Desmaios, fraquezas, dôres de estomago, e outras escusas deste genero. Diz-lhe o confessor: Minha irmã, tratae de vos conservar na graça de nosso Senhor; e para isso encommendae-vos muito á Virgem nossa Senhora. Ah Virgem Mãi de Deus, nunca eu deixo

[1] *Act.*, I, 12.

de lhe jejuar o seu sabbado! Por isso esperava. Pois vinde cá: não jejuaes em vespera de S. Mathias, ou de S. Thomé, e jejuaes o sabbado? Melhor é jejuar em vespera de S. Pedro, e S. Paulo, que jejuar os sabbados: porque o jejum dos Santos Apostolos é preceito; e o jejum do sabbado é devoção. Mas sabeis porque acudimos antes á devoção, que ao preceito? E' porque no preceito faz-se a vontade de Deus; na devoção faz-se a vontade nossa. E nós queremos antes fazer a nossa vontade, que a de Deus: *In die jejunii vestri invenitur voluntas vestra:* [1] Nos vossos jejuns fazeis a vossa vontade, diz Deus; e eu quero que façaes a minha. Tudo se póde e deve fazer, como fizeram as Marias. Guardaram o sabbado, que era o preceito, e fizeram a sua devoção e cerimonia ao domingo, que era devoção: *Cum transisset sabbatum, ut venientes ungerent Jesum.*

V

Sim; mas quando se ha de fazer? No tempo em que é licito, e logo, como fizeram as Marias: *Valdè manè*, muito de madrugada, sem o guardar para a tarde. Christo entra em nossas almas, ou nascendo, ou resuscitando: na primeira graça nascendo, na segunda resuscitando. Nasceu á meia noite ao cantar do gallo, e resuscitou antes de sahir o sol. E porque? Para que entendamos, que para Christo nascer, ou resuscitar em nossas almas, é necessario madrugar, e não o deixar para depois. Quem era aquelle Pai de Familias, que sahiu a alugar os operarios que haviam de trabalhar na sua vinha, e quando sahiu a alugal-os? O Pai de Familias era Christo; *o quando*, foi muito de madrugada: *Exiit primo mane conducere operarios in vineam suam.* [2] Parece que o pudera fazer mais tarde sem nenhum perigo, porque a todas as horas daquelle dia achou sempre os operarios promptos para trabalharem nella. Porque madruga logo, e tão cedo? Para nos ensinar com seu exemplo. A nossa vinha é

[1] *Isai.*, LVIII, 3.
[2] *Math.*, XX, 1.

a nossa alma; e o que é necessario para a cultivar, e colher della o fructo, que Deus espera de nós, não o havemos de dilatar, nem tardar em lhe applicar os meios, senão madrugar, como fez o Pai de Familias, não guardando para outras horas, ainda que os meios sejam certos, e não duvidosos, como é a nossa vida: *Ab altitudine diei timebo.* [1] Eu, diz David, sendo um homem tão pouco medroso, sempre me temi muito do alto dia. E que lhe fazia medo a David então, pois confessa esse temor? Fazia-lhe medo ser o alto dia o meio delle, e terem-se passado já tantas horas naquillo que se ha de fazer antes de sahir o sol: *Valdè manè.*

E que faremos nós, os que já imos tão perto de elle se nos pôr? Fazer como os Discipulos de Emaüs. A' tarde daquelle dia mostrou Christo que se queria apartar delles, e seguir seu caminho como peregrino; mas elles não só lhe rogaram que ficasse alli; mas diz o Evangelista, que por força o obrigaram a isso: *Coegerunt illum, dicentes: Mane nobiscum, quoniam advesperascit, et inclinata est jam dies.* [2] Miseraveis daquelles que o guardam para o fim da vida, para a ultima hora, e para o ultimo momento do dia: *In articulo diei illius ingressus est Noë in arcam.* [3] Para o ultimo momento do dia, em que Noë se havia de embarcar na arca, e Deus a havia de fechar por fóra, esteve Noë esperando com ella aberta. E que lhe succedeu? Caso verdadeiramente maravilhoso, e digno de grande horror! Dilatou-se tanto, e esteve esperando, para ver se havia algum que se convertesse, e quizesse soccorrer á arca; mas nenhum houve que chegasse; porque quem nos annos em que se fabrica a arca se não converte, não se converte no ultimo artigo. E para que nos não descuidemos, advirtamos, que neste dia de nossa vida muitas vezes nos parece que nos restam muitas horas: e temos chegado ao ultimo artigo, em que se nos está pondo o sol. Supponde que estão tres homens condemnados á morte, e que mandou el-rei que um o lançassem ao mar na altura do Cabo Verde, outro na Linha, outro no Cabo de Boa Esperança; mas qual houvesse de ser o primeiro, o segundo, e o terceiro, que o levasse

---

[1] *Psal.* LV, 4.
[2] *Luc.*, XXIV, 29.
[3] *Gen.*, VII, 13.

quem havia de fazer a execução, em uma carta cerrada, a qual se abrisse naquelles mesmos logares. Dizei-me: Haveria algum destes homens, que em qualquer altura destas não fôsse tremendo? Pois o mesmo passa comnosco. Todos estamos condemnados á morte: uns para o Cabo Verde, que são os que morrem na flôr dos annos; outros para a Linha, que são os que morrem de meia idade; outros para o Cabo de Boa Esperança, que são os que morrem na velhice; mas em toda a parte havemos de ir com grande medo, por não sabermos quando chegará o nosso Cabo. Pois para isso preparemo-nos logo em sahindo da barra, que isso é o *primo mane*.

Assim o devemos fazer, e assim o fizeram as Marias, sem reparar em trabalho, nem perigo, nem em gasto, nem em descredito, nem finalmente em difficuldade alguma. Não repararam em trabalho; porque se levantaram muito de madrugada, sahiram de casa, andaram pelas ruas da cidade, e sahiram della até o monte Calvario, e valle do Sepulchro. Nem repararam em perigos, que eram muitos, pela escuridade da noite, pelo horror natural dos logares desertos e medonhos, e pelo temor das guardas dos muros, e principalmente pelos que guardavam a entrada cerrada e sellada do monumento. Nem repararam em gasto; porque despenderam o dinheiro, e muito dinheiro em comprar os aromas preciosos; pois uma e a principal dellas era a Magdalena, tão costumada a despender muito em serviço de Christo. Nem repararam em credito, sendo a Magdalena senhora tão illustre, acompanhando as que eram mulheres e mãis de pescadores; e nem ella, nem as demais, em serem vistas naquelles logares tão suspeitosos, como são, á honra e á virtude, os adros e cemiterios áquellas horas. Finalmente, não repararam em difficuldade; porque dizendo e duvidando entre si, *Quis revolvet nobis lapidem*, [1] quem lhe havia de tirar da porta da sepultura a pedra muito maior que suas forças, *Erat quippe magnus valde;* nem por isso pararam, ou tornaram atraz, antes foram por diante seguindo animosamente seu intento, e confiando em Deus.

O mesmo havemos de fazer nós: nem nos engane o mundo com a falsa apprehensão do descanço; porque

[1] *Marc.*, XVI, 13.

com um pequeno trabalho alcançaremos descanço eterno. Nem nos engane com os seus falsos perigos; pois, quando muito, podem chegar até á morte desta vida, que necessariamente ha de acabar. Nem nos engane com o seu falso interesse; porque por uma pequena despeza, alcançaremos os interesses do ceu. Nem nos engane com a sua falsa honra porque, por um pequeno descredito com os homens, alcançaremos eterna gloria entre os anjos. E finalmente, não nos acovarde difficuldade alguma; porque quanto maiores, tanto mais nos facilita Deus o vencel-as. Eu antes quero grandes difficuldades, que as pequenas; porque as pequenas correm por minha conta, as grandes por conta de Deus. Na resurreição de Lazaro mandou Christo aos que estavam presentes, que levantassem a campa da sepultura: *Tollite lapidem.* [1] E porque? Não seria muito maior circumstancia de um milagre, que tantas teve de assombro, sahir Lazaro de dentro estando a sepultura cerrada? Sim, seria: pois porque manda o Senhor que tirem primeiro a campa que a cobria? Porque a campa podiam-na tirar os homens; e resuscitar a Lazaro defunto só Christo podia. Para nos ensinar, que se fazemos o que está em nossa mão, e o que podemos, elle fará o demais, que só elle póde. Bem se viu no caso presente. As Marias reconheceram que de nenhuma maneira podiam abalar, nem tirar da porta da sepultura a grande pedra que a fechava: *Quis revolvet nobis lapidem? Erat quippe magnus valde.* E como ellas tinham feito o que podiam para ungir o sagrado Corpo: tomou o Senhor por sua conta, o que elle só podia fazer. E que foi? *Angelus enim Domini revolvit lapidem; et sedebat super eum.* [2] Acharam a sepultura aberta, e a pedra tirada, e um anjo que a tirára assentado sobre ella, que lhe deu as alegres novas da Resurreição.

VI

Dizei-me, e acabemos com o maior exemplo. Não vos parece que Christo hoje resuscitado fez bem em morrer? Que difficuldades, que trabalhos, que affrontas

---

[1] *Joan.*, XI, 39.
[2] *Math.*, XXVIII, 2.

e descreditos, que amarguras e dôres não experimentou em sua Paixão? As bofetadas, os açoites, os espinhos da corôa, o pezo da cruz, a companhia dos ladrões, as feridas dos cravos, a ancia, a angustia, o tormento mortal de estar pregado e suspenso, derramando todo o sangue das veias até lhe faltar a vida, e render a alma: tudo isto se lhe representava vivamente na oração do Horto, repugnando a natureza, e pedindo remedio ao Padre tantas e tão repetidas vezes, se fosse possivel. E se o mesmo Padre condescendesse com a sua petição, e elle deixasse a empreza, e vivo sem morrer tornasse para o ceu; parece-vos, torno a perguntar, que ficaria bem reputado seu credito e sua honra entre os homens e anjos? E que teria rosto (digamol-o assim) para lá apparecer entre elles, e cá entre nós? Mas porque não fez caso de trabalhos, de dôres, de ignominias e affrontas, e da mesma morte tão cheia de tormentos, por isso tão confiadamente apparece hoje a todos resuscitado, e com tantos applausos do ceu e da terra, entre os mesmos homens e anjos, e muito mais á dextra de seu Eterno Padre, será por todas as eternidades glorificado.

Isto é o que sobretudo devemos imitar todos neste soberano mysterio da Resurreição, lembrando-nos sempre, e pondo como em balança de uma parte as poucas horas que duraram aquellas penas e tormentos, e os infinitos seculos e eternidades sem fim, que ha de durar sua gloria, e a nossa, pela qual padeceu Christo com grande alegria: *Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem.* [1] Oh como dirá então cada um de nós fallando comsigo, em tanta differença de estado: Oh bemaventurados trabalhos, que me trouxeram a tão grande descanço! Bemaventurada despeza, que me trouxe tão grandes interesses! Bemaventurado descredito, que me trouxe a tão grande honra! Bemaventurados perigos, que me trouxeram a tão grande segurança! E bemaventurada victoria de todas as difficuldades, que me trouxe a um tão grande premio como é o da Gloria! *Ad quam nos*, etc.

---

[1] *Hebr.*, XII, 2.

SERMÃO

DA

Primeira Oitava da Paschoa *

Prégado na Capella Real, no Anno de 1647

Duo ex Discipulis Jesu ibant ipsa die in castellum nomine Emaüs. [1]

I

E' tão particular historia a que hoje nos refere S. Lucas no cap. 24 da sua, que contra o estylo que ordinariamente costumo seguir, quero por paschoa, que seja o sermão a mesma historia. Historiador e prégador hei de ser hoje: dobrada obrigação de dizer verdades. Deus me ajude a que não sejam mais das que vós quizereis. O que me parece posso prometter seguramente, é que a historia vos não enfastie por antiga e mui sabida; porque, ainda que segundo a boa chronologia, é de mais de mil e seiscentos annos, eu farei que pareça a historia de nossos tempos. Nenhuma coisa ouvireis que não seja o que vêdes.

II

Na tarde de tal dia como o de hontem (que o que Christo obrou em um dia, não o póde representar a Igreja senão em muitos), tristes, com causa, pela

---

* Para bem entender este elegante e chistoso discurso, que é do genero das chamadas conferencias, note-se muito que foi prégado seis annos depois da independencia e restauração de Portugal, nota o padre Honorati.

[1] *Luc.*, XXIV.

morte de seu Mestre, e desesperados, sem causa, pela tardança de sua Resurreição, caminhavam dois Discipulos de Christo para o castello ou aldêa de Emaüs. Que erradas são as imaginações dos homens! Mas que muito que não acertem as imaginações no que cuidam, se até os mesmos ollios erram no que vêem! Imaginavam os dois Discipulos a Christo morto e ausente: e no mesmo tempo, e pela mesma estrada, ia o Senhor caminhando com elles sem o conhecerem, ainda que o viam: *Et ipse Jesus ibat cum illis.*

Ia o Senhor com elles. Aqui reparo, ou aqui paro, que tambem imos caminhando. O intento de Christo era mandar a estes Discipulos reduzidos e consolados para Jérusalem, aonde estavam os Apostolos tambem tristes. Pois se o seu intento era encaminhar os Discipulos para Jérusalem, como se vae o Senhor andando com elles para Emaüs: *Et ipse ibat cum illis?* O caminho de Emaüs, e o caminho de Jérusalem, eram encontrados: e Christo deixa-se ir com os Discipulos para Emaüs, quando os quer levar para Jérusalem? Sim: porque essas são as maravilhas da Providencia divina: levar-nos a seus intentos pelos nossos caminhos. Conseguir os intentos de Deus pelos caminhos acertados de Deus, isso é providencia vulgar: mas conseguir os intentos de Deus pelos caminhos errados dos homens, essas são as maravilhas da sua Providencia. Ir a Jérusalem pelo caminho de Jérusalem, é estrada ordinaria; mas ir a Jérusalem caminhando para Emaüs, só Deus o faz.

Mandou Deus ao propheta Jonas, que fosse prégar á côrte de Ninive. Não se accommodou o propheta com a missão: estava no mesmo porto um navio de vergas de alto para Joppé, pagou o frete, diz o Texto, e embarcou-se nelle. Que Jonas não quizesse prégar na côrte de Ninive, não me admira; que isto de prégar nas côrtes, é navegar entre Scylla e Charibdes: ou não haveis de cortar direito, ou haveis de dar atravez com o navio. Mas que Deus mandando a Jonas prégar a Ninive, o deixe embarcar para Joppé! Isto não entendo. Senhor, vossa Divina Providencia, não tem destinado a voz deste homem para o remedio de Ninive? Dos desenganos, e das verdades que ha de dizer este prégador, não depende a conversão e a conservação daquelle rei, daquella cidade, daquelle reino? Pois se quereis que vá a Ninive, porque consentis que se embarque para Joppé? Deixae-o ir, que essas são as maravilhas

da minha Providencia, diz Deus: ha-se de embarcar para Joppé, e no cabo ha-se de achar em Ninive. E assim foi. Levar um homem a Ninive pela carreira de Ninive, isso faz um piloto que não sabe lêr nem escrever: mas leval-o a Ninive pela derrota de Joppé, é arte só daquella sabedoria suprema, que tem o leme do mundo na mão. E' verdade que navegar para Joppé, quem tem obrigação de ir para Ninive, é um modo de caminhar custoso, e muito arriscado: é custoso, porque Jonas gastou debalde o seu dinheiro, pagou o frete, e não fez a viagem: é muito arriscado, porque elle embarcou-se em um navio, e desembarcou na bocca de uma balèa. Mas que seguro tem o porto quem navega nos braços da Providencia Divina, ainda quando a resiste e se oppõe a ella! Haverá mais ou menos tempestade, haverá maior ou menor balèa, mas nem a furia da tempestade, nem as gargantas e ventre da balèa, poderão estorvar os intentos de Deus. Ameaçar-vos-ha a tempestade, mas não vos ha de afogar: tragar-vos-ha a balèa, mas não vos ha de digerir. Assim levou Deus a Jonas a Ninive pelos caminhos de Joppé: assim levou Christo aos Discipulos a Jérusalem pelos caminhos de Emaüs: *Et ipse ibat cum illis.*

Caminhando juntos o Senhor com os Discipulos, perguntou-lhes que é o que tratavam entre si, e de que iam tristes: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes?* Coisa é muito digna de notar, que em um dia tão alegre como o da Resurreição, e em uma occasião de tanto contentamento como a da Redempção do mundo, aquelles a quem mais de perto tocava, estivessem todos tristes. Os Apostolos tristes e encerrados em casa: os dois Discipulos tristes, e caminhando para Emaüs: a Magdalena triste, e chorando ás portas da sepultura: em fim, tudo e todos tristes. A tristeza era a mesma, mas as causas deviam de ser diversas, porque o eram tambem os effeitos. Os Apostolos escondiam-se, porque temiam aos Judeus: *Propter metum Judæorum:* os Discipulos iam-se para Emaüs, porque desesperavam da Redempção: *Nos autem sperabamus:* a Magdalena chorava, porque amava muito a seu Mestre: *Quoniam dilexit multum.* Se quereis conhecer as causas do descontentamento de cada um, vede-o nos effeitos. Quem teme, esconde-se: quem desespera, vae-se; quem ama, chora. Com estes me tenho eu. Mas que estando o mundo remi-

do, como estava, houvesse tantos descontentes; uns retirados em sua casa, outros deixando a côrte de Jérusalem, outros chorando sem consolação! O mundo remido, e descontentes tantos? Não vos espanteis, que nem eu me espanto. Sabeis porque? Porque é muito mais difficultoso o contentar, que o remir.

Estava o povo de Israël no captiveiro do Egypto: quil-o Deus remir da tyrannia de Pharaó; e que fez? Mandou lá Moysés com uma vara, e remiu-se o povo. Começaram a marchar para a Terra de Promissão em numero de seiscentos mil homens; e os favores e maravilhas com que Deus os tratou em quarenta annos de deserto, quasi excedem a fé. Se haviam de passar o Mar Vermelho, partiam-se as ondas: se haviam de atravessar o rio Jordão, suspendiam-se as correntes: se os molestava o sol, corria um anjo uma nuvem, que lhes fazia sombra: se sobrevinha a noite, acendia-se um cometa que os allumiava: para que comessem com abundancia e regalo, chovia o ceu manná: para que não sentissem sede, acompanhava-os uma penha, que se desfazia em fontes: finalmente, para que a jornada não tivesse impedimento, nem do tempo, nem do cuidado, as roupas não envelheciam, e os corpos não enfermavam. Desta maneira tratava Deus aquelles homens; e elles como lhe correspondiam? Tudo eram murmurações, tudo queixas, tudo descontentamentos. Quizeram apedrejar a Moysés: trocaram a Deus por um bezerro: suspiravam pelo Egypto: enfastiavam-se do manná: diziam que melhor lhes ia no captiveiro: lançavam maldições a quem os libertára: todos tristes, todos descontentes, todos desconsolados, quasi todos arrependidos. Pois valha-me Deus! Remiu Deus este povo fazendo tão pouco; e não o póde contentar fazendo tanto? Não; pórque é muito mais difficultoso o contentar, que o remir. Para remir, bastou Moysés com uma vara; para contentar, não bastou Moysés com vara, nem anjo com nuvem, nem Deus com toda sua omnipotencia fazendo milagres. Os descontentamentos e queixas dos povos ordinariamente cahem sobre os ministros, e talvez se levantem até o sagrado dos principes. O principe aqui era Deus: vêde que justiça, que piedade, que magnificencia! Os ministros, um era um anjo descido do ceu, tão amante e cuidadoso do povo, que nem consentia que lhe tocasse um raio do sol: o outro era Moysés, o melhor homem da terra; tal, que

entrou em ciumes Deus que o adorasse o povo, e por esta causa lhe encobriu a sepultura. Pois se onde o principe é Deus, e os ministros, ou são anjos, ou homens merecedores de que os idolatrem, ha comtudo descontentamentos e dissabores; que muito que os houvesse, ou que os haja, onde os ministros não podem ser Moysés, nem anjos, e onde os principes, ainda que sejam dados por Deus, é força que sejam homens? Por isso digo, que é muito mais difficultoso o contentar, que o remir. Para remir, valeu-se Deus de mosquitos, e remiu: para contentar, serviu-se Deus de anjos, e não contentou.

III

Mas supposto que o contentar é tão difficultoso, e por outra parte tão importante: quizera de caminho arcar com esta difficuldade, e ver se é possivel vencer-se. Primeiramente digo, que o estarem contentes todos, não póde depender de um só, como muitos se enganam. O contentamento de todos depende de todos: depende do principe, depende dos ministros, e depende dos vassallos. Para todos estarem contentes, hão de concorrer todos para o contentamento; uns tratando de contentar, outros querendo contentar-se. Parecia-me que se conseguiria isto, conforme o nosso Evangelho, se o principe imitasse a Christo, e se os vassallos imitassem aos Discipulos. Os ministros não os acho no Texto, mas quando chegarmos a elles lhes buscaremos imitação.

Começando pois pelo principe; a primeira coisa que fez Christo tanto que resuscitou, foi tratar de enxugar lagrimas, e de consolar tristezas. Estava a Magdalena chorando ás portas do Sepulchro; apparece-lhe o Senhor, enxuga-lhe as lagrimas: iam os Discipulos tristes, e desesperados para Emaüs, foi-se encontrar com elles o Senhor, e consolou-os de sua tristeza. E que se seguiu d'aqui? Que amanhecendo no dia da Resurreição todo o reino de Christo descontente, anoiteceram no mesmo dia todos contentes e consolados. Seja o primeiro cuidado do principe enxugar lagrimas, e logo haverá menos descontentes. Se lançarmos os olhos por todos os reinos do mundo,

presentes e passados, um só reino acharemos em que todos estão contentes. E que reino é este? França? Inglaterra? Allemanha? Não: o Reino do ceu. No Reino do ceu todos estão contentes. E porque não ha descontentes no Reino do ceu? S. João no Apocalypse: *Tunc absterget Deus omnem lacrymam ab oculis sanctorum, et jam non erit amplius, neque luctus, neque clamor, sed nec ullus dolor.* Sabeis, diz S. João, porque no Reino do ceu não ha tristezas, nem descontentamentos? Porque a primeira coisa que faz Deus a todos os que vão deste mundo, é enxugar-lhes as lagrimas. E onde o primeiro cuidado do Principe é enxugar as lagrimas dos seus, como ha de haver descontentes? Não ha nem haverá eternamente descontentamento em tal reino: *Non erit luctus, neque dolor.* E porque não cuidassemos que era isto privilegio só do ceu, o mesmo fez Christo hoje na terra. O seu Reino não constava de muitos vassallos, mas todos ficaram hoje contentes; porque poz todo o seu cuidado em enxugar as lagrimas de todos.

Mas vindo á pratica desta doutrina, vejo que me dizem, que é muito facil dizer que se enxuguem as lagrimas de todos; mas como se hão de enxugar? Enxugar as lagrimas, bom remedio é para não haver descontentamentos; mas que remedio ha de haver para se enxugarem as lagrimas? Facil remedio: o que Christo fez. Inquirir a causa das lagrimas, e tiral-a. Quando Christo appareceu á Magdalena, a primeira coisa que fez foi inquirir a causa porque chorava: *Mulier, quid ploras?* Mulher, porque choras? Quando appareceu aos dois Discipulos, a primeira coisa que fez tambem, foi perguntar a causa da sua tristeza: *Qui sunt hi sermones, quos confertis inter vos, et estis tristes?* Que é o que fallaes; porque estaes tristes? Eis-aqui a razão porque se trabalha muitas vezes debalde em enxugar as lagrimas; porque se não tomam na fonte, porque se lhes não busca a causa. Busque-se a causa das lagrimas, e logo o remedio será facil. Bem podéra Christo enxugar as lagrimas da Magdalena, e consolar as tristezas dos Discipulos, sem lhes perguntar pela causa, pois a sabia; mas quiz dar nesta acção um grande documento aos principes, de como haviam de proceder na cura de uma enfermidade tão difficultosa, como a de sarar descontentamentos.

O' que acção tão divina e tão real! O primeiro rei

que Deus elegeu neste mundo foi Saül. E qual foi a primeira coisa que disse, e a primeira coisa que fez este rei? Lea-se o Texto sagrado, e achar-se-ha que as primeiras palavras que disse Saül depois de ungido por rei, foram estas: *Quid habet populus, quod plorat?* Que causa tem o povo para chorar? E sabendo que a causa porque chorava o povo, eram os damnos que recebia das invasões dos Ammonitas, a primeira acção que fez Saül depois de ungido, foi remediar a causa das lagrimas, partindo no mesmo dia, e com todo o poder, a fazer guerra aos de Amon, com que os destruiu: *Percussit Amon.* De maneira que o rei eleito por Deus, a primeira palavra que se lhe ha de ouvir, é perguntar pela causa das lagrimas; e a primeira acção que se lhe ha de vêr é acudir ao remedio dellas. Assim o fez Christo hoje: a primeira palavra que se lhe ouviu foi: *Mulier, quid ploras?* Mulher, porque choras? E a primeira acção que se viu, foi remediar-lhe a causa porque chorava.

Sim: mas para as lagrimas que não teem causa, que são a maior parte das que se choram, que remedio lhes daremos nós? Para curar as lagrimas da razão, já temos remedio, buscar-lhe a causa e tiral-a; mas para curar as lagrimas da sem-razão, que remedio lhe havemos de dar, que ellas não teem causa? As lagrimas dos que choram, bem se podem remediar, mas as lagrimas dos que se choram, que remedio ha de haver para ellas? Eu dissera que as lagrimas que não teem causa, não hão mister cura. Se as lagrimas teem causa, dê-se-lhes remedio, e enxuguem-se: se as lagrimas não teem causa, ellas enxugarão por si, não hão mister remedio. Examine o principe exactamente d'onde nascem as lagrimas dos vassallos: se teem causa, ponha-lhes o remedio, se não teem causa, não lhe deem cuidado.

IV

E basta isto para não haver descontentamentos? Não basta que o principe imite a Christo, é necessario que os vassallos imitem aos Discipulos. Quatro apparições fez Christo depois de resuscitado a seus Discipulos, muito dignas de ponderação. Appareceu a S. Pedro; e sem mais diligencia que apparecer-lhe,

S. Pedro o conheceu, e se deu por contente: *Surrexit Dominus verè, et apparuit Simòni.* Appareceu á Magdalena, e ainda que lhe viu o rosto, não bastou isto para o conhecer, chamou-a por seu nome: *Maria;* e no mesmo ponto o conheceu, e se lhe lançou aos pés: *Dixit ei Jesus, Maria: conversa illa, dixit, Rabboni.* Appareceu a S. Thomé, e ainda que os Discipulos lhe tinham dito que resuscitára, em quanto não metteu a mão no lado não creu, nem reconheceu a seu Deus, e a seu Senhor: *Nisi videro fixuram clavorum, et mittam manum meam in latus ejus, non credam.* Appareceu a estes Discipulos de Emaüs, e por mais que caminhou com elles, e lhes declarou as Escripturas e as prophecias, não o conheceram, senão quando lhes deu o pão: *Cognoverunt eum in fractione panis.* Nestas quatro apparições estão representados quatro generos de vassallos, ou quatro generos de condições de vassallos. Ha uns vassallos que são como S. Pedro: com verem a seu rei, com lhe apparecer o seu rei, se dão por contentes. Ha outros vassallos, que são como a Magdalena: não lhes basta o ver, nem o apparecer; comtudo se o rei os chama pelo seu nome, como Christo chamou á Magdalena, se o rei lhes sabe o nome, não hão mister mais para viverem consolados e satisfeitos. Ha outros que são como S. Thomé: se o rei lhes não entrega as mãos e o lado, senão manejam o coração do rei, se não se lhes abrem os arcanos mais interiores do Estado (ainda que sejam daquelles que duvidaram, e dos que vieram ao cabo dos oito dias, como Thomé) não se dão por bem livrados. Ha outros, finalmente, que são como os Discipulos de Emaüs, que por mais prophecias que se lhes declarem, por mais razões que se lhes deem, em quanto se lhes não dá o pão, estão com os olhos e com os corações fechados, nem conhecem, nem reconhecem. Ora censuremos estes quatro estados de vassallos. Os que se contentam, como S. Pedro, só com ver, são finos. Os que se contentam, como a Magdalena, só com que lhes saibam o nome, são honrados. Os que se não contentam, como S. Thomé, senão com o lado, são ambiciosos. Os que se não contentam, como os de Emaüs, senão depois de lhes darem o pão, são interesseiros. E os que com todas estas coisas ainda se não contentam? São portuguezes.

Verdadeiramente, que se os portuguezes se contentaram, como os Discipulos, não houvera reino de mais contentes que Portugal. Eu já me contentára que foramos como os que nesta occasião fiaram menos delgado. Os Discipulos que nesta occasião andaram menos finos, foram os de Emaús, que não conheceram senão quando lhes deram: *Porrigebat illis;* mas ainda estes nos levaram muita vantagem. Porque? Porque se contentaram com o Senhor lhes partir o pão: *In fractione panis.* Os portuguezes não se contentam com se lhes dar o pão partido; ha se lhes de dar todo o pão, sob pena de não ficarem contentes. D'aqui se segue que nunca é possivel que o estejam.

As vestiduras de Christo, que era o manto, e a tunica, dividiram-nas entre si os soldados que o crucificaram: mas com esta differença: Os quatro soldados, a que coube o manto, partiram-no em quatro partes, e ficaram contentes todos quatro. Os quatro, ou fossem os mesmos ou differentes, a quem coube a tunica, não a quizeram partir, jogaram-na; levou-a um, e ficaram descontentes tres. Pois porque razão descontentou a tunica a tres, se o manto contentou a quatro? E' bem facil a razão. Os quatro a quem coube o manto, accommodaram-se com que o manto se partisse. E quando os homens se accommodam a que as coisas se partam, e se repartam; com o que se cobre um se podem contentar quatro. Os soldados a quem coube a tunica, não trataram deste accommodamento; cada um quiz toda a tunica para si: *Non scindamus eam, sed sortiamur de illa.* E quando os homens são de tal condição, que cada um quer tudo para si, com aquillo com que se podéra contentar a quatro, é força que fiquem descontentes tres. O mesmo nos succede. Nunca tantas mercês se fizeram em Portugal, como neste tempo; e são mais os queixosos, que os contentes. Porque? Porque cada um quer tudo. Nos outros reinos com uma mercê ganha-se um homem; em Portugal com uma mercê, perdem-se muitos. Se Cleophas fôra portuguez, mais se havia de offender da ametade do pão que Christo deu ao companheiro, do que se havia de obrigar da outra ametade, que lhe deu a elle. Porque como cada um presume que se lhe deve tudo, qualquer coisa que se dá aos outros, cuida que se lhe rouba. Verdadeiramente, que não ha mais difficultosa corôa que a dos reis

de Portugal: por isto mais, do que por nenhum outro empenho.

Quando Josuë houve de entrar á conquista da Terra de Promissão, disse-lhe Deus desta maneira: *Confortare, et esto robustus, tu enim divides populo huic terram.* Josuë, esforçae-vos, e tende grande valor, porque vós haveis de repartir a terra a esse povo. Notaveis palavras na occasião em que se disseram! Quando Deus disse estas plavras a Josuë, foi quando elle estava com as armas vestidas para passar da banda d'além do Jordão a conquistar a Terra de Promissão. Pois porque não lhe diz Deus, esforçae-vos, e tende valôr, porque haveis de conquistar esta terra aos inimigos, senão, esforçae-vos, e tende valor, porque haveis de repartir esta terra ao povo de Israël? Ambas as coisas havia de fazer Josuë: havia de conquistar a terra aos Amorreus, e havia de repartir a terra aos Israelitas; mas Deus esforça-o, e diz-lhe que tenha valor, porque havia de repartir, e não porque havia de conquistar a terra; porque muito maior empreza, e muito mais arriscada batalha era haver de repartir a terra aos vassallos, que haver de conquistar a terra aos inimigos.

Em nenhuns reis do mundo se vê isto mais claramente que nos de Portugal. Conquistar a terra das tres partes do mundo a nações estranhas, foi empreza que os reis de Portugal conseguiram muito facil e muito felizmente; mas repartir tres palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfação delles, foi impossivel, que nenhum rei pôde accommodar, nem com facilidade, nem com felicidade jámais. Mais facil era antigamente conquistar dez reinos na India, que repartir duas commendas em Portugal. Isto foi, e isto ha de ser sempre: e esta, na minha opinião, é a maior difficuldade que tem o governo do nosso reino. Tanto assim, que se póde pôr em problema na politica de Portugal, se é melhor que os reis façam mercês, ou que as não façam? Não se fazerem mercês, é faltar com o premio á virtude: fazerem-se, é semear beneficios para colher queixas. Pois que hão de fazer os reis? A questão era para maior vagar. Mas porque não fique indecisa, digo entretanto, que um só meio acho aos reis para salvarem ambos estes inconvenientes. E qual é? Não dar nada a ninguem, e premiar a todos. Pois como? Premiar a todos sem

dar nada a ninguem? Sim: o dar e o premiar são coisas mui differentes. Dar aos que merecem, ou não merecem, é dar; dar só aos que merecem, é premiar. Não fazerem mercês os reis, seria não serem reis: mas hão de fazel-as de maneira que as mercês não sejam dadivas, sejam premios. Deem os reis só aos benemeritos, e fecharão as boccas a todos. Quando os premios se dão aos que merecem, os mesmos que os murmuram com a bocca, os approvam com o coração. Murmuraes do que está bem dado? Appello da vossa lingua para vossa consciencia. Este é o unico remedio que teem os reis para salvarem a opinião naquelle tribunal, onde só neste mundo podem ser julgados, que é o coração dos vassallos. Emfim sejam os principes como Christo no repartir, e sejam os vassallos como os Discipulos no contentar-se, e cessarão as queixas.

V

Mas os ministros, de quem ainda não dissemos, como hão de ser? Direi como hão de ser, e como não hão de ser, que uma e outra coisa é necessaria. Já disse que não achava os ministros no Texto; mas se elles se afastam do Evangelho, que muito que me tire eu tambem delle, quando os busco? Muito antes de haver Evangelho, foi muito grande e muito notavel ministro Moysés. Digo, pois, que os ministros hão de ser como Moysés, e não hão de ser como Moysés. Hão de ser como Moysés para com os Hebreus, e não hão de ser como Moysés para com os Egypcios. Quiz Deus destruir o povo de Israël pelo peccado do bezerro, e disse assim a Moysés: *Demitte me, ut irascatur furor meus, et faciam te in gentem magnam.* Moysés, deixa-me acabar com este povo, e destruil-o, e eu te farei governador de outro povo muito maior. O' que grande tentação para um ministro! Se o povo se destruir, terei eu grandes augmentos: se isto se acabar, crescerei eu. Grande tentação! E que respondeu Moysés? *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo:* Ou haveis de perdoar ao povo, Senhor, ou me haveis de riscar de vossa graça. Os homens duas coisas estimam mais que tudo: a primeira, a graça de seu

senhor, e a segunda, seus proprios augmentos. E Moysés foi tão grande ministro, que offerecendo-lhe Deus grandes augmentos para que deixasse destruir o povo, elle respondeu que se o povo se havia de destruir, não queria a graça de seu Senhor. Os outros assolam o povo, para crescer na graça, e nos augmentos: Moysés por defender o povo, não quiz os augmentos nem a graça. Ministro que não faz caso de seus augmentos pela conservação do povo, e que chega a arriscar a graça do principe, para que o povo não padeça: este ministro sim: é ministro de Deus propicio, como o foi Moysés com os Hebreus. Mas ministro que assola os povos para elle crescer, e que da destruição dos vassallos quer fazer degrau para subir á graça do principe; livre-nos Deus de tal ministro: é açoite de Deus irado, como o foi Moysés com os Egypcios.

Moysés no Egypto foi o mais milagroso ministro que se viu no mundo: tudo em Moysés eram milagres; mas que milagres eram os seus? Rãs, mosquitos, gafanhotos, sangue, trevas, mortes dos primogenitos, emfim, as dez pragas do Egypto. E ministro, cujos milagres são pragas; ministro, cujo talento são oppressões, não o dá Deus para remedio, senão para destruição dos reinos. Assim deu Deus a Moysés para destruição do reino de Pharaó. Não ha mais evidente signal de Deus querer destruir e acabar um reino, que dar-lhe similhantes ministros. Cada ministro destes é um signal, é um portento, é um cometa fatal, que está ameaçando a ruina de uma monarchia. Levantemos os olhos da terra ao ceu, e vel-o-hemos claramente. Como o ceu é a côrte de Deus, poz o mesmo Deus no ceu dois ministros, por meio dos quaes governasse este mundo inferior, ambos grandes, ambos illustres, mas um maior, outro menor. Com toda esta distincção falla o Texto sagrado: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare majus ut præsset diei, luminare minus ut præsset nocti.* O ministro maior é o sol, a quem deu a presidencia do dia; o ministro menor é a lua a quem deu a da noite. Não deixemos de advertir de caminho (o que tambem faz muito ao nosso caso) que o ministro maior nunca se mette na jurisdição do menor. O sol governa em um e outro hemispherio a sua presidencia, que é a do dia, sem jámais se metter na da noite. Porém o ministro menor, que é a lua, é tão intermettido, que não

só de noite, mas de dia, não só na sua presidencia, senão tambem na que não é sua, se mette (ou mexe), e quanto toma do dia, tanto falta á noite; tanto não assiste á obrigação do seu officio, quanto se entremette no alheio. Assim se governa comtudo, e se conserva o mundo. Mas quando Deus o quizer acabar e destruir para sempre, que fará? Nestes mesmos ministros ha de pôr os signaes da destruição, e delles hão de sahir os effeitos. Os signaes no sol e na lua, *Erunt signa in sole, et luna:* os effeitos na terra e no mar, *In terris pressura gentium, præ confusione sonitus maris.* Na terra oppressões, no mar confusões. O sol domina no mar, e principalmente na terra; a lua domina na terra, e principalmente no mar: e estes são os dois elementos em que vivem e negoceiam a vida os homens. Mas quando nelles tudo são oppressões e confusões, effeitos dos ministros que os governam, signal é que se quer acabar o mundo, ou alguma parte delle. Quando assim fôr em todo o mundo, signal será que se acaba o mundo: quando assim se vir e experimentar em qualquer reino, signal é tambem que o reino se acaba. O sol e a lua são os primeiros planetas, senão os mais benéficos de todo o universo; porém quando trocado o fim para que Deus os poz em tão alto logar, elles se revestirem (como farão naquelle tempo) de horrores e sangue, *Sol convertetur in tenebras, et luna in sanguinem*, os planetas são cometas, a luz são trevas, as influencias são raios, e os prognosticos de tudo isto a assolação e ruina de tudo.

Taes costumam ser os ministros que a Justiça Divina permitte, quando quer dar o ultimo castigo aos peccados, e destruir monarchias. E tal ministro foi Moysés, quando Deus o escolheu para a destruição total de Pharaó. Como se Moysés fôra sol de dia, e lua de noite, uns prodigios obrava de noite, outros de dia; como se tivera o predominio da terra e do mar, umas execuções fazia no mar, outras na terra; todas porém de oppressão, de confusão, de horror, e nenhuma para bem, senão para mal e assolação dos Egypcios: nas casas, nas ruas, nos campos: nas lavoiras, nos gados, nos pastores: nas fontes, nos rios, nos mares; tudo eram novidades, mas todas em damno: cada dia se mudavam, mas sempre de um mal grande para outro maior. O' miseravel povo, ó miseravel reino, ó miseravel rei! O' violento e terrivel ministro,

que tambem te chamára cruel, se a tua vara não fôra açoite de Deus, e tu verdugo de sua justiça! E a maior fatalidade de todas era, que nada disto abrandava os animos, antes os endurecia mais. Cada milagre dos que fazia Moysés no Egypto, era um marmore que se punha no coração de Pharaó contra Deus, de quem Moysés era ministro. Caso digno não só de admiração, mas de assombro! Fazia Moysés um milagre: lançava a vara da mão que se convertia em serpente: e que se seguia deste portento? *Obduratum est cor Pharaonis:* Endureceu-se o coração de Pharaó. Fazia Moysés outro milagre: tocava com a vara no rio, que se convertia em sangue; e que se seguia destes horrores? *Obduratum est cor Pharaonis.* Fazia Moysés outro milagre: tocava com a vara na terra, levantavam-se exercitos de gafanhotos, que talavam os campos; e que se seguia desta destruição? *Obduratum est cor Pharaonis.* Fazia Moysés outro milagre: tocava com a vara no ar, começavam a chover raios e coriscos, que matavam os gados e os pastores; e que se seguia destas tempestades? *Obduratum est cor Pharaonis.* De maneira que os milagres de Moysés, ministro de Deus irado, não serviam mais que de endurecer o coração de Pharaó. Sendo que o primeiro cuidado dos ministros ha de ser abrandar e affeiçoar, e reduzir os corações ao serviço, á obediencia, e ao amôr de seu Senhor. Vêde se tenho razão para dizer que os ministros não devem de ser como Moysés para com os Egypcios, mas hão de ser como Moysés para com os Hebreus. Imitem nesta fórma os ministros a Moysés, os vassallos aos Discipulos, os principes a Christo: e concorrendo todos desta maneira, uns a contentar, e outros a contentar-se, não ha duvida que, ao menos em grande parte, cessarão os descontentamentos e as tristezas: *Et estis tristes.*

VI

Respondendo os Discipulos á pergunta de Christo, disseram que a causa de sua tristeza era verem mal logradas as esperanças que tinham da Resurreição de seu Mestre, e com ella da redempção do reino de

Israël: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israël.* Nós esperavamos que elle havia de remir o reino de Israël. Ora eu me puz a considerar algumas vezes, qual era o peior estado neste mundo, se o de esperar, se o de ser esperado? E parece que temos a solução da duvida neste caso. Os Discipulos eram os que esperavam a redempção: Christo era o esperado por Redemptor: e ainda que a tormenta que os Discipulos padeciam por esperarem, era grande, a que Christo padecia por ser esperado, era maior. A dos Discipulos chegava-lhes ao coração, tristezas, desconfianças, desesperações: a de Christo passava ainda além do coração, porque chegava a tocar no credito. Ouvia dizer de si nas estradas publicas, que não respondêra na Redempção ao que delle se esperava! *Nos autem sperabamus:* logo parece que ainda é maior mal o ser esperado, que o esperar. Respondo com distinção: digo que o esperar é o maior tormento: o ser esperado é o maior empenho. Não ha maior tormento no mundo que o esperar: nem póde haver maior empenho no mundo que o ser esperado. Quem se sujeitou a esperar, sacrificou-se á maior pena: quem se sujeitou a ser esperado, arriscou-se á maior empreza. Sem sahirmos do mysterio, acharemos a prova de ambas as coisas.

Primeiramente o esperar é o maior tormento. Provo. O maior peccado que se commetteu no mundo foi a morte do Filho de Deus: e que castigo deu a Divina Justiça, que castigo deu a Divina severidade aos Judeus por este maior de todos os delictos, de não crerem, e de matarem ao Messias? O castigo foi, que esperassem por elle: castigou-lhes a falta da fé com a continuação da esperança. Vós não crestes? Pois esperareis. Notae. Na justiça de Deus não póde haver desigualdade em proporcionar o castigo e o delicto. O maior delicto que podia haver no mundo, era a morte do Filho de Deus: pois por isso deu a Divina Justiça por castigo aos Judeus que esperassem, porque ao maior delicto era devido o maior castigo: e não podia haver maior castigo que o esperar. Castigar a morte do Messias com esperarem por elle, foi dar á maior culpa a maior pena: *Nos autem sperabamus.* Eis aqui como o esperar é o maior tormento.

E o ser esperado? E' o maior empenho. Provo no mesmo caso. E para maior intelligencia do que quero dizer, havemos de suppor que o Messias, por

quem esperavam os Judeus, na opinião vulgar do povo, não era Messias Deus, senão Messias homem: esperavam um homem grande, sim, maravilhoso, sim, e que havia de dominar o mundo, sim: mas puro homem, e filho de David sómente. Os Patriarchas e os Prophetas, e alguns mais sabios (ainda que poucos) esses conheciam que o Messias havia de ser Filho de Deus, os outros não. E a razão d'esta permittida ignorancia foi, porque como aquelle povo era tão grosseiro e inclinado á idolatria, não fiou Deus do commum delle o mysterio altissimo da Trindade: sendo certo que se lhes mandasse propor que havia em Deus tres Pessoas, haviam de crer em tres Deuses; que é a consequencia que ainda hoje embaraça sua cegueira. A Moysés, a David, e outras grandes almas daquelle tempo, revelou-lhes Deus o segredo da divindade do Messias: *Incerta, et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi:* mas o commum do povo tinha-o só por puro homem, e como tal o esperava. Veiu em fim o esperado Messias, e veiu não só homem, senão verdadeiro Deus. E que lhe aconteceu? *In propria venit, et sui eum non receperunt:* Não o receberam os seus, nem o aceitaram, nem se satisfizeram delle. Pois se as esperanças dos Judeus ficaram tão melhoradas na posse, se o que esperavam era homem, e o que veiu era Deus, porque se não satisfizeram suas esperanças? Ahi vereis quão difficultoso e arriscado empenho é ser o esperado de um reino: que a expectação de um homem esperado não a satisfaz um Deus vindo. O Messias que esperava o reino de Israël era Deus: e são tão más de contentar as esperanças dos homens, que vindo o mesmo Deus em Pessoa, não desempenhou a expectação de um homem que se esperava.

E qual é a razão disto? Qual é a razão por que nem Deus póde satisfazer as esperanças dos homens? A razão é, porque o que promette a esperança, não o póde cumprir a omnipotencia. Parece difficultoso, mas um bom exemplo o fará facil. Tiveram os Apostolos uma competencia entre si, mais propria da côrte, que do collegio: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major?* Era a contenda, qual delles fosse, ou havia de ser maior no reino de Christo? E' certo que maior não o póde ser mais que um. A igualdade póde-se achar em muitos, a maioria não

a póde haver mais que em um só. E comtudo todos os Apostolos tinham no seu pensamento a maioria, e cada um cuidava que elle era ou havia de ser o maior do reino de Christo. Vêde agora se é mais o que promette a esperança, do que póde cumprir a omnipotencia. A esperança promettia a maioria a doze, e a omnipotencia não podia dar a maioria mais que a um; e assim a deu só a Pedro. D'onde se segue, que aquillo com que a esperança contenta a doze, com isso mesmo a omnipotencia ha de descontentar a onze. Não foi assim? Assim foi. Na esperança estavam contentes todos os doze Apostolos, e na execução ficou contente só Pedro, e os demais descontentes. E como esta seja a natureza da esperança, por isso a omnipotencia do Messias Deus não pôde desempenhar as esperanças que os homens tinham concebido do Messias homem: porque o que cada um esperava daquelle homem, nem o mesmo Deus o podia dar a cada um. Cada um por ventura (como agora) esperava que no tempo daquelle Messias havia elle de ser o maior: e isso nem Deus o podia fazer.

Boa está esta razão, mas ainda não esgotou a difficuldade. A esperança satisfaz-se com a medida do que se espera: o povo de Israël esperava que o viesse remir um homem, e veiu remil-o um homem, e Deus, que era mais. Pois se as suas esperanças alcançaram mais do que esperavam, porque se não contentam? Que a esperança se não contente com o menos, bem está: mas que a mesma esperança se não contente com o mais? Contradição é esta que não posso alcançar com o entendimento, e vejo-a com os olhos. Quantos ha hoje em Portugal que teem mais do que nunca esperaram, e no cabo estão ainda descontentes? Vinde cá: quando a vossa imaginação esteve mais desvanecida, chegou nunca a sonhar, nem a esperar o que hoje tendes? Nem vós mesmo o negareis. Pois se tendes mais do que nunca esperastes, porque está ainda descontente vossa esperança? Esta pergunta não tem resposta; porque esta sem-razão não tem razão. Irracional affecto é a esperança descontente, vilissimo affecto é. E senão vêde em quem se achou hoje: em Cleophas, e no seu companheiro, que eram da aldeia de Emaüs: affecto de homens de aldeia, Deus nos guarde a nossa côrte delle.

A fé e a caridade são affectos muito fidalgos, e muito bons de contentar. A fé para crer, basta-lhe uma prophecia, e fica satisfeita: a caridade para amar, quando não tenha beneficios, bastam-lhe aggravos, que o amòr até de offensas se sustenta. Não assim o vil affecto da esperança: nenhuma coisa lhe basta para o contentar: *Nos autem sperabamus.* Todas estas distinções temos na historia destes dias. Quinta feira na Cèa ficou tão satisfeita a caridade, que disse por bocca de S. João: *Cum dilexisset, dilexit:* como amasse, amou. Sexta feira na cruz ficou tão satisfeita a fé, que disse por bocca do centurião: *Vere Filius Dei erat iste.* Verdadeiramente este era Filho de Deus. E domingo depois da Resurreição ainda está a esperança tão mal satisfeita, que disse por bocca dos Discipulos de Emaüs: *Nos autem sperabamus:* Nós esperavamos; mas não se cumpriram nossas esperanças. A caridade satisfez-se no mais amante: a fé satisfez-se no mais incredulo: a esperança não se satisfez nos mais obrigados. Para contentar a caridade, bastou Christo vivo: para contentar a fé, bastou Christo morto: para contentar a esperança, não bastou Christo resuscitado. Nem as obras da vida, nem as maravilhas da morte, nem as glorias da Resurreição bastaram para satisfazer e contentar uma esperança: *Nos autem sperabamus.*

VII

Nos autem sperabamus, et tertia dies est hodie: Nós esperavamos, e são já hoje tres dias. Disto me escandalisso mais que de tudo. Vinde cá, mal entendidos esperadores da Redempção, quando Moysés subiu ao monte Sinaï, não esperastes por elle quarenta dias? Pois quando Christo subiu ao monte Calvario, porque vos cançaes de esperar tres? Esperastes quarenta dias por Moysés, e não esperareis tres dias por Christo? Eu escandalisava-me, mas elles parece que não deixam de ter razão. Essa é a differença que ha de haver do tempo de Christo ao tempo de Moysés. Se no tempo de Christo se houvesse de esperar, como se esperava no tempo de Moysés: se no tempo da Redempção se houvesse de esperar, como se esperava no tempo do captiveiro, que felicidade era a dos nossos tempos maior que a dos passados? Assim o presu-

miam os Discipulos; e assim era, ainda que elles o ignoravam. No tempo de Moysés esperavam os homens quarenta dias com paciencia, porque não era ainda vindo o esperado: mas no tempo de Christo cançam-se de esperar tres dias, porque é já outro tempo, é tempo da Redempção. Esperar antes de vir o esperado, é pensão do tempo: mas depois de vir o esperado, esperar ainda, é tormento de desesperação. Vêde como acudiu a esta razão, e como se conformou com ella o mesmo Christo.

Pela morte de Christo abriram-se as portas do ceu, e os Santos Padres do Limbo vieram logo a Deus. Mas perguntam os Theologos, se a vista de Deus a começaram logo a gosar os Padres, tanto que Christo expirou, ou quando sua alma santissima entrou no Limbo? A resolução mais verdadeira é, que tanto que Christo expirou na cruz, logo os Santos Padres começaram a gosar a visão beatifica; porque não era justo que o premio de seus merecimentos se lhes dilatasse. Se lhes dilatasse? Notavel razão dos Theologos! A alma de Christo desceu ao Limbo, em dois instantes, e quasi todos que estavam no Limbo, havia dois mil, tres mil, e quatro mil annos, que esperavam. E se esperavam havia quatro mil annos, que importava que esperassem mais dois instantes? Importava muito; porque o tempo era já outro. O tempo passado era de captiveiro, o presente era de Redempção; e no tempo do captiveiro esperar pelo premio quatro mil annos, era conforme a miseria do tempo passado: mas no tempo da Redempção esperar só dois instantes, era contra a felicidade do tempo presente. Essa differença ha de ter o tempo da Redempção, do tempo do captiveiro, que no tempo do captiveiro esperavam-se quatro mil annos, no tempo da Redempção, nem dois instantes se ha de esperar.

Mas se para os do Limbo era muito esperar dois instantes, porque não seria tambem muito para os do mundo esperar tres dias: *Nos autem sperabamus, et tertia dies est hodie?* Bem tirada e apertada estava a réplica, se dentro dos mesmos termos de uma razão não pudéra caber outra maior. Assim como entre o passado e o presente é necessario que haja grande differença de tempo a tempo, assim no mesmo tempo presente entre os mais e menos benemeritos, é egualmente necessario que haja muita differença de pessoas

a pessoas: *Nos autem sperabamus.* Aquelle *nos autem*, porém nós, parece que justifica ou póde justificar a queixa dos Discipulos na dilação dos tres dias que Christo tardava em se lhes manifestar, tendo-o feito aos do Limbo no mesmo instante de sua morte. Se para os Patriarchas não houve dilação, para nós os Apostolos e Discipulos porque a ha de haver: *Nos autem?* E tem a duvida uma circumstancia, que não só parece alheia da razão, senão ainda deformidade. Os Patriarchas eram do seio de Abrahão, os Apostolos eram do seio de Christo: Abrahão era servo de Christo, Christo era Senhor de Abrahão. Pois é bem que se premeiem logo os do seio do criado, e que estejam esperando os do seio do Senhor: *Nos autem sperabamus?* Vejamos quem eram uns e outros, e no mesmo *nos autem*, não só acharemos razão, senão muitas razões, para esta differença de favor, que com elles usou Christo. Quem eram os Patriarchas, e quem eram os Apostolos? Os Patriarchas eram um Adão, a quem todo o genero humano reconhecia por pai: era um Noé, que salvou elle só o mundo em um navio: era um Moysés, que libertou o povo de Deus do captiveiro, e o levou á terra de Promissão: era um Job, exemplo da paciencia e da constancia: era um David, que acudindo pela honra de Deus, vencia gigantes; era um Esdras, restaurador do Templo e da Religião: era um Jeremias, que ardia e se desfazia em zelo de seu Senhor: era um Isaias, que se deixava serrar pelo meio, por lhe não faltar á fé. E os Apostolos? Tenha paciencia o *nos autem.* Eram um Pedro, que negou; um Thomé, que não creu; os demais que fugiram, e deixaram todos a seu Senhor nas mãos de seus inimigos. Pois seria bem que fossem premiados egualmente os que assim fugiram, com os que assim serviram? Os que temeram a morte, com os que assim perderam a vida constantemente? Os que á vista de seu rei o desampararam, com os que pelejaram por elle sem nunca o verem? Finalmente, os que havia tres annos que serviam, com os que tinham trezentos, quinhentos, e mil annos de merecimento? Bem clara está a razão, e esta é a primeira.

A segunda, e não menor é, porque os Apostolos eram vivos, os Patriarchas eram mortos: e os mortos que acabaram a vida no serviço de seu Senhor, devem preferir e preceder aos vivos. Porque razão? Pela do merecimento, e pela do impedimento. Pelo merecimento; porque não póde um vassallo chegar a mais,

que a dar a vida: pelo impedimento, porque o morto não póde requerer, nem fallar por si; e o principe ha de ser o requerente dos mortos. Os vivos hão de buscar o principe para que os premeie; o principe ha de ir buscar os mortos para elle os premiar: e assim o fez Christo, que os foi buscar ao Limbo. O despacho mais prompto, e mais breve, que Christo deu para o seu reino, foi o de Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Mas ainda ao mesmo Dimas quiz Christo que precedessem os Patriarchas; porque quando os soldados acabaram de matar aos ladrões, já havia tempo que Christo estava no Limbo: *Ad Jesum autem cum venissent, viderunt eum jam mortuum.* A brevidade do despacho de Dimas foi do mesmo dia, *hodie;* a do despacho dos Patriarchas foi do mesmo instante. Para Dimas fazer effectivo o seu despacho, foi elle a Christo: para os Patriarchas terem effectivo o seu, foi Christo a elles. Dimas como vivo, esperou Christo que requeresse por si: *Domine, memento mei.* Os Patriarchas como mortos, não esperou que requeressem elles, mas elle foi o seu requerente, e os foi buscar debaixo da terra para os premiar.

VIII.

Estas são as razões por que nenhuma tiveram os peregrinos de Emaüs no que cuidavam, nem ainda a podiam ter no que não cuidaram, persuadindo-se que o cumprimento da sua esperança lhes tardava, sendo elles os tardos, como Christo lhes chamou: *O stulti, et tardi corde.* Tardos no crêr, ignorantes no inferir, e impacientes no esperar. Tinham ouvido que o Senhor havia de estar debaixo da terra tres dias, e tres noites, assim como Jonas no ventre da balêa; e lançadas bem as contas, ainda lhe faltavam para tres dias quando menos vinte e duas horas. Elles o confessaram assim quando disseram: *Mane nobiscum Domine, quoniam advesperascit.* Era a hora de se pôr o sol, e quando se poz á sua meza o sol, que na sua imaginação ainda não tinha amanhecido; então o viram, e se lhes escondeu juntamente: *Cognoverunt eum, et ipse evanuit ab oculis eorum.* Com esta brevissima vista tudo ficou

trocado em um momento: a tristeza trocada em alegria, a desconfiança trocada em credulidade, a esperança trocada em fé, e elles tão trocados dentro e fóra de si mesmos, que logo voltaram animosos de Emaüs para Jerusalem assim como tinham sahido timidos de Jerusalem para Emaüs.

Se fora sermão este discurso, aqui tinhamos um bom ponto com que acabar. Não ha signal mais certo e mais seguro, senhores, de termos conhecido a Christo, e Christo nos ter convertido a si, que desfazer os caminhos errados de nossa vida pelos mesmos passos por onde os fizemos. Se desencaminhados fomos de Jerusalem para Emaüs, postos no verdadeiro caminho tornemos de Emaüs para Jerusalem. *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua*, dizia um rei tão fraco como David em quanto homem, e tão resoluto e animoso em quanto arrependido e penitente. Considerei os caminhos de minha vida, e logo os desfiz pelos mesmos passos. E' necessario desandar o andado, desfazer o feito, e desviar o vivido. Assim o fizeram na mesma hora, não o guardando para o outro dia os nossos venturosos peregrinos. Na mesma tarde desfizeram o que tinham andado pelos mesmos passos, e assim como tinham deixado Jerusalem e caminhado para Emaüs, assim deixaram Emaüs e voltaram a toda a pressa para Jerusalem. Chegados a Jerusalem, entraram com o alvoroço, que se deixa vêr, no Cenaculo, onde acharam os outros Discipulos cheios de excessivo prazer, porque S. Pedro os tinha certificado de que vira resuscitado o Divino Mestre. Contaram o que lhes tinha succedido, e acrescentaram a alegria de todos com a narração tão notavel da sua historia, a qual e a de nossos tempos acaba aqui.

SERMÃO

DA

Primeira Oitava da Paschoa *

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israël. [1]

I

Em um dia tão alegre como o de Paschoa, em que pela gloriosa Resurreição de Christo, Redemptor nosso, se revogou com a mesma gloria a antiga sentença de morte fulminada contra Adão e Eva, digna coisa de admirar é que nem nas filhas de Eva, nem nos filhos de Adão, se achem effeitos de alegria. Amanheceu o sol neste formoso dia mais arraiado que nunca, accrescentando tantos raios a seus naturaes resplandores, quantos tinha eclipsado e escondido no dia da Paixão: e que é o que achou no mundo o mesmo sol, ou quando nasceu no Oriente, ou quando se foi pôr no Occaso? Quando nasceu achou a terra orvalhada das lagrimas da Magdalena, como se ella fôra a aurora daquelle dia: *Mulier, quid ploras?* [2] E quando ia a se pôr, achou a tristeza dos dois Discipulos de Emaüs: *Et estis tristes:* [3] como se nelles se multiplicára, coberta de sombras, a estrella da tarde ou Vesper: *Quoniam*

---

* É este um dos Sermões mais prodigiosos d'eloquencia pregados por Vieira. Foi prégado na Matriz da cidade de Belem do Grão-Pará, no anno de 1656, quando chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das Minas, que com grandes empenhos se tinham ido descobrir.

[1] *Luc.*, XXIV.

[2] *Joan.*, XX, 13.

[3] *Luc.*, XXIV, 17.

advesperascit. [1] Tão tragicos como isto foram os dois primeiros actos, ou apparencias desta famosa comedia!

Para eu vos declarar quão naturaes fossem as causas de um e outro sentimento, não me é necessario ir buscar o exemplo mais longe, pois a fortuna nestes mesmos dias vol-o trouxe a casa. Não é grande desconsolação buscar, e não achar? Pois essa era a desconsolação da Magdalena e das outras Marias: *Non invento corpore ejus.* [2] Não é bastante motivo de tristeza esperar, e não succeder o que se esperava? Pois essa era a causa porque os dois Discipulos iam tristes: *Nos autem sperabamus.* [3] Em quanto os cuidados e esperanças se põem na terra, não pódem faltar desconsolações e tristezas á terra. As Marias desconsoladas, porque não acharam o que buscavam debaixo da terra: *Veniunt ad monumentum*: [4] e os Discipulos tristes, porque lhes não succedeu o que esperavam para remedio da sua terra: *Quia ipse esset redempturus Israël.* [5]

Taes considero, senhores, nesta occasião, ou taes são, ainda que se não considerem, as causas que parece nos fizeram menos alegres estas paschoas, as quaes eu desejo a todos, e para todos peço a Deus tão liberaes dos bens do céu, e tambem dos que não são do céu, quanto o mesmo Senhor sabe que nos convém. Foram-se buscar debaixo da terra as minas de oiro ou prata, e não se tendo achado depois de tanto trabalho; assim como as Marias se desconsolaram de verem mal logradas as suas diligencias, as suas prevenções, e ainda as suas despezas: *Emerunt aromata:* [6] assim confesso vos póde desconsolar o muito que nesta infeliz jornada se tem gastado de tempo, de cuidado, e de fazenda. E assim como os Discipulos iam tristes por vêr baldadas e perdidas as esperanças com que desejavam vêr melhorada a sua patria, e restaurado o seu reino: *Quia ipse esset redempturus Israël:* assim vos concedo que é para entristecer e sentir não se ter

---

[1] *Luc.*, XXIV, 29.
[2] *Ibid.*, 23.
[3] *Ibid.*, 21.
[4] *Marc.*, XVI, 2.
[5] *Luc.*, XXIV, 21.
[6] *Marc.*, XVI, 1.

conseguido a opulencia propria, e da monarchia, que das mesmas minas desvanecidas, com tanto boato se esperavam. E' comtudo tão bom consolador Christo, e tão apressado, que na mesma manhã enxugou as lagrimas das Marias, e na mesma tarde serenou a tristeza dos Discipulos, como eu tambem determino alliviar a vossa hoje.

Resumindo-me pois á historia do Evangelho, que, sendo succedida hontem, reservou a Igreja para este segundo dia: dois affectos, ou duas paixões naturaes do animo, consolou ou curou Christo Senhor nosso nos dois Discipulos de Emaüs: a tristeza declarada, e a esperança perdida: *Nos autem sperabamus.* E sendo estes os mesmos dois affectos com que os corações da nossa cidade se acham menos quietos e satisfeitos; assim como o Senhor mostrando-se vivo aos Discipulos, sepultou a sua tristeza, e resuscitou a sua esperança: assim eu para consolar uma, e alentar outra, vos mostrarei vivamente duas verdades. A primeira, que muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se. A segunda, que em logar das minas incertas, que se não descobriram, vos descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas. Ambos estes assumptos parecem temporaes, como tambem eram por causas temporaes a tristeza e desesperação dos dois Discipulos á ida: mas nem por serem temporaes deixou de as consolar o Divino Mestre, para as converter a ellas e e a elles em espirituaes, como tornaram á volta. O mesmo pretendo eu com a graça do céu, que me ajudareis a alcançar: *Ave Maria.*

II

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes?

Que praticas são estas que ides conferindo entre vós, e de que estaes tristes? Esta foi a pergunta que fez Christo, Redemptor nosso, aos dois Discipulos que iam de Jérusalem para Emaüs. E se eu fizesse a mesma no nosso Belem, e perguntasse ás vossas conversações, porque estaes tristes; é certo que me havieis de

responder como elles responderam: *Nos autem sperabamus:* Esperavamos de ter minas, e estamos desenganados de que as não ha: ou esperavamos que se descobrissem e não se descobriram. E se eu instasse mais em querer saber o discurso ou consequencia com que sobre este desengano fundaes a vossa tristeza; tambem é certo havieis de dizer, como elles disseram, que no successo que se desejava e suppunha, estavam livradas as esperanças da redempção, não só desta vossa cidade, e de todo o estado, senão tambem do mesmo reino: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israël.* Ora ouvi-me attentamente, e (contra o que imaginaveis, e por ventura ainda imaginaes) vereis como nesta, que vós tendes por desgraça, consistiu a vossa redempção; e de quantos trabalhos, infortunios e captiveiros vos remiu e vos livrou Deus em não succeder o que esperaveis.

Primeiramente havemos de suppôr que muitas vezes está a nossa perdição em succederem as coisas como esperamos, e, pelo contrario, está o nosso remedio e a nossa conservação, em não terem o successo que se pertendia. Em uma maldição muito encarecida de Job temos o mais claro e mais notavel espelho que se póde imaginar desta verdade: *Pereat nox, in qua dictum est, conceptus est homo: expectet lucem, et non videat, nec ortum surgentis auroræ:* [1] Maldita seja a noite em que fui concebido, diz Job: espere pela luz, e nunca amanheça: espere pela aurora, e nunca venha. Parecer-vos-ha (como pareceu a quem o disse) que esta era a maior desgraça que podia succeder á noite, e a maior praga que se lhe podia rogar; mas bem considerando o caso, não era senão a maior dita e a maior ventura. O maior inimigo que tem a noite, é a aurora: em quanto não amanhece, conserva-se e persevera a noite; tanto que amanheceu, ficou acabada e perdida: logo aquella que parecia maldição, não era maldição, antes era o maior bem, a maior felicidade que se podia desejar e imprecar á noite; porque se a noite esperasse pela manhã, em lhe succeder, como esperava, estava a sua perdição e o seu fim; e em lhe não succeder, como esperava, estava a sua conservação, o seu augmento e o seu ser.

---

[1] *Job.*, III, 3 e 9.

O mesmo digo, senhores, da esperança das vossas minas, a qual eu nunca tive por bem fundada, e, perguntado, assim o disse. Lá se mostrou oiro e prata; mas estes dois metaes as mais das vezes são como os dois cabritinhos de Jacob, com que enganou ao pae cego para levar a benção de Esaü. [1] Disse Jacob, que o guizado que presentava ao pai era caça, e elle não era do matto, senão do rebanho. Assim é o oiro e prata que lá levam: dizem que foi cavado da beta, e elle é fundido da bolça. Por isso as minas não são minas para quem faz as despezas, e só são minas, como a benção de Jacob, para os mesmos que as fingiram, e veem ricos de mercês e salarios, e cheios de jurisdições e omnipotencias, com que se fazem mais ricos. Mas, ou se não descobrissem as minas, porque as não ha; ou porque havendo-as, não quiz Deus que se descobrissem, vêde de quantos perigos e trabalhos vos remiu e livrou a misericordia e Providencia Divina em não succeder este descobrimento como esperaveis!

III

E para que comecemos pelos perigos que podem vir de fóra, e de mais longe; se este estado sem ter minas, foi já requestado e perseguido de armas e invasões estrangeiras: que seria se tivesse esses thesouros? Lá traz Christo Senhor nosso, a comparação de um campo, que era cultivado somente na superficie da terra, fertil de flores e fructos: porém sabendo um homem acaso, que no mesmo campo estava enterrado e escondido um thesouro: *Thesauro abscondito in agro:* [2] o que fez com todo o segredo e diligencia, foi ir logo comprar o campo a todo custo, e deste modo ficou senhor, não do campo por amôr do campo, senão do campo por amôr do thesouro. De sorte que toda a desgraça do campo em mudar de senhorio, e passar de um dono a outro dono, esteve em ter thesouro dentro em si, e saber-se que o tinha. Contentemo-nos de que nos deem os nossos campos pacificamente,

---

[1] *Gen.*, XXVII, 9.
[2] *Math.*, XIII, 44.

o que a agricultura colhe da superficie da terra, e não lhe desejemos thesouros escondidos nas entranhas, que espertem a cubiça alheia: principalmente quando os mesmos campos não estão cercados de tão fortes muros, que lhe possam facilmente defender a entrada.

Conta a Sagrada Escriptura no Capitulo trinta e oito de Ezechiel (ou seja historia do passado, ou prophecia do futuro) que sabendo as nações de Gog e Magog, que os Hebreus viviam ricos e descançados nas suas terras, fizeram conselho entre si de os irem conquistar, fundando esta deliberação em dois motivos: o primeiro, que tinham oiro e prata: o segundo, que não tinham muros. Um motivo os excitou á conquista, e outro lh'a facilitou. O que os excitou foi o oiro e a prata: *Ecce ad diripiendam prædam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, et aurum:* [1] e o que os facilitou foi serem terras habitadas, sem muros nem fortificações: *Ascendam ad terram absque muro, vectes, et portæ non sunt eis.* [2] E terras que teem oiro e prata, e não teem muros fortes que as defendam, naturalmente estão expostas á cubiça e invasão dos inimigos, porque o oiro e a prata que teem, excita a cubiça; e os muros e fortificações que não teem, facilitam a invasão.

E' verdade que os Hebreus naquelle tempo estavam muito seguros com a paz das outras nações, e já livres de suas armas: *Ad terram, quæ reversa est à gladio: adquiescentes, habitantesque securè.* [3] Mas esta segurança é muito enganosa. Onde ha nova occasião de interesse, não ha confederação que dure. Ouvi um dito notavel de Jeremias: *Nunquid fœderabitur ferrum ferro ab Aquilone, et æs?* [4] Cuidaes que o ferro do norte (do norte diz nomeadamente, *ab Aquilone*) cuidaes que o ferro do norte se póde confederar com outro ferro, e o seu bronze com outro bronze? Enganaes-vos, diz o propheta áquelles com quem fallava: e o mesmo vos certifico eu sem ser propheta. Livrou-vos Deus da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte, com

[1] *Ezech.*, XXXVIII, 13.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*, 8 e 11.
[4] *Jerem.*, XV, 12.

a prata liga os outros metaes: e a cubiça, com a prata, desfaz e rompe todas as ligas.

Confederados estavam os Israelistas com os Babylonios, e era tanta a amizade e boa correspondencia entre um e outro rei, que Baradac, rei de Babylonia, soberbissimo e potentissimo, sabendo que Ezechias, rei de Israël, tinha convalescido daquella grave enfermidade em que esteve á morte, lhe mandou embaixadores com grandes presentes a lhe dar o parabem da saude. Quiz-se mostrar agradecido Ezechias, e em signal de benevolencia e confiança, levou os mesmos embaixadores ao mais secreto do seu palacio, e alli lhe descobriu e manifestou todos os seus thesouros. Elle e elles ficaram mui satisfeitos: mas não eram passadas vinte e quatro horas, quando Deus mandou annunciar a Ezechias as perigosas e tristes consequencias daquelle descobrimento: *Ecce dies venient, et auferentur omnia, quæ in domo tua sunt, et quæ thesaurizaverunt patres tui usque ad diem hanc, in Babylonem: non relinquetur quidquam, dicit Dominus: et de filiis qui exibunt de te, quos genueris, tollent, et erunt ennuchi in palatio regis Babylonis.* [1] E vós, Ezechias, fostes tão inconsiderado, que manifestastes os vossos thesouros aos embaixadores de Babylonia? Pois sabei, diz Deus, que os Babylonios os virão buscar, e não só se farão senhores dos mesmos thesouros, sem delles deixar coisa alguma, senão que até a vossos proprios filhos captivarão e levarão prezos a Babylonia, para lá se servirem delles. Eis aqui em que param as amizades, as pazes, e as confederações, em havendo descobrimento de thesouros. Dae graças a Deus de se frustrarem as vossas esperanças, e não lhe sejaes ingratos com vos entristecer, pois assim vos quiz livrar de tamanhos perigos.

Se em Hespanha não houvera minas de oiro e prata (das quaes diz Estrabo que eram as mais ricas do mundo) nunca os Romanos iriam a lhe fazer guerra de tão longe, com tanto empenho e pertinacia. Assim o dá a entender a mesma Escriptura Sagrada no primeiro livro dos Macchabeus, referindo as conquistas dos Romanos, e a fama das suas victorias: *Et quanta fecerunt in regione Hispaniæ, et quod in potestatem rede-*

[1] *Isai.*, XXXIX, 6 e 7.

gerunt metalla argenti, et auri, quæ illic sunt. [1] Não diz que conquistaram os homens, senão as minas, porque as minas foram o motivo da guerra e da conquista. Como a gente de Hespanha era tanta, tão remota, e tão forte, gastou a potencia romana na pertinencia desta conquista, duzentos e trinta e cinco annos: (Vêde se serão cá necessarios tantos!) até que finalmente a terra, as minas, e os moradores, ficaram todos sujeitos ao jugo e dominio estranho, presidiados de suas legiões, tributarios á sua cobiça, governados e opprimidos da sua tyrannia: e o mesmo oiro e prata (que, como diz o Espirito Santo, muitas vezes é redempção do homem) para elles foi a causa da servidão, e o reclamo que chamou de tão longe, e lhe metteu em casa o captiveiro.

IV

Mas dado que as minas tão esperadas e appetecidas não tivessem por consequencia de sua fama estes perigos de fóra, bastava a consideração dos trabalhos e miserias domesticas, que com ellas se vos haviam de levantar de debaixo dos pés, para que o vosso juizo, se o tivesseis, tratasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar e descobrir, ainda que foram muito certas. Um dos maiores castigos que Deus podia dar a esta cidade, e a este estado, era descobrirem-se nelle minas. E não sou eu o que o digo, senão a prudencia e verdade de quem se não podia enganar.

No Psalmo dezeseis pede David a Deus lhe faça justiça, e dê a seus inimigos o castigo que merecem pela deshumanidade de feras com que perseguiam sua innocencia. E depois de dizer que Deus tinha ouvido sua petição, prophetiza o castigo que o justo Juiz havia de dar aos mesmos inimigos; e como se já lh'o tivera dado, refere-o assim em poucas palavras: *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum:* [2] Fartastes, Senhor, a sua fome, com os encher dos vossos es-

[1] *1.º Livr. dos Machab.*, VIII, 3.
[2] *Psalm.*, XVI, 14.

condidos. Entram agora os Interpretes a examinar quaes são os escondidos de Deus. E o sentido mais proprio e mais litteral, com Simaco e outros, é que os escondidos de Deus são as minas de oiro e prata. O oiro e a prata tem-nos Deus escondidos lá no profundo da terra, onde os creou, e quando o mesmo Senhor é servido que se descubram as minas, então apparecem e se manifestam estes escondidos de Deus: *De absconditis tuis.* Mas se David tinha pedido a Deus que lhe fizesse justiça, e castigasse a seus mimigos; e o mesmo Deus lhe tinha promettido de o fazer assim, e de os castigar; como diz que lhe ha de descobrir o oiro e a prata que tem escondidos nas minas, e os ha de fartar dellas: *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum?* Mais apertadamente ainda. Neste Psalmo, que todo é prophetico, assim como na pessoa de David é figurado Christo, assim nas perseguições de David são significadas a crueldade e ingratidão com que Christo foi tratado em vida por seus inimigos, e as maldades e peccados com que ainda hoje é desacatado e offendido Pois em premio dessas offensas, dessas maldades, e desses peccados descobre Deus os seus thesouros que tem escondidos debaixo da terra, e enche e farta de oiro e prata aos que estão famintos de minas? Sim; porque essas minas que tanto se desejam e estimam ordinariamente não as descobre, nem as dá Deus por merecimentos, senão em castigo de grandes peccados. Ouvi o commento de todos os Padres gregos sobre o mesmo Texto, divididos em duas opiniões, mas ambas concordes no que tenho dito: *Illud autem de absconditis, alii quidem intellexerunt de supplicis, alii verò de fussilibus metallis.* [1] Aquelles que o propheta chama os escondidos de Deus, uns dos Santos Padres entenderam que significam castigos, e outros que significam minas: e uns e outros não discrepam, mas concordam admiravelmente na mesma differença de um e outro sentido. Porque? Porque as minas, quando Deus as descobre, são castigos; e um dos maiores castigos que Deus dá por peccados, é o descobrimento de minas: *De metallis fussilibus, de supplicii.*

E notae a mysteriosa propriedade com que este

[1] Græc. PP. apud Cord.

genero de castigos se chamam tambem *os escondidos de Deus: De absconditis tuis*. Porque Deus umas vezes castiga com castigos manifestos, e outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos, são os que todos temem e reconhecem por castigos, como são as fomes, as pestes, as guerras, e as outras calamidades temporaes: os castigos escondidos e occultos, são aquelles que não se reputam, nem temem como taes, antes se estimam e desejam como felicidades e boas fortunas: e deste genero são as minas e seus descobrimentos. São castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias: porque se appetecem, estimam e festejam enganosa e enganadamente, sendo certo que debaixo do preço e explendor do ouro e prata se occultam e escondem grandes trabalhos, afflicções e miserias, com que a Justiça Divina por peccados quer castigar e açoitar as mesmas terras onde as veias destes metaes se descobrem. Deus tanto póde açoitar com varas de ferro, como com varas de oiro e de prata; antes estes açoites são muito mais pezados, quanto a prata e oiro pezam mais que o ferro.

Aquella ponta de terra montuosa, que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontorio Sagrado, por estar alli o sepulchro de Tubal, primeiro pai da nossa nação, e tambem o de Hercules, um dos mais famosos e amados reis da Lusitania. Havia minas neste Promontorio, as quaes por causa da mesma veneração tambem era vedado cavarem-se: e dizem as historias daquelle tempo, que só em um caso se permittia aos moradores aproveitarem-se do oiro e prata das ditas minas. Mas qual era este caso? Coisa verdadeiramente admiravel e muito digna de se notar. O caso era, quando cahia do céu algum raio que penetrasse a terra e descobrisse os preciosos metaes que nella estavam escondidos. De sorte, que naquella terra, tambem nossa, o abrirem-se minas e o cahirem raios do céu, tudo vinha junto: como se o céu nos prégara, que o descobrimento de minas na terra não são felicidades e boas fortunas, como se imagina, senão execuções da ira de Deus, e castigos do céo.

V

E para que vos não pareça que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza, e dar especie á consolação, troquemos este oiro e prata em miudos, e vejamos os proveitos e interesses que do descobrimento de minas haviam de resultar á vossa terra, no caso em que se tivessem achado. Eu nunca fui ao Potosi, nem vi minas; porém nos livros que descrevem o que nellas passa, não só causa espanto, mas horror, lêr a fabrica e as machinas, os artificios e a força, o trabalho e os perigos com que as montanhas se cavam, as betas se seguem, e, perdidas, se tornam a buscar: os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que rebentam das penhas, as quaes ou se hão-de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes: o estrondo dos maços, das cunhas das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes teem cento e cincoenta libras de pezo, com que se batem, cortam e arrancam as pedras, ou se precipitam com maior perigo do alto: e tudo isto naquellas profundissimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o raio do sol, allumiados malignamente aquelles infelizes Ciclopes só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração, e muitas vezes os afoga.

Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que prophetiza Isaias que fará em algum tempo a penitencia: *Introibunt in speluncas petrarum, et in voragines terræ: projiciet homo idola argenti sui, et simulacra auri sui, quæ fecerat sibi, ut adoraret, talpas, et vespertiliones:* [1] Metter-se-hão os homens pelas covas, e pelas concavidades mais profundas da terra, não para buscar oiro ou prata, mas abominando e lançando de si os idolos, que do oiro e da prata tinham feito, toupeiras e morcegos. Vêde agora estas mesmas figuras como as ajunta e introduz toda a cubiça neste escuro

[1] *Isai.*, II, 19 e 20.

e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra; aqui os cubiçosos e enganados tambem se mettem, não pelas covas que a terra tem aberto, senão pelas que elles cavam e rompem á viva força, muito mais penetrantes e profundas: alli desprezam-se os idolos de oiro e prata, conhecida sua mentira e vaidade; aqui estima-se e adora-se tanto a mesma vaidade, que por novos e occultos caminhos de tantos estadios se vae buscar e desenterrar o oiro e prata, para se fundirem e lavrarem idolos: alli as figuras dos idolos, são toupeiras e morcegos: *Talpas, et vespertiliones;* e aqui os homens desfigurados como toupeiras vivem debaixo da terra, sem ter olhos para vêr a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia, e se vão mais sepultar que viver naquella escura e perpetua noite. Ainda teem outra propriedade: porque uns, como toupeiras, com os pés e mãos na terra a andam cavando, revolvendo e mudando continuamente, e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras, e sangrando as suas veias com o corpo, e com a vida pendente de uma corda. Houve jámais algum anacoreta dos que habitavam as covas, que fizesse tal penitencia? Pois ainda não ouvistes o mais temeroso della.

Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o pezo immenso dellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vão deixando a espaços, os quaes, se enfraquecem ou quebram, como acontece muitas vezes, qual é o effeito? Toda a montanha, ou grande parte della, cáe de repente, e a multidão que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ella e num momento, sem outra noticia de tamanho e tão miseravel estrago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruina, e o tremor de toda a terra. Isto é o que se escreve, e se escreve muito menos do que verdadeiramente é. Baste por prova, que a sevicia e crueldade dos Neros e Dioclecianos commutavam a morte e os tormentos dos Christãos em os mandar servir e trabalhar nas minas: e a Igreja, que com tanta difficuldade e consideração examina e avalia os merecimentos dos santos, canonisava e venerava por martyres, aos que nellas acabavam a vida.

Agora vos pergunto eu: E estes martyrios das minas, se as vossas se descobrissem, quem os havia de

padecer? Dos degradados não fallo; porque os que hoje se degradam para o Maranhão, então se haviam de degradar todos, e muito mais para as minas. Os cavadores não serieis os mais nobres e ricos da terra; mas quem haviam de ser senão os seus escravos? Quem havia de conduzir todos aquelles instrumentos e machinas por esses sertões dentro? Quem havia de contribuir o sustento, e leval-o aos trabalhadores? Quem havia de cortar e acarretar áquellas serras estereis (como são todas) as lenhas para as fornalhas e fundições? E aquelles lumes perpetuos e subterraneos, com que oleos se haviam de sustentar, senão com os dos fructos agrestes que aqui se estilassem, e não com os dos olivaes que de lá viessem? Sobretudo, se tantos milhares de Indios se teem acabado e consumido em tão poucos annos, e com tão leve trabalho, como o das vossas lavouras, onde se haviam de ir buscar outros que supprissem e supportassem quanto tenho dito? E quaes haviam de ser os que vendo-se enterrar vivos naquellas furnas, não fugissem para onde nunca mais apparecessem, levando o mesmo medo com elles aos demais? Tudo isto não o haviam de fazer nem padecer os que passeiam em Lisboa; porque tambem estas minas são como as da polvora, que sempre arruinam, derrubam, e põem por terra o que lhes fica mais perto. E isto é o que vós desejaveis para a vossa, e vos entristece, porque não succedeu como esperaveis?

Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir e assolar. Quantos ministros reaes, e quantos officiaes de justiça, de fazenda, de guerra, vos parece que haviam de ser mandados cá para a extracção, segurança, e remessa deste oiro ou prata? Se um só destes poderosos tendes experimentado tantas vezes, que bastou para assolar o estado, que fariam tantos? Não sabeis o nome do serviço real (contra a tenção dos mesmos reis) quanto se estende cá ao longe, e quão violento é e insupportavel? Quantos administradores, quantos provedores, quantos thesoureiros, quantos almoxarifes, quantos escrivães, quantos contadores, quantos guardas no mar e na terra, e quantos outros officios de nomes e jurisdições novas se haviam de crear ou fundir com estas minas, para vos confundir e sepultar nellas? Que tendes, que possuis, que lavraes, que trabalhaes, que não houvesse de ser necessario para

serviço d'el-rei, ou dos que se fazem mais que reis com este especioso pretexto? No mesmo dia havieis de começar a ser feitores, e não senhores de toda a vossa fazenda. Nem havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canoa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, senão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vol-a de embargar para os mantimentos das minas: a casa haviam-vol-a de tomar de aposentadoria para os officiaes das minas: o canavial havia de ficar em matto, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas; e vós mesmo não havieis de ser vosso, porque vos haviam de apenar para o que tivesseis ou não tivesseis prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moidos.

VI

Parece-me que vos vejo dar assenso a tudo o que digo (que por isso desci a coisas tão particulares e domesticas), e tambem creio que já a vossa esperança terá mudado de conceito á vista deste descobrimento de mineraes, tão diversos do que ella desejava e suppunha, os quaes é certo que haviam de ser maiores, e mais duros na experiencia, do que os póde representar o meu discurso. Fique logo por conclusão, que muito maior mercê vos fez Deus, e muito mais bem afortunados fostes em não se acharem as minas, que se o oiro e prata que se suppunha e esperava dellas, se descobrisse. Ouvi a sentença de um gentio fundado só na razão natural e experiencia, sem nenhum principio de fé, que a nós nos devia levantar mais da terra: *Aurum irrepertum, et sic melius situm cum terra celat:* o oiro, (diz Horacio) é melhor não se achar nem se descobrir, que achar-se: *Aurum irrepertum.* E porque? Porque em quanto a terra o esconde e encobre: *Cum terra celat:* está elle no sitio e logar que lhe deu a natureza, que é o melhor: *Et melius situm.* Excellente razão. As coisas naturaes, em quanto estão no seu proprio logar em que as situou a natureza, nenhum damno fazem; tiradas delle, são muito damnosas. A agua no seu centro não peza; o fogo na sua esphera

não queima: a terra, se sobe ao ar, faz raios; o ar, se se mette debaixo da terra, faz terremotos, derruba casas e cidades: assim tambem o oiro e prata das minas. Em quanto estão escondidas lá no centro da terra, onde as poz a natureza, conservam-se innocentes, e não fazem mal a ninguem; mas se se cavam, e se tiram fóra, então são muito perniciosas, e fazem grandes estragos. Olhae para o passado, se vos não quereis enganar com o presente.

Aquella Edade Doirada, tão celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece que havia de fazer o oiro, e não a fez o oiro que havia, senão o oiro que não havia: porque ainda se não tinha descoberto. Em quanto no mundo não houve oiro, então foi a edade de oiro: depois que appareceu o oiro no mundo, então começou a Edade de Ferro: *Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum prodierat.* O que era necessario e util para a vida e conservação dos homens, notou Seneca, Democrito, e ainda o mesmo Epicuro, que o poz a natureza muito perto de nós, e muito descoberto e patente, como são as plantas, os fructos, os animaes: pelo contrario, o que não só era inutil, mas pernicioso, pôl-o muito longe de nós, occulto e escondido, onde o não vissemos: e este é o oiro e a prata. Houve-se em tudo a natureza como mãi. A mãi dá a maçã ao filhinho, e esconde-lhe a faca. Porque? Porque quer que coma, mas não quer que se fira: e se o menino chora pelo que o ha de ferir, não é justo que os homens de razão e de juizo tenham sentimento de meninos.

Esta mesma doutrina, como tão necessaria (porque não cuideis que é só de philosophos) foi a primeira que nos ensinou a Sagrada Escriptura logo no principio do mundo: *In principio creavit Deus cœlum et terram: terra autem erat inanis, et vacua:* [1] No principio creou Deus o céu e a terra; porém a terra estava vazia, e vazia. E que quer dizer que a terra estava vazia, e vazia: *Inanis, et vacua?* Quer dizer que estava vazia por dentro, e vazia por fóra: vazia por dentro: *Inanis*; porque ainda não tinha Deus creado no interior da terra os mineraes; e vazia por fóra: *Et vacua:* porque tambem não tinha creado na superficie da mesma terra as plan-

[1] *Gen.*, I, 1 e 2.

tas, as arvores, e os animaes. Creou pois Deus todas estas coisas naquelles primeiros seis dias; e fazendo a Escriptura muito particular e miuda relação das plantas, das arvores, e dos animaes; das minas e dos metaes não faz menção alguma. Pois se a Escriptura tinha dito que a terra em sua primeira creação nascêra vazia por dentro e por fóra, e relata com tanta distinção, e engrandece com tanto apparato, como Deus a encheu e povoou por fóra; porque cala totalmente, e não diz tambem como a encheu e enriqueceu por dentro? Mais. Depois que Deus teve creado todas as coisas, e o homem, que foi a ultima, mostrou-lhe as hervas, as plantas, as arvores e seus fructos, e disse-lhe: Eis aqui toda esta variedade, a qual creei, e vos dou para vosso sustento e regalo. E fazendo vir diante do mesmo Adão todos os animaes, disse-lhe da mesma maneira: tambem de todos estes vos dou o dominio, os quaes creei, para que vos ajudem e sirvam. Agora cuidava eu que havia de accrescentar o Senhor: e não só tenho provido e apparelhado para vosso sustento, serviço e conservação, todas estas coisas que vedes na superficie da terra, mas tambem lá no centro, e entranhas della, creei muitas minas de metaes preciosos, para maior riqueza, grandeza e utilidade vossa, e de vossos descendentes. Mas nada disto disse Deus; tudo passou em silencio, sem fazer das minas a menor insinuação. Pois se Deus nesta doação universal entrega, como por lista, a Adão todas as outras coisas que tinha creado para elle: as minas de oiro e prata, que parecia (como hoje parece) que era a melhor e mais rica partida de todas, porque a deixa de fóra? Porque todas as outras coisas que estão á face da terra, e o dominio e uso dellas, era util e necessario ao homem para sua conservação e sustento, e ainda para seu regalo; porém as minas, o oiro a prata, não só não eram necessarios, nem uteis, mas superfluos e perniciosos, e occasião que lhe podia e havia de ser de gravissimos damnos. Por isso assim como as tinha sepultado e escondido debaixo da terra, assim lhe escondeu e encobriu tambem a noticia dellas, passando totalmente em silencio, e não fazendo menção de tal coisa.

Mas vejo que me perguntam os curiosos, e me arguem os criticos: se as minas eram tão damnosas e perniciosas ao homem, e por isso lh'as escondeu e

encobriu Deus: porque as creou, ou para que? Para responder a esta pergunta, faço-vos primeiro outra. E a Arvore da Sciencia que foi a occasião e origem de todos os males do mundo, porque a creou Deus no paraizo? Ou aquella arvore era boa ou má (como argumenta Santo Agostinho): se era má, para que a plantou Deus: se era boa, para que a prohibiu? Ameaça ao homem com a morte se comer daquelle fructo, e pinta o mesmo fructo com taes cores, que levava apoz si os olhos: *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile?* [1] Sim. Porque aquelle fructo tão formoso não foi creado para que Adão comesse ou provasse delle, senão para que Deus tentasse a Adão, e o provasse com elle. E esta é tambem a razão porque Deus creou o oiro e a prata, e lhe deu tanta formosura de côres. Chilon, um dos sete Sabios de Grecia, dizia que assim como a pedra de toque prova o oiro e a prata; assim o oiro e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens, tentae-os com oiro e com prata. Do oiro disse o Ecclesiastico: *Qui post aurum non abiit: probatus est in illo:* [2] e da prata disse David: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* [3] E notae que o que nesta tentação ficou approvado foi um só: *Qui probatus est in illo:* e os que ficaram reprovados e excluidos, foram muitos: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* Ora já que todos os dias pedimos a Deus que nos livre das tentações, ou que nos não metta nellas: *Ne nos inducas in tentationem*: demos-lhe muitas graças, pois nos livrou desta em que nós nos tinhamos mettido.

E porque vos não fique a ultima desconsolação de não terdes com que bater moeda na vossa terra; saibam os que tanto a desejam e procuram, que posto que seja com boa tenção e bom zelo, é esta a maior traição que podem fazer á sua patria. E' possivel que vos dê Deus uma terra tão abundante e tão fertil, que só com a commutação dos fructos e drogas della vos sustentaes, e conservaes ha tantos annos tão abastada e tão nobremente, sem haver nem correr nella dinheiro; e que desejeis e suspireis por dinheiro, sem o qual, e

---

[1] *Gen.*, III, 6.
[2] *Eccl.*, XXXI, 8 e 10.
[3] *Psalm.*, LXVII, 31.

por isso mesmo, vos fez a vossa fortuna singulares no mundo? Plinio, que foi o homem que maior conhecimento teve de todo elle, entre outras muitas sentenças com que condemna o uso do dinheiro, e louva o da commutação dos fructos naturaes, diz estas notaveis palavras: *Quam innocens, quam beata, imò verò et delicata esset vita, si nihil aliud quam supra terras concupisceret? Utinamque posset è vita totum abdicari aurum, ad perniciem vitæ repertum: quantum feliciore ævo, cùm res ipsæ permutabantur inter se?* [1] Quer dizer: Que innocente, que bemaventurada, e que deliciosa seria a vida dos homens, se elles se contentaram com o que nasce sobre a terra! Oxalá se pudéra desterrar de todo o mundo o oiro descoberto para destruição da vida, e se trocaram os tempos e uso presente por aquella edade felicissima, em que as coisas se commutavam umas por outras. Atéqui o parecer daquelle grande juizo, que ajuntou em si a sciencia e comprehensão de todos os seculos. E que tendo-vos Deus feito mercê de que gozeis esta inestimavel riqueza e felicidade natural, queiraes abrir as portas a um inimigo tão universal e pernicioso como o dinheiro, que no dia em que entrar na terra, vos ha de empobrecer a todos de repente?! Ouvi um caso admiravel de Christo Senhor nosso, com seus Discipulos.

Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo, e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem oiro nem prata, nem levassem bolsa nem dinheiro comsigo: *Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris.* [2] Vieram os Discipulos da jornada, e fez-lhes o Divino Mestre esta pergunta: *Quando misi vos sine sacculo, et pera, nunquid aliquid defuit vobis?* [3] Quando vos mandei sem bolsa nem alforge, faltou-vos alguma coisa? Responderam todos que nenhuma coisa lhes faltára: *At illi dixerunt: nihil.* [4] Pois agora vos digo, replicou o Senhor, que quem tiver bolsa e dinheiro, o leve comsigo, e se tiver alforge, tambem: *Sed nunc, qui habet sacculum tollat similiter et peram.* [5]

---

[1] Plin. in proem. lib 33 et cap. 1.
[2] *Math.*, x, 9.
[3] *Luc.*, xxii, 35.
[4] *Ibid.*, 36.
[5] *Ibid.*

Com razão chamei a este caso admiravel. Se Christo tinha mandado aos Discipulos sem bolsa nem dinheiro, e elles experimentaram e confessavam que nenhuma coisa lhes faltára; como depois desta experiencia, e desta confissão, lhes manda agora o contrario, e que levem dinheiro? Se elles tiveram dito, que por não levarem dinheiro lhes tinham faltado muitas coisas necessarias á vida, então se seguia bem que o Senhor lh'o concedesse. Mas tendo-lhes prohibido o dinheiro, quando foram a primeira vez, e não lhes tendo faltado nada, agora lhes diz que o levem? Responde depois de grandes admirações S. João Chrysostomo. Christo Senhor nosso, queria exercitar seus Discipulos na paciencia, e que padecessem pobreza, e falta do que lhes fosse necessario: e como quando foram sem dinheiro, nenhuma destas coisas lhes faltou, mandou-lhes que levassem dinheiro, para que tudo lhes faltasse: *Ac si eis dixerit: hactenus cuncta vobis uberrime affluebant, nunc autem volo vos et inopiam experiri.* Como se dissera o Senhor (diz Chrysostomo): Atégora sem dinheiro, tudo vos sobeja; pois agora quero que tenhaes dinheiro, para que tudo vos falte, e sejaes pobres. Isto é o que querem, sem entender o que querem, os que desejam que entre e corra dinheiro nesta vossa terra. Se sem dinheiro, e só com a commutação dos fructos naturaes da terra, tendes abundantemente tudo o que é necessario para a vida, e muitos de vós o superfluo, para que quereis dinheiro, senão para que tudo custe dinheiro, e custando tudo dinheiro, todos sejaes pobres? Benzei-vos desta tentação como da outra: lograe o que Deus vos deu tão abundantemente sobre a terra, e de baixo della nem queiraes minas, nem o que dellas se bate.

VII

Mas antes que acabemos este ponto (com promessa de que o segundo será muito breve) não quero que me accuseis de pouco zeloso da opulencia do reino. E assim como vos tenho mostrado que as minas, no caso em que se descobrissem, seriam de grande damno, em particular para este estado; assim accrescento agora, que tambem para o mesmo reino em geral antes

haviam de ser de maior oppressão e ruina, que de utilidade e augmento. E para que comecemos pelos exemplos mais visinhos: que utilidades se teem seguido a Hespanha do seu famoso Potosi, e das outras minas desta mesma America? A mesma Hespanha confessa e chora que lhe não têm servido mais, que de a despovoar e empobrecer. Elles cavam e navegam a prata, e os estrangeiros a logram. Para os outros é a substancia dos preciosos metaes, e para elles a escoria. Lá disse Isaias fallando do Reino de Israël: *Argentum tuum versum est in scoriam:* [1] e o mesmo se poderá dizer sem metaphora da prata de Hespanha. Ainda com mais domestica propriedade se lhe póde applicar o dito do seu mesmo patrão Santiago. *Argentum vestrum æruginavit:* [2] pois a prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulencia de tanto milhão, em belhão.

E para que se não engane alguem com me dizer ou cuidar que a evidencia deste mesmo exemplo nos servirá de doutrina e emenda, passemos a outro reino, ou a outro reinado mais sabio, qual foi, sem injuria dos presentes, nem futuros, o de Salomão. Salomão com a sua universal sabedoria, descobriu riquissimas minas, e não outras, segundo opinião de graves auctores, senão as mesmas deste Novo Mundo. As do Perú, que os Hespanhoes descobriram sem as buscar; e as do Brazil, que nós buscámos, e não descobrimos. Funda-se esta sentença no Capitulo terceiro do segundo Livro do Paralipomenon [3] onde, fallando do oiro que daquellas partes vinha a Salomão, diz o Texto hebreu: *Aurum erat Paruaim.* A qual palavra Paruaim é um nome do plural, cujo singular é Perú: com que vem a dizer o mesmo Texto, que aquelle oiro se trazia de ambos os Perús, ou de um e outro Perú. Assim o declara Genebrardo, peritissimo na lingua hebraica: *Aurum Paruaim in hebræo appellatur quasi allatum ex utroque Perú.* [4] E d'aqui infere como coisa evidente, que era tirado das minas deste Novo Mundo: *Quis non cernit novum hunc orbem nominari?* E para que

[1] *Isai.*, I, 22.
[2] *Jac.*, V, 3.
[3] *2.º Livr. dos Paralip.*, III, 7.
[4] Genebrard. lib. 1. Chronol.

se veja que um destes Perús era o que hoje conserva o mesmo nome, e o outro este nosso, que chamamos Brazil (onde só podiam vir aportar as frotas de Salomão), diz o mesmo Texto sagrado, que uma das coisas novas, e nunca vistas na Asia, que levavam as mesmas frotas, eram certos páus chamados *ligna thyina*, os quaes dizem os hebreus citados por Tirino, que eram *lignum Brasilium:* páu do Brazil. [1] O Chaldéo traslada *coralium:* coral: [2] donde parece lhe deram este nome pela similhança da côr vermelha. Mas as obras, que o Texto aponta se faziam deste páu, não podiam ser do que vulgarmente se chama Brazil, senão de outra madeira preciosa, das muitas que nelle nascem.

Isto supposto (e não supposto tambem) ou fossem desta terra as minas de Salomão, ou de qualquer outra; vamos ao que rendiam, e em que se empregava, que é o que faz ao meu caso, o que traziam as suas frotas a Salomão: só em oiro, eram seiscentos e sessenta e seis talentos, que montam oito milhões, menos oito mil cruzados. Assim o conta pontualmente a Escriptura: *Pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex Talentorum auri.* [3] E não só traziam as frotas oiro, senão tambem muita prata, cuja quantidade era tão immensa na côrte de Jérusalem, que affirma a mesma Escriptura egualava ás pedras da rua: *Fecitque, ut tanta esset abundantia argenti in Jérusalem, quanta et lapidum.* [4] Esta é a immensidade de oiro e prata que rendiam aquellas minas. Mas antes que vejamos em que todo este oiro, e toda esta prata se gastava, deixae-me fazer um reparo, digno não só de admiração, mas de assombro e de pasmo.

Morto Salomão, succedeu-lhe na coroa Roboão, seu filho; e a primeira proposta que lhe fizeram os povos juntos em Côrtes, foi que tivesse piedade delles, e os alliviasse dos tributos com que estavam opprimidos em tempo de seu pai, porque eram insupportaveis. E chegou esta instancia a termos tão apertados, e do

---

[1] Tirin. in cap. x.
[2] *3. Reg.*
[3] *3.º Livro dos Reis,* x, 14.
[4] *Ibid.,* 27.

cabo, que não querendo Roboão condescender no que tão justamente pediam, das doze Tribus de que constava todo o reino, as dez lhe negaram a obediencia e se rebellaram, e fizeram outro rei e outro reino, que nunca mais se sujeitou, nem restituiu aos herdeiros de Salomão. Agora entra o meu reparo. Se o pezo de oiro e a quantidade da prata que contribuiam as minas, era tão excessiva (além dos direitos ordinarios do reino, de que tambem faz menção a Escriptura, com toda esta immensidade de thesouros, com todos estes rios de prata e oiro que estavam sempre a correr: *Per singulos annos*: como não se alliviava a oppressão dos vassallos, como se não levantavam ou diminuiam os tributos dos povos, antes cresciam e se multiplicavam ao mesmo passo, com tal excesso que os obrigaram a uma tal desesperação, e reduziram o reino a extrema ruina? Aqui vereis qual é o fructo das minas, e o que fazem esses rios de oiro e prata, trazidos de tão longe. Com as suas enchentes inundam a terra, opprimem os povos, arruinam as casas, destroem os reinos.

As causas naturaes destes effeitos tão lamentaveis, não são ordinariamente outras, senão as mesmas que precederam no reinado de Salomão. E quaes foram estas? O luxo, a vaidade, a ostentação, a delicia, os palacios, as casas de prazer, as fabricas e machinas exquisitas, e outras coisas tão notaveis como superfluas, que chamavam á Côrte de Jérusalem os olhos do mundo, e vistas, desmaiavam a admiração, como aconteceu á rainha Sabá. As baixellas todas eram de oiro (porque da prata não se fazia caso) as mezas, e todas as outras alfayas, tambem de oiro, e, o que se não poderá crêr, se o não referira a Historia Sagrada, até as lanças e escudos, em grande numero, de oiro. Nestes monstros da vaidade (que sempre é maior que o poder) se consumiam aquelles immensos thesouros, e onde não chegavam os milhões das frotas, suppriam os tributos dos vassallos. Quando as frotas haviam de partir, uns concorriam com o prestimo de suas artes para os aprestos, outros com as contribuições das suas herdades para os bastimentos, outros com o dinheiro amoedado para os soldos, outros com as proprias pessoas, embarcando-se forçados a uma tão dilatada, tão nova, e tão perigosa navegação. E quando as mesmas frotas voltavam carregadas de oiro e prata, nada disto era para allivio ou remedio dos povos,

senão para mais se encherem e incharem os que tinham mando sobre elles, e para se excogitarem novas artes de esperdiçar, e novas invenções de destruir. E se isto succedia no reinado e governo de Salomão, vêde se se póde esperar ou temer outro tanto, quando não forem Salomões os que tenham o governo!

Dos futuros condicionaes e contingentes, ninguem é sabedor senão Deus e os seus Prophetas. E assim não quero que me creaes a mim, senão a Isaias: *Repleta est terra argento, et auro, et non est finis thesaurorum ejus:* [1] Vejo a terra (diz Isaias) toda cheia de oiro e prata; e são tantos e tão grandes os seus thesouros, que não teem fim. Oh ditosa e bem afortunada terra, em que não haverá já pobreza nem miseria, pois estando toda cheia, a todos abrangerá a riqueza, e não haverá quem não tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas vejamos se vê mais alguma coisa o propheta, e se é isto mesmo que nós inferimos. Vae por diante Isaias, e ás palavras que tinha dito accrescenta as seguintes: *Et repleta est terra ejus equis, et innumerabiles quadrigæ ejus: et repleta est terra ejus idolis: opus manuum suarum adoraverunt.* [2] Depois de vêr a terra cheia de oiro e prata, o que mais vi, diz o propheta, foi que a mesma terra estava cheia de cavallos, e que as suas carroças eram innumeraveis, e que os homens adoravam as obras de suas mãos, e faziam dellas idolos. Eis-aqui os augmentos que havia de ter o reino com os haveres que lhe promettiam as vossas minas. Encher-se-hia a terra de oiro e prata; mas esse oiro e prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos e pobres, mas todo se havia de abarcar e consumir nas mãos dos grandes e poderosos; porque, como bem disse o outro, as magnetes attrahem o ferro, e os magnates o oiro: e as obras pias em que esses thesouros se haviam de dispender, eram, mais cavallos, e mais carroças, e mais galas, e mais palacios e obras magnificas e ostentosas: e tambem haviam de ter parte nelles os idolos baptizados, que lá se adoram, e que tantas vidas e fazendas teem destruido. E se estes eram

[1] *Isai.*, II, 7.
[2] *Ibid.*, 8.

os proveitos com que se havia de adiantar o reino no descobrimento das vossas minas, á custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa oppressão e do vosso captiveiro: vêde se foi grande favor e providencia do céu, que se não descobrissem, e se tanto no particular, como no geral, ia desencaminhada e errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamus.*

VIII

Desenganado assim e desvanecido o falso descobrimento das vossas minas, segue-se o verdadeiro das minhas, que vos prometti descobrir. E porque é certo e infallivel, não necessita de tão largo discurso. Promettendo Christo Redemptor nosso aos Escribas e Phariseus, em logar de um milagre do céu, que lhe pediam, outro milagre maior na terra, disse que assim como Jonas estivera tres dias e tres noites no ventre da balea, assim elle havia de estar no coração da terra outros tantos dias e noites, que foram os que se contaram desde a tarde de sua sagrada morte, até á manhã da sua gloriosa resurreição. Alguns dizem que se cumpriu esta promessa e prophecia na sepultura do Senhor. Mas esta interpretação é insufficiente e impropria; porque ainda que Christo na sepultura esteve debaixo da terra, não esteve no coração da terra: *In corde terræ:* [1] O coração da terra não é junto á superficie, onde estava o Sepulchro, senão o meio e centro della, e o logar mais interior e inferior, onde o Senhor desceu e se deteve aquelles tres dias, e isso é o que cremos e significamos, quando dizemos, não só que foi sepultado, senão que desceu ao inferno. Mas a que fim desceu Christo ao inferno estando já em estado glorioso, a que naturalmente é devido o céu? Que foi buscar áquellas concavidades escuras e subterraneas, onde nunca entrou o sol? Foi buscar e descobrir umas minas mais ricas que toda a prata e todo o oiro, cujo preço e logar só elle conhecia, e nenhum homem, nem anjo, senão elle as podia descobrir.

Quando os Auctores, ainda gentios, querem enca-

[1] *Math.*, XII, 40.

recer o extremo da cubiça furiosa e cega, com que os homens não duvidam de se metter e penetrar o mais profundo da terra, e ter sobre si as montanhas para chegar ao escondido das minas, dizem que até ao inferno vão buscar e desenterrar o oiro e a prata:

Itum est ad viscera terræ.
Quasque recondiderat, Stigiisque advexerat undis,
Effodiuntur opes irritamenta malorum:

disse com elegantes versos Ovidio. E não com menos elegante prosa, nem com menor sentimento e juizo, Plinio: *Imus in viscera ejus, et in sede manium opes quærimus. Illa nos premunt, illa nos ad inferos agunt, quæ occultavit, atque demersit.* Isto pois que aquelles homens, que não tiveram conhecimento de Christo, disseram por exaggeração e encarecimento dos mineiros do oiro e prata, isto mesmo, e em proprios termos, é o que realmente e em pessoa fez Christo, penetrando o mais escondido e inferior da terra, e descendo verdadeiramente ao inferno, para descobrir, romper e abrir as suas minas, não de oiro ou prata, que accrescentam os males da terra, senão de outros muito mais preciosos metaes, com que se accrescenta, illustra e enriquece o céu.

A montanha onde começaram a romper-se estas minas, foi o monte Calvario, os instrumentos a cruz e os cravos; o sitio subterraneo onde ellas estavam escondidas, o seio de Abrahão; e as riquezas que dellas tirou Christo depois de tantos trabalhos, as almas. Tirou a alma do mesmo Abrahão, que deu nome ao logar. Tirou a alma de Abel, que foi a primeira que alli entrou. Tirou as almas de Adão e Eva, que, por um appetite, foram a causa de que elles, e seus filhos, do paraiso da terra não fossem trasladados ao céu. Tirou as almas dos antigos Patriarchas, Seth, Noé, Isaac, Jacob; Joseph e Moysés, cuja Lei, posto que foi disposição, não teve virtude para levar os homens á gloria, privilegio só da Lei da graça. Tirou a alma de Job, que no mesmo tempo se salvou na Lei da natureza, e tambem (segundo parece) as dos outros seus amigos que tinham a mesma fé do verdadeiro Deus. Tirou as almas dos Reis que foram justos e santos (muito menos porém em numero do que

foram as corôas) a alma de Jozias, a alma de Ezechias, a de Jozaphat, a de Manassés, a de David. E se tambem não foi com elle a de Salomão, vêde que desgraça? Tirou as almas dos prophetas Isaias, Jeremias, Ezechiel, Daniel, e os demais: e com cada um delles em triumpho, as almas que com suas prégações tinham livrado do inferno. E porque não fiquem de fóra as mulheres (cujas almas não faltou quem dissesse que não foram creadas á imagem e similhança de Deus) tirou as almas de Sara, de Rebecca, de Rachel, a de Maria, irmã de Moysés, a de Esther, a de Ruth, a da casta Suzana, a da valente Judith. E com estas de mais conhecido nome, todas as outras que naquelle escuro deposito estavam esperando longamente a vinda do Messias.

Das que lá entraram depois de Deus feito homem (se a historia do rico avarento não foi mais antiga) tirou o Senhor singularmente a alma do pobre Lazaro, de que só se faz menção no Evangelho, a qual levaram ao mesmo seio de Abrahão os anjos, ficando para sempre no inferno, ardendo em fogo e em inveja, a alma do mesmo rico, cuja fortuna neste mundo fôra tão invejada. Tambem foi notavel entre as almas deste tempo a de Simeão, aquelle velho venturoso que teve a Christo em seus braços, e despedindo-se da vida foi o que lá levou as primeiras novas de que já ficava no mundo o Redemptor delle. Os Antigos tiveram para si, que havia almas grandes, e almas pequenas: e se isto assim fôra, muito accrescentaram o numero das almas pequenas as dos innocentes de Belem, os quaes o Senhor não livrou da espada de Herodes, para agora as levar gloriosas comsigo. Finalmente, sobre todo aquelle numerosissimo esquadrão avultaram com excesso entre todas as almas grandes, quatro maiores — a de S. João Baptista, a de S. Joaquim, a de Santa Anna, e a do que mereceu ser chamado pai do mesmo Christo, o incomparavel S. José.

Estes foram os thesouros inestimaveis, que o Redemptor do mundo tirou daquellas suas minas, que em espaço de quatro mil annos desde o principio do mesmo mundo, se foram multiplicando e crescendo sempre. Então se cumpriu a promessa que dellas lhe tinha feito Deus por bocca de Isaias, dizendo: que lhe daria os thesouros escondidos e mais secre-

tos e encobertos de toda a terra, e quebraria para isso portas de bronze e fechaduras de ferro: *Portas æreas conteram, et vectes ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos, et arcana secretorum.* [1] Bem sei que estas palavras foram dirigidas exteriormente a el-rei Cyro; mas é certo que o interior da prophecia fallava expressamente com Christo. Assim como o que tem diante de si a imagem de um santo, parece que falla com a imagem, e falla com o santo: assim Isaias fallando no exterior com Cyro, que era figura e imagem de Christo, com o mesmo Christo é que fallava propriamente, e de Christo prophetisava, e não de Cyro. O mesmo propheta se explicou logo, e se commentou a si mesmo e com tal individuação de palavras, que de nenhum modo se podem entender de Cyro, nem de outro algum homem, senão daquelle que era homem, e Deus juntamente: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israël Salvator.* [2] Este de quem fallo debaixo do nome de Cyro, é verdadeiramente Deus escondido, Deus escondido e Salvador. Deus escondido; porque em Christo estava a divindade escondida debaixo da humanidade: e Deus assim escondido Salvador; porque para Deus nos salvar se fez homem. E para tirar toda a duvida, e que este Salvador não era homem como os outros homens da terra, senão Deus descido do céu, continúa o mesmo propheta pedindo e instando ao mesmo céu, que acabasse já de chover lá de cima o Justo, para que nascesse na terra o Salvador: *Rorate cœli desuper, et nubes pluant Justum, aperiatur terra, et germinet Salvatorem.* [3] Assim que aquelle principe a quem Deus prometteu o descobrimento das minas secretas, e as riquezas dos thesouros mais occultos e escondidos, não era Cyro, nem outro rei da terra, senão Christo, verdadeio Deus tambem escondido, que desceu do céu, e que desceu, não para outro fim, senão para ser Salvador.

Mas se Christo quando desceu do céu e veiu á terra, nasceu na pobreza de um presepio: se como Filho escolheu Mãi pobre, e como Mestre Discipulos pobres: se a primeira coisa que ensinou e prégou foi pobreza:

---

[1] *Isai.*, XLV, 2 e 3
[2] *Ibid.*, 15
[3] *Ibid.*, 8.

se viveu de esmolas como pobre, se morreu sem casa nem cama, e despido como extremamente pobre: se o que sempre condemnou foram as riquezas, e prometendo o céu aos pobres, só o difficultou, e quasi impossibilitou aos ricos: que thesouros são estes que Deus lhes prometteu, e que minas secretas e escondidas as que havia de descobrir? Não foram sem duvida, nem são outras, senão aquellas almas tão preciosas, como prezadas, que no seio de Abrahão, como em thesouro, se iam depositando por todos os seculos, não só escondidas e encerradas, mas verdadeiramente captivas, para cujo descobrimento, liberdade e redempção desceu Christo, como diz S. Paulo, ás partes mais inferiores da terra: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem. Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terræ.* [1] E porque as mesmas almas não podiam sahir daquelle logar subterraneo, onde estavam prezas e aferrolhadas como em um carcere de bronze; por isso juntamente com a promessa destes thesouros, e destas minas, assegurou Deus ao mesmo Christo, descobridor e conquistador dellas, que primeiro quebraria as portas de bronze, e romperia as fechaduras de ferro: *Portas æreas conteram, et vectes ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos, et arcana secretorum.*

Assim commentam este logar litteralmente S. Jeronymo e Santo Agostinho. Mas quem poderá declarar dignamente o preço destes thesouros, e o valor destas minas? Só por comparação do oiro e prata, que o mundo tanto preza e estima nas outras, se póde de algum modo rastear, e assim o fez S. Pedro, fallando daquellas almas, e das nossas. Exhorta-nos S. Pedro a que conservemos puras as nossas almas com a obediencia dos preceitos divinos, que todos se encerram na caridade: *Animas vestras castificantes in obedientia charitatis:* [2] e o motivo principal que para isso nos propõe é o preço e valor das mesmas almas: *Scientes quod non corruptibilibus auro, vel argento redempti estis sed pretioso sanguine quasi agni immacullati Christi:* [3] advertindo e considerando (diz o Principe

[1] *Ephes.*, XLVIII, 9.
[2] *1.ª Petr.*, I, 22.
[3] *Ibid.*, 18.

dos Apostolos) que essas almas não foram compradas com oiro ou prata, senão com o precioso sangue do mesmo Filho de Deus. Não sei se reparaes, que não só diz S. Pedro o preço com que foram compradas as almas, senão tambem o preço com que não foram compradas. Não foram compradas, diz, com oiro, nem com prata, senão com o sangue de Christo. E não bastava dizer que foram compradas com o sangue de Christo unido á divindade, e por isso de preço infinito? Bastava e sobejava. Mas como fallava com a baixeza e vileza dos homens, que, como feitos de terra, não sabem levantar os pensamentos da terra, e tanto prezam e estimam o oiro e a prata, por isso ajuntou e ponderou, que não foram compradas as almas com oiro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue de Christo: para que acabem de entender e de crêr todos os que teem fé, que são infinitamente mais preciosas as almas, e infinitamente mais ricas as minas, donde Christo as foi buscar debaixo da terra, que todo o oiro e toda a prata que se tira, ou póde tirar das outras.

Que bem o entendeu assim el-rei D. João, o Segundo, quando se descobriram as minas da Costa de Africa, que deram nome á mesma terra! Edificou-se alli o famoso castello de S. Jorge: mas porque as despezas eram muitas, e a terra doentia, poz-se em conselho de Estado, se se largaria? E como muitos dos conselheiros votassem que sim: que responderia el-rei? Respondeu que de nenhum modo se largasse. Porque eu (diz) não mandei edificar aquelle castello tanto para a defensa e conservação das minas, quanto para a conversão das almas dos gentios: e basta-me a esperança da salvação de uma só daquellas almas, para ter por bem empregadas todas essas despezas.

IX

Estas são, senhores meus, as minas de que Christo hoje subiu tão rico do centro da terra: estas as que eu vos prometti descobrir: e estas, e não outras, as minas do vosso Maranhão. Se Deus vos não deu as de oiro e prata, como esperaveis, ou vos fez mercê de que não se descobrissem, para vos livrar de tantas desgra-

ças como ouvistes; contentae-vos de vos ter dotado e enriquecido daquellas que na sua estimação (que só é a certa e verdadeira) foram dignas de ser compradas com seu proprio sangue. Este grande rio, rei de todos os do mundo, que deu o nome á vossa cidade, e a todo o estado, que ribeira tem na sua principal e maior corrente, ou nas de seus tão dilatados braços, que em logar das areias de oiro, de que outros fabulosamente se jactam, não esteja rico destas perolas, que assim chamou Christo ás almas? Outros lhe chamam Rio das Almazonas; mas eu lhe chamo Rio das Almazinhas: não por serem menores, nem de menos preço (pois todas custaram o mesmo) mas pelo desamparo e desprezo com que se estão perdendo, quando o oiro e a prata se deseja com tanta ancia, se procura com tanto cuidado, e se busca com tanto empenho? Oh almas remidas com o sangue do Filho de Deus, que pouco conhecido é o vosso preço, e que pouco sentida a vossa perda, digna só de se chorar com lagrimas de sangue! Mas os que tão pouco caso fazem da alma propria, como o farão das alheias?

Ora já que o Senhor do mundo nos descobriu estas minas, e nos encareceu tanto o preço dellas, e as poz tanto á flor da terra, nesta terra de que vos fez senhores para este mesmo fim, não as desprezeis. Vêde que injuria seria da fé e da caridade, e do mesmo sangue de Christo, se descendo elle ao centro da terra a buscar almas, nós as deixassemos perder, e ir ao inferno, quando as podemos salvar para si, para nós, e para o mesmo Christo, sem cavar, nem romper montanhas. E para que se anime o nosso zelo neste pequeno trabalho, e de tanto lucro, só quero que advirtamos todos, que fazendo-o assim, faremos em certo modo mais, sem sahir da superficie da terra, do que fez o mesmo Christo descendo ao centro della. E' de fé que Christo desceu aos infernos: *Descendit ad inferos*. Tambem é de fé que ha dois infernos, um inferior, e muito mais baixo, onde estava o rico avarento, e outro superior, e mais acima, onde estava Abrahão e Lazaro. Deste inferno superior tirou Christo todas as almas que lá estavam; mas do inferno inferior (ou Christo descesse lá presencialmente, ou não) não tirou alma alguma. Comtudo, David diz de si, que o Senhor tirou a sua alma do inferno inferior: *Eruisti*

animam meam ex inferno inferiori. [1] Pois se a alma de David, como a dos outros Patriarchas, foi tirada do seio de Abrahão, que é o inferno superior, como diz que a tirou Deus do inferno inferior, que é o inferno dos condemnados, e que propriamente se chama inferno? Porque a alma de David livrou-a Deus duas vezes, e de dois infernos; uma vez em vida, e outra vez depois da morte. Depois da morte livrou-a do inferno superior, quando com as outras almas santas a tirou do seio de Abrahão: e na vida livrou-a do inferno inferior, ao qual estava condemnada a alma de David pelo peccado do adulterio e homicidio, e onde havia de penar eternamente, se Deus, por sua grande misericordia, a não livrára, como elle mesmo diz: *Quia misericordia tua magna est super me, et eruisti animam meam ex inferno inferior.* [2]

Eis aqui o estado em que estão toda essa infinidade de almas, cujo remedio e salvação fiou Deus do nosso zelo, e nossa christandade. Os innocentes pelo peccado original irão ao Limbo, que tambem é inferno, pois não hão de vêr a Deus para sempre. Porém os adultos, assim pelos peccados actuaes, como pela falta de fé e baptismo, todos vão e estão indo continuamente ao inferno inferior. E deste inferno, donde Christo hoje não tirou alma alguma, podemos nós tirar, sem sahir da terra onde Deus nos poz, tantos milhares de almas, e fazer dellas um thesouro inestimavel, tanto mais rico e precioso, quanto vale mais uma só alma que todo o oiro e prata, e todos os haveres do mundo. Ou cremos esta verdade, christãos, ou não a crêmos? Se a não crêmos, onde está a nossa fé, a nossa esperança, e o nosso entendimento? Diga-se do nosso entendimento, e da nossa fé, o que hoje disse Christo aos Discipulos desesperados: *O' stulti, et tardi corde ad credendum?* [3] Mas se temos fé e juizo, como não ha de prevalecer a alegria, o gosto, e a felicidade de Deus nos ter descoberto estas minas do céu, á falsa e mal entendida tristeza, de não termos achado as da terra que nella buscavamos?

Notou Santo Agostinho uma coisa digna do seu

---

[1] *Psalm.* LXXXV, 13.
[2] *Ibid.*
[3] *Luc.*, XXIV, 25.

entendimento, que hoje succedeu a S. Pedro, quando a Magdalena esta manhã não achou o corpo do Senhor, que buscava na sepultura, veiu a toda a diligencia dar conta a S. Pedro, o qual não andando, senão correndo, foi logo a certificar-se, e vêr por seus olhos se era assim o que ouvia. E qual vos parece que seria o desejo que S. Pedro levava no coração? Santo Agostinho o diz: *Ad sepulchrum celeri cursu festinat, lætior rediturus, si non inveniret, quem quærebat.* [1] Corria S. Pedro ao sepulchro, não com desejo de achar, senão de não achar, e para tornar da jornada muito mais alegre, se não achasse o que buscava. Assim se alegra quem olha para as coisas com são juizo, e quem entende (como S. Pedro entendia) que ha casos em que a felicidade consiste, não em se achar o que se busca e deseja, senão em se não achar. Em quanto se não achava entre todas as creaturas quem fosse similhante a Adão: *Adæ verò non inveniebatur adjutor similis ejus:* [2] foi Adão feliz: e tanto que se achou o que se não achava, d'ahi lhe procederam todos os seus desgostos, todas as suas perdas, e todas as suas e nossas infelicidades. Alegrem-se pois com S. Pedro os que estavam tristes, por se não achar o que se buscou: e alegrem-se tambem, e muito mais com os dois Discipulos de Emaüs, de acharem, e de se descobrir tanto mais do que esperavam. Elles esperavam um bem particular e temporal, que era a Redempção do reino de Israël: *Nos autem sperabamus, quod ipse esset redempturus Israël:* e o que acharam sem o buscarem, foi a redempção espiritual e eterna do mundo, em que consiste a salvação das suas almas, e a de todas.

Todas devemos desejar que se salvem, e por todas havemos de offerecer nossos sacrificios e orações a Deus. Mas pois não podemos cooperar á salvação de todas, ao menos não fallemos a estas tão desamparadas, ás quaes, por mais visinhas, é mais devedora a nossa caridade. Sobretudo trate cada um com verdadeiro zelo christão, da doutrina e salvação, ao menos daquellas almas que tem em sua casa, e muito particularmente da sua, de que muitos vivem tão esquecidos.

---

[1] August. serm. 132 de temp.
[2] *Gen.*, II, 20.

Acabemos de entender, e de nos desenganar, que só estes são os verdadeiros thesouros, e que não ha outros, posto que a nossa cegueira lhes dê este nome. Concedo-vos que se descobrissem as minas que desejaveis, e que esta vossa cidade estivesse lageada de barras de prata, e coberta de telhas de oiro: que importava tudo isto á alma? Havia de levar alguma coisa destas comsigo? Havia-lhe de importar alguma coisa para a conta? Pois se tudo cá ha de ficar, porque não tomamos o conselho de Christo, que tantas vezes nos disse que fizessemos o nosso thesouro no céu: *Thesaurizate vobis thesauros in cœlo?* [1] E notae que diz: *Thesaurizate vobis.* Enthesourae para vós: porque todos os outros thesouros são para os que cá ficam. Costumavam os Antigos mandar enterrar os thesouros debaixo das suas sepulturas; e por isso diz Job, que os que cavam thesouros, se alegram quando acham algum sepulchro: *Effodientes thesaurum gaudent vehementer cùm invenerint sepulchrum.* [2] E não é melhor que a alma ache os seus thesouros no céu, e se alegre com elles, do que alegrarem-se outros com a vossa sepultura, e com a vossa morte, para se lograrem do que vós não podeis levar comvosco? Ora tenhamos, tenhamos fé, e entristeçam-nos somente nossos peccados, e alegre-nos sómente a esperança bem fundada de nossa salvação. E para que até das minas que não achastes tireis algum fructo, seja o primeiro a confusão de fazermos tantas diligencias pelos thesouros da terra, quando tão pouca fazemos pelos do céu, que hão de durar para sempre: e o segundo, o exemplo e resolução de fazer ao menos outro tanto pela salvação da alma, e graça de Deus, a qual nos promette o mesmo Deus que acharemos sem duvida, se assim a buscarmos: *Si quæsieris eam, quasi pecuniam, et sicut thesauros effoderis illam; tunc intelliges timorem Domini, et scientiam Dei invenies.* [3]

[1] *Math.*, VI, 20.
[2] *Job.*, III, 21 e 22.
[3] *Prov.*, II, 4 e 5.

SERMÃO

DA

Segunda Oitava da Paschoa *

Prégado em Roma, na Igreja da Casa Professa da Companhia de Jesus, dia em que é obrigação e costume de toda Italia prégar da paz

---

Stetit Jesus in medio Discipulorum suorum, et dixit eis: Pax vobis. Et cùm hoc dixisset, ostendit eis manus, et pedes. [1]

I

Depois da tempestade do diluvio, ainda navegava na arca o mundo, já salvo, quando na ultima hora de uma tarde a pomba embaixadora de Noé lhe trouxe a primeira nova da paz em um ramo verde de oliveira: *Venit columba ad vesperam portans ramum olivæ in ore suo.* [2] Fallou Moysés em todas e cada uma destas palavras como Propheta do passado, e como Evangelista do futuro. Vêde parte por parte como se conforma a figura com o figurado, e aquelle Texto com o do Evangelho: *Venit columba; stetit Jesus: ad vesperam; cùm sero esset: portans in ore suo; et dixit eis: ramum olivæ; pax vobis.* Esta é a primeira parte do Evangelho, e esta será a primeira e a segunda do meu discurso. Todo elle se empregará em concordar estas duas palavras: *Pax vobis:* Paz a vós. [3] A vós, que dentro da vossa cidade estaes cercados de inimigos, como estavam os Apostolos nesta hora: a vós, que nem dentro da vossa casa, e com as portas

---

* Este sermão, commenta o padre Honorati, é muito digno do pulpito onde foi prégado, e no tempo em que vivia o nosso padre Paulo Segneri, principe dos oradores italianos.

[1] *Luc.*, XXIV.
[2] *Gen.*, VIII, 11.
[3] *Luc.*, XXIV, 36.

cerradas, estaes seguros: a vós, que dentro dos muros, padeceis guerras civis, e dentro das vossas paredes, discordias domesticas: a vós, e a todos como vós, paz: *Pax vobis.*

Santo Agostinho no Livro dezenove da Cidade de Deus, definindo a paz, diz assim: *Pax hominum est ordinata concordia:* A paz entre os homens, não é outra coisa que uma concordia ordenada. Se não é ordenada, e bem ordenada, ainda que seja concordia, e grande concordia, não é paz. Por isso entre máus não póde haver paz: *Non est pax impiis.* [1] E a ordem desta concordia, ou a concordia desta ordem, em que consiste? Em duas coisas, diz Agostinho: uma da parte do superior para com os subditos, outra da parte dos subditos para com o superior: *Pax domus ordinata imperandi, atque obediendi concordia cohabitantium: pax civitatis ordinata imperandi, atque obediendi concordia civium.* De maneira que na casa ou familia, que é uma republica pequena; e na republica, que é uma casa ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda, e a sujeição dos que obedecem, elle ordenando, e elles subordinados, estejam concordes. Até qui a doutrina fundamental de Santo Agostinho, de S. Thomaz, e de todos os Theologos.

Agora pergunto eu: e que será necessario de uma e da outra parte para que a ordem desta concordia se conserve, e com a ordem e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção, que são necessarias outras duas coisas. Da parte do superior, e do que manda, igualdade: da parte dos inferiores, e dos que são mandados, paciencia. Sem igualdade de uma parte, e sem paciencia da outra, não se poderá conseguir nem conservar a paz. Vós que na familia ou na republica tendes o mando, se quereis paz, eguldade: vós que na familia ou na republica sois mandados e sujeitos, se quereis paz, paciencia. Tudo isto ensinou Christo hoje a seus Discipulos, que haviam de ser superiores, e eram subditos: *Stetit in medio Discipulorum: ostendit eis manus, et pedes: et dixit eis, pax vobis.* [2] Christo posto no meio: Christo mostrando as suas chagas: Christo annunciando a paz: *Stetit in medio:* eis ahi a igualdade: *Ostendit eis manus, et pedes:*

---

[1] *Isai.*, LVII, 21.
[2] *Luc.*, XXIV, 36 e 40.

eis ahi a paciencia: *Dixit eis, pax vobis:* eis ahi a paz. Esta assim declarada, será a primeira e segunda parte do meu argumento. Comecemos pela igualdade, e dêmos o primeiro logar, como é obrigação, aos que mandam.

II

Stetit in medio Discipulorum, et dixit eis, pax vobis. Appareceu Christo como Mestre á sua escóla, como Pai á sua familia, como Principe ao seu reino; mas como era Principe de paz, e Mediador da paz, appareceu no meio: *Stetit in medio.* Com as palavras ensinou a paz, e com o logar e sitio que tomou, ensinou o meio de a conseguir, que é a igualdade. Notae a maravilhosa e summa igualdade de Christo, posto em meio dos Discipulos: *Stetit in medio Discipulorum.* De uma parte estava Pedro, que o tinha negado; e não se retirou, nem afastou de Pedro: da outra parte estava João, que o tinha assistido; e não se chegou, ou poz mais perto de João, senão igualmente no meio: *In medio.* Guardar o meio no meio da offensa e do amôr, grande excesso de igualdade. Nem a offensa o obrigou ao retiro, nem o obsequio ao favor; mas amado e offendido, sempre igual, e em meio de um e outro: *In medio Discipulorum.* Esta foi a igualdade quanto ao logar. E quanto ás acções? A mesma. No rosto, na alegria, nas palavras, na benevolencia, no esquecimento do passado, igual com todos e a todos. A todos offerece a paz: *Pax vobis:* a todos tira o temor: *Nolite timere:* [1] a todos anima e consola: *Quid turbati estis?* A todos se convida: *Habetis aliquid quod manducetur?* A todos regala: *Dedit eis reliquias:* a todos se entrega e franquêa todo: *Palpate, et videte:* mas parcialidade, ou particularidade, a nenhum. Pois, Senhor meu, ao menos para João, que intrepidamente vos acompanhou na cruz, ao menos para João, que morto vos levou á sepultura, ao menos para João, que é o herdeiro de vosso amôr, é o filho segundo de vossa Mãi, não haverá um pequeno signal de maior affecto? Não. Porque o que Christo levava em si e comsigo, e annunciava a todos os Discipulos, era a paz: *Pax vobis:* e sem igualdade, e igualdade com todos, não ha paz.

---

[1] *Luc.*, XXIV e seg.

III

O rei, a côrte, e o reino mais pacifico que nunca viu o mundo, foi o de Salomão. O rei se chamava Salomão, que quer dizer *Pacificus:* a côrte se chamava Jérusalem, que quer dizer *Visio pacis*: o reino tinha por confins a mesma paz: *Qui posuit fines tuos pacem.* [1] E com que arte, com que industria, adquiriu e conservou Salomão para si, para a sua côrte, e para o seu reino, uma tão notavel e nunca vista paz? Com a igualdade; e porque com esta vara de igualdade media igualmente a todos, por isso foi o seu reino entre todos os reinos, e a sua côrte entre todas as côrtes, e elle entre todos os reis, o que gosou de mais alta e firme paz. Não havemos mister outro commentador, nem mais claro, nem de maior auctoridade, que o mesmo Texto. Depois de dizer: *Virga æquitatis, virga regni tui,* [2] accrescenta: *Dilexisti justitiam, et odisti iniquitatem.* [3] Amava e aborrecia Salomão, mas não tinha mais que um só amôr, e um só odio. E a quem o amôr? A' justiça: *Dilexisti justitiam:* e a quem o odio? A' desigualdade: *Et odisti iniquitatem.* E um rei tão amante da justiça, e tão aborrecedor da desigualdade, necessariamente havia de ser o que foi: elle só, e elle por antonomasia o Pacifico.

Grandes outros dotes de rei, e de reinar teve Salomão; mas vêde como só este foi o que o fez rei da paz. Renunciou David em Salomão o seu reino; e para que elle reinasse como filho de tal pai, e successor de tal rei, appareceu-lhe Deus, e disse-lhe que pedisse o que quizesse. Pediu Salomão sabedoria, e não só lhe deu Deus maior sabedoria que a de todos os homens, senão tambem maiores riquezas, e maior potencia, que a de todos os reis. E' porém coisa digna de grande admiração, que não contente David com tudo isto, ainda fez novo memorial a Deus, e pediu mais para o rei seu filho. E que pediu? Que lhe désse Deus justiça, e não outra, senão tal que fosse similhante á do

[1] *Psalm.* CXLVII, 14.
[2] *Ibid.*, XLIV, 7.
[3] *Ibid.*, 8.

mesmo Deus: *Deus judicium tuum regi da, et justitiam tuam filio regis.* [1] Pois, David, vêdes o vosso filho tão sabio, tão rico, tão poderoso, e com tantas prendas juntas, e tantas qualidades verdadeiramente reaes, e ainda vos parece que não lhe bastam para dar boa conta do seu reinado? Sim. Porque Salomão, segundo o significado do seu nome, e segundo o que delle está prophetisado, não só tem obrigação de ser bom rei, senão pacifico: e para ser pacifico, não basta a sabedoria, nem a riqueza, nem a potencia, se lhe faltar a igualdade com todos: por isso peço a Deus, que sobre estes dous lhe accrescente o de uma tal justiça, que seja similhante á sua: *Et justitiam tuam filio regis.* E qual é a justiça de Deus no governo universal do mundo? Uma igualdade summa sem excepção de pessoa, nem differença de estado: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos.* [2] Esta é a igualdade da justiça, que David pediu para seu filho, accrescentando que o fim da sua petição era a paz, que lhe estava promettida: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam.* [3] E porque Deus lhe concedeu o que pedia, logo prophetisou que tal seria a paz de Salomão em todo o tempo do seu reinado: *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* [4]

Aqui vereis, senhores, o engano deste mundo. Todas as guerras deste mundo se fazem a fim de conseguir a paz. *Omnis homo* (diz Santo Agostinho) *etiam belligerando, pacem requirit: pacis intentione geruntur et bella.* A' guerra se applica a sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas, e com a guerra se pretende a paz; mas é engano: *Viam pacis non cognoverunt* [5] A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com uma só espada, e com dois escudos: com uma só espada, que é a da justiça: e com dois escudos, que são os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meio o que partir, e ponham-se as partes, ou ametades iguaes, uma em uma balança e outra na ou-

[1] *Psalm.* LXXI, 2.
[2] *Math.*, V, 45.
[3] *Psalm.* LXXI, 3.
[4] *Ibid.*, 7.
[5] *Ibid.*, XIII, 3.

tra: e debaixo desta igualdade se achará a justiça, e neste equilibrio a paz. Tal foi o primeiro juizo de Salomão, e a primeira sentença do rei pacifico. Assentado Salomão no throno real, a primeira causa, ou caso que lhe foi proposto, foi a contenda de duas mulheres sobre um menino, o qual cada uma dellas protestava que era seu filho. Não havia testimunhas, nem outra prova. E que faria o rei? O que eu acabo de dizer. Manda que o menino se parta pelo meio: *Dividite infantem:* [1] e esta foi a igualdade da espada da justiça: manda mais que as duas ametades uma se dê a uma mulher e outra a outra: *Date dimidiam partem uni, et dimidiam partem alteri:* [2] (e esta foi a igualdade das balanças). Oh admiravel jeroglifico da justiça igual, e digno de o tomar por empreza o rei pacifico! Mas não parou aqui a decisão da causa. Descuberta com esta industria a verdade, não se partiu o menino, mas vivo e inteiro se deu á que era sua mãi: e nestas duas partes da sentença de Salomão se manifestaram os dois effeitos da justiça particular, ou universal que devem observar os reis. A justiça particular tem obrigação de dar a cada um o seu, e nesta ordinariamente, se uma parte fica satisfeita, a outra fica queixosa: porém a justiça universal e commum tem obrigação de ser igual com todos, e desta igualdade que a todos satisfaz e abraça, nasce a verdadeira e constante paz. Em uma igual, em outra desigual Salomão, e em ambas justo; mas só na da igualdade rei pacifico: *Virga æquitatis, virga Regni tui.*

IV

Do exemplo do rei, e da republica, que são as casas grandes, passemos ao do pai e da familia, que são os reinos pequenos. A maior casa que houve no mundo, foi a de Jacob, e Jacob o maior pai de familias. Nesta casa e deste pai nasceram doze filhos, em que se crearam e cresceram os doze Patriarchas, cabeças e fundadores das doze tribus de Israël. Mas qual foi o es-

[1] *3.º Livr. dos Reis,* III, 25.
[2] *Ibid.*

tado desta grande familia em quanto os filhos, sendo tantos e de tão differentes idades, viveram na sujeição do mesmo pai? Elle era santo, mas nem por isso elle, e toda a familia, deixaram de correr varia fortuna, já em bonança, já em tempestade, sendo a causa (que é mais) o mesmo piloto. Em quanto Jacob observou igualdade com todos, todos gosavam uma felicissima paz. O pai amava igualmente os filhos: os filhos amavam igualmente o pai: e os irmãos entre si se amavam igualmente como irmãos. Ditoso pai! Ditosos filhos! Ditosos irmãos! E ditosa e bemaventurada familia, se este amôr, e esta paz durara! Mas não durou: e porque? Foi crescendo José, que era o filho da velhice, começou o pai a amal-o e favorecel-o mais que aos outros irmãos; e no mesmo ponto se mudou a scena. A paz se converteu em discordia, o amôr em odio, a irmandade em inveja, e o mesmo sangue da natureza em sangue de crueldade e vingança: *Videntes fratres ejus quòd à patre plus cunctis filiis amaretur, oderant eum, nec poterant ei pacificè loqui.*[1] Notae o *plus amaretur*, e o *nec poterant pacificè*. Faltou a paz na familia, porque faltou a igualdade no pai. A igualdade conservava o amôr, e o amôr conciliava a paz: a desigualdade excitou a inveja, e a inveja causou a discordia.

Agora entra a maior admiração. E qual foi esta desigualdade usada com José, e qual a demonstração deste maior amôr? Por ventura Jacob tirou aos outros filhos a sua benção para a dar a José? Não. Por ventura desherdou aos outros para que José fosse o unico herdeiro da sua casa? Não. Por ventura tratava aos outros como escravos, ou criados, e só a José como filho? Não. Qual foi logo a desigualdade que tanto perturbou e arruinou uma tão natural, e tão fundada paz? Caso quasi incrivel! *Fecit ei tunicam polymitam:*[2] porque fez Jacob a José uma tunica de melhor côr que aos outros irmãos. Não despojava o pai, nem despia aos outros para vestir a José: a todos provia, a todos vestia, e a todos com a decencia e nobreza devida ao seu estado. Mas porque a tunica de José era de côr mais vistosa, bastou a desigualdade

---

[1] *Gen.*, XXXVII, 4.
[2] *Ibid.*, 3.

daquella côr, ou aquella côr de desigualdade, para que a inveja despedaçasse a concordia, para que a paz se convertesse em guerra, a irmandade em hostilidade, o amôr em rancor, a benevolencia em vingança, a humanidade em fereza, e para que toda a casa se cubrisse de lutos, e o triste e infeliz pai, desfeito em lagrimas, visse pouco depois nas suas mãos aquella mesma tunica tinta de sangue, só porque a tingira de melhor côr. Tão perigosa e subtilmente, ainda dentro das mesmas paredes, depende da iguaidade a paz.

E se quando a desigualdade topa em materia tão leve como no vaqueiro mais loução de um menino, tantos homens em uma conjuração tão escandalosa rompem os maiores respeitos da piedade, da razão, e da natureza; que será ou poderá ser onde as desigualdades por levantar a uns, e abater a outros, não reparam na ruina da opinião, da honra, da nobreza, da fazenda, do remedio, e não só da esperança, que é a ultima ancora da vida, senão da mesma vida? Diga o mesmo Jacob o que experimentou na casa de seu pai, quando elle era filho, e ametade de toda a familia. Contendiam elle e seu irmão Esaü desde o ventre da mãi sobre o morgado daquella casa, que era o de Abrahão e o maior que houve, e havia de haver no mundo: e sendo a materia de tanto peso, e de tanto preço, Isaac, que era o pai, inclinava para Esaü, e Rebecca, que era a mãi, para Jacob. Emfim prevaleceu a industria da mãi contra a vontade do pai: e que resultou desta desigualdade? Não só que a paz da familia se converteu em guerra, mas em guerra tão perigosa, que a mesma mãi, que tinha favorecido mais a um filho que a outro, se viu reduzida ás angustias de perder em um dia a ambos: *Cur utroque orbabor filio in uno die?* [1] E' possivel que em um dia me hei de vêr orphã de ambos os filhos, um por morto, e outro por homicida? Sim, senhora, que estes são os fructos que produz a desigualdade dos paes, quando sendo iguaes em lhes haver dado o ser, o não são em os favorecer e amar. Vós mesma tirareis de vossos olhos esse Jacob que preferistes, e para lhe salvar a vida o condemnareis ao

[1] *Gen.*, XXVII, 45.

desterro. E não só nas saudades, mas nos perigos da sua ausencia, chegareis a tal estado, que aborreçaes a propria vida: *Tædet me vitæ meæ.* [1]

V

Senhores meus, vós que na familia ou na republica tendes o officio e a obrigação de as conservar em paz; igualdade: *Æquet amor quos æquavit natura*, diz Santo Ambrozio. E se acaso com os exemplos de Jacob, de Isaac e de Rebecca me replicardes, que inclinar mais a uns que a outros, ainda entre paes e filhos, é affecto natural; com os mesmos exemplos vos respondo, que tambem é natural seguir-se á desigualdade destas inclinações a rotura da paz, e as discordias domesticas e civis. O verdadeiro e unico exemplo é só o de Christo hoje, como Mestre Rei, e como Mestre Pai: *Stetit in medio Discipulorum.* Ouvi uma grande maxima politica e economica tirada do mesmo Texto. O principe é senhor da republica, o pai é senhor da casa; mas nem o principe, nem o pai é senhor da sua inclinação: *In medio.*

Todas as coisas deste mundo teem a sua inclinação natural: só uma ha que não tem inclinação: e qual é? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregam, e inclinam para o centro, só o centro, que está no meio de todas, não inclina para parte alguma: e porque razão? Porque se o centro inclinasse a uma ou a outra parte, no mesmo ponto se arruinaria toda a machina do mundo: *Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in sæculum sæculi.* [2] Fundou Deus a terra (diz o Propheta) sobre a sua propria estabilidade, a qual nunca se inclinou, nem inclinará jámais. E que fundamento da terra é este tão estavel e firme, que nem se inclina, nem se ha de inclinar? Não ha duvida que é o centro: *Super stabilitatem suam, videlicet supra centrum ipsius, quoniam omnes partes terræ naturaliter tendunt in centrum*, commenta, com Aristoteles, Dionysio Cartusiano. De

[1] *Gen.*, XXVII,
[2] *Psalm.* CIII, 5.

maneira que todas as partes do universo se inclinam ao centro, e o centro a nenhuma dellas se inclina, porque está no meio: *In medio.* Grande documento da natureza para as inclinações das vontades superiores. Quereis levar após vós as inclinações de todos? Não vos inclineis a nenhum. Porque o centro posto no meio não tem inclinação a nenhuma das partes: por isso todas as partes do universo se inclinam concordemente ao centro, e com a mesma inclinação, e com a mesma concordia se unem entre si, e se conservam em paz.

Agora entendereis o proprio sentimento de um Texto muito commum, mas não pouco difficil: *Domini sunt cardines terræ, et posuit super eos orbem.* [1] Quer dizer: que Deus assentou e estabeleceu o mundo sobre os centros da terra. Essa é a significação da palavra *cardines*, como se lê no original hebreu: e aqui está a difficuldade. A terra não tem nem póde ter mais que um centro, e em ser um só consiste toda a sua firmeza: como diz logo a Escriptura, que Deus poz e estabeleceu o mundo sobre os centros da terra? Porque falla do mundo politico com allusão ao mundo natural. O mundo natural tem um só centro; o mundo politico tem muitos centros. O centro do mundo natural é o meio da terra, os centros do mundo politico, são todos os que teem o mando e governo do mesmo mundo, ou de suas partes, diz S. Jeronymo. Dentro deste orbe politico ha muitos circulos, maiores ou menores, e cada um tem o seu centro. Os circulos maiores são os reinos, e o centro do reino é o principe: os circulos menores são as cidades, e o centro da cidade é o magistrado: os circulos minimos são as familias, e o centro da familia é o pai. Estes são, pois, os centros muitos e varios, sobre os quaes Deus estabeleceu este orbe racional do mundo politico: *Domini sunt cardines terræ, et posuit super eos orbem.* E que se segue d'aqui? Segue-se que para cada um destes centros se conservar dentro da sua esphera, e para a conservar a ella em paz e concordia, é necessario que se ponha como verdadeiro centro no meio, e se mantenha e sustente na differença deste equilibrio sem inclinação a uma nem a outra parte: *In medio.*

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II, 8.

Aos Reis de Israël dizia Deus fallando com cada um: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* [1] Eu vos fiz rei, eu vos fiz governador, eu vos fiz pai do meu povo; pelo que adverti, que o inclinar em vós é declinar, e assim vos deveis portar de maneira, que nem inclineis para uma parte nem para outra; nem para a esquerda, nem para a direita. Nesta ultima palavra está a minha duvida: *Neque ad dexteram.* Que o principe não incline para a parte esquerda, que é a peior parte, bem está; mas para a direita, porque não? A parte direita não é a melhor? Sim: pois porque não quer Deus que o principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor é não inclinar, que inclinar ao melhor. Declarar-me-hei com um exemplo domestico. Um dos companheiros de nosso Padre Santo Ignacio, e que depois lhe succedeu no generalato, foi o mestre Laines; e querendo o Santo empregar este grande talento, que era o mais eminente de todos (como bem se viu, sendo theologo do Papa no Concilio Tridentino) naquelle exercicio que fosse mais conforme á sua inclinação, perguntou-lhe a que se inclinava? E que responderia Laines? Inclino-me a não me inclinar. Este é o verdadeiro dictame de um perfeito Superior. Inclinar-se a não ter inclinação: *Non declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* Porque inclinar-se a uma parte, qualquer que seja, é faltar ao equilibrio da igualdade, e com a desigualdade perder a união, perder a paz, perder a concordia, perder e perturbar tudo. E assim seria na familia ou na republica, se se movesse o centro, se se deixasse o meio, e se se inclinasse a cabeça: *Stetit in medio:* não só no meio, *in medio*, mas no meio sem inclinação, *stetit.*

No corpo natural bem se póde inclinar a cabeça sem movimento, nem mudança do corpo; no corpo politico não póde. Vêde uma grande figura no meio do mundo, que foi o monte Calvario: *Operatus est salutem in medio terræ.* [2] O mesmo Christo que resuscitado *Stetit in medio*, morrendo, inclinou a cabeça: *Inclinato capite.* [3] E que aconteceu no mesmo ponto? *Et ecce velum Templi scissum est in duas partes, et terra*

[1] *Deut.*, XVII, 11.
[2] *Psalm.* LXXIII, 12.
[3] *Joan.*, XIX, 30.

mota est, et petræ scissæ sunt, et monumenta aperta sunt, et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt. [1] Inclinou-se uma cabeça coroada, inclinou-se uma cabeça, que tinha escripto em cima o titulo de rei, *Inclinato capite? Et ecce:* e o que no mesmo ponto se seguiu a esta inclinação foram terremotos, divisões, inquietações, tumultos; tudo perturbado, tudo descomposto, tudo alterado e desunido. Até as pedras insensiveis se quebraram de dôr: *Petræ scissæ sunt:* até no mais sagrado houve divisões e roturas: *Velum Templi scissum est:* até as sepulturas se abriram; *monumenta aperta sunt;* porque em similhantes casos muitas coisas que estavam sepultadas no esquecimento se desenterram, e em despeito dos vivos sáem outra vez á luz do mundo, e resuscitam os mortos: *Et multa corpora quæ dormierant, surrexerunt.* E para que se veja que este é o mysterio da figura, oiçamos a David, que maravilhosamente o reduz á pratica: *Deus stetit in synagoga Deorum: in medio autem Deus dijudicat:* [2] Appareceu Deus no meio dos que governam o mundo, para os julgar: e que lhes disse? O que eu acabo de dizer: *Usquequò judicatis iniquitatem, et facies peccatorum sumitis?* [3] Até quando haveis de julgar com desigualdade? Até quando haveis de fazer excepção de pessoas, inclinando-vos mais a uma que a outra? *Nescierunt, neque intellexerunt, movebuntur omnia fundamenta terræ.* [4] Ora para que vejaes quão ignorante e erradamente procedeis, olhae para as consequencias e effeitos desta vossa desigualdade. Seguir-se-hão della inquietações, seguir-se-hão discordias, seguir-se-hão ruinas; e toda a terra, perdida a firmeza do centro, se revolverá debaixo para cima: *Movebuntur omnia fundamenta terræ.*

VI

Pelo que, senhores meus, se quereis quietação, se quereis paz, igualdade: e igualdade recta, sem inclinação a nenhuma das partes, como a de Christo hoje

[1] *Math.*, XXVII, 51 e 52.
[2] *Psalm.* LXXXI, 1.
[3] *Ibid.*, 2.
[4] *Ibid.*, 5.

posto em meio dos Discipulos: *Stetit in medio Discipulorum.* Os Discipulos faziam a circumferencia, Christo estava no centro, e as linhas do amôr e do favor corriam com a mesma proporção, com a mesma medida, e com a mesma igualdade, tanto para cada um, como para todos, e tanto para todos, como para cada um. Por isso prophetisou Malachias que a justiça e igualdade de Christo, havia de ser como a igualdade e justiça do sol: *Orietur vobis sol justitiæ.* [1] Em todo o creado se não podia achar melhor, nem mais apropriada similhança. Santo Ambrosio: *Sol à nullo distat, nulli præsentior, nulli absentior est.* Se S. Pedro, como grande piloto, tomasse os dois instrumentos da sua arte: em uma mão o compasso, e na outra o astrolabio: com o compasso medindo as distancias de Christo aos Discipulos, havia de achar que de nenhum distava mais nem menos: *Sol à nullo distat:* e com o astrolabio tomando as alturas, havia de achar igualmente, que de nenhum estava mais perto com a presença, nem mais longe com a ausencia: *Nulli præsentior, nulli absentior est.* Notou com aguda advertencia Theofilato, que quando a lua está no zenith, se olhamos para ella, cada um cuida que está sobre a sua casa: *Tu supra domum tuam vides lunam: ego eamdem video supra domum meam et unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.* Muito melhor, e mais claramente podem fazer esta mesma experiencia no sol todos os que me ouvem, quando d'aqui sahirem. Se sois um grão senhor, e olhardes para o sol, haveis de cuidar que está sobre o vosso palacio; se sois um Religioso, que está sobre o vosso convento; se sois um artifice, que está sobre a vossa officina: se sois um pastor, que está sobre a vossa choupana: e nenhum ha, ou tão grande, ou tão pequeno, que não haja de ter para si, que o sol olha particularmente para a sua casa: *Unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.*

Esta é a igualdade com que o sol nos allumia e aquenta. E vêde como a mesma observou Christo com seus Discipulos, e como cada um delles cuidava que era o que melhor logar tinha na sua estimação, e no seu agrado. Pouco antes do dia da Paixão, declarou o Senhor a seus Discipulos, que ia a Jérusalem

[1] *Malach.*, IV, 2.

a morrer. E no mesmo ponto: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major:* [1] O nosso Mestre vae morrer; e qual de nós é o maior; qual de nós lhe succederá no messiado? Não me admira a questão e ambição della, porque ainda o Espirito Santo não tinha descido sobre os Apostolos: o que me assombra e faz pasmar, é que cada um cuidasse e se persuadisse, que era ou podia ser elle o maior. Ao menos a promessa feita a S. Pedro em presença de todos, a todos era manifesta: como logo estava ainda a maioria em opiniões, e cada um cuidava que fosse sua? Pedro ainda não tinha negado; que podia ser um bom motivo da exclusiva: que fundamento, pois, e que razão podia ter cada um para se oppôr a esta demanda: *Quis eorum videretur esse major?* A razão foi, diz S. Fulgencio, porque era tal a igualdade com que Christo tratava a todos os Discipulos; era tão exacta e circumspecta a medida com que o Senhor repartia entre elles, e temperava as demonstrações do seu affecto, que cada um se persuadia ser elle o que tinha o primeiro logar no conceito e estimação de seu Mestre. E bem se viu que esta confiança era igual em todos, e em cada um; porque todos concordaram em que a demanda se levasse ao tribunal do mesmo Christo: *Quis putas major est in Regno Cœlorum?* [2] Mas o Senhor não quiz sentenciar nem decidir a duvida, e deixou ficar a cada um na sua opinião, para não faltar ao respeito da sua inalteravel igualdade, e para que a preferencia declarada de um não rompesse a paz e concordia de todos: *Hoc autem semper agebat Dominus, non impotens potestate, sed sapiens æquitate, ut nulli animum Discipulorum humanum incitaret ad zelum.*

Assim o diz S. Fulgencio, e confirma o seu dito com uma excellente reflexão. Pediram os dois filhos do Zebedeu as duas cadeiras, e respondeu Christo: *Non est meum dare vobis.* [3] Perguntou Pedro ao mesmo Senhor: *Quid ergo erit nobis?* [4] E respondeu: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus*

---

[1] *Luc.*, XXII, 24.
[2] *Math.*, XVIII, 1.
[3] *Math.*, XX, 23.
[4] *Ibid.*, XIX, 27.

Israël, [1] E como assim? Replica argutamente o mesmo santo Padre: *Qui promisit duodecim thronos, duos thronos in suam non habet potestatem?* Christo diz, que não póde dar duas cadeiras, e dá doze cadeiras? Se póde dar doze, porque não póde dar duas? Por isso mesmo. Porque sendo doze os seus Discipulos, dar a dois, e não a dez, não era igualdade. Posso dar a todos, a dois não posso dar. E esta é a maior potencia do meu poder: ser impotente para fazer qualquer desigualdade. E porque? Por manter a concordia e a paz entre seus Discipulos, conclue admiravelmente Fulgencio: *Respondet æqualiter, et non separanter, sedebitis super sedes duodecim, qui vult discipulos semper esse concordes.* Dando doze cadeiras, contentava, e concordava a todos doze; dando somente duas, contentava a dois, e descontentava e desconcordava a dez; e quiz observar inviolavelmente a igualdade, para conservar inalteravelmente a paz e a concordia: *Qui vult discipulos semper esse concordes.*

Esta é a igualdade que Christo observava para conservar a paz; a qual devem imitar todos aquelles, que, ou politica, ou economicamente teem obrigação de procurar uma e outra. E se quereis uma medida certa da mesma igualdade, eu vol-a darei, para que cada um a possa levar para casa. E que medida é esta? O gomor. Quando antigamente cahia o manná do céu, sahiam todos ao campo a recolher cada um a sua porção. Eram mais de dois milhões de pessoas, grandes e pequenos: e que fez Deus para evitar o tumulto da cubiça, da inveja, e da violencia, e conservar em paz e concordia aquella immensa multidão? Fez uma medida chamada *gomor*, a qual maravilhosamente tinha tal propriedade, que os que colhiam muito, e os que colhiam pouco, tanto levava um como o outro. E como nem a cubiça, nem a diligencia, nem o affecto, nem o favor podia desigualar a medida, nem avantajar uns aos outros, todos sahiam, e tornavam concordes, e todos viviam, e se sustentavam em paz. Esta, pois, senhores, seja por ultimo documento a certa e inviolavel medida, ou da vossa politica para a republica, ou da vossa economia para a familia. Não o amôr, não o favor, não o terror; mas o gomor. O amôr causa

[1] *Ibid.*, 28.

ciumes, o favor invejas, o terror odio e aborrecimento, e só o gomor, porque é igual para todos, (como Christo em meio dos Discipulos) nos póde dar paz: *Stetit in medio Discipulorum, et dixit eis: Pax vobis.*

VII

Temos visto que para se conseguir e conservar a paz, ou publica ou domestica, o meio mais facil e efficaz da parte dos superiores, é a igualdade com todos, como a de Christo posto em meio dos Discipulos: *Stetit Jesus in medio Discipulorum suorum.* Mas se acaso faltar esta igualdade, (como talvez póde faltar, não só injusta e desordenadamente, senão por causas muito justas, e justificadas) que remedio da parte dos subditos para não perderem, e se conservarem em paz? O remedio não menos provado, posto que não facil, é a paciencia. Assim o ensinou e demonstrou o divino Mestre aos mesmos Discipulos, quando, annunciando-lhes a paz, lhes mostrou as suas chagas: *Dixit eis, pax vobis, et ostendit eis manus, et pedes.*

Com as mesmas mãos, e com os mesmos pés pregados na cruz viu Isaias a Christo quando exclamou, dizendo: *Disciplina pacis nostræ super eum, et livore ejus sanati sumus.* [1] Nestas palavras descobriu e manifestou o Propheta um novo e segundo mysterio da Paixão e chagas do Redemptor, até agora occulto, e ignorado de muitos. Cuidamos que padeceu o Filho de Deus pregado em uma cruz só para nos salvar, e não foi um só o fim, nem um só o effeito de sua Paixão, senão dois: um para nos sarar, e outro para nos ensinar. Para nos sarar, porque o preço das suas chagas foi o remedio da nossa saude: *Livore ejus sanati sumus.* E para nos ensinar; porque? Aqui está o nosso ponto. Porque o exemplo da sua paciencia foi a doutrina da nossa paz: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Notae o *super eum.* De sorte que duas coisas tomou sobre si Christo quando quiz ser cravado na cruz: a nossa saude e a nossa paz. A nossa saude; porque com as suas chagas sarou as nossas: *Livore ejus sanati su-*

[1] *Isai.*, LIII, 5.

mus: e a nossa paz, porque com o soffrimento das mesmas chagas nos ensinou que a paciencia é a verdadeira doutrina da paz, se a quizermos fazer nossa: *Disciplina pacis nostræ.* Um e outro effeito resumiu no seu Cantico Zacharias, depois de Christo estar já no mundo. O da saude: *Ad dandam scientiam salutis plebi ejus,* [1] que é: *Livore ejus sanati sumus:* e o da paz: *Ad dirigendos pedes nostros in viam pacis,* [2] que é: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Quereis ouvir a verdadeira etymologia, ou breve definição da paciencia? *Patientia, pacis scientia.* Por isso o propheta lhe chamou *disciplina,* isto é, *doctrina pacis:* e por isso o divino Mestre, quando disse aos Discipulos: *Pax vobis,* lhes mostrou esta mesma sciencia não só escripta, e rubricada com o sangue das suas chagas, mas as mesmas chagas impressas e entalhadas nas mãos e nos pés: *Ostendit eis manus, et pedes.*

VIII

Sáia agora a desigualdade dos Superiores, ou justa ou injusta, e vejamos que effeitos causa, e póde causar na paz dos subditos. Se a desigualdade os achar desarmados da paciencia, não ha duvida que causará guerra, e cruel guerra: mas se a paciencia os armar, e fortalecer contra os golpes da mesma desigualdade, nenhuma haverá tão forte, que possa alterar e descompor nelles a firme e segura paz.

Para prova da primeira parte destes effeitos, tremenda e funestissima, ponhamos-nos dentro do céu, e ás portas do paraiso, e vel-os-hemos com horror. Revelou Deus aos anjos que se havia de fazer homem: e que movimentos vos parece que excitaria no conceito e estimação dos espiritos angelicos esta inopinada noticia? Por ventura romperam todos em louvores da bondade divina, cantando-lhe hymnos, e celebrando com panegyricos um tão admiravel excesso de sua misericordia? Nada menos: antes parecendo-lhes excessiva desigualdade a muitos, logo começaram a revolver no pen-

[1] *Luc.,* I, 77.
[2] *Ibid.,* 79.

samento o que depois ponderou S. Paulo, quando disse: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit.* [1] E' possivel que em nenhuma parte das nossas Jerarchias (que isso quer dizer *nusquam*) achou Deus outra natureza a que unir sua divindade, senão á humana? E' possivel que ha de deixar os Anjos, os Archanjos, as Virtudes, as Potestades, as Dominações, os Principados, os Thronos, os Cherubins, e os Serafins: e que o homem feito de barro ha de ser Deus? Aqui foi a ira, o furor, a raiva. E como não tiveram paciencia para soffrer esta desigualdade, posto que a preferencia lhes não era devida; ella foi a que descompoz a quieta e innocente paz em que foram creados; ella a que metteu no empyreo e introduziu no mundo a primeira guerra: *Factum est prælium magnum in cælo;* [2] ella a que desaccordou a harmonia de todos os coros angelicos; e ella a que com ruina da terceira parte de todas as Jerarchias deu principio ao inferno dentro no mesmo céu.

Mas passemos do ceu á terra. Não havia na terra mais que dois homens, filhos ambos, e os primeiros filhos do mesmo pai, e da mesma mãi, Caïn e Abel. Offereceram ambos sacrificios a Deus; Abel, que era pastor, das crias do seu rebanho; Caïn, que cultivava a terra, dos fructos da sua lavoura: e atéqui viviam ambos naquella sincera paz e união natural, que pedia o dobrado vinculo não só da humanidade, senão tambem da irmandade. Mas que succedeu? Diz o Texto sagrado, que poz Deus os olhos no sacrificio de Abel, e não no sacrificio de Caïn: *Respexit Dominus ad Abel, et ad munera ejus; ad Cain verò, et ad munera illius non respexit:* [3] e foi tal a impaciencia e raiva que causou no animo de Caïn esta desigualdade, que, trocada no mesmo ponto toda aquella paz e concordia natural em crudelissima guerra, sem temor do pai, sem reverencia da mãi, e sem respeito da irmandade, porque se não podia vingar em Deus, se vingou no mesmo irmão: e o seu sangue foi o primeiro que se derramou no mundo e a sua morte innocente a primeira em que se executou a sentença fulminada contra a culpa do Paraiso. Pois

---

[1] *Apoc.*, XII, 7.
[2] *Gen.*, IV, 4 e 5.
[3] *Heb.*, II, 16.

por um *respexit*, ou *non respexit;* por um inclinar ou não inclinar de olhos, se quebram todos os fóros da razão e da natureza? Sim. Para que conheçam os que teem superioridade, os grandes poderes, e jurisdição da sua propria vista, com quanta cautella devem olhar em quem poem e de quem retiram os olhos. Se é tão impaciente, e mal soffrida entre irmãos a differença de ser bem visto, ou não bem visto, como poderá haver paciencia, nem paz entre os estranhos e emulos, onde as desigualdades forem maiores? A que Deus usou com Caïn e Abel, é certo que foi justa e merecida, posto que se ignorem as verdadeiras causas. Mas não basta que as causas sejam justas e justissimas, onde entrevem a desigualdade publica e conhecida, para que a impaciencia dos subditos não seja a total destruição e ruina da paz.

Isto é o que faz a desigualdade tomada impacientemente: vejamos agora o que não desfaz, se se aceita com paciencia. Tomada sem paciencia, faz e é causa de guerras, e tão crueis como as que vimos: aceitada com paciencia, não desfaz, nem altera, nem descompõe a paz, antes a conserva mais gloriosa. E se aquelles exemplos foram de anjos, e homens, este será de mais que homens, e mais que anjos, e na maior desigualdade que nunca viu, nem verá o mundo. Qual foi a maior desigualdade que jámais obrou Deus, e qual a maior que commetteram os homens? A maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deus, foi dar seu Filho pela redempção do homem. Vender o Filho para resgatar o escravo! Condemnar a innocencia para absolver a culpa! Morrer o immortal para resuscitar o morto! Deixar quebrar e perder os diamantes, para reparar o barro! Emfim, padecer o Creador para que a creatura vil não padeça! Esta foi a maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deus. E a maior que commetteram os homens, qual foi? Venderem esse mesmo Filho, tirarem a vida a esse mesmo Filho, e pregarem esse mesmo Filho com quatro cravos em uma cruz. Ainda teve outra circumstancia de maior desigualdade este mesmo excesso. Concorre Christo com Barrabás, para ser, um condemnado, outro absolto: Barrabás o ladrão, o sedicioso, o homicida, o mais insigne malfeitor de todos os que as enxovias de Jérusalem tinham em ferros, e sáe por acclamação absolto Barrabás, e condemnado Christo. Oh barbara, ó deshumana, ó horrenda,

ó sacrilega, ó infernal desigualdade! a de Deus mais que admiravel por excesso de misericordia, e a dos homens mais que abominavel por ultimo extremo de injustiça e crueldade! E sujeito ou opprimido destas duas desigualdades, e levando-as ambas aos hombros debaixo de um madeiro infame; por ventura perdeu aquelle homem, Deus e homem, o titulo de Principe da Paz, que lhe deram os prophetas: *Princeps pacis?* [1] Por ventura descompoz a harmonia daquella paz que lhe cantaram os Anjos no nascimento: *Et in terra pax hominibus?* [2] Por ventura revogou, ou fez litigiosa a paz que deixou em testamento a seus Discipulos: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis?* [3] Tão fóra esteve de se alterar no seu animo pela desigualdade do decreto de Deus a paz com Deus, ou pela desigualdade da sentença dos homens a paz com os homens; que antes elle mesmo com os cravos, que lhe romperam as mãos e pés, rasgou os assignados da guerra, e os pregou na sua cruz, como diz S. Paulo: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, ipsum tulit de medio, affigens illud cruci:* [4] e com o sangue que manou de suas chagas, firmou as escripturas da paz, pacificando-nos com os homens na terra, e com Deus no céu, como tambem diz o mesmo Apostolo: *Pacificans per sanguinem crucis ejus, sive quæ in terris, sive quæ in cœlis sunt.* [5] E por isso quando hoje annunciou a paz aos Discipulos, dizendo, *Pax vobis*, lhes mostrou juntamente as chagas, com cuja paciencia a tinha merecido e ganhado: *Ostendit eis manus, et pedes.*

IX

Já a segunda parte do meu argumento se déra por satisfeita com o que tem demonstrado atéqui, se contra esta mesma que chamei demonstração, se não oppuzera uma tal difficuldade, que mais parece implicancia, que duvida. Quando Christo disse aos Discipulos,

---

[1] *Isai.*, IX, 6.
[2] *Luc.*, II, 14.
[3] *Joan.*, XIV, 27.
[4] *Coloss.*, II, 14.
[5] *Coloss.*, I, 20.

Pax vobis, é certo que não só lhes annunciou a paz, mas tambem lh'a deu com effeito. Assim mesmo quando lhes mostrou as chagas, não só foi para que as vissem, senão tambem para que as imitassem, e soubessem que o meio de conseguirem a paz, era a paciencia de similhantes injurias. Finalmente, de uma e outra coisa se concluia, que tambem elles haviam de ter os seus Anazes, os seus Caiphazes, e os seus Pilatos na sua innocencia, que mandassem executar aquellas injustiças e crueldades. Tudo isto era o que dizia de palavra aquella paz, e o que mostravam por obra aquellas chagas: e assim foi. Porque S. Pedro teve contra si a Nero, S. Thiago a Herodes, S. João a Domiciano, e todos tiveram os seus tyrannos, que a uns pregaram na cruz, a outros cortaram a cabeça, a outros despiram a pelle, e a todos derramaram cruelmente o sangue, e com exquisitos tormentos tiraram a vida. Pois se o divino Mestre nos pés, nas mãos, e nas chagas abertas a ferro tocava a arma, e publicava guerra a seus Discipulos, como nas palavras brandas e amorosas lhes annuncia juntamente a paz: *Pax vobis?*

Apertemos mais a duvida para que reduzida a todo o rigor da philosophia, fique mais clara. A paz é uma concordia reciproca e relativa: e tudo aquillo que é reciproco e relativo, em faltando, e se perdendo de uma parte, necessariamente falta, e se perde tambem da outra. Assim o ensina Aristoteles, e se demonstra facilmente com dois exemplos vulgares: o da amizade, e o do parentesco. A amizade é amôr mutuo e reciproco entre dois amigos, e se um só deixa de ser amigo, acabou-se a amizade. No parentesco, o pai é reciprocamente relativo ao filho, e o filho ao pai; e basta que falte só o pai, ou só o filho, para que a relação d'aquelle parentesco se acabe. Do mesmo modo a paz é concordia mutua, reciproca e relativa: logo se de uma parte está a guerra, parece que da outra não póde estar, nem conservar-se a paz? Respondo que assim é na philosophia de Aristoteles, mas na de Christo não. Na philosophia de Christo póde estar e conservar-se a relação de uma parte, ainda que falte e se perca da outra. Provo com os mesmos exemplos. Entre Christo e Judas havia amizade, como entre o mesmo Senhor, e os outros Apostolos. Da parte de Judas faltou a

amizade: e da parte de Christo? Não faltou. *Amice, ad quid venisti?* [1] Amigo lhe chama, quando já era inimigo; amigo, quando era traidor; amigo, quando lhe fazia tão cruel guerra. Não porque Judas naquelle tempo fosse amigo, mas porque Christo ainda o era. *Interioris amicitiæ non immemor*, diz S. Bernardo. Vamos ao pai, e ao filho. O filho Prodigo, depois de perdido, estudando comsigo o que havia de allegar ao pai, dizia: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.* [2] Pois se o Prodigo conhecia e confessava que já não era filho, como chama comtudo pai ao pai: *Pater?* Porque da parte do filho se tinha perdido a relação e denominação de filho: mas da parte do pai não se perdeu comtudo a relação e denominação de pai. S. Pedro Chrysologo: *Ego perdidi quod filii est, tu quod patris est non amisisti.*

Do mesmo modo digo que se póde conservar a paz de uma parte, posto que falte e se perca da outra. E no caso ainda mais apertado, em que da parte opposta esteja a guerra, da nossa lhe póde responder a paz. Quereis a prova evidente? Em duas palavras: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus*: [3] Eu (diz David, já em prophecia christã) eu tinha paz com aquelles que não queriam paz. E de que modo, rei santo? De que modo conservava David a paz com aquelles que não queriam paz, senão guerra? Por meio da paciencia, como eu dizia. *Ita servatur pax, quando scilicet patienter mali sustinentur à bonis*, commenta Hugo Cardeal. Mas muito melhor declara o seu dito o mesmo David: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus: cum loquebar illis, impugnabant me gratis:* [4] Eu guardava paz com os que não queriam paz; porque quando me impugnavam, quando me faziam guerra, eu soffria com paciencia, e não respondia á guerra com guerra, senão á guerra com paz. Isto quer dizer *Impugnabant me gratis*. E agora ouvireis o verdadeiro sentido e elegante energia daquelle *gratis*, que em nenhum Expositor achareis. Que quer dizer *impugnabant me gratis*, impugnavam-me e faziam-me guerra de graça? Eu

---

[1] *Math.*, XXVI, 50.
[2] *Luc.*, XV, 18 e 19.
[3] *Psal.* CXIX, 7.
[4] *Ibid.*

o direi. Quando um homem recebe alguma injuria de outro, e propõe de se vingar, não diz, elle m'o pagará muito bem pago? Pois neste pagar ou não pagar consiste o ser offendido de graça, ou não de graça: *gratis*. De maneira que quando a injuria recebida se vinga, não se recebe de graça, porque com uma injuria se paga a outra injuria; porém quando a injuria recebida se soffre com paciencia e não se vinga, então se faz de graça, porque não se paga. E porque David não se vingava, nem tomava satisfação das hostilidades que lhe faziam seus inimigos, por isso diz que o impugnavam de graça: *Impugnabant me gratis*.

Vêde-o nos maiores inimigos, e maiores perseguidores do mesmo David, que foram Saül, e Absalão; um rei, outro filho de rei, dos quaes elle dizia pela mesma phrase: *Principes persecuti sunt me.* [1] Da parte de Saül estava o odio, da parte de David o amôr: da parte de Saül a tyrannia, da parte de David a sujeição: da parte de Saül os aggravos, da parte de David o soffrimento: da parte de Saül a guerra, da parte de David a paz. Saül lhe invejava os applausos, David lhe acrescentava as victorias: Saül lhe remunerava os serviços com ingratidões, David lhe pagava as ingratidões com novos beneficios: Saül lhe atirava com a lança para o matar, David tendo-o debaixo da lança, lhe perdoava a vida. Em fim, a guerra de Saül impugnava sempre a paz de David com a perseguição, e a paz de David vencia sempre a guerra de Saül com a paciencia. Maior contraposição ainda, e com maiores realces de energia em um proprio filho do mesmo David. Nasceu-lhe a David um filho, ao qual elle poz por nome Absalão. E que quer dizer Absalão? Quer dizer: *Pax patris*, a paz de seu pai. Grão caso! Todos os que leram alguma coisa das Escripturas Sagradas, sabem que os Patriarchas e Prophetas antigos, os nomes que punham a seus filhos eram prophecias do que elles haviam de ser, e uma como breve historia das acções e successos de sua vida. Vejamos agora qual foi a de Absalão. Absalão se rebellou contra seu pai: Absalão conjurou contra elle todos seus vassallos: Absalão lhe tirou a corôa da cabeça: Absalão, com todo o poder de Israël, posto em campanha, lhe fez cruelissima guerra. Chame-se logo Absalão *guerra*, e não *paz de seu pai*. Pois

[1] *Psal.* CXVIII, 161.

se David era propheta, e o maior de todos os prophetas, como trocou a significação ao nome, e os futuros á prophecia, e em vez de chamar a um tal filho *guerra de seu pai*, lhe chamou *paz de seu pai: Pax patris?* Porque se da parte do filho estava a guerra, da parte do pai se conservava comtudo a paz: e tanto mais admiravel era a paz do bom pai, quanto mais abominavel a guerra do máu filho. A guerra do filho dizia aos seus soldados: Matae-me a David; e a paz de David dizia aos seus: Guardae-me a Absalão: *Servate mihi puerum Absalon.* [1] A guerra de Absalão dizia: Para que reine Absalão, morra David; e a paz de David dizia: Morra antes David, para que viva Absalão: *Fili mi Absalon, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?* [2]

Esta é a philosophia de Christo; e desta sorte, por excesso de paciencia, se conserva maravilhosamente de uma só parte a relação da paz, faltando da outra: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus.* O' grande maravilha! ó milagre estupendo da virtude christã sobre todas as leis e forças da natureza! Uma concordia discordia, e uma discordia concordante: de uma parte olhando a guerra torvamente para a paz, e da outra vendo e revendo-se a paz placidamente na guerra? E que seria se eu dissesse, que é tal o poder da paz paciente, que ainda neste caso, em que não é correspondida, conserva comtudo o seu natural ser reciproco e relativo? Assim o digo, e o provo. Deem-me attenção os philosophos. Quando a paz se acha só de uma parte, e se vê da outra parte sem correspondencia, ella mesma se corresponde de uma e da outra parte. Mas de que modo? Propria e justamente como as outras relações reciprocas. De uma parte vae a paz direitamente do principio ao termo: e da outra torna reflexamente do termo ao principio. Não é proposição ou invento meu, mas theorema, e advertencia subtilissima do mesmo Christo a seus Discipulos: *In quamcumque domum intraveritis, dicite, pax huic domui: et si ibi fuerit filius pacis, requiescet super illum pax vestra: sin autem ad vos revertetur.* [3] Quando entrardes em qualquer casa, dizei, paz seja nesta casa:

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 5.
[2] *Ibid.*, 33.
[3] *Luc.*, X, 5 e 6.

e se ó morador della não fôr filho da paz, e a não quizer receber, a vossa paz tornará outra vez para vós. Vêde agora em uma só paz a paz direita e reflexa, e a paz simples, e juntamente reciproca: *Dicite, Pax huic domui:* eis aqui a paz direita, que vae de vós para os outros: e se elles a não quizerem aceitar: *Pax vestra ad vos revertetur:* eis aqui a paz reflexa, que torna delles para vós outra vez. E pára aqui a maravilha? Não. Porque a mesma paz com esta tendencia, e com esta reflexão, reciprocando-se dentro em si mesma, se multiplica e se dobra. Assim como o raio do sol, se topa com um corpo opaco, reflecte outra vez para o sol, e se dobra e entende mais; assim a paz, se encontra um peito duro e obstinado, não se acaba por isso, mas reflecte, e não pára, mas se dobra, fazendo-se mais intensa na mesma reflexão: *Pax vestra ad vos revertetur.*

Oiçamos o commento de S. Bruno sobre as mesmas palavras, que agudissimamente descobre nellas nova elegancia e mysterio: *Pax vestra* (diz) *revertetur ad vos, quia facta, et duplicata revertitur.* Já considerámos que a paz, que na primeira tendencia vae uma e singela, torna na reflexão multiplicada e dobrada. Mas porque nota o Santo, que não só torna dobrada, mas prenhe e fecunda: *Facta, et multiplicata?* Porque allude á phrase de que usou Christo: *Si ibi non fuerit filius pacis:* Se o morador da casa não fôr filho da paz. A correspondencia reciproca de quem offerece a paz, é filha da mesma paz, porque della nasce. Diz pois Christo aos Discipulos, que se offerecerem a paz a quem não fôr filho da paz, nem por isso se desconsolem, entendendo que a sua paz foi esteril e infecunda; porque quando a sua paz não achar filhos da paz que lhe correspondam, a mesma paz os conceberá e parirá: *Facta, et multiplicata:* multiplicando-se na reflexão dentro em si, e correspondendo-se a si mesma. E' esta paz como a phenix, mãe e filha de si mesma; mas mãi e filha que ambas vivem, e perseveram, a mãi como paz, a filha como correspondencia. E para que não fique mysterio algum por advertir neste grande Texto, notae que quando Christo diz que a paz encontrada e não admittida, offerecida e repudiada, tornará outra vez para elles: *Revertetur ad vos;* então, e não antes, lhe chama paz sua, *Pax vestra;* porque só neste caso é a paz verdadeiramente nossa, e toda nossa.

Quando a paz é correspondida, divide-se a paz, e divide-se o merecimento; porque a paz de uma parte é nossa, e de outra parte e alheia. Mas quando a paz não tem correspondencia, toda a paz é nossa; porque é nossa de uma e de outra parte; quando direita, e quando reflexa; quando offerecida, e quando regeitada; quando vae, e quando torna: *Pax vestra revertetur ad vos.*

Tal e tão maravilhosa é a paz que Christo hoje deu aos Discipulos de sua escóla, e esta é a emphase daquelle *vobis*. *Vobis* a vós, e não aos demais: *Vobis*, a vós, que sois meus Discipulos, e sereis meus imitadores. E por isso quando lhes prometteu, e deixou em testamento a mesma paz, lhes declarou com repetida expressão de differença, que era a sua, e como sua, e não como a do mundo: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis: non quomodo mundus dat, ego do vobis.* [1] E se perguntarmos em que consiste esta differença de paz a paz, e em que se distingue a paz de Christo da paz do mundo, S. Agostinho e S. Gregorio Papa respondem geralmente, que a paz do mundo é vã, a paz de Christo solida: a paz do mundo falsa, a paz de Christo verdadeira: a paz do mundo temporal e breve, a paz de Christo permanente e eterna. Mais disse o mesmo Christo. A' sua paz chamou duas vezes paz: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis;* e á do mundo, nem uma só vez chamou paz: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis;* porque a paz de Christo é paz, e a do mundo não é paz. E' o de que arguiu Deus antigamente aos falsos prophetas: *Dicentes, pax et non est pax:* [2] dizem e enchem a bocca de paz, e não ha tal paz no mundo. E senão, quem ha tão cego, que não veja o mesmo hoje em toda a parte? Dizem que ha paz nos reinos, e os vassallos não obedecem aos reis: dizem que ha paz nas cidades, e os subditos não obedecem aos magistrados: dizem que ha paz nas familias, e os filhos não obedecem aos paes: dizem que ha paz nos particulares, e cada um tem dentro em si mesmo a maior e a peior guerra. Havia de mandar a razão, e o racional não lhe obedece; porque nelle, e sobre ella domina o appetite. A paz de Christo é paz que se conserva no meio da guerra: a paz do

[1] *Joan.*, XIV, 27.
[2] *Ezech.*, XIII, 10.

mundo é guerra que se esconde debaixo da paz. Chama-se paz, e é lisonja: chama-se paz, e é dissimulação: chama-se paz, e é dependencia: chama-se paz, e é mentira, quando não seja traição. E' como a de Judas, que com beijo de paz entregou a Christo nas mãos de seus inimigos: é como a de Joab, que com abraço de paz metteu o punhal pelo coração de Abner. Finalmente, por conclusão do que dissemos, a paz de Christo é paz, que, estando só de uma parte, é paz reciproca de ambas as partes; e a do mundo, professando-se reciproca de ambas as partes, em nenhuma dellas é paz.

Fuja, pois, e desappareça para sempre, e não se oiça mais entre os homens o nome chimerico e vão deste engano universal. E ponhamos todos não só os olhos, mas os corações e as almas nesta vera effigie da verdadeira, solida, e eterna paz. Desde este logar, como cabeça do mundo, está Jesus crucificado bradando a todo elle o que disse resuscitado a seus Discipulos: *Pax vobis.* A vós, ó gentios idolatras, que ainda me não conheceis por vosso Creador: *Pax vobis.* A vós, ó hereges, que chamando-vos christãos, negaes e viveis desunidos de minha unica esposa a Igreja: *Pax vobis.* A vós, ó catholicos, que contra o maior de meus Mandamentos vos estaes desfazendo em guerras, como se não fôra melhor a paz, que mil victorias: *Pax vobis.* E a vós, ó Romanos, que sendo Roma a Jérusalem da Lei da graça, deve não só chamar-se, mas ser *visio pacis* na concordia, *visio pacis* na união, e *visio pacis* no exemplo da perfeita caridade: *Pax vobis.* E se não bastam estas vozes, e estes brados para vos persuadir a paz, bastem as chagas destas mãos e destes pés para vos render, e para vos obrigar a ella na paciencia: *Ostendit eis manus, et pedes.* [1] E vós Soberano Principe da paz, desse throno de vossa Magestade e piedade, concedei a todo este devotissimo e fidelissimo povo, entre todos os do mundo mais particularmente vosso, a vossa paz. Paz com Deus, paz com nossos proximos, e paz com nós mesmos. Com esses tres cravos que vos pregaram na cruz, e abriram em vós preciosissimas chagas das mãos e dos pés, confirmae em nós estas tres pazes. Com o cravo da mão direita a paz com Deus; com o cravo da mão esquerda a paz

[1] *Luc.*, XXIV, 40.

com os proximos: e com o cravo de um e outro pé, a paz com nós mesmos, assim no corpo como na alma. E com este riquissimo e abundantissimo dom de vossa liberalissima misericordia nos lançae a todos uma inteira benção de paz, formada com vossa mesma cruz: *Pax vobis: pax vobis: pax vobis.*

SERMÃO

DA

Quarta Dominga depois da Paschoa *

Com commemoração do Santissimo Sacramento, Prégado em S. Luiz do Maranhão.

Vado ad eum, qui me misit, et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis? Sed quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum. [1]

I

Nos outros dias em que celebramos a memoria do sagrado mysterio da Eucharistia, temos sempre a meza do Santissimo Sacramento; hoje temos a meza, e mais a sobremeza. Instituiu Christo Senhor nosso o sacramento de seu corpo e sangue na ultima Ceia que celebrou com seus Discipulos: veiu a usual primeiro, depois a legal, e por fim, com pasmo dos homens, e assombro dos anjos, a sobrenatural e divina: e a esta se seguiu a sobremeza, não menos soberana e admiravel, que foi uma pratica paternal e amorosa, cheia de documentos e segredos altissimos, com que o divino Mestre illustrou, mais que nunca, os entendimentos de toda a sua escóla, e lhes animou e fortaleceu os corações, para que perseverassem firmes em sua doutrina e amor.

Desta pratica é parte o Evangelho que acabamos de ouvir, e deste Evangelho são tambem parte as palavras

---

* N'este bello Sermão tão substancioso e largo, a materia e o estylo adaptam-se ao auditorio mais grado e instruido. O assumpto é por sua propria natureza interessantissimo e Vieira soube tratal-o com verdadeira maestria. A commemoração do Sacramento, no fim do Sermão, é magnificamente deduzida.

[1] *Joan.*, XVI.

que propuz, poucas, mas muito notaveis. Entre as coisas que o Senhor declarou e revelou aos Discipulos, foi que era chegada a hora em que se havia de apartar delles, e partir deste mundo. Já se vê quaes seriam os effeitos que causaria nos animos de todos uma novidade tão grande, e não esperada. Ficaram como attonitos, e fóra de si, e penetrados de uma tristeza tão profunda, que juntamente os emmudeceu a todos, sem haver quem dissesse uma palavra. As saudades, o proprio desamparo, e em summa, a força da tristeza, parece que eram causa daquelle silencio; mas o Senhor pelo contrario lhes declarou, que o silencio era a causa da tristeza: *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* Porque vos disse que me hei de apartar de vós, se encheram de tristeza os vossos corações. E a verdadeira causa dessa mesma tristeza, que parece sem remedio, não é a minha ausencia, senão o vosso silencio: *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis?* Nenhum de vós me pergunta para onde vou, e por isso estaes tristes: que se vós me fizereis esta pergunta, e eu vos respondêra a ella, nenhum de vós se havia de entristecer.

Esta consequencia verdadeiramente admiravel, que parece enigmatica e difficultosa de entender, entenderam os Discipulos com a luz que infundiu em suas almas o Mestre divino. E nós que faremos? Deixando os Discipulos já consolados e animados, e applicando a mesma consequencia a nós, ella será a materia do meu discurso. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna, uma arte muito certa, muito util, muito agradavel, e muito breve, que é a arte de não estar triste. Se houvesse uma arte ou remedio universal, que totalmente nos livrasse de tristezas, e que em nenhum caso houvessemos ou pudessemos estar tristes, não seria muito para desejar, e para todos a quererem aprender? Pois isto é o que hoje pertendo ensinar com a divina graça. Peçamol-a por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria.*

II

A enfermidade mais universal que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contraria á saude dos corpos, senão tambem a mais perigosa para

a salvação das almas, qual cuidaes que será? E' a tristeza.

Primeiramente é enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma ha tão sadia, e de ares tão benignos e puros, que esteja isenta deste contagio, e nenhum homem ha tão bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente não esteja sujeito aos tristes accidentes da melancolia. O primeiro e infallivel prognostico, e tambem universal desta doença, quando ainda não sabemos dearticular vozes, é entrarmos neste mundo chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão (mettendo-se tambem elle na conta) porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, á que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não é filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro peccado do genero humano, nasceu um tão negro e feissimo monstro: e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos delle este triste patrimonio. Nenhum filho daquelle pae foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisongeado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes della não padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradaveis essas mesmas felicidades. Este mundo em que vivemos, todo é valle de lagrimas, nome com que o baptisou David ainda para depois de christão: *In valle lacrymarum, in loco, quem posuit.* [1] Em todo este valle ninguem póde melhorar ou altear de logar, ainda que o ponha onde quizer: *In loco quem posuit:* e ninguem se póde isentar de tristezas, porque todo o mundo é valle, e todo o valle é de lagrimas: *In valle lacrymarum.* Só este valle é valle sem montes: e posto que alguns quizeram levantar montes neste valle, e parece que o conseguiram, todos esses montes, por altos e altissimos que sejam, não escapam do diluvio da tristeza. Os reis, os principes, os monarchas, os imperadores, os papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixam de chegar lá os nublados, e chuveiros continuos das tristezas. E' verdade que as tristezas dos prin-

[1] *Psalm.* LXXXIII, 7.

cipes andam sobredoiradas com os resplandores dos sceptros e das corôas; mas por isso mesmo são maiores e mais pezadas, porque são mais interiores. As tristezas que correm pelos olhos, não são as mais tristes; as que se afogam no coração, e as que o afogam, essas são as mais sensiveis e penetrantes. Aquelles mesmos resplandores que cá se admiram por fóra, são os relampagos das grandes tempestades que lá se occultam e devoram por dentro. Assim que a tristeza é um mal e enfermidade universal, de que ninguem escapa.

III

E' tambem, como dizia, a doença mais contraria á saude dos corpos; porque, mais ou menos aguda, sempre é mortal. Não o hei de provar com aphorismos de Hyppocrates ou Galeno, mas com Textos expressos todos do Espirito Santo. No Capitulo dezesete dos Proverbios, diz o Espirito Santo por bocca de Salomão, que a tristeza sécca os ossos: *Spiritus tristis exsiccat ossa.* [1] Se dissera que murcha e sécca a côr, a pelle, as veias, a carne, muito dizia; mas os ossos que são as partes mais interiores, mais solidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fabrica do edificio humano? Assim o diz a Sabedoria daquelles olhos que penetram dentro em nós, o que nós não podemos vêr. De sorte que é a tristeza um gusano negro (á differença dos brancos que roem o bronze) o qual nos está sempre comendo e carcomindo por dentro, e bebendo e seccando o humido daquellas raizes em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

Mas este *até que* quanto tardará? Não muito tempo, nem com passos vagarosos. Porque aquelle cavalleiro do Apocalypse, que montado sobre um cavallo pallido, tinha por nome Morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Santo o diz no Capitulo trinta e oito do Ecclesiastico: *A tristitia festinat mors.* [2] Para uns homens parece que vem a morte

[1] *Prov.*, XVII, 22.
[2] *Eccl.*, XXXVIII, 19.

a pé, para outros a cavallo; para uns andando, para outros correndo, porque uns morrem devagar, outros depressa; mas a Parca que sempre antes do tempo corta os fios á vida, é a tristeza. Vereis a um destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macilento, mirrado; as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse vêr dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, vêl-o-hieis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos, cujos são, e de que procedem? Sem duvida da melancolia venenosa e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors.*

Para prova desta funesta verdade, bastava um só, e sobejavam os dois Textos referidos do Espirito Santo; mas sobre elles accrescentou a mesma sabedoria o terceiro, tão admiravel e encarecido, que, se não fôra da bocca divina, pudéra parecer incrivel: *Omnis plaga, tristitia cordis est.* [1] A tristeza do coração não é uma só chaga, ou uma só ferida, senão todas. Sendo chaga e ferida do coração, bastaria ser uma só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o thesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas settas. D'alli sáem todos os espiritos vitaes, que se repartem pelos membros do corpo, e d'alli, se o coração é triste, todos os venenos mortaes que os lastimam e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cerebro lhe confundem o juizo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornam amargosa a doçura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista; ferem a lingua, e lhe emmudecem a falla; ferem os braços, e os quebrantam; ferem as mãos e os pés, e os entorpecem; e ferindo um por um todos os membros do corpo, nenhum ha que não adoeça daquelle mal, que maior molestia lhe póde causar, e maior pena. Considerae-me um cadaver vivo,

[1] *Eccl.*, XXV, 17.

morto e insensivel para o gosto; vivo e sensitivo para a dôr: ferido e lastimado, chagado e lastimoso: cercado por todas as partes de penas, de molestias, de afflicções, de angustias; imaginando todo o mal, e não admittindo pensamento de bem: aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo; sem allivio, sem consolação, sem remedio, e sem esperança de o ter, nem animo ainda para o desejar; isto é um triste de coração. Os outros venenos, em chegando ao coração, matam; mas este, como nasce, e se cria no mesmo coração, vae mais de vagar em matar, mas não póde tardar muito.

IV

Fosse embora tão contraria á vida e saude dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o peior mal deste mal é ser igualmente perigosa e nociva á salvação das almas. Este é o terceiro ponto deste primeiro discurso, e uma verdade pouco sabida, sendo a de maior importancia.

Tristitia animarum crudele tormentum est, et vermi similis venenato, non solum carnem, sed animam ipsam perimens. A tristeza, diz S. João Chrysostomo, é um cruel tormento da alma, e similhante a um bicho venenoso, que dentro em nós não só mata os corpos, senão tambem as mesmas almas. Grande dizer; mas difficil ao que parece! A morte do corpo consiste na separação, com que a alma, que é a vida do corpo, se aparta do corpo; a morte da alma consiste na separação, com que Deus, que é a vida da alma, se aparta da alma: a separação da alma, com que morre o corpo, fal-a a febre, ou a espada; a separação de Deus, com que morre a alma, fal-a só o peccado. Pois se só o peccado é morte da alma, como póde a tristeza matar as almas? Por isso mesmo: porque sendo a morte da alma só o peccado, a disposição para o peccado mais aparelhada, mais prompta, mais efficaz e mais proxima é a tristeza. Neste sentido se hão de entender umas palavras do grande Doutor da Igreja S. Basilio, as quaes parece que dizem mais: *Nimia tristitia auctor peccati esse solet, cum mœror mentem submergat, et consilii inopia vertiginem afferat.* A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a auctora

e causa dos peccados; porque esta fortissima e escurissima paixão afoga a alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça cáem, assim ella por falta de juizo e conselho faz que cáiam os homens no peccado.

Pouco era para induzir a peccar, que a tristeza escurecêra só o entendimento, se a mesma escuridade não prendera e atara tambem a vontade. Das trevas, que foram a nona praga do Egypto, diz o Texto sagrado, que não só cegavam a vista dos homens, mas que os prendiam e atavam de maneira, que em quanto ellas duraram, nenhum se pôde mover, nem bulir do logar onde estava: *Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.* [1] Caso verdadeiramente admiravel, e exemplo prodigioso e horrendo do que póde a escuridade das trevas! Que fossem as trevas tão espessas que eclipsassem totalmente e escurecessem a luz do sol, bem se entende; mas se lhes faltava o sol, porque se não valiam do fogo, como os que vivem debaixo do pólo, nos seis mezes que o não vêem? Porque nem elles tinham movimento para accender o fogo, nem o fogo tinha vigor para vencer as trevas: *Et ignis quidem nulla vis poterat illis lumen præbere.* [2] Assim o affirma a mesma Escriptura Sagrada no Livro da Sabedoria, onde com exquisita elegancia pondera, que das trevas lhes formou Deus ou forjou uma cadêa, com que os atar: *Una enim catena tenebrarum omnes erant colligati.* [3] E diz mais o mesmo Texto, que sendo tão insupportavel o tormento das trevas, ainda os Egypcios padeciam outro naquella miseria mais pesado e intoleravel, que era soffrer-se cada um a si mesmo: *Ipsi ergo sibi erant graviores tenebris.* [4]

Tal é o estado de um triste, quando a força da sua mesma melancolia o mette no profundo e escurissimo abysmo da desconsolação. Assim como ao egypcio não lhe valia contra as suas trevas nem a luz do sol, nem a do fogo; assim não lhe basta a um triste nem o lume da fé, nem o lume da razão, para vencer as suas, que só lhe são palpaveis. E assim como o egypcio

[1] *Exod.*, x, 23.
[2] *Sapient.*, xvii, 5.
[3] *Ibid.*, 17.
[4] *Ibid.*, 20.

com aquella cadêa sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés e mãos; assim o triste, preso sem grilhões nem algemas á cadêa da sua propria tristeza (contando-lhe sempre os fuzis, a que não acha numero), nem tem pés para fugir, nem mãos para resistir ás tentações do demonio, e por isso está sempre exposto, e quasi rendido ao peccado. Disse, quasi rendido, e disse muitos menos do que devêra; porque se o demonio é o que tenta e vence, a força ou fraqueza, que dá a victoria, é a da tristeza. Oiçamos outra vez a mais eloquente voz da Igreja Catholica, e feche-nos o discurso Chrysostomo com a mesma chave de oiro com que o abriu: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum est mœroris spiritus: dœmon enim quoscumque ferè superat, per mœrorem superat. Eum si auferas, nemo à dœmone lædi poterit.* A tristeza humana é mais poderosa que toda a acção diabolica, porque todos aquelles a quem communmente vence o demonio, por meio da tristeza os vence: tanto assim, que se no mundo não houvera tristeza, a ninguem pudera vencer, nem offender o demonio. E porque este testimunho tão notavel não pareça singular, o mesmo diz São Bernardo, affirmando que, entre todos os espiritos malignos, o pessimo e mais nocivo de todos é a tristeza: *Certè tristitia sæcularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demonio, ajudado da tristeza, não é um só demonio, senão dois, e a tristeza peior e mais diabolica que o mesmo demonio.

E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demonio para o peccado, posto que bem creio que o terá cada um experimentado em si, eu o direi facilmente. E' muito natural aos tristes desejar o allivio, e procurar o remedio á sua tristeza; e quando a triste alma chega a estes pontos, então entra a tentação e o demonio; e os allivios e remedios que lhe offerece são taes como elle. Se a tristeza é por ambição e desejo de ser mais, persuade-lhe que não faça caso da Lei de Deus, como a Adão e Eva, que por serem como Deus a quebraram. [1] Se a tristeza é por pobreza, persuade-lhe que furte, como a Achan, soldado illustre, mas pobre, que furtou sacrilegamente a purpura e regra de

[1] *Gen.*, III.

oiro nos despojos de Jericó. [1] Se a tristeza é por amor, persuade-lhe a que vença por força e violencia o que não póde por vontade, como Ammon a Thamar, sem reparar na dobrada infamia em ambos igualmente sua. [2] Se a tristeza é por appetite do superfluo, como a d'el-rei Achab, persuade-lhe que ao dominio universal da corôa accrescente a vinha de Naboth, e com testimunho falso jurado, se não houver outra causa. [3] Se a tristeza é por affronta, persuade-lhe a que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue, e leis da hospitalidade matou aleivosamente a Ammon. [4] Se a tristeza é por inveja, persuade-lhe que derrube o invejado, posto que innocente e benemerito, como Aman, valido d'el-rei Assuero, ao fidelissimo Mardocheu. [5] Se a tristeza é por saudades, persuade-lhe a que dos retratos do ausente faça idolos, como deram principio á idolatria de todo o mundo as saudades de Belo. [6] Se a tristeza é por falta de filhos e successão, como a da outra Thamar mais antiga, persuade-lhe que se lh'os não ha de dar Sela seu esposo, os busque em quem lh'os póde dar, como ella fez em Juda, posto que adultera e incestuosamente. [7] Se a tristeza é por odio, como a de Saül a David, persuade-lhe que, ingrato ás cordas da sua harpa, com o ferro da propria lança o prégue a uma parede. [8] Se a tristeza é por falta de saude, persuade-lhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboão fizeram todos os reis de Israël [9] aos quaes e ao mesmo reino sepultou Deus vivos, e esses são os ossos já então seccos e mirrados, que viu Ezechiel ha mais de dois mil annos. [10] Infinita materia fôra se houveramos de discorrer por todos os peccados, com que o demonio ajudado da tristeza mata as almas. A Cain, triste por

---

[1] *Josuë.*, VII.
[2] *2.º Livr. dos Reis*, XIII.
[3] *3.º Livro dos Reis*, XXI.
[4] *2.º Livro dos Reis*, XIII, 29.
[5] *Esth.*, VI.
[6] *Gen.*, X.
[7] *Ibid.*, XXXVIII.
[8] *1.º Livr. dos Reis*, XVIII.
[9] *4.º Livr. dos Reis*, I.
[10] *Ezech.*, XXXVII.

se vêr menos favorecido, persuadiu-lhe o demonio que matasse a seu irmão, e matou-o. [1] A Achitofel, triste porque Absalão não seguira o seu voto, persuadiu-lhe que se matasse a si mesmo, e matou-se. [2] A Judas, triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadiu-lhe que se enforcasse: mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meio: *Crepuit medius.* [3]

V

Estes são os effeitos da tristeza (doença de que ninguem escapa nesta vida, e muito mais os mais entendidos), e este, que ultimamente declarei, é o modo com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão tambem as almas. Resta agora, neste segundo discurso menos melancolico, tratar do remedio desta peste do genero humano, e ensinar, como prometti, a arte de nunca estar triste.

Nas breves palavras que propuz temos uma e outra coisa, isto é, a tristeza e mais o remedio: A tristeza: *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* O remedio: *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis:* Porque vos disse que me ausento, encheu a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Como se dissera o Senhor a seus Discipulos pela phrase das nossas escólas: A vossa tristeza tem duas causas; uma positiva, outra negativa: uma que entendeis, outra não. Da minha parte dizer que me hei de apartar de vós; da vossa não me perguntardes para onde vou. Deu a tempestade com o navio á costa, e dizemos que se perdeu, porque lhe faltaram as amarras. Assim é neste mesmo sentido. Porque ainda que a força dos ventos foi a causa do naufragio, se as amarras não faltaram, nellas teria o remedio, e não se perdera. Da mesma sorte a causa ou motivo da tristeza dos Discipulos era a ausencia do

---

[1] *Gen.*, IV.
[2] *2.º Livro dos Reis*, XVII.
[3] *Act.*, I, 18.

divino e tão amado Mestre; mas se elles tiveram feito a pergunta em que não advertiram, nella teriam os seus corações o remedio da mesma tristeza: *Tristitia implevit cor vestrum, et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?*

Nestas duas palavras, *Quo vadis* (accommodando-as a nós), nesta pergunta tão breve, e nesta unica maxima ou preceito consiste toda a arte, que prometti, de nunca estar triste. Homem triste: se a tristeza te não tirou ainda o uso da razão, pergunta-te a ti mesmo para onde vaes, *quo vadis?* E esta consideração em qualquer caso ou estado da vida, por triste que seja, não só te servirá de consolação, de allivio, e de remedio, mas te livrará para sempre de toda a tristeza.

Isto é o que digo. E isto supposto, saibamos agora para onde imos todos, e cada um de nós? Sendo coisa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espirito Santo nol-a mandou advertir por bocca de Salomão no Capitulo doze do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat, et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* [1] O homem, posto que seja um, é composto de duas partes muito diversas — alma e corpo; e o caminho que fazem estas duas partes, é tornar cada uma para donde veio. O corpo, que veio da terra, torna para a terra, e para a sepultura: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat:* a alma, que veio de Deus, torna para Deus, e para o céu: *Et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* Por esta razão disse S. Cypriano allegado por Santo Agostinho: *Cum corpus è terra, spiritum è cœlo possideamus, ipsi terra, et cœlum sumus.* Sendo certo (dizem estes dois grandes lumes da Africa) que as duas partes de que somos compostos, uma a recebemos da terra, outra do céu, d'aqui se segue que pelo principio donde viemos, e pelo fim para onde caminhamos, tambem nós somos céu e terra. Até os Gentios menos barbaros conheceram estes dois caminhos, que todos fazemos. Assim o disse, como refere Plutarco, o famoso poeta Epicarmo naquelles versos:

Concretus est, ac discretus, et rursus abiit unde venerat,
Terra quidem in terram, spiritus ad superos.

[1] *Eccl.*, XII, 7.

Quer dizer: Nesta vida andam unidas no homem aquellas duas partes que depois se hão de dividir, e tornar cada uma para donde veio; a terra para a terra, a alma para o céu.

Pergunte agora o homem a seu corpo: Corpo meu, para onde vaes? *Quo vadis?* Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vaes? *Quo vadis?* E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder que vae para a sepultura; e a alma com a certeza da fé ha de confessar que vae para o céu; á luz deste conhecimento, tão claro e tão forte, não haverá nuvem de tristeza tão espessa e tão escura, que totalmente se não desfaça e desvaneça. Não dissemos pouco ha no primeiro discurso, que a tristeza não só atormenta e mata o corpo, senão tambem a alma? Pois este é o antidoto invencivel, que o corpo e alma têm contra aquelle veneno duas vezes mortal; e esta a arte facil e breve, com que o homem se livrará infallivelmente de toda a tristeza, só com perguntar ao mesmo corpo, e á mesma alma, para onde vão: *Quo vadis?*

VI

Não só tenho proposto, senão tambem dividido este segundo discurso, como o primeiro, em duas partes; uma pertencente ao corpo, outra á alma. E começando pelo corpo, se o homem lhe perguntar para onde vae, *quò vadis*, e elle responder, que vae para a sepultura; que homem haverá tão cego, que havendo de cahir o mesmo corpo naquella cova, não cáia elle em si, e não cáia na razão, que tem para não estar triste?

Morta Sara, comprou Abrahão duas sepulturas (covas lhes chama a Escriptura, *Speluncam duplicem*) [1] uma para ella, outra para si. E notam aqui os versados na mesma Escriptura, que desde então Deus, que muito frequentemente apparecia, e fallava com Abrahão, nunca mais lhe appareceu. Assim o podem vêr todos os que lerem os capitulos 23 e 24 do Genesis. E verdadeiramente que nunca parece teve Abrahão maior necessidade destas apparições e visitas de Deus,

[1] *Gen.*, XXIII, 9.

que na falta daquella tão fiel companhia de suas peregrinações, para consolação da sua soledade e saudades, e para allivio das tristezas, que, padecidas só por só, são dobradas. Que razão teria logo Deus, cujas razões são altissimas, para sobre aquelle primeiro golpe accrescentar este segundo a um varão tão benemerito da sua casa, e tão favorecido seu? Na vida de Sara, tinha Abrahão com quem partir os cuidados e os desgostos; nas apparições de Deus, tinha com que desterrar do coração e dissipar as tristezas, assim como ao apparecer dos raios do sol se dissipam e fogem as trevas. Diremos, pois, que escondida Sara debaixo da terra, e escondido tambem Deus no seu retiro, ficou menos assistido Abrahão do amor e providencia divina, sem estes dois soccorros? Não, respondem os mesmos observadores do caso. Porque Abrahão no mesmo tempo em que fechou a sepultura a Sara, abriu e apparelhou a sua; e um homem com juizo e com a sepultura á vista, é tão superior a tudo o que neste mundo faz tristes aos outros, que para vencer as tristezas, nem necessita de allivios da terra, nem de visões do céu. Um homem que se pergunta a si mesmo, para onde vae, *quò vadis;* e vê que com os passos do tempo, que nunca pára, vae sempre caminhando para a sepultura: ou já deixa detraz das costas, ou mette debaixo dos pés tudo o que costuma entristecer aos que isto não consideram. Na sepultura para onde caminhamos, o que depois se ha de enterrar é o proprio corpo; e o que desde logo fica sepultado, é tudo o que neste mundo póde causar tristeza.

Oh quantas lagrimas se choram, e quantas lamentações se ouvem, porque não ha quem ponha os olhos neste caminho inevitavel, e se pergunte: *Quo vadis?* A uns come por dentro a tristeza, porque se vêem pobres; a outros roe a inveja, porque poem ou lhes leva os olhos a abundancia dos ricos: e se uns e outros tiveram juizo, e se perguntaram para onde vão, tão pouco haviam de chorar uns o que lhes falta, como estimar os outros o que lhes sobeja. Vêde quão poderosas são, contra estes dois affectos, as sepulturas alheias, quanto mais a propria. Na ultima praga do Egypto disse Deus a Moysés, que elle daria tal graça ao seu povo com os mesmos Egypcios, que toda a prata e oiro, e joias e vestidos preciosos que tivessem lhes fariam, e desta sorte sahiriam daquelle captiveiro

ricos com os despojos dos mesmos de que eram escravos: *Daboque gratiam populo huic coram Ægyptiis, et cum egrediemini non exibitis vacui: sed postulabit mulier à vicina sua, et ab hospita sua, vasa argentea, et aurea, ac vestes, ponetisque eas super filios, et filias vestras, et spoliabitis Ægyptum.* [1] Esta foi a promessa divina, a qual se cumpriu com tanta pontualidade e largueza, que não houve em todo o Egypto quem repugnasse a entregar aos seus escravos e escravas quanto possuiam de preço, sem reparar no que tão facilmente se podia presumir de uma gente de que elles tanto se temiam. Não eram estes Egypcios os que para mais opprimir e dominar os Hebreus hontem lhes negavam as palhas que lhes pediam para seu serviço? Pois como agora duvidam em lhes metter nas mãos a sua prata, o seu oiro, e quanto teem de rico e precioso? Notae, diz excellentemente Lyrano, o tempo e occasião em que isso succedeu, e achareis a causa de uma tão notavel desattenção: *Quia Ægyptii erant intenti ad sepeliendos mortuos suos, quia nulla erat domus Ægypti, in qua non jaceret mortuus.* [2] Naquella occasião não havia casa em todo o Egypto, em que não houvesse algum morto, e como todos estavam attentos a sepultar os seus defunctos: *Intenti ad sepeliendos mortuos suos;* esta attenção das sepulturas lhes tirou de tal maneira a das proprias riquezas, que ninguem reparou no oiro, na prata, e no demais, deixando levar tudo sem cautella aos domesticos inimigos, que lh'o não haviam de restituir.

Este mesmo pensamento se confirma com grande energia, não passando, como vejo passar, sem reparo, uma palavra do mesmo Texto, digna para commigo de muito particular ponderação. Mandou dizer Deus ao povo, que lhe daria graça com os Egypcios: *Dabo populo huic gratiam coram Ægyptiis.* E que graça foi esta, ou em que consistiu? Explicando-a theologicamente se entenderá bem. A graça, e seus auxilios, ou são sufficientes sómente, ou efficazes: os sufficientes bastam, mas não teem effeito: os efficazes teem o seu effeito certo e infallivel, e por meio delles se consegue o fim para que foram dados. Em que consiste, porém, e de que depende esta efficacia? Consiste e

[1] *Exod.*, III, 21 e 22.
[2] *Lyr., ibi.*

depende de a mesma graça e seus auxilios se darem em tal opportunidade de tempo, e suas circumstancias, e em tal disposição do sugeito, que o seu livre alvedrio os acceite e use delles. Por isso S. Paulo chamou a esta graça, e seus auxilios, auxilios opportunos: *Ut gratiam inveniamus in auxilio opportuno.* [1] E da mesma opportunidade, que é a do tempo, tinha fallado David, quando disse: *Orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno.* [2] De sorte que antevê Deus o tempo opportuno ou não opportuno, accommodado ou não accommodado, em que o sugeito, segundo as suas disposições, ou ha de rejeitar ou acceitar os auxilios da graça: e quando elles são dados na opportunidade desta disposição antevista por Deus, então são efficazes, e teem infallivel effeito, como o teve a graça promettida e dada aos Hebreus: *Dabo populo huic gratiam.* E qual foi a opportunidade de que dependia a efficacia e effeito da mesma graça? Foi a opportunidade do tempo, em que elles tinham posta toda a sua attenção e cuidado nas sepulturas dos seus defunctos; *Attenti ad sepeliendos mortuos suos;* e por isso não attenderam, nem fizeram caso de entregar o oiro, a prata, e tudo o precioso do Egypto aos Hebreus. Se fôra antes deste tempo, e desta occasião, ainda que fossem palhas as que pedissem a seus senhores, mandal-os-iam castigar como escravos, e assim o fez Pharaõ; mas como estavam com as morialhas dos defuntos nas mãos, e as sepulturas diante dos olhos, por isso os olhos foram tão desattentos, e as mãos tão liberaes, que de tudo o que mais prezavam se esqueceram e não fizeram caso: *Dabo populo huic gratiam, et spoliabitis Ægyptum.*

VII

Se bem considerarmos as causas (que lhes não quero chamar razões) porque os queixosos da sua fortuna vivem tristes, e se lhes faz triste a vida, acha-

[1] *Hebr.*, IV, 16.
[2] *Psal.*, XXXI, 6.

remos que principalmente são, não poderem gosar os dois mais saborosos fructos das mesmas riquezas de que os Egypcios ficaram despojados. E quaes foram estas? As suas baixellas, e as suas joias e galas: *Vasa aurea, et argentea, et vestes.* As baixellas pertenciam á meza, as galas ao vestido; e estes são os dois excessos em que a parte irracional do homem, que é corpo, ou regala o appetite proprio por dentro, ou se ostenta aos olhos alheios por fóra. O comer e o vestir são duas coisas, sem as quaes se não póde viver, em que teem grande batalha no homem a moderação do necessario, e a intemperança do superfluo. Desta intemperança em um e outro appetite foi famoso exemplo (ou escandalo) neste mundo aquelle rico a quem se não sabe o nome, por ser indigno de o ter, do qual diz o Evangelho, que o seu trajo eram purpuras e holandas, e a sua meza perpetuos e esplendidos banquetes: *Induebatur purpura, et bysso: et epulabàtur quotidie splendidè.* [1] O mesmo Evangelho diz que depois desta vida tão regalada nas delicias do tacto, como do gosto, foi sepultado no inferno o mesmo rico: *Sepultus est dives in inferno.* [2] Mas se elle tivera juizo, não lhe era necessario para se moderar em um e outro appetite ir buscar a sepultura ao centro da terra: bastam as dos que ella recebe em sete pés de comprimento, e cobre com quatro de alto.

Caminhando Jacob da sua patria para Mesopotamia, no meio desta peregrinação fez um voto particular a Deus, para que sua providencia se dignasse de o assistir, dando-lhe nomeadamente pão para comer, e panno para vestir: *Panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum.* [3] Por certo que nem da parte de Deus, nem da sua, parece se devêra contentar Jacob com tão pouco. Da parte de Deus não; porque era tão favorecedor daquella familia, que se chamava Deus de seu avô, Deus de seu pae, e Deus seu: *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob:* [4] e da parte do mesmo Jacob tambem não; porque a meza e guarda-roupa da casa de seu pae era muito nobre: e bem lembrado

[1] *Luc.*, XVI, 19.
[2] *Ibid.*, 22.
[3] *Gen.*, XXVIII, 20.
[4] *Exod.*, III, 6.

estava elle que as pelles de que sua mãe lhe cortou as luvas eram de duas crias as mais mimosas do monte para um só guisado, e as roupas com que fez a figura de seu irmão, não pouco preciosas: *Vestibus Esaü valde bonis.* [1] Pois se Jacob estava costumado a viver com tão differente largueza em uma e outra commodidade, e tinha a Deus com as mãos abertas; porque se contenta com tão pouco? Porque naquella peregrinação caminhava com a sepultura diante dos olhos. Offendido Esaü de lhe ter Jacob furtado a benção, resolveu-se a lhe tirar a vida: *Occidam Jacob fratrem meum.* [2] Por isso lhe aconselhou a mãe que fugisse: e esta sua peregrinação verdadeiramente era fugida, porque Esaü o não matasse. Supposto, pois, que fugia, parecerá que deixava a morte e a sepultura detraz das costas; mas o certo é que ninguem a levou nunca mais diante dos olhos: e um homem com a morte e sepultura diante dos olhos, não é muito que nem a pedir, nem a desejar se atrevesse mais que o necessario e precioso para viver, ou para não morrer. A fome e o frio, com o medo e apprehensão dos passos que levava, se lhe moderaram, compuzeram, e accommodaram de tal sorte, que a fome para comer se contentava com pão sêcco, e o frio para se cobrir, com panno de qualquer estofa: *Panem ad vescendum et vestimentum ad induendum.*

Parece-me que ou Jacob neste passo se revestiu propheticamente do espirito de S. Paulo, ou S. Paulo tantos seculos depois historica e exemplarmente do de Jacob: *Habentes alimenta, et quibus tegamur, his contenti sumus.* [3] Com que tenhamos o que baste para sustentar e cobrir o corpo, teremos tambem o que basta para estar contentes, escreve o Apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo commentando este Texto, e contrapondo a largueza e abundancia dos ricos, á estreiteza e moderação dos pobres no mesmo vestir e comer, philosopha assim elegantemente: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus; et propter quæ divitiæ comparantur, vilibus mutare cibis, et crassiore tunica compensare.* [4] Não

[1] *Gen.*, XXVII, 15.
[2] *Ibid.*, 41.
[3] *1 Timoth.*, VI, 8.
[4] Jeron. in hunc locum Pauli.

cuidem as galas e gulas dos ricos, diz o Doutor Maximo, que carecem os pobres do que elles gosam; porque tudo o que elles alardeam com largueza no seu muito, logram compensado os pobres, e abreviado no seu pouco: os ricos e vãos nas galas; elles no vestido grosseiro, *crassiore tunica:* os ricos e vãos nos regalos; elles no mantimento vil, *vilibus cibis.* E que se segue d'aqui? Segue-se que o contentamento e alegria que a riqueza e vaidade pretende, só a pobreza sizuda o alcança, e muito maior: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus.* Deixo de ponderar estas ultimas palavras; só digo que para quem caminha para a sepultura, levar o mundo debaixo dos pés, mais é triumpho que enterro, posto que mal banqueteado e mal vestido.

VIII

E porque atégora fallámos com estes dois appetites juntos persuadindo-os a que se contentem com o seu pouco; oiçamos tambem cada um de por si, pois são de tão differente natureza, que se não podem sujeitar á mesma razão, nem domar com o mesmo freio. Ao que póde entristecer o corpo por se vêr menos nobremente trajado, que diremos? De novo, nada: porque nos não havemos de divertir do nosso caminho. Mas que se lembre bem do *quo vadis*, e seja pela bocca de Job. Quando a Job, tão liberalmente herdado dos bens da fortuna, lhe chegaram uma sobre outra as novas de os ter perdido todos em só dia: que é o que fez, e o que disse? O que fez foi rasgar as vestiduras: *Scidit vestimenta sua:* [1] e o que disse, foram estas palavras: *Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc.* [2] Nú sahi do ventre da minha primeira mãe, e nú tornarei para o ventre da segunda, que é a terra. Aquelle *revertar illuc*, responde ao nosso *quo vadis.* Appellou Job da fortuna para a natureza, como se dissera rasgando as vestiduras: Já que a fortuna me tirou hoje tudo o que me tinha dado ou em-

[1] *Job.*, I, 20.
[2] *Ibid.*, 21.

prestado, como se eu neste jogo, tão propriamente seu, não perdèra, mas ganhára, até isto, que só me deixou para me cobrir, lhe quero dar de barato. E quem quando vae para a sepultura se contenta com a pelle: *Et nudus revertar illuc*, vède se o podem fazer triste a falta das galas. Mas não vamos buscar este desengano á terra de Hus.

Adoeceram na nossa terra ou um mancebo tão prezado da gentileza como Absalão, ou uma dama de tão celebrada formosura como Rachel, e tão requestada por ella como Helena: e chegados ambos á ultima desconfiança da vida, na primeira clausula do testamento, depois da protestação da fé, diz cada um que seu corpo seja sepultado no habito de S. Francisco. Isto que pelo costume se não estranha, verdadeiramente é digno de grande admiração. Não ereis vós (um e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em uma joia quanto tinheis, e talvez o que não tinheis? Pois como agora vos mandaes vestir com tanta differença, e vos contentaes com um habito de burel, e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. Agora, dizem, e dizem o que cuidavam; porque dantes não sabiam para onde iam. Oh miseria! Oh cegueira! Oh engano da vaidade, e ignorancia humana! Cuidamos que só imos para a sepultura, quando em hombros alheios somos levados a ella; e não acabamos de entender que desde a hora em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a um recem-nascido, quando sáe do ventre da mãe, lhe perguntassemos: *Quo vadis:* menino que agora entrastes no mundo, para onde ides? E' sem duvida que se elle tivesse já uso de razão, e falla para responder, responderia com as palavras de Job: *De utero ad tumulum.* [1] Desde a hora de meu nascimento vou caminhando para a sepultura; e estas faxas são a minha primeira mortalha. Desenganemo-nos os mortaes, que todo este que chamamos curso da vida, não é outra coisa senão o enterro de cada um; por signal que quanto mais pompa mais cruzes.

Pois se estas hão de ser as galas da ultima jornada da vida, porque não nos contentaremos que sejam

[1] *Job.*, x, 19.

menos vãs as de toda ella? Gloriam-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mesmo Christo, fallando das de Salomão, lhes chamou a sua gloria: *Nec Salomon in omni gloria sua.* [1] E esta gloria ha de descer com elles á sepultura? Não: *Quoniam cum interierit, non sumet omnia, nec descendet cum eo gloria ejus.* [2] Pois porque nos ha de levar tanto após si o que cá ha de ficar, e não nos accommodaremos desde logo ao que só havemos de levar comnosco? Aquelle grande Soldão do Egypto, o famoso Saladino, estando para morrer mandou levar por todo o seu exercito a mortalha em que havia de ser sepultado, na ponta de uma lança, com um pregão que dizia: «De tudo quanto adquiriu Saladino, isto é o que só ha de levar deste mundo.» Ditosos os soldados que então se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquella bandeira! O imperador Carlos V anticipando o mesmo desengano, trazia sempre comsigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resolução, maior que todas suas victorias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias, quando se vestem, de tal modo se compoem do pé até a cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fôra a mortalha, com que hão de ser levados a ella. Este é o trajo dos desertos e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir a Deus, o mesmo habito que vestimos, é a mortalha em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este trajo por triste; mas nós em confiança delle nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.* [3]

IX

Se a consideração da sepultura, e a nossa pergunta *Quo vadis*, é tão efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas; para a fazer toleravel na mais sensivel da meza, não é menor a sua efficacia.

---

[1] *Math.*, VI, 29.
[2] *Psal.*, XLVIII, 18.
[3] *2.ª ad Cor.*, VI, 10.

Queixa-se da sua fortuna o pobre, porque sendo tão liberal com os ricos, com elle seja tão avara, que apenas para comer lhe conceda, com o suor do seu rosto, um pedaço de pão. E eu antes de passar ao nosso remedio, não só quero reparar no pão, senão no mesmo pedaço, que o faz queixoso e triste. Perto de cem annos havia que o primeiro ermitão, S. Paulo, vivia em uma cova, quando nella o visitou o grande Antonio, a quem nós, para significar a sua grandeza, chamamos Antão. Depois de se saudarem sós, chegou um corvo com um pão no bico, e o poz entre os dois. Admirou-se o hospede, e o habitador da cova lhe disse: Has de saber, irmão Antonio, que de muitos annos a esta parte, depois que me foram desfallecendo as primeiras forças, por este corvo me manda Deus todos os dias meio pão; e agora porque somos dois, dobrou o Senhor a ração a seus servos, e por isso nos mandou o pão inteiro. Quem não pasmará que este jantar para os dois maiores homens que Deus tinha no mundo, fôsse mandado da sua meza? E' possivel que a providencia, a grandeza, a magnificencia de Deus a Paulo sustenta cada dia com meio pão, e a Paulo e Antonio com um pão? E é possivel que um homem com fé não estime e se glorie muito de que ás duas ametades de pão de Paulo e Antonio, se ajunte tambem o pedaço do seu, sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deus? Não ha duvida que se és christão, nunca a tua ambição e cubiça podia aspirar a maior fortuna que esta a que te tem levantado a tua propria pobreza, egualando-te não aos principes das cento e dezesete provincias no banquete de Assuero, mas aos dois maiores amigos e favorecidos que tem no mundo o supremo Senhor de todo elle. Vê agora quão enganosa é a tua tristeza, e tu quão enganadamente queixoso da tua fortuna.

Mas porque não cuides que te quero consolar por outro caminho, responde-me: Para onde váes: *Quo vadis?* Vaes para a sepultura? Sim: e todos os mais ricos e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura tambem. Dá, pois, muitas graças á estreiteza da tua meza, e ao teu pouco pão; porque sendo certo que todos hão de chegar á sepultura sem nenhum remedio; só tu por comer menos chegarás á sepultura mais tarde, e só tu por comer menos, serás nella menos comido. A natureza fez o comer para o

viver, e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da casta d'aquelles de quem dizia Socrates, que não comiam para viver, mas só viviam para comer, conta a Sagrada Escriptura, que exhortando-se de commum consentimento diziam: *Comedamus, et bibamus, cras enim moriemur:* [1] Comamos e bebamos, porque ámanhã havemos de morrer. A consequencia era tão barbara e brutal como quem a inferia. Mas que fundamento tinham estes homens ou estes brutos, para prognosticar que ao outro dia haviam de morrer? O mesmo que elles diziam: *Comedamus et bibamus.* Das demasias da sua gula, inferiam a brevidade da sua vida. O dia dos banquetes era a vespera do dia da morte. A gula havia de cantar as vesperas hoje, e a morte as havias de chorar ámanhã: *Cras enim moriemur.* Não allego Hyppocrates nem Galenos, que assim definem esta brevidade; porque não são necessarios os aphorismos da sua arte, onde temos os da nossa experiencia. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as cruezas; das cruezas, a confusão e discordia dos humores, dos humores discordes e descompostos as doenças; e das doenças a morte. Supposto, pois, que todos havemos de morrer, e todos imos para a sepultura, o maior favor que Deus póde conceder a um mortal, é que morra e chegue lá mais tarde. E este é o primeiro privilegio dos pobres, a quem a Providencia Divina quanto nega de abundancia e regalo, tanto accrescenta de vida.

Oiçam os abundantes e regalados, o que sobre isto ensina a verdade daquelle Senhor, que o é da vida e da morte: *Omnis potentatus vita brevis.* [2] Outra versão em logar de *vita* lê *via:* e tudo é o mesmo; porque a vida que vivemos, é a via com que caminhamos para a sepultura, e o termo do nosso *Quo vadis.* Qual é logo a razão, porque a vida e a via dos poderosos e ricos é breve, e faz Deus esta differença entre os ricos e os pobres? Porque os ricos e poderosos dão muita materia á gula; os pobres ainda que queiram não podem. Santo Agostinho dava graças a Deus por lhe haver ensinado que uzasse dos alimentos como das medicinas: *Hoc me docuisti, ut quemadmodum ad me-*

[1] *Isai.*, XXII, 13.
[2] *Eccl.*, X, 11.

dicamenta, sic ad alimenta sumpturus accederem. [1] De sorte que aquillo sem que não podemos viver, é o mesmo que nos mata, tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida é o veneno da vida, e com medida o medicamento della; esta é a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura tambem mal entendida dos pobres. A vida e a via de uns e outros, igualmente caminha para o mesmo termo, que é a sepultura: mas os passos não são iguaes. Porque como a abundancia e gula dos ricos é o seu veneno, e a estreiteza e abstinencia dos pobres o seu medicamento; os ricos chegam á sepultura, como S. João á de Christo, primeiro e mais depressa; e os pobres, como S. Pedro, mais devagar, e mais tarde.

E depois de chegados uns e outros á sepultura, teem tambem dentro nella alguma differença? Sim; e muito grande, que é o segundo privilegio dos pobres. A gula assim como ceva as aves, para que as comam os homens, assim ceva os homens, para que os comam os bichos. Miseravel condição da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz um proverbio dos Hebreus: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes.* Os corpos dos ricos cheios e anafados, são o banquete dos bichos; os dos pobres, sêccos e postos nos ossos, são o seu jejum. Que bem se viu isto naquelle em que o pobre Lazaro e o rico avarento foram á sepultura! O rico em sepulchro de marmores banqueteando esplendidamente os bichos, como elle costumava comsigo: e o pobre, que nem as migalhas que lhe cahiam da meza tinha para se sustentar, sepultado na terra nua; mas não tendo a mesma terra que comer nelle. Diz S. Paulo aos Corinthios: *Esca ventri, et venter escis:* [2] O comer para o ventre, e o ventre para o comer. S. Paulo não dizia trocados: qual é logo o sentido e commento destas palavras, que o parecem? *Esca ventri, id est, hominis: venter escis, id est, vermium.* Os regalos exquisitos trazidos de tão longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guizados com tantos artificios, são para o ventre do homem: e esse ventre assim regalado, assim mimoso, e assim custoso, para quem é? Para o comerem os bichos. Por isso primeiro diz: *Esca ven-*

[1] August. Confess. C. 31.
[2] *1.ª ad Cor.*, VI, 13.

tri, e depois: *Venter escis;* porque o que na vida é regalo para um, na sepultura é pasto para tantos. Até no manná que cahia do céu, o superfluo que excedia o preciso, se convertia em bichos: e este é o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere, pois, o rico e o pobre para onde vae: *Quo vadis?* Para que o rico modere a sua abundancia, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre e o rico e o rico mais apressadamente que o pobre todos imos parar alli, lamentem-se os ricos da sua riqueza, e das suas galas e regalos: sejam os pobres os contentes, e elles os tristes. E paguem com a tristeza a fraqueza dos seus corações: *Tristitia implevit cor vestrum.*

X

Já perguntámos ao corpo: *Quo vadis?* para onde ia? E nos respondeu por bocca do Espirito Santo, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta, e responderá por bocca do mesmo Oraculo divino, como tambem vimos, que vae para o céu. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *Quo vadis*, assim e muito melhor achará a alma o remedio das suas no seu, quanto vae do céu á terra.

Se houve alma triste neste mundo foi a de David, á qual elle tantas vezes perguntou pela causa de sua tristeza: *Quare tristis es anima mea?* [1] E como a alma lhe não respondesse, porque as causas deviam pertencer mais á parte sensitiva que á racional; resolveu-se elle a fazer a pergunta ao todo, como composto de ambas, e fallando comsigo mesmo, diz assim no Psalmo 42: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* [2] Porque ando eu triste, quando me affligem meus inimigos? Notavel modo de perguntar! Isto é pergunta ou resposta, ou pergunta e resposta juntamente? Se perguntaes porque andaes triste, e dizeis que vos affligem vossos inimigos; isto é dar a causa, e pedil-a. Que maior e mais justa causa de andar um homem triste, que vêr-se affligir de seus inimigos, e mais quando

---

[1] *Psalm.* XLI, 6.
[2] *Psalm.* XLII, 2.

não merece a inimizade nem a afflicção? David era um homem de tão bom coração, que o comparou Deus com o seu. E tendo tantas outras virtudes, nenhuma era mais eminente nelle que a mansidão: *Memento, Domine, David, et omnis mansuetudinis ejus.* [1] Comtudo, ninguem padeceu maiores odios e perseguições, e ninguem teve mais e maiores inimigos. O primeiro e principal era Saül, com que vinha a ter contra si o rei e toda a Côrte. O mesmo David diz que eram tantos os seus inimigos, que com elle não ser facil de derrubar, com a multidão o tinham mettido debaixo dos pés: *Conculcaverunt me inimici mei: quoniam multi bellantes adversum me.* [2] Diz que eram tão injustos, que prevalecendo violentamente contra a sua justiça, lhe faziam pagar o que não devia: *Confortati sunt qui persecuti sunt me inimici mei injustè: quæ non rapui, tunc exolvebam:* [3] Que eram tão traidores, que os mesmos que tinham obrigação de o defender, se uniam em conselhos para o destruir: *Dixerunt inimici mei mihi: et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum:* [4] Que eram tão raivosos, que como cães damnados, não só o mordiam, mas lhe quebravam os ossos: *Dum confringuntur ossa mea, exprobraverunt mihi inimici mei.* [5] Que eram por uma parte tão pertinazes, que de pela manhã até á noite o estavam calumniando: *Tota die exprobrabant mihi inimici mei,* [6] e por outra tão fingidos, que em presença o louvavam, e voltando as costas, juravam contra elle: *Et qui laudabant me, adversum me jurabant.* [7] Finalmente, tão astutos, tão duros, tão fechados na sua impiedade, e tão soberbos, que chegaram a lhe pôr de cerco a propria alma: *Inimici mei animam meam circumdederunt, adipem suum concluserunt: os eorum locutum est superbiam.* [8]

Todas estas causas, tantas e tão fortes, tinha David

---

[1] *Psalm.* CXXXI, 1.
[2] *Ibid.*, LV, 3.
[3] *Ibid.*, LXVIII, 5.
[4] *Ibid.*, LXX, 10.
[5] *Ibid.*, XLI, 11.
[6] *Ibid.*, CI, 9.
[7] *Ibid.*
[8] *Ibid.*, XVI, 9 e 10.

para andar triste, nem elle as ignorava, ou eram outras; porque quando disse: *Tristis incedo*, logo accrescentou: *Dum affligit me inimicus;* e quando pérguntava: *Quare?* não era por duvidar das causas da afflicção e tristeza, mas porque ignorava e não sabia atinar com o remedio. E que faria, não como rei e como politico, senão como propheta, e como santo? O que fez immediatamente no verso seguinte, foi recorrer a Deus, pedindo-lhe o soccorresse naquella perplexidade com a sua luz, e com a sua verdade: *Emitte lucem tuam, et veritatem tuam:* [1] com sua luz, que o allumiasse no profundissimo e escurissimo abysmo da tristeza em que estava; e com sua verdade, que desfizesse as falsidades e calumnias, com que seus inimigos o perseguiram. Assim orou, e assim o soccorreu Deus promptissimamente com a luz e verdade que pedia, mas não com remedio que o livrasse das perseguições, senão com outro mais alto e sublime, que o livrou da tristeza que ellas lhe causavam. E qual foi? O mesmo David o diz tambem immediatamente no mesmo verso: *Ipsa me deduxerunt, et adduxerunt in montem sanctum tuum, et in tabernacula tua.* [2] A mesma luz e verdade, Senhor, que vos pedi, me guiaram e levaram a que levantasse os olhos, e os puzesse no vosso monte santo, que é o céu, e nessa côrte bemaventurada, onde tendes as vossas moradas eternas. Oh luz e verdade divina! A causa de andarmos tristes nos trabalhos, nas perseguições, e nas outras miserias, ou naturaes ou violentas desta vida, é porque somos cegos, e não vêmos esta luz; é porque somos ignorantes, e não conhecemos esta verdade. Como se dissera Deus a David: Dizes que andas triste: *Tristis incedo?* [3] Pois olha para esses mesmos teus passos (que tu dizes observam teus inimigos para te calumniarem: *Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt)* olha para esses mesmos teus passos, conhece que com elles vaes caminhando para o céu (e a tanto mais largas jornadas, quanto os trabalhos e perseguições forem maiores); e logo pizarás as mesmas tristezas que te molestam e affligem, e as metterás debaixo dos pés. Assim o co-

---

[1] *Psalm.* XLII, 3.
[2] Montem sanctum, idest Cœlum, glosa Hugo.
[3] *Psalm.* XXXVII, 17.

nheceu e experimentou o já não triste David, mas animado e contente; e com as mesmas palavras que d'antes, mas com muito differente energia, tornou logo no mesmo Psalmo a perguntar á sua alma: *Quare tristis es anima mea?* E bem, alma minha, depois desta nova luz, e desta nova verdade estarás ainda triste? Não sabes que as tempestades em pôpa levam mais depressa ao porto? Se o teu porto é o céu, caminhando para lá, que te póde entristecer na terra? Por ventura o tempo, que lá se chama eternidade? Os trabalhos, que lá se medem com o descanço? As penas, que lá se convertem em glorias? As perseguições, que lá são palmas? As calumnias, que lá são corôas? As linguas maldizentes dos homens, que lá são louvores da bocca de Deus? *Quare, quare tristis es anima mea?*

XI

As almas tristes, a umas perturba-as a sua tristeza por dentro: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?* a outras affligе-as a mesma tristeza por fóra: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* E toda a causa do que padecem, é porque são mudas e cégas. Uma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vae: *Quo vadis?* E cega não olha para o Norte sempre seguro e firme, que desde o céu lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque ha tantas almas desconsoladas e tristes: eis aqui porque andam tantos corações rebentando de melancolia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Entendam essas almas que são almas, e que o fim para que foram creadas, e para onde caminham, é o céu; e logo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa e temerosa que seja, e mais triste que pareça. A maior e mais penetrante tristeza que padeceu alguma alma jámais, foi a de Christo Redemptor nosso no Horto, tão penetrante, e tão terrivel, que lhe fez suar sangue, e bastaria a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* [1] O remedio milagroso que teve esta tristeza, foi mandar Deus do céu um anjo, que viesse consolar e confortar a seu

[1] *Math.*, XXVI, 38.

Filho, que para nosso exemplo permittiu que os affectos naturaes obrassem ou executassem em sua humanidade santissima tudo o que podem nas outras. Desceu o Anjo, prostrou-se de joelhos ante o acatamento do seu quanto mais angustiado mais veneravel monarcha, resuscitou-lhe o animo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza: mas com que razões, ou motivos? Estava o Senhor inclinado sobre a terra: *Procidit in faciem*; [1] rogou-lhe humildemente quizesse levantar os olhos ao céu, e defel-os um pouco na mesma vista. Sobre aquelle pavimento de estrellas, ó Principe do firmamento (disse então o Anjo) se levanta o immenso palacio de vosso Pae: no logar mais eminente delle vos está já apparelhado o throno em que haveis de estar assentado á sua dextra: dos tormentos que agora vos causam tanto horror, a cada momento de pena succederá uma eternidade de glorias: a cruz será o famoso tropheu com que no dia do Juizo sahireis triumphante a julgar o mundo: dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova corôa imperial de Redemptor dos homens, e monarcha universal de homens e anjos: os dois cravos que vos abrirem as mãos, serão duas trombetas de bronze immortal que publiquem, sem jámais cessar, as vossas façanhas: dos que vos rasgarão os pés se formarão as cadêas, que renderão e trarão a elles a adoração de todas as gentes: na grande brecha, com que o golpe da lança vos penetrará o peito, se desaffogará o immenso amor de vosso coração. Mais ia a dizer o Anjo, quando o Senhor já em pé, não só com passos animosos, mas com semblante alegre e forte, ia a receber o encontro das cohortes armadas de seus inimigos. E não é menos que Santo Thomaz quem assim o affirma, glosando a palavra *confortans*, com estas: *Proposito sibi gaudio æternæ vitæ pro præmio*. O que se ha de entender, não da gloria essencial, mas dos muitos titulos gloriosos, a que pela morte de cruz foi exaltado Christo, e gosa eternamente no céu.

As palavras de S. Thomaz foram tresladadas da penna de S. Paulo, e as de S. Paulo, por revelação particular, resumidas da bocca do Anjo. Onde se deve muito notar a propriedade theologica daquelle termo

[1] *Math.*, XXVI, 38.

Proposito sibi: porque, como doutamente commenta Caetano, o Anjo só podia confortar a Christo propondo. E verdadeiramente a revelação deste segredo, não só era necessaria, mas de summa consolação e remedio para todos os que com grandes causas ou se vêem tentados da tristeza, ou já vencidos. Aquelle Homem, cuja alma estava com tal excesso triste, que bastaria para lhe tirar a vida, com o temor e apprehensão terrivel dos tormentos, dôres e affrontas que do Horto ao Calvario lhe estavam apparelhadas, não só era Homem, mas Deus: e que razões e motivos podia excogitar o entendimento de um anjo para confortar e consolar a tristeza de um Homem-Deus, e para esse Homem com a sabedoria e entendimento de Deus se persuadir e deixar convencer dellas? Foram, ou foi só, diz S. Paulo, a consideração dos premios do céu tão vivamente representada, como só podia fazer quem descia delle. Com nenhum outro encarecimento se viu nunca o céu tão acreditado, nem a força do argumento *quo vadis* tão encarecida. O caminho do Horto até o Calvario era o mais repugnante á natureza humana, posto que unida á divina; o mais aspero, o mais cruel, o mais horrendo, o mais intoleravel: o mais aspero, pela delicadeza do sugeito; o mais cruel, pela fereza dos inimigos; o mais horrendo, pelo rigor dos tormentos; o mais intoleravel, pela infamia das injurias e affrontas. Mas com o céu á vista tudo facilitou a consideração sómente do glorioso fim do mesmo caminho. Ponderemos as palavras do Apostolo: *Qui proposito sibi gaudio sustinuit crucem, confusione contempta.* [1] O que o Anjo representou á sagrada Humanidade agonisante e tristissima, foram os gostos, que em logar dos tormentos, e a exaltação e honras, que em logar das affrontas no céu lhe estavam apparelhadas por premio: e este foi todo o apparato da pompa da Paixão, e os presupostos valentes e animosos, com que o Senhor, de noite e de dia, por passos e estancias, tão lastimosas e tragicas, desde o Horto chegou ao Calvario, até expirar nelle. Olhemos para o Filho de Deus caminhando com a cruz ás costas, e não só o veja o nosso espanto, e a nossa piedade por fóra, mas muito mais a nossa fé por dentro. Diante

[1] *Hebr.*, XII, 2.

dos olhos levava o premio do céu: *Proposito sibi gaudio;* debaixo dos pés pisava os desprezos e as affrontas: *Confusione contempta:* e sobre os hombros sustentava o pezo e tormentos da cruz: *Sustinuit crucem.*

Os tormentos e as affrontas eram os dois ingredientes terriveis de que se compunha a bebida do calix, que tanto o mesmo Senhor repugnava no Horto: *Transeat à me calix iste:* [1] e sendo a mesma bebida dantes tão amarga, não duvida dizer e cantar a Igreja, que depois lhe foi ao Senhor muito suave e doce: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* A mesma doçura reconhece tambem a Igreja nas pedras de Santo Estevão: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt.* De que modo, pois, e por que arte ao primeiro Martyr, e muito mais ao Rei dos martyres, se lhe trocou o fel em mel, e a amargura em doçura? Porque ambos padeceram com o céu á vista: Christo: *Proposito sibi gaudio;* Estevão: *Ecce video cœlos apertos.* [2]

XII

Este é o modo, e esta a arte, ó almas, com que no meio dos maiores desgostos e trabalhos da vida podeis viver sem tristeza. Pergunte-se cada uma: *Quo vadis?* e respondendo que vae para o céu, logo como encantada destas duas palavras, fugirá e desapparecerá a tristeza. E se houver alguma alma tão mimosa, que diga ou cuide que tambem se póde ir ao céu sem padecer, respondo, que se engana. E porque? Porque quem fez o céu, fez tambem o caminho para elle. E qual é o caminho que elle fez? O do padecer, o dos trabalhos, o das adversidades, o das molestias, o das tribulações. Assim o mandou o mesmo Deus publicar a todo o mundo pelos seus Apostolos com um pregão universal, que diz assim: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei:* [3] Quem quizer ir ao céu e ao reino de Deus, saiba que não póde entrar lá senão por muitas tribulações. Aquelle

---

[1] *Math.*, XXVI, 39.
[2] *Act.*, VII, 55.
[3] *Ibid.*, XIV, 21.

nos é clausula universal, que a ninguem exceptua. Viu S. João no Apocalypse os que já tinham chegado ao céu, vestidos todos de gloria, e com palmas nas mãos. E como um dos bemaventurados lhe perguntasse, se sabia quem eram aquelles, e donde tinham vindo: *Hi qui sunt? et unde venerunt?* [1] Respondeu o Santo, que não sabia. Então o que lhe tinha feito a pergunta, só para lhe ensinar a resposta: Pois has de saber (lhe disse) que estes são os que vieram da grande tribulação: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna.* [2] Isto só disse, e parece que havia de dizer mais; porque a pergunta tinha duas partes: Quem são? E donde vieram? Pois se lhe diz donde vieram, porque lhe não diz tambem quem são? Sim; diz, e na primeira palavra: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna:* estes são os que vieram da grande tribulação; e os que vieram da grande tribulação, estes são os que só viu S. João no céu. Lá no céu não se pergunta se veem dos Godos, como em Hespanha; ou dos Borbões, como em França; ou dos Austriacos, como em Allemanha; mas se veem, ou não veem da grande tribulação. Se não veem da grande tribulação, ainda que sejam reis ou imperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do céu; mas se veem da grande tribulação, ainda que sejam vís, ainda que sejam escravos, ainda que sejam os mais pobres e miseraveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o appellido, nem o nome, todos teem as portas e entradas do céu francas e abertas, porque assim o diz a lei universal, que a todos comprehende, e a ninguem exceptua: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei.*

Isso quer dizer aquelle, *oportet*, é necessario, é forçoso, é preciso, é infallivel e sem remedio. E para que nos não admiremos de uma limitação tão absoluta e indispensavel, combinemos este *oportet* com outro maior. Quando os dois Discipulos na manhã da Resurreição iam tristes e desesperados para Emaüs; depois de os reprehender o Senhor de ignorantes, tardos de coração e incredulos, fez-lhes esta pergunta: *Nonnè oportuit* (aqui vae a palavra) *nonnè oportuit Christum pati, et ita intrare in gloriam suam?* [3] Por ventura

---

[1] *Apoc.*, VII, 13.
[2] *Ibid.*, 14.
[3] *Luc.*, XXIV, 26.

não foi necessario, não foi forçoso, não foi preciso, que Christo padecesse, para assim entrar na sua gloria? Foi necessario, porque elle quiz; foi forçoso, porque elle o decretou; foi preciso, porque entendeu que assim importava a elle e a nós; a elle, para sua maior honra; e a nós para nosso irrefragavel exemplo. Pois se ao Filho de Deus e Senhor da gloria, para entrar na gloria sua: *In gloriam suam*, importou e foi preciso o padecer tanto; nós, cuja não é a gloria, antes a perdemos tantas vezes, porque queremos ir, e entrar a ella sem padecer? Se este é o caminho que Deus fez para seu Filho, porque havemos nós de presumir que poderemos ir ao céu por outro?

Oh quem me dera saber descrever este caminho, e qual elle é! Primeiramente é muito estreito: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam*, diz o mesmo Christo. [1] E' lageado, ou calçado de pedras muito duras, das quaes disse David: *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras.* [2] E' semeado de abrolhos, e cercado de agudos espinhos, aquelles a que foi condemnado Adão: *Spinas, et tribulos germinabit tibi.* [3] E' talhado de altissimas barrocas e precipicios, donde se vae o lume dos olhos, como disse o propheta: *Et lumen oculorum meorum, et ipsum, non est mecum.* [4] Umas vezes tem descidas medonhas a profundissimos vales, em que é facil escorregar sem remedio, por onde diz o Apostolo: *Qui stat, videat ne cadat.* [5] Outras vezes se levanta em serranias altissimas, e de aspereza intractavel, onde é necessario subir com os pés, e mais com as mãos, como Naas: *Manibus, et pedibus reptans.* [6] E que fazem os que se vêem lá em cima, e descobrem o mundo? Vêem nelle outra estrada muito larga, e nella muitos homens e mulheres vestidos de galas; muitas carroças doiradas e liteiras de varias côres; muitas festas, muitos banquetes, muitos passatempos; comedias, musicas, danças, em fim, tudo prazer, tudo contentamento, tudo alegria. E muitos

---

[1] *Math.*, VII, 14.
[2] *Psal.* XVI, 4.
[3] *Gen.*, III, 18.
[4] *Psal.*, XXXVII, 11.
[5] *1.ª ad Corinth.*, X, 12.
[6] *1.º Livr. dos Reis*, XIV, 13.

com saudades, ou inveja, ou desejos de viver contentes e alegres, se passam tambem a aquella estrada, não entendendo que os que por ella caminham, são os propria e verdadeiramente tristes, porque estão e caminham sem freio pela estrada do inferno e da perdição: *Lata via est, quæ ducit ad perditionem.* [1] Oh se cada uma daquellas cegas e miseraveis almas se perguntasse *Quo vadis?* como lhe responderia a fé e a razão: *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua!* [2] Alma desencaminhada, alma perdida, volta, volta. Torna ao caminho estreito, se o deixaste, e senão, deixa o largo e da perdição emquanto tens tempo, e não tenhas medo ao padecer, pois é muito mais o que lá padeces sem Deus, sendo certo que na hora da morte, que não ha de tardar muito, te has de arrepender sem remedio de não ter padecido com Christo. Mas como nas entradas do mesmo caminho não só ha ladrões que roubam e ferem, como os do caminho de Jericó, senão feras bravas e leões que andam rondando: *Tanquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret,* [3] que são os demonios; quem uma vez deixou o caminho do céu, tarde ou difficultosamente torna a elle. Oh que alegria, que contentamento será o dos venturosos, que, finalmente, chegarem a entrar pelas portas daquelle reino bemaventurado: *Introire in regnum Dei!* Se é tão grande a alegria dos navegantes, quando tendo escapado das tempestades e dos corsarios, ouvem dizer terra, terra; que alegria será a dos que agora padecem, quando ouçam dizer, céu, céu?

XIII

Predestinados eram para o céu aquelles mesmos Discipulos que hoje estavam tristes, quando o divino Mestre lhes disse: *Nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?* E para o mesmo Senhor os animar a padecer, e não ter medo aos trabalhos, que costumam ser mais

[1] *Math.*, VII, 13.
[2] *Psal.* CXVIII, 59.
[3] *Petr.* V. 8.

sensiveis á natureza ou fraqueza humana, declarou-lhes o grande preço e valor que teem no céu estas mesmas coisas de que todos tanto fogem na terra; e por fim, daquelle famoso sermão, em que tomou por thema: *Beati pauperes*, voltando-se particularmente para os mesmos Discipulos, lhes disse assim: *Beati eritis, cum vos oderint homines, et maledixerint vobis, et persequuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejecerint nomen vestrum tanquam malum propter Filium hominis: gaudete in illa die, et exultate; ecce enim merces vestra copiosa est in cœlo.* [1] Então sereis ditosos e bemaventurados, Discipulos meus, quando os homens vos tiverem odio e vos perseguirem; quando vos disserem injurias e affrontas; quando fugirem de vós, e vos lançarem de si; quando até o vosso nome fôr delles aborrecido e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deveis entristecer, senão alegrar e triumphar de prazer: *Gaudete, et exultate;* porque o premio que de tudo haveis de receber no céu, é muito copioso: *Quoniam merces vestra copiosa est in cœlo.*

Até aqui, Senhor, são palavras tão divinas como vossas; mas para que eu melhor as saiba entender, e tambem declarar, dae-me licença para que nestas ultimas mude uma só. Vós dizeis: *Merces vestra copiosa est;* a licença que eu peço, é para dizer: *Merces vestræ copiosæ sunt.* A mesma palavra *merces*, se é de *merces mercedis*, quer dizer premio; se é de *merces mercium*, quer dizer mercadorias. E porque o nome do premio está quasi esquecido nesta era, e o da mercancia tão valido e tão subido, parece-me que por este segundo será melhor entendido o primeiro. Sendo pois de tanto preço, como acaba de dizer a Summa Verdade, os trabalhos, as pobrezas, as perseguições, as affrontas e as outras penalidades desta vida, ou naturaes, ou violentas: e sendo os homens tão cubiçosos, diligentes, e industriosos, em grangear e augmentar mais e mais os proprios interesses, qual é a razão de estarem tão mal reputadas entre elles as mercadorias deste genero, e os avanços dellas? A razão não a póde haver; mas a semrazão e o engano é porque

[1] *Luc.*, VI, 22 e 23; *Math.*, V, 11 e 12.

não lhes conhecem o valor, nem lhes sabem dar o preço. Avaliam-nas como gentios, e não como christãos; ou, para fallar mais ao certo, avaliam-nas como quem lhes faz a conta na terra, e não faz conta de que vae para o céu.

A primeira regra, ou A, B, C. da mercancia, é passar as coisas da terra onde as ha e valem pouco, para onde as não ha e valem muito. Se vissemos que um mercante de Lisboa, embarcando-se a commerciar nas nossas Conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a India de canella, e para o Brazil de assucar, não o teriamos por louco, e lhe perguntariamos: *Quo vadis?* Homem nescio, tu sabes para onde vaes, ou o que levas? Pois esta mesma ignorancia e loucura é a de todos ou quasi todos os que se chamam christãos neste mundo. Se lhes perguntarmos para onde vão, dizem que para o céu. E se olharmos para os seus cuidados, e para os seus empregos, e para as suas carregações, competindo todos em quem mais ha de carregar e sobrecarregar; acharemos que todo o seu cabedal empenham naquellas mercadorias, que nenhum preço, nem valor teem no céu. Cá custam muito, e lá não valem nada. O oiro e a prata não teem lá valor; porque lá é a patria das riquezas: os gostos e os passatempos lá não teem valor; porque lá é a patria das delicias: as telas e os brocados lá não teem valor; porque lá todos vestem de gloria: os regalos e sabores exquisitos lá não teem valor porque lá os perpetuos banquetes são a vista de Deus. Que coisas são logo aquellas que no céu teem grande valor, e grande preço? São aquellas que lá não ha. Os trabalhos, as pobrezas, as fomes, as sedes, as perseguições, os odios, as injurias, as affrontas, as calumnias, os falsos testemunhos; e todas as outras miserias ou violencias que neste mundo se padecem, estas são as que no céu só teem valia; porque no céu todos são impassiveis. Cá é a terra do trabalho e da paciencia; lá é o porto do descanço, e a patria da impassibilidade. Olhae, olhae bem para o interior desse céu, e vêde o que lá só apparece e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro e André: as grelhas de Lourenço: as settas de Sebastião: as pedras de Estevão: as navalhas de Catharina: as fogueiras de Tecla: as torquezes de Apollonia: os olhos nas mãos de Luiza. E como estas são as mercadorias que só teem valor e preço no céu, vêde

se os que mais carregados e sobrecarregados se vêem destas felicissimas drogas, tanto mais preciosas, quanto mais pezadas, vêde se teem razão de se entristecer, ou de se alegrar, e de saltar da terra ao mesmo céu de prazer: *Gaudete, et exultate, quoniam merces vestra, et merces vestræ copiosæ sunt in cœlo.*

Estas são as mercancias dos que negoceiam da terra para o céu. E do céu para a terra haverá tambem algum mercador, e algum commercio? Sim, e muito mais admiravel. O mercador não é menos que o mesmo Deus, o qual se fez homem para trazer do céu á terra o que cá não havia, e levar da terra ao céu o que lá não ha: e este foi o commercio. Assim o canta a Igreja: *ó admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus sumens, largitus est nobis suam deitatem.* Este é o Mercador daquella náu, que trouxe de longe o seu pão: *Navis institoris de longè portans panem suum.* [1] O pão logo veremos qual é: as mercadorias e drogas em que empregou todo o seu cabedal, e toda a sua vida, foram as que não havia no céu, nem elle em quanto Deus, e sem carne passivel podia grangear na terra. Em Belem grangeou a pobreza, o frio, o desamparo; hospede dos brutos, e sem agasalho entre os homens. Antes do Egypto grangeou as perseguições e tyrannias de Herodes; e no Egypto os desterros. Em Nazareth, e em vida de José, grangeou a sujeição e obediencia a um official com nome de Pae seu, que não era. Depois de sua morte grangeou o succeder-lhe na mesma officina, ganhando o pão para sua Mãe, e para si com o suor do seu rosto. Antes de sahir ou fugir da patria, grangeou o aborrecimento e desprezo dos seus naturaes, e dos que eram seu sangue, que devendo-se prezar, se desprezavam delle. Nas peregrinações de Galiléa e Judéa grangeou fazel-as sempre a pé, e muitas vezes descalso, exposto ao sol e ás chuvas, sem casa propria nem alheia, podendo invejar dos bichos da terra as covas, e das aves o repouso dos ninhos, sem ter onde reclinar a cabeça. No povoado grangeou mendigar quotidianamente o comer, e talvez pedindo um pucaro de agua, não só a quem lh'o negou, mas lhe estranhou o pedil-a. No deserto grangeou o continuo jejum, e depois da fome

[1] *Prov.*, XXXI, 14.

de quarenta dias, as tentações do demonio, uma, duas, e tres vezes combatido. Finalmente, entrado na côrte de Jérusalem, e réu da sua propria sabedoria e milagres, grangeou os odios e invejas dos escribas e phariseus, e o decreto de morte fulminado pelos principes dos sacerdotes contra sua innocencia. E naquelle dia e noite fatal, que foi o da feira geral e franca do seu commercio, no Horto grangeou as agonias e as prizões: no palacio de Annaz as bofetadas: no de Caiphaz as blasphemias: no de Herodes os desprezos: no Pretorio de Pilatos as accusações, os falsos testemunhos, os açoites, a corôa de espinhos, e por remate de tudo, a morte de cruz entre ladrões no Calvario. Isto é o que a mesma Pessoa de Christo como mercador veiu grangear do céu á terra: e por isso o que levou da terra para o céu, foram sómente as chagas. São Paulo diz que deu aos homens: *Dedit dona hominibus:* [1] David diz que recebeu dos homens: *Accepisti dona in hominibus:* [2] e como o commercio consiste em dar e receber, tudo foi: porque a nós deu-nos a sua divindade: *Largitus est nobis suam Deitatem:* e de nós recebeu as mesmas chagas: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum? His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* [3]

Em summa, de tudo o que fica dito, esta mesma, e não outra, havia de ser a resposta do divino Mestre, se os Discipulos lhe perguntassem: *Quo vadis?* Mas elles porque não fizeram a pergunta, ficaram tristes: e nós pelo contrario, porque ouvimos na resposta os grandes interesses do premio que nos espera no céu: *Merces vestra copiosa est in cœlo;* por muitos que sejam os trabalhos e molestias do caminho, não devemos estar tristes, senão muito alegres: *Gaudete, et exultate.*

XIV

E para que acabemos por onde começamos, e tornemos á meza donde sahimos, se a alma que vae para o céu, e o corpo que vae para a sepultura, me pergun-

[1] *Ephes.*, IV, 8.
[2] *Psal.* LXVII, 19.
[3] *Zachar.*, XIII, 6.

tarem pelo viatico, com que se hão de sustentar em um e outro caminho; este é aquelle pão que o mesmo mercador do céu trouxe á terra, e eu reservei para este logar: *De longe portans panem suum.* O Santissimo Sacramento do altar, é o pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de cœlo descendit:* [1] e este pão não só é viatico para a alma, senão tambem para o corpo. Ouvi o que diz o mesmo Senhor: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum et ego resuscitabo eum in novissimo die.* [2] Quem come este pão, viverá eternamente, e eu o resuscitarei no ultimo dia. E' viatico para o corpo, que caminha para a sepultura; porque na mesma sepultura o ha de resuscitar: e é viatico para a alma, que caminha para o céu: porque a alma em se apartando do corpo, ha de viver no céu eternamente. Quando Elias pediu á sua alma que o deixasse morrer: *Petivit animæ suæ, ut moreretur,* [3] appareceu-lhe um anjo que lhe deu a comer um pão, dizendo que ainda tinha muito que caminhar: *Grandis tibi restat via.* [4] Desta palavra *via* se deriva o nome de viatico; mas o nosso muito melhor que o de Elias. Se Elias houvesse de morrer como os outros santos daquelle tempo, a sua alma não havia de ir logo ao céu, senão ao seio de Abrahão; e porque ainda está vivo, não ha de ir ao céu senão no fim do mundo. Assim o viatico de Elias era como o do nosso corpo, que não ha de ir ao céu senão quando resuscitar; porém o viatico da nossa alma, por virtude do Santissimo Sacramento, não é como o de Elias, porque logo em se apartando a alma do corpo, vae gosar de Deus no céu. Oh bemaventurados trabalhos, que tão depressa nos hão de levar ao descanço! Oh bemaventuradas pobrezas, que tão depressa nos hão de levar á corôa! Oh bemaventuradas penas, que tão depressa nos hão de levar á gloria!

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Ibid.*, 55.
[3] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.
[4] *Ibid.*, 7.

SERMÃO

DA

Ascenção de Christo Senhor Nosso *

Prégado em Lisboa na Parochial de S. Julião, com o Santissimo exposto

---

Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in cœlum, et sedet à dextris Dei. [1]

I

Admirada e admirável vejo hoje a Igreja Catholica. Admirada do que ella admira em Christo: e admiravel no que nós devemos admirar nella. Admira-se a Igreja neste dia, de vêr tornar para o céu aquelle mesmo Senhor que por amôr dos que cá ficamos, veiu á terra. E devemos nós admirar na mesma Igreja, que ella no dia deste apartamento, celebre com galas e festas uma despedida tão custosa, e uma tão saudosa ausencia. Estas duas admirações, uma sua, e outra nossa, serão as duas partes do presente discurso. Primeiro admirará, em uma e outra consideração, o muito que tem

---

* Commentando este magnifico sermão, diz o padre Honorati, "que n'elle tudo é digno do seu alto assumpto; as imagens mimosas e formosissimas, os pensamentos d'um primôr delicado e sublime, o estylo por vezes lyrico e sempre tão suave que rescende um não sei quê de celestial.„ De minha parte confesso que este sermão dogmatico, versando directamente o mysterio, o dogma, não o pude lêr sem sentir n'alma as doçuras da uncção christã, dos balsamos da piedade que d'elle distillam. Como este suavissimo sermão desmente a affirmação critica de Camillo, quando escreveu dos Sermões de Vieira, que "em sua opinião nenhum d'elles respirava o calor da piedade„! Camillo Castello Branco. *Continuação do Curso de Litt. de Andrade Ferreira*, Livr. 2.º

[1] *Ibid.*, 7.

que admirar: e depois responderá ás mesmas admirações com a satisfação de tudo o que tiver admirado.

Dizem os philosophos, que a admiração é filha da ignorancia, e mãe da sciencia. Filha da ignorancia; porque ninguem se admira, senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes: e mãe da sciencia: porque admirados os homens das mesmas coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas dellas até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia. Como filha da ignorancia, me ensinará a mesma admiração a perguntar; e como mãe da sciencia, a responder, posto que tão alta seja a segunda parte, como profunda a primeira. Mas como o céu hoje com o Auctor da graça nos levou todos os thesouros della, bem podemos esperar que nos não falte com o muito que havemos mister para propôr e satisfazer dignamente a duas tão grandes admirações: *Ave Maria.*

II

Coisa é muito digna de ponderação, que entre todos os mysterios sagrados da vida, da morte, e da resurreição de Christo, a Igreja Catholica, allumiada pelo Espirito Santo, só ao mysterio da Ascenção dê o nome de admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Em todos os attributos do Verbo Divino encarnado, e em todas as suas acções, sempre a admiração vae diante, publicando com a trombeta da fama e do espanto, o conceito incomprehensivel de admiravel. Assim o notou S. Agostinho sobre aquelle pregão do propheta Isaias: *Vocabitur nomen ejus, admirabilis, consiliarius, Deus fortis, Pater futuri sæculi, Princeps pacis.* [1] O Texto só na primeira palavra poz *admirabilis;* mas este encomio de admiravel, diz a maior luz da Igreja, não só se ha de ajuntar e construir com o primeiro titulo, senão com todos os que apregoa o propheta. De sorte que em cada um delles se ha de repetir o *admirabilis: Admirabilis consiliarius, admirabilis Deus fortis, admirabilis Pater futuri sæculi, admirabilis Princeps pacis.* E porque? Porque o mesmo Christo não só em

[1] *Isai,* IX, 7.

sua soberana Pessoa divina e humana, mas em todas suas prerogativas, em todos seus attributos, e em todas suas acções e mysterios, sempre foi, sempre é, e sempre em tudo, e por tudo se ha de chamar admiravel. Os nomes de Christo na Escriptura Sagrada são muitos: uns proprios, outros appellativos: uns naturaes, outros metaphoricos: uns mysticos, outros litteraes: mas este de admiravel, fundado em suas acções, é tão litteral, tão natural, e tão proprio, que muitos seculos antes de se chamar Jesus, já se chamava o Admiravel.

Depois que Jacob, na lucta que teve com o mesmo Verbo figurativamente encarnado, se viu por uma parte vencedor, e por outra vencido, antes de o soltar dos braços, pediu-lhe que lhe dissesse seu nome: *Dic mihi, quo appellaris nomine?* [1] A mesma petição lhe fez muito depois Manué, pae de Samsão. E que respondeu o Senhor a um e a outro? *Cur quæris nomen meum, quod est mirabile.* [2] Porque perguntas o meu nome, que é admiravel? Como se dissera pelos mesmos termos com que depois fallou David: Se o meu nome em todo o mundo é admiravel: *Domine Dominus noster, quàm admirabile est nomen tuum in universa terra:* [3] se isto sabem até os meninos de peito: *Ex ore infantium, et lactentium perfecisti laudem,* [4] porque perguntas o meu nome? Se ignoras que é admiravel, ignoras o que todos sabem; e se sabes que é admiravel, já sabes o meu nome porque perguntas. Admiraste, Jacob, que eu podendo-te vencer, me deixasse vencer de ti? Pois essa tua admiração é o meu nome: admiras-te, Manué, que te prometta um filho, e tal filho como Samsão, que atégora te neguei? Pois essa admiração tua é o nome meu: *Cur quæris nomen meum, quod est mirabile?* E sendo Christo em tudo o que faz, e tambem no que deixa de fazer, admiravel, porque tudo nelle são mysterios; que reconheceu, ou que póde reconhecer a Igreja no mysterio de sua Ascenção, para só a este singularmente chamar admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam?*

---

[1] *Gen.*, XXXII, 29.
[2] *Juizes*, XIII, 18.
[3] *Psal.* VIII. 2.
[4] *Ibid.*, 39.

III

Verdadeiramente que contra a singularidade deste elogio, parece que se poderam oppôr, e ainda queixar efficazmente os outros mysterios do mesmo Senhor. O ultimo foi o de sua gloriosa Ascenção, e os demais poderão formar a opposição ou a queixa, começando desde o primeiro. Se a Igreja chamára admiravel ao mysterio da Encarnação; quem haveria, crendo que desceu Deus do céu á terra, crendo que a natureza divina se uniu á humana, crendo que concebeu uma Virgem, e coube em suas entranhas, o que não cabe no mundo, nem em mil mundos; quem haveria, digo, que, mudo e assombrado ineffavelmente, não adorasse a fé de tão estupenda novidade com a mais profunda admiração? Se a Igreja chamára admiravel o mysterio do Nascimento, tambem era não só crivel, mas evidente a demonstração deste titulo; porque era vêr com os olhos o sem principio nascido, o eterno determinado a tempo, o immenso reduzido a logar, e o logar um presepio; e logo tanta magestade em um throno de palhas, que diante delle se tributem thesouros, se arrastem purpuras, se abatam corôas, e não só o sirvam reis, mas estrellas e anjos. Deixo os dois mysterios do Templo, já presentado e resgatado, já ensinando os Doutores: deixo as glorias do Tabôr, deixo as resurreições dos mortos, deixo o pisar os mares, e imperar os ventos, deixo aquelle excesso de profunda admiração, em que a minha se esmorece, de estar serrando com José, ou acepilhando um madeiro com sujeição de tantos annos, aquelle mesmo artifice que com uma só palavra fabricou este mundo. Finalmente, se a Igreja chamasse admiravel o mysterio da Paixão e morte de Christo, que admiração desde o Horto até o Calvario se não converteria em pasmo, vendo entre eclypses do sol, e tremores da terra, a alegria triste, a riqueza despida, a formosa afeiada, a omnipotencia preza, a justiça condemnada, a vida morta, Deus vencido, e só o amor com que nos veiu resgatar, triumphante? E que comparação tem não só com cada um destes mysterios, senão com todos juntos, o de vêr subir a Christo ao céu, para só esta subida merecer o nome de admiravel?

Perdoae-me, Senhor, que não foi esquecimento, senão respeito, não trazer á comparação esse sacrosanto mysterio, em que descestes do céu, mas não subis. Descestes por amôr de nós: *Hic est panis, qui de cœlo descendit*, [1] e não subis, para estar sempre comnosco: *Ecce ego vobiscum sum*. [2] Tudo o que soube inventar a vossa sabedoria, tudo o que póde executar a vossa omnipotencia, e tudo o que soube e pôde afinar vosso amor, nesse circulo breve e immenso, está compendiado. Que comparação tem logo o mysterio da vossa subida ao céu, em que nos deixaes, com o mysterio desse Sacramento em que vos deixastes? Uma só similhança teve o mysterio da Ascenção com o do Sacramento. Quando Christo começou a subir, viram-no os Apostolos levantar-se pelo ar: *Videntibus illis elevatus est:* [3] e diz o Texto sagrado, que entre elles e o Senhor se atravessou uma nuvem que lh'o tirou dos olhos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum*. Assim, pois, como aos Apostolos no mysterio da Ascenção lhes tirou a Christo dos olhos uma nuvem, assim a nós no mysterio do Sacramento, nol-o tira tambem dos olhos outra nuvem, que é a dos accidentes que o encobrem. Mas se a fé rasgar essa nuvem, e o lume da mesma fé nos mostrar o que passa lá dentro (ou não passa, porque não tem, nem póde ter mudança) claramente veremos quanta differença vae de admiravel a admiravel em um e outro mysterio. No mysterio do Sacramento tudo é admiravel, porque tudo alli são milagres. Milagre o encerrar-se alli todo Christo em quanto Deus, e em quanto homem, e maior milagre em quanto homem, em razão do corpo, que foi o que primeiramente se consagrou: *Hoc est corpus meum*. Milagre em estar todo em todo, e todo em qualquer parte: milagre em estar o mesmo em diversos logares tão innumeraveis como distantes: milagre em se conservarem os accidentes, contra sua propria natureza, sem sugeito que os sustente: milagre em as duas quantidades do corpo e do pão se admittirem e abraçarem juntas, sem uma lançar fóra a outra: milagre, em fim, em todos estes e infinitos milagres se obrarem

---

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Math.*, XXVIII, 20.
[3] *Act.*, I, 9.

em um instante, por virtude de quatro palavras sómente. E sendo tantos os milagres que no mysterio do Sacramento estão encerrados, se pelo contrario considerarmos o mysterio da Ascenção, acharemos que não entreveio nelle milagre algum. Se Christo subíra ao céu em quanto esteve em carne mortal e passivel, então fóra milagre que contra o pezo natural que inclinava o corpo para a terra, voasse o mesmo corpo ao céu: porém depois de resuscitado com os quatro dotes dos corpos gloriosos, assim como com o dote da subtileza penetrou a pedra da sepultura, assim com o da agilidade se levantou naturalmente no ar, e subiu tão facilmente ao céu, como nós o podemos fazer com o pensamento. Pois se no mysterio do Sacramento ha tantos milagres, e no da Ascenção nenhum milagre; como a Igreja quasi esquecida deste, e de todos os outros mysterios tão maravilhosos do mesmo Christo, só ao de sua Ascenção dá o nome, e antonomasia de admiravel: *Per admirabilem Ascensionem tuam?*

IV

Já me parece que vos considero cançados de esperar a solução deste tão notavel como difficultoso elogio, em que, se é muito admiravel o que se diz, não é menos admiravel a razão porque se póde dizer. A primeira que a mim me occorre, é que chama a Igreja *singularmente admiravel* o mysterio da Ascenção de Christo, como mais admiravel que todos os outros: porque sendo tão grandes e admiraveis as coisas que o mesmo Senhor obrou por amor de nós na terra, muito mais admiravel caso é, e muito mais digno de admiração, que no fim nos deixasse a nós, e a mesma terra, e se fosse para o céu. Declaro-me com um exemplo. O amôr e as finezas de Jacob por Rachel, foram as mais encarecidas e admiraveis que lêmos, não nas fabulas ou historias humanas, senão na Escriptura Sagrada. Admiravel Jacob nos extremos com que a desejou e procurou por esposa: admiravel no que serviu, e tornou a servir por ella: admiravel nos enganos e injurias que padeceu nesta conquista: admiravel nos muitos annos que esperou, e mais admiravel nos poucos dias que lhe pareciam: admiravel em a com-

prar, e pagar o que não devia, e em dez vezes se lhe trocar o preço: admiravel no contrapezo de Lia, que não foi o menos pezado a que se sujeitou: admiravel no que trabalhou, no que vigiou, no que soffreu, no que perseverou: em summa, admiravel no que tão constante, tão incansavel, tão ardente, tão estremada, e tão estremosamente amou. Agora pergunto: E se depois de todos estes extremos e finezas tão admiraveis, Jacob se apartasse da mesma Rachel, e se tirasse a si e a ella de seus olhos, e se tornasse para sua patria, e para casa de seu pae, deixando-a triste, só, desconsolada, e viuva do seu mesmo Jacob em vida, não seria esta acção e resolução, mais admiravel e digna de maior espanto que todas as outras? Claro está que sim.

Pois isto é o que considera ou póde considerar a Igreja nesta segunda jornada, e não imaginado apartamento de seu divino Esposo. Nesta ultima acção, que não parece do primeiro e antigo amor, redobra ella sobre todas as de sua vida, e vinda ao mundo, e com os olhos na escada de Jacob, por onde desciam e subiam anjos, tanto se lembra daquelle descer, como se admira deste subir. Desceu o Verbo Eterno pelos nove degráus daquella escada, que são os nove côros dos Anjos, deixando em todas suas gerarchias a natureza angelica para tomar a humana. Mas que importa, diz admirada a Esposa, que então por amor de mim descesse do céu até o mais baixo da escada, se agora torna para lá, e vôa sem ella? Que importa que deixasse o céu por amor de mim, se agora me deixa a mim por amor do céu? Lembro-me de quanto lhe custei em toda a vida: quantos desterros, quantas peregrinações, quantos trabalhos, quantos desvelos, quantos enganos, quantas ingratidões, quantas injurias, quantas tristezas, penas e dôres padeceu por meu amôr: mas em fim, parece que se cançou de tão trabalhoso amôr, pois se vae descançar á sua patria, assentado ao lado de seu Pae: *Assumptus est in cælum, et sedet à dextris Dei.* [1] E' verdade que naquelle altar tenho guardada uma prenda, em que seu amor me deixou a memoria de todas as maravilhas que fez por mim: *Memoriam fecit mirabilium suorum:* [2] mas

[1] *Marc.*, XVI, 19.
[2] *Psal.*, CX, 4.

se quando me deixou a memoria, me levou a presença, que direi? Se não foi arrependimento das mesmas finezas, esquecimento parece de mim e dellas. Como diz tudo o que foi, com o que hoje vejo, ou não vejo? Do Monte Olivete se partiu, tirando-se de meus olhos com uma nuvem, como se não fôra o mesmo que noutro monte deu por mim o sangue e a vida. O' Olivete! O' Calvario! Mas que importa que então me visse tão amada no Calvario, se agora me vejo deixada no Olivete? Aqui vae a admiração de monte a monte: *Per admirabilem Ascensionem tuam.*

V

- Se no amòr de Christo para comnosco podera ter jurisdição a roda da fortuna, não ha duvida que nesta volta com que subiu outra vez para o céu, se póde cuidar que desfez o seu amor quanto tinha feito na primeira, quando desceu do céu a este mundo. Disse que se póde cuidar, e não é pensamento ou imaginação que não esteja altamente retratada na Escriptura. Quando o sol verdadeiramente tornou atraz no tempo d'el-rei Ezechias, diz o Texto sagrado que tantos degráus tornou a subir, quantos tinha descido pelo relogio d'el-rei Achaz. Este relogio de Achaz (que foi o primeiro que se inventou no mundo) estava formado nos degráus das escadas de Palacio. O' escadas, assim naquelle como em todos, pelas quaes ninguem póde subir sem perigo certo de descer, ainda que seja o mesmo sol! Mas notem os reis, que quando por estas escadas desce o sol, sóbem as sombras, e só quando descerem ou cahirem as sombras, então subirá o sol. Diz pois o Texto, que subiu o sol tantos degráus, quantos tinha descido, que eram dez: *Et reversus est sol decem lineis per gradus quos descenderat.* [1] De sorte que este tornar a subir o sol quanto tinha descido, foi tornar a desandar quanto tinha andado, e desfazer quanto tinha feito.

Até aqui a historia. E qual é a significação? A significação é, que os dez degráus daquella escada re-

[1] *Isai.*, XXXVIII, 8.

presentavam os nove, como já dissemos, da natureza angelica, e o decimo da humana, pelos quaes o Verbo Eterno desceu a se fazer homem: *Decem lineis per gradus quos descenderat.* E assim como o sol tornando a subir pelos mesmos degráus que tinha descido: *Reversus est sol retrorsum decem lineis*, desandou o que tinha andado, e desfez o que tinha feito, que outra coisa se póde imaginar, ou sentir de Christo, e seu amôr (a quem neste espelho do sol reconhecem Beda, Angelomo, e os outros Expositores misticos) primeiro descendo do céo á terra, e hoje tornando a voltar da terra ao céo? A roda, quando dá volta inteira, quanto fez com o meio circulo do primeiro movimento, tanto desfaz com o segundo. Por isso o sol, quando se precipita do zenith ao occaso, parece que deixa aquelle logar summo que tem no céo, mas com o segundo meio circulo tudo o que fez no dia de hontem, desfez no de hoje, tornando a se repôr no mesmo logar: *A summo cœlo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* [1] Assim o cantou David de um e outro sol. E Christo, que com passos de gigante começou com tanto alvoroço e alegria a mesma carreira: *Exultavit ut gigas ad currendam viam:* depois que morreu no occaso resuscitou no Oriente, subindo outra vez quanto tinha descido (como se não viera mais que a tornar para donde veiu) assim o não pôde negar na sua despedida: *Exivi à Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem:* [2] Sahi do Padre e vim ao mundo (diz o mesmo Christo) e agora deixo outra vez o mundo e vou ao Padre. Se isto não é desandar pelos mesmos passos o andado, e desfazer pelas mesmas acções o feito, e claramente retratar, ou desamar o amado, pouco sensitivo seria o amôr da Esposa que assim o não entendesse e lamentasse, comparando as finezas passadas com o retiro presente, e o que foi com o que hoje parece que já não é.

Admirados os Anjos neste dia da Ascenção do Senhor, diz o propheta Isaias que se perguntavam a si mesmos: *Quis est iste, qui venit de Edom, hoc est, de terra?* [3] Quem é este que vem da terra ao céo? E se

[1] *Psal.*, XVIII, 6.
[2] *Joan.*, XVI, 28.
[3] *Isai.*, LXIII, 1.

a esta pergunta do céu por boçca dos Anjos respondêra a terra por bocca da Esposa, diria pelas mesmas palavras: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles:* [1] Este que hoje sóbe da terra ao céu, é aquelle que n'outro dia não menos memoravel desceu do céu á terra. Hoje parece que para fazer mais breve a subida, sóbe de um monte, e naquelle dia para descer com maior pressa, é certo que vinha saltando os montes: *Ecce iste venit saliens in montibus.* Mas porque razão os Anjos duvidam, e a Esposa não duvida? A esposa não duvida, porque tendo dito: *Vox dilecti mei*, acrescenta e affirma: *Ecce iste venit:* e o Anjos duvidam, porque pelos mesmos termos perguntam: *Quis est iste qui venit?* A razão da differença é, porque os Anjos comparavam o presente com o passado, a Esposa só referia o passado sem antever o presente. Os Anjos viam subir ao que tinham visto descer: a Esposa via sómente descer ao que ainda não tinha visto subir. Os Anjos, antes de o Verbo descer do céu, ouviam-lhe dizer: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum*, [2] que as suas delicias eram estar com os homens: e depois que ouviram cantar aos mesmos homens: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis*, admirados do desejo, da ancia, do alvoroço, da pressa e dos outros extremos de amor com que tinha deixado o céu, e descido á terra, não acabavam de entender, que o que, deixada a terra e os homens, hoje subia ao céu, fosse aquelle mesmo: *Quis est iste?* Pelo contrario a Esposa antes deste dia só se gloriava dos extremos e finezas, com que o seu Esposo tinha descido do céu a buscar nos homens, isto é, na mesma Esposa as delicias do seu amor. E no modo de vir, e nos passos mais que agigantados com que sem tocar os oiteiros transpunha os montes: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles*, só ponderava quão excessivo foi o impeto e força do mesmo amôr, que arrancando-o do seio do Padre o trouxe á terra. Porém hoje que o vê subir e voltar para o céu, como desfazendo na segunda jornada com sua despedida e ausencia quanto tinha obrado ou encarecido na primei-

[1] *Cant.*, II, 8.
[2] *Prov.*, III, 31.

ra com sua vinda, não duvidando, mas crendo, nem perguntando, mas pasmando com as admirações dos Anjos, qualifica e sobre as admirações dos mesmos Anjos exaggera a sua admiração: *Per admirabilem Ascensionem tuam.*

VI

Não ha coisa que mais mude os homens que o descer ou subir, e o subir muito mais que o descer. Bem se viu em Saül, em Jeroboão, e em Jehù, que sendo eleitos por Deus para o throno, tanto que subiram a elle, logo foram muito outros do que d'antes eram. Não assim o que se chamou Filho do homem, e foi a excepção de todos os homens. A Esposa viu-o descer, os Anjos viram-no subir, e sendo os caminhos tão encontrados, assim elles como ella, não acertaram a dizer senão *iste*. A Esposa na terra quando veiu e desceu do céu: *Ecce iste venit:* os Anjos no céu quando foi e subiu da terra: *Quis est iste qui venit?* Este quando sóbe, este quando desce, é sempre *iste*, porque descendo e subindo sempre foi o mesmo. Mas onde acharemos um Auctor que seja da terra e tambem do céu, para que nos confirme este dito do céu e da terra? Só póde ser o Apostolo S. Paulo, o qual commentando e concordando um e outro *iste*, diz assim: *Qui ascendit ipse est, et qui descendit.* [1] O que subiu e quando subiu, é o mesmo que desceu e quando desceu. Não só o mesmo na natureza, e na Pessoa, senão o mesmo no coração, no affecto, no amôr e nas finezas.

Com este Texto, que é de fé, temos desfeito a primeira admiração da Esposa, mas com a demonstração do mesmo Texto, a metteremos de novo em outra admiração, não menos, senão muito mais admiravel. Parecia-lhe á Igreja, ou podia-lhe parecer, como diziamos, que tornando Christo seu Esposo para donde viera, como a mesma Igreja diz: *Reversus unde venerat*, era desandar o que tinha andado, desfazer o que tinha feito, e quasi desamar o que tinha amado; mas é tanto pelo contrario, que não foi desandar, senão

[1] *Ephes.*, IV, 19.

adiantar os passos, não foi desfazer, senão aperfeiçoar a obra, nem foi desamar, senão apurar e afinar mais os extremos do seu amôr. E para que vejamos os effeitos desta verdade com os olhos, sigamos os mesmos passos da sua despedida, e vejamos como sóbe.

Primeiramente subiu o Senhor do monte Olivete, podendo-o fazer do valle de Josaphat, que jaz entre elle e a cidade de Jérusalem. E porque não quiz subir de um valle, senão de um monte? Porque ainda que ia para o céu, quiz fazer o caminho pela terra quanto lhe era possivel. Não amava tão pouco o amoroso Senhor a terra, onde desde toda a eternidade tinha o paraiso de suas delicias, que a houvesse de deixar e apartar-se della, senão a mais não poder. Aonde ella acaba, que é o cume dos montes, só alli pôde acabar comsigo de se apartar della. Depois de Hercules ter andado todo o mundo, quando chegou áquella ultima parte que elle entendeu era o fim da terra, porque além della não se descobria mais que o elemento da agua na immensidade do Oceano, fixou alli aquellas duas famosas columnas com o soberbo titulo: *Non plus ultra:* Até aqui se póde chegar, mas não passar daqui. O mesmo succede no mais alto dos montes, a quem olha para cima, onde se não vê mais que a immensidade invisivel do elemento do ar. Subindo pois o soberano Redemptor ao monte Olivete e pondo no cume delle os sagrados pés, que eram as bases daquellas duas columnas, a que a sua Esposa chamou de marmore: *Crura illius columnæ marmoreæ, quæ fundatæ sunt super bases aureas:* [1] alli poz ou esculpiu debaixo das mesmas bases o *non plus ultra* do seu amôr. Estas foram as pégadas que alli deixou impressas em uma pedra do mesmo monte, tão branda, que então se deixou penetrar, e tão dura, que ainda hoje persevera e conserva a mesma figura, por mais que a devoção dos peregrinos tire e leve della as adoradas reliquias: *Adorabimus ubi steterunt pedes ejus.*

Conta Clemente Alexandrino, que era fineza naquelle tempo usada dos espiritos mais generosos, e que mais se prezavam de amar, trazer entalhadas nas solas do calçado as tenções ou saudações do seu amôr, para que em qualquer parte onde fixassem os passos,

[1] *Cant.*, v, 16.

ficasse impresso e estampado por modo de sinete o quanto, e a quem amavam: *Solcis quoque amatorias salutationes imprimunt, ut vel per terram numerose incedentes amatorios spiritus in incessu insculpant.* Em todos os passos de sua vida podéra o soberano Amante dos homens deixar escripto á nossa memoria estes caracteres expressos, e estampas visiveis de seu amôr, mas guardou esta fineza para o ultimo passo em que se partia e apartava de nós, não formada na terra movediça, senão esculpida em uma pedra dura e firme, e não com a figura do calçado de que o Baptista não era digno de desatar a corrêa, mas dos mesmos sagrados pés, descalços como os de Moysés á vista da sarça, quando o fogo de seu amôr se abrazava mais ao subir, do que ardeu ao descer. E para que? Para que entendessemos os homens que foi tanta a violencia com que a humanidade do Filho de Deus se apartou delles, e tanta a força que se fez a si mesma para se despegar de nós, que a não poderam resistir as mesmas pedras. Que diz o Propheta quando desceu Christo do céu á terra? *Utinam dirumperes cœlos, et descenderes.* [1] Quando desceu, rompeu os céus, quando subiu, os marmores. Chegado o amôr áquelle ultimo passo, que fez? Toda a sua alma e todos seus espiritos esculpiu nelle: *Amatorios spiritus in incessu insculpsit.* Trocou o amôr as settas pelo cinzel, e não em laminas de chumbo que podia derreter o fogo, mas na pederneira mais dura (que foi a segunda eleição de Job: *Vel celte sculpantur in silice)* [2] alli abriu e esculpiu aquellas duas estampas da sua amorosa partida, em perpetuo e visivel testemunho, nos olhos e consideração da posteridade, de que não amára menos aos seus no fim, do que os tinha amado no principio. Bem sabia que a penna do Discipulo amado o havia de escrever assim depois, mas quiz que em quanto o calavam os homens o clamassem as pedras: *Si hi tacuerint, lapides clamabunt.* [3]

---

[1] *Isai.*, LXIV, 1.
[2] *Job.*, XIX, 24.
[3] *Luc.*, XIX, 40.

VII

Escripto assim naquella pedra o epitaphio de sua ausencia (que tambem é sepultura) começou o Senhor a subir. Mas não digo bem. Subir é a acção, e todos os movimentos do nosso amoroso Peregrino nesta sua jornada foram passivos. Assim o notaram concordemente os Evangelistas com energia digna de toda a ponderação. S. Marcos: *Assumptus est:* [1] S. Lucas: *Elevatus est:* [2] e noutro logar: *Ferebatur.* [3] Uma coisa é ir, outra ser levado. Ir, significa vontade: ser levado, argùe repugnancia, violencia, força. Isto mesmo declarou admiravelmente David descrevendo os encontrados caminhos, ou differentes rumos que o Senhor levou, ou com que foi levado nesta viagem do céu. Nos primeiros versos do Psalmo sessenta e sete, diz que subiu para a parte do occaso: *Qui ascendit super occasum, Dominus nomen illi.* [4] E antes do fim no mesmo Psalmo, diz que subiu para a parte do oriente: *Psallite Domino, qui ascendit super cœlum cœli ad orientem.* [5] Em ambos os logares diz que subiu: *Ascendit*, e em ambos diz que foi o mesmo Senhor: *Psallite Domino, Dominus nomen illi.* Pois se o oriente e o occaso são dois termos, ou dois horizontes totalmente oppostos: se subiu para o oriente, como subiu para o occaso, e se subiu para o occaso, como subiu para o oriente? Porque assim sóbe quem sóbe por violencia mais que por vontade. Que succede ao baixel, que sáe do porto forcejando contra vento? Um bordo o leva para o levante, outro para o poente, um para o norte, outro para o sul, sem se poder apartar da terra. Assim se não podia apartar o nosso divino Amante, porque nos deixava nella. Um vôo o levava para o oriente, outro vôo para o occaso, sem lhe consentir a força do affecto, que seguisse a derrota do céu (posto que do céu) em direitura.

---

[1] *Marc.*, XVI, 19.
[2] *Act.*, I, 9.
[3] *Luc.*, XXIV, 51.
[4] *Psal.*, LXVII. 5.
[5] *Ibid.*, 34.

Mas aqui offerece a theologia uma duvida não leve. Os corpos gloriosos não pezam, posto que sejam estes mesmos que agora são tão pezados, e a razão é, porque o dote que chamam de agilidade, não só os aligeira, mas lhes tira todo o pezo. Apertam mais a duvida as palavras de Isaias: *Assument pennas sicut aquilæ:* [1] as quaes se entendem deste dote. *Pennigerabunt ut aquilæ* (diz S. Hilario) *naturam evolandi in cœlum in resurrectionis demutatione sumpturi.* Quer dizer, que no ponto da resurreição, por virtude do dote da agilidade se mudarão os corpos gloriosos de tal sorte, e ficarão tão ligeiros para subir e voar ao céu como se tiveram azas de aguia. E porque razão de aguia e não de outra ave? A razão se póde tirar agudamente daquellas palavras do mesmo Santo: *Naturam evolandi in cœlum.* A natureza das azas da aguia é tal, como notou Plinio, que só ella póde voar direitamente para cima: *Sola aquila directo volatu in sublime fertur.* As outras aves, para voarem para cima, é necessario que façam differentes angulos ou giros, como navegando aos bordos; porém a aguia, como rainha e senhora do seu elemento, só ella, como a náu com vento em popa, póde subir e navegar pelo ar em direitura. Pois se o corpo glorioso de Christo, pelo dote da agilidade, não tinha pezo, e podia voar e subir direito ao céo, que impedimento, ou força contraria era aquella que o abatia e levava aos horizontes da terra, já para o oriente, onde nasce o sol, já para o occaso, onde se sepulta? E' certo que não era, nem podia ser o pezo do corpo, mas era o pezo do amôr: *Amor meus pondus meum, illo feror quocumque feror:* O meu pezo, dizia S. Agostinho, é o meu amôr; para qualquer parte que sou levado, este pezo é o que me leva. Comparae agora o *ferebatur* do Evangelista com este *feror.* Já levado o Senhor para o oriente, já levado para o occaso, e quem assim o trazia ou levava era o pezo do seu amôr: *Illo ferebatur quocumque ferebatur.* Oh que indecisa e duvidosa parece que estava a mesma Ascenção neste passo! A agilidade do dote o elevava para o céu, o pezo do amôr o levava para a terra, e suspenso nesta affectuosa indifferença, ou indifferente nesta affectuosa suspensão, nem acabava de se apartar, nem continuava a subir.

---

[1] *Isai.*, XL, 3.

Tão admirados os Anjos desta tardança, quão desejosos estavam de que o Senhor se apressasse a ser recebido no triumpho que ás portas do primeiro céu o estava aguardando, vieram a entender que os olhos dos Discipulos que ficavam no monte, eram as remoras que detinham e não deixavam subir o divino Mestre. Diz o propheta Habacuc, que o sol se levantou, e a lua estava parada: *Elevatus est sol, et luna stetit.* E esta maravilha nunca vista, se viu no dia e hora da Ascenção. O sol é Christo, a lua é a Igreja sua Esposa. O sol levantou-se, porque começou Christo a subir: a lua esteve parada, porque assim estavam parados no monte os Discipulos, de que então se compunha todo o corpo da mesma Igreja. E que fizeram os Anjos para desfazer esta suspensão? Inventaram um novo eclipse, não em que a terra eclipsasse a lua, ou a lua eclipsasse o sol, mas em que uma nuvem atravessada entre o sol e a lua, tirasse ao Senhor dos olhos dos Discipulos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum.* [1] Mas como a Esposa constante, e os Discipulos sem se mover, não só perseverassem no mesmo logar, antes seguissem e acompanhassem com os olhos o seu amado Senhor, posto que encuberto com a nuvem: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum;* [2] então mais empenhados os Anjos, desceram dois delles ao monte, estranhando muito aos Discipulos que ainda estivessem olhando: *Viri Galilæi, quid statis aspicientes in cœlum?* [3] Tudo hoje é digno de admiração, e estas palavras tanto como o demais. Se estes Anjos não foram Anjos bons, não estranhára eu o que elles tanto estranham. Estes homens, cujos olhos, e cujo olhar se estranha e reprehende, para onde olham? Para o céu: *Aspicientes in cœlum.* Para quem olham? Para Christo: *Cumque intuerentur euntem illum.* Pois é posivel que os Anjos bons e santos estranhem e reprehendam estes olhos e este olhar? Na occasião presente sim: porque tinham experimentado, e estavam vendo que os olhos dos Discipulos eram as cadèas que prendiam ao Senhor, e o seu olhar o que o não deixava subir. Agora entendo eu um logar da

[1] *Act.*, I, 9.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, 11.

Escriptura, que ha muitos annos não acabava de entender, nem achava em todos os Interpretes quem bastantemente o declarasse. Falla o Esposo divino com sua sagrada Esposa no Capitulo sexto dos Canticos, e diz assim: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt:* [1] esposa minha, apartae de mim os olhos, porque elles me fizeram voar. Notavel implicancia, não de uns olhos a outros, senão dos mesmos comsigo. Estes olhos não são os da mesma Esposa que nós diziamos eram as remoras que detinham a Christo, e as cadêas que o prendiam, e não deixavam subir? Pois como diz agora o mesmo Senhor que esses olhos são os que o fizeram voar: *Ipsi me avolare fecerunt?* Admiravelmente por certo. Notae o que tinha dito, e a consequencia. O que tinha dito foi: *Averte oculos tuos à me.* Apartae os vossos olhos de mim: e aqui esteve a differença; em a Esposa olhar, ou não olhar, em ter os olhos postos em seu Esposo, ou em os apartar delle. Em quanto olhava e o via, como os seus olhos eram as remoras que o retardavam, e as cadêas que o prendiam, não podia voar nem subir: porém depois que a nuvem e os Anjos com dobrada força lh'o apartaram dos olhos, ou a obrigaram a que os apartasse delle: *Averte oculos tuos à me;* despegaram as remoras, soltaram-se as cadêas, e logo pôde subir e voar: *Quia ipsi me avolare fecerunt.*

VIII

Voar, disse o divino Esposo, e não subir; por que o mesmo espaço brevissimo que bastou para a Esposa, que estava olhando, divertir os olhos, esse bastou tambem para o Senhor de um vôo se pôr no céu empyreo. Tanta é a virtude sobrenatural do dote da agilidade. Mas se bem repararmos em outro dote, do qual estava igualmente revestida a sagrada humanidade de Christo, e parece que não teve uso nesta occasião: acharemos que este foi o que mais encareceu e afinou o amôr com que se apartou de nós. Os dotes dos corpos gloriosos são quatro: claridade, subtileza, agilidade, impassibilidade.

[1] *Cant.*, VI, 4.

O dote da claridade manifestou-o o Senhor no dia de sua Transfiguração, em que os tres Apostolos lhe viram o rosto mais resplandecente que o sol: do dote da subtileza não só usou sahindo da sepultura, como dissémos, mas entrando no Cenaculo com as portas cerradas: do dote da agilidade se serviu hoje na segunda parte da subida, que foi das nuvens que o encubriram, até o empyreo, em que se assentou á dextra do Padre. Só o dote da impassibilidade parece que não teve uso; mas este digo eu que foi o de que mais se aproveitou, e preveniu o amòr para a primeira parte desta mesma jornada. Ora notae. Todos os dotes gloriosos não só eram devidos ao corpo de Christo em qualquer estado, mas mais devidos a seu corpo, do que a visão beatifica á sua alma: porque? Porque a visão beatifica era devida á alma de Christo, pela união da divindade, e os dotes gloriosos não só eram devidos a seu corpo pela união da divindade, senão tambem pela união da alma. E comtudo, excepto o dia da Transfiguração, sempre Christo, por milagre particular, teve suspensos ou sequestrados, como diz S. Ambrosio, todos estes dotes. Logo assim como fez na vida este sequestro ou suspensão, tambem o podéra fazer depois da morte, e resuscitar passivel, como resuscitou Lazaro.

Accrescento, que não só podéra, mas fôra muito conveniente para a fé da mesma resurreição, para prova de que o seu corpo era verdadeiro, e não phantastico, e para desengano de que viam e ouviam vivo o mesmo que tinham visto crucificado e morto. A este fim se deteve o Senhor quarenta dias na terra; a este fim appareceu tantas vezes aos Discipulos; a este fim comeu com elles no mesmo dia da Resurreição, e no mesmo da Ascenção; a este fim permittiu a Thomé que lhe tocasse as mãos, e o lado, e a todos disse: *Palpate, et videte, quia spiritus carnem, et ossa non habet.* [1] E todas estas demonstrações em um corpo impassivel, philosophica e theologicamente não podiam ser sem novo e grande milagre, como doutamente notou S. Gregorio Papa: *Nam et corrumpi necesse est quod palpatur, et palpari non potest quod non corrumpitur.* Pois se era mais conveniente resus-

[1] *Luc.*, XXIV, 39.

citar Christo passivel, e continuar passivel em quanto se deteve neste mundo; porque escolheu antes o estado de impassivel? Porque assim importava ao seu amôr para o fim principal da mesma resurreição: Christo não resuscitou para viver neste mundo, mas para passar logo do mundo ao Padre. Assim o disse no mesmo dia da Resurreição á Magdalena, e o mandou dizer aos Apostolos: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum; Deum meum, et Deum vestrum.* [1] E como o mysterio e modo da Resurreição era ordenado ao dia e acto da Ascenção, não só foi conveniente, mas necessario ao mesmo amôr o dote da impassibilidade, e o estado de impassivel naquelle dia e naquelle acto: porque? Não porque havia de subir ao Padre, mas porque se havia de apartar dos homens. O dote da impassibilidade, e o seu effeito, é uma isenção total de padecer, ou poder padecer; e era coisa tão dura e insoffrivel para o amôr de Christo haver de se apartar de nós, que lhe foi necessario pôr-se primeiro em estado de não poder padecer, para se reduzir a estado de se poder apartar.

Oh fineza sobre todas as finezas do amôr de Christo! Dizem que na fragoa do padecer, se prova e acrisola o amar. Mas ha materias em que o soffrimento é argumento de tibieza, e só a impaciencia prova do amôr. Este não querer, nem poder padecer, foi maior prova do amôr de Christo, que tudo quanto padeceu por nós, e allegamos ao principio com tantas admirações. Que similhança tem com esta simples verdade todos os encarecimentos do mysterio da Encarnação? Quando desceu do Padre ao mundo, veiu passivel: mas quando houve de deixar o mundo, e ir ao Padre, porque se ausentava de nós, foi-lhe necessario fazer-se impassivel. E se passarmos de Názareth a Jérusalem, e da Encarnação á morte, grande fineza foi dar a vida por nós: mas com que differença? Para subir ao Calvario a morrer, á cruz, aos cravos, e á lança, offereceu as mãos e pés, e o peito desarmado e nú: para subir porém ao Olivete a se apartar de nós, não se atreveu a o fazer senão armado da impassibilidade. Assim provou que para o seu amôr, o morrer era soffrivel: o apartar-se intoleravel. Lembra-me neste

[1] *Joan.*, xx, 19.

caso o que escreveu S. Paulino a S. Agostinho. Amavam-se muito estes dois Santos, e diz assim o que escrevia: *Dum æquo animo fero quod te non video, intolerabile est istam appellare tolerantiam.* Soffro, amigo Agostinho, com igualdade de animo o estar ausente de vós, e não vos vêr, e não ha coisa para mim mais intoleravel que esta tolerancia, nem mais insoffrivel que este soffrimento. Oh excellente modo e discretissimo, de encarecer o amôr na ausencia! Se assim era, não podia o amôr ser mais fino; e se não era, não podia ser a fineza mais bem imaginada. O amôr em materia de ausencia, se é soffrido, não é grande; se não é impaciente, não é amôr. E como o amôr de Christo, que para deixar o céu, e dar a vida em uma cruz, teve cabedal de paciencia, só para se apartar dos homens se reconheceu incapaz de soffrimento: antes o mesmo soffrimento, se lhe fosse possivel, era descredito do seu amôr; por isso o divino Amante prevendo que era forçoso este apartamento, com razão se poz em estado de não soffrer, nem poder. Em estado de não poder, porque verdadeiramente se não atrevia a soffrer a nossa ausencia; e em estado de não soffrer, para que se não podesse dizer delle que soffreu ausentar-se de nós. Poder-se-ha dizer de Christo que se ausentou; mas não se poderá dizer de seu amôr que o soffreu: que se ausentou sim, porque se foi; mas que o soffreu não, porque já estava impassivel.

IX

Parece que se não póde passar d'aqui; mas em dia em que Christo subiu tanto, para que suba tambem o seu amôr, eu quero dar um passo mais adiante. Supposto que o amoroso Senhor para a partida e ausencia da sua Ascenção, se preveniu e armou do estado de impassivel: pergunto agora: Se assim impassivel, assim armado, assim defendido, e assim dentro da mesma impassibilidade, sentiu o seu coração o apartar-se de nós? A theologia diz que não; mas os effeitos, que são testemunhas oculares, parece que provam que sim. Ao menos é certo que se o Senhor sentira muito este apartamento, não pudéra fazer a

despedida senão como a fez. A jornada dilatou-a quarenta dias: o dia estendeu-o até ás doze horas: a despedida (como ponderavamos) fel-a de um monte, que são as ultimas raias da terra: finalmente depois de partido, foi necessario que as nuvens se mettessem de permeio para se desprender dos olhos dos homens, e que os Anjos descessem a os retirar do monte, para que podesse ir por diante: tudo vagares, tudo repugnancias, tudo violencias. Pois se Christo estava e subia impassivel, como antes e depois se viam nelle tão extraordinarios effeitos, e tão manifestos de sentimento? Porque foi tal o excesso (sobre todo o possivel) com que Christo amou os homens, e tão sensiveis no seu coração as saudades com que se apartou delles, que ainda no impassivel teve logar o sentimento, e na mesma impassibilidade a dôr.

Não me atrevera a dizer tanto, senão fôra maior a prova que o dito. Póde haver maior impassibilidade que a de Deus em quanto Deus? Não. E comtudo no caso do diluvio affirma a Escriptura Sagrada, que foi tal a dôr de Deus, que lhe penetrou o mais intimo do coração: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* [1] E porque? Porque eram os homens os que pereciam, e tanto se compadecia Deus da mesma pena com que os castigava: *Tactus dolore cordis intrinsecus, delebo, inquit, hominem quem creavi.* Note-se muito a palavra *quem creavi:* os homens a quem creei. Deus naquelle dia, obrigado da sua justiça, privava-se dos homens a quem tinha creado (que seria se os tivesse remido!) e ama tanto Deus aos homens, que quando se priva delles e os perde, até a sua impassibilidade é sensitiva: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* Tiremos agora a consequencia. Se a força deste mesmo amôr foi tão sensitiva, que pôde introduzir dôr na impassibilidade de Deus; por que não faria outro tanto no coração de Deus homem, posto que impassivel? E se tanto se deixou penetrar do sentimento a divindade, quando choviam do céu os maiores rigores; quão penetrada iria a humanidade, e quão ferida quando subia ao céu com as maiores saudades?

A confirmação desta dôr em Christo hoje não hei de ir longe a buscal-a, porque a temos presente no

[1] *Gen.*, VI, 6.

Sacramento divinissimo daquelle altar, onde o mesmo Christo se sacrifica. Argumento assim. Sacrifica-se Christo naquelle altar para descer todos os dias a estar commosco na terra: logo grande foi a dôr do mesmo Christo no dia da Ascenção, quando se apartou de nós para subir ao céu. Provo. A historia mais tragica, e o caso de maior dôr que viu o mundo em quanto se não desfez, foi o sacrificio de Abrahão. As pessoas representadoras desta tragedia, foram: Deus, o mesmo Abrahão, e Isaac: Deus mandando a Abrahão que lhe sacrificasse o filho: o filho já manietado sobre a lenha, e Abrahão com a espada desembainhada descarregando o golpe. A' vista deste temeroso e doloroso espectaculo estava pasmada, e tremendo a mesma natureza; mas nem Abrahão se doeu, porque executava alegre o preceito de Deus; nem Isaac se doeu, porque se conformava tambem alegre com a obediencia do pae. E houve comtudo neste sacrificio alguem que se doesse? Sim. E' resposta e resolução admiravel de S. Zeno, bispo de Verona. Quem foi, pois, o que se doeu, ou pôde doer, senão foi Abrahão, nem Isaac? Foi Deus, e só Deus, diz com altissimo pensamento o mesmo Santo: *In hoc sacrificio solus Deus doluit.* Neste sacrificio só Deus se doeu. De sorte que em um caso tão doloroso, nem se doeu o pae que matava, nem se doeu o filho que morria, e só Deus, que era incapaz de dôr, se doeu. Mas d'onde se colhe que se doeu Deus? Colhe-se (continúa o mesmo Zeno dando a razão do seu dito) colhe-se de ser Deus o que procurou, e previniu outra victima: *In hoc sacrificio solus Deus doluit, qui aliam victimam procuravit.* A outra victima que Deus previniu, foi o cordeiro milagroso que alli appareceu, e Abrahão sacrificou em logar de Isaac, para que no sacrificio do mesmo cordeiro se executasse e supprisse, o que em Isaac, tornando vivo do monte para casa de seu pae, já não podia ser.

Oh quanto tem que admirar a Igreja neste tão maravilhoso como antigo exemplar! Tres figuras representaram aquella famosa historia em quanto tragedia: mas depois que Deus mudou a scena, ou transfigurou o theatro, eu vejo representado a Christo em outras tres. Em Isaac, no cordeiro, e no mesmo Deus: em Isaac, tornando do monte vivo e glorioso para casa de seu pae: no cordeiro, feito victima naquelle altar, onde verdadeiramente se sacrifica: e em Deus, sendo

impassivel e incapaz de dôr, doendo-se comtudo, pois lhe buscou o remedio: *Doluit qui aliam victimam procuravit.* E provou o amorosissimo Senhor e divinissimo Amante esta dôr na sua mesma impassibilidade, porque naquella sagrada victima, que preveniu seu amôr, substituiu e suppriu, melhor do que parecia possivel, todos os motivos de sentimento, com que se despediu de nós e se partiu deste mundo. O primeiro sentimento era apartar-se dos homens, com quem tinha todas as suas delicias; mas naquella pequena e immensa victima está sempre presente comnosco, e não com uma só presença e em um só logar, mas em todos os que rodeia o sol, assim quando apparece aos nossos olhos, como quando se esconde a elles. O outro motivo era ir-se, como hoje se foi, para seu Padre, mas por um dia, e por uma jornada em que subiu, desce todos os dias infinitas vezes, quantas são as que é consagrado naquella mesma hostia. Como se respondêra o divino Amante, ou se vingára deste mesmo apartamento, dizendo: Se um dia e uma vez subi da terra ao céu, todos os dias e infinitas vezes descerei do céu á terra por amôr de vós. Finalmente, os vagares e rodeios com que se ausentou, posto que tanto encareceram o seu amôr na repugnancia e resistencia interior, e na violencia manifesta com que se apartava, ou com que se não podia apartar dos homens, muito mais se exaggeram na pressa com que desce, e está sempre descendo a os buscar, e assistir com elles no Sacramento. O modo com que Christo desce, ou, mais propriamente, com que se põe e faz presente na hostia, é por reproducção, e não por movimento local: e porque? Porque o movimento local, posto que brevissimo, faz-se em tempo; a reproducção em instante; e para quem tanto ama como Christo, até os instantes tardam. Quando se partiu de nós, os nossos olhos o prendiam para que se não podesse despegar, e eram as remoras que o detinham; mas depois que está no céu, nem os olhos dos anjos, *in quem desiderant angeli prospicere*, nem os olhos de todos os bemaventurados, nem os seus mesmos olhos com que está vendo a Deus, o retardam, para que nem por um instante possa soffrer, não digo a ausencia dos homens, mas nem a menor dilação em multiplicar presenças sobre presenças. Assim lhe doeu o apartar-se de nós, e assim preveniu naquella

soberana victima o remedio da amorosa dôr, a que não pôde resistir a sua mesma impassibilidade: *Solus doluit qui aliam victimam procuravit.*

X

Já creio que em seguimento da subida de Christo, e mais em seguimento do subido de seu amôr, podemos ouvir á Igreja sua Esposa, que neste dia lhe cante, e em todos os do anno o rogue, allegando-lhe o admiravel de sua Ascenção: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Não admiravel por, depois de ter feito tantas finezas por nós, hoje as desfazer deixando-nos, como ao principio se representava: mas admiravel por se despedir da terra no cume de um monte, que é o fim onde ella se despede de si mesma: mas admiravel por deixar impressa e esculpida nas pedras a estampa do ultimo passo com que se partia: mas admiravel pelos vagares e rodeios, com que sahindo deste unico porto das suas saudades, não acabava de tomar a derrota do céu em direitura: mas admiravel por se não poder desprender das cadêas de nossos olhos, que como remoras o detinham: mas admiravel por se reduzir a estado de impassivel, para soffrer de algum modo o ausentar-se de nós: mas admiravel e mais admiravel, finalmente, por nessa mesma impassibilidade não poder seu coração resistir o sentimento, e nem isentar-se da dôr. Por todos estes motivos que deixamos ponderados, parece que tinha subido o nosso divino Amante ao summo gráu de admiravel no mysterio de sua Ascenção. Eu porém sobre todos elles ainda tenho mais que admirar, e por isso mesmo. Pergunto: Se Christo Senhor nosso tanto sentia, e seu amôr se doía tanto de se apartar e ausentar de nós; porque se ausentou? No mesmo acto e nesta mesma hora da sua partida o nomêa o Evangelista S. Marcos não só e simplesmente com o nomé ordinario de Jesus, senão de Senhor Jesus, termo novo e sem exemplo em toda a historia do mesmo Evangelista: *Et Dominus quidem Jesus postquam locutus est eis, assumptus est in cœlum.* [1] Pois se na mesma hora e no

[1] *Marc.*, XVI, 19.

mesmo acto em que Christo partia do mundo, partia como Senhor e era tão Senhor de suas acções, como de tudo o mais, porque se não deixou ficar comnosco na mesma fórma visivel como antes da morte, ou como depois da resurreição, mas totalmente se tirou dos nossos olhos, e a nós dos seus, e se tornou para o céu, d'onde o tirara e trouxera á terra o mesmo amôr com que tanto nos amava?

A razão verdadeira desta que ao principio parecia mudança, e não foi senão maior amôr e maior fineza, só o mesmo Christo a podia dar e a deu aos mesmos homens, com palavras tão claras como estas: *Expedit vobis ut ego vadam:* [1] Aparto-me de vós e vou-me para o céu, porque a vós vos importa que eu me vá. De sorte que naquella mesma hora reinavam e se combatiam no coração de Christo dois poderosissimos affectos: o seu amôr, e a nossa conveniencia: o seu amôr instava que ficasse, a nossa conveniencia requeria que se fosse: e orando por ambas as partes toda a sabedoria divina, e toda a eloquencia humana, o mesmo Christo como Deus e como homem sentenciou com tal resolução a controversia, que muito apesar do seu amôr prevaleceu a nossa conveniencia: *Expedit vobis ut ego vadam.* Oh resolução sobre todas as admirações admiravel! A soberania incomprehensivel desta sentença e desta razão só se póde de algum modo entender, comparando um *expedit vobis* com outro *expedit vobis*. O mesmo Christo, que antes de sua Ascenção disse por sua sagrada bocca: *Expedit vobis ut ego vadam*, por bocca de Caiphaz (o qual por ser Pontifice fallava propheticamente) tinha tambem dito antes de sua morte: *Expedit vobis ut unus moriatur homo.* [2] Em um *expedit vobis* se continha a importancia de Christo morrer por nós: em outro *expedit vobis*, se declarava a importancia de o mesmo Christo se apartar de nós. A importancia de morrer por nós, como fez na sua Paixão: *Expedit vobis ut unus moriatur homo:* a importancia de se apartar de nós, como fez na sua Ascensão: *Expedit vobis ut ego vadam.* E em um e outro caso de tal maneira prevaleceu no coração de Christo a conveniencia dos homens, que quando

[1] *Joan.*, XVI, 7.
[2] *Joan.*, XI, 50.

a conveniencia pedia que morresse, não duvidou padecer a morte; e quando á mesma conveniencia importava que se ausentasse, tambem se sujeitou a soffrer a ausencia. No primeiro caso antepoz a nossa conveniencia á sua propria vida: no segundo prevaleceu a nossa conveniencia contra o seu proprio amôr. E qual destes dois foi maior excesso?

A questão pedia mais tempo, mas digo breve e resolutamente que neste segundo excesso, em que o amôr ficou vencido, se excedeu e venceu muito o mesmo amôr. Mas onde iremos buscar a prova? Não a outra parte, senão ao monte Tabôr, onde Christo com um morto, que era Moysés, e com um vivo, que era Elias, tratou deste mesmo excesso. Diz o Evangelista S. Lucas que no monte Tabôr appareceram com Christo Moysés e Elias, e que fallavam com o Senhor sobre o excesso a que havia de dar complemento em Jérusalem: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jérusalem.* [1] Assim o Calvario, como o Olivete, ambos eram montes de Jérusalem. E posto que commummente se cuide que o excêsso se entende do monte Calvario, onde Christo morreu por nós, tres grandes razões persuadem que não foi senão do monte Olivete, donde se ausentou de nós. Primeira, porque Christo no Tabôr estava glorioso, e era mais conveniente áquelle estado a pratica do Olivete, donde subiu á gloria. Segunda, porque a palavra *excessum* no seu proprio e natural sentido significa partida e apartamento, e d'alli se apartou o Senhor de nós, e se partiu para o céu. Terceira, porque este excesso havia de ser o complemento de suas acções: *Quem completurus erat;* e o complemento de todas as acções de Christo não podia ser outra senão a ultima, que foi a sua Ascensão. Este pensamento concorda com o de todos aquelles Auctores, que, abstrahindo de tempo e acção, e não do logar (que necessariamente havia de ser o de Jérusalem) entendem o excesso em que fallaram os dois prophetas: *de excessu charitatis.* E verdadeiramente que não podia subir o amôr de Christo para com os homens a maior e mais refinado excesso, que chegar a preferir e amar mais a nossa conveniencia, que o seu proprio amôr.

---

[1] *Luc.*, IX, 31.

Muito a seu pesar soffreu este extremado amôr o apartar-se de nós, como vimos nas grandes violencias com que se apartou. E que mais podia fazer aquelle amorosissimo coração com a nossa conveniencia diante dos olhos, que chegar a ser cruel com o seu mesmo amôr, para ser piedoso commosco? Só um entendimento tão alumiado como o de S. Paulo póde penetrar a profundidade deste segredo: *Magnum est pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne, assumptum est in gloria.* [1] Grande segredo foi da piedade (diz o Apostolo do terceiro céu) que tendo Christo manifestado aos homens tudo o que obrou por elles depois que tomou nossa carne, no fim os deixasse e se fosse para a gloria! Mas qual é a razão porque chama S. Paulo a esta ultima clausula da vida de Christo segredo e sacramento da piedade: *Magnum pietatis sacramentum?* A razão é, porque no mysterio da Ascenção esteve encuberta a piedade debaixo de accidentes de crueldade: cruel Christo com seu amôr, para ser piedoso commosco. Na morte foi o amôr cruel com Christo, na Ascenção foi Christo cruel com seu amôr: cortou por elle, e por todos seus affectos, sem piedade, só pela ter de nós, de nosso maior bem, de nosso remedio, e do que mais nos convinha: *Expedit vobis.*

Quando o Verbo Divino, só para nos vir buscar, se vestiu de nossa carne, o amôr triumphou de Deus: *Triumphat de Deo amor*, diz S. Bernardo: mas quando o mesmo Verbo, depois de se manifestar na mesma carne, tornou para o céu: *Assumptus est in gloria*, então triumphou Deus do seu mesmo amôr. No primeiro triumpho o amôr trouxe a Deus captivo á terra: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus:* [2] mas neste segundo triumpho, com que subiu ao céu, levou o Senhor captivo esse mesmo captiveiro: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem.* [3] Este foi o mysterio e a energia que ainda não ponderamos, porque só no dia da Ascenção se chama Christo no nosso Evangelho, Senhor. Oitenta e sete vezes nomeia S. Marcos na sua historia o nome de Jesus, e só

---

[1] *1.ª Epistola ad Timoth.*, III, 16.
[2] *Philip.*, II, 7.
[3] *Eph.*, IV, 8.

nesta acção lhe accrescenta o sobrenome, ou antenome de Senhor: *Et Dominus quidem Jesus assumptus est in cœlum.* E porque só hoje Senhor, e não antes? Porque até hoje andou Christo sempre captivo, sempre senhoreado e sujeito ao seu amôr: porém hoje, em que lhe antepoz a nossa conveniencia, hoje só o senhoreou e se mostrou Senhor delle, não ficando na terra comnosco, porque nos amava, mas indo para o céu, porque nos convinha: *Expedit vobis ut ego vadam.*

XI

Todas estas razões, sempre mais e mais maravilhosas, tem a Igreja para chamar admiravel a Ascenção de seu divino Esposo: *Per admirabilem Ascensionem tuam.* Mas posto que a mesma Igreja esteja tão justamente admirada, nem por isso está menos admiravel e menos digna de admiração neste mesmo dia. Estas são as duas admirações a que reduzi no principio o meu discurso: uma admiração sua, e outra minha. Uma admiração da Igreja, com que ella se admira da Ascenção de Christo, e outra admiração minha, com que eu me admiro da mesma Igreja neste mesmo da Ascenção.

Basta, Igreja santa, (dae-me licença para que declare as causas da minha admiração, como ponderei as da vossa). Basta, Igreja santa, amante e discreta, que estas são as correspondencias do vosso amôr, e estas as resoluções do vosso juizo? Tudo o que vejo e oiço em vós hoje, não só me parece alheio, senão contrario ás obrigações deste dia. O que vejo são os altares ricamente paramentados, as paredes vestidas de oiro e seda, o pavimento juncado de flôres, e até o tecto chovendo rosas: o que oiço são continuos repiques das vossas torres, musicas de vozes, e ruido de instrumentos nos vossos coros, com tanta novidade na harmonia das solfas, como nos pensamentos das letras: tudo em fim demonstrações de applauso, de alegria, de festa. E quem poderia crêr nem imaginar, que assim solemnizasse o vosso amôr a despedida, a partida, a ausencia do seu tão singularmente amante, como unicamente amado? Vae-se Christo, e vós alegre? Parte-se o vosso Esposo, e vós com galas? Au-

senta-se o vosso Deus, e vós cantando? Assim se pagam as finezas de trinta e tres annos, e tão depressa se esquecem os desvelos de uma eternidade inteira? Não celebrava assim estas ausencias David quando vós ainda ereis Sinagoga, e muito menos a Magdalena depois que fostes Igreja. David chorava, e dizia: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes, dum dicitur mihi, ubi est Deus tuus:* [1] a Magdalena tambem chorava quando perguntava: *Quid ploras?* Respondia: *Tulerunt Dominum meum.* [2] Oh quanto mais devidas eram as lagrimas á ausencia de Christo na Ascenção que na sepultura! A ausencia da sepultura era ausencia de tres dias: a da Ascenção é ausencia de toda a vida, e ainda mais. Assim o reconheceram, e não poderam negar os mesmos Anjos, que nesta occasião desceram ao Olivete a retirar delle os Apostolos: *Viri Galilæi, quid statis aspicientes in cœlum? Hic Jesus, qui assumptus est á vobis in cœlum, sic veniet, quem admodum vidistis eum euntem in cœlum.* [3] Não vos desconsole, varões de Galiléa, a ausencia de vosso Mestre, porque assim como o vistes agora subir, assim ha de tornar outra vez no dia do Juizo. Estremada consolação por certo para umas saudades! Mais para perder o juizo, que para esperar por elle. Pois se a ausencia que hoje faz Christo é tão incapaz de todo o allivio, que até os Anjos, quando lh'o quizeram buscar, sahiram com uma desesperação: e se todas as circumstancias desta despedida para tão longe, e deste remedio para tão tarde, mais aggravam todas as causas da dôr e do sentimento: se mais magoam os corações, se mais enternecem as saudades, sem consolação nem allivio ao amôr: como a Esposa tão amada e tão amante, triste, deixada e solitaria, em vez de se derreter em lagrimas, se desfaz em festas; e quando se devêra metter e enterrar em uma cova do mesmo monte Olivete, se mostra em publico ao mundo todo, convidando-o a que lhe dêem os parabens, e celébra e solemniza com tantos extremos de alegria, o que devêra lamentar e chorar com os maiores excessos e demonstrações de tristeza?

---

[1] *Psal.* XLI, 4.
[2] *Joan.*, XX, 13.
[3] *Act.*, I, 11.

Esta é a minha admiração: com que me parece não menos admiravel, nem menos digna de nós admirarmos a Igreja neste mesmo dia, do que ella se admirou e teve sempre por admiravel entre todas, e sobre todas as acções de seu divino Esposo, esta de sua Ascenção: *Per admirabilem Ascensionem tuam*. E se o amôr de Christo para comnosco neste dia, sem embargo de nos deixar, foi admiravel pelo modo com que nos deixou; e sem embargo de se ir para o céu, foi admiravel pela razão porque se foi; que seria se eu dissesse, que o amôr da Igreja para com Christo neste mesmo dia, sem embargo de não chorar sua ausencia, é admiravel pelo modo com que a não chora: e sem embargo de a festejar com tantos excessos, é admiravel pela razão porque a festeja? Pois isto mesmo é o que digo, e o que desfaz mais admiravelmente a minha mesma admiração. Em que foi admiravel Christo neste dia da sua Ascenção? Foi admiravel em se ir para o céu, deixando a Esposa que tanto amava. E em que foi admiravel neste mesmo dia a mesma Esposa, que é a Igreja, e somos nós? E' admiravel em celebrar, e celebrarmos com festas esta mesma ida de Christo, e sua ausencia. Porque? Porque só desta maneira podia corresponder o nosso amôr ao seu amôr, e pagar a nossa fineza á sua fineza. Notae. A fineza do amôr de Christo hoje, consistiu em antepôr as nossas conveniencias aos seus desejos; e a fineza do nosso amôr neste mesmo dia, consiste em antepôr as suas glorias ás nossas saudades. A nossa perda era infinita, porque elle nos deixou: a sua gloria era tambem infinita, porque se foi assentar á dextra do Padre: *Assumptus est in cœlum, et sedet à dextris Dei:* e posta a Igreja entre dois extremos, ambos infinitos, que havia ou devia fazer por seu Esposo senão o que o Esposo fez por ella? Vós antepuzestes as minhas conveniencias ao vosso amôr? Pois o meu amôr ha de antepôr as vossas glorias á sua perda. Por isso vos festeja glorioso, quando vos havia de chorar ausente.

XII

Caso notavel é, e sobre toda a admiração admiravel, que naquelle monte, e naquella hora, em que se representou a tragedia da mais lastimosa despedida, se

não visse uma lagrima; e que o amôr celebrasse as exequias á ultima vista de todo seu bem com os olhos abertos e enxutos. Não ha palavra que mais lastime e magoe o coração na despedida dos que se amam, que um nunca mais. Se a despedida é para se tornarem a vêr, o apartamento é soffrivel: mas apartar-se de mim quem amo mais que a mim, para nunca mais o vêr; este não vêr mais, é a maior dôr dos olhos, e a que os desfecha e desfaz em rios de lagrimas. Quando S. Paulo se despediu dos Ephesios, declarando-lhes que aquella seria a ultima vez que se veriam, diz o Texto sagrado, que entre todos se levantou um pranto desfeito: *Magnus autem fletus factus est omnium:* [1] e que a principal causa da sua dôr, era porque nunca mais o haviam de vêr: *Dolentes maximè in verbo, quod dixerat, quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.* [2] Pois se esta consideração ou desengano de que não haviam de vêr mais a S. Paulo, era a causa da maior dôr de seus Discipulos, e de que todos chorassem em pranto desfeito, sem haver nem um só que podesse reprimir as lagrimas naquella ultima despedida; como nesta de Christo se não viu uma só lagrima em todos os seus Discipulos, que o amavam sem comparação tanto mais que a S. Paulo os seus? A razão é a que se tira do mesmo Texto: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum.* Não se viu nos Discipulos de Christo uma lagrima, senão todos com os olhos enxutos, porque olhavam para elle e para o céu, aonde subia; e não para si, nem para a terra, onde os deixava. A nuvem lh'o tirou dos olhos; mas aos mesmos olhos, que nella, como em carro triumphal, o viam subir ao céu para se assentar á dextra do Padre no throno da sua gloria; esse mesmo céu, esse mesmo throno, e essa mesma gloria, lhes suspendia as lagrimas, para que trocadas em jubilos de alegria, não chorassem o que perdiam, mas só se lembrassem e festejassem o que elle ia lograr. D'aqui se segue e vê claramente, que quando os Anjos vieram consolar os Apostolos, não acertaram com os motivos da verdadeira consolação, que só podiam ter naquelle caso. Que disseram os Anjos aos Apostolos? Estra-

[1] *Act.*, xx. 37.
[2] *Ibid.*, 38.

nharam-lhes estar olhando para o céu: *Quid statis aspicientes in cœlum?* E isto que lhes estranharam, é o que lhes haviam de persuadir; porque se o vêrem que se ia Christo os podia entristecer, só o olharem para onde ia, os podia alegrar.

Assim o confirmou expressamente o mesmo Christo, que só o seu entendimento podia emendar e ensinar o dos Anjos. Tendo annunciado o Senhor depois da ultima Cêa aos Discipulos que se havia de partir deste mundo, e vendo-os tão tristes com aquella não esperada nova, como ella merecia, estranhou-lhes a tristeza com estas palavras: *Vado ad eum, qui misit me, et nemo e vobis interrogat me, quò vadis? Sed quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* [1] Porque vos disse, Discipulos meus, que me hei de ir, vejo-vos tristes, não só no rosto, senão no coração, e nenhum de vós me pergunta para onde vou: *Et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?* Oh divinas palavras! *Nemo ex vobis:* Nenhum de vós (diz) porque entre os Discipulos uns eram mais entendidos, outros mais rudes: e nem os rudes, nem os entendidos, alcançavam a verdadeira razão com que se haviam de consolar e alegrar naquella despedida, porque todos reparavam em quem se ia, e nenhum considerava para onde ia. Se vos entristece o *vadam*, porque me vou; perguntae-me: *quo vadis*, para onde vou: e logo vos alegrareis. Esta foi a lição do divino Mestre, quando annunciou aos Discipulos a sua ausencia: e porque elles a observaram no dia da partida, por isso hoje se não viram no Olivete lagrimas, nem uma só lagrima: *Cumque intuerentur in cœlum euntem illum.* O *euntem illum* lhes podia provocar as lagrimas, porque se ia, mas como olhavam juntamente para onde ia: *Cumque intuerentur in cœlum*, o para onde, lhes suspendeu as lagrimas de maneira que nem uma só se chorou onde elles ficavam.

A razão desta philosophia tirada das entranhas do verdadeiro e fino amôr, só podia ser do mesmo Mestre divino, e assim foi. Estranhando-lhes o Senhor aos Discipulos a tristeza que acabamos de dizer, e elles não acabavam de arrancar do coração, disse-lhes assim: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Pa-*

[1] *Joan.*, XVI, 5 e 6.

trem. [1] Ah Discipulos meus, que vejo que me não amaes! Se vós me amareis, vós vos alegrarieis muito, porque vou para meu Padre. Antes de chegarmos ao Padre, reparemos no *quia vado*. Se Christo vira aos Discipulos alegres em sua despedida, e lhes dissera: bem parece que me não amaes, pois vos alegraes quando me parto, esta é a consequencia, que dos olhos enxutos em similhantes occasiões costuma colher o juizo humano, ainda sem outros signaes de alegria. Mas vendo os Discipulos tristes, dizer-lhes o Senhor: bem se vê que me não amaes, pois vos entristeceis quando me vou? Sim, porque só consideravam quem se ia, e não para onde: quem se ia: *quia vado*, e não para onde: *ad Patrem*, Christo Senhor Nosso, posto que emquanto Deus era igual ao Padre, em quanto homem era menor, como elle mesmo disse: *Quia Pater major me est*. [2] E como o Senhor em quanto homem se ia assentar á dextra do Padre, entristecerem-se os Discipulos com a sua ausencia, considerando a perda e orphandade em que ficavam, era effeito de amôr proprio com que se amavam a si; porém alegrarem-se na mesma ausencia, considerando a nova gloria e magestade de seu Mestre e Senhor, era affecto de amôr verdadeiro e fino, com que o amavam a elle. Por isso a tristeza, e lagrimas que chorassem naquella occasião, eram offensa do amor, e a alegria e lagrimas que não chorassem, fineza.

D'aqui se entenderá uma questão curiosa da Escriptura, não sei se bem explicada dos Interpretes. Quando David, perseguido de Saül, se despediu do principe Jonathas, diz o Texto sagrado, que ambos choraram, mas que David chorou mais: *Fleverunt ambo pariter, David autem amplius*. [3] E' certo, como consta do mesmo Texto em diversos logares, que Jonathas amava mais a David, do que David a Jonathas. Pois se ambos se apartavam, e Jonathas amava mais, porque chorou menos? Em Christo provaram os de Jérusalem na resurreição de Lazaro, que amava, porque chorou: na Magdalena provou Christo que amava muito, porque chorou muito. Pois se a medida do amôr são as

[1] *Joan.*, XIV, 28.
[2] *Ibid.*
[3] *1.º Livr. dos Reis*, XX, 41 e 42.

lagrimas, e quem mais chora, mais ama, porque razão nesta despedida chorou menos quem amava mais? Porque nas circumstancias daquella despedida era prova do amar mais o chorar menos, e não mostrou Jonathas o excesso, com que amava a David, nas lagrimas que chorou, senão nas que deixou de chorar. Esta ausencia que David fazia, não lhe importava menos que o viver e reinar, porque escapado das mãos de Saül, salvava a vida, e conservando a vida, segurava a corôa. E como a ausencia de David era para tanto bem e gloria sua, por isso Jonathas amando mais, chorava menos, porque as melhoras do amigo que se ia, suspendiam as lagrimas do amigo que ficava. Donde se segue, que mais devia David a Jonathas pelas lagrimas que deixava de chorar, que pelas que chorava, porque as lagrimas que chorava, corriam das fontes do amôr proprio com que se amava a si, e as lagrimas que deixava de chorar, seccavam-se nas fontes do amôr fino, com que o amava a elle. Umas lagrimas corriam tristes, e outras suspendiam-se alegres: mas as primeiras corriam, porque eram grosseiras, as segundas suspendiam-se, porque eram finas. E taes são as lagrimas que hoje suspende e não chora a Igreja: tanto apesar das occasiões de tristeza que lhe ficam na terra, como a prazer dos motivos de alegria, que lhe leva o céu: *Assumptus est in cœlum.*

XIII

Satisfeitas assim e tão finamente convencidas as razões que a Igreja tinha para chorar as suas saudades, dellas se segue com igualmente amorosa consequencia, que as não havia de calar com o silencio, que sôe encobrir ou dissimular a tristeza, mas publicar a sua alegria com repiques, cantal-a com musicas, ostental-a com galas, e solemnisal-a com festas. Sahiu Jacob de casa de Labão occultamente, levando comsigo para a sua patria o premio dos seus primeiros quatorze annos, que era Rachel e Lia, e tudo o mais que ganhara nos seis seguintes: quando sabendo o caso Labão, o foi alcançar ao caminho, e lhe fallou desta maneira: *Cur ignorante me fugere voluisti, nec indicare mihi, ut prosequerer te cum gaudio, et canticis,*

et tympanis, et citharis? [1] Se vos quereis ir da minha casa não seria bem, Jacob, que o soubera eu, porque quando vos partireis, vos despedisse com festas, com musicas, com instrumentos, e com todas as demonstrações publicas de alegria? Assim disse Labão, que não era nescio. E verdadeiramente que este genero de cumprimento não é facil de entender. Se dissera que se queria despedir de Jacob para lhe dar os ultimos abraços, para desafogar primeiro as saudades, para chorar muito com elle, já que se ia, isto é o que pedia o parentesco, o amôr, e ainda a urbanidade: mas para haver musicas, para haver festas, para haver todas as demonstrações de alegria e gosto na sua despedida: *Ut prosequerer te cum gaudio, et canticis?* Não é isto o que se costuma; mas esteve muito bem considerado, ou fingido, porque assim o pedia a razão nas circumstancias presentes. Esta jornada de Jacob era de grande gosto e utilidade sua. Havia vinte annos que vivia peregrino em Mesopotamia, agora tornava para a sua patria: viera solitario e pobre com o seu baculo na mão, agora tornava rico e com numerosa familia: viera a tomar estado, em que é tão duvidoso o acerto, e levava comsigo a Rachel e Lia, suas esposas insignes, uma na formosura, outra na fecundidade: finalmente, tornava para casa de seu pae, para a presença dos seus, e para gosar descançado por toda a vida o fructo de seus compridos trabalhos. E como esta partida era tão conveniente a Jacob, e para tanto bem seu; e em Labão concorriam tantas razões de o amar, ou mostrar que o amava, por isso discretamente lhe disse, que o havia de acompanhar, e celebrar a sua despedida não com lagrimas, senão com festas, posto que muito a sentisse, porque o verdadeiro e desinteressado amôr entre os que se partem, ou ficam, mais attende ás felicidades de quem se parte, para alegrar, que ás saudades de quem fica para enternecer.

Isto é o que fez ou dissimulou com fingido amôr Labão, pintando com falsas mas propheticas côres aquella formosa figura que hoje se descobriu á realidade. E isto é o que faz com primorosa e verdadeira fineza na despedida do seu divino Jacob a Igreja santa.

---

[1] *Gen.*, XXXI, 27.

Havia trinta e tres annos que Christo andava peregrino de sua patria, e tornava hoje triumphante a ella: descera do céu vestido de nossa humanidade, só, e com o baculo de sua cruz na mão, e agora tornava acompanhado de tão innumeravel familia, quantos eram os Padres e Santos do Limbo, cujas almas eram as suas Lias e as suas Racheis: tinha feito nos valles deste mundo vida de pastor, e tornava rico e glorioso para casa de seu pae, para gosar eternamente nella o fructo dos immensos trabalhos que padecera: e como a Igreja considerou que as felicidades a que subia seu Esposo eram tão avantajadas, ainda que as causas de sua dôr e sentimento não fossem menores, achou que era mais conforme ás obrigações de sua fidelidade e amôr, alegrar-se com elle, que entristecer-se comsigo. Por isso troca as tristezas em alegrias, as saudades em jubilos, as lagrimas em festas, e as lamentações ou endechas em canticos: *Ut prosequerer te cum gaudio, et canticis.*

XIV

Mas ciçamos em logar de Labão a mesma Esposa, e em vez de Jacob ao mesmo Christo. No ultimo Capitulo, e nos ultimos dois versos da amorosa historia dos Cantares de Salomão, descreve elle a ultima despedida do Esposo e Esposa, isto é, de Christo e sua Igreja, que são os dois interlocutores, ou figuras principaes daquelle dialogo pastoril. E que se diriam naquella occasião os dois maiores amantes, elle divino, e ella mais que humana? O Esposo disse-lhe que cantasse de modo que elle e todos os amigos de ambos (que são os fieis) a ouvissem: *Amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* [1] Obedeceu a Esposa: cantou: e o que disse, foi rogar ao Esposo que se partisse com toda a pressa, e se fosse para os montes de Bether: *Heu fuge dilecte mi, assimilare capreæ, hinnuloque cervorum super montes Bether.* [2] O *Bether*, ou *Bethel*, quer dizer casa de Deus, qual é o céu, para onde o Esposo

[1] *Cant.*, VIII, 13 e 14.
[2] *Text. hebr.*

então subia. E haverá alguem que em tal occasião podesse esperar nem imaginar taes palavras, tanto da parte do Esposo que se partia, como da Esposa que ficava? Basta, Esposo e Amante divino, que vos partís, e deixaes vossa Esposa, e lhe dizeis que cante? Basta, Esposa santa, cuja santidade consiste no mesmo amôr, que quando vosso Esposo se parte, e se ausenta de vós, lhe rogaes que acabe de se despedir, e que se vá com toda a pressa? Este é o amôr? Estas são as finezas? Estes são os extremos das saudades? E estes os esmorecimentos mortaes na despedida, não de uma, senão de duas almas? Agora é que tinham melhor logar os desmaios da Esposa, e o dizer que o não havia de largar: *Tenui eum, nec dimittam.* [1] Mas elle dizer-lhe que cante, quando havia de chorar, e ella dizer-lhe que se apresse, quando lhe havia de pedir os momentos, que n'outro tempo lhe pareciam eternidades? Sim, sim, sim. Não fôra Christo o que era, nem a Esposa o que devia ser, se fallaram d'outra sorte. Que tinha Christo dito aos Discipulos antes desta hora? *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia ad Patrem vado.* Se vós me amasseis, vós vos alegrarieis muito com a minha ida, porque vou para meu Padre. Assim devia ser, e assim foi. Porque a Esposa se devia alegrar com sua ida, por isso lhe diz o Esposo que cante, como hoje faz a Igreja: e porque a Esposa amava muito ao Esposo, por isso lhe diz que se vá; e não chora, mas festeja a sua partida.

Esta foi a admiravel correspondencia com que ambos os Amantes neste dia se competiram e pagaram, sendo a mesma ausencia em ambos a pedra de toque, em que um e outro amôr não só qualificou, mais igualou seus quilates. E como? Elle comprando as nossas conveniencias com se ausentar de nós, e nós estimando mais as suas glorias, posto que ficassemos ausentes delle. Elle na valentia da sua resolução, obrou como quem era Filho de Deus, e nós na nossa, como se não foramos filhos de Adão. Comeu Eva (vède como se prova o que digo por um exemplo contrario) comeu Eva a fructa vedada; e diz o Texto que deu tambem della a Adão para que comesse: *Deditque viro suo, qui*

[1] *Cant.*, III, 4.

comedit. [1] Que comesse Eva, não me admira; era mulher, e o seu appetite, a sua ambição, e, quando não houvera outro motivo, a sua curiosidade (porque ainda não sabia a que sabia o comer) lhe póde servir de alguma desculpa. Mas sendo a pena da prohibição tão grave, e comminada a ambos; que fim, ou que pensamento podia ter Eva em querer que tambem comesse Adão? Descobriu-o profundamente Santo Ambrosio. Diz que quiz Eva fazer a Adão cumplice no delicto, para o fazer companheiro no desterro, como verdadeiramente succedeu: *Excludendam se esse cognoscens consortio viri, quem diligebat, noluit defraudari.* Depois que Eva quebrou o preceito, cega do seu peccado, e cega tambem do amôr do Esposo, fez este discurso: Supposto que eu comi do fructo vedado no paraiso, quando menos ha-me de desterrar Deus do mesmo paraiso: e Adão, supposto que não comeu, não ha de ser desterrado: donde se segue que havemos de ficar divididos e ausentes, elle no paraiso, e eu no desterro. Pois que remedio? Diz Eva. Tambem mostrou ser mulher na astucia. Darei desta mesma maçã a Adão para que coma: comendo, offender-se-ha Deus igualmente: offendido Deus, desterral-o-ha tambem a elle do paraiso: desterrado, iremos juntos para onde nos lançarem: e desta maneira ficará remediada a sua ausencia, e as minhas saudades, porque antes quero a Adão no desterro commigo, que no paraiso sem mim.

Eis aqui como ama Eva, aquella que foi tirada do lado de Adão; mas não ama assim a Igreja, que foi tirada do lado de Christo. Aquelles dictames são os proprios do amôr proprio, estes os verdadeiros do amôr verdadeiro. Bem conhece a Igreja, que indo-se seu Esposo para o céu, fica ella só, e peregrina na terra: mas como o ama a elle mais que a si mesma, troca as palavras de Eva, e diz desta maneira: *Heu fuge, dilecte mi:* Esposo e amado meu, ide-vos, ide-vos. Bem vejo que fico ausente e desterrada; mas vivei vós glorioso com vosso Padre no céu, que eu antes vos quero no paraiso sem mim, que no desterro commigo. No desterro era-me allivio a vossa presença, na ausencia ser-me-ha allivio a vossa gloria, e muito maior allivio. Em quanto estaveis commigo na terra, padecia

[1] *Gen.*, III, 6.

as minhas penas e mais as vossas: agora que estaes no céu (posto que sem mim) nem as minhas venho a padecer, porque basta a consideração das vossas glorias, para ser a suspensão das minhas penas. Não temos logo que nos admirar, nem de que os Apostolos na despedida de Christo nenhuma demonstração fizessem de sentimento, nem de que a Igreja neste dia, em que a mesma despedida se representa, a celébre com festas; porque quando as ausencias são para gloria de quem se parte, ninguem as sente melhor que quem mais se alegra.

XV

Alegre-se, pois, todo o fiel christão, e ponha os olhos no céu, para que foi creado pelo nascimento, e chamado pelo baptismo. Lembre-se que este mesmo Senhor que hoje subiu, quando desceu, nos veiu buscar, e que, se partiu primeiro, não foi para nos deixar, senão para ir diante. Hoje foi o dia da sua Ascenção, e por mais que dure esta vida, não tardará muito o dia da nossa. Lembremo-nos deste dia, e preparemo-nos tambem para a nossa ascenção. Diz David que todo o homem que tem fé e prudencia, prepara e dispõe a sua ascenção neste valle de lagrimas: *Ascensiones in corde suo disposuit in valle lacrymarum in loco quem posuit.* [1] O valle é muito fundo, o monte é muito alto, e não se póde lá subir sem muita prevenção. Pergunte-se cada um, no caso em que agora se lhe acabasse a vida, se se acha disposto para subir, ou para descer? Jacob tendo uma escada lançada do céu á terra, e olhando para cima, disse: *Terribilis est locus iste.* [2] O' que terrivel, ó que temeroso logar é este! E que seria se olhasse tambem para baixo? Mas deixemos esta tremenda consideração, que não é para dia tão alegre. Se o valle em que se prepara e dispõe a nossa ascenção, é valle de lagrimas: *In valle lacrymarum in loco quem posuit;* não choremos a Ascenção de Christo, que tanto nos deve alegrar: mas choremos o perigo em que fica a nossa. O' vicios, ó vaidades,

---

[1] *Psalm.* LXXXIII, 6 e 7.
[2] *Gen.*, XXVII, 17.

ó invejas, ó odios, ó vinganças, ó ambições, ó cubiças, ó torpezas, pelas quaes se está desprezando na terra, e vendendo publicamente o céu, comprado com o preço infinito do sangue do Filho de Deus, e das chagas que, subindo, nos está mostrando do mesmo céu. Ah Senhor, quem bem se vira nesses divinos espelhos, e logo voltára os olhos cheios de confusão á terra, e os fixára naquelles sagrados vestigios, que nas pedras do Olivete, menos duras que os nossos corações, nos deixastes impressos, para que nos animemos a seguir vossos passos: *Ut sequamini vestigia ejus!* [1] No mesmo logar se edificou depois um precioso templo, cujas abobadas por nenhuma arte ou força se poderam jámais cerrar; querendo o sempre amoroso Redemptor, que aquelle caminho ou via lactea por onde subiu ao céu, nos ficasse perpetuamente aberto. Que nos detem logo, ou que nos prende, para que não subamos todos? Esta é a hora de se romperem as cadêas, que não são mais que umas tèas de aranha com que nos embaraça o mundo, com que nos enreda a carne, e com que nos captiva o demonio. E se a mesma hora foi aquella em que o soberano Triumphador de todos estes inimigos levou o mesmo captiveiro rendido e manietado no seu triumpho: *Christus ascendens in altum captivam duxit captivitatem:* [2] desatados e livres já dos mesmos inimigos, e cada um de si mesmo, que é o maior inimigo, mettamos debaixo dos pés a terra, e tudo o que acaba com o tempo; e com os olhos postos no céu e na eternidade, peçamos ao liberalissimo Senhor, que entre os dons que então repartiu aos homens: *Dedit dona hominibus*, nos communique agora os de sua graça e perseverança nella, para que no dia das nossas ascenções, que não póde tardar muito, subamos em seguimento seu a assistir e adorar o throno da gloria, em que está assentado á dextra do Padre: *Ascendit in cœlum, et sedet á dextris Dei.*

---

[1] *1.ª Epist. Petr.*, II, 21.
[2] *Ephes.*, IV, 8.

EXHORTAÇÃO PRIMEIRA

Em vespera do Espirito Santo *

Na Capella interior do Collegio

Apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum. [1]

I

Appareceram sobre os Apostolos linguas de fogo partidas, as quaes se assentaram sobre cada um delles. Este foi o signal visivel com que o Espirito Santo desceu sobre o Collegio Apostolico; e esta a traça maravilhosa com que a misericordia divina, sobre as ruinas de uma fabrica, que sua mesma justiça tinha derrubado, levantou e edificou a maior obra que nunca intentaram os homens. A maior obra que intentou a ambição e vaidade humana, foi aquella que depois se chamou torre de Babel, tão alta nos seus pensamentos, que chegasse até ao ceu: *Faciamus nobis turrim, cujus culmen pertingat ad cœlum.* [2] E Deus, que nunca soffreu altivezas muito menores, que meio tomaria para desfabricar aquella machina, para desbaratar aquelles intentos, e para fazer que antes de ser torre fosse ruina? *Venite confundamus linguam eorum.* Aquelles homens, que eram quantos então

---

* A respeito d'esta Exhortação diz o proprio Vieira: Pela nova obrigação que accresceu ao Auctor com a superintendencia das Missões da Provincia do Brazil, fez no Collegio da Bahia esta Exhortação, bem como uma outra em Vespera da Visitação, na Capella do Noviciado, dia em que alli se faz a renovação dos votos. Ambos dedica aos irmãos Noviços e Estudantes da Companhia de Jesus, zelosos, como todos devem ser, d'empregar e sacrificar a vida á conversão e salvação dos Gentios nas Missões das nossas Conquistas.

[1] *Act.*, II.

[2] *Gen.*, XI, 4.

havia no mundo, todos fallavam uma só lingua, e esta lingua confundiu Deus de tal maneira, que de repente se começaram a fallar e ouvir em toda aquella multidão de trabalhadores, tantas linguas, quantos eram os mesmos homens. Todos depois disto fallavam, e todos ouviam; mas, como bem notou Philo Hebreu, todos no mesmo tempo ficaram surdos e mudos. Surdos, porque ouvindo, não entendiam aos que fallavam; e mudos, porque fallando, nenhum percebia o que diziam.

Tal foi o delicto, e tal o castigo antigamente, mas hoje estamos na vespera de um dia, em que, trocada a justiça em misericordia, querendo Deus edificar outra torre propria sua, do mesmo delicto tomou a traça, e do mesmo castigo os instrumentos. O delicto daquelles homens foi quererem edificar uma torre que chegasse até o céu: e Deus seguindo a mesma traça, e o mesmo desenho, não se contentou com menos, que com edificar outra torre, que não só chegasse ao céu, mas levasse e mettesse no céu os mesmos auctores daquelle pensamento. Esta torre é a Igreja Catholica, a qual desceu a fundar o Espirito Santo por sua mesma Pessoa, e na qual se verifica propriissimamente o *cujus culmen pertingat ad cœlum;* porque sendo militante na terra, é juntamente triumphante no céu. E para que a segunda circumstancia fosse tão maravilhosa como a primeira, assim como do delicto tomou Deus a traça da sua obra, assim do castigo tomou os instrumentos della, fundando e levantando uma torre com os mesmos instrumentos com que tinha abatido a outra. Quaes foram os instrumentos com que Deus abateu e confundiu a torre de Babel? Foram as novas e varias linguas em que dividiu e multiplicou aquella lingua universal e unica que todos fallavam. Pois por isso desceu o Espirito Santo sobre os Apostolos, em fórma tambem de linguas, muitas, e repartidas: *Apparuerunt dispertitæ linguæ;* [1] para que por este modo, assim como confundindo as linguas nos edificadores da torre, impediu a obra que elles intentavam, assim infundindo as linguas nos Apostolos, e prégadores da fé, fundasse, estabelecesse, e propagasse a sua, que era a Igreja.

[1] *Act.*, II, 3.

Qual fosse o numero das linguas, cuja noticia receberam os Apostolos, não se póde definir ao certo. Só se sabe que foram tantas, nem mais nem menos, quantas originalmente tiveram seu principio na torre de Babel. Na torre de Babel nasceram, d'alli se dividiram em varias nações, depois se estenderam por todo o mundo, e ultimamente se tornaram a ajuntar no Cenaculo de Jérusalem, sendo tão milagrosa esta ultima união, como tinha sido milagrosa sua primeira origem. E se alguem perguntar, como sendo estas e aquellas linguas em tudo as mesmas, tiveram tão diversos e contrarios effeitos, que umas impediram e fizeram parar a obra, e outras a adiantaram e fizeram crescer tanto? A razão é manifesta. As linguas dos edificadores da torre, eram linguas que os homens ignoravam, e não entendiam: e essas mesmas linguas no Cenaculo de Jérusalem, eram linguas que os Apostolos entendiam, e de que tiveram inteira e perfeita sciencia: e essa é a grande differença que ha em obrar com sciencia das linguas, ou com ignorancia dellas. Todos os homens, quantos havia no mundo, com ignorancia das linguas, não poderam acrescentar á torre uma pedra sobre outra pedra; e doze homens no Cenaculo, com sciencia das linguas, poderam fundar a Igreja, e estendel-a por todo o mundo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum, et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis.* [1] Note-se muito o *scientiam habet vocis.* Dá o Texto a razão e o modo com que o Espirito Santo encheu o mundo: *Hoc quod continet omnia*, é o mundo que contém e abraça todas as coisas: e porque o mundo teve a sciencia das vozes, que foi quando os Apostolos receberam o dom das linguas, esse foi o modo e o meio com que elles encheram o mundo do Espirito Santo, ou o Espirito Santo por elles encheu o mundo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum.*

I

De todo este discurso se convence, quão importante coisa é, e quão totalmente necessaria a todos os que imitam o espirito apostolico, e se occupam na con-

[1] *Sap.* I, 7.

versão das almas, a sciencia e intelligencia das linguas. Mas se o dom das linguas se acabou com a primitiva Igreja, e passou com os fundadores della; que faremos nós, empenhados na mesma obrigação, sem esta ajuda de custo, e mandados trabalhar na mesma obra, sem Deus nos dar os mesmos instrumentos? S. Agostinho dizia a Deus: *Da quod potes, et jube quod vis.* Dae vós, Senhor, o que podeis, e mandae o que quizerdes. Mas Deus a nós manda-nos o que quer, e não nos dá o que póde, porque nos não dá o que deu aos Apostolos. Respondo que sim, dá: porque se aos Apostolos deu as linguas de fogo, aos que teem espirito apostolico dá o fogo das linguas. No mesmo Texto o temos, coisa muito digna de se advertir: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum.* Appareceram sobre os Apostolos linguas de fogo, o qual fogo se assentou sobre elles. De maneira que não foram as linguas as que se assentaram, senão o fogo. E porque? Porque as linguas vieram de passagem, e passaram com a primitiva Igreja; porém o fogo das mesmas linguas esse não passou, mas permaneceu, e ficou de assento: *Sedit.* E que fogo de linguas é este? E' o zelo e fervor ardente que tem e sempre tiveram os herdeiros do espirito apostolico, de saber, estudar, e aprender as linguas estranhas, para com ellas prégar o Evangelho, propagar a fé, e amplificar a Igreja.

E senão vejamos quanto se accendeu este fogo das linguas naquelle grande homem ou gigante de fogo, por isso chamado Ignacio. Tinham-se descoberto em seu tempo no mundo dois novos mundos, um oriental na Asia, outro occidental na America: tinham apparecido novos homens e novas nações, tão differentes nas linguas, como nas côres: tinha-se ouvido a fama de novas gentilidades, não conhecidas, nem nomeadas no tempo dos Apostolos: e que faria o fogo que ardia naquelle vastissimo peito para abraçar e abrazar a todas? O que fez S. Ignacio foi fundar e levantar outra terceira torre, tambem fornecida e armada de todas as linguas, para que instruidos repartidamente seus filhos em todas, podessem ensinar e converter com ellas todas as mesmas nações. A primeira torre foi de Nembrot, em que se confundiram as linguas: a segunda torre foi do Espirito Santo, em que se infundiram: a terceira torre é a de S. Ignacio, em que

não se confundem, nem se infundem. Não se confundem; porque se aprendem distincta e ordenadamente: nem se infundem; porque não são graça *gratis data*, como o dom das linguas, mas adquirida e comprada a preço de muito estudo e grande trabalho, e por isso com muitos e grandes merecimentos.

Oiçamos ao fundador da mesma torre. Nossa vocação (diz S. Ignacio no principio de seu instituto) é para discorrer e fazer vida em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e ajuda das almas. E para ajudar essas almas, que meios ou que instrumentos nos deu e nos ensinou a providencia do mesmo Santo e sapientissimo Patriarcha? A sua Regra o diz. Para maior ajuda dos naturaes da terra em que residem, todos aprendam a lingua della. Reparemos bem naquellas duas clausulas universaes: *todos* e *em qualquer parte*, ou *partes do mundo:* e que terra ou terras são essas onde residem? O Japão, a China, o Malabar, o Mogor, o Mexico, o Perú, o Brazil, o Maranhão, e se se descobrir a terra incognita, tambem essa. E quem são os que hão de aprender as linguas? Todos, diz, sem excepção de pessoa. Poderá dizer que aprendessem a lingua alguns, ou a maior parte, mas não diz senão, todos os estudantes e os professos, os irmãos e os padres, os discipulos e os mestres, os moços e os velhos, os subditos e os superiores, sem que haja officio, ou occupação alguma tão importante, que os exceptue desta, porque ella é a maior, a mais importante, e a de que depende o fim de toda a Companhia. Olhemos para o Cenaculo dos Apostolos. Havia no Cenaculo dos Apostolos algum, o qual, além da lingua propria e natural, não estivesse habilitado com a sciencia das estranhas? Nenhum. *Supra singulos eorum.* Todos e cada um sabiam as linguas: todos e cada um, fallando a nosso modo, eram linguas. Lingua S. Pedro, que era o Prelado, e linguas os outros, que eram os subditos: Lingua S. André, que era o mais antigo, e lingua S. Mathias, que era o mais moderno: lingua S. João, que era o maior theologo, e lingua S. Filippe, que era o menos douto: lingua S. Matheus exercitado no Telonio, lingua S. Bartholomeu (que era Nathanaël) versado nas escólas: e linguas os demais tirados da barca e do remo: emfim todos, porque todos haviam de ser pescadores de almas.

III

Tal era o Cenaculo dos Apostolos em Jérusalem, e tal quer S. Ignacio que seja em qualquer parte do mundo todo o collegio da Companhia de Jesus. O titulo que o mesmo Jesus teve na cruz estava escripto nas tres linguas, que só então se não chamavam barbaras: a hebrea, a grega, a latina: e estas tres são as que se professam nas universidades da Europa, e nas quaes é tão eminente a Companhia, como se vê na estampa de seus escriptos. Porém depois que o Calvario se estendeu a todo o mundo, e nelle se arvorou o estandarte do Crucificado, o titulo da cruz já é composto de todas as linguas, por barbaras e incognitas que sejam. Quão praticada fosse a do Brazil nesta nossa provincia, bem o testifica a primeira arte, ou grammatica della, de que foi auctor e inventor o grande Anchieta, e com razão se póde estimar por um dos seus milagres. Bem o testificam as outras que depois sahiram mais abreviadas, e os vocabularios tão copiosos, e o cathecismo tão exacto em todos os mysterios da fé, e tão singular entre quantos se teem escripto nas linguas politicas, que mais parece ordenado para fazer de christãos theologos, que de gentios christãos. Sobre tudo o testifica o mesmo uso de que nos lembramos os velhos, em que a nativa lingua portugueza não era mais geral entre nós que a brasilica. Isto é o que alcancei, mas não é isto o que vejo hoje, não sei se com maior sentimento, ou maior admiração. Deu-nos Deus um rei (que elle guarde) tão herdeiro de seus gloriosos progenitores, e de animo tão pio e verdadeiramente apostolico, que entre a grandeza e multidão de seus cuidados, o maior de todos é a propagação da fé, fiando-a toda neste estado, e muito mais no do Maranhão, ao zelo e doutrina da Companhia. Deu-nos Deus no mesmo tempo por universal pae, e geral della ao mais insigne missionario deste seculo em Hespanha, cujo espirito não atado a Roma como o de S. Paulo, se nos faz presente por suas cartas, em todas as quaes com o fogo de S. Ignacio mais nos accende, que exhorta ás missões. E que direi eu ao collegio da Bahia, ou que me dirá elle a mim, quando nesta grande communidade é já tão pouco geral a lin-

gua chamada geral do Brazil, que são mui contados aquelles em que se acha? Direi por ventura ou por grande desgraça que emmudeceram, ou se diminuiram as linguas, porque se apagou ou esfriou o fogo?

Se assim tivesse succedido, não seria maravilha, que tão fortes são os poderes do tempo, ainda contra as coisas mais santas. Quando o povo de Israël foi desterrado para a Persia, retiraram os sacerdotes o fogo santo que ardia no Templo, e o esconderam na cova de um valle secreto, onde ficasse guardado. E diz o Texto que d'ahi a muitos annos: *Cum autem præterissent anni multi*, [1] indo os descendentes dos mesmos sacerdotes a buscar aquelle sagrado deposito, não acharam fogo, senão uma pouca de agua grossa: *Non invenerunt ignem, sed aquam crassam*. De sorte que o que dantes tinha sido fogo ardente, agora era agua fria e grossa: fria, porque se tinha apagado o calor; e grossa, porque se tinha perdido a fineza. Eu bem conheço que uma das maiores finezas que se podem offerecer a Deus abaixo de dar a vida, é applical-a ao martyrio, ou ao difficultosissimo estudo das linguas barbaras, que tão trabalhosamente se chegam a entender e fallar. Assim o arguiu o mesmo Deus, e quasi lançou em rosto ao propheta Ezechiel, quando por que mostrava temer a missão, a que o tinha destinado, lhe disse: *Non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris*. [2] Diremos, pois, que se teem engrossado as antigas finezas, ou se teem apagado, e, quando menos, esfriado este fogo das linguas na nossa Provincia, por se vêr menos cultivada hoje nella a lingua geral do Brazil? Não digo, nem se póde dizer tal coisa, pois é certo que á diminuição de uma lingua tem succedido cinco. A portugueza, com que por tantos meios se insiste na reformação dos portuguezes: a ethiopica, com que só nesta cidade se doutrinam e cathequisam vinte e cinco mil negros, não fallando no infinito numero dos de fóra: as duas de tapuyas, com que no mais interior dos sertões ainda remotissimos, se teem levantado as seis novas christandades dos payayâs e chiriris: nem finalmente a pro-

[1] *2.º Livr. dos Machab.*, I, 20.
[2] *Ezech.*, III, 5.

pria brasilica e geral, com que nas doze residencias mais visinhas ao mar, em quatrocentas leguas de costa, doutrina a Companhia, e conserva as reliquias dos indios deste nome, que já estariam acabados se ella os não conservára.

IV

Tudo isto não se póde negar que é fogo de linguas. E se esta ultima se diminuiu, tambem confesso que nessa mesma diminuição se não faltou á regra de S. Ignacio, a qual onde manda que se aprenda a lingua dos naturaes, accrescenta — salvo se lhes servisse mais a sua propria. — E como no Brazil se foi diminuindo o numero dos indios, e crescendo o dos portuguezes; com prudencia não alheia de nosso Instituto, se limitou o estudo da lingua da terra, para que as idades em que ella mais facilmente se aprende, se applicassem desde logo ao estudo da rethorica, philosophia e theologia, e mais depressa se formassem os operarios, que necessitam de maiores lettras. Porém na occasião presente em que ás obrigações desta Provincia se tem accrescentado a conquista universal do novo mundo do Maranhão, e grande mar do rio das Amazonas, não ha duvida que a lingua geral do Brazil, como porta por onde só se póde entrar ao conhecimento das outras, nos faz a grande falta e aperto em que nos vemos. Esta é a razão por que novamente ordenou nosso reverendo padre que nesta Provincia se torne a observar o estylo antigo, e que o estudo da lingua preceda a todos os outros, sem que a elles possa passar algum da Companhia, sem primeiro ser rigorosamente examinado e approvado nella. Mas quando se começarão a lograr os effeitos deste tão acertado decreto? As enfermidades presentes não se curam bem com remedios futuros, e mais em materia de salvação de almas, em que se não devem perder instantes. Tão de repente no dia de ámanhã acudiu ás almas S. Pedro, como tinha descido de repente o Espirito Santo. O Espirito Santo desceu á hora de terça, e á mesma hora, como o mesmo S. Pedro, advertiu: *Cum sit hora diei tertia*, [1]

[1] *Act.*, II, 15.

já elle estava convertendo almas, e não menos que tres mil.

Supposto, pois, que o remedio ha de ser proposto, e sem perder momento, onde o acharemos nós para a presente necessidade? Os Apostolos no Cenaculo já estavam ordenados, e habilitados de sacerdotes: mas ainda não estavam perfeitos ou inteiros missionarios; porque lhes faltavam as linguas, as quaes appareceram de repente onde as não havia: *Et apparuerunt dispertitæ linguæ*. E que grande mercê faria o Espirito Santo, se neste mesmo logar sagrado onde estamos apparecessem agora as linguas, e com ellas nos achassemos de repente com o soccorro de missionarios que havemos mister, não dilatado, mas prompto; não futuro, mas presente? Padres reverendos, e irmãos carissimos, e ólho para os padres sós, eu não acho este soccorro: se ólho para os irmãos sós, tambem o não vejo; mas se considero os padres acompanhados dos irmãos não me parece impossivel, senão muito facil. Se entre os padres não achamos linguas, entre os irmãos, temos as que bastam: e de um padre acompanhado de um Irmão bem se póde formar um perfeito missionario, não só por invenção humana, mas por traça divina. Uma das maiores missões, e mais difficultosas que houve no mundo foi a de Moysés, quando Deus o mandou libertar o seu povo do captiveiro do Egypto. Escusou-se Moysés com a falta da lingua: *Impeditioris, et tardioris linguæ sum:* e que lhe respondeu Deus? *Aaron frater tuus Levites, scio quod eloquens sit, ipse loquetur pro te.* Arão vosso irmão tem boa lingua, elle fallará por vós. Quem tal resposta esperára da bocca do Omnipotente em um negocio em que tão empenhado estava?! Não podéra Deus dar a lingua a Moysés tão facilmente como a deu aos Apostolos? Claro está: pois porque lh'a não deu? Não lhe quiz dar a elle a lingua, para nos dar a nós o exemplo; para que entendessemos, que de um Moysés sem lingua, e de um seu irmão com lingua, se póde fazer um perfeito missionario. Moysés supprirá o que falta a Arão, e Arão o que falta a Moysés. Quando o padre Trigaucio andou pela China, viu que uns homens levavam outros aos hombros: e advertiu que os levados aos hombros, eram mancos, e os que os levavam, cegos. De sorte que o manco, por que tinha olhos, emprestava os olhos ao cego; e o cego, por

que tinha pés, emprestava os pés ao manco: e deste modo inventou a necessidade fazer de dois homens defeituosos um homem inteiro. Assim o devemos nós fazer obrigados da mesma necessidade. O sacerdote supprirá o que falta ao irmão, e o irmão o que falta ao sacerdote: o sacerdote sem lingua administrando os sacramentos, e o irmão com lingua instruindo e ensinando os que os hão de receber.

V

Nem os Irmãos se devem escusar, quando assim o ordenar a obediencia. Escolheu Deus e avisou a Jeremias para uma missão muito similhante ás nossas: porque era para derrubar e edificar: *Ut destruas, et ædifices*, [1] assim como nós imos derrubar a gentilidade, e edificar a christandade: e era para arrancar e plantar: *Ut evellas, et plantes*, assim como nós imos arrancar a superstição e ignorancia, e plantar a fé. Ficou assombrado Jeremias, que ainda não chegava a dezeseis annos, vendo-se escolhido para tamanha empreza, e escusou-se, dizendo que era moço, e não tinha lingua: *A, á, á, Domine, nescio loqui, quia puer ego sum*. Fundava-se esta escusa em duas razões, cada uma dellas bastante, ao que parece, para ser acceita. Cresça primeiro Jeremias, e aprenda a fallar, e como tiver idade e lingua, então se lhe encarregará uma missão e commissão de tanta importancia. Mas Deus comtudo, de nenhum modo lhe acceitou a escusa, nem julgou por sufficientes as razões della: *Noli dicere, quia puer sum, ad omnia enim quæ mittam te, ibis*. E se Deus não escusou a Jeremias, nem por moço, nem pór falta de lingua, muito menos se devem escusar os que não podem allegar a falta da lingua, e só os póde desconfiar a da idade, que cada dia cresce e se emenda.

Notem agora muito os moços a resposta de Deus, e verão quanto póde a virtude da obediencia, e a graça de missionario. *Mittam te:* eis-aqui Jeremias feito missionario. *Noli dicere, quia puer ego sum;* eil-o

[1] *Jerem.*, I, 10 e seg.

aqui missionario, e moço. E posto que moço prestará para alguma coisa? Para mais que alguma. E prestará para muito? Para mais ainda. E para que? E para quanto? *Ad omnia.* Para tudo. Prestará para tudo, e tudo fará indo á missão: *Ad omnia quæ mittam te, ibis.* O' que grande e divina palavra: *Ad omnia!* Este *ad omnia*, é, e deve ser, a empreza e o timbre de todo o verdadeiro missionario, como o foi de S. Paulo: *Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos.* [1] Todo para todos, e para todos tudo. Não só para os cathequisar gentios, nem só para os baptisar cathecumenos, nem só para os doutrinar christãos; mas para os sustentar famintos, para os vestir nús, para os curar enfermos, para os resgatar captivos, para os sepultar mortos: como mestres, como paes, como pastores, como tutores, como medicos, como enfermeiros, e como servos e escravos seus em tudo, para viver perpetuamente, e morrer com elles e por elles, e tambem ás mãos delles, como algumas vezes tem acontecido. Tudo isto significa aquelle *ad omnia*, e tudo isto póde e deve fazer todo o missionario, ainda o que fôr falto da lingua, como tão santa como discretamente disse S. Francisco Xavier. Estava na ilha de Moro, e escrevendo a Goa, dizia assim: Acho-me nesta ilha, onde não sei a lingua dos naturaes, mas nem por isso estou ocioso, porque baptiso os innocentes, que não ha mister lingua, e aos demais procuro ajudar e servir com obras de caridade, que é lingua que todos entendem.

VI

Só nos resta fallar com os que não estudaram a lingua da terra, por se applicarem ás sciencias que parecem maiores. A maior gula da natureza racional é o desejo de saber. Esta foi a que matou a Eva, e a tantos mata e entizica na Companhia, lançando pela bocca aquelle sangue que fôra mais bem empregado nas postillas ou memoriaes, de que estão cheios os archivos de Roma. E que memoriaes são estes? São

[1] *1.ª ad Cor.*, IX, 22.

os continuos requerimentos e as cartas não escriptas com tinta, senão com o proprio sangue, em que de todas as provincias da Europa se pedem de joelhos ao supremo governo da Companhia as missões ultramarinas, mais arriscadas e perigosas. De melhor côr são estas borlas, que as azues de mestres em artes, e as brancas de doutores em theologia, e os gráus, a que por esses tão duros degráus dentro e fóra da Religião se costuma subir. Desejoso só comtudo nosso reverendo Padre de favorecer muito as lettras, e muito mais as missões (podendo dizer com S. Paulo em um e outro favor, *ministerium meum honorificabo)* [1] para ganhar instantes e evitar dilações, em que se perdem muitas almas, tem novamente concedido aos que não acabaram seus estudos, que os possam ir acabar ao Maranhão, ainda com dispensação quotidiana de lições e annual de tempo. Assim que os nossos theologos do primeiro, do segundo, e do terceiro anno, sem dispendio do curso das sciencias, nem da differença do grau, podem logo partir para aquella gloriosa conquista. A viagem é de poucos dias, sem as calmas da Guiné, nem as tormentas do Cabo da Boa Esperança a cujos trabalhos e perigos não deixam por isso de se expôr todos os annos (e hoje vão naveganuo pelos mares fronteiros a estes nossos) tantos filhos da Companhia, estudantes e alumnos daquelles dois famosos seminarios de Apostolos e martyres, os dois collegios reaes de Coimbra e Evora.

E espero eu dos que sahirem deste nosso, tambem real, theologos, philosophos e humanistas, que, quando chegarem ao Grão-Pará e rio das Amazonas, e se virem naquella immensa universidade de almas, espero, digo, do seu espirito, e ainda do seu juizo, que, esquecidos das sciencias que cá deixam, se appliquem todos á da conversão. Quando o Filho de Deus fez a sua missão a este mundo, a que sciencia entre todas e sobre todas applicou a sua sabedoria infinita? *Ad dandam scientiam salutis plebi ejus:* [2] A' sciencia sómente da salvação, e essa ensinada não aos grandes do mundo, senão á plebe: aos mais baixos, aos mais desprezados, aos mais pobres, aos mais miseraveis, quaes são aquellas desamparadas gentes. E á vista

[1] *Rom.*, XI, 13.
[2] *Luc.*, I, 77.

deste exemplo verdadeiramente formidavel, quem haverá que queira ser graduado em outra sciencia? Sendo o logar das linguas a bocca, não póde carecer de grande mysterio, que as linguas de ámanhã apparecessem sobre as cabeças dos Apostolos. E porque razão sobre as cabeças? *Ut eos authoraret in orbis doctores*, diz Ammonio Alexandrino: poz o Espirito Santo as linguas nas cabeças dos Apostolos, para com aquellas, como borlas, os graduar de doutores do mundo. E' o gráu não menos que de S. Paulo, *doctor gentium*. [1] E este gráu, e esta borla, não se dá na Bahia, nem em Coimbra, nem em Salamanca, senão nas aldèas de palha, nos desertos dos sertões, nos bosques das gentilidades.

VII

Dirá por ventura, ou por desgraça, algum daquelles a quem mais enfeitiça o desejo immoderado das sciencias (ou da opinião dellas, que é o maior feitiço): O servo do Evangelho que enterrou o talento foi condemnado: e eu porque hei-de enterrar os talentos que Deus me deu, entre barbaros, se posso seguir os estudos, continuar as cadeiras, e ser um grande letrado? Primeiramente, ou sim, ou não; que muitos correm no estadio, e ao cabo acham-se cançados, e não coroados. Mas oiçam estes idolatras das lettras a David, em quem a habilidade, o engenho, e os talentos, não só igualavam, mas excediam os mais presumidos, e vejamos o gráu que deixou, e o que escolheu: *Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini.* [2] Não diz, porque me não appliquei ás lettras, senão, porque não fiz caso das lettras, ou das letraduras: *Quoniam non cognovi litteraturam.* E que alcançou David com esta desattenção ou desprezo de não querer ser letrado? *Introibo in potentias Domini:* Sem os cadilhos da borla serei admittido a entrar nas potencias de Deus. E quaes são por antonomasia as potencias de Deus? Crear mundos? Não. Resuscitar mortos? Não. Obedecer a seus acenos, e tremerem delles as Gerarchias? Não. Pois quaes são? Converter e salvar al-

[1] *1.º Epist. ad Thim.*, II, 7.
[2] *Psalm.*, LXX, 15 e 16.

mas. Por isso S. Dionysio Areopagita, dando um superlativo á Divindade, lhe chama *Opus Dei divinissimum*, obra de Deus não só divina, mas divinissima. E que maior honra (já que tão pegados estamos a essas honrinhas), que maior honra que entrar eu com Deus á parte na maior obra de sua omnipotencia? Quem converteu este gentio? Deus, e eu: Deus com a sua graça, e eu com a minha doutrina: Deus nesta obra entrou com a sua parte, e eu com a minha: *Introibo in potentias Domini.* Aqui não ha senão cruzar as mãos, pôr o dedo na bôcca, e confessar, ou a nossa ignorancia, ou a nossa pouca fé.

Mas deixados estes argumentos tão altos, argumente-se cada um a si comsigo mesmo: Quando eu estava no mundo, não deixei o mundo do mundo, por salvar a minha alma? Pois agora que sou Religioso, por que não deixarei o mundo da Religião por salvar muitas almas? Qual é o mundo da Religião? São as rethoricas, são as philosophias, são as theologias, são as cadeiras, são os gráus, que na mesma Religião reputa o mundo por mais auctorisados. E que é o nada de tudo isto? Quem me déra poder agora chamar por seus nomes as almas de todos aquelles que eu acompanhei, quando fui á missão do Maranhão, e nella trabalharam e morreram gloriosamente! Eram dos melhores engenhos das nossas universidades, humanistas, philosophos, theologos, e quando se viram naquella grande seara de almas, todos renunciaram uniformemente todos os gráus, que costuma e póde dar a Companhia ás lettras, e não quizeram outros estudos, senão aquelles sómente, que lhes serviam para cathequizar um gentio na sua lingua. Alli lhes succedeu, diante dos meus olhos, o que no dia do Espirito Santo aos Apostolos: *Stupebant autem omnes, et mirabantur, quoniam audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes.* [1] Pasmavam todos, porque todos os ouviam fallar na sua propria lingua. Aquella gentilidade barbara, pelo conhecimento confuso que tem de Deus, dá-lhe o nome de Tupan, que significa trovão: assim como a gentilidade politica chamava Tonante ao seu Jupiter. Ensinando pois os novos mestres da fé, e novos discipulos das linguas, a cada um na sua propria, que o

[1] *Act.*, II, 6 e 7.

verdadeiro Deus Creador do céu e da terra é um só; que faziam ? Chegavam á nação dos Tupinambarânas, e diziam ao Tupinambarâna: Tupan oyepèim: chegavam á nação dos Juruunas, e diziam ao Juruuna: Tupan memê: chegavam á nação dos Nhuanas, e diziam ao Nhuana: Tupan gemegêm: chegavam á nação dos Tapaiôs, e diziam ao Tapaiô, Tupan catamocêm: chegavam á nação dos Mamayanâs, e dos Nheangaibas, e diziam ao Nheangaiba: Tupan amopererimperin.

A' vista, e na admiração desta novidade pasmavam todos: *Stupebant omnes.* Pasmavam os gentios de vêr as suas linguas na bocca dos nossos missionarios; e elles tambem pasmavam de vêr os grandes progressos que tinham feito em tão pouco tempo, e davam infinitas graças a Deus pelos ter escolhido d'entre seus condiscipulos, e de os ter passado dos estudos da Europa a esta escóla do céu, tão superior, tão alta, tão util, e tão descançada. Torno a dizer, tão descançada; porque alli não se quebram os peitos com escripturas, nem se affogam os dias e as vidas com o penso das lições de manhã e tarde, nem se embaraçam os entendimentos com o labyrinto de opiniões e difficuldades sem sahida; nem dão cuidado argumentos, nem disputas, nem conclusões, que se hão de defender ou impugnar; nem se passa por um, e por dois, e por sete exames em sete annos; e sobre tudo depois de tanto tempo e trabalho, não resta ainda o temor ou contingencia de ser ou não ser approvado, porque os examinadores, que são, Deus e S. Ignacio e os Anjos da guarda daquellas almas, tudo o que se aprende e se ensina approvam e louvam.

VIII

E se todas estas razões não só divinas, mas ainda humanas, não bastam para desapegar dos bancos, e dos archi-bancos, aos que tomam por pretexto de não ir logo ás missões o acabar seus estudos; quero acabar eu com um argumento, que primeiro me fez tremer, e depois me levou ao Maranhão, para lá viver e morrer, e ainda lhe não sei a resposta. E' certo que aquella missão, como tem declarado nosso reverendo Padre, pertence a esta Provincia: é certo que para nella salvar

almas, não se requerem mais lettras que a doutrina christã: é certo que por falta de quem lhes ensine esta doutrina, se estão indo ao inferno todos os dias infinitas almas. E será bom zelo e boa consolação para as mesmas almas, dizerem-lhes os humanistas, que esperem dois annos; e os philosophos, que esperem tres; e os theologos, que esperem quatro; e todo este curso de estudos, que esperem ou desesperem onze annos inteiros? Onze annos fazem pontualmente quatro mil dias, não havendo dia algum em que muitos daquelles miseraveis não morram sem fé, e sem baptismo. E quem ha de dar conta a Deus de tantas almas? Onde estão as leis da caridade? Onde estão as obrigações da necessidade extrema? Onde está aquelle fim, e aquella vocação de discorrer e correr a qualquer parte do mundo, onde se espera maior fructo e remedio das mesmas almas? O' como é certo tambem, e sem duvida, que naquelle ultimo transe, em que se lhes notifica a condemnação, levantarão todas gritos ao céu, não contra outros, senão contra nós. Sugeitos da Companhia de Jesus, que por caridade e instituto tinheis tantas obrigações de nos acudir, não sois filhos de S. Ignacio? Não sois irmãos de S. Francisco Xavier? Não sois irmãos tambem daquelles quarenta, que no mar, e a mãos dos hereges, deram o sangue e a vida vindo a salvar os avós de que nós somos netos? Como vos não lembraes logo de quem sois, como vos não lastimaes de nós, como nos desamparaes com tanta crueldade, e como, grandes e pequenos (quaes eram aquelles) vos não offereceis a nos acudir e soccorrer, ao menos por que não fique por vós? Pois nós vos emprazamos para diante do tribunal de Christo Jesus, onde lhe dareis conta dessas vossas razões; porque nos não fizestes participantes do preço de seu sangue; porque nos deixastes morrer neste desamparo; porque não ouvimos a prégação da fé; porque não recebemos o baptismo; e porque por falta ou culpa vossa, havemos de carecer da vista de Deus para sempre, e agora descemos a penar no fogo e tormentos do inferno, onde estaremos por toda a eternidade. O' miseraveis delles, e miseravel de mim!

Mas que importam, Espirito divino, as palavras fracas e frias de quanto tenho dito, se a vossa soberana virtude as não animar e assistir com os impulsos e efficacias de suas inspirações! Quando aquella agua

crassa, que tinha sido fogo, appareceu regelada, diz o Texto sagrado, que ferindo-a o sol com um raio, logo no mesmo ponto se converteu no fogo que d'antes era: *Veni Sancte Spiritus, emitte cœlitus lucis tuæ radium.* Venha pois do céu um raio desse fogo divino, que allumie os nossos entendimentos, que inflamme as nossas vontades, que penetre, que excite, que anime, que afervore, que accenda os nossos corações, e os encha, como hoje encheu aos Apostolos, do zelo forte, intrepido, e ardente de sahir de Jérusalem, e converter o mundo. Fortalecei e resuscitae onde estiverem mortos, aquelles vivos desejos que tantas vezes vos offerecemos na oração, de padecer trabalhos, perseguições, injurias, e a mesma morte pela salvação das almas. Abrazae e queimae em nós todo o affecto de honra ou commodidade desta vida. E pois sois aquelle soberano Espirito, que renova a face da terra, renovae dentro nesta, que tanto nos aggrava, o espirito e espiritos de nossa vocação: para que, como verdadeiros soldados da Companhia de Jesus, não sós, mas com muitos outros por nosso meio (como diz o Santo Patriarcha) consigamos o felicissimo e bemaventurado fim até onde chegam seus escolhidos. Amen.

SERMÃO

DO

ESPIRITO SANTO *

Prégado na cidade de S. Luiz do Maranhão, na igreja da Companhia de Jesus, em occasião que partia ao rio das Amazonas uma grande missão dos mesmos Religiosos

---

Ille vos docebit omnia, quæcumque dixero vobis. [1]

I

A sexta vez é hoje, que no anno presente e nos dois passados me ouvis prégar este mesmo mysterio. Mas não será esta sómente a sexta vez, em que vós e eu experimentamos o pouco fructo com que esta terra responde ao que se devêra esperar de tão continuada cultura. Se a doutrina que se semêa nella fôra nossa, achada estava a causa na fraqueza de nossas razões, no desalento de nossos affectos, e na efficacia mal viva de nossas palavras: mas não é assim: *Sermonem quem audistis, non est meus, sed ejus qui misit me Patris:* [2] O sermão que ouvistes não é meu, senão do Eterno Padre, que me mandou ao mundo, diz Christo neste Evangelho, e o mesmo podem dizer todos os prégadores, ao menos os que ouvis deste logar.

Os sermões, as verdades, a doutrina que prégamos, não é nossa, é de Christo. Elle a disse, os Evangelis-

---

* N'este Sermão é verdadeiramente notavel a sua energica peroração. Pretende Vieira persuadir aos senhores a que mandem seus escravos á doutrina e ás senhoras a que a ensinem ás suas escravas. A materia não póde ser, pois, como se vê, nem mais pratica, nem concreta. Um illustre critico de Vieira classificou de eloquentissima esta peroração.

[1] *Joan.*, XIV.

[2] *Joan.*, XIV, 24.

tas a escreveram, nós a repetimos. Pois se estas repetições são tantas e tão continuadas, e a doutrina que prégamos não é nossa, senão de Christo; como fazem tão poucos progressos nella, e como aprendem tão pouco os que a ouvem? Nas palavras que propuz, temos a verdadeira resposta desta tão nova admiração.

Ille vos docebit omnia quæcumque dixero vobis. [1] O Espirito Santo (diz Christo) vos ensinará tudo o que eu vos tenho dito. Notae a differença dos termos, e vereis quanto vae de dizer a ensinar. Não diz Christo, o Espirito Santo vos dirá o que eu vos tenho dito: nem diz, o Espirito Santo vos ensinará o que eu vos tenho ensinado; mas diz, o Espirito Santo vos ensinará o que eu vos tenho dito; porque o prégador, ainda que seja Christo, diz: o que ensina é o Espirito Santo. Christo diz: *Quæcumque dixero vobis;* o Espirito Santo ensina: *Ille vos docebit omnia.* O mestre na cadeira diz para todos: mas não ensina a todos. Diz para todos, porque todos ouvem; mas não ensina a todos, porque uns aprendem, outros não. E qual é a razão desta diversidade, se o mestre é o mesmo e a doutrina a mesma? Porque para aprender não basta só ouvir por fóra, é necessario entender por dentro. Se a luz de dentro é muita, aprende-se muito: se pouca, pouco: se nenhuma, nada. O mesmo nos acontece a nós. Dizemos, mas não ensinamos, porque dizemos por fóra: só o Espirito Santo ensina, porque allumia por dentro: *Ministeria foris insecus adjutoria sunt, cathedram in cœlo habet, quia corda docet*, diz Santo Agostinho. Por isso até o mesmo Christo, prégando tanto, converteu tão pouco. Se o Espirito Santo não allumia por dentro, todo o dizer, por mais divino que seja, é dizer: *quæcumque dixero vobis*; mas se as vozes exteriores são assistidas dos raios interiores da sua luz, logo, qualquer que seja o dizer, e de quem quer que seja, é ensinar, porque só o Espirito Santo é o que ensina: *Ille vos docebit.*

Porque vos parece que appareceu o Espirito Santo hoje sobre os Apostolos, não só em linguas, mas em linguas de fogo? Porque as linguas fallam, o fogo allu-

[1] *Joan.*, XIV, 26. *Dixero, id est, dixi. Uti habet græcum originale.*

mia. Para converter almas, não bastam só palavras, são necessarias palavras e luz. Se quando o prégador falla por fóra, o Espirito Santo allumia por dentro: se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram ao coração, logo se converte o mundo. Assim succedeu em Jérusalem neste mesmo dia. Sáe S. Pedro do Cenaculo de Jérusalem, assistido deste fogo divino: toma um passo do propheta Joël, declara-o ao povo: e sendo o povo a que prégava, aquelle mesmo povo obstinado e cego, que poucos dias antes tinha crucificado a Christo, foram tres mil os que naquella prégação o confessaram por verdadeiro Filho de Deus, e se converteram á fé. Oh admiravel efficacia da luz do Espirito Santo! Oh notavel confusão vossa e minha! Um pescador com uma só prégação e com um só passo da Escriptura no dia de hoje converte tres mil infieis; e eu no mesmo dia com cinco e com seis prégações, com tantas Escripturas, com tantos argumentos, com tantas razões, com tantas evidencias não posso persuadir um christão! Mas a causa é, porque eu fallo, e o Espirito Santo, por falta de disposição nossa, não allumia. Divino Espirito, não seja a minha indignidade a que impida a estas almas, por amôr das quaes descestes do céu á terra, o fructo de vossa santissima vinda: *Veni Sancte Spiritus, et emitte cœlitus lucis tuæ radium.* Vinde, Senhor, e mandae-nos do céu um raio efficaz de vossa luz, não pelos nossos merecimentos, que conhecemos quão indignos são; mas pela infinita bondade vossa, e pela intercessão de vossa Esposa santissima. *Ave Maria.*

II

Ille vos docebit omnia. Diz Christo aos Apostolos, que o Espirito Santo os ensinará. E ser Christo, ser o Filho de Deus o que diz estas palavras, faz segunda difficuldade á intelligencia e razão dellas. Ao Filho de Deus, que é a segunda pessoa da Santissima Trindade, attribue-se a sabedoria; ao Espirito Santo, que é a terceira pessoa, o amôr: e supposto isto, parece que a pessoa do Espirito Santo havia de encommendar o officio de ensinar á pessoa do Filho, e não o Filho ao Espirito Santo. Que o amôr encommende o ensinar á sabedoria,

bem está; mas a sabedoria encommendar o ensinar ao amôr: *Ille vos docebit?* Neste caso sim. Porque para ensinar homens infieis e barbaros, ainda que é muito necessaria a sabedoria, é muito mais necessario o amôr. Para ensinar sempre é necessario amar e saber; porque quem não ama não quer; e quem não sabe, não póde: mas esta necessidade de sabedoria e amôr não é sempre com a mesma igualdade. Para ensinar nações fieis e politicas, é necessario maior sabedoria que amôr: para ensinar nações barbaras e incultas, é necessario maior amôr que sabedoria. A segunda Pessoa o Filho, e a terceira o Espirito Santo, ambas vieram ao mundo a ensinar e salvar almas; mas a missão do Filho foi a uma nação fiel e politica, e a missão do Espirito Santo, foi principalmente a todas as nações incultas e barbaras. A missão do Filho foi só a uma nação fiel e politica; porque foi só aos filhos de Israël, como o mesmo Senhor disse: *Non sum missus, nisi ad oves, quæ perierunt, domus Israël.* [1] A missão do Espirito Santo foi principalmente ás nações incultas e barbaras; porque foi para todas as nações do mundo, que por isso desceu e appareceu em tanta diversidade de linguas: *Apparuerunt dispertitæ linguæ.* [2] E como a primeira missão era para uma nação politica, e a segunda para todas as nações barbaras, por isso foi muito conveniente, que á primeira viesse uma pessoa divina, a quem se attribue não o amôr, senão a sabedoria; e que á segunda viesse outra pessoa tambem divina, a quem se attribue, não a sabedoria, senão o amôr. Para ensinar homens entendidos e politicos, pouco amôr é necessario; basta muita sabedoria; mas para ensinar homens barbaros e incultos, ainda que baste pouca sabedoria, é necessario muito amôr.

Desceu hoje o Espirito Santo em linguas, para formar aos Apostolos mestres e prégadores: mas mestres e prégadores de quem? O mesmo Christo que os mandou prégar, o disse: *Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ:* [3] Ide por todo o mundo, e prégae a toda a creatura. A toda a creatura, Senhor? (E' reparo de S. Gregorio Papa.) Bem

[1] *Math.*, XV, 24.
[2] *Act.*, II, 3.
[3] *Marc.*, XVI, 15.

sei eu que são creaturas os homens; mas os brutos animaes, as arvores, e as pedras, tambem são creaturas. Pois se os Apostolos hão de prégar a todas as creaturas, hão de prégar tambem aos brutos? Hão de prégar tambem aos troncos? Hão de prégar tambem ás pedras? Tambem, diz Christo: *Omni creaturæ;* não porque houvessem os Apostolos de prégar ás pedras, e aos troncos, e aos brutos; mas porque haviam de prégar a todas as nações, e linguas barbaras e incultas do mundo, entre as quaes haviam de achar homens tão irracionaes como brutos, e tão insensiveis como os troncos, e tão duros e estupidos como as pedras. E para um Apostolo se pôr a ensinar e abrandar uma pedra, para se pôr a ensinar e moldar um tronco, para se pôr a ensinar e metter em juizo um bruto, vêde se é necessario muito amôr de Deus. Em um delles o veremos.

Poucos dias antes de Christo mandar aos Apostolos a prégar pelo mundo, fez esta pergunta a S. Pedro: *Simon Joannis, diligis me plus his?* [1] Pedro, amas-me mais que todos estes? Respondeu o santo: *Etiam, Domine, tu scis quia amo te:* Senhor, bem sabeis vós que vos amo. Ouvida a resposta, torna Christo a fazer segunda: *Simon Joannis, diligis me plus his?* Pedro, amas-me mais que todos estes? Respondeu S. Pedro com a mesma submissão e encolhimento, que bem sabia o Senhor que o amava: *Tu scis quia amo te.* Ouvida a mesma resposta segunda vez, torna Christo terceira vez a repetir a mesma pergunta, e diz o Texto, que se entristeceu S. Pedro: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me?* Entristeceu-se Pedro, porque Christo lhe perguntou a terceira vez se o amava. E verdadeiramente que a materia e a instancia era muito para dar cuidado. Quando eu li estas palavras a primeira vez, pareceu-me que seria este exame de amôr tão repetido, para Christo mandar a S. Pedro que fosse a Jérusalem, que entrasse pelo palacio de Caiphaz, e que no mesmo logar onde o tinha negado, se desdisesse publicamente, e confessasse a vozes, que seu Mestre era o verdadeiro Messias, e Filho de Deus verdadeiro; e que se por isso o quizessem matar e queimar, que se deixasse tirar a vida, e fazer em cinza. Para isto cui-

[1] *Joan.*, XXI, 15.

dava eu que eram estas perguntas, e estes exames tão repetidos do amôr de S. Pedro. Mas depois que o santo respondeu na mesma fórma terceira vez, que amava: o que o Senhor lhe disse foi: *Pasce oves meas;* [1] Pois, Pedro, já que me amas tanto, mostra-o em apascentar as minhas ovelhas. Agora me admiro eu devéras. Pois para apascentar as ovelhas de Christo tanto apparato de exames de amôr de Deus? Uma vez, se me amas, e outra vez, se me amas, e terceira vez, se me amas? E não só, se me amas, senão se me amas mais que todos? Sim. Ora vêde.

As ovelhas que S. Pedro havia de apascentar, eram as nações de todo o mundo, as quaes Christo queria trazer e ajuntar de todo elle, e fazer de todas um só rebanho, que é a Igreja, debaixo de um só pastor, que é S. Pedro: *Et alias oves habeo, quæ non sunt ex hoc ovili, et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile, et unus Pastor.* [2] De maneira que o rebanho que Christo encommendou a S. Pedro, não era rebanho feito, senão que se havia de fazer: e as ovelhas não eram ovelhas mansas, senão que se haviam de amansar: eram lobos, eram ursos, eram tigres, eram leões, eram serpentes, eram dragões, eram aspides, eram basiliscos, que por meio da prégação se haviam de converter em ovelhas. Eram nações barbaras e incultas; eram nações feras e indomitas; eram nações crueis e carniceiras; eram nações sem humanidade, sem razão, e muitas dellas sem lei, que por meio da fé e do baptismo se haviam de fazer christãs: e para apascentar e amansar similhante gado: para doutrinar e cultivar similhantes gentes, é necessario muito cabedal de amôr de Deus: é necessario amar a Deus: *Diligis me;* e mais amar a Deus: *Diligis me:* e mais amar a Deus: *Diligis me:* e não só amar a Deus uma, duas, e tres vezes, senão amal-o mais que todos: *Diligis me plus his?*

Quando as ovelhas que Christo encommendava a S. Pedro, foram mansas e domesticas, ainda era necessario muito amôr para supportar o trabalho de as guardar. Exemplo seja Jacob, pastor de Labão, e amante de Rachel, de quem diz a Escriptura, que soffria tão

---

[1] *Joan.*, XXI, 17.
[2] *Ibid.*, X, 16.

levemente o que soffria, porque amava tão grandemente como amava: *Præ amoris magnitudine.* [1] E se para guardar ovelhas mansas, é necessario amôr e muito amôr: que será para ir tirar das brenhas ovelhas feras, para as amansar e affeiçoar aos novos pastos, para as acostumar á voz do pastor, e á obediencia do cajado, e sobretudo para desprezar os perigos de se confiar de suas garras e dentes, em quanto são ainda feras, e não ovelhas? Se é necessario amôr para ser pastor de ovelhas, que comem no prado, e bebem no rio; que amôr será necessario para ser pastor de ovelhas, que talvez comem os pastores, e lhe bebem o sangue? Por isso Christo examina tres vezes de amôr a S. Pedro: por isso o Espirito Santo, Deus de amôr, vem hoje a formar estes pastores e estes mestres: e por isso o Mestre Divino passa hoje os seus Discipulos da escóla da sabedoria para a escóla do amôr: *Ille vos docebit.*

III

Applicando agora esta doutrina universal ao particular da terra em que vivemos, digo, que se em outras terras é necessario aos Apostolos, ou aos successores do seu ministerio, muito cabedal de amôr de Deus para ensinar: nesta terra, e nestas terras, é ainda necessario muito mais amôr de Deus, que em nenhuma outra. E porque? Por dois principios: o primeiro, pela qualidade das gentes: o segundo, pela difficuldade das linguas.

Primeiramente, pela qualidade da gente: porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas ha no mundo. Bastava por prova a da experiencia; mas temos tambem (quem tal cuidará!) a do Evangelho. A fórma com que Christo mandou pelo mundo a seus Discipulos, diz o Evangelista S. Marcos, que foi esta: *Exprobravit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, quia iis, qui viderant eum resurrexisse, non crediderunt: et dixit*

[1] *Gen.*, XXIX, 20.

illis: euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ. [1] Reprehendeu Christo aos Discipulos, da incredulidade e dureza de coração, com que não tinham dado credito aos que o viram resuscitado; e sobre esta reprehensão os mandou que fossem prégar por todo o mundo. A S. Pedro coube-lhe Roma e Italia: a S. João, a Asia Menor: a Santiago, Hespanha: a S. Mattheus, Ethiopia: a S. Simão, Mesopotamia: a S. Judas Thadeo, o Egypto: aos outros, outras provincias: e finalmente, a Santo Thomé, esta parte da America, em que estamos, a que vulgar e indignamente chamaram Brazil. Agora pergunto eu: e porque nesta repartição coube o Brazil a Santo Thomé, e não a outro Apostolo? Ouvi a razão.

Notam alguns Auctores modernos, que notificou Christo aos Apostolos a prégação da fé pelo mundo, depois de os reprehender da culpa da incredulidade, para que os trabalhos que haviam de padecer na prégação da fé, fossem tambem em satisfação, e como em penitencia da mesma incredulidade e dureza de coração que tiveram em não quererem crêr: *Exprobravit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, et dixit illis: euntes in mundum universum:* e como Santo Thomé, entre todos os Apostolos, foi o mais culpado da incredulidade, por isso a Santo Thomé lhe coube na repartição do mundo a missão do Brazil; porque onde fôra maior a culpa, era justo que fôsse mais pezada a penitencia. Como se dissera o Senhor: os outros Apostolos que foram menos culpados na incredulidade, vão prégar aos gregos, vão prégar aos romanos, vão prégar aos ethiopes, aos arabes, aos armenios, aos sarmatas, aos scitas; mas Thomé, que teve a maior culpa, vá prégar aos gentios do Brazil, e pague a dureza de sua incredulidade com ensinar a gente mais barbara e mais dura. Bem o mostrou o effeito. Quando os portuguezes descobriram o Brazil, acharam as pégadas de Santo Thomé estampadas em uma pedra que hoje se vê nas praias da Bahia; mas rasto, nem memoria da fé que prégou Santo Thomé, nenhum acharam nos homens. Não se podia melhor provar e encarecer a barbarie da gente. Nas pedras acharam-se rastos do prégador, na gente não

[1] *Marc.*, XVI, 14 e 15.

se achou rasto da prégação: as pedras conservaram memorias do Apostolo, os corações não conservaram memoria da doutrina.

A causa porque as não conservaram, diremos logo; mas é necessario satisfazer primeiro a uma grande duvida, que contra o que imos dizendo se offerece. Não ha gentios no mundo que menos repugnem á doutrina da fé, e mais facilmente a acceitem e recebam, que os Brazis: como dizemos logo, que foi pena da incredulidade de Santo Thomé o vir prégar a esta gente? Assim foi (e quando menos assim póde ser): e não porque os Brazis não cream com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que creem, faz que o seu crêr em certo modo seja como o não crêr. Outros gentios são incredulos até crêr; os Brazis ainda depois de crêr são incredulos: em outros gentios a incredulidade é incredulidade, e a fé é fé; nos Brazis a mesma fé, ou é ou parece incredulidade. São os Brazis como o pae daquelle lunatico do Evangelho, que padecia na fé os mesmos accidentes que o filho no juizo. Disse-lhe Christo: *Omnia possibilia sunt credenti:* [1] que tudo é possivel a quem crê, e elle respondeu: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam:* creio, Senhor, ajudae minha incredulidade. Reparam muito os Santos nos termos desta proposição, e verdadeiramente é muito para reparar. Quem diz, creio, crê, e tem fé: quem diz, ajudae minha incredulidade, não crê, e não tem fé. Pois como era isto? Cria este homem, e não cria; tinha fé, e não tinha fé juntamente? Sim, diz o veneravel Béda: *Uno, eodemque tempore is, qui nondum perfectè crediderat, simul et credebat, et incredulus erat.* No mesmo tempo cria, e não cria este homem; porque era tão imperfeita a fé com que cria, que por uma parte parecia e era fé, e por outra parecia e era incredulidade: *Uno, eodemque tempore, et credebat, et incredulus erat.* Tal é a fé dos Brazis: é fé que parece incredulidade; e é incredulidade que parece fé: é fé, porque creem sem duvida, e confessam sem repugnancia tudo o que lhes ensinam; e parece incredulidade, porque com a mesma facilidade com que aprenderam, des-

[1] *Marc.*, IX, 23.

aprendem; e com a mesma facilidade com que crêram, descrêem.

Assim lhe aconteceu a Santo Thomé com elles. Porque vos parece que passou Santo Thomé tão brevemente pelo Brazil, sendo uma região tão dilatada, e umas terras tão vastas? E' que receberam os naturaes a fé que o santo lhes prégou, com tanta facilidade e tão sem resistencia, nem impedimento, que não foi necessario gastar mais tempo com elles. Mas tanto que o santo Apostolo poz os pés no mar (que este dizem foi o caminho por onde passou á India) tanto que o santo Apostolo (digamol-o assim) virou as costas, no mesmo ponto se esqueceram os Brazis de tudo quanto lhes tinha ensinado, e começaram a descrêr, ou a não fazer caso de quanto tinham crido, que é genero de incredulidade mais irracional, que se nunca crêram. Pelo contrario, na India prégou Santo Thomé áquellas gentilidades, como fizera ás do Brazil: chegaram tambem lá os portuguezes d'alli a mil e quinhentos annos; e que acharam? Não só acharam a sepultura e as reliquias do santo Apostolo e os instrumentos de seu martyrio, mas o seu nome vivo na memoria dos naturaes, e, o que é mais, a fé de Christo que lhes prégara: chamando-se christãos de Santo Thomé todos os que se estendem pela grande costa de Coromandel, onde o santo está sepultado.

E qual seria a razão porque nas gentilidades da India se conservou a fé de Santo Thomé, e nas do Brazil não? Se as do Brazil ficaram desassistidas do santo Apostolo pela sua ausencia, as da India tambem ficaram desassistidas delle pela sua morte. Pois se naquellas nações se conservou a fé por tantos centos de annos, nestas porque se não conservou? Porque esta é a differença que ha de umas nações a outras. Nas da India muitas são capazes de conservarem a fé sem assistencia dos prégadores; mas nas do Brazil nenhuma ha que tenha esta capacidade. Esta é uma das maiores difficuldades que tem aqui a conversão. Ha se de estar sempre ensinando o que já está aprendido, e ha se de estar sempre plantando o que já está nascido, sob pena de se perder o trabalho e mais o fructo. A estrella que appareceu no Oriente aos Magos, guiou-os até o Presepio, e não appareceu mais; porque? Porque muitos gentios do Oriente e d'outras partes do mundo são capazes de que os prégadores,

depois de lhes mostrarem a Christo, se apartem delles e os deixem. Assim o fez S. Filippe ao eunucho da rainha Candáces de Ethiopia: explicou-lhe a Escriptura de Isaias, deu-lhe noticia da fé e divindade de Christo, baptizou-o no rio de Gaza, por onde passavam: e tanto que esteve baptizado, diz o Texto, que arrebatou um Anjo a S. Filippe, e que o não viu mais o eunucho: *Cum autem ascendissent de aqua, spiritus Domini rapuit Philippum, et amplius non vidit eum ennuchus.* [1] Desappareceu a estrella, e permaneceu a fé nos Magos: desappareceu S. Filippe, e permaneceu a fé no eunucho: mas esta capacidade que se acha nos gentios do Oriente, e ainda nos de Ethiopia, não se acha nos do Brazil. A estrella que os allumiar não ha de desapparecer, sob pena de se apagar a luz da doutrina; o Apostolo que os baptizar, não se ha de ausentar, sob pena de se perder o fructo do baptismo. E' necessario nesta vinha, que esteja sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa e atada á vide, para que se logre o fructo e o trabalho.

Os que andastes pelo mundo e entrastes em casas de prazer de principes, vereis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer, pela dureza e resistencia da materia; mas depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura: a estatua de murta é mais facil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de assistir, em quatro dias sáe um ramo, que lhe atravessa os olhos; sáe outro, que lhe descompõe as orelhas; sáem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argu-

[1] *Act.*, VIII, 39.

mentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem: mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes como estatuas de marmore, não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações pelo contrario (e estas são as do Brazil) que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir: mas são estatuas de murta, que em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam á bruteza antiga e natural, e a ser matto como d'antes eram. E' necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre dellas, uma vez que lhe corte o que vecejam os olhos, para que cream o que não vêem: outra vez que lhe cerceie o que vecejam as orelhas, para que não deem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez que lhe decepe o que vecejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentilidade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se póde conservar nestas plantas rudes a fórma não natural e compostura dos ramos.

Eis-aqui a razão porque digo que é mais difficultosa de cultivar esta gentilidade, que nenhuma outra do mundo: se os não assistis, perde-se o trabalho, como o perdeu Santo Thomé: e para se aproveitar e lograr o trabalho, ha de ser com outro trabalho maior, que é assistil-os: ha se de assistir, e insistir sempre com elles, tornando a trabalhar o já trabalhado, e a plantar o já plantado, e a ensinar o já ensinado, não levantando jámais a mão da obra, porque sempre está por obrar, ainda depois de obrada. Hão se de haver os prégadores Evangelicos na formação desta parte do mundo, como Deus se houve, ou se ha na creação e conservação de todo. Creou Deus todas as creaturas no principio do mundo em seis dias: e depois de as crear, que fez, e que faz até hoje? Christo o disse: *Pater meus usque modò operatur, et ego operor.* [1] Desde o principio do mundo até hoje não levantou Deus mão da obra, nem por um só instante: e com a mesma acção com que creou o mundo,

[1] *Joan.*, v, 17.

o esteve sempre e está e estará conservando até o fim delle. E se Deus o não fizer assim, se desistir, se abrir mão da obra por um só momento, no mesmo momento perecerá o mundo, e se perderá tudo o que em tantos annos se tem obrado. Tal é no espiritual a condição desta nova parte do mundo, e tal o empenho dos que teem á sua conta a conversão e reformação della. Para crear basta que trabalhem poucos dias; mas para conservar, é necessario que assistam e continuem e trabalhem, não só muitos dias e muitos annos, mas sempre. E já póde ser que esse fosse o mysterio com que Christo disse aos Apostolos: *Prædicate omni creaturæ*. [1] Não disse, ide prégar aos que remi, senão, ide prégar aos que creei; porque o remir foi obra de um dia, o crear é obra de todos os dias. Christo remiu uma só vez, e não está sempre remindo: Deus creou uma vez, e está sempre creando. Assim se ha de fazer nestas nações; há se de lhes applicar o preço da redempção, mas não pelo modo com que foram remidas, senão pelo modo com que foram creadas. Assim como Deus está sempre creando o creado, assim os mestres e prégadores hão de estar sempre ensinando o ensinado, e convertendo o convertido, e fazendo o feito: o feito, para que se não desfaça; o convertido, para que se não perverta; o ensinado, para que se não esqueça; e finalmente ajudando a incredulidade não incredula, para que a fé seja fé não infiel: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam*. [2] E sendo tão forçosamente necessaria a assistencia com estas gentes, e no seu clima, e no seu tracto, e na sua miseria, e em tantos outros perigos e desamparos da vida, da saude, do allivio, e de tudo o que pede ou sente o natural humano; vêde se é necessario muito cabedal de amôr divino para esta empreza, e se com razão entrega Christo o magisterio della a um Deus, que por affecto e por effeitos todo é amor: *Ille vos docebit omnia*.

---

[1] *Marc.*, XVI, 15.
[2] *Ibid.*, IX, 23.

IV

A segunda circumstancia que pede grande cabedal de amôr de Deus, é a difficuldade das linguas. Se o Espirito Santo descêra hoje em linguas milagrosas, como antigamente, não tinha tanta difficuldade o prégar aos gentios; mas haverem-se de aprender essas linguas com estudo e com trabalho, é uma empreza muito difficultosa, e que só um grande amôr de Deus a póde vencer. Appareceu Deus em uma visão ao propheta Ezechiel, e dando-lhe um livro, disse-lhe que o comesse, e que fosse prégar aos filhos de Israël tudo o que nelle estava escripto: *Comede volumen istud, et vadens loquere ad filios Israël.* [1] Abriu a bocca o Propheta não se atrevendo a tocar no livro por reverencia, comeu-o e diz que lhe soube bem, e que o achou muito dôce: *Comedi illud, et factum est in ore meo sicut mel dulce.* [2] Se os homens podessem comer os livros de um bocado, que facilmente se aprenderiam as sciencias, e se tomaram as linguas? Oh que facil modo de aprender! Oh que dôce modo de estudar! Tal foi o modo com que Deus em um momento antigamente ensinava os Prophetas, e com que hoje o Espirito Santo em outro momento ensinou os Apostolos, achando-se de repente doutos nas sciencias, eruditos nas Escripturas, promptos nas linguas, que tudo isto se lhes infundiu naquelle repente em que desceu sobre elles o Espirito Santo: *Factus est repente de cœlo sonus, tanquam advenientis Spiritus.* [3] Mas haver de comer os livros folha a folha, haver de levar as sciencias bocado a bocado, e ás vezes com muito fastio; haver de mastigar as linguas nome por nome, verbo por verbo, syllaba por syllaba, e ainda lettra por lettra, por certo que é coisa muito dura e muito desabrida e muito para amargar, e que só o muito amor de Deus a póde fazer dôce. Assim o alludiu Deus ao mesmo Propheta Ezechiel

---

[1] *Ezechiel*, III, 1.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Act.*, II, 2.

neste mesmo logar com termos bem particulares e bem notaveis.

Vade ad domum Israël, et loqueris verba mea ad eos: non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones. [1] Ide, Ezechiel, prégae o que vos tenho dito, aos filhos de Israël; e para que não repugneis a missão, nem vos pareça que vos mando a uma empreza muito difficultosa, adverti aonde ides, e aonde não ides. Adverti que ides prégar a um povo da vossa propria nação e de vossa propria lingua, que o entendeis e vos entende: *Ad domum Israël:* e adverti que não ides prégar a gente de differente nação e differente lingua, nem menos a gentes de muitas e differentes nações, e muitas e differentes linguas, que nem vós as entendaes, nem elles vos entendam: *Non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.* De sorte (se bem advertis) que distingue Deus no officio de prégar tres generos de emprezas, uma facil, outra difficultosa, outra difficultosissima. A facil, é prégar a gente da propria nação e da propria lingua: *Vade ad filios Israël:* a difficultosa, é prégar a uma gente de differente lingua e differente nação: *Ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ:* a difficultosissima, é prégar a gentes não de uma só nação e uma só lingua differente, senão de muitas e differentes nações, e muitas e differentes linguas, desconhecidas, escuras, barbaras, e que se não podem entender: *Ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.*

A primeira destas tres emprezas mandou Deus ao Propheta Ezechiel, e a todos os outros Prophetas antigos, os quaes todos (excepto quando muito Jonas e Jeremias) prégaram á gente da sua nação e da sua lingua. A segunda e a terceira empreza ficou guardada para os Apostolos e prégadores da Lei da graça, e entre elles particularmente para os portuguezes; e entre os portuguezes mais em particular ainda para

[1] *Ezechiel*, III, 4, 5 e 6.

os desta Conquista, em que são tantas, tão estranhas, tão barbaras e tão nunca ouvidas, nem conhecidas, nem imaginadas as linguas. Manda Portugal missionarios ao Japão, onde ha cincoenta e tres reinos, ou sessenta, como outros escrevem; mas a lingua, ainda que desconhecida, é uma só: *Ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ.* Manda Portugal missionarios á China, imperio vastissimo, dividido em quinze provincias, capaz cada uma de muitos reinos, mas a lingua, ainda que desconhecida, é tambem uma: *Ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ.* Manda Portugal missionarios ao Mogor, á Persia, ao Preste João, imperios grandes, poderosos, dilatados, e dos maiores do mundo; mas cada um de uma só lingua: *Ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ.* Porém os missionarios que Portugal manda ao Maranhão, posto que não tenha nome de imperio, nem de reino, são verdadeiramente aquelles que Deus reservou para a terceira, ultima e difficultosissima empreza, porque veem prégar a gentes de tantas, tão diversas e tão incognitas linguas, que só uma coisa se sabe dellas, que é não terem numero: *Ad populos multos, profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.* Pela muita variedade das linguas houve quem chamou ao rio das Amazonas rio Babel; mas vem-lhe tão curto o nome de Babel, como o de rio. Vem-lhe curto o nome de rio; porque verdadeiramente é um mar doce, maior que o mar Mediterraneo no comprimento e na bocca. O mar Mediterraneo no mais largo da bocca tem sete leguas, e o rio Amazonas oitenta: o mar Mediterraneo do estreito de Gibraltar até ás praias da Syria, que é a maior longitude, tem mil leguas de comprido, e o rio das Amazonas da cidade de Belem para cima, já se lhe teem contado mais de tres mil, e ainda se lhe não sabe o principio. Por isso os naturaes lhe chamam Pará, e os portuguezes Maranhão, que tudo quer dizer mar e mar grande. E vem-lhe curto tambem o nome de Babel, porque na torre de Babel, como diz S. Jeronymo, houve sómente setenta e duas linguas, e as que se fallam no rio das Amazonas, são tantas e tão diversas, que se lhes não sabe o nome, nem o numero. As conhecidas até o anno de 639 no descobrimento do rio de Quito, eram cento e cincoenta. Depois se descobriram muitas mais, e a menor parte do rio, de

seus immensos braços, e das nações que os habitam, é o que está descoberto. Tantos são os povos, tantas e tão occultas as linguas, e de tão nova e nunca ouvida intelligencia: *Ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.*

Nesta ultima clausula do propheta: *Quorum non possis audire sermones:* a palavra *ouvir* significa entender; porque o que se não entende, é como se não se *ouvira*. Mas em muitas das nações desta Conquista se verifica a mesma palavra no sentido natural, assim como sôa, porque ha linguas entre ellas de tão escura e cerrada pronunciação, que verdadeiramente se póde affirmar, que se não ouvem: *Quorum non possis audire sermones.* Por vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á bocca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes, ou consoantes, de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra com duas e tres similhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas: umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais affogadas na garganta, que pronunciadas na lingua: outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo rigor, que as taes linguas não se ouvem, pois se não ouve dellas mais que o sonido, e não palavras dearticuladas e humanas, como diz o propheta: *Quorum non possis audire sermones.*

De José ou do povo de Israël no Egypto, diz David por grande encarecimento de trabalho: *Linguam, quam non noverat, audivit:* que ouvia a lingua que não entendia. Se é trabalho ouvir a lingua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a lingua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvil-a: o segundo percebel-a: o terceiro reduzil-a a grammatica e a preceitos: o quarto estudal-a: o quinto (e não o menor, e que obrigou a S. Jeronymo a limar os dentes) o pronuncial-a. E depois de todos estes trabalhos ainda não começastes a trabalhar, porque são disposições sómente para o trabalho. Santo Agostinho intentou aprender a lingua grega, e chegando á segunda declinação, em que se declina *ophis*, que quer dizer serpente, não foi mais por diante, e disse

com galanteria: *Ophis me terruit:* a serpente me metteu tal medo, que me fez tornar atraz. Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se á guia dos entendimentos humanos se lhe fez tão difficultoso aprender a lingua grega, que está tão vulgarisada entre os latinos, e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabularios, e com todos os outros instrumentos de aprender; que serão as linguas barbaras e barbarissimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse lêr, nem escrever? Que será aprender o nheengaiba, o jurúuna, o tapajó, o teremembé, o mamayaná, que só os nomes parece que fazem horror?

As lettras dos chinas, e dos japões, muita difficuldade teem, porque são lettras hyeroglificas, como as dos egypcios; mas em fim, é aprender lingua de gente politica, e estudar por lettra, e por papel. Mas haver de arrostar com uma lingua bruta, e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia, e no meio daquella escuridade e dissonancia haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos della; distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a proposição, o numero, o caso, o tempo, o modo e modos nunca vistos nem imaginados, como de homens em fim tão differentes dos outros nas linguas, como nos costumes; não ha duvida que é empreza muio ardua a qualquer entendimento, e muito mais ardua á vontade que não estiver muito sacrificada, e muito unida com Deus. Receber as linguas do céu milagrosamente em um momento, como as receberam os Apostolos, foi maior felicidade; mas aprendel-as e adquiril-as, dicção por dicção, e vocabulo por vocabulo, á força de estudo, de diligencia, e de continuação: assim como será maior merecimento, é tambem muito differente trabalho: e para um e outro se requer muita graça do Espirito Santo, e grande cabedal de amor de Deus. Maior rigor usa neste caso o amor de Deus com os prégadores do Evangelho, do que usou a justiça de Deus com os edificadores da torre de Babel. Aos que edificavam a torre de Babel, condemnou-os a justiça de Deus a fallar diversas linguas; mas não a aprendel-as: aos que prégam a fé entre as gentilidades, condemna-os o amôr de Deus, não só a que fallem as suas linguas, senão a que as aprendam; que se não fôra por amôr, era muito maior castigo. E que amôr será

necessario para um homem e tantos homens se condemnarem voluntariamente, não só cada um a uma lingua (como os da Torre) mas muitos a muitas?

Vejo, porém, que me perguntaes: Pois se a Deus é tão facil infundir a sciencia das linguas em um momento, e se antigamene deu aos Apostolos o dom das linguas, para que prégassem a fé pelo mundo; agora porque não dá o mesmo dom aos prégadores da mesma fé, principalmente em christandades ou gentilidades novas, como estas nossas? Esta duvida é mui antiga, e já lhe respondeu S. Gregorio papa, e Santo Agostinho, posto que variamente. A razão litteral é porque Deus regularmente não faz milagres sem necessidade: quando faltam as forças humanas, então supprem as divinas. E como Christo queria converter o mundo só com doze homens; para converter um mundo tão grande, tantas cidades, tantos reinos, tantas provincias, com tão poucos prégadores, era necessario que milagrosamente se lhes infundissem as linguas de todas as nações, porque não tinham tempo nem logar para as aprender; porém depois que a fé esteve tão estendida e propagada, como está hoje, e houve muitos ministros que a podessem prégar, aprendendo as linguas de cada nação, cessaram commummente as linguas milagrosas, porque não foi necessaria a continuação do milagre. Vede-o nas linguas do Espirito Santo.

Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditque supra singulos eorum: [1] Appareceram sobre os Apostolos muitas linguas de fogo, o qual se assentou sobre elles. Não sei se reparaes na differença: diz que appareceram as linguas, e que o fogo se assentou. E porque se não assentaram as linguas, senão o fogo? Porque as linguas não vieram de assento, o fogo sim. Os dons que o Espirito Santo trouxe hoje comsigo sobre os Apostolos, foram principalmente dois: o dom das linguas, e o dom do amôr de Deus: o dom das linguas não se assentou, porque não havia de perseverar: acabou geralmente com os Apostolos: *Apparuerunt dispertitæ linguæ.* Appareceram as linguas, e desappareceram. Porém o dom do fogo, o dom do amôr de Deus, esse se assentou: *Sedit supra singulos*

[1] *Act.*, II, 3.

eorum; porque veiu de assento, e perseverou não só nos Apostolos, senão em todos os seus successores. E assim vimos em todas as idades, e vemos tambem hoje tantos varões apostolicos, em que está tão vivo este fogo, tão fervoroso este espirito, e tão manifesto, e tão ardente este amôr. Aos Apostolos deu-lhes Deus linguas de fogo, aos seus successores deu-lhes fogo de linguas. As linguas de fogo acabaram, mas o fogo de linguas não acabou, porque este fogo, esse espirito, esse amôr de Deus, faz aprender, estudar, e saber essas linguas. E quanto a esta sciencia das linguas, muito mais á lettra se cumpre nos varões apostolicos de hoje a promessa de Christo, que nos mesmos Apostolos antigos, porque Christo disse: *Ille vos docebit:* que o Espirito Santo os ensinaria. E aos Apostolos da Igreja primitiva não lhes ensinou o Espirito Santo as linguas, deu-lh'as, e infundiu-lh'as: aos Apostolos de hoje não lhes dá o Espirito Santo as linguas, vem-lh'as infundir, e ensinar-lh'as: *Ille vos docebit.* As primeiras linguas foram dadas com milagre, as segundas são ensinadas sem milagre: mas eu tenho estas por mais milagrosas; porque menos maravilha é em Deus podel-as dar sem trabalho, que no homem querel-as aprender com tanto trabalho: em Deus argue um poder infinito, que em Deus é natureza; no homem argue um amôr de Deus excessivo, que é sobre a natureza do homem. Com razão commette logo Christo este officio de ensinar ao Espirito Santo, e passa os seus Discipulos da escóla da sabedoria para a escóla do amôr: *Ille vos docebit.*

V

Está dito, e está provado. Mas que se tira, ou colhe d'aqui? Parecerá por ventura aos ouvintes, que esta doutrina é só para os prégadores da fé, para os religiosos, para os missionarios, para os pastores e ministros da Igreja? Assim será n'outras terras: nestas nossas é para todos. Nas outras terras uns são ministros do Evangelho, e outros não: nas conquistas de Portugal todos são ministros do Evangelho. Assim o disse Santo Agostinho prégando na Africa, que tambem é uma das nossas conquistas. Explicava o Santo

aquella sentença de Christo: *Ubi sum ego, illic et minister meus erit* [1] em que o Senhor promette, que onde elle está, estarão tambem seus ministros. E convertendo-se o grande Doutor para o povo, disse desta maneira: *Cum auditis, fratres, Dominum dicentem, illic et minister meus erit, nolite tantummodo bonos episcopos, et clericos cogitare; etiam vos pro modulo vestro ministrate Christo:* Quando ouvis os premios que Christo promette a seus ministros, não cuideis que só os bispos e os clerigos são ministros seus; tambem vós por vosso modo não só podeis, mas deveis ser ministros de Christo. E porque modo será ministro de Christo um homem leigo, sem lettras, sem ordens, e sem gráu algum na Igreja? O mesmo Santo o vae dizendo: *Bene vivendo:* vivendo bem, e dando bom exemplo: *Eleemosynas faciendo:* fazendo esmolas, e exercitando as outras obras de caridade: *Nomen, doctrinamque ejus, quibus potuerit, prædicando:* e prégando o nome de Christo, e ensinando a sua fé e doutrina a todos aquelles a quem poder: *Unusquisque pater familias pro Christo, et pro vita æterna suos omnes admoneat, doceat, hortetur, corripiat, impendat benevolentiam, exerceat disciplinam:* Cada um dos paes de familias em sua casa por amôr de Christo, e por amôr da vida eterna, ensine a todos os seus o que devem saber, encaminhe-os, exhorte-os, reprehenda-os, castigue-os, tire-os das más occasiões: e já com amôr, já com rigor, zele, procure, e faça diligencia, porque vivam conforme a lei de Christo. Este tal pae de familias que será? Ouvi, christãos, para consolação vossa, o que conclue Agostinho: *Ita in domo sua ecclesiasticum, et quodammodo episcopale implebit officium, ministrans Christo, ut in æternum sit cum ipso.* Por este modo um pae de familias, um homem leigo, fará em sua casa não só officio ecclesiastico, mas officio episcopal, e não só será qualquer ministro de Christo, senão o maior de todos os ministros, quaes são os bispos, servindo e ministrando nesta vida a Christo, para reinar eternamente com elle: *Ministrans Christo, ut in æternum sit cum ipso.* Isto dizia Santo Agostinho aos seus povos da Africa, e o pudéra dizer com muito maior razão aos nossos da America.

---

[1] *Joan.*, XII, 26.

Oh se o Divino Espirito que hoje desceu sobre os Apostolos, descêra efficazmente com um raio de sua divina luz sobre todos os moradores deste Estado, para que dentro e fóra de suas casas acudiram ás obrigações que devem á fé que professam, como é certo que ficariam todos neste dia não só verdadeiros ministros, mas Apostolos de Christo! Que coisa é ser Apostolo? Ser Apostolo nenhuma outra coisa é senão ensinar a fé, e trazer almas a Christo: e nesta conquista ninguem ha que o não possa, e ainda que o não deva fazer. Primeiramente, nesta missão do rio das Amazonas, que ámanhã parte (e que Deus seja servido levar e trazer tão carregada de despojos do céu, como esperamos, e com tanto remedio para a terra, como se deseja) que portuguez vae de escolta, que não vá fazendo officio de Apostolo? Não só são Apostolos os missionarios, senão tambem os soldados e capitães; porque todos vão buscar gentios, e trazel-os ao lume da fé, e ao gremio da Igreja. A Igreja formou-se do lado de Christo seu Esposo, como Eva se formou do lado de Adão. E formou-se quando do lado de Christo na cruz sahiu sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua.* [1] O sangue, significava o preço da Redempção, e a agua, a agua do baptismo: e sahiu o sangue junto com a agua, porque a virtude que tem a agua, é recebida do sangue. Mas pergunto agora: este lado de Christo d'onde sahiu e se formou a Igreja, quem o abriu? Abriu-o um soldado com uma lança, diz o Texto: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit.* [2] Pois tambem os soldados concorrem para a formação da Igreja? Sim; porque muitas vezes é necessario que os soldados com suas armas abram e franqueem a porta, para que por essa porta aberta e franqueada se communique o sangue da Redempção, e a agua do baptismo: *Et continùo exivit sanguis, et aqua.* E quando a fé se prega debaixo das armas, e á sombra dellas, tão Apostolos são os que prégam, como os que defendem: porque uns e outros cooperam á salvação das almas.

E se eu agora dissesse que nesta Conquista, assim como os homens fazem officio de Apostolos na campanha, assim o podem fazer as mulheres em suas

[1] *Joan.*, XIX, 34.
[2] *Ibid.*

casas? Diria o que já disseram grandes Auctores: elles na campanha trazendo almas para a Igreja, fazem officio de Apostolos, e ellas em suas casas doutrinando seus escravos e escravas, fazem officio de Apostolas. Não é o nome, nem a grammatica minha, é do doutissimo Salmeirão, o qual chamou ás Marias: *Apostolorum apostolas:* apostolas dos Apostolos: e porque? Porque lhes annunciaram o mysterio da Resurreição de Christo. Pois se aquellas mulheres que annunciaram a homens já christãos e Discipulos de Christo um só mysterio, merecem nome de Apostolas; aquellas que annunciam e ensinam a seus escravos gentios e rudes todos os mysterios da salvação, quanto mais merecem este nome? Põe-se uma de vós a ensinar por amôr de Deus ao seu tapuya, e á sua tapuya o Creio em Deus Padre; e que lhe ensina? Ensina-lhe o mysterio altissimo da Santissima Trindade, o mysterio da Encarnação, o da Morte, o da Resurreição, o da Ascenção de Christo, o da vinda do Espirito Santo, o do Juizo, o da vida eterna, e todos os que crêmos e professamos os christãos. Vêde se merece nome de Apostola uma mestra destas!

Não ha duvida que homens e mulheres todos são capazes deste altissimo nome, e deste divino ou divinissimo exercicio. Faz duas parabolas Christo no Evangelho, uma de um pastor que perdeu uma ovelha, e a foi buscar e trazer dos mattos aos hombros: outra de uma mulher que perdeu uma drachma, ou moeda de prata, e accendeu uma candeia para a buscar, e a buscou e achou em sua casa. Esta ovelha e esta moeda perdidas e achadas, são as almas desencaminhadas e erradas, que se convertem e encaminham a Deus: quem buscou e achou a ovelha na primeira parabola, e quem buscou e achou a moeda na segunda, são os ministros evangelicos, que trazem e reduzem a Deus estas almas. Pois se em uma e outra parabola significam estas duas pessoas os ministros evangelicos, que trazem almas a Deus; porque na primeira introduziu Christo um homem, que é o pastor; e na segunda uma mulher, que é a que accendeu a candeia? Para nos ensinar Christo que assim homens como mulheres todos podem salvar almas: os homens no campo com o cajado, e as mulheres em casa com a candeia: os homens no campo entrando pelos mattos com as armas, e as mulheres em casa allumiando e

ensinando a doutrina. Vêde como estava isto prophetisado pelo propheta Joël no mesmo Capitulo segundo, que foi o que hoje declarou S. Pedro ao povo de Jérusalem: *Sed et super servos meos, et ancillas in diebus illis effundam spiritum meum: et prophetabunt.* [1] Naquelles dias, diz Deus, derramarei o meu espirito sobre os meus servos, e sobre as minhas servas, e todos prégarão. Notae: não diz Deus, que derramará o seu espirito só sobre os servos, senão sobre os servos, e sobre as servas: *Super servos meos, et super ancillas.* Porque não só os homens, senão os homens e tambem as mulheres, podem e devem, e hão de prégar e dilatar a fé, cada um conforme seu estado: *Et prophetabunt.* Por isso hoje com grande mysterio no Cenaculo de Jérusalem, onde desceu o Espirito Santo, não só se acharam homens, senão mulheres: *Hi omnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum mulieribus.* [2] Estavam homens, e estavam mulheres no Cenaculo: porque a homens e a mulheres vinha o Espirito Santo fazer mestres e mestras da doutrina do céu, e ensinal-os para que a ensinassem: *Ille vos docebit.*

VI

Supposto, pois, que não só aos ecclesiasticos, senão tambem aos seculares, não só aos homens, senão tambem ás mulheres pertence, ou de caridade, ou de justiça, ou de ambas estas obrigações, ensinar a fé, e a lei de Christo aos gentios, e novos christãos naturaes destas terras em que vivemos, cada um conforme seu estado; não haja de hoje em diante, com a graça do Espirito Santo, quem se não faça discipulo deste divino e soberano Mestre, para o poder ser ao menos dos seus escravos. Os que sabeis a lingua tereis maior facilidade; os que a não sabeis, tereis maior merecimento. E uns e outros, ou por nós mesmos (que sempre será o melhor) ou por outrem, vos deveis applicar a este tão christão e tão devido exercicio, com tal diligencia e cuidado, que nenhum falte com o pasto

[1] *Joel.*, II, 28 e 29.
[2] *Act.*, I, 14.

necessario da doutrina ás poucas ou muitas ovelhinhas de Christo, que o Senhor lhes tiver encommendadas, pois todos nesta Conquista sois pastores, ou guardadores deste grande Pastor. Muitos o fazem assim com grande zelo, christandade, e edificação; mas é bem que o façam todos.

E ninguem se escuse (como escusam alguns) com a rudeza da gente, e com dizer, como acima diziamos, que são pedras, que são troncos, que são brutos animaes; porque ainda que verdadeiramente alguns o sejam, ou o pareçam, a industria e a graça tudo vence; e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens. Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça, ou a natureza? A graça, ou a arte? Pois o que faz a arte e a natureza, porque havemos de desconfiar que o faça a graça de Deus acompanhada da vossa industria? Concedo-vos que esse indio barbaro e rude, seja uma pedra: vêde o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miuda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se póde pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa industria não faltar á graça divina. E' uma pedra, como dizeis, esse indio rude? Pois trabalhae e continuae com elle (que nada se faz sem trabalho e perseverança) applicae o cinzel um dia e outro dia, dae uma martellada e outra martellada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um christão, e póde ser que um santo. Não é menos que promessa e prophecia do maior de todos os Prophetas: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ:* [1] poderoso é Deus a fazer destas pedras filhos de Abrahão. Abrahão é o pae de todos os que teem fé: e dizer o Baptista que

[1] *Luc.*, III, 8.

Deus faria de pedras filhos de Abrahão, foi certificar e prophetisar que de gentios idolatras, barbaros, e duros como pedras, por meio da doutrina do Evangelho havia Deus de fazer não só homens, senão fieis, e christãos, e santos. Santo Ambrosio: *Quid aliud quam lapides habebantur, qui lapidibus serviebant, similes utique his, qui fecerant eos? Prophetatur igitur saxo, sit gentilium fides infundenda pectoribus, et futuros per fidem Abrahæ filios oraculo pollicetur.* Assim o prophetisou o Baptista; e assim como elle foi o Propheta deste milagre, vós sereis o instrumento delle. Ensinae e doutrinae essas pedras, e fareis de pedras, não estatuas de homens, senão verdadeiros homens, e verdadeiros filhos de Abrahão por meio da fé verdadeira. O que se faz nas pedras, mais facilmente se póde fazer nos troncos, onde é menor a resistencia e a bruteza.

Só para fazer de animaes homens, não tem poder nem habilidade a arte, mas a natureza sim: e é maravilha, que por ordinario o não parece. Vêde-a. Fostes á caça por esses bosques e campinas, matastes o veado, a anta, o porco montez: matou o vosso escravo o camaleão, o lagarto, o crocodilo: como elle com os seus parceiros, comestes vós com os vossos amigos: e que se seguiu? D'alli a oito horas, ou menos (se com menos se contentar Galeno) a anta, o veado, o porco montez, o camaleão, o lagarto, o crocodilo, todos estão convertidos em homens: já é carne de homem o que pouco antes era carne de feras. Pois se isto póde fazer a natureza por força do calor natural; porque o não fará a graça muito mais efficazmente, por força do calor e fogo do Espirito Santo? Se a natureza naturalmente póde converter animaes feros em homens, a graça sobrenaturalmente porque não fará esta conversão? O mesmo Espirito auctor da graça o mostrou assim, e o ensinou a S. Pedro. Estava S. Pedro em oração na cidade de Joppe: eis que vê abrir-se o céu e descer um como grande lençol (assim lhe chama o Texto) suspendido por quatro pontas, e no fundo delle uma multidão confusa de feras, de serpentes, de aves de rapina, e de todos os outros animaes sylvestres, bravos, asquerosos, e peçonhentos, que na Lei velha se chamavam immundos. Tres vezes na mesma hora viu S. Pedro esta representação, cada vez mais suspenso e duvidoso do que poderia significar: e tres

vezes ouviu juntamente uma voz que lhe dizia: *Surge, Petre, occide et manduca:* [1] Eia, Pedro, matae e comei. As palavras não declaravam o enigma, antes o escureciam mais, porque lhe parecia a S. Pedro impossivel, que Deus que tinha vedado aquelles animaes, lh'os mandasse comer. Batem á porta neste mesmo ponto, e era um recado, ou embaixada de um senhor gentio, chamado Cornelio, capitão dos presidios romanos de Cesarea, o qual se mandava offerecer a S. Pedro para que o instruisse na fé, e o baptizasse. Este gentio, como diz Santo Ambrosio, foi o primeiro que pediu e recebeu a fé de Christo: e por este effeito e pela declaração de um Anjo entendeu então S. Pedro o que significava a visão. Entendeu que aquelle lençol tão grande era o mundo; que as quatro pontas por onde se suspendia, eram as quatro partes delle; que os animaes feros, immundos e reprovados na Lei, eram as diversas nações de gentios barbaras e indomitas, que até então estavam fóra do conhecimento e obediencia de Deus, e que o mesmo Senhor queria que viessem a ella. Até aqui o Texto e a intelligencia delle.

Mas se aquelles animaes significavam as nações dos gentios, e estas nações queria Deus que S. Pedro as ensinasse e convertesse, como lhe manda que as mate e que as coma? Por isso mesmo; porque o modo de converter feras em homens, é matando-as e comendo-as: e não ha coisa mais parecida ao ensinar e doutrinar, que o matar e o comer. Para uma fera se converter em homem, ha de deixar de ser o que era, e começar a ser o que não era: e tudo isto se faz matando-a e comendo-a: matando-a, deixa de ser o que era, porque morta já não é fera: comendo-a, começa a ser o que não era, porque comida, já é homem. E porque Deus queria que S. Pedro convertesse em homens e homens fieis todas aquellas feras que lhe mostrava, por isso a voz do céu lhe dizia que as matasse e as comesse: *Occide, et manduca.* Querendo-lhe dizer que as ensinasse e doutrinasse: porque o ensinar e doutrinar havia de fazer nella os mesmos effeitos, que o matar e o comer. Ouvi a S. Gregorio Papa: *Primo pastori dicitur, macta, et manduca: quod mactatur quippe à vita occiditur: id verò quod comeditur, in*

[1] *Act.*, x, 13.

comedentis corpore commutatur: macta ergo, et manduca, dicitur, idest, à peccato eos, qui vivunt, interfice, et à se ipsis illos in tua membra convertere. Querendo Deus que S. Pedro ensinasse a fé áquelles gentios, diz-lhe que os mate e que os coma; porque o que se mata, deixa de ser o que é, e o que se come, converte-se na substancia e nos membros de quem o come. E ambos estes effeitos havia de obrar a doutrina de S. Pedro naquelles gentios feros e barbaros. Primeiro haviam de morrer, porque haviam de deixar de ser gentios; e logo haviam de ser comidos e convertidos em membros de S. Pedro, porque haviam de ficar christãos e membros da Igreja de que S. Pedro é a cabeça. De maneira, que assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim tambem a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o gentio barbaro e rude: e que cuidaes que faz aquella doutrina? Mata nelle a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorancia e introduz o conhecimento; mata a bruteza e introduz a razão; mata a infidelidade e introduz a fé: e deste modo por uma conversão admiravel, o que era fera fica homem, o que era gentio fica christão, o que era despojo do peccado fica membro de Christo e de S. Pedro: *Occide, et manduca.* E como a graça do Espirito Santo por meio da doutrina da fé, melhor que a arte, e melhor que a natureza, de pedras e de animaes sabe fazer homens, ainda que os destas Conquistas fossem verdadeiramente, ou tão irracionaes como os brutos, ou tão insensiveis como as pedras, não era bastante difficuldade esta, nem para desculpar o descuido, nem para tirar a obrigação de os ensinar: *Ille vos docebit.*

VII

E para que ninguem falte a esta obrigação e a este cuidado, só vos quero lembrar o grande serviço que fareis a Deus, se o fizerdes, e a grande conta que Deus vos ha de pedir, se vos descuidardes. E' passo de que me lembro e tremo muitas vezes o que agora vos direi. Estavam os Apostolos no monte Olivete em o dia da Ascenção com os olhos pregados no céu, e com os corações dentro nelle, porque já se lhes escondera da

vista o Mestre e o Senhor, que em si e apoz si lh'os levara. Estavam enlevados, estavam suspensos, estavam arrebatados, e quasi não em si de amor, de admiração, de gloria, de jubilos, de saudades: eis que apparecem dois Anjos, e lhes dizem estas palavras: *Viri Galilæi, quid statis aspicientes in cœlum? Hic Jesus, qui assumptus est à vobis in cœlum, sic veniet:* [1] Varões Galileos, que fazeis aqui olhando para o céu? Este mesmo Senhor que agora se apartou de vós, ha de vir outra vez, porque ha de vir a julgar. Notaveis palavras por certo, e ditas a taes pessoas, em tal logar, e em tal occasião! De maneira que estranham os Anjos aos Apostolos estarem no monte Olivete olhando para o céu, de saudades de Christo; e para os obrigarem a que se vão logo d'alli (como se foram) os ameaçam com o dia do Juizo e com a lembrança da conta! Pois estar em um monte apartado das gentes, estar com os olhos postos no céu, estar arrebatado na contemplação da gloria, estar enlevado no amôr e saudades de Christo, é coisa digna de se estranhar e de a estranharem os Anjos? Em tal caso sim; porque se em todos os homens é digno de estranhar não deixarem o mal pelo bem, nos Apostolos era digno de estranhar não deixarem o bem pelo melhor. O officio e obrigação dos Apostolos era prégar a fé e salvar almas: a ordem que Christo lhes tinha dado, era que se recolhessem a Jérusalem a preparar-se para a prégação com os dons do Espirito Santo, que lhes mandaria: e deixar o monte Olivete pelo Cenaculo, deixar a contemplação pela escóla das linguas, deixar de olhar para o céu para acudir ás cegueiras da terra, deixar em fim as saudades de Christo pela saude de Christo, não era deixar o bem, senão melhoral-o, porque era trocar um bem grande por outro maior: era deixar um serviço de Deus por outro maior serviço, uma vontade de Deus por outra maior vontade, uma gloria de Deus por outra maior gloria. O contemplar em Deus é obra divina; mas o levar almas para Deus é obra divinissima. Assim lhe chamou S. Dionysio Areopagita: *Opus Dei divinissimum*. E a obrigação dos Apostolos e varões apostolicos não é só buscar o divino, senão o mais divino: é deixar o divino pelo divi-

[1] *Act.*, I, 11.

nissimo. Por isso lhes estranham os Anjos o estarem parados no monte, e com os olhos suspensos no céu; por isso lhes dizem: *Quid statis:* que estaes aqui fazendo: como se o que faziam nenhuma comparação tivera com o que haviam de fazer. O que faziam e o que os occupava, eram contemplações, admirações, extasis, arrebatamentos; o que haviam de fazer, e o em que se haviam de occupar, era prégar, ensinar, doutrinar, baptisar, converter almas: e tudo aquillo em comparação disto no juizo dos Anjos, que melhor que nós o entendem, que é? Um *quid:* uma coisa que se póde duvidar se é alguma coisa: um muito menos do que devêra ser: um estar parados, um não ir por diante: *Quid statis?* Vêde, vêde vós, e vós (com todas e com todas fallo) quão grande serviço fazeis a Deus quando ensinaes os vossos escravos, quando para isso aprendeis as linguas, quando escreveis e estudaes o cathecismo, quando buscaes o interprete ou o mestre, e quando talvez só para este fim o pagaes e o sustentaes. Oh ditoso dispendio! Oh ditoso estudo! Oh ditoso trabalho! Oh ditoso merecimento, e sem igual diante de Deus! Em summa, christãos, que é maior bem e maior serviço de Deus, e maior gloria sua estar ensinando um negrinho da terra, que se estivereis enlevados e arrebatados no céu: *Quid statis aspicientes in cœlum?*

E se é tão grande o serviço que fazem a Deus os que teem este cuidado; os que o não teem, os que tão descuidados e esquecidos vivem da doutrina, da christandade e da salvação de seus escravos, que rigorosa, que estreitissima conta vos parece que lhes pedirá Deus? Ameaçam os Anjos aos Apostolos com o dia do Juizo, e reparam-lhes em momentos do monte Olivete. Porque? Porque eram homens que tinham á sua conta almas alheias; e quem tem almas alheias á sua conta, até de um momento, que não cuidar muito dellas, ha de dar muito estreita conta a Deus. Oh que terrivel conta ha de pedir Deus no dia do Juizo a todos os que vivemos neste Estado, porque todos temos almas á nossa conta! Os prégadores todas; os pastores as das suas Igrejas: os leigos as das suas familias. Se é tão difficultoso dar boa conta de uma só alma, que será de tantas? S. Jeronymo sobre tanto deserto, sobre tantas penitencias, sobre tantos trabalhos em serviço de Deus e da Igreja, estava sempre tremendo

da trombeta do dia do Juizo, pela conta que havia de dar da sua alma. A alma de S. Hilarião Abbade depois de oitenta annos de vida eremitica, e de tantas e tão insignes victorias contra o demonio, tremia tanto da conta, que não se atrevia a sahir do corpo, estando o santo para expirar, e foi necessario que elle a animasse.

Pois se os Jeronymos, se os Hilariões, se as maiores columnas da Igreja temem de dar conta de uma alma, depois de vidas tão santas, vós depois das vossas vidas, que é certo não foram tão ajustadas com a Lei de Deus, como as suas, que conta esperaes dar a Deus, não de uma, senão de tantas almas? Uns de cincoenta almas, outros de cem almas, outros de duzentas almas, outros de trezentas, outros de quatrocentas, e alguns de mil. Muitos ha que tendes hoje poucas, mas naquelle dia haveis de ter muitas; porque todas as que morreram para o serviço, hão de resuscitar para a conta. As que tivestes, as que tendes, as que haveis de ter, todas naquelle dia hão de apparecer juntas diante do divino tribunal a dar conta cada uma de si, e vós de todas. Certo que eu antes quizera dar conta pela sua parte, que pela vossa. O escravo escusar-se-ha com o seu senhor: mas o senhor com quem se ha de escusar? O escravo poder-se-ha escusar com o seu pouco entendimento, com a sua ignorancia; mas o senhor com que se escusará? Com a sua muita cubiça? Com a sua muita cegueira? Com faltar á piedade? Com faltar á humanidade? Com faltar á christandade? Com faltar á fé? Oh Deus justo, ó Deus misericordioso, que nem em vossa justiça, nem em vossa misericordia acho caminho para sahirem estas almas de tão intrincado labyrintho! Se a Justiça Divina acha por onde condemnar um gentio, porque não foi baptisado, como achará a misericordia divina por onde salvar um christão que foi causa de elle se não baptisar?

Oh que justiças pedirão sobre vós naquelle dia tantas infelizes almas, de cuja infelicidade eterna vós fostes causa! Abel pedia justiça a Deus, e salvou-se Abel, e está no céu. Se Abel, se um irmão pede justiça a Deus sobre o irmão que lhe tirou a vida temporal, um escravo, e tantos escravos, que justiça pedirão a Deus sobre o senhor que lhe tirou a vida eterna? Se Abel, se uma alma que se salvou, e que está hoje vendo a Deus, pede justiça; uma alma e tantas almas

que se condemnaram, e estão ardendo no inferno, e estarão por toda a eternidade; que justiças pedirão, que justiças clamarão, que justiças bradarão no céu, á terra, ao inferno, aos homens, aos demonios, aos anjos, a Deus? Oh que espectaculo tão triste e tão horrendo, será naquelle dia vêr a um portuguez destas Conquistas (e muito mais aos maiores e mais poderosos) cercado de tanta multidão de Indios, uns livres, outros escravos; uns bem, outros mal captivos; uns gentios, outros com nome de christãos, todos condemnados ao inferno, todos ardendo em fogo, e todos pedindo justiça a Deus sobre aquelle desventurado homem que neste mundo se chamou seu senhor? Ai de mim, dirá um, que me condemnei por não ser baptisado! Justiça sobre meu ingrato senhor, que me não pagou o serviço de tantos annos, nem com o que tão pouco lhe custava, como a agua do baptismo! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por não conhecer a Deus, nem saber os mysterios da fé! Justiça sobre meu infiel senhor, que mandando-me ensinar tudo o que importava a seu serviço, só do necessario á minha salvação nunca teve cuidado! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por passar toda a vida torpemente amigado contra a Lei de Deus! Justiça sobre meu deshumano senhor, que por suas conveniencias particulares me consentiu o peccado, e não quiz consentir o matrimonio! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por não me confessar nas Quaresmas, ou não me confessar a quem me entendesse, e me encaminhasse! Justiça sobre meu avarento senhor, que por não perder dois dias de serviço, me não quiz dar, nem o tempo, nem o logar, nem o confessor, que minha alma havia mister! Ai de mim, dirá finalmente o outro, que me condemnei por morrer sem sacerdote, nem sacramento! Justiça sobre meu tyranno senhor, que por me não chamar o remedio, ou não me mandar levar a elle, me deixou morrer como um bruto! Cão me chamava sempre na vida, e como um cão me tratou na morte. Isto dirá cada um daquelles miseraveis escravos ao supremo Juiz, Christo. E todos juntos bradarão a seu sangue (de que por vossa culpa se não aproveitaram) justiça, justiça, justiça. O' como é sem duvida, que naquelle dia conhecereis quem vos dizia e prégava a verdade! O' como é sem duvida, que naquelle dia do Juizo haveis de

mudar de juizo, e de juizos! Hoje tendes por ditosos os que teem muitos escravos, e por menos venturosos os que teem poucos: naquelle dia os que tiveram muitos escravos, serão desventurados, e os que tiveram poucos, serão os ditosos, e mais ditoso o que não teve nenhum. Tende-os, christãos, e tende muitos; mas tende-os de modo que elles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço, por amôr de Deus e por amôr de vós, e o que quizera que levareis deste sermão mettido na alma.

O Espirito Santo, que hoje desceu sobre os Apostolos e os ensinou, para que elles ensinassem ao mundo, desça sobre todos vós e vos ensine a querer ensinar, ou deixar ensinar aquelles a quem deveis a doutrina, para que elles por vós, e vós com elles conseguindo nesta vida (que tão cara vos custa) a graça, mereçaes gosar na outra com grandes augmentos a gloria.

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento*

Prégado no Real Convento da Esperança, em Lisboa, no anno de 1669

Hic est panis qui de cœlo descendit. [1]

I

Que satisfeita está hoje a fé, e que satisfeita a caridade! Só a esperança parece que não está nem póde estar satisfeita. Está satisfeita a fé, porque se vê sublimada a crèr a verdade do mais alto, do mais profundo, e do mais escondido mysterio: *Caro mea verè est cibus.* [2] Está satisfeita a caridade, porque se vê abraçada intimamente com Deus no laço da mais estreita e da mais amorosa união, e da mais reciproca: *In me manet, et ego in illo.* [3] Só a esperança parece que não está, nem póde estar satisfeita no divinissimo Sacramento; porque se lhe nega o que deseja, porque se lhe encobre o que suspira, porque se lhe retira o que segue, e porque na mesma presença se lhe ausenta o que espera. Está Deus alli para a fé, está Deus alli para a caridade, e só para a esperança não está alli. Está alli para a fé, porque o objecto da fé é Deus crido: está alli para a caridade, porque o objecto da caridade é Deus amado, e não está alli para a esperança, porque o objecto da esperança, como ensina

---

* Commentado este sermão escreve textualmente o padre Honorati: Lá vae outro nobilissimo panegyrico do Sacramento, cujo assumpto é engenhosamente tirado do logar onde foi prégado. Note-se muito a argumentação.

[1] *Joan.*, VI.
[2] *Joan.*, VI, 56.
[3] *Ibid.*, 57.

S. Paulo, é Deus visto. A Deus invisivel póde-o crêr a fé, a Deus invisivel póde-o abraçar a caridade, a Deus invisivel, não o póde lograr a esperança. Se o objecto da esperança é Deus visto, e a essencia do sacramento é Deus não visto, nem visivel, porque isso se chama sacramento, como estará a esperança satisfeita neste desvio, contente neste desengano, e socegada neste impossivel? Firme sim, constante sim, animosa e anciosa sim; mas satisfeita, contente e socegada, não fôra a esperança, esperança, se assim estivera. Pois por certo, Senhor, que não é a vossa condição tão esquiva, nem o vosso coração tão pouco humano, que o não obriguem desejos, que o não solicitem ancias, que o não penetrem suspiros, que o não enterneçam saudades. E se este é o ser e o exercicio continuo da esperança; como se esqueceu tanto della vossa providencia neste mysterio, que parece vos sacramentastes sómente para accrescentar novos pezares a seus desejos, e um perpetuo martyrio a suas ancias?

A satisfação destas queixas será hoje a materia do nosso discurso: para que o nome e circumstancia do logar dê novidade á celebridade do dia, verá a esperança queixosa os extremos de fineza que deve a Christo sacramentado; e nós veremos sem queixa do mesmo sacramento, que posto que se chame mysterio da fé, encerra maiores mysterios da esperança. *Ave Maria.*

II

Hic est panis qui de cœlo descendit. [1]

Este é o pão que desceu do céu. E porque desceu do céu este pão? Só para exercicio da fé, só para augmento da caridade? Não. Digo, que desceu do céu o pão do céu para satisfação da esperança. Ora vêde. Perguntam os Theologos, se ha esperança no céu; e resolvem todos com Santo Thomaz, que nem no céu nem no inferno ha esperança. A razão é porque o bem que fôr objecto da esperança, ha de ter estas duas

[1] *Joan.*, VI, 59.

condições: ser possivel, e ser futuro possivel; porque o impossivel não se deseja: futuro, porque o presente não se espera. E como o summo bem, que é o objecto da esperança sobrenatural, no inferno já não é possivel, e no céu já não é futuro; por isso, nem no céu, nem no inferno póde haver esperança. A alma, se vae ao céu, salva-se; se vae ao inferno, perde-se; mas a esperança, ou no céu, ou no inferno, sempre se perde: no céu pela vista de Deus, no inferno pela desesperação da mesma vista. Succede-lhe á alma com a esperança o que a Moysés com a Terra de Promissão, e ás Virgens prudentes com as companheiras. Moysés levou á Terra de Promissão os Israelitas, mas não entrou lá: as Virgens prudentes entraram no céu, mas as companheiras, ainda que chegaram á porta, ficaram de fóra. A mais fiel companheira da alma, é a esperança; porém é tal a ventura da alma, e tal a sorte da esperança, que quando á alma se lhe abrem as portas do céu, á esperança fecham-se: a alma entra, e a esperança fica de fóra. E como a esperança não podia subir nem entrar no céu: que fez Deus para satisfazer a esperança? Desceu e sahiu do céu em disfarces de pão: *Hic est panis, qui de cœlo descendit:* para que a esperança, que o não podia gosar da parte de dentro, o gosasse da parte de fóra.

Levado o Propheta Ezechiel em espirito, desde Babylonia, onde estava captivo, á cidade e Templo de Jérusalem, mostrou-lhe um Anjo o sanctuario com a porta fechada, e disse-lhe que fóra daquella porta assim fechada se assentaria o Principe á meza para comer o pão na presença do Senhor: *Et convertit me ad viam portæ sanctuarii, et erat clausa, et dixit Dominus ad me: porta hæc clausa erit; Princeps ipse sedebit in ea, ut comedat panem coram Domino.* [1] Entram agora os Expositores sagrados a declarar este enigma, e dizem que o sanctuario é o céu, o principe Christo, e por conseguinte a meza o altar, e o pão o Santissimo Sacramento. Em que não ha difficuldade. Mas se o sanctuario é o céu, e o principe o Principe do céu, e o pão o pão do céu; porque está a porta do céu fechada, e se diz que ha de estar fechada sempre, e o principe e a meza não dentro, senão fóra da porta? Verdadei-

[1] *Ezech.*, XLIV, 1, 2 e 3.

ramente, que se não pudéra pintar com maior propriedade de circumstancias tudo o que queremos provar. A meza do divinissimo Sacramento, em que assiste realmente o Principe da gloria, foi instituida para os homens não no estado da patria, senão no estado da esperança: e como a esperança não póde entrar das portas do céu para dentro, por isso se pôz a meza das portas a fóra. Andou Christo tão fino com a esperança, que porque ella não podia entrar no céu, para se assentar á meza da bemaventurança, pôz outra meza e fez outra bemaventurança fóra do céu, só para que a esperança a lograsse. Oiçamos a David.

No Psalmo trinta e tres convida David a todos os fieis para a meza dos Pães da Proposição da Lei da graça (como notam no mesmo logar os Padres Gregos). E diz assim: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus.* [1] Comei, e vêde quão suave é o Senhor. Não diz, comei e vêde quão suave é o pão; senão, comei e vêde quão suave é o Senhor; porque o Senhor é o pão que alli se come. E ditas estas palavras, exclama o Propheta: *Beatus vir, qui sperat in eo.* [2] Oh bemaventurados homens que esperam nelle! Nesta exclamação, e nesta consequencia reparo. Supposto que David nos convida a comer a Deus no Sacramento, e gozar nelle a suavidade do mesmo Deus: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus*, parece que havia de inferir e exclamar: ó bemaventurados os que o comem, e não bemaventurados os que esperam nelle: *Beatus vir, qui sperat in eo!* Na bemaventurança do céu, que consiste em vêr a Deus, são bemaventurados os que o vêem: logo tambem na bemaventurança da terra, que consiste em comer a Deus, são bemaventurados os que o comem. Assim é. Pois porque não diz David aqui: Bemaventurados os que comem, senão bemaventurados os que esperam? Porque não só quiz o Propheta revelar o mysterio, senão tambem declarar o motivo. Nas primeiras palavras: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus:* revelou o mysterio, que é o sacramento: nas segundas palavras: *Beatus vir, qui sperat in eo:* declarou o motivo que é a esperança. E com razão exclamou David, admirado mais

[1] *Psal.*, XXXIII, 9.
[2] *Ibid.*

ainda do motivo, que do mysterio, porque não póde haver fineza digna de maior admiração, que tendo Deus feito uma bemaventurança universal para premio e satisfação de todas as outras virtudes, para premio e satisfação da esperança fizesse outra bemaventurança particular. Para todas as outras virtudes uma bemaventurança no céu; para a esperança outra bemaventurança na terra; para todas uma bemaventurança futura, para a esperança, outra bemaventurança presente: para todas uma bemaventurança que consiste em Deus visto, para a esperança, outra bemaventurança que consiste em Deus comido: para todas uma bemaventurança, que se gosa sem esperança, para a esperança, outra bemaventurança, que só a gozam os que esperam: *Beatus vir, qui sperat in eo.*

III

Mas para que me detenho eu em referir prophecias de David, e visões de Ezechiel, se tenho o testemunho do mesmo Auctor e Instituidor do Sacramento — o Senhor, que está presente? No Capitulo doze de S. Lucas, chama Christo bemaventurados a certos servos seus: *Beati sunt servi illi.* [1] E como se a bemaventurança que lhes promette, fosse incrivel, confirma a mesma promessa com juramento, dizendo: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis:* [2] De verdade vos digo, que o Senhor se cingirá e os fará assentar á meza, e elle em pessoa os servirá a ella. Saibamos agora que meza e que bemaventurança é esta. A commum exposição dos Interpretes é, que fallou Christo aqui da meza e bemaventurança do céu. Mas esta sentença se impugna fortemente com as mesmas palavras do Texto: *Præcinget se, et transiens ministrabit illis.* Deus no banquete da gloria communica-se aos bemaventurados em toda a largueza de sua immensidade: logo não se póde dizer daquelle banquete, que Deus se cinge e se estreita nelle: *Præcinget se.* Demais: o banquete da gloria é permanente, porque dura e ha

[1] *Luc.*, XII, 38.
[2] *Ibid.*, 37.

de durar por toda a eternidade: logo, não se póde dizer que é transeunte e de passagem: *Et transiens ministrabit illis.* Que banquete é logo este, em que Deus se communica não permanentemente, senão de passagem, e com a immensidade de sua grandeza não dilatada, senão abreviada e cingida? Santo Agostinho como aguia de mais aguda vista diz, que é o banquete do Santissimo Sacramento: *Quid nobis ministravit, nisi quod hodie manducamus et bibimus?*

Bastava que esta exposição fosse de Agostinho, para nós a venerarmos e recebermos: mas porque é singular, e o Santo a não provou, eu a provo. E não só a demonstrarei com a propriedade do mysterio, senão tambem com a mesma instituição delle. Que diz o Texto? *Præcinget se:* que Christo se cingirá? Isso fez Christo antes da instituição do Sacramento: *Præcinxit se.* [1] Que mais diz? Que elle o administrará por sua propria pessoa: *Ministrabit illis?* [2] Isso fez Christo na Cea: *Fregit, deditque Discipulis suis.* [3] Que mais? Que o fará em transito: *Transiens?* Assim foi: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* E a mesma festa que então celebrou Christo, se chamava *Phase, idest, transitus Domini.* [4] E se confirma tudo com o Texto da mesma parabola: *Quando revertatur á nuptiis:* [5] porque se instituiu o Sacramento quando Christo, depois de ter vindo a celebrar as bodas com a natureza humana, tornava outra vez para o céu. Isto quanto á historia, e no modo e tempo e circumstancias da instituição. E quanto ao mysterio, não póde haver propriedade mais natural. Porque Christo ao Sacramento tem abreviada e estreitada sua grandeza, e reduzida não só ao circulo de uma hostia, senão a qualquer parte della: *Præcinget se.* E porque o Sacramento é viatico de caminhantes, em que sómente se nos dá Christo em quanto dura a peregrinação e passagem desta vida: *Et transiens:* e finalmente, porque ainda que o sacerdote pronuncía as palavras da consagração, Christo é o principal mi-

---

[1] *Joan.*, XIII, 4.
[2] *Math.*, XXVI, 26.
[3] *Joan.*, XIII, 1.
[4] *Exod.*, XII, 11.
[5] *Luc.*, XII, 36.

nistro do Sacrificio e do Sacramento, como dizem todos os Padres e Concilios: *Ministrabit illis.* Bem se prova logo a sentença de Santo Agostinho, e bem se demonstra que a meza e bemaventurança que o Senhor prometteu neste logar, é a meza e bemaventurança, não do céu, senão de fóra do céu, não da gloria, senão do Sacramento.

Mas a quem se fez esta promessa, a quem se prometteu este premio, e por que merecimentos? Grão caso! Não se prometteu a outros, senão aos que esperam, nem por outros merecimentos, senão os da esperança. O mesmo Texto o diz: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* [1] Sêde similhantes, diz Christo, aos servos, que esperam por seu Senhor, e se assim o fizerdes, o mesmo Senhor vos porá á sua meza, e vos servirá a ella, dando-se a si mesmo: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis.* Oh admiravel fineza de Christo! Oh singular privilegio da virtude da esperança! Porque não podia dar á esperança, o que ella espera no céu, deu aos que esperam na terra, o que elles não esperavam, nem podiam esperar. Esperavam os servos, ou podiam esperar que seu Senhor lhes puzesse e os puzesse á meza? Não: e isso é o que elle faz: *Facict illos discumbere.* Esperavam ou podiam esperar que elle por sua propria Pessoa os servisse? Não: e elle é o que os serve: *Et transiens ministrabit illis.* Esperavam, ou podiam esperar que se lhes désse a comer a si mesmo? Muito menos. Só esperavam e podiam esperar que se lhes désse a vêr no céu; mas elle anticipando o tempo, e satisfazendo o desejo da esperança sobre a mesma esperança, para que o podessem comer na terra, desce do céu transubstanciado no pão: *Hic est panis qui de cœlo descendit.*

IV

Provado assim o que digo com a visão de Ezechiel, com a prophecia de David, e com a parabola do mesmo Christo, se alguem ainda deseja o exemplo da

[1] *Luc.*, XII, 36.

experiencia, tambem este nos não falta. Apparece Christo em trajos de peregrino aos dois Discipulos, que na manhã da Resurreição caminhavam para Emaüs; e assentado á meza, para que o conhecessem, parte o pão e consagra-se nelle: *Et cognoverunt eum in fractione panis.* [1] Não sei se reparais, não só no admiravel, senão muito mais no singular deste caso. A outros muitos appareceu o Senhor e se deu a conhecer neste mesmo dia, mas a nenhum com similhante favor, nem com tão extraordinario modo. Appareceu á Magdalena, appareceu ás outras Marias, appareceu a S. Pedro, appareceu a todos os Discipulos juntos, e comeu com elles, e tendo aqui a mesma occasião o Senhor de consagrar o pão, e repetir o mysterio do Sacramento, não o fez, parecendo superflua a presença sacramental, onde a natural estava com elles. Depois que todos passaram a Galilea tambem appareceu e comeu o Senhor com os Discipulos muitas vezes: e sendo a meza, como muitos querem, a de sua Mãe santissima, tambem alli não consagrou seu corpo. Pois que merecimento concorreu nos dois Discipulos de Emaüs, ou que maior razão teve Christo para se lhes dar a elles sacramentado e não aos demais? Lembrae-vos do que diziam, e logo vereis que foi obrigação e não favor; necessidade e não excesso. O que diziam estes Discipulos, dando a causa da sua tristeza, é que esperavam desconfiados: *Nos autem sperabamus.* [2] E como a sua esperança ia tão enfraquecida e quasi desmaiada; com que lhe havia de acudir o Senhor, senão com o alimento da esperança, que é o Sacramento? Remedio foi logo e não favor; necessidade e não excesso. E notae que esta foi a primeira vez que o pão natural se consagrou em corpo do Christo depois de instituido o Sacramento na Cea, para que desde logo se désse principio ao fim porque se instituira. Como o fim particular da instituição do Sacramento foi alentar e alimentar nesta vida a nossa esperança, por isso o mesmo Senhor que tinha instituido o remedio, quiz tambem ser o primeiro que nos mostrasse a sua efficacia na primeira enfermidade que necessitava delle.

---

[1] *Luc.*, XXIV, 35.
[2] *Ibid.*, 21.

E para que se não duvide que o remedio da esperança foi a maior razão desta differença, diz o Evangelista que no mesmo ponto em que o Senhor partiu e consagrou o pão, se fez juntamente invisivel, e se escondeu aos olhos dos dois Discipulos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* [1] Mas se o fim desta consagração foi para que os dois Discipulos o conhecessem; porque desapparece no mesmo ponto, e se esconde a seus olhos? Encobrir-se, para se manifestar? Esconder-se, para se dar a conhecer? Sim: e não podia ser de outro modo. Porque sendo mysterio do Sacramento, e remedio da esperança, nem a esperança remediada podia vêr, nem o Senhor sacramentado podia ser visto. Se o sacramentado fosse visto, deixava de ser Sacramento; se a esperança o visse, deixava de ser esperança: e porque verdadeiramente era Sacramento, e Sacramento para remedio da esperança: por isso foi não só conveniente, mas necessario, que o Senhor se escondesse a seus olhos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* Isto é o que succedeu naquelle grande dia, e isto o que todos estes oito dias tivemos presente: Christo alentando e alimentando, não desmaios, mas saudades da esperança: escondido porém o Senhor, e encoberto a nossos olhos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* Porque nem a esperança fôra esperança, nem o Sacramento sacramento, se assim não fôra. Goza pois a esperança por meio do Sacramento na terra, o que não podia gosar no céu: e Deus por meio do Sacramento desce do céu: *Hic est panis, qui de cœlo descendit:* para que a esperança o possar gosar na terra.

V

E' tanto assim verdade, que só em quanto durar a esperança, ha de durar o Sacramento, e tanto que acabar a esperança, tambem o Sacramento se ha de acabar. O Sacramento do altar ha de durar sómente até o fim do mundo, conforme a promessa de Christo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* [2] E depois do mundo porque não? Christo

---

[1] *Luc.*, XXIV, 31.
[2] *Math.*, XXVIII, 20.

não é sacerdote eterno? Sim é; e sacerdote eterno, não segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros, senão segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificou em pão e vinho: *Tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech:* [1] *Melchisedech proferens panem, et vinum.* [2] Pois se o sacerdote é eterno, porque não será tambem eterno o Sacrificio e o Sacramento? Porque o sacrificio foi instituido para propiciação do peccado, e o Sacramento para satisfação da esperança. E assim como no fim do mundo ha de cessar o sacrificio, porque ha de ter fim o peccado; assim no fim do mundo ha de cessar o Sacramento, porque ha de ter fim a esperança. Agora entendereis o mysterio do manná, quando se acabou, e porque?

Em quanto os filhos de Israël caminhavam para a Terra de Promissão, chovia-lhes o manná todos os dias. Chegaram finalmente á terra desejada, começaram a comer os fructos della, e diz o Texto sagrado, que no mesmo ponto cessou o manná: *Defecit Manna postquam comederunt de frugibus terræ, nec usi sunt ultra cibo illo filii Israël.* [3] De maneira, que em quanto os filhos de Israël iam peregrinando pelo deserto com os desejos e esperanças de chegar á patria promettida, sustentavam-se do manná; porém depois que chegaram ao fim de suas esperanças, aonde teve fim a esperança, teve tambem fim o manná: *Defecit Manna.* E que manná é este, senão o Divinissimo Sacramento? Oiçamos a Ruperto: *Nunc pascimur ore manducando panem vitæ æternæ: at ubi venerimus in terram viventium, ubi in sua specie videbitur Deus, jam non in istis speciebus, sed in propria substantia videndo, manducabimus panem Angelorum. Igitur postquam manducaverunt terræ fruges, defecit Manna.* Sabeis porque cessou o manná, quando os filhos de Israël entraram na Terra de Promissão? Foi porque tambem ha de cessar o Sacramento, quando nós entrarmos na bemaventurança da gloria. Todos nesta vida somos peregrinos daquella patria bemaventurada: os que foram diante, já chegaram, nós imos caminhando agora, e assim caminharão depois os que nos succederem, to-

[1] *Psal.*, CIX, 4.
[2] *Gen.*, XIV, 18.
[3] *Josuë* V, 12.

dos com esperança de a gosar. No fim do mundo estarão recolhidos á patria todos os predestinados, e quando todos chegarem ao fim da sua esperança, e a mesma esperança tiver fim, tambem terá fim o manná, tambem terá fim o Sacramento. Se a esperança houvera de durar eternamente, tambem o Sacramento seria eterno; mas como a esperança ha de parar com a roda do tempo, e do mundo, tambem o Sacramento ha de durar sómente até o fim do mundo: *Usque ad consummationem sæculi.* Tão vinculado deixou Christo o pão do céu ao morgado da esperança!

E se alguem me perguntar a razão natural desta mutua correspondencia e connexão, como necessaria, do Sacramento com a esperança, e da esperança com o Sacramento, assim na duração, como no fim: na natureza da mesma esperança, e do mesmo Sacramento, a acharemos. A esperança é um affecto, que, suspirando sempre por vêr, vive de não vêr, e morre com a vista. E' theologia de S. Paulo, fallando da mesma esperança de que nós tratamos: *Spes quæ videtur, non est spes: nam quod videt quis, quid sperat?* [1] A esperança que chegou a vêr o summo bem esperado, já não é esperança; porque quem espera ainda não vê, e quem vê já não espera. Esta é a natureza da esperança. E a do Sacramento qual é? E' a presença da Humanidade e Divindade de Christo, encoberta debaixo daquelle véo, o qual de tal maneira a faz invisivel, que se se podesse ou deixasse vêr, já não seria Sacramento. E como a esperança, sendo desejo de vêr a Deus, já não seria esperança se o visse: e o Sacramento, tendo dentro de si a Deus, já não seria Sacramento se o deixasse vêr; d'aqui vem ser tal a connexão que ha entre a esperança e o Sacramento, e a duração de um e outro, que quando Deus franquear a sua vista a todos os que a esperam (o que será no fim do mundo) necessariamente se hão de acabar a esperança e mais o Sacramento: a esperança, porque já veremos a Deus; o Sacramento, porque já Deus não será invisivel.

As estrellas vivem de noite, e morrem de dia. O mesmo nos succederá nesta noite da esperança, quando amanhecer o dia da gloria. Não debalde instituiu Chris-

[1] *Rom.*, VIII, 24.

to o divino Sacramento de noite, quando por uma presença que nos levou da vista, nos deixou muitas á fé. Mette-se o sol no Occidente, escurece-se o mundo com as sombras da noite: mas se olharmos para o céu, veremos o mesmo sol multiplicado em tantos soes menores, quantas são as estrellas sem numero em que elle substitue a sua ausencia, e não só se retrata, mas vive. Assim se ausentou Christo de nós sem se ausentar, deixando-se, abreviado sim, no Sacramento, mas multiplicado em tantas presenças quantas são as hostias consagradas em que o adoramos e temos realmente comnosco. Nesta ausencia, pois, e nesta noite escura da esperança, em que não vemos a Deus, que outra coisa é a Igreja com o Divino Sacramento multiplicado em todas as partes do mundo, senão um sol estrellado, esperando nós com Job a que amanheça: *Post tenebras spero lucem?* [1] Mas assim como com o mesmo nascimento do sol, a noite acaba, e as estrellas desapparecem; assim com a mesma vista clara de Deus, o Sacramento ha de desapparecer, e a esperança acabar.

Quando Christo expirou na cruz, rasgou-se o veu do Templo, com que estava coberto o *Sancta Sanctorum*, em signal que então se abriram as portas da Gloria até alli fechadas: e no mesmo ponto se acabaram em Jérusalem, e no Limbo, duas coisas notaveis: em Jérusalem os sacrificios da Lei velha, no Limbo as esperanças dos Patriarchas. Da mesma maneira quando este mundo se acabar, entrarão no céu todos os predestinados a gosar a vista clara de Deus, e no mesmo ponto se acabará o Sacrificio e Sacramento da Lei da graça, e a esperança de todos os que professamos a mesma Lei. E este será o ultimo testemnuho, e a prova então evidente, como agora certa, que para satisfação da mesma esperança tinha descido do céu aquelle pão: *Hic est panis qui de cœlo descendit.*

[1] *Job.*, XVII, 12.

VI

Mas se a esperança é um affecto que sempre anhela a vêr, e está suspirando pela vista, e no Sacramento não vê, nem póde vêr o summo bem que deseja: como póde o Sacramento, e Deus invisivel nelle, ser satisfação da esperança? Este é o ultimo mysterio, e o mais escuro ponto do nosso discurso, para cuja intelligencia será necessario desentranhar mais interiormente, e fazer uma exacta anatomia da esperança. E' questão celebre entre os theologos, se a esperança reside no entendimento, ou na vontade: os mais defendem que é acto da vontade, os menos que é acto do entendimento: mas a opinião mais provavel, e para mim sem duvida, é que a esperança comprehende ambas as potencias, firmando-se com um pé no entendimento, e com outro na vontade. Por isso a esperança se chama ancora, nome que lhe deu S. Paulo: *Ad tenendam propositam spem, quam sicut ancoram habemus animæ tutam, ac firmam.* [1] E assim como a ancora para estar segura, ha de prender de uma e da outra parte, assim a esperança para se firmar bem na alma, não só ha de estar fundada em uma das potencias, senão em ambas juntamente. E' a esperança um composto de desejo e confiança: com a vontade deseja, e com o entendimento confia: se desejára sem confiança de alcançar, seria sómente desejo; mas como deseja e confia juntamente, por isso é esperança. D'aqui se segue, que para a esperança estar inteiramente satisfeita, parte da satisfação ha de pertencer ao desejo, e parte á confiança: ao desejo para o allivio: á confiança para o seguro: e tudo isto tem a esperança no Sacramento. Tem seguro para a confiança, porque o Sacramento é penhor: tem allivio para o desejo, porque o mesmo Sacramento é posse: penhor, em quanto o temos fechado naquella custodia: posse, em quanto dentro do peito o temos em nós, e comnosco. Está dito tudo, vamos á prova por partes.

Tem primeiramente a esperança no Sacramento o seguro da confiança; porque é penhor da mesma gloria,

[1] *Hebr.*, VI, 18 e 19.

que espera, como nós ensina a Igreja: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur.* Mas quem pediu jámais, nem deu, nem ainda imaginou tal sorte de penhor? Quando Elias se houve de partir para o céu, pediu-lhe Eliseu o seu espirito dobrado: e como Elias lh'o não podia logo dar, prometteu-lh'o e deixou-lhe em penhor a sua capa. Drogo Hostiense reconheceu nesta capa, e neste penhor, o mysterio do Sacramento, em que Christo se nos encobre com a capa dos accidentes. Mas quanto vae de capa a capa, e de penhor a penhor? Elias deixou a capa, e levou a pessoa, e quando se ausenta a pessoa, não é bastante penhor a capa. Christo deixou-nos em penhor a capa, e mais a pessoa: a capa nos accidentes, a pessoa na substancia. Póde haver mais seguro penhor? Só um penhor houve no mundo quasi similhante a este, mas muito desigual.

Quando José viu a seus irmãos no Egypto, faltava naquelle numero Benjamin, que era sobre todos o que mais amava; e desejando com grandes ancias vêl-o, prometteram os irmãos que lh'o trariam. Não se deu comtudo por satisfeita a confiança de José com esta promessa: vieram a partido, que em penhor de Benjamin ficasse Simeão prezo, e debaixo da chave: *Frater vester unus ligetur in carcere:* [1] e assim se fez. Agora pergunto: Qual esperança podia estar mais satisfeita, e qual confiança mais segura, a de José, ou a nossa? Já me arrependo de o ter perguntado; porque é aggravo de tão soberano e nunca imaginado penhor. A confiança de José muito segura podia estar, porque tinha em custodia, e debaixo de chave, um irmão em penhor de outro irmão; mas os seguros da nossa confiança são incomparavelmente muito mais firmes; porque o penhor da promessa (de que tambem temos as chaves) é o mesmo promettido. A esperança de José estava muito confiada, porque o penhor de Benjamin era Semeão: a nossa confiança está muito mais segura, porque em penhor de Benjamin tem o mesmo Benjamin. Que espera a nossa esperança? Vêr a Deus? Pois em penhor de vêr a Deus temos debaixo da chave ao mesmo Deus, e em fórma de pão e sustento nosso, para maior firmeza. Se Deus se dá a comer, não se dará a vêr? Se Deus faz de si prato, não fará de si espelho? Segura está a confiança.

---

[1] *Genes.*, XLII, 19.

E se por parte da confiança está tão satisfeita a esperança no penhor, por parte do desejo não deve estar menos satisfeita no allivio. S. Thomaz chamou ao Divinissimo Sacramento: *Solatium singulare:* allivio singular. E porque é singular este allivio? Discretamente por certo. Porque nas outras esperanças, e nos outros desejos, o allivio sempre é menor que o bem desejado: aqui o mesmo bem desejado é menor que o que se nos dá por allivio. Qual é o bem que a esperança deseja? A vista de Deus no céu. Qual é o allivio que dá Christo a essa esperança? O Sacramento do allar na terra. Logo maior é o bem que se nos dá por allivio do desejo, que o mesmo bem desejado; porque mais se dá Deus a quem communga, do que se communica ao céu a quem o vê. Os bemaventurados no céu vêem a Deus, mas não o comprehendem: de maneira que lhes communica Deus o que vêem, mas o que não comprehendem não lh'o communica: porém no mysterio do Sacramento o que o bemaventurado vê, e o que o bemaventurado não comprehende, tudo recebe quem communga. Diremos logo, que a communhão é comprehensão de Deus? Por este modo não me cançára muito em o dizer, mas quero que o diga S. Epiphanio.

Concebeu a Deus a Virgem Maria (que na maior solemnidade do Filho não era bem que nos faltasse a Mãe, e mais em sua casa) concebeu a Deus a Virgem Maria em suas purissimas entranhas, e admirado da grandeza e profundidade do mysterio, exclamou assim S. Epiphanio: *O' uterum cœlo ampliorem, qui incomprehensum Deum verè comprehensum portasti!* O' ventre virginal, maior que o céu, pois verdadeiramente comprehendeste em ti o que no céu é incomprehensivel! Note-se muito a palavra *verè:* não só comprehendido de qualquer modo, senão verdadeiramente comprehendido: *Verè comprehensum.* Mas saibamos: A Virgem Senhora nossa no céu comprehende a Deus? Não; porque ainda que o lume da gloria da Senhora, e a visão beatifica com que vê a Deus excede em supremissimo gráu á de todos os bemaventurados; comtudo não comprehende a Deus, porque Deus, por sua infinita perfeição e essencia, é incomprehensivel a todo o conhecimento creado. Pois se a Mãe de Deus não comprehende a Deus no céu, quando o vê, como diz Epiphanio, que o comprehendeu quando o con-

cebeu e trouxe em suas entranhas? Fallou o grande Padre como tão grande theologo. Para comprehender a Deus, é necessario vel-o todo e totalmente: *Totum et totaliter*. Assim o definem as tres maiores escólas da theologia S. Thomaz, Scoto, Soares. E como os bemaventurados (entrando tambem neste numero a Virgem Maria) ainda que vêem a todo Deus, não o vêem totalmente: por isso não o comprehendem. Agora pergunto: E quando a Virgem Maria concebeu e trouxe a Deus em suas entranhas, teve-o nellas todo e totalmente? Sim. Pois por isso diz S. Epiphanio, que o comprehendeu verdadeiramente: *Verè comprehensum portasti:* não por comprehensão intellectual, senão por comprehensão corporal, ao modo que S. Paulo disse da humanidade de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* [1]

Isto supposto: diga-me agora a nossa fé: Deus no Sacramento está menos inteiramente do que esteve nas entranhas de sua Mãe? Não por certo. Todo e totalmente nas entranhas de Maria: todo e totalmente no Sacramento. Pois se Maria, porque teve a Deus todo e totalmente no peito, o comprehendeu; quem o communga e o recebe todo e totalmente no Sacramento, porque o não comprehende? E' verdade que o peito de Maria é sem comparação mais capaz, sem comparação mais puro, e sem comparação mais digno; mas, como douta e gravemente notou o Padre Soares, a esphera do sol, que é a quarta, tanto a comprehende o quinto céu, como o oitavo, ainda que o oitavo seja maior, e esteja matizado de innumeraveis estrellas, e o quinto não. E se Deus no Sacramento se comprehende, e no céu não se comprehende: se Deus no Sacramento se dá todo e totalmente ao peito dos que o commungam, e no céu se dá todo, mas não totalmente, aos olhos dos que o vêem; vède se tem a esperança mais no allivio, do que espera no desejo? Satisfeita está logo a esperança, e mais que satisfeita, tanto pela parte da confiança no seguro, como pela parte do desejo no allivio, pois para um ter o penhor, e para outro a posse do pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de cœlo descendit.*

[1] *Colos.*, II, 9.

VII

Estas são (voltemos agora sobre nós) estas são as finezas soberanas, com que Deus no Sacramento satisfaz a nossa esperança: mas não sei se esta satisfação é reciproca. A nossa esperança está satisfeita de Deus; o que importa é que Deus esteja tambem satisfeito da nossa esperança. E como será isto? A unica e verdadeira satisfação que a nossa esperança póde dar a Deus, é pôr-se toda nelle. Se não esperamos só em Deus e de Deus, que esperamos, e em quem esperamos? Esperou David em Saül como rei, esperou em Jonathas como amigo, esperou em Absalão como filho, e todas estas esperanças, ou lhe mentiram ou lhe faltaram, porque eram esperanças postas em homens. Por isso tomou David duas resoluções, ambas dignas de quem elle era, como homem e como propheta. Como homem, de esperar só em Deus: *Mihi autem adhærère Deo bonum est: ponere in Domino Deo spem meam.* [1] Como Propheta, de prégar a todo o homem que ninguem ponha a sua esperança e confiança em homens, por grandes que sejam ou pareçam: *Nolite confidere in Principibus, in filiis hominum, in quibus non est salus.* [2] Para prova deste desengano não quero outra consideração, mais que a do nosso Texto: *Hic est panis qui de cœlo descendit.* Quem bem considerar estas palavras pelo direito e pelo avesso, verá que só Deus é merecedor de que se ponham nelle todas as esperanças, e que todo o homem é indigno de que outro homem espere nelle.

Primeiramente diz o nosso Texto, que desceu Deus: *Descendit:* E donde desceu? *De cœlo:* desceu do céu, desceu da gloria, desceu do throno altissimo e immenso de sua magestade: e não só desceu uma vez na Encarnação, para nos remir, mas desce infinitas vezes todos os dias no Sacramento, para nos alimentar, para nos remediar, para nos enriquecer, para nos divinisar. Que homem ha que desça um degráu de sua auctoridade, ou de sua conveniencia, ou de sua

---

[1] *Psal.*, LXXII, 28.
[2] *Ibid.*, CXLV, 2 e 3.

vaidade, por amôr de outro homem? Deus desce para vos levantar, e os homens derrubam-vos para subir. Que homem ha que não derrube, se póde, o que está mais acima, para fazer delle degráu á sua fortuna? Se fordes como Abner, tereis um amigo como Joab, que com um abraço vos tire a vida para succeder no vosso officio: se fordes como Mephiboseth, tereis um criado como Ciba, que vos levante um falso testemunho, para herdar a vossa fazenda: se fordes como Esaú, tereis um irmão como Jacob, que com engano vos furte a benção, para entrar no vosso morgado: se fordes como David, tereis um filho como Absalão, que rebelle contra vós os vassallos, para pôr na cabeça a vossa corôa. E se podesseis ser como Christo, não vos faltaria um discipulo como Judas, que vos vendesse pelo menor interesse, e vos entregasse nas mãos de vossos inimigos, e vos puzesse em uma cruz. Deste homem disse o mesmo Christo: *Homo pacis meæ, in quo speravi: manignificavit super me supplantationem.* [1] O homem em que esperei, me fez a maior traição. Esperae lá e fiae-vos de homens, com quem não vale a obrigação, nem a amizade, nem o sangue, nem a mesma fé, para vol-a guardarem. Só vos não fazem mal em quanto não esperam algum bem da vossa ruina. O primeiro e o melhor homem deu com todo o genero humano atravez, só por subir aonde não podia, e ainda elle e nós estiveramos caídos, se Deus, para nos levantar, não descêra: *Descendit.*

E como desceu? Em pão: *Panis qui de cœlo descendit.* Deus faz-se pão, para vos sustentar, e os homens fazem de vós pão, para vos comer. Não sou eu o que o digo. Quando Josuë e Caleb foram por espias á terra dos Cananeus, as novas que trouxeram, e as alviçaras que pediram aos seus, foi, que os podiam comer como pão: *Sicut panem eos, possumus devorare.* [2] Assim o disseram, e assim o fizeram os Hebreus. Comeram-lhes as fazendas, comeram-lhes as cidades, comeram-lhes as liberdades, comeram-lhes as vidas. Mas em fim eram diversas nações, e inimigos contra inimigos. O peior é que na mesma nação, no mesmo povo, e talvez na mesma familia se comem os homens uns

[1] *Psalm.* XL, 10.
[2] *Num.*, XIV, 9.

aos outros. Este é o pão usual, e esta a queixa de Deus por David: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis:* [1] O meu povo, a quem eu me dei em pão, vejo que m'o comem como pão. Nota aqui Genebrardo, que falla o Propheta dos grandes e dos poderosos: *Loquitur de magnatibus.* Os pequenos não comem, nem podem comer os grandes; os grandes, porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso os povos estão tão despovoados e tão comidos, e os comedores tão cheios e tão fartos.

Parece que competiu a potencia e maldade humana com a omnipotencia e bondade divina a fazer outro Sacramento ás avessas do seu. O Todo-Poderoso converteu a substancia do pão em substancia de carne e sangue, para que comessemos seu corpo: os todo-poderosos convertem a substancia da carne e sangue do povo em substancia de pão, para o comerem elles. Oiçam os que isto padecem, a Job, para que peçam a Deus similhante paciencia: *Quare persequimini me sicut Deus, et carnibus meis saturamini?* [2] Porque me perseguis como Deus, e vos fartaes de minha carne? Reparae-me naquelle *sicut Deus.* Diz Job que seus perseguidores se fartavam da sua carne, e que nisso se queriam fazer similhantes a Deus. Pois similhantes a Deus em se fartarem da carne de Job? Onde está aqui o *sicut Deus?* No milagre da transubstanciação, o qual ainda não tinha nome, e lh'o deu o mysterio do Sacramento: só Deus póde converter uma substancia em outra. E nisto são preversamente como Deus os que da substancia alheia fazem substancia propria, e da carne dos pobres, pão. Taes eram os perseguidores de Job. Assim como Deus converte a substancia de pão na de sua carne, para que o comamos, assim elles, ás avessas, convertiam a substancia e carne de Job em pão, para o comerem. E quem eram estes, para que melhor conheçamos o que são homens? Eram os mais obrigados a Job, eram os de quem elle mais se fiava, eram os da sua familia e da sua casa: *Dixerunt viri tabernaculi mei: quis det de carnibus ejus, ut saturemur?* [3] Eis-aqui o que chegam a fazer os

[1] *Psal.*, XIII, 4.
[2] *Job.*, XIX, 22.
[3] *Job.*, XXXI, 31.

homens; para que vejaes o que se póde esperar delles, e se está mais bem posta a esperança em quem se vos dá a comer, ou em quem vos come.

A conclusão seja a que tomou o Propheta Jeremias em uma e outra consideração: *Maledictus homo qui confidit in homine:* [1] Maldito seja o homem que confia em homem: *Benedictus vir qui confidit in Domino:* [2] Bemaventurado o homem que confia em Deus. No dia do ultimo desengano a uns se dirá: *Ite maledicti:* [3] e estes serão os loucos e malaventurados que puzeram a sua esperança nos homens: *Maledictus homo qui confidit in homine.* A outros, pelo contrario, se dirá: *Venite benedicti:* e estes serão os sizudos, e bemaventurados que puzeram a sua esperança em Deus: *Benedictus vir qui confidit in Domino.*

Não me parece que haverá nenhum homem tão enganado comsigo e com os homens, que, em quanto póde escolher, não escolha antes a sorte dos que esperam em Deus e só em Deus. Então verão, que se Deus fez uma bemaventurança nesta vida para a esperança, ainda tem guardada outra bemaventurança na outra vida para os que nelle esperam: *Expectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei.* [4] Duas coisas diz S. Paulo nestas palavras, dignas de grande ponderação, uma presente, outra futura. De presente diz, que a nossa esperança já é bemaventurada: *Beatam spem.* E que bemaventurança é esta, senão a que está encerrada, como vimos, no Divinissimo Sacramento, bemaventurança propria da esperança, e propria da vida presente? A que o Apostolo promette de futuro ainda a declarou por termos de maior reparo, porque diz, que a bemaventurança que está por vir, é a gloria de Deus grande: *Et adventum gloriæ magni Dei.* Deus não é sempre egual, sempre grande, sempre o mesmo? Pois que gloria de Deus grande é esta? Ha uma gloria de Deus grande, e outra gloria de Deus pequeno? Sim. A gloria de Deus no Sacramento, é gloria de Deus pequeno, porque no Sacramento estreitou, encolheu, e abreviou Deus a sua grandeza a tão pequena esphera,

---

[1] *Jerem.*, XVII, 5.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Math.*, XXV, 41.
[4] *Epist. ad Titum*, II, 13.

como a daquella hostia: a gloria de Deus no céu, é gloria de Deus grande, porque lá se nos mostrará a grandeza e magestade de Deus em toda a largueza infinita de sua immensidade. Cá encolhida e abreviada para poder caber e entrar em nós: lá dilatada e estendida, para que, não podendo caber em nós, nós entremos nella: *Intra in gaudium Domini tui.* [1] Quem haverá logo, que, podendo ser bemaventurado nesta vida, e bemaventurado na outra, só com esperar em Deus, não espere só nelle? Esperemos só em Deus renunciando de uma vez e para sempre as esperanças de todas as creaturas: e em quanto não subirmos ao céu a gozar a bemaventurança, que nos espera, goze a nossa esperança a bemaventurança que tem presente no pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de cœlo descendit.*

FIM DO TOMO V

[1] *Math.*, XXV, 21.

INDICE

	PAG.
Sermão do Mandato	5
Sermão das Dôres da Sacratissima Virgem Maria	29
Pratica Espiritual da Crucifixão do Senhor	39
Sermão do Bom Ladrão	55
Sermão da Madrugada da Resurreição	111
Sermão da Resurreição de Christo Senhor Nosso	125
Sermão da Resurreição de Christo	163
1.º Sermão da Primeira Oitava da Paschoa	181
2.º Sermão da Primeira Oitava da Paschoa	203
Sermão da Segunda Oitava da Paschoa	237
Sermão da Quarta Dominga da Paschoa	265
Sermão da Ascenção de Christo Senhor Nosso	303
Exhortação Primeira em vespera do Espirito Santo	343
1.º Sermão do Espirito Santo	361
Sermão do Santissimo Sacramento	395

ST. IGNATIUS' CHURCH,
8220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON